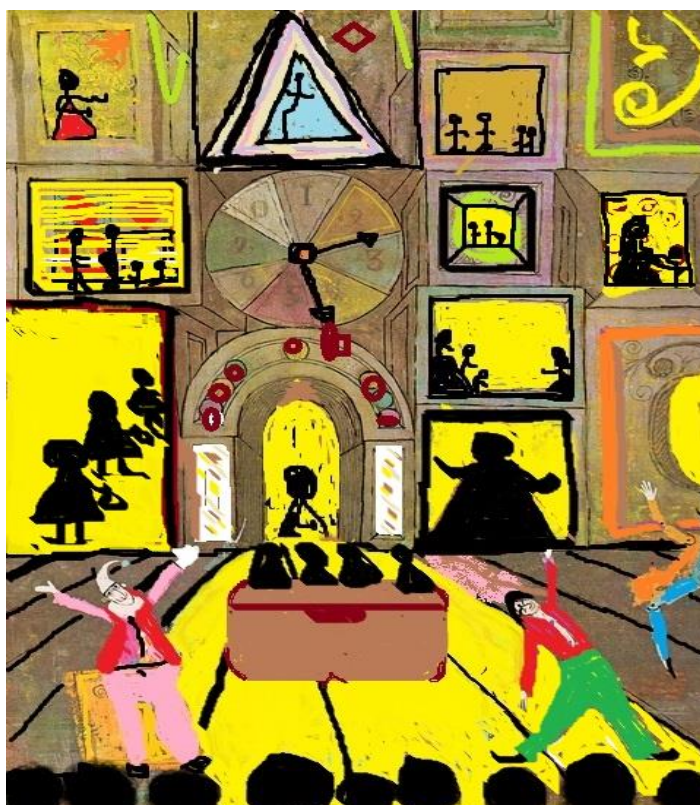


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ILOINE MARIA HARTMANN MARTINS



ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO

CURITIBA

2015

ILOINE MARIA HARTMANN MARTINS

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e em Matemática, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

CURITIBA

2015

M386a

Martins, Iloine Maria Hartmann

Alfabetização matemática : um ato lúdico/ Iloine Maria Hartmann Martins.
– Curitiba, 2015.
761 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas,
Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e em Matemática,
2015.

Orientador: Carlos Roberto Vianna .
Bibliografia: p. 333-341.

1. Matemática - Aprendizagem. 2. Lúdico na escola. 3. Arte de contar histórias. 4 História oral. 5 Formação de professores. I. Universidade Federal do Paraná. II.Vianna, Carlos Roberto. III. Título.

CDD: 372.7044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

PARECER

Defesa de Dissertação de **ILOINE MARIA HARTMANN MARTINS**, intitulada **“ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO”**, para obtenção do Título de Mestra em Educação em Ciências e em Matemática.

De acordo com o Protocolo aprovado pelo Colegiado do Programa, a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo-assinados arguiu, nesta data, a candidata acima citada. Procedida a arguição, a Banca Examinadora é de Parecer que a candidata está **apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA**, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna (orientador)		Aprovado
Profª. Drª. Luzia Aparecida de Souza		Aprovado
Profª. Drª. Maria Silvia Bacila Winkeler		Aprovado
Profª. Drª. Flávia Dias de Souza		Aprovado

Curitiba, 11 de Dezembro de 2015.



Prof. Dr. Emerson Rolkouski
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Educação em Ciências e em Matemática





Dedicatória

Este trabalho é dedicado às crianças e a todos os adultos, que brincam com elas. “Todo espetáculo será sempre iniciado com uma dedicatória a alguém ou a alguma coisa. Poderá ser uma canção coletiva, uma cena, ou simplesmente um texto declamado. Poderá ainda ser uma sequência de cenas, poemas, textos, etc” (BOAL, 1980, p. 205).

(UM FOCO DE LUZ ILUMINA UM BAÚ. AO FUNDO JANELAS PERMITEM VER IMAGENS EM SOMBRA CHINESA).

(ENTRAM TRÊS CORINGAS)

CORINGA 3

(FALANDO COM OS ESPECTADORES)

BEM-VINDOS A ESTE JOGO PROTAGONIZADO, TOTALMENTE DEDICADO ÀS CRIANÇAS E SEUS PROFESSORES.

CORINGA 2

(FALANDO COM OS ESPECTADORES)

(APONTA) ESTA É UMA CAIXA E É MÁGICA.

CORINGA 1

(OLHANDO PARA DENTRO DA CAIXA) O QUE FAZEM DENTRO DESTA CAIXA? NÃO DEVERIAM ESTAR NO EPISÓDIO EM QUE HÁ CRIANÇAS CONTANDO HISTÓRIAS?

GABI

FICAMOS BRINCANDO COM TUDO QUE TEM AQUI DENTRO E O TEMPO FOI PASSANDO...

JOELIZE

FICAMOS SABENDO QUE TERÁ UM TEATRO DE SOMBRAS E QUERÍAMOS VER

CORINGA 3

(FALANDO COM OS ESPECTADORES)

NAS JANELAS DO CENÁRIO O CORINGA 4 CONTARÁ HISTÓRIAS COM TEATRO DE SOMBRAS A RESPEITO DA INFÂNCIA. ÀS CRIANÇAS GABRIELI, JOELIZE, OSNI E NATIELE QUE SÃO PROTAGONISTAS DESSE JOGO. GABRIELI TEM SETE ANOS E ASSIM COMO AS OUTRAS CRIANÇAS GOSTA DE BRINCAR COM TUDO QUE TEM DENTRO DESSA CAIXA.

CORINGA 2

(FALANDO COM OS ESPECTADORES)

VOCÊS TAMBÉM TÊM UMA CAIXA DESSAS? SUA PROFESSORA TEM UMA CAIXA MÁGICA NA SALA?

JOELIZE

AGORA ESTAMOS LONGE DO EPISÓDIO EM QUE VAMOS CONTAR A NOSSA HISTÓRIA.

CORINGA 3

(FALANDO COM OS ESPECTADORES)

É QUE ELAS IRÃO CONTAR HISTÓRIAS SOBRE SUAS RELAÇÕES COM A MATEMÁTICA.

CORINGA 2

(FALANDO COM OS ESPECTADORES)

E VOCÊ O QUE ESCRIVE NO CADERNO DE QUADRADINHOS? DESENHA NELE? O QUÊ? ESCRIVE NELE? O QUÊ? O QUE VOCÊ JÁ SABE DE MATEMÁTICA?

NATIELE-

(OLHANDO PARA O CORINGA 1) SERÁ QUE PODERIA NOS AJUDAR?

OSNI

POR FAVOR LEVE A GENTE PARA LÁ.

CORINGA 1

ACHO QUE POSSO AJUDÁ-LOS. ESTOU INDO PARA UM ENCONTRO DE CORINGAS NO FINAL DOS EPISÓDIOS. MAS PARA ISSO TERÃO QUE SEGUIR AS PISTAS, CUMPRIR ATIVIDADES E RESOLVER OS PROBLEMAS PROPOSTOS ENTRE OS EPISÓDIOS E CENAS PARA ENTÃO CHEGAR AO DESTINO E PODEREM CONTAR A HISTÓRIA DE VOCÊS.

CORINGA 3

VAMOS PARAR DE CONVERSAR E SEGUIR VIAGEM? SÃO MUITAS PÁGINAS, EPISÓDIOS E CENAS PELAS QUAIS TEMOS QUE PASSAR. ALÉM CLARO, DOS DESAFIOS, BRINCADEIRAS, JOGOS E HISTÓRIAS QUE IREMOS LER.. NÃO PODEMOS NOS DEMORAR, VOCÊS NÃO IRÃO ESPERAR. LEVANTARÃO E A PORTA IRÃO FECHAR ... NÃO, NÃO, ISSO NÃO! NÃO QUERO QUE SAIAM. FIQUEM. ESSE JOGO SÓ ACONTECE SE VOCÊS PARTICIPAREM. POR ISSO, FAÇO UM CONVITE BEM ESPECIAL. VAMOS FAZER UMA VIAGEM POR ENTRE OS EPISÓDIOS E CENAS E AS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS ENCONTRAR.

CORINGA 2

VAMOS VIAJAR POR ENTRE AS PÁGINAS? POR ENTRE OS EPISÓDIOS E CENAS? PARTICIPAR DE ALGUMAS BRINCADEIRAS? UHUUUL...ENTÃO VAMOS JÁ!!!!

CORINGA 1

DEPOIS QUE ENCONTRAREM AS NARRATIVAS EM QUE CONTAM SUAS HISTÓRIAS SOBRE AS RELAÇÕES COM A MATEMÁTICA, SEGUIREI ADIANTE.

CORINGA 2

(PARA OS ESPECTADORES)

BOM PARA COMEÇAR A VIAGEM A PRIMEIRA ATIVIDADE DE VOCÊS SERÁ DESCOBRIR O QUE TEM DENTRO DESTA CAIXA MÁGICA E SE QUISEREM ORGANIZAR A SUA PRÓPRIA CAIXA E LEVAR PARA A ESCOLA, MÃOS A OBRA! PARA SABER, SUBSTITUAM AS FIGURAS POR PALAVRAS.

CARTA ENIGMÁTICA

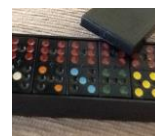


ERA 1 + A VEZ 1 + A _____, QUE MORAVA COM 1 + A GRANDE _____.



SEUS _____ TINHAM MUITOS _____ QUE TINHAM _____.

1 DIA A _____ APRENDEU A _____ E TAMBÉM A _____ OS

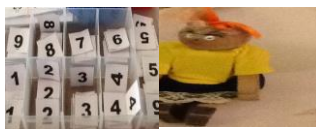


_____. SEUS _____ LHE DERAM VÁRIAS _____, _____.



_____, _____, _____ E AINDA _____, _____.





_____, PARA QUE



APRENDESSE. ELA TAMBÉM PRENDEU A CONTAR _____ COM SEUS

_____.

CORINGA 2

TAREFA CUMPRIDA? FAÇAM AGORA UMA LISTA DOS OBJETOS QUE TEM NA CAIXA E ENTREGUEM PARA A PROFESSORA E COMBINEM DE FAZER UMA CAIXA PARA CADA CRIANÇA. “A LISTA É UMA SEQUÊNCIA DE ITENS QUE PODE TER MUITAS FINALIDADES: ANOTAR NOMES, LEMBRETES, TAREFAS, COMPRAS, PARTES DE UM TODO, ENFIM, UMA INFINIDADE DE COISAS. AS LISTAS AJUDAM A ORGANIZAÇÃO, O ESTUDO, A COMUNICAÇÃO, A MEMÓRIA” (FURNARI, 2006, P.53). QUE TAL?

AGORA AGUARDEM QUE O TEATRO DE SOMBRAS JÁ VAI COMEÇAR E DEPOIS VAMOS ATÉ O FINAL DA EXPLICAÇÃO INTRODUTÓRIA PARA PARTICIPAR NA BRINCADEIRA DE RODA DE UMA HISTÓRIA DE ADIVINHAR.

Agradecimentos

É com satisfação e extrema alegria que agradeço a todos que estiveram presentes prestando apoio na realização dos créditos e na elaboração desta dissertação, especialmente:

- Primeiramente a Deus, meu criador, fiel companheiro no caminho que me presenteou com pessoas tão especiais e oportunidades tão valiosas que contribuíram para minha constituição e meu crescimento;

- ao meu mestre e orientador professor Carlos Roberto Vianna, por ter acreditado em mim, na minha capacidade, quando eu mesma, não acreditava. Por ter sido tão amigo, paciente, ter me ensinado e ajudado tanto. Obrigada por compartilhar nessa caminhada um pouco da sua essência;

- às professoras doutoras Flávia Dias, Luzia Aparecida de Souza e Maria Silvia Bacila Winkeler pela valiosa contribuição tão importante para o aprofundamento em meus estudos e no processo de conclusão desta dissertação e cujo aceite em fazer parte de minha banca examinadora muito me alegrou;

- ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, cuja estrutura e organização permitiu o desenvolvimento de ações de amplo reconhecimento;

- a Secretaria do Estado da Educação pelo afastamento concedido;

- aos coordenadores do programa professores doutores Carlos Roberto Vianna e Emerson Rolkouski, à secretária do programa Antonyhella Santini, pessoas cuja dedicação, empenho e profissionalismo foram essenciais nesta conquista;

- aos meus professores do mestrado, doutores em conhecimento, que me ensinaram com suas atitudes e experiências a essência de um mestre que educa. Aos queridos: Carlos Roberto Vianna Emerson Rolkouski Marco Aurélio Kalinke, Verônica Branco, Denise Camargo, Fátima Minetto, Pura Lúcia Oliver Martins e Neusa Bertoni;

- à comunidade indígena da Aldeia Passo Liso da Reserva de Mangueirinha, a escola do campo professor José Ribeiro de Cristo da comunidade de Santa Cruz em Rio Branco do Sul, aos municípios de Pinhais e Chopinzinho pela receptividade;

- aos meus protagonistas Ivana, Noeli, Bruno, Marta e Suzan em especial as crianças, minha amada Gabrieli, Natiele e Osni meus queridos e a encantadora Joelize, obrigada de coração;

- as Formadoras do Pacto Nacional pela Alfabetização Na Idade Certa,

Edicléia, Salete, Nelem e Magaly pela preciosa contribuição;

- aos amigos queridos que me acolheram em Curitiba e me incentivaram para iniciar essa jornada em especial Rosane Favoreto, Nelem Orlovski e Brunna Barth;

- aos meus colegas de curso, pela presença especial na minha vida acadêmica Manuel, Sandra, Eloisa, Hallayne, Alcione, Camille, Carolina, Cristiane, Enderson, Henrique, Josiel, Larissa, Renata e Carla;

- às queridas Liz, Anna e Viviane pela linda história de amizade duradoura construída no período do mestrado;

- às educadoras e amigas Ir. Cecilia, que me incentivou desde 2002 com aprovação do projeto Conta de Novo, ainda hoje em ação por causa da sua sensibilidade em saber da importância do ouvir contar para as crianças e professora Leda por me incentivar na escrita das minhas primeiras histórias. Não me esquecerei dos preciosos argumentos e sugestões;

- a todos que me ajudaram a concluir esta dissertação tanto nas transcrições, correções e revisão final: Anna, Viviane, Grasielle, Fabiane, José, Luana;

- à Grasielle Borges, pelo resumo em língua estrangeira e ao amigo João Batista, pela disponibilidade e parceria nas leituras de Vigotski em espanhol;

- aos amados que Deus me deu Cynthia e Grasielle Borges, Thiago Sampaio, José Moiano e Eduarda Pacola;

- a minha família. Minha amada formadora de opiniões sobre a vida, eterna espectadora das minhas histórias, minha mãe! Meus oito irmãos e em especial minha irmã caçula, minha amiga de infância, hoje mulher crescida, protagonista nesse trabalho e também na minha vida;

- aos meus filhos Felipe e Luana amores eternos, razão do meu viver e de tantas alegrias. Agradeço em especial por compreenderem minha ausência e da falta de tempo para passear, lanchar, correr, malhar, conversar...

- ao meu marido, meu amor eterno, meu amigo, meu companheiro de todas as horas. Agradeço pela compreensão nos momentos de ausência. Pela paciência nos momentos difíceis. Pelo colo nos momentos de cansaço. Pelas palavras de incentivo nos momentos de desânimo. Enfim, pelo seu amor!

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra me incentivaram para que este trabalho fosse realizado, muito obrigada de coração!

RESUMO

Esta pesquisa, apresentada sob a forma de um texto dramático, composto de episódios e cenas, versa sobre a Alfabetização Matemática com enfoque no letramento. Esta ação lúdica, envolveu professores e crianças, protagonistas do primeiro ciclo de alfabetização, com propósito de constituir fontes orais sobre o tema. Tais fontes foram construídas a partir de relatos a respeito das relações estabelecidas com a Matemática pelos professores na infância, na formação acadêmica e em sua prática de sala de aula, assim como as relações que estabelecem com seus alunos na atualidade. Ainda, para a consubstanciação dessas fontes orais, foram ponderadas as reflexões realizadas pelas Formadoras de Matemática e Língua Portuguesa, que participam do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). O estudo está fundamentado nos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, notadamente nas ideias de Vigotski, e para a constituição das fontes orais foram realizadas entrevistas baseadas na metodologia da História Oral Temática. O desenvolvimento das referidas entrevistas, por sua vez, deu-se a partir de dois questionamentos: o primeiro, endereçado aos professores, foi formulado por meio da seguinte questão: Como foi a Alfabetização Matemática? O segundo questionamento, dirigido aos professores e alunos, foi o seguinte: Como é a Alfabetização Matemática? As entrevistas deram cabo às fontes que, após transcritas e textualizadas, foram organizadas em forma de narrativas e as Formadoras foram convidadas a dialogar sobre elas a partir de suas próprias experiências, estabelecendo relações e conexões, instituindo, desse modo, outro olhar, novos sentidos e perspectivas sobre o tema.

Palavras-chave: Alfabetização Matemática. Lúdico. Contar histórias. História Oral. Letramento. Formação de professores.

ABSTRACT

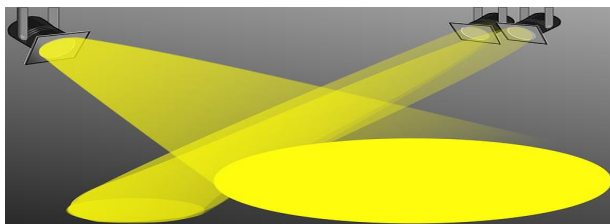
This research, which was written in the form of a dramatic text, composed of episodes and scenes, deals with Literacy Mathematics focused on literacy. This playful action involved teachers and children, protagonists of the first literacy cycle, in order to provide oral sources on the topic. These sources were built from reports about the relationships established with mathematics teachers in their childhood, in their academic education and in their classroom practice, and the relationships they establish with their students currently. Furthermore, to materialize these oral sources, this research considered the discussions that were held by the Mathematics and Portuguese Language's Formers, who participate in the "Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)". The study is based on the assumptions of Theory Historical-Cultural, particularly in Vygotsky's ideas, and the composing of oral sources was based on interviews which were conducted in thematic oral history methodology. The development of these interviews, in turn, became of from two questions: first, to the teachers, was formulated through the following question: How was the Literacy Mathematics? The second question, to the teachers and the students, was this: How Literacy Mathematics is currently? The interviews gave rise the sources that, after transcribed and textualized, were organized in the form of narratives and the Formers were invited to talk about them from their own experiences, establishing relationships and connections, establishing thus another look, new directions and perspectives on the subject.

Keywords: Mathematics Literacy. Playful. Tell stories. Oral history. Literacy. Teacher training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
A BRINCADEIRA: A PRIMEIRA FORMA DRAMÁTICA	23
A brincadeira na infância	24
Dissertação: um jogo protagonizado	28
Os jogos de regras	33
MINHA VIDA NA HISTÓRIA E HISTÓRIAS DA MINHA VIDA	39
Em cena minha história neste jogo protagonizado	39
Minha história com Vigotski	50
Em Cena Vigotski e sua teoria Histórico-Cultural	57
O CAMINHO PARA COMPOSIÇÃO DAS NARRATIVAS	76
Histórias da tradição oral e História Oral	77
A escolha dos colaboradores: os protagonistas	86
Um roteiro para entrevistar os alfabetizadores	91
Um roteiro para entrevistar as crianças	100
Maria e suas histórias com a Matemática	111
OS BASTIDORES DAS ENTREVISTAS	123
O caderno de campo e as etapas da História Oral	123
Anotações dos bastidores das entrevistas, das transcrições e textualizações	132
Diário de campo com as Formadoras: da análise compartilhada	161
PROTAGONISTAS E SUAS NARRATIVAS EM CENA: COMO FOI	172
Olhares sobre a infância a partir da idade adulta	172
Matemática, melhor do que saber fazer, entender o processo, por que fazer?	173
Passei a infância copiando o que o professor já tinha resolvido!	177
Da infância à vida adulta fingi saber Matemática	179
A Matemática da escola e a Matemática da vida no campo	182
A Matemática na aldeia	184
PROTAGONISTAS E SUAS NARRATIVAS EM CENA: COMO É	191
A infância dita por si	192
As relações com a Matemática dita por Gabrieli Balansin	192
As relações com a Matemática dita por Natiele Sales	200
As relações com a Matemática dita por Osni Alves	203

As relações com a Matemática dita por Joelize Siqueira Silva	204
Da infância de ontem a de hoje: dos conceitos espontâneos aos conceitos científicos	209
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES	221
A formação inicial dos professores: como foi	221
A formação de Bruno Alberto Garcia	223
A formação de Ivana Lucia Balansin	225
A formação de Noeli Checelski de Abreu	226
A formação de Marta Jovinski Burkot	227
A formação de Suzan Carneiro Cipriano	228
Na formação continuada um pacto nacional	231
COMO A ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA PROPÕE SER NA	245
PERSPECTIVA DO LETRAMENTO	
O papel da narrativa na constituição de si frente ao outro e sua perspectiva formativa	246
A alfabetização Matemática hoje na narrativa dos professores	249
Alfabetização Matemática para Bruno Alberto Garcia	249
Alfabetização Matemática para Ivana Lucia Balansin	252
Alfabetização Matemática para Noeli Checelski de Abreu	272
Alfabetização Matemática para Marta Jovinski Burkot	278
Alfabetização Matemática para Suzan Carneiro Cipriano	282
As contribuições do brincar no desenvolvimento das habilidades culturais de contar e escrever	291
EXORTAÇÃO FINAL	305
Um ato lúdico: Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento em movimento, em processo, em cena	305
REFERÊNCIAS	332
ANEXOS	341



Teatro de sombras

Coringa 4

(Acende a luz no fundo do palco. O Coringa narra e ilustra sua fala com a técnica do teatro de sombras. Sentadas no baú no centro do palco, as crianças protagonistas assistem).

Nessa longa estrada da vida...

Na estradinha larga
Que à pequena vila leva,
Correm para cá e para lá crianças.
Enquanto algumas encenam a música "Nessa longa estrada da vida"¹,
Outras, sentadinhas no barranco² cantam junto e esperam,
Para tomarem seus lugares na estrada e encenarem
As brincadeiras infantis que conhecem,
Dona Candida; "Eu sou pobre, pobre..."
(Memórias da infância).

(A cena congela e o foco de luz ilumina um Coringa no palco que faz um convite à plateia).

1 Música de Milionário e José Rico.

2 Um lugar elevado à beira da estrada.

Introdução



Convite

Temos a honra em convidá-lo para participar desse jogo protagonizado por professores alfabetizadores e crianças do primeiro ciclo de alfabetização, em que contam experiências sobre suas relações com a Matemática pela via da História Oral, expressas em forma de narrativas na dissertação de mestrado *Alfabetização Matemática: um ato lúdico*, da mestranda Iloine Maria Hartmann Martins, orientanda do professor Dr. Carlos Roberto Vianna, do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná.

O tema *Alfabetização Matemática* surgiu a partir do contexto de formação continuada no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e foi aprofundado na disciplina de *Alfabetização Matemática* no programa de Pós-Graduação acima citado. Posteriormente, o projeto de pesquisa no programa de mestrado teve como propósito constituir fontes orais, por meio de relatos dos atores denominados de protagonistas, a respeito das relações estabelecidas com a Matemática na infância, formação acadêmica e em sua prática de sala de aula, assim como as relações que estabelecem as crianças na atualidade.

O jogo se inicia com a dedicatória, prosseguindo com a explicação introdutória, e posterior divisão em sete episódios com sequências de cenas, comentários e a exortação final. O fragmento do texto dramático apresentado na dedicatória, em letras diferenciadas em destaque na cor amarela, faz parte de uma brincadeira direcionada às crianças que colaboraram participando das entrevistas. A brincadeira consiste em conduzi-las até o episódio em que contam suas histórias. Em alguns episódios e cenas são propostas atividades como desafios, adivinhas,

situações-problema, escrita de textos, que as crianças serão convidadas a cumprir e oferecer soluções em colaboração com os adultos ou crianças mais velhas.

A ligação lúdica entre os episódios almeja trazer para este tipo de texto também os pequenos leitores, que fazem parte do jogo protagonizado, uma vez que contam suas próprias histórias com a Matemática. O objetivo é que vislumbrem o caminho percorrido para composição de suas histórias, transitando por entre os episódios até que reencontrem suas histórias e, ainda, possam ter contato com um tipo de texto incomum nas salas das séries iniciais, que é uma dissertação de mestrado.

A brincadeira proposta às crianças se inicia pela apresentação de uma caixa com diversos objetos em seu interior, alguns remetem aos objetos da Caixa Matemática³ sugerida nas formações do PNAIC, outros, como os bonecos, os livros de histórias, um mapa, diversos gêneros textuais, foram acrescentados para que as situações lúdicas presentes entre os episódios envolvam as crianças na confecção de suas próprias caixas individuais. As situações apresentadas aos pequenos protagonistas surgiram a partir das suas próprias narrativas.

O jogo dividido em episódios inicia-se com as explicações feitas pelos Coringas, que também tecem comentários no decorrer das cenas e ao final. As explicações e os comentários nos episódios se desenvolvem em três níveis: o diálogo do Coringa 1 ocorre com aqueles que estão no jogo, no caso, os professores e as crianças; o Coringa 2 dialoga com as crianças que estão na plateia ou, no caso, com aquelas que virão a ler o trabalho; enquanto o Coringa 3 dialoga com os adultos presentes na plateia ou, no caso, os leitores que ao final do trabalho participarão tecendo suas considerações.

O Coringa é o ator que está acima e além do espaço e do tempo das demais personagens. Sua consciência é a de autor ou de adaptador – no caso deste jogo, porém, é a consciência do pesquisador. Ele pode, ao mesmo tempo, representar todos os personagens, ser o explicador, o contrarregra e o diretor da cena. Ele conhece todo o desenvolvimento do jogo e suas finalidades.

O espectador desse jogo, por sua vez, é diferente do espectador do teatro tradicional. No jogo protagonizado o que se espera é a sujeição dos espectadores como transformadores da ação: transmutem-se de espectadores a atores

3 Sugerida pelos autores Muniz, *et al* (2014a), no caderno 3 Construção do Sistema de Numeração Decimal.

protagonistas. As Formadoras do (PNAIC), após terem acompanhado as narrativas dos professores alfabetizadores e das crianças, saem da sua posição de espectadoras desse jogo protagonizado, sobem ao palco, tornando-se protagonistas desse movimento e comunicam suas considerações a respeito do tema. Nesse jogo os leitores são também espectadores, porém não possuem uma posição de meros espectadores passivos, como em uma peça tradicional de teatro, nem de simples contemplação, mas de participação ativa na análise compartilhada. Veja-se que esse papel normalmente caberia somente ao próprio pesquisador. Contudo, com essa participação contributiva há ampliação de um para diversos olhares, de uma para muitas interpretações e possibilidades que não poderiam e não seriam pensadas por apenas uma pessoa.

As epígrafes, que possuem a função de introduzir ou trazer reflexões ao assunto que será apresentado na sequência, são apresentadas em forma de teatro de sombras pelo Coringa 4 e são assistidas pelas crianças que participam do jogo como protagonistas.

O jogo está organizado da seguinte maneira:

Na explicação introdutória são apresentadas as razões pelas quais se organizou a presente dissertação em forma de um jogo protagonizado. A ideia é de que no jogo se apresentem as relações estabelecidas entre professores e crianças, e entre tais sujeitos, a Matemática.

No Episódio I o foco de luz é no passado. “Minha vida na história e histórias da minha vida”. Diferentes refletores iluminam as cenas que compõem este episódio. O ponto de partida, “Minha história nesse jogo protagonizado”, encena as experiências com a leitura fora da escola e as lembranças da Matemática presentes no dia a dia da vida. Além disso, apresenta-se uma história com Vigotski⁴ e sua teoria, explicitando como esta pode modificar a maneira de pensar o processo educativo e, por isso, tornar-se fundamento de todas as discussões realizadas nos demais episódios e cenas desse jogo.

No Episódio II entram em cena “Histórias da tradição oral e História Oral” onde se conta as razões em escolher esta metodologia, estabelecendo-se uma

4 Vários pesquisadores utilizam diferentes versões do nome de Vigotski. Optei por esta forma por entender que a diversidade que se tem com o nome deste autor se deve ao fato das traduções. Para Prestes (2010), tanto o Y e o I traduzido do russo para o português não modifica a pronúncia. Portanto, quando me referir ao autor, utilizarei a escrita com apenas “i” (Vigotski) e respeitarei a forma de escrita de cada um dos estudiosos de sua obra.

relação entre as histórias da tradição oral e a História Oral. Encena-se ainda o processo de escolha dos protagonistas e os roteiros para as entrevistas, enquanto no Episódio III são apresentadas as anotações feitas no caderno de campo no decorrer dos encontros.

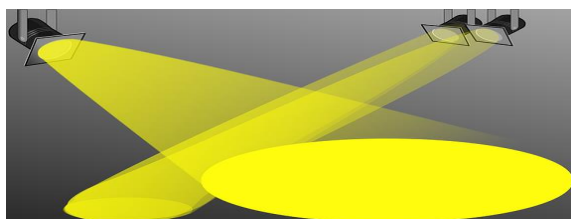
No Episódio IV entram em cena as narrativas dos professores sobre suas relações com a Matemática na infância. No Episódio V entram em cena as narrativas das crianças, por meio das quais contam a respeito das relações com a Matemática, estabelecendo-se uma conexão do conhecimento pré-escolar ao conhecimento escolar: dos conceitos espontâneos aos conceitos científicos; uma relação entre a infância dita pelos adultos e a infância dita por si; uma relação entre a alfabetização na infância dos professores e das crianças nos dias de hoje.

O Episódio VI encena as narrativas da formação inicial e continuada dos alfabetizadores protagonistas desse jogo, e no Episódio VII entram em cena as narrativas dos professores alfabetizadores a respeito do trabalho com as crianças do primeiro ciclo de alfabetização com destaque as contribuições do brincar no desenvolvimento do contar e escrever no ciclo de alfabetização.

Na exortação final, o leitor é convidado a entrar em cena e contribuir para discussão do tema em questão, atribuindo significados a partir de suas próprias experiências, estabelecendo relações e conexões entre as narrativas, instituindo, assim, o seu olhar sobre o tema, construindo novos sentidos à proposta apresentada.

Tenham todos um bom espetáculo!!!

Tenham todos uma boa leitura!!!



Teatro de sombras

Coringa 4

... na estrada encenadas eram
as brincadeiras de mãe e filhas.

Uma trazida pela mão
outra, presa entre a mão e o peito
Apesar de fria pelo plástico do qual era feito,
aquecida era, pelo desejo de mãe de quem a segurava.

Nada impedia que
nem mesmo a chuva sob a qual corriam, cambalhotavam,
e deitados em valetas impedindo a água seu percurso natural
transformadas em grandes piscinas estavam.

Ainda o barro amassavam
e comidinhas com ele dispostos eram para confeccionar

Nada impedia que
nem mesmo o banho necessário depois das valetas, do barro.

A espuma que em nuvens parecia se tornar.

Nada impedia que
enquanto a chuva esperavam passar
em labirintos de panos de pratos sobre a mesa,
xícaras e pratos, garfos e facas eram motivo para brincar.

E quando pela janela se avistava o sol, na estrada se corria

era o lugar do encontro, da roda
do pegar na mão do menino,
que Deus me livre alguém soubesse
que por ele o coração acelerava

o lugar em que se arrancava o tampo dos dedos nas correrias para chegar
no pique esconde-esconde

o lugar das encenações do ouvir do outro e tão pouco o contar de si.

(Memórias da infância)



EXPLICAÇÃO INTRODUTÓRIA

A BRINCADEIRA: A PRIMEIRA FORMA DRAMÁTICA

Explicação

Coringa 3

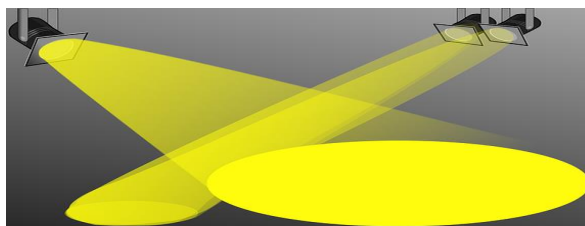
Nessa explicação introdutória, e a cada início de episódio falaremos a respeito do que acontecerá ou que esteja acontecendo “Uma explicação é uma quebra na continuidade da ação dramática, escrita sempre em prosa e dita pelo Coringa” (BOAL, 1980, p. 206).

Em cena a brincadeira na infância. Não poderíamos iniciar este jogo protagonizado por outro assunto, que não este: a brincadeira na infância. Trata-se de um jogo em que se pretende reconstruir neste palco as relações sociais estabelecidas no processo de alfabetização.

Coringa 2

Que lembranças vocês têm das brincadeiras? Quais são suas brincadeiras preferidas?

Cena 1



A brincadeira na infância

A escolha do tema “brincar na infância” baseou-se essencialmente em três motivos. Primeiramente, pelas memórias de minha infância, das brincadeiras na estrada que passava em frente à casa em que morei, de encenar a música “Nessa longa estrada da vida⁵”, das brincadeiras representadas e das histórias oralmente recontadas para os amigos, que atentamente, assistiam sentados no barranco da estrada. Por segundo, fui motivada pelas diversas experiências pessoais com crianças de 5 a 8 anos com oficinas de teatro de bonecos e de objetos, denominadas de teatro de animação. Ainda hoje me lembro do fascínio delas pelos bonecos e pelos objetos que disponibilizava e das histórias inventadas, recontadas por elas. O terceiro motivo foi a presença dos jogos no ciclo de alfabetização ditos pelos professores e das brincadeiras das crianças e que serão apresentados em suas narrativas.

Diferentes são as brincadeiras anunciadas pelas crianças. Diferenças que são reflexo da diversidade da própria infância para cada qual. A infância é diferente não somente sob o aspecto histórico, mas também em seus diversos contextos, inclusive econômico-sociais. Veja-se que a infância dita pelas crianças que moram na aldeia é diferente da infância do campo e da cidade, como infância dos professores é diversa da infância nos dias de hoje. Inobstante tais fatos, o brincar é presente em todas elas, isto é, em todos os contextos e tempos históricos. A presença dos jogos e das brincadeiras, ainda que não sejam (ou tenham sido) assunto da escola nas salas de aula, foram e são assuntos da infância.

Para Vigotski, um dos principais representantes da teoria Histórico-Cultural

5 Milionário e José Rico.

que fundamenta as ideias discutidas neste trabalho, em um de seus textos “A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança”, traduzido por Zóia Prestes (VIGOTSKI, 2008) afirma que a brincadeira não é um movimento predominante no desenvolvimento da criança, e sim principal. Alexis N. Leontiev, psicólogo russo que trabalhou com Vigotski e Alexander Romanovich Luria⁶ no desenvolvimento da teoria discute no texto “Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar” que em um certo estágio do desenvolvimento da criança, a atividade principal, governa mudanças importantes nos processos psíquicos.

Chamamos de atividade principal aquela em conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento (LEONTIEV, 2014, p. 122).

Alguns dizem que o brincar proporciona prazer às crianças, no entanto, para Vigotski (2008), o critério de satisfação é incorreto uma vez que existem outras atividades realizadas pelas crianças que lhes proporcionam prazer, como é exemplo o ato de chupar chupeta. E, ainda, sopesa-se o fato de existirem brincadeiras que são realizadas e não trazem satisfações às crianças, como é o caso das brincadeiras que surgem ao fim da idade pré-escolar e início da escolar, e que possuem resultados e premiações que por vezes não trazem um resultado favorável à criança (VIGOTSKI, 2008).

O conteúdo das brincadeiras é determinado a partir da percepção da criança acerca do mundo dos objetos humanos na primeira infância. No período pré-escolar a brincadeira se torna uma atividade dominante e ela vê o mundo se expandindo, e opera com os objetos que estão próximos a ela, embora tenha consciência também dos objetos com os quais ainda não pode operar, que são privativos dos adultos, por estarem além da sua capacidade física (LEONTIEV, 2014). Contudo, desde pequena a criança tem necessidade de agir como vê os adultos agirem; como ainda não sabe, por exemplo, montar um cavalo, pois esta ação está além das suas capacidades físicas, substitui por um objeto que é acessível a ela, tomando o lugar do animal em suas brincadeiras (LEONTIEV, 2014). Existem, portanto, atividades

6 Membro da equipe do Instituto de Psicologia de Moscou. Conheceu Vigotski em 1924 e o convida a se integrar a equipe. TULESKI, Silvana Calvo. **A relação entre o texto e contexto na obra de Luria:** apontamentos para uma leitura marxista. Maringá: EDUEM, 2011.

que a criança quer realizar, mas não lhe são possíveis, porque ela ainda não domina as operações que esta atividade exige, e, por tal motivo, a realiza na brincadeira.

Há uma contradição entre aquilo que a criança quer agir e a impossibilidade de realizar as operações que são exigidas pela ação. “Só no brinquedo as operações exigidas podem ser substituídas por outras condições do objeto, com preservação do próprio conteúdo da ação” (LEONTIEV, 2014, p. 122). No jogo, a criança domina uma área mais ampla da realidade, aquela que ainda não é acessível a ela. Dessa forma, “o jogo adquire uma forma muito rara, qualitativamente diferente da forma do brinquedo que observamos na idade pré-escolar, e neste mais alto estágio do desenvolvimento mental da criança, o jogo agora torna-se verdadeiramente a principal atividade” (LEONTIEV, 2014, p. 122).

Na atividade lúdica, os objetos reais são substituídos, isto é, eles perdem sua significação usual para adquirirem uma significação lúdica. Exemplo citado por Elkonin (2009) é de um cavalo representado por um cabo de vassoura no jogo; assim como um cubo geométrico pode ser uma xícara com a qual a criança bebe chá. No jogo, a criança transfere o significado de uns objetos para outros. “(...) um pedaço de madeira começar a ter o papel de boneca, um cabo de vassoura tornar-se um cavalo, a ideia separa-se do objeto; a ação, em conformidade com as regras, começa a determinar-se, pelas ideias e não pelo próprio objeto” (VIGOTSKI, 2008, p. 30).

Na brincadeira é possível separar a ideia (significado da palavra) do objeto, pois no momento em que um cabo de vassoura transforma-se em um pivô para separar do significado cavalo, ocorre modificação radical nas estruturas psicológicas que estabelecem a relação da criança com a realidade. “A criança não consegue separar a ideia do objeto; ela precisa ter um ponto de apoio em outro objeto” (VIGOTSKI, 2008, p. 30). Assim, projeta no pivô, no caso o cabo de vassoura, suas ações com esse cavalo.

Harry Daniels (2002) em seu livro “Uma introdução a Vygotsky” organizou vários textos de diferentes pesquisadores no intuito de oferecer uma introdução a Vigotski e um dos textos escritos por Norris Minick “O desenvolvimento do pensamento de Vygotsky: uma introdução a Thinking and Speech (Pensamento e Linguagem)” o autor afirma que na primeira infância existe uma união íntima entre a palavra e o objeto. Nesse pensamento, a criança pequena está presa aos campos perceptivos, assim como “os significados das palavras estão igualmente presos a

seus objetos para a criança pequena” (MINICK, 2002, p. 51), mas pela atividade lúdica, “o pensamento e os significados são libertados de suas origens no campo perceptivo” (MINICK, 2002, p. 51).

Esse caráter impulsionador dos objetos é perdido na brincadeira quando a criança, ao brincar, age independentemente daquilo que vê (VIGOTSKI, 2008). Em outros termos, isso leva a criança a agir com base no significado dessa ação e não com base na percepção direta, o que não ocorre na primeira infância, período em que não existe divergência entre o campo do significado e o visual.

Na brincadeira o sentido torna-se ponto central. As características dos objetos se conservam, entretanto, o significado muda, ou seja, ocorre aqui a emancipação do significado em relação ao objeto, mas não da ação com o objeto real. "Até certo ponto, o significado emancipa-se do objeto a que, antes, estava diretamente unido. Eu até diria que, na brincadeira, a criança opera com o significado separadamente do objeto, mas o significado é inseparável da ação com o objeto real" (VIGOTSKI, 2008, p. 31).

Na brincadeira a criança opera com os significados das palavras que substituem os objetos, assim sendo as palavras se emancipam em relação aos objetos e para que isso ocorra, a presença de um pivô em forma de outro objeto é necessária. Veja-se:

Mas, no momento em que o cabo de vassoura, ou seja, o objeto, transforma-se em pivô para a separação do significado “cavalo” do cavalo real) a criança não consegue separar o significado ou a palavra do objeto de maneira diferente, a não ser encontrando um pivô em outro objeto, ou seja, ela tem de, com a força de um objeto, roubar o nome do outro) isso parece forçar um objeto a agir sobre o outro no campo semântico (VIGOTSKI, 2008, p. 31).

A criança vê por detrás da palavra o objeto que esta significa. Quando a palavra cavalo é atribuída ao cabo de vassoura significa que, por detrás da palavra cavalo, está ali o objeto cavalo, ela o vê mentalmente (VIGOTSKI, 2008).

Para a criança pequena, o objeto que substitui o cavalo precisa ter características que lhe permitam agir como substituto funcional do cavalo na atividade lúdica. É somente na atividade lúdica que a criança pode substituir um objeto por outro desta maneira, somente dentro da atividade lúdica é que ela começa a separar o significado do objeto do objeto em si mesmo usando outro objeto como um pivô (MINICK, 2002, p. 52).

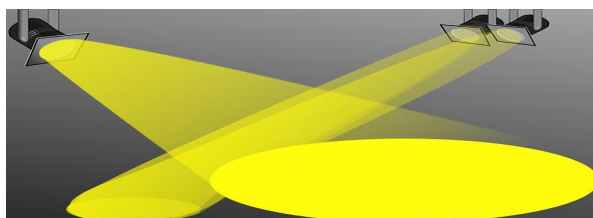
De acordo com Vigotski, a criança não interrompe a ação real com os

objetos reais ao operar na brincadeira com os significados separados dos objetos. Da mesma forma que opera com os objetos, também opera com os significados.

Na brincadeira, a criança opera com os significados separados dos objetos, mas sem interromper a ação real com os objetos reais. Porém, a separação do significado "cavalo" do cavalo real, a sua transferência para o cabo de vassoura (um ponto de apoio palpável, pois de outra forma o significado sumiria, evaporar-se-ia) e o manejo real deste como se fosse um cavalo constituem uma etapa transitória necessária para operar com os significados. Ou seja, a criança opera antes com os significados da mesma forma que com os objetos, depois toma consciência deles e começa a pensar (VIGOTSKI, 2008, p. 32).

De acordo com a teoria Histórico-Cultural, a criança aos poucos deixará de se prender aos objetos e passa a se prender a ação das pessoas, dessa forma, portanto, a atividade principal que estava relacionada com os objetos dá origem ao jogo de papéis.

Cena 2



Dissertação: um jogo protagonizado

A brincadeira tem um enorme significado para a vida da criança. No livro “Imaginação e criatividade na infância”, encontro fundamento para “considerar a brincadeira como sendo a primeira forma dramática caracterizada pela valiosíssima peculiaridade que une o ator, o espectador, autor da peça, o cenarista e o técnico em uma mesma pessoa” (VIGOTSKI, 2014, p. 89-90). Daniil B. Elkonin que trabalhou com Leontiev em várias pesquisas dentre elas a psicologia do jogo infantil, aponta em seu livro *A Psicologia do Jogo* (2009), que a transição para o jogo protagonizado ocorre no final do primeiro período da infância.

Na teoria Histórico-Cultural, o jogo protagonizado, ou jogo de papéis, é apresentado como gênero que agrada as crianças (VIGOTSKI, 2014). Esse tipo de

jogo em que a criança desempenha o papel são chamados, segundo Leontiev (2014), de jogos de enredo, teatrinho e também de jogos de papéis. Esses jogos de enredo, segundo Leontiev, em que a criança representa o papel, o componente fundamental é a reprodução da ação que seria, segundo o mencionado autor, o papel lúdico. “O papel lúdico é a ação sendo reproduzida pela criança. Ela representa o papel de um cavaleiro, por exemplo” (LEONTIEV, 2014, p. 132).

Ao reproduzir a ação de um cavaleiro, de uma professora, por exemplo, a criança ocupa o lugar principal. Este papel desempenhado por ela, assume uma função generalizada dos adultos na sociedade. Para jogar é preciso que a criança assuma um papel, que é o aspecto constitutivo do jogo – ao aparecer o papel, aparece o jogo "Entre a criança e o papel está a realidade com suas leis e apresenta-se na forma de ações e relações que a refletem nos traços mais essenciais. Ao comparar suas ações e relações com as reais, a criança considera a sua atitude diante do papel que representa no jogo" (ELKONIN, 2009, p. 318). Na lógica do jogo infantil sob a ótica da teoria Histórico-Cultural, a unidade fundamental e indivisível da evolução na forma de jogo é justamente o papel e as ações dele decorrentes. Para Elkonin (2009), a realidade que circunda a criança é uma influência determinante no jogo protagonizado.

O surgimento histórico do jogo protagonizado segundo Elkonin (2009), não é possível precisar com exatidão. Porém, é importante ressaltar que no início da humanidade, quando as forças produtivas ainda eram muito primitivas, as crianças faziam parte do trabalho dos adultos, pois as ferramentas permitiam e não necessitava de uma preparação especial para manejá-las. Em outro grau superior de desenvolvimento, já se exigia que as crianças para serem incluídas em esferas mais importantes de atividades laborais requeriam o aprendizado do manejo das ferramentas mais simples.

Esse aprendizado iniciava cedo na vida da criança e se fazia com instrumentos reduzidos, com os quais os adultos ensinavam e os acompanhavam de perto no processo de aprendizagem no manejo com os instrumentos e assim que aprendiam eram integradas ao trabalho produtivo dos adultos (ELKONIN, 2009, p. 79). “Esses exercícios, portanto, só podem se denominados jogos de maneira muito convencional” (ELKONIN, 2009, p. 79).

As mudanças na divisão do trabalho e a complicação dos equipamentos de trabalho, dificultaram a inclusão das crianças no trabalho produtivo. Com isso,

perdem a razão de ser os exercícios com ferramentas reduzidas e a aprendizagem do manejo de equipamentos, pois estes por serem mais complexos só podem ser manejados em idades subsequentes (ELKONIN, 2009). Assim sendo, o jogo protagonizado, como resultado da mudança, nasce no decorrer do desenvolvimento histórico da sociedade. Portanto, a “A teoria do jogo de papéis é de origem social e, por consequência, o seu fundo também é social” (ELKONIN, 2009, p. 8). Nesse sentido, os jogos não são invenção das crianças, mas reconstituem as relações sociais originadas das condições de vida da criança em sociedade.

A essência principal dos jogos é refletir as relações entre as pessoas. “O jogo não é o reino da pura invenção, mas uma reconstituição original da realidade vivida, reconstituição feita pela criança ao dar forma aos papéis adultos” (ELKONIN, 2009, p. 315). Por mais que a criança se compenetre do papel dos adultos, ela não deixa de se sentir criança. Por meio do jogo, exerce as funções dos adultos, sem deixar de se dar conta que ainda é criança.

O professor José Milton de Lima em seu texto “O jogo como recurso Pedagógico no contexto educacional”, afirma que “O estudo comprova que a característica fundamental do jogo protagonizado não é o objeto, nem seu uso, nem a relação homem-objeto, mas as interações que as pessoas estabelecem mediante as suas ações com os objetos, isto é, a relação homem-homem” (LIMA, 2008, p. 102).

Os temas dos jogos são decorrentes do campo da realidade e, como tais, são diversos. Refletem o mundo em que a criança vive, modificando-se de acordo com as condições concretas de vida, nas quais ela se encontra, ainda que temporariamente (LIMA, 2008, p. 102). Na mesma linha, para Elkonin (2009), o tema não se extrai unicamente da vida da criança, mas das condições sociais concretas em que a criança vive, as quais, ao se modificarem, resultam na modificação do tema do jogo. O conteúdo do jogo reconstituído pela criança “está relacionado com a vida, o trabalho e a atividade dos membros adultos da sociedade” (ELKONIN, 2009, p. 42). As ideias que as crianças possuem da realidade circundante são a fonte do enriquecimento do conteúdo de seus jogos.

Na transição do jogo com os objetos para o jogo de interpretação de papéis, não ocorre mudança aparente e logo em seu início. A criança continua com os mesmos brinquedos-bonecos, quebra-cabeças, fôrmas para bolo, automóveis, etc. No aspecto exterior a criança continua a banhar a boneca, a lhe dar comidas, a

colocá-la para dormir. No jogo protagonizado, o que muda é que todos estes objetos estão inseridos numa nova atividade de sensações prazerosas, num novo sistema de relações da criança com a realidade. Graças a isso adquiriram objetivamente um novo sentido (ELKONIN, 2009).

A conversão da menina em mamãe, e da boneca em filha, dá lugar a que atos de dar banho, dar de comer e preparar a comida se transformem em responsabilidades da criança. Nessas ações manifesta-se então a atividade da mãe com o filho, seu amor e sua ternura, ou até o contrário: isso depende das condições concretas de vida da criança, das relações concretas que a circundam (ELKONIN, 2009, p. 404-405.)

Para analisar a atividade lúdica concreta da criança segundo Leontiev (2014) não basta relacionar os jogos aos quais esta se dedica, mas penetrar na psicologia verdadeira, no sentido que o jogo tem para a criança. Para Elkonin (2009), existe um caminho para desenvolvimento do jogo: primeiro a ação concreta com o objeto, depois a ação lúdica sintetizada com este objeto e então a ação lúdica protagonizada. Exemplificando “há colher; dar de comer com a colher; dar de comer com a acolher à boneca; dar de comer à boneca como a mamãe; tal é de maneira esquemática, o caminho para o jogo protagonizado” (ELKONIN, 2009, p. 259).

De acordo com Elkonin (2009), a simbolização pode ser vista no jogo pelo menos duas vezes. A primeira como passagem da ação de um objeto para outro e a segunda vez quando a criança assume o papel de um adulto. A ação na brincadeira substitui outra ação assim como um objeto substitui outro (VIGOTSKI, 2008). A esse respeito Lima nos aponta que “A criança, nos jogos infantis, aprende a substituir os objetos e as ações, assumindo diferentes papéis que servem de base para o desenvolvimento da imaginação” (LIMA, 2008, p. 121). De acordo com Leontiev (2014), nas premissas psicológicas do jogo mesmo que não pareça, indica que há algo imaginário no jogo, pois existe a ação real, uma operação real com objetos reais, no entanto, a criança age “com a vara como se fosse um cavalo” (LEONTIEV, 2014, p. 127).

Uma situação de brinquedo imaginária surge como resultado dos objetos e isto significa as operações com esses objetos, sendo parte das ações normalmente executadas em diferentes condições objetivas e em relação com outros objetos. O objeto do brinquedo retém seu significado, isto é, a vara permanece uma vara para a criança. Suas propriedades são conhecidas da criança, o modo de seu possível uso e da possível ação a ser executada com ela e conhecido. É isto que forma o significado da vara. Ocorre, porém, que o significado não é simplesmente concretizado no processo

lúdico. No brinquedo, as operações com a vara fazem parte de uma ação bastante diferente daquela para a qual elas são adequadas. Da mesma forma, a vara, conservando o seu significado para a criança, adquire para ela, ao mesmo tempo, um sentido muito especial nesta ação, um sentido que é tão estranho a seu significado quanto a ação lúdica da criança o é para as condições objetivas nas quais ela ocorre; a vara adquire o sentido de um cavalo para a criança. Este é um sentido lúdico. A ruptura entre o sentido e o significado de um objeto no brinquedo não é dada antecipadamente, como um pré-requisito da brincadeira, mas surge realmente no próprio processo de brincar (LEONTIEV, 2014, p. 128).

A criança só imagina uma situação de brinquedo quando ela de fato está brincando. Quando ela não está ela não imagina esta situação “A relação particular entre o sentido e o significado do brinquedo não é, portanto, dada antecipadamente nas condições do jogo; ela surge ao longo do jogo” (LEONTIEV, 2014, p. 129).

No envolvimento na brincadeira é que ocorre o desenvolvimento da imaginação. A imaginação é uma das funções psicológicas superiores e se desenvolve na interação social e em conexão com o desenvolvimento da brincadeira (MINICK, 2002). As funções psíquicas superiores não nascem com as pessoas, elas se desenvolvem a partir de condições disponibilizadas para cada sujeito em atividade, em ação, em tarefas, em desafio, em problemas.

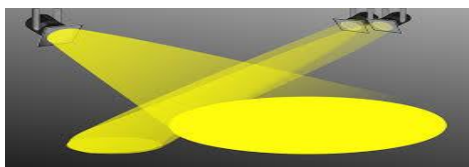
A brincadeira cria a zona de desenvolvimento superior (VIGOTSKI, 2008). As funções psíquicas superiores se desenvolvem do plano externo para o plano interno, não apenas “da experiência individual em interação social, mas através da transformação do comportamento social do plano intermental para o plano intramental” (MINICK, 2002, p. 39). Antes de ser interna, qualquer função mental superior foi externa. David Bakhurst (2002) no texto “A memória social no pensamento soviético” afirma que “A criança humana entra no mundo dotada pela natureza apenas com faculdades mentais elementares. As funções mentais superiores constitutivas da consciência humana, estão, porém, embutidas nas práticas sociais da comunidade da criança” (BAKHURST, 2002, p. 237).

Qualquer função mental superior foi antes relação social mediada pela linguagem que a criança internalizou (MINICK, 2002). Na brincadeira, a criança sempre age como se tivesse mais idade do que realmente tem.

Na brincadeira, a criança está sempre acima da média da sua idade, acima do seu comportamento cotidiano; na brincadeira, é como se a criança estivesse numa altura equivalente a uma cabeça acima de sua própria altura. A brincadeira em forma condensada contém em si,

como na mágica de uma lente de aumento, todas as tendências do desenvolvimento; ela parece tentar dar um salto acima do seu comportamento comum (VIGOTSKI, 2008, p. 35).

Cena 3



Os jogos de regras

De acordo com Elkonin (2009), esta teoria destaca três tipos de jogos. O primeiro seria o jogo simbólico, isto é, centrado nos próprios objetos; segundo o jogo protagonizado como unidade fundamental do jogo e o terceiro o jogo de regras que tratarei nesta cena. Os jogos com regras diferem dos jogos como o teatro, mas surgem a partir dos jogos de papéis com situação imaginária (LEONTIEV, 2014). O início dos jogos com regras se dá ao fim da idade pré-escolar e por toda a idade escolar (VIGOTSKY, 2007).

Esse tipo de jogos possui tarefas complexas que precisam ser resolvidas em conjunto e desenvolvem formas superiores de comportamento. “Eles organizam formas superiores de comportamento, estão vinculados à solução de tarefas bastante complexas do comportamento, exigem de quem brinca tensão, sagacidade e engenho, ação conjunta e combinada das mais diversas faculdades e potencialidades” (VIGOTSKY, 2010, p. 122).

Nas brincadeiras com regras, um exemplo pode ser a brincadeira de esconde-esconde que requer da criança a necessidade de agir contra seu impulso imediato que é o de aparecer para o adversário enquanto deve ficar escondida. Para que a brincadeira se mantenha, ela deve agir contra estes impulsos, cumprindo as regras impostas pela brincadeira e assim conseguir sua satisfação pela brincadeira que pode ser muito maior do que a satisfação e aparecer antes do prazo para o adversário. A criança obedece às regras, negando seu impulso imediato, porque a satisfação que pode decorrer da brincadeira, se as regras forem cumpridas ou seguidas é maior do que a satisfação imediata (VIGOTSKI, 2008). “Porque toda a

estrutura da brincadeira, se as regras forem seguidas, promete uma satisfação que é bem maior do que o impulso imediato” (VIGOTSKI, 2008, p. 32).

Pautado nos estudos de Vigotski, Lima (2008) afirma que no fim da idade pré-escolar e início da idade escolar ocorre uma evolução da brincadeira que passa de atividades com regras ocultas e uma situação imaginária para atividades com uma situação imaginária oculta e regras claras. Na idade pré-escolar há o predomínio da imaginação sobre a regra e na idade escolar o predomínio da regra sobre a imaginação (LIMA, 2008, p. 123).

Os jogos de enredo seguindo Leontiev (2014), são transformados em jogos com regras. Para Elkonin (2009), nestes jogos são apresentadas tarefas didáticas concretas divididos por faixas etárias e as regras se complicam à medida que são determinadas pelo conteúdo. “A criança encontra esses jogos preparados de antemão e aprende-os como elemento da cultura” (ELKONIN, 2009, p. 356).

Comentário final

Coringa 3

Esta dissertação está organizada como um jogo protagonizado por crianças, professores e as Formadoras do Programa Nacional pela Alfabetização na idade certa (PNAIC⁷), em que esses espectadores se tornam protagonistas. Movimento que aponta a efetiva participação de todos na escrita e leitura e encenação dessa história da Alfabetização Matemática.

AS CRIANÇAS A CAMINHO DO EPISÓDIO DE SUAS NARRATIVAS...

NA BRINCADEIRA DE RODA UMA HISTÓRIA DE ADIVINHAR

CORINGA 1

**LUZES SE ACENDEM NO PALCO!
NO JOGO EM CENA**

⁷ O programa é um compromisso do Governo Federal, Estados, municípios e sociedade para “assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental” (BRASIL, 2014, p. 8).

UMA BRINCADEIRA DE ADIVINHAR

CRIANÇAS

ESSA BRINCADEIRA É FÁCIL DE ADIVINHAR

SÓ ENTRA NA RODA QUEM A HISTÓRIA FOR CONTAR

CORINGA 1

LUZES SE ACENDEM NO PALCO E A RODA COMEÇA SE FORMAR!

NO JOGO QUEM É QUE VEM SE APRESENTAR?

GOSTA DE JOGAR BOLA, MONTAR QUEBRA-CABEÇA E ANDAR DE PATINETE

QUEM É QUEM É?

CRIANÇAS

ESSA BRINCADEIRA É FÁCIL DE ADIVINHAR

SÓ ENTRA NA RODA QUEM A HISTÓRIA FOR CONTAR

GABI

ESTA HISTÓRIA É MINHA E NO EPISÓDIO VOU CONTAR

QUERO QUE ME AJUDEM À MINHA HISTÓRIA RETORNAR

CORINGA 1

LUZES SE ACENDEM NO PALCO E A RODA COMEÇA A GIRAR!

NO JOGO QUEM É QUE VEM SE APRESENTAR?

SUA BRINCADEIRA PREFERIDA É DE BICICLETA PEDALAR

SEU BRINQUEDO FAVORITO É O LIVRO QUE A FAZ VIAJAR

AGORA VOU PERGUNTAR QUEM É QUEM É?

CRIANÇAS-

ESSA BRINCADEIRA É FÁCIL DE ADIVINHAR

SÓ ENTRA NA RODA QUEM A HISTÓRIA FOR CONTAR

JOELIZE-

ESTA HISTÓRIA É MINHA E NO EPISÓDIO VOU CONTAR

QUERO QUE ME AJUDEM À MINHA HISTÓRIA RETORNAR

CORINGA 1

LUZES SE ACENDEM NO PALCO E A RODA COMEÇA A GIRAR!

NO JOGO QUEM É QUE VEM SE APRESENTAR?

SUA BRINCADEIRA PREFERIDA É HISTÓRIAS CONTAR

COM OBJETOS E BONECOS PARA CRIANÇAS ENCANTAR.

AGORA VOU PERGUNTAR QUEM É QUEM É?

CRIANÇAS

ESSA BRINCADEIRA NÃO É FÁCIL DE ADIVINHAR
SÓ ENTRA NA RODA QUEM A HISTÓRIA FOR CONTAR

CORINGA 1

ESTA HISTÓRIA DO PRIMEIRO EPISÓDIO
É DA MENINA HOJE PESQUISADORA
E SUA HISTÓRIA NOS CONTARÁ
APÓS ELA, OUTRA PISTA ENCONTRARÃO
PARA O EPISÓDIO DAS SUAS HISTÓRIAS RETORNAR.



Teatro de sombras

Coringa 4

Agora a estrada deserta
 Por enquanto assim permanece.
 Há outros motivos para que assim seja.
 São tantos os preparativos, são tantas expectativas.

A confecção do uniforme,
 a lavagem do conga doado pela vizinha em novo se transforma
 quando recebe o cordão colorido de crochê que em cadarço se
 transforma.

Do pacote de papel da farinha, a cartilha foi encapada.
 No plástico do pacote de açúcar, o caderno, a cartilha, o lápis, a borracha
 foram guardados.

São tantos os preparativos
 são tantas expectativas
 Há razão da estrada permanecer deserta.

O combinado com os vizinhos do encontro na encruzilhada de três
 estradas

O ovo cozido para a merenda, a laranja colhida no quintal para a melhor amiga.

A margarida arrancada do jardim para a professora.

As recomendações dos pais
a respeito do que deveriam aprender
na cartilha ler e continhas resolver.

São tantos preparativos

Tantas são as expectativas!

Correr para encontrar a professora
só para receber dela um sorriso e quem sabe um abraço.

Ah como seria bom!

Os novos amigos que fariam

Quantos preparos, quantos planejamentos

Histórias, que ninguém nunca soube.

Os bastidores, labirintos da vida, nunca trazidos à cena.

Nunca escritos.

Alguns, nunca realizados.

(Memórias da infância)



EPISÓDIO I

MINHA VIDA NA HISTÓRIA E HISTÓRIAS DA MINHA VIDA

Explicação

Coringa 3

Em cena as histórias de vida e a vida nas histórias da pesquisadora.

Cena 1



Em cena minha história neste jogo protagonizado

Sendo assim, contar aos outros sobre si mesmo não é uma coisa simples. Depende do que nós achamos que eles acham que nós deveríamos ser- ou o que os eus em geral deveriam ser. Os cálculos não ficam mais fáceis quando contamos sobre nós mesmos. As nossas narrativas autoconstruídas e autodirigidas expressam desde cedo aquilo que pensamos que os outros esperam que sejamos. Sem ter muita consciência disso, desenvolvemos um decoro para falar sobre nós para nós mesmos: como sermos francos conosco próprios, como não ofender os outros (BRUNER, 2014, p. 76).

A história que ora lhes apresento não foi “fabricada” do nada. Ela tem origem na vida interior e exterior, isto é, das memórias, sentimentos, ideias, crenças e também das expectativas da cultura a meu respeito. Jerome Bruner (2014), no livro “Fabricando histórias: direito, literatura, vida”, afirma que a cultura oferece pressupostos e perspectivas para constituição da individualidade. Ao contar a minha história, estabeleço a minha própria singularidade, mostrando que nos distinguimos

dos outros quando comparamos os relatos que os outros oferecem sobre si mesmos.

Ainda criança, enquanto minha mãe contava uma história, eu fechava meus olhos e imaginava as cenas que ela ia descrevendo. As únicas coisas que eram reais de fato eram a sua voz e o seu cheiro. Nas manhãs frias de inverno, quando nos aquecíamos em torno do fogão a lenha e aguardávamos o pinhão assar, minha mãe nos contava suas histórias enquanto tomava chimarrão com meus irmãos mais velhos. Suas histórias eram como uma melodia suave aos meus ouvidos. O texto não era decorado. Nem livros ela tinha. Ela sabia imaginariamente cena por cena, e nunca se perdia nos detalhes.

Para mim parecia que ela nos ouvia com os olhos. Eles sempre tão expressivos! Com eles, ela mostrava seu interesse a tudo que lhe contávamos. Quando nos falava, contando-nos sobre suas lembranças ou histórias dos outros, eu descobria pela sua voz o prazer do jogo com as palavras. Eu me encantava com os mistérios do som e isso ampliou meu vocabulário, que era muito restrito na Língua Portuguesa, enriqueceu minha faculdade de estruturação da linguagem e desenvolvi possibilidades pessoais de criação. Com as palavras gostava de criar e a partir delas dava vida às coisas, fazendo-as existirem por meio de pequenas encenações teatrais.

Não eram apenas as histórias que prendiam minha atenção, mas o cheiro, a voz suave, o contato físico, o fogão a lenha, o medo, a dor, o suspense, a esperança, o mal, o bem, o contar de novo, enfim, todos esses elementos que estavam envolvidos no ato de ouvir e que me cativavam. Era uma emoção simples que nos unia.

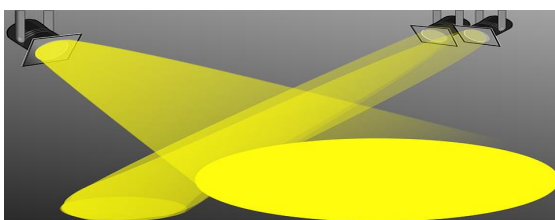
Foi com ela que eu estive na Alemanha, embora sem nunca lá ter visitado. Foi com ela que conheci pessoas, embora sem nunca as ter visto. Foi com ela que aprendi que por trás das palavras havia algo a ser compreendido. Ouvir foi o melhor que pude realizar em toda a minha infância. Isso me proporcionava experiências, alegrias, sonhos e esperanças. Ouvir era a possibilidade de brincar!

As melhores lembranças da minha vida estão vinculadas à minha primeira professora, minha mãe, que me educou com suas palavras, com seu exemplo, com seu andar diário conosco, com seus olhos preenchidos de um largo sorriso mostrando sua aprovação às coisas que fazíamos.

A minha relação com a educação se deu no ambiente familiar, com minha

mãe, grande contadora de histórias, vinda de uma família simples e sem muita formação acadêmica, porém de riquíssima bagagem cultural e grande envolvimento com a música, com a literatura alemã, engajada em questões comunitárias. Ela soube nos educar, incentivando-nos na área artística e literária e de atuação comunitária.

Minhas experiências com a leitura se iniciaram—antes de ir para a escola. Com um vasto repertório, minha mãe contava-me suas histórias, as quais embalavam meus ouvidos e aqueciam minha vida. Traziam esperança e sonho de futuro. A riqueza de detalhes de suas histórias fazia-me admirá-la cada vez mais. Suas histórias faziam-me brincar imaginariamente, eu sonhava por meio das narrativas. Lembrava, desejava, esperava, acreditava, planejava esperança de dias melhores. Com ela experimentei o prazer do contar de novo.



Teatro de sombras

Coringa 4

Na estrada agora tão longa,
seguem as crianças vestidas de branco e azul.
Avistam de longe a escolinha da vila, mas pelo caminho se distraem
colhendo ingás⁸, jogando pedrinhas,
sonhando com o que tem além das montanhas, avistadas de longe.

Segue a longa e cada vez mais estreita estrada.

⁸ Quando o ingazeiro era avistado com as vagens bem amarelas, era certo que a polpa que envolve as sementes já estaria pronta para ser saboreada.

Para onde levaria? Quem por ela andaria?
As crianças nela não seguem.
Entram agora na escola
de longe tão pequena e perto tão grande.
Retiram agora de seus saquinhos plásticos,
o caderno, a cartilha, os ingás.
Buscam com eles um sorriso
que some ao findar da oração e o abrir da cartilha.

Na cartilha não há estrada que segue,
nem tão pouco assim faz pensar
Porque ela ao longe parece estreita e perto tão larga é?
Porque ao longe se cobre ela com os dedos e perto tão larga é?
Na cartilha não há montanhas para imaginar o que há depois delas
Nem tão pouco o que faz elas mudarem de cor
Serem coloridas ao meio-dia, laranja ao findar
e na escuridão da noite sumir?
O que as faz parecer colchas de retalhos?
Nem tão pouco o que faz a escola ao longe, tão pequena?
perto, tão grande?

De cantar Nessa longa estrada da vida, silenciam.
De um mundo alegre, de brincadeiras encenadas, aprendem que há apenas
um jeito de ver como o mundo é.
O seguir adiante nessa estrada,
era apenas sonho
guardado, acalentado, alimentado
(Memórias da infância)



Quando entrei na escola não fazia ideia do que significava o conhecimento que já possuía. Falava, além do Português, fluentemente o Alemão. Por meio da oralidade, tive acesso a uma variedade de histórias clássicas. Os únicos materiais impressos que tínhamos em nossa casa eram a Bíblia e o almanaque⁹, que apresentavam uma diversidade de gêneros: narrativas, parábolas, provérbios, cartas, documentos jurídicos e poesias.

Apesar de entendermos as características que diferenciavam cada um desses gêneros e com frequência utilizarmos alguns deles em nossa vida diária, como cartas, bilhetes, receitas, as frases expressas nas preces feitas aos domingos na igreja e o calendário que era acompanhado com muita expectativa até o dia do aniversário, dia do coelhinho, dia das crianças, natal, estes nunca fizeram parte do contexto de sala de aula.

Ao entrar na escola, com sete anos, eu tinha um único objetivo. Lamento que não tenha sido um objetivo nobre. Poderia ser um objetivo do que pudesse me orgulhar. Mas que nada! Poderia dizer que “agora estou na escola e vou aprender”! Que fosse codificar e decodificar, como de fato foi. Poderia pensar na possibilidade que, após ter me apropriado da tecnologia da escrita, poderia por conta própria ler o almanaque que tínhamos em casa, a Bíblia, as cartas dos parentes do Rio Grande do Sul e, ainda, que poderia escrever sobre todas as coisas que eu já conhecia da cultura alemã e das minhas próprias experiências de vida. Que nada! Meu único objetivo ao entrar na primeira série era passar no esperado teste de leitura.

Acreditava-se que a função da 1ª série era vencer a cartilha Caminho Suave e passar neste teste. Ninguém da comunidade queria passar pelo ridículo das rodas

⁹ Trata-se de um livro com indicações úteis, trechos de histórias, curiosidades, receitas, indicações lunares, anedotas e outros assuntos a respeito dos quais talvez se ocupavam meus pais e os irmãos mais velhos.

de conversa, que aconteciam aos domingos na frente da igreja do lugar. As conversas seguiam anos a fio neste tom: “É, você viu que ontem o pessoal da prefeitura estava por aí? ” “Pois é”. “Disse que o filho da fulana não sabia ler nenhuma frase”. “Graças a Deus o meu passou”. “Mas o filho da fulana tem uma carinha estranha, deve ter problema” e assim as conversas seguiam. Nem pensar! Ser o assunto da roda no domingo? Não!

Pensando melhor, de fato era um grande objetivo saber recitar fluentemente para os funcionários da prefeitura e se livrar da humilhação das senhoras da vila, além de ver um sorriso estampado no rosto da professora que regozijava consigo mesma pela vitória de ter alfabetizado.

A compreensão do que se lia não tinha importância na escola. Em certa ocasião eu brincava com o saco de retalhos jogado no chão do quarto, enquanto minha mãe costurava remendos nas calças dos meus irmãos. Nesse momento ela levantou, buscou nosso almanaque, procurou nele um texto e pediu que eu lesse. Como eu já tinha vencido quase toda a cartilha, li com toda a alegria. Assim que concluí o pequeno trecho em voz alta, minha mãe pediu que eu contasse com as minhas palavras o que eu havia lido. Eu não sabia! A minha mãe pediu então para que eu relesse, e assim reli várias vezes, embora não tivesse ideia do que minha mãe queria. Até que ela precisou me contar a história que aquelas palavras contavam. E aquilo para mim foi mágico!

A leitura era mais que apenas recitação de palavras organizadas em frases que se liam para a professora e para os funcionários da prefeitura que tomavam a leitura. Descobri que as palavras podiam nos contar histórias! Histórias como as que minha mãe contava. A diferença é que eu podia ter acesso a elas em sua forma escrita. A necessidade dos textos e da compreensão destes se deu fora da escola. Tínhamos que ler o calendário, pois as fases da lua influenciavam no nosso corte de cabelo e também no plantio da lavoura que acompanhávamos com a família. Tínhamos que compreender exatamente o que estava escrito na receita culinária, para não errar o bolo e as bolachas de manteiga.

As experiências com leitura no processo de formação do leitor são imprescindíveis para adquirir o hábito da leitura. Do mesmo modo que minhas experiências com a leitura foram imprescindíveis para o desenvolvimento de minha imaginação. A imaginação é uma atividade vital. A impressão tida por mim era de que as histórias ouvidas refletiam a minha vida.

Anos mais tarde, quando entrei pela primeira vez em uma biblioteca, descobri que as histórias contadas pela minha mãe estavam registradas nos livros. Além de minhas experiências com a vida real, do dia a dia, eu também adquiri experiências com as histórias dos outros. E então fui lendo e compreendo as histórias, os livros, as pessoas e a própria vida!

A minha relação com a escola foi boa, apesar do contexto de muita privação cultural, porque nela encontrei pessoas que oportunizaram o acesso aos livros, mesmo sendo apenas didáticos, com textos por vezes fragmentados, pude dar asas a minha imaginação e criatividade, criando e recriando a partir dessas narrativas, histórias que eram dramatizadas e apresentadas à comunidade na igrejinha do lugar. Foi ali, na pequena escola rural, que aprendi os primeiros passos da liderança de equipes, da criação de textos, da relação de comunicar ideias para as outras pessoas.

Foi na escola, junto a meus professores, que descobri que também gostava de ensinar. Minhas brincadeiras eram ensaios diários quando eu representava o ato de ser professor, ensinando a minha irmã mais nova os conteúdos aprendidos no dia. Ao mesmo tempo em que eu ensinava, eu aprendia.

Enquanto direciono minha atenção e realizo este exercício de recordação das lembranças guardadas na memória, recordo-me de situações em que a Matemática fazia parte do contexto rural em que vivíamos, mas não da escola. Saber Matemática não dependia da minha mãe, nem da professora. Ou eu sabia porque tinha decorado, ou levava a fama de burrinha do Rui Barbosa (nome da escola em que estudei). Lembro-me que em uma ocasião levei uma “reguada” por perguntar ao colega o resultado de uma operação, porque eu não sabia a tabuada. O mais terrível não era levar a “reguada”, mas os comentários que poderiam surgir na pequena comunidade. Sim, porque os colegas diziam: “Ah, aquele ou aquela são burros”. Como eu não queria ser a “burra do lugar”, ia recitando a tabuada dois quilômetros na ida para a escola e no retorno. E depois disso, a única dúvida era se a conta era “de mais”, “de menos”, “vezes” ou “dividir”.

Fazíamos umas contas bem estranhas sem nem perceber que era a Matemática da escola. Era na verdade a Matemática da sobrevivência. Saber sobre o tempo nos livrou de algumas surras. Após o café da manhã, cada um tinha suas responsabilidades. Meus pais e meus irmãos mais velhos iam para a roça. Eu e minha irmã mais nova ficávamos em casa para as tarefas domésticas. Marcávamos

a hora da volta e o quanto podíamos brincar até que minha mãe chegasse e encontrasse, por exemplo, a louça do café lavada. Às vezes nos distraíamos e a mãe chegava!

Em algumas situações o tempo passava muito rápido e em outras, muito devagar! O tempo nas brincadeiras passava tão depressa, o domingo na casa dos amigos. Quando às vezes queríamos que o tempo passasse rápido, passava devagar. O Natal não chegava nunca! As rápidas sonecas da minha mãe após o almoço, durante as quais éramos obrigadas a ficar deitadas em silêncio junto com ela no quarto escuro, quando queríamos estar brincando, eram uma eternidade!

Passava devagar enquanto esperávamos a resposta das cartinhas que mandávamos para tia Darci que morava muito longe, lá no Rio Grande do Sul. Sabíamos que era muito longe porque tínhamos demorado três dias na mudança para o Paraná, no ano de 1974. Como elas demoravam chegar! Supúnhamos os dias da ida, o dia para leitura, um outro para a tia responder, outro dia para colocar no correio e tantos dias para chegar em minha casa. Era muito demorado. O tempo para a criança não era o mesmo dos adultos. Era essa a minha impressão. O chegar logo do Natal, dito pela mãe, não chegava nunca!

A Matemática fazia parte da vida e eu nunca soube disso. Arrumar a mesa, colocar os pratos fundos, os pratos rasos, os talheres, contar os pedaços de galinha e pensar se teria direito a dois pedaços no almoço, tudo isso era Matemática.

Aprendi Matemática também com meu pai. As terras que meu pai comprou não eram totalmente mecanizadas. Uma parte continha nós de pinho, o que impedia a entrada do maquinário. Meu pai propôs que recolhêssemos estes nós em um monte para depois ser recolhido e queimado no fogão a lenha. A cada 10 nós, ganharíamos uma bala. Assim que chegávamos da escola, recolhíamos os nós. Ao longo de quase seis meses tivemos a recompensa: um pote de balas.

Era de nossa responsabilidade também recolher os ovos no galinheiro. Ao final da tarde com a cesta de vime íamos felizes recolher os ovos que estavam nos ninhos. Minha mãe guardava muitos ovos duas vezes ao ano, para Páscoa e Natal. Eram as datas que fazíamos bolachas pintadinhas, que ficavam guardadas em latas em cima do armário de comida por muitos e muitos dias e que normalmente eram oferecidas quando tínhamos visitas.

Ocorreu-me, ainda, nesse momento de rememoração de fatos, outra situação em que a Matemática não era uma mera área do conhecimento, mas parte

integrante da vida. Em uma ocasião apareceu no sítio um homem querendo comprar canarinhos. Ofereceu-me cinco gaiolas e as instruções. Deveria armar as gaiolas nas árvores como arapuca, cuidar dos canarinhos presos e aguardar o dia de seu retorno. Pagaria por passarinho apanhado. Com o dinheiro, pude comprar meus doces preferidos na venda da Dona Lurdes. Mas essa parte da minha vida foi curta porque alguém, não me lembro se meu pai ou minha mãe, com suas experiências de vida, proibiram-me sem muitas explicações. Entreguei as gaiolas com as instruções e me livreí do peso da consciência de aprisionar os canarinhos.

Na adolescência era um sucesso na Matemática. Era só executar. As únicas dúvidas eram se a conta era de “mais”, “menos”, “vezes” ou “dividir”.

Aos quinze anos fui professora em uma escola rural multisseriada. Experiência que me acrescentou responsabilidade e fomentou o desejo de estudar. Na prática, interagindo na sala de aula, observando que meus alunos estavam desejosos pelo aprender e eu não sabia ensinar. Ali naquela minúscula sala que se dividia entre alunos e pacotes de merenda, eles foram aprendendo uns com os outros e com os livros didáticos que eram os únicos que tínhamos na sala.

O desafio de ensinar a ler não era maior que o desejo de ver meus alunos aprovados no exame de leitura no final do ano. Este fato marcou minha trajetória profissional e de formação. Com apenas 15 anos, tinha sobre minha responsabilidade 8 alunos de primeira série, 4 de segunda, 4 de terceira e 4 de quarta série. O primeiro curso de formação que participei como professora foi em 1985, sobre Alfabetização. Neste curso, pela primeira vez, eu pensei na seriedade do processo de alfabetização e percebi que para ensinar não bastava boa vontade. Era preciso conhecimento sobre isso. Foi ali que comecei a pensar e me questionar como as crianças aprendem e como o professor pode ensinar para que elas aprendam. E após o curso, empenhei-me em aplicar exatamente o que havia aprendido, esperando o resultado. E ele veio. Sete dos oito alunos foram aprovados no exame de leitura. Leram um parágrafo. Só não sei se compreendiam, se interpretavam e se conseguiam pensar além do texto.

E a Matemática no curso de Pedagogia? Acrescentou experiências sobre como trabalhar os conteúdos. E, aqui, um comentário à parte. A professora infelizmente trazia terror à disciplina com seu jeito indelicado no trato com os alunos e isso, naturalmente, influenciou muito no meu aprendizado. Minhas memórias em relação à Matemática trazem algumas marcas amargas de alguns professores.

Nas minhas atuais observações como pedagoga, na rede estadual, na atuação com crianças e adolescentes de 6º ao 9º e Ensino Médio percebo que as experiências em relação à Matemática, seja pela dificuldade ou pela falta de afinidade, os faz manifestar sentimentos de aversão.

Ao ouvir suas dúvidas e conflitos em relação à Matemática, como também na escuta aos professores que dizem que os alunos não sabem a Matemática básica, percebo que não há diálogo de alguns professores com seus alunos sobre o que estão fazendo, nem sobre o significado daquilo que realizam. Suas ações são mecânicas, de cópia de perguntas e respostas. Não há espaço para que o significado da Matemática seja discutido, como também não há espaço para que as crianças possam expressar sua compreensão e suas ideias. Não há por parte de alguns professores atitude para entender como seus alunos raciocinam e compreendem esta linguagem e, de outro lado, os alunos se mostram desinteressados em aprender. Tenho presenciado tais atitudes ao longo de minha vida escolar, bem como no decorrer de minha formação e na minha atual experiência profissional.

Ao realizar o exercício de escrita de minhas lembranças me ocorreu se meus irmãos possuem lembranças similares, ou se são apenas lembranças minhas construídas à parte ao longo da vida. Pensar sobre minhas próprias lembranças é compreender que o ato de lembrar é sempre pessoal. Os aspectos que narrei a respeito das histórias da minha infância, não são os mesmos que narram meus irmãos e meus colegas da escola. Mesmo que tenhamos vivido no mesmo contexto, para cada um marcou de uma determinada maneira.

Identifico-me nessa história que narro. Identifico o que penso sobre quem eu era quando criança. Os aspectos da vida que minha memória guardou do meu passado e que se realiza na minha identidade atual, é de que é possível ver a história não só como retrospectiva, mas como prospectiva. Ao narrar penso em quem eu era, quem hoje sou e quem eu gostaria de ser no futuro.

...nós construímos e reconstruímos nossos eus constantemente para satisfazer as necessidades das situações com que nos deparamos, e fazemos isso com orientação de nossas memórias do passado e de nossas esperanças e medos do futuro. Falar de si mesmo é como fabricar uma história sobre quem e o que somos, o que aconteceu e por que fazemos o que estamos fazendo (BRUNER, 2014, p. 74).

Pensar sobre as questões que envolvem a Matemática nas séries iniciais

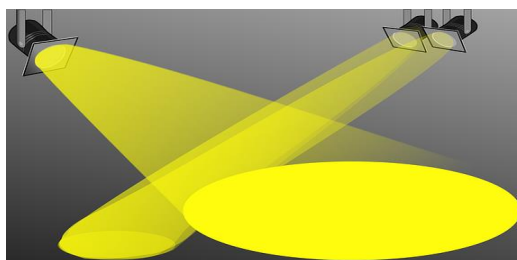
trouxe-me à memória lembranças de minha formação, tanto no contexto familiar e escolar como da minha relação com a Matemática. Ao escrever sobre isso, tive a oportunidade de refletir sobre os temas que hoje pesquiso e estudo, os quais são inquietações que me acompanham desde a infância e me fazem questionar sobre a importância do meu processo de formação para as questões atuais, sobre as quais me debruço para pesquisa. Indago-me então se minhas experiências contribuem para reflexão das práticas educativas de outras pessoas, além das minhas. É possível uma pesquisadora da linha de Alfabetização Matemática discutir sobre estas questões partindo de suas dúvidas e dificuldades?

Eliana Yunes (2009), no livro “Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados” afirma que

O que lembramos, seletivamente, lembra quem somos, quem “estamos sendo”, ao nos constituir como seres de histórias. Se vamos organizando nossas experiências, mesmo inconscientemente, por nossa capacidade de falar delas, de rememorar-las, é possível constituirmos um acervo de vida que inclua as histórias que acompanhamos, seja no cotidiano, seja nas leituras. Algo novo nos atravessa quando lemos/ouvimos novas e velhas histórias, capazes de nos co-mover em diferentes planos, do afetivo ao intelectual. Nós dizemos expressões como “saí do lugar”, ou “caí da cadeira”, tomados por experiências que não vivenciamos diretamente, por meio de um filme, de uma peça de teatro, de um livro, em narrativa de um acontecimento. É um bom começo para nos deixarmos tocar transformando-nos em receptores ativos das coisas do mundo, da cultura (YUNES, 2009, p. 19).

Rememorar as experiências de ontem e hoje dá uma sensação de continuidade e de que somos constituídos pelo que vivemos e experimentamos. Pensando na nossa história, que ela se (re) escreve como foi a vida na infância com a família, a escola, os jogos, as brincadeiras, as canções e histórias favoritas, “Passamos a ter o que contar e o que trocar com os outros, cujas histórias são diversas das nossas” (YUNES, 2009, p. 24).

Cena 2



Minha história com Vigotski

Em 1996 quando fui trabalhar como professora de teatro e teatro de animação com crianças e adolescentes em uma organização não governamental (ONG), em uma das oficinas de teatro com as crianças e adolescentes, estes representaram a compreensão que tinham do mundo e aquilo que eles entendiam como sendo possível modificar (HARTMANN e CARBELLO, 2003). Essas ideias foram organizadas por eles em um espetáculo intitulado Quero o mundo assim. O propósito era mostrar o mundo que eles queriam e o que fariam para vê-lo ser dessa forma. No primeiro momento da oficina onde discutiram a respeito do mundo em que vivem, trouxeram muitas histórias que os desagradava. Entre essas, as histórias do “eu não sei” ou “eu sou burro mesmo” ou “eu não aprendo”, era muito acentuado e o fato de não aprenderem, estava relacionado ao ler e escrever e a Matemática era o conflito maior. Tudo isso associado à falta de diálogo e o medo dos professores de Matemática.

Quando os questioneei a respeito do mundo que querem e o que poderia ser feito para mudar um pouco essa realidade, os alunos disseram querer professores mais humanos, mais preparados, que ensinassem aquilo que ainda não sabiam e que não fossem punidos por não saberem. Segundo eles, os professores se irritavam com o fato de não saberem determinado conteúdo. O que não conseguiam entender, se era um assunto tão importante porque os professores não ensinavam?

Em 2009 como já mencionei, assumi o cargo de pedagoga na rede estadual e de fato pude observar as crianças e adolescentes de sexto ao nono se debatendo com a Matemática, e professores e alunos impacientes. Ao tomar

conhecimento do projeto político pedagógico da escola fundamentado segundo dito, nas ideias de Vigotski, interessou-me em ver na prática como as coisas ocorriam. Para minha surpresa, as histórias eram similares às aquelas que tinham contado nas oficinas de teatro. O aluno que não aprendia continuava culpado, ou porque tinha algum laudo; ou porque lhe faltava o laudo pela negligência dos pais; ou porque não se interessava; ou porque não tinha vontade ou porque era preguiçoso, ou porque era mal-educado. Sempre havia um por que nas falas dos professores. Diante disso, com propósito de compreender aspectos do processo de ensino e aprendizagem sob a ótica da teoria Histórico-Cultural, realizei algumas leituras sobre Vigotski.

A mesma história de aluno que não aprende vivi na minha família. Meu irmão mais velho nasceu a fórceps e isso lhe custou parte do cérebro que lhe deu o título de bobinho, atrasado e ainda outros termos pejorativos ao longo de sua vida. As condições biológicas determinaram quem foi meu irmão até pouco tempo atrás. Passei a vida achando que meu irmão não era capaz de aprender, porque assim ouvi dizer. A história de exclusão a respeito de meu irmão não é assunto para essa dissertação, mas me ocorreu a ideia de que minhas convicções a respeito de ensino e aprendizagem se modificaram a partir de um documentário produzido pela BBC, sobre uma escola que fica perto de Moscou em uma cidade chamada Zrkharkov. As borboletas de Zagorski¹⁰, título do documentário, narra a história de uma escola que trabalha a partir das ideias de Vigotski, com crianças cegas, surdas e mudas (DINIZ, 2014). Em uma entrevista dada a Zóia Prestes, a filha de Vigotski, Guita Lvovna Vigodskaja informou que se trata da primeira instituição no mundo para crianças cegas, surdo e mudas em Rharkov. Fundada por Afanasievitch Sokolianski, comissário da educação na Ucrânia. Escola muito bem equipada, destruída no período da guerra pelos fascistas e depois reconstruída (PRESTES, 2010a).

Minha reflexão a partir desse, foi de que se era possível aprender sem ouvir e sem ver, meu irmão que vê e ouve poderia também aprender. Isso me impulsionou a estudar as ideias de Vigotski. Quando li a entrevista de Guita, filha de Vigotski (PRESTES, 2010a), soube que Natacha Krilatova também

10 BBC TV. As borboletas de Zagorski. (Documentário) Série Os Transformadores. Direção: Ann Paul. Produção de Michael Dean. Narração: Michael Dean. Roteiro: Michael Dean. Londres. 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KxEaHMxi7wE>

surda e cega, que tinha sido educada nesta escola, ocupou-se da educação e da instrução de suas filhas que enxergam, falam e ouvem e isso me impactou sobremaneira, pois fiquei pensando tanto nas possibilidades que eu tenho para aprender, ensinar, quanto meu irmão.

Naquele momento, fez sentido uma situação que ocorreu ainda em 1996 na organização (ONG) quando os professores discutiam ideias sobre a Educação Infantil e se referiam a Piaget e Vigotski como sendo fundamentos da proposta pedagógica da Secretaria de Educação do município com a qual a ONG mantinha convênio técnico financeiro. No embate de ideias, não tínhamos na prática a efetivação nem da proposta da prefeitura e nem da instituição que discutia temas relacionados ao planejamento estratégico participativo. Em uma das reuniões pedagógicas perguntei qual era a diferença entre Vigotski e Piaget. A resposta que obtive é de que Vigotski é mais o social e Piaget mais as questões internas do indivíduo. Aquela resposta para uma leiga no assunto resumia suas teorias.

Ao ingressar no curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá (UEM), tive contato com ambos os autores, mas não me dediquei a um estudo aprofundado de nenhuma de suas obras muito menos de suas ideias. Ainda enquanto cursava Pedagogia assumi a coordenação do planejamento estratégico participativo nessa organização, e uma das primeiras atividades propostas foi a de coordenar as discussões para elaboração do primeiro projeto político-pedagógico, em parceria com a equipe do comitê de gerenciamento. Para isso, convidei a professora Dra. Anair Altoé, professora de Didática no curso de Pedagogia e minha orientadora em um projeto de extensão de formação de contadores de histórias, para nos orientar neste processo. Suas considerações foram válidas, mas a autonomia e a dinâmica laborativa dos profissionais da ONG trouxeram vários autores para discussão. Foi um período de grande aprendizado. O intuito era de que alguns daqueles autores tivessem algo em comum com o que fazíamos e pensávamos naquele momento.

Ao definirmos quem seriam os autores Carl Rogers, Gardner e Paulo Freire, nos quais fundamentaríamos nossas ações, uma de minhas professoras da Pedagogia disse querer ver na prática essa escola ou organização, pois segundo essa professora, não poderia haver diálogo entre esses autores

porque o fundamento filosófico destes era diferente. Sua fala para nós naquele momento não teve lógica. A escolha dos autores se resumia em querer que dados aspectos de suas teorias fosse parte de nossas ações. Em Carl Rogers buscávamos a inspiração para formação de uma equipe de professores mais humanos, de Gardner queríamos desenvolver as inteligências dos nossos educandos e de Paulo Freire uma educação que nos libertasse dos diferentes tipos de opressão. Mas a medida em que fui estudando e aprofundando minhas leituras em Vigotski fui entendendo o processo educativo de um outro modo, inclusive de compreender esse momento vivido na ONG, quando meus conhecimentos ainda eram limitados para uma discussão de cunho mais teórico.

Em 2010 ao retornar¹¹ a ONG retomamos as discussões do projeto político pedagógico e influenciada pelas ideias de Vigotski, organizamos um grupo de estudo para compreensão do processo de ensino e aprendizagem e ele acabou substituindo os autores até então em vigência. Naquele momento minhas convicções se pautavam que todo sujeito é capaz de aprender e que o professor pode sempre aprender com as experiências de seus alunos e combinar estratégias de ensino até que os alunos aprendam.

Ao final de 2012 fui selecionada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), para atuar como formadora no Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), as formações em 2013 iniciaram com a Língua Portuguesa e em 2014, no segundo ano, o foco foi em Alfabetização Matemática. Com intuito que houvesse continuidade do trabalho iniciado em 2013, o MEC manteve os formadores de língua e ampliou as vagas para ingresso de Formadores da área da Matemática. Assim permaneci como Formadora no segundo ano do programa, atuando em conjunto com a de Matemática. “A proposta de formação visa a dar continuidade ao trabalho iniciado no primeiro ano do programa, procurando ampliar a equipe de Professores Formadores, que agora pode contar com especialistas de ambas as áreas, que devem trabalhar de forma conjunta” (BRASIL, MEC, 2014, p. 15). Na sequência matriculei-me na disciplina de Alfabetização Matemática ofertada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática

11 Em 2004 me desliguei da instituição e retornei em 2010 para a mesma função.

da Universidade Federal do Paraná e me empenhei na leitura do referencial e também na leitura dos cadernos das formações.

O material utilizado nas formações foi elaborado por pesquisadores de diversas áreas para contribuir na formação presencial dos professores alfabetizadores e orientadores de estudos para ampliar o diálogo do trabalho com a Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento bem como apresentar metodologias de trabalho nesta perspectiva, que atendam os direitos de aprendizagem neste ciclo (BRASIL, 2014). A diversidade de opiniões teóricas presente nos cadernos expressa nas vozes dos diferentes autores que optaram por denominar os diferentes fundamentos teóricos como pressupostos e o fundamento mais abrangente é o da Educação Matemática, que compreende como área de pesquisa ancorada em trabalhos de sala de aula e nas vozes dos professores, isto é, em relatos de suas experiências. O intuito do material era de favorecer a reflexão e contribuir na prática dos professores no processo de tornar prático a Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento.

Nos primeiros encontros com os orientadores¹² de estudo, estes apresentaram a suposta necessidade que teriam os alfabetizadores de um fundamento teórico que norteasse as discussões em torno da alfabetização, mas como o material não apresenta um único, norteou importantes discussões em torno da Alfabetização Matemática, tendo a Educação Matemática como pressuposto fundamental, ancorada nos trabalhos de sala de aula e nos relatos de experiências dos professores. Foi observável nos grupos de orientadores, independentemente de sua posição teórica presente em seu discurso a respeito prática, o interesse que a formação de leitores e escritores fosse destaque das discussões nas formações e que isso se efetivasse na prática dos alfabetizadores e das crianças no processo de ensino e aprendizagem.

Com esse histórico das relações apresentadas com a Matemática vivenciadas por mim e também relatadas pelos professores em suas narrativas que propus o projeto para ingressar no mestrado “Alfabetização Matemática: alterações e permanências das atitudes dos professores com relação à

12 Esses orientadores selecionados pelos municípios por sua vez organizam as formações para os professores alfabetizadores de seus municípios que atuam no primeiro ciclo de alfabetização (BRASIL, 2014a).

matemática escolar a partir de um curso de formação continuada no âmbito de uma política pública”, o objetivo era investigar em que aspectos um curso de formação continuada no caso o PNAIC contribuiria para alterações e permanências de atitudes dos professores com relação à matemática escolar a partir das histórias contadas por seus alunos. Na ocasião da entrevista com a banca, o professor Carlos me questionou o que fazia uma única frase de Vigotski perdida nas dez páginas do projeto. A frase que havia selecionado para colocar no projeto era “Vygotski (2004) afirma que sem oportunidades apropriadas de aprendizagem, é muito difícil e pouco provável que o potencial superior se manifeste”. Refletindo a esse respeito e também a respeito da minha trajetória estudantil surgiu um segundo título para o projeto: Alfabetização Matemática: como foi, é e poderá ser na perspectiva do letramento.

Ao me dedicar as leituras a respeito da teoria Histórico-Cultural, cada texto, cada livro, cada tema do qual tenho tido oportunidade de ler e estudar, o meu olhar sobre o processo de aprendizagem, sobre a criança está se modificando. Provavelmente continuará depois do mestrado pois sua obra é vasta e não darei conta de apresentar todos seus temas como também em discuti-los.

O primeiro texto que reli, por sugestão do meu orientador professor Dr. Carlos Roberto Vianna, foi “Pensamento e Palavra” que está no livro *A construção do Pensamento e da Linguagem* tradução de Paulo Bezerra (2001), pela dificuldade na leitura e da necessidade de aprofundamento cursei a disciplina “Desenvolvimento afetivo-cognitivo e aprendizagem na visão Histórico-Cultural de Vygotsky” ministrada pelas professoras Denise Camargo e Fátima Minetto no Programa de mestrado em Educação na UFPR. A professora Denise, uma estudiosa de Vigotski, apresentou Harry Daniels (2002); Kozulin (2002); Minick (2002), como em especial as Obras Escogidas. Deparei-me com uma vasta obra científica, produzida em um período tão curto de sua existência, mas com efeito tão prolongado. Mais de 80 anos após sua morte suas ideias continuam atuais.

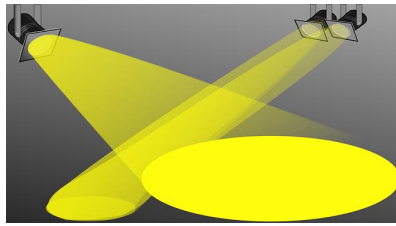
Meu orientador, me enviou a tese de doutorado de Zóia Prestes (2010b) e a partir da leitura, fiz algumas constatações. A primeira, é de que minhas leituras a respeito de Vigotski tinham alguns problemas, pois de acordo

com Prestes (2010b), as traduções e também os cortes nas obras do inglês para o português traziam problemas à sua obra, além dos trechos que eram censurados na Rússia, tinha também os cortes via Estados Unidos da América.

Em sua tese, Prestes (2010b), fez um exame da atividade de tradução do pensador soviético Lev Semionovitch Vigotski e uma análise de algumas traduções no Brasil com problemas de adulterações de conceitos que comprometem suas ideias. Em sua pesquisa fez um amplo levantamento bibliográfico, entrevistou várias pessoas entre elas, como já mencionado a entrevista com a filha de Vigotski, Guita e alguns estudiosos da teoria Histórico-Cultural (netos de Leontiev). A pesquisadora demonstra como certos equívocos podem ser comparados entre os textos de diferentes traduções e o quanto isso comprometeu as ideias de Vigotski. Kozulin (1994), também menciona a dificuldade nas traduções. A partir de então passei a tomar certo cuidado com as traduções e me empenhar na leitura de textos em espanhol.

Para entender um pouco mais o pensamento desse autor e a relevância de suas ideias na atualidade e com a temática que propus nessa dissertação, organizei um estudo sobre o contexto histórico em que Vigotski nasceu, viveu e onde sua teoria foi gestada e para qual contexto. Para conhecer um pouco da infância de Vigotski e de sua vida acadêmica e profissional encontrei dados relevantes na entrevista feita pela pesquisadora (PRESTES, 2010a), com a filha de Vigotski e também em sua tese já anteriormente citada (PRESTES, 2010b). Ainda outros autores como Susana Inês Molon da Universidade Federal de Santa Catarina (MOLON, 2011); o grupo de pesquisadores da universidade Estadual de Maringá (SILVA; CAMBAÚVA); (TULESKI, 2008 e 2009), contribuíram também para compreensão do contexto socioeconômico, político no qual viveu Vigotski assim como (VEER e VALSINER, 2013).

Cena 3



Em Cena Vigotski e sua teoria Histórico-Cultural

Lev Semionovitch Vigotski nasceu em Orsha em 1896 e mudou com seus pais, ainda bebê para Gomel. De acordo com Molon (2011), vivia em uma situação familiar privilegiada tanto intelectual, quanto social e financeira. Aprendeu a gostar de poesia com a sua mãe que era uma mulher culta e apaixonada por poesia, falava vários idiomas e fez uma opção de cuidar do lar e dos oito filhos entre eles, Vigotski. Sua família, era considerada uma das mais cultas de Orsha. O ambiente doméstico era equilibrado, culturalmente motivador e intelectual. Seu pai preocupado com a cultura influenciou a abertura da biblioteca de Gomel.

Vigotski sabia alemão, grego e latim. Fazia leituras em hebraico, francês e inglês. A biblioteca doméstica possibilitava a leitura individual e discussão de ideias em pequenos grupos na família na hora do chá e também na presença de um tutor (Molon, 2011). Salamon Ashpiz foi o tutor de Vigotski e tinha “como princípio pedagógico o desenvolvimento espontâneo do pensamento de seus alunos e, como exigência para tal método, só lidava com alunos bem-dotados, bem formados, e com profunda capacidade para desenvolver seus potenciais específicos” (MOLON, 2011, p. 30).

Aos quinze anos participava de seminários onde refletia a respeito dos problemas da Rússia Czarista que antes da Revolução de 1917 era controlada pelo absolutismo na figura do Czar Nicolau II. Era uma autocracia. Em relação à Europa o país era muito atrasado. A igreja possuía muitos privilégios e era ela quem monopolizava o ensino. Os camponeses eram explorados de forma quase feudal. Havia poucas indústrias. De um lado existiam os resquícios de um regime feudal representado pelo czarismo e de outro o capitalismo imperialista. “País camponês, sinônimo de pobreza, ignorância e atraso e onde

o proletariado industrial era apenas uma minúscula minoria, mesmo que estrategicamente localizada” (TULESKI, 2008, p. 73).

As ideias de Marx chegam à Rússia e não são censuradas, porque a liderança da censura czarista achou que a obra não teria muita influência no país. No entanto, o povo segundo Prestes (2010b), influenciado pelas ideias marxistas organiza um partido político que tem forte atuação entre os trabalhadores. Em 1905 ocorre a primeira tentativa de realizar uma Revolução Socialista. Essa Revolução fracassa a princípio, mas também é a precursora da Revolução de 1917. Com a vitória o poder dos soviets de se instalar na Rússia, e muitos são os desafios que precisam ser enfrentados tanto na política, educação que era privilégio para poucos, a cultura e a economia.

Arrasada pelas guerras (mundial e civil) havia mais de dois milhões e meio de crianças abandonadas nas ruas e 90 % da população era analfabeta (PRESTES, 2010b). As teorias psicológicas presentes nesse contexto, não se diferenciavam das discussões da psicologia ocidental presentes no final do século XIX e XX, que se fundamentavam entre as tendências idealista, que tinha na Rússia e a psicologia objetivista que era basicamente mecanicista e reducionista.

De acordo com Molon (2011), após a Revolução de outubro de 1917, as tendências idealistas e introspeccionistas sofreram ataques severos, uma vez que a ciência oficial aderiu ao marxismo. Com este movimento revolucionário, a psicologia tinha que trazer respostas aos problemas enfrentados pela população como exemplo o analfabetismo, extrema pobreza, abandono de crianças, entre outros.

Os principais interesses de Vigotski eram o teatro e a literatura, além da linguística, línguas clássicas, filosofia e ainda discutia com seu primo, seu mentor intelectual, temas de interesse comum como “semiologia, os problemas linguísticos, a paixão pela poesia e pelo teatro” (MOLON, 2011, p. 30).

Seus pais queriam que o filho cursasse medicina pois no governo czarista, médicos e advogados tinham possibilidade de trabalho autônomo e que dava possibilidade de trabalho para os judeus, já que neste governo era negado ao judeu o direito de trabalhar (MOLON, 2011, p. 31). Após um mês de medicina cursada desinteressou-se pelo curso e matriculou-se na faculdade de direito. Paralelamente estudou Filosofia e História. Graduado em Direito pela

Universidade de Moscou em 1917, regressou à Gomel onde viveu até 1923 e lecionou literatura e psicologia na escola de magistério onde fundou o laboratório de psicologia da Escola de Magistério de Gomel (MOLON, 2011, p. 32).

Neste período em que permaneceu em Gomel produziu vários artigos. Seus projetos envolviam temas como pedagogia, estatística, literatura, arte e psicologia. Fundou a revista Veresk onde publicava assuntos sobre literatura de vanguarda e arte. Foi diretor da seção de teatro da Instituição pública da cidade (MOLON, 2011). Em 1916 fez sua monografia sobre a tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca que pode ser encontrada na obra Psicologia e Arte de 1925. Dedicava-se a leitura de Tolstoi, Dostoievsky, James, Espinoza, Freud, Marx, Engels, Hegel, Pavlov e outros (MOLON, 2011).

A teoria de Vigotski emergiu no contexto em que existia uma psicologia russa e uma psicologia social. Além da psicologia russa que existia no final do século XIX e XX, existia também a psicologia social que tinha como fundamento a filosofia social e a sociologia de inspiração durkheimiana. Nesse período conforme já sinalizamos havia um forte ataque aos enfoques idealistas e mecanicistas e se consolidava o Materialismo Histórico. No entanto as discussões retornam à pauta no período stanilista proibindo-se inclusive nas universidades da União Soviética, a filosofia social e a psicologia social.

Em função do lamentável estado em que se encontrava a psicologia em sua época, Vigotski, segundo Veer e Valsiner (2013), acreditava que não eram necessárias “novas abordagens” que descobrissem novos fatos, mas sim de conceitos ou caminhos para interpretação dos dados já reunidos. Para Vigotski, “cada conceito, embora abstrato, refere-se em última instância, a realidade. Não importa se lidamos com conceitos matemáticos ou filosóficos, eles referem-se, em última instância, à realidade concreta empírica” (VEER e VALSINER, 2013, p. 144).

Segundo Molon (2011), a teoria de Vigotski, fundamentada no marxismo se aproxima da psicologia social e se afasta da psicologia russa que era mecanicista e reducionista. Nesse contexto da psicologia social e psicologia russa, em 1924, Vigotski fez a primeira exposição de suas ideias em um congresso de Psiconeurologia na cidade de Leningrado, Rússia. Possuía uma excelente capacidade de oratória, e causou perplexidade aos ouvintes quando

no congresso apresentou sua comunicação sem apoio de um material escrito, buscando apenas na memória as informações e ideias. Segundo Molon (2011), “existia algo especial, hipnotizador, que atraía muita gente” (p. 33).

A teoria Histórico-Cultural foi elaborada para dar conta da distinção entre os processos inferiores e superiores conforme afirma Veer e Valsiner (2013). O cognitivo da criança e sua afetividade se constituem no entrelaçamento do seu entorno sociocultural com a incorporação das ferramentas culturais por meio da linguagem. No livro “Vygotsky e a pesquisa” Harry Daniels (2011), afirma que a escola cultural histórica de teoria social que se desenvolveu a partir de Vigotski enfatizava que as teorias são produto da cultura e da História.

De acordo com Daniels (2011), na Rússia as práticas de formação educacional e instrução escolar ocorriam nas famílias que tinham recursos. As crianças abandonadas nas ruas, pessoas sem teto estavam engajadas num mundo social mediado pelas culturas de rua. As condições sociais de isolamento, privação e marginalização os privavam de acesso às compreensões do legado cultural e maneiras de pensar, afirma Daniels (2011). Para Vigotski a cultura educacional existente tinha que ser modificada devido às novas transformações sociais que prevaleciam na Rússia. Para isso, “envolveu-se na elaboração de teorias psicológicas que ele e outros empregavam como ferramentas para o desenvolvimento de novas pedagogias para todos os aprendizes” (DANIELS, 2011, p. 14).

De acordo com Prestes (2010b), Vigotski em seu curto período de vida produziu muito e de forma intensa, deixando bastante desenvolvidas as bases de uma nova vertente teórica para o estudo da psicologia do homem, denominada, no início, psicologia instrumental e posteriormente e até os dias de hoje, de psicologia histórico-cultural (PRESTES, 2010b). A partir de 1920 começou a ter problemas de saúde. Em 1924, em Gomel, casou-se com Rosa Smekhova e teve duas filhas, Guita e Assia. Entre 1924 a 1934 produziu quase 200 publicações. Aos 38 anos, após uma hemorragia, aos 2 dias do mês de junho de 1934, morreu e foi enterrado no cemitério de Nova Devechii, em Moscou (MOLON, 2011).

A teoria Histórico-Cultural foi se configurando nesse contexto pós-revolucionário em que a sociedade russa procurava a compreensão deste novo

homem que inaugurava esta nova sociedade (MOLON, 2011). De acordo com Tuleski (2008), os problemas da revolução da sociedade russa de 1917, de certa forma foram os fatores que sugeriram a teoria de Vigotski.

Para entender a elaboração da teoria de Vigotski e os principais pressupostos da teoria em suas diferentes fases, encontrei base em Daniels (2002; 2011) e para apresentação de alguns temas desenvolvidos por Vigotsky me pautei nas discussões feitas por Minick (2002), que apresenta três fases na teoria e suas unidades de análise, como também Kozulim (2002) e Prestes (2010) que apresentam uma linha do tempo da vida profissional e de produção de Vigotski.

Para Minick (2002), a teoria de Vigotski pode ser dividida em três fases. De 1925 a 1930; 1930 a 1932 e 1932 a 1934. Na primeira fase (1925-1930), Vigotski teria se posicionado contrário às teorias existentes que tinham como foco de investigação a consciência, liderado por Chelpanov e as teorias de Pavlov e Bekhterev, para os quais a psicologia estudava o comportamento, a reação e os reflexos. Vigotski também criticava Kornilov que fazia uma síntese das teorias anteriores. A psicologia soviética com forte tradição europeia, de acordo com Kozulim (2002), “parecia totalmente reflexológica e permeada de citações aleatórias, e muitas vezes um tanto irrelevantes, de Marx, Engels e Lenin” (p. 114).

De acordo com Minick (2002) Vigotski compreendia o comportamento como uma organização social e cultural. Nesta primeira fase discutiu questões relacionadas a uma unidade analítica que chamou de ato instrumental. O ato instrumental é “a unidade básica das funções mentais superiores” (MINICK, 2002, p. 37). Os componentes fundamentais para origem das funções mentais superiores são os signos e os sistemas de signos, sendo a linguagem o mais importante. “Os signos desenvolvidos historicamente dotam os humanos de uma forma única de estímulos que eles podem usar para influenciar ou controlar seu próprio comportamento” (MINICK, 2002).

A teoria Histórico-Cultural de acordo com Silva e Cambaúva (2009), propõe que para compreensão do mundo interno há que se compreender o mundo externo, pois as condições sociais expressam-se na constituição do que é particular. A objetividade se expressa na subjetividade. Essa relação entre a objetividade e a subjetividade permite a compreensão do homem na totalidade.

O homem como produtor da história cria e aperfeiçoa instrumentos que transformam o mundo objetivo e ao mesmo tempo essa história é apropriada por meio dos signos culturais que contribuem no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (SILVA; CAMBAÚVA, 2009).

De acordo com a teoria Histórico-Cultural, o mais importante para Vigotski, "era desvendar a natureza social das funções psíquicas superiores especificamente humanas" (PRESTES, 2010b, p. 36). As funções psíquicas se expressam por dois planos. O primeiro o interpessoal ou interpsíquico, isto é, o plano das relações entre os homens, os quais são internalizados, apropriados e dessa forma, o objetivo é subjetivado convertendo assim o processo externo em processo interno, passando a ser constitutivo da subjetividade do sujeito, intrapsíquico e intrapessoal o qual é o segundo plano das funções psíquicas.

Toda função psicológica ocorre primeiro em colaboração entre os homens, como categoria coletiva, interpsíquica e em seguida como meio de comportamento individual, como categoria intrapsíquica. "De modo significativo, essas funções mentais eram vistas como desenvolvendo-se não apenas através da experiência individual em interação social, mas através da transformação do comportamento social do plano intermental para o plano intramental" (MINICK, 2002, p. 39)

As interações entre as pessoas e com a cultura têm papel central neste desenvolvimento das funções psicológicas superiores tais como atenção, memória, abstração entre outras funções.

Na segunda fase de (1930-1932), o interesse de Vigotski se estabelecia no sistema psicológico. Suas principais discussões estavam relacionadas ao significado e função da palavra na comunicação; na relação entre pensamento e linguagem que se refletia no trabalho referente ao desenvolvimento do pensamento verbal; o papel do discurso egocêntrico e interior na mediação do pensamento; a mediação verbal dos processos de memória e a memória lógica; a origem da imaginação do jogo brincadeira e o significado das palavras e o desenvolvimento de conceitos, que teria ficado aberto em suas explicações nesta fase de sua vida (MINICK, 2002).

Para compreensão dos temas da segunda fase (MINICK, 2002), que foram discutidos pelo autor como significado e função da palavra na comunicação e também como objeto de comunicação na escola, encontrei

fundamento ainda em Daniels (2002 e 2011), no texto de Pensamiento y Palabra que está na *Obras Escogidas II* (VYGOTSKI, 2001b) e na tradução feita por Paulo Bezerra do texto “A construção do pensamento e da linguagem” (VIGOTSKY, 2001), assim como também nesses e em outros materiais a compreensão da relação entre pensamento e palavra, pensamento verbal, discurso egocêntrico e discurso interior, significados das palavras.

Os temas ainda abordados nessa segunda fase conforme sugerida por Minick (2002), a ordem da imaginação do jogo e da brincadeira já discutido na Explicação introdutória dessa dissertação momento em que discuti que o brincar é assunto principal das crianças e governa importantes mudanças nos processos psíquicos preparando-as para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento. Conforme fui me aprofundando na compreensão da teoria, fui percebendo que as etapas do desenvolvimento da brincadeira contribuem para o desenvolvimento das habilidades culturais de contar e escrever.

Ainda da segunda fase a respeito do tema desenvolvimento de conceitos utilizei o livro “A construção do Pensamento e linguagem” traduzido por Paulo Bezerra (2009), a obra “Psicologia Pedagógica” (VIGOTSKY, 2010) e da obra *La Psicología de Vygotski-Biografía de unas ideas- capítulo cinco Pensamiento y lenguaje de Alex Kozulin* (1994).

O processo de formação de conceito que de acordo com Minick (2002), teria ficado em aberto passa de acordo com (VIGOTSKY, 2009), por três estágios:

- Sincretismo desordenado
- Pensamento por complexos
- Conceito propriamente dito.

1 O primeiro estágio, sincretismo desordenado corresponde a formação da imagem sincrética ou amontoado de objetos e passa por três fases:

1.1 A primeira corresponde ao significado da palavra.

1.2 A segunda fase é primordial que a orientação não seja pelos vínculos objetivos que ela desvenda nos objetos, mas pelos vínculos subjetivos que a percepção lhe propõe;

1.3 A terceira é a fase em que “a imagem sincrética, equivalente ao conceito, forma-se em uma base mais complexa e se apoia na atribuição de um único significado aos representantes dos diferentes grupos, antes de mais nada daqueles unificados na percepção da criança” (VIGOTSKY, 2009, p. 177).

2 No segundo estágio, pensamento por complexos, a criança unifica objetos concretos diferentes em grupo comum e o nome de família é a lei básica de construção de complexos “O universo de objetos isolados torna-se organizado por ela pelo fato de tais objetos se agruparem em” famílias” interligadas” (VIGOTSKY, 2009, p. 180). O complexo é a generalização do tipo, mas diverso ou a unificação de objetos heterogêneos concretos e se baseia nos vínculos fatuais diversos sem nada comum entre si. “O complexo se baseia em vínculos fatuais que se revelam na experiência imediata. Por isso ele representa, antes de mais nada, uma unificação concreta com um grupo de objetos com base na semelhança física entre eles” (VIGOTSKY, 2009). Vigotski estabeleceu para fundamentar as generalizações cinco fases básicas do sistema do complexo que surgem na cabeça das crianças.

2.1 A primeira fase Tipo associativo no qual as palavras deixam de ser denominações de objetos isolados e passam a ser de família. “Chamar um objeto pelo respectivo nome significa relacioná-lo a esse ou àquele complexo ao qual está vinculado” (VIGOTSKY, 2009, p. 182).

2.2 na segunda fase, a criança opera com coleções de objetos, isto é, opera com um conjunto na qual unifica por via associativa, as diferentes características e faz de todos eles a base da coleção. Vigotski apresenta modelos complexos- coleções naturais que a criança encontra no dia a dia como “um copo, um prato e uma colher; um conjunto para o almoço formado por um garfo, uma colher, uma faca e um prato; a roupa que a criança usa” (VIGOTSKY, 2009, p. 184). Esses objetos concretos formam um todo único composto de partes heterogêneas. A fase de Coleções trata-se de uma longa fase do desenvolvimento do pensamento infantil com raízes na vivência das crianças.

2.3 A terceira fase de ascensão da criança para o domínio de

conceitos, do segundo estágio por complexos se refere ao complexo em cadeia o qual “se constrói segundo o princípio da combinação dinâmica temporal de determinados elos em uma cadeia única e da transmissão do significado através de elos isolados dessa cadeia” (VIGOTSKY, 2009, p. 185). O exemplo citado por Vigotski “Se a amostra experimental é um triângulo amarelo, a criança pode escolher algumas figuras triangulares até que sua atenção seja atraída pela cor azul de uma figura que tenha acabado de acrescentar ao conjunto; passa, então, a selecionar figuras azuis, por exemplo, semicirculares, circulares, etc.” (VIGOTSKY, 2009, p. 185).

É a escolha da criança por uma determinada amostra com um ou vários objetos associados em algum sentido e na sequência reúne os objetos em um complexo único guiada por um traço secundário do objeto inicialmente selecionado, traço este que está fora da amostra. “O primeiro e o terceiro elementos podem não ter nenhum vínculo entre si, mas os dois estão vinculados ao segundo cada um conforme seu traço” (VIGOTSKY, 2009, p. 187).

2.4 A quarta fase é o complexo difuso no pensamento da criança o qual propõe uma disposição ordenada de objetos, isto é, “uma combinação familiar de objetos” (VIGOTSKY, 2009, p. 189). Os objetos concretos ao serem combinados através de vínculos difusos e indefinidos parecem se tornar difusos, indefinidos e também confusos. O exemplo citado por Vigotski

A criança escolhe para determinada amostra um triângulo amarelo não só triângulos, mas também trapézios, uma vez que eles lhe lembram triângulos com o vértice cortado. Depois, aos trapézios juntam-se os quadrados, aos quadrados os hexágonos, aos hexágonos os semicírculos e posteriormente os círculos. Como neste caso se dilui e se torna indefinida a forma tomada como traço básico, às vezes também se diluem as cores quando o conjunto tem por base um traço de cor difuso. Depois dos objetos amarelos a criança escolhe objetos verdes, depois dos verdes, azuis, depois dos azuis, pretos (VIGOTSKY, 2009, p. 188).

O fato de ser um pensamento complexo completamente sem limites, ele é um traço importante nas condições naturais do desenvolvimento da criança.

2.5. Para concluir a forma de pensamento por complexos resta ainda a

quinta e última fase que é o complexo de pseudoconceito o qual tem grande importância no pensamento experimental e vivo da criança (VIGOTSKY, 2009). O complexo de pseudoconceito é denominada dessa forma, porque a generalização que se forma na mente da criança ainda que “fenotipicamente semelhante ao conceito empregado pelos adultos em sua atividade intelectual, é muito diferente do conceito propriamente dito pela essência e pela natureza psicológica” (VIGOTSKY, 2009, p. 190). Denomina-se de pseudoconceito porque externamente se tem um conceito e internamente um complexo.

Essa fase é transitória para o estágio de formação de conceitos. O pseudoconceito "coincide com o conceito e de fato abrange o mesmo círculo de objetos concretos que abrange o conceito. Estamos diante de uma sombra do conceito, do seu contorno" (VIGOTSKY, 2009, p. 195). O círculo das formações complexas no qual adultos e crianças estão inseridos, pela via do discurso, os significados que se repetem de maneira contínua fixa as vias de desenvolvimento de generalizações das crianças, estabelecendo o círculo das formações complexas. Os significados são dados pelos adultos, não é a criança que escolhe. No processo de comunicação entre ambos, a criança já encontra os complexos construídos no discurso do adulto. A criança "não é livre para escolher os elementos concretos particulares, inclusive esse ou aquele complexo. Ela já recebe em forma pronta a série de objetos concretos generalizada por aquela palavra" (VIGOTSKY, 2009, p. 196).

A criança não cria a sua própria linguagem, mas ela assimila a dos adultos que estão a sua volta e assim também não cria por si mesma, complexos que correspondam ao “significado das palavras, mas os encontra prontos, classificados com o auxílio de palavras e denominações comuns” (VIGOTSKY, 2009, p. 196). A palavra é o meio de comunicação entre os adultos e as crianças e nessa comunicação com o auxílio de palavras que “surge certo significado da palavra que se torna portadora de conceito” (VIGOTSKY, 2009, p. 197). O diálogo com os adultos é um poderoso meio para o desenvolvimento dos conceitos infantis.

É imperceptível para a criança a passagem do pensamento por complexos para o pensamento por conceitos, pois os pseudoconceitos coincidem com os conceitos dos adultos. A criança opera com conceitos na prática antes de assimilá-los. “O conceito “em si” e “para os outros” se

desenvolve na criança antes que se desenvolva o conceito “para si”. O conceito “em si” e “para os outros”, já contido no pseudoconceito, é a premissa genética básica para o desenvolvimento do conceito no verdadeiro sentido da palavra" (VIGOTSKY, 2009, p. 199).

3 O pseudoconceito encerra o segundo estágio no qual o desenvolvimento do pensamento infantil ocorre por complexos e inicia o terceiro estágio do desenvolvimento do pensamento infantil do concreto ao abstrato

Mas o conceito, em sua forma natural e desenvolvida, pressupõe não só a combinação e a generalização de determinados elementos concretos da experiência, mas também a discriminação, a abstração e o isolamento de determinados elementos e, ainda, a habilidade de examinar esses elementos discriminados e abstraídos fora do vínculo concreto fatural em que são dados na experiência (VIGOTSKY, 2009, p. 220).

Desenvolver a decomposição, a análise e a abstração são a função deste terceiro estágio da evolução do pensamento infantil, o qual também se divide em fases. Sendo que a primeira é muito próxima do pseudoconceito e a segunda trata dos conceitos potenciais os quais tem um papel importante na evolução dos conceitos infantis.

Esse papel consiste em que, pela primeira vez, abstraindo determinados atributos, a criança destrói a situação concreta, o vínculo concreto dos atributos e, assim cria a premissa indispensável para uma nova combinação desses atributos em uma nova base. Só o domínio do processo de abstração, acompanhado do desenvolvimento do pensamento por complexos, pode levar a criança a formar conceitos de verdade (VIGOTSKY, 2009, p. 226).

Segundo Vigotski, se observarmos os significados das palavras proferidas pelas crianças observaremos que elas se aproximam dos conceitos potenciais os quais assim o são por sua referência prática a um círculo estabelecido de objetos e pelo processo de abstração que lhe serve de base. Os conceitos potenciais ainda não são conceitos, são possibilidades de serem conceitos “Esses conceitos potenciais assim permanecem em dada fase do seu desenvolvimento, sem se transformar em um verdadeiro conceito”

(VIGOTSKY, 2009, p. 226).

A formação do verdadeiro conceito cabe à palavra. A análise de desenvolvimento de conceitos de acordo com Minick (2002), não pode estar dissociada da análise do desenvolvimento do significado das palavras. A palavra é fundamental na formação de conceitos, pois os meios para formação de conceitos estão na palavra. Para Vigotski no empreendimento científico, “no começo estava a “palavra” e que a palavra é teoria ou ciência em uma forma embrionária” (VEER; VALSINER, 2013, p. 144). Com a palavra que a criança “orienta arbitrariamente a sua atenção para determinados atributos, com a palavra ela os sintetiza, simboliza o conceito abstrato e opera com ele como lei suprema entre todas aquelas criadas pelo pensamento humano” (VIGOTSKY, 2009, p. 226).

A palavra que está sempre em evolução que associada à imagem, formam as ideias. Primeiramente temos a imagem do objeto o associamos à palavra, depois o analisamos, sintetizamos as suas propriedades, comparamos, generalizamos para poder abstrair formando assim nossas ideias.

O uso infantil sumamente precoce das palavras que no discurso do adulto substituem o pensamento abstrato em suas formas abstratas não tem, de maneira nenhuma, o mesmo significado no pensamento da criança. Lembremos que as palavras da linguagem infantil coincidem com as palavras dos adultos por sua referência concreta mas divergem delas pelo seu sentido, e por essa razão não temos nenhum fundamento para atribuir a uma criança, que usa palavras abstratas, também pensamento abstrato (VIGOTSKY, 2009, p. 235).

A ideia é o fundamento do pensamento e quando o ser humano pensa, ele movimenta ideias. As ideias se constroem a partir da imagem palavra. “Das imagens e vínculos sincréticos do pensamento por complexos, dos conceitos potenciais e com base no uso da palavra como meio de formação de conceito surge a estrutura significativa original que podemos denominar de conceito na verdadeira acepção desta palavra” (VIGOTSKY, 2009, p. 239).

De acordo com Minick (2002) para Vigotski a análise de desenvolvimento de conceitos teria que estar associada ao desenvolvimento do significado das palavras. No entanto, de acordo com Vigotski a função primária da palavra é indicativa, ela indica determinado atributo e esta função é anterior

a função significativa (VIGOTSKY, 2009). O significado das palavras não é se não uma generalização ou conceito “Uma generalização é o resultado de um emprego funcional da palavra, enquanto outra surge como resultado de uma aplicação inteiramente diversa dessa mesma palavra” (VIGOTSKY, 2009, p. 227). Um conceito encerra nele vários outros conceitos. “Toda generalização, toda formação de conceitos é o ato mais específico, mais autêntico e mais indiscutível de pensamento” (VIGOTSKY, 2001, p. 398). Generalização e significado são sinônimos.

Em qualquer idade, um conceito expresso por uma palavra representa uma generalização. Mas os significados das palavras evoluem. Quando uma palavra nova, ligada a um determinado significado, é aprendida pela criança, o seu desenvolvimento está apenas começando; no início ela é uma generalização do tipo mais elementar que a medida que a criança se desenvolve, é substituída por generalizações de um tipo cada vez mais elevado, culminando o processo na formação dos verdadeiros conceitos (VIGOTSKY, 2009, p.246).

De acordo com as discussões apresentadas pelo autor, o desenvolvimento do conceito científico é estabelecido pela declaração verbal primária que, nas circunstâncias de um sistema organizado, descende ao concreto enquanto o desenvolvimento dos conceitos espontâneos ascende para as generalizações. "Ao usar o termo "conceitos científicos", Vygotsky se referia a conceitos introduzidos por um professor na escola; já conceitos espontâneos eram aqueles adquiridos pela criança fora de contextos em que a instrução explícita ocorria" (DANIELS, 2011, p. 29).

O conceito é, portanto, de acordo com Vigotski, um ato de generalização e evolui como evoluem os significados das palavras e a essência desse desenvolvimento é a transição de uma estrutura de generalização a outra “O conceito ou o significado da palavra evoluem e o próprio desenvolvimento é um processo complexo e delicado” (VIGOTSKY, 2009, p. 248). Um conceito expresso por uma palavra pela criança de qualquer idade representa uma generalização, primeiro mais elementar e depois mais elevado, culminado nos conceitos verdadeiros (VIGOTSKY, 2009). Nesse processo de desenvolvimento dos conceitos ou significados das palavras requer funções como “atenção arbitrária, a memória lógica, a abstração, a comparação e a discriminação” (VIGOTSKY, 2009, p. 246).

O conceito surge no processo de operação intelectual e esta operação é o uso funcional da palavra como meio de orientação arbitrária da atenção da discriminação, da abstração de atributos individuais e de sua síntese e simbolização com ajuda da palavra (VIGOTSKY, 2009). Portanto, o ensino dos conceitos de forma direta é impossível, torna-se uma assimilação de palavras vazias. “No momento em que a criança toma conhecimento pela primeira vez do significado de uma nova palavra, o processo de desenvolvimento dos conceitos não termina, mas está apenas começando” (VIGOTSKY, 2009, p. 250).

O aprendizado sistemático de conceitos científicos proporciona maior abstração do pensamento e um melhor controle das ações e estes saberes favorecem também o aprendizado em outras áreas (KOZULIN, 1994). A aprendizagem é a força orientadora no desenvolvimento dos conceitos “A aprendizagem é, na idade escolar, o momento decisivo e determinante de todo o destino do desenvolvimento intelectual da criança, inclusive do desenvolvimento dos seus conceitos” (VIGOTSKY, 2009, p. 262).

Na terceira e última fase de Vigotski, de acordo com (MINICK, 2002), fase que vai de (1933-1934), Vigotski não teria identificado um objeto analítico como fez na primeira fase que era o ato instrumental e na segunda, o sistema psicológico. Nesta terceira fase, descreveu a importância da conceitualização dos construtos psicológicos para o estudo do desenvolvimento psicológico em conexão com a interação social (MINICK, 2002, p. 55). A concentração está, portanto nos processos psicológicos e na interação social. Para Vigotski deveriam ser estudadas como uma unidade, a personalidade da criança e o ambiente. Para isso propôs uma unidade simples de análise, a experiência. A experiência seria o construto psicológico adequado, pois a experiência da criança em seu ambiente constitui sua personalidade e ao mesmo tempo sua experiência se dá no ambiente. Ao se relacionar com a realidade em seus diferentes aspectos, a criança vai adquirindo experiências.

Para Vigotski os processos psicológicos de exclusividade dos seres humanos têm sua fonte na experiência sociocultural historicamente desenvolvida e não em estruturas biológicas ou na aprendizagem do indivíduo isolado (MINICK, 2002). Neste período retornou a enfatizar como componente da prática social, a função comunicativa do significado das palavras. Para

entender o significado das palavras elas não podem ser divorciadas da sua função comunicativa.



Comentário final

Coringa 3

Como prosseguir nessa caminhada ao longo da pesquisa? Quem estaria disposto a contar suas histórias no palco dessa dissertação? Quem aceitaria o convite? Quem seriam os protagonistas desse jogo era o grande desafio. Como trazer à lembrança, aquilo que está guardado na memória dos professores? Como fazer falar quem sempre aprendeu a se calar? Como fazer professores contarem sobre suas relações com a Matemática, sabendo que o silêncio foi prioridade na educação por muito tempo e quiçá ainda não continua sendo? Como ouvir as crianças? A partir de qual situação desencadeadora elas falariam a respeito do que se quer saber, suas relações com a Matemática? Como fazer os formadores do PNAIC participarem desse jogo? Como fazer você espectador participar? Esses são os desafios para os próximos episódios.

CRIANÇAS A CAMINHO DO EPISÓDIO DE SUAS NARRATIVAS...**CORINGA 2**

ATENÇÃO, MAIS UMA TAREFA PARA REALIZAR. VEJAM O ENCARTE DE LIVROS E TENTEM SOLUCIONAR. DEPOIS DA TAREFA CONCLUÍDA SIGAM PARA O FINAL DO EPISÓDIO II, MAS ANTES, QUE TAL PROPOR DESAFIOS PARA A ATIVIDADE PROPOSTA COMO JOGO DO DESAFIO DE CONTAR HISTÓRIAS COM A MATEMÁTICA? OU LER A HISTÓRIA DA MARIA?



PAINÉL DE PROBLEMAS

COMPOSIÇÃO SIMPLES

No encarte há 6 livros que trazem na capa a foto de Vigotski e 9 não. Quantos livros há ao todo no encarte?

Transformação simples

Os livros representados no encarte são da pesquisadora Iloine. Ela comprou mais 7 livros. Quantos livros tem agora?

Composição de uma parte desconhecida

No encarte há 15 livros, 11 escritos em Língua Portuguesa e os outros em espanhol. Quantos livros escritos em espanhol há no encarte?

CAMPO CONCEITUAL ADITIVO

Transformação com transformação desconhecida

Iloine tinha 15 livros que representou no encarte. Comprou mais alguns. Agora Iloine tem 22 livros. Quantos livros ela tem a mais e que não estão no encarte?

Transformação com início desconhecido

Iloine tinha alguns livros. Comprou 7. Agora tem um total de 22 livros. Quantos livros Iloine tinha?

Comparação

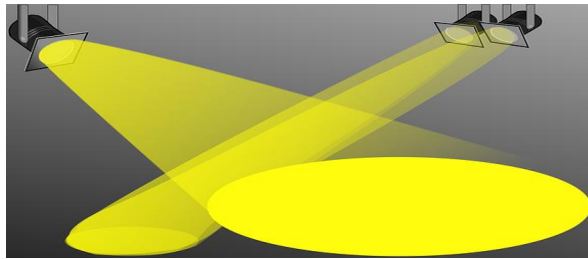
Além dos livros do encarte, Iloine tem mais sete em casa. Quantos livros tem a mais no encarte do que Iloine tem em casa?



Teatro de sombras

Coringa 4

Um dia a estrada longa segue
aprende que os temas mudam,
como mudam os temas dos seus jogos da infância.
Agora, das experiências da estrada com os jogos e as brincadeiras
encenadas, em memória são transformadas.
Por meio da descrição e experiência histórica dos outros,
suas experiências estão sendo ampliadas não só para entender
porque as montanhas mudam de cor, mas o que há depois delas.
Descobre nessa longa estrada da vida que não há apenas um jeito de
ver como o mundo é.
(Reflexões sobre a infância)



EPISÓDIO II

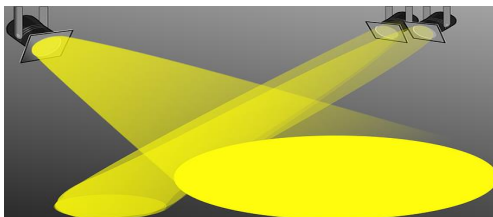
O CAMINHO PARA COMPOSIÇÃO DAS NARRATIVAS

Explicação

Coringa 3

A escolha dos colaboradores, protagonistas desse jogo, e a elaboração dos instrumentos possíveis a serem utilizados no decorrer das entrevistas, tanto com as crianças quanto com os professores, ocorreu de maneira gradativa. Ao mesmo tempo em aconteciam as leituras a respeito da Alfabetização Matemática, os protagonistas foram sendo convidados. Enquanto os protagonistas iam sendo convidados, os instrumentos eram elaborados para serem utilizados no decorrer das entrevistas. Em cena, os protagonistas desse jogo e os roteiros utilizados para entrevistá-los!

Cena 1



Histórias da tradição oral e História Oral

A escolha da História Oral como metodologia de pesquisa se deu pelas experiências com o ouvir contar na infância. Cresci envolvida com as histórias, que de geração em geração, foram recontadas sem a presença do livro. Construí minha identidade contando e ouvindo histórias. Contar histórias estava associado às possibilidades de brincar imaginariamente. Ao brincar imaginariamente, colocava-me nos cenários das histórias, no lugar das personagens que minha mãe ia apresentando, e isso gerava em mim esperanças de dias melhores. Isso me trazia alegria. Lembro-me de uma pequena história que li no livro "Da fera à loira: sobre os contos de fadas e seus narradores" de Mariana Warner (1999), há alguns anos e que ilustra essa felicidade que os contos da tradição oral nos fazem sentir

Enquanto a mulher de um homem pobre vendia alegria e saúde, a sultana no palácio emagrecia e se tornava triste a cada dia. O sultão chamou o homem pobre e exigiu saber o segredo da felicidade de sua mulher: "É muito simples", replica este. "Alimento-a com carne da língua". O sultão ordenou que buscassem todas as línguas que o dinheiro podia comprar: línguas de boi, de carneiro, de cotovia. Entretanto, a triste sultana continuava a definhar. Então ele mandou preparar a liteira e fez a sultana trocar de lugar com a mulher do homem pobre. Imediatamente ela se revigorou, tornando-se a imagem da saúde: mais robusta, rosada, alegre. Enquanto isso no palácio, sua substituta começou a definhar, tornando-se em pouco tempo tão esquelética e infeliz quanto a antiga rainha (WARNER, 1999, p. 13-14).

Segundo Warner (1999), o alimento a que se referia o homem seriam

os contos de fadas, histórias, anedotas que afugentavam a melancolia. Pela fala, embalados pela linguagem, as mulheres e outros tipos de pessoas ouviam os alimentos transmitidos pela fala, e isso os revigorava. Assim, percebemos que contar histórias não nos remete somente à infância, pois também podem e fazem parte da vida dos adultos. “A geração mais velha estava se permitindo sentir prazer em fazer de conta, em fingir que voltava a ser criança, e retomava os prazeres da infância através das fábulas de magia e encantamento e da sabedoria das histórias contadas junto ao fogo” (WARNER, 1999, p. 15).

A literatura é a arte que utiliza a palavra para expressar o conhecimento de mundo ou de si mesmo, que o homem utiliza desde que se organizou socialmente. Vladimir Propp (2002), no livro “As raízes históricas do conto maravilhoso”, afirma que “A oralidade, que constrói as narrativas folclóricas, foi sempre elemento inalienável da literatura no todo desde os primórdios de sua história” (PROPP, 2002, p. XVII). Para o referido autor é na realidade histórica do passado que se originaram os contos. O que se narra na atualidade era realizado em um determinado período histórico e o que não era realizado era imaginado. (PROPP, 2002). Por meio das histórias, as pessoas, grupos e povos transmitem seus saberes e valores, tudo aquilo que cada geração considera importante que a geração seguinte conheça. Daí uma das importâncias desse saber narrativo: herança de outras gerações e culturas, tão presentes na vida das pessoas. As práticas de ouvir e contar histórias são antigas e presentes em todas as sociedades.

Contar histórias é uma prática ancestral, contudo depende do preparo e da habilidade de quem conta. Sentados nas praças orientais sobre seus tapetes, ou nas tribos de tradições orais, os contadores vão burlando seu ofício como o poeta faz com seus versos. Contam e recontam, procurando as nuances as suspensões, as imagens as situações surpreendentes, inusitadas que prendem o ouvinte (YUNES, 2009, p. 17).

Ainda sobre este assunto Le Goff (1992) em seu livro “O apogeu da cidade medieval” discute que na Idade Média, os recitadores, por meio de jograis e poemas satíricos, zombavam das pessoas e descreviam cenas e situações imaginariamente cômicas (LE GOFF, 1992), aprender pela memória era uma realidade para os homens desse período e o que se aprendia era recitado aos outros, numa cadeia sucessiva de aprendizagem, memória e

oralidade. O assunto dos quais se ocupavam eram questões atuais e pertinentes à época e podiam ser apreciados pelos transeuntes das ruas.

Pierre Lévy (1993) no livro “As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática” assevera que o momento da oralidade considerada primária é o momento em que a sociedade ainda não adotou a escrita. Todo o conhecimento e a cultura tinha fundamento nas lembranças dos indivíduos. A inteligência, nesse momento histórico, está associada à memória auditiva e à linguagem.

As narrativas são parte de nossa vida. Bruner (2014), relembra que elas começam a fazer parte da nossa vida muito cedo. Por meio delas recontamos nossos planos, expectativas e frustrações. A narrativa lida com pessoas, de como é o mundo delas e suas crenças em choque com as crenças dos outros e a elas damos ouvidos mesmo estando em conflito. Por meio delas que reinventamos o nosso passado e o nosso futuro, criamos, segundo Bruner (2014), mundos possíveis os quais levam em conta o mundo que conhecemos, mas nos fazem pensar em possibilidades para além dele.

Inclusive, traz-se à colação o questionamento de Umberto Eco (1994), apresentado no livro “Seis passos pelos bosques da ficção”, a respeito de a narrativa estar tão intimamente ligada à vida cotidiana a ponto de indagar-se no sentido de que não interpretaríamos a vida como uma ficção ou não lhe acrescentaríamos elementos ficcionais? De qualquer modo é nela que encontramos sentido para nossa existência.

Afinal, ao longo de nossa vida buscamos uma história de nossas origens que nos diga por que nascemos e por que vivemos. Às vezes procuramos uma história cósmica, a história do universo, ou a nossa história pessoal (que contamos ao nosso confessor ou ao nosso analista, ou que escrevemos nas páginas de um diário). Às vezes, nossa história pessoal coincide com a história do universo (ECO, 1994, p. 145).

Desde o momento em que nascemos, estamos em contato com as histórias e delas gostamos. Nascemos imersos em várias histórias desde quando nossas mães com seus acalantos e ditos nos acalmam, quando nos contam a respeito da história do encontro dos nossos pais, do lugar onde nascemos da nossa casa, da nossa rua, cidade, país. “Contar histórias torna-se uma atividade inseparável, até mesmo constitutiva, de nossa vida cultural”

(BRUNER, 2014, p. 40).

De acordo com Umberto Eco (1994), confiamos nas histórias de antes, aceitamos como verdadeiro aquilo que nos contam.

Confiamos num relato anterior quando, ao dizer "eu", não questionamos que somos continuação natural de um indivíduo que (de acordo com nossos pais ou com registro civil) nasceu naquela determinada hora, naquele determinado dia, naquele determinado ano e naquele determinado local" (ECO, 1994, p. 137).

Para Eco (1994), o ser humano nasce com dois tipos de memória, a individual e a coletiva. A individual habilita-nos a contar sobre nós e o nosso passado, a coletiva é a que nos contam a respeito dos nossos pais e a respeito do mundo. Para Eco (1994), muitas vezes acreditamos nessas histórias como se tivéssemos testemunhado os fatos da mesma forma que testemunhamos nossas experiências passadas.

Dessa maneira, segundo o autor, é compreensível a nossa fascinação pela ficção, pois ela nos possibilita ver o mundo e reconstituir o passado. A ficção tem a mesma função dos jogos: ao brincar, as crianças aprendem a viver e os adultos exercitam sua capacidade de reestruturar suas experiências do passado e do presente. A esse respeito Jerome Bruner assevera:

As crianças ingressam cedo no universo da narrativa. Elas desenvolvem expectativas sobre como o mundo deveria ser, e suas expectativas revelam inclinações estranhas, tal qual ocorre com os adultos. Assim como eles, elas são altamente sensíveis ao inesperado, e são até mesmo atraídas pelo inusitado. O fascínio pelo inesperado domina suas primeiras brincadeiras. Elas, por exemplo, facilmente se atraem e se deleitam com o teatro mudo do inesperado apresentado pelos adultos, como na brincadeira de esconder os rostos, e fazem isso antes mesmo de conhecerem palavras suficientes para contar ou entender histórias. Elas adoram a repetição e, como acontece na brincadeira de esconder o rosto, se comprazem em saudar a surpresa fingida dos adultos com quem estão brincando. Porém, embora as surpresas rituais as deliciem, o real pode levá-las às lágrimas, o que sugere a existência de um tipo de precocidade narrativa ou teatral presente quase desde o início da vida (BRUNER, 2014, p. 41).

Muitos temas dos quais me apropriei ao longo dos anos não ocorreram na minha experiência, os conheci através da imaginação – de todo modo, a fonte para esse conhecimento, partiu das minhas experiências reais. Para

Vigotski no livro “Psicologia Pedagógica” afirma que a experiência real é, portanto, a fonte do comportamento imaginativo (VIGOTSKY, 2010). Muitas situações imaginárias presentes nas histórias dos povos que moravam na Alemanha, contadas pela minha mãe, não ocorreram na minha experiência. Mas o conjunto de experiências que eu já havia adquirido ao longo da minha infância me levaram a esse conhecimento pela imaginação. Cada ato imaginativo é composto de elementos da realidade e da experiência humana. “Quanto mais rica for a experiência humana, mais abundante será o material disponível para a imaginação” (VIGOTSKI, 2014, p. 12).

Por isso é necessário segundo Vigotski

(...) ampliar a experiência da criança se quisermos proporcionar-lhes bases suficientemente sólidas para sua atividade criativa. Quanto mais a criança vir, ouvir e experimentar, quanto mais aprender e assimilar, quanto mais elementos da realidade a criança tiver à sua disposição na sua experiência, mais importante e produtiva, em circunstâncias semelhantes, será sua atividade imaginativa (VIGOTSKI, 2014, p. 12-13).

A imaginação é o fundamento de toda a atividade criadora, pois todas as invenções, desde as mais simples às mais complexas, são imaginação cristalizada. “Absolutamente tudo que nos rodeia e que foi criado pela mão do homem, todo o universo cultural, ao contrário do universo natural, é produto da imaginação e criação humanas” (VIGOTSKI, 2014, p. 4). Essa atividade criativa e combinatória se desenvolve lenta e gradualmente do mais simples ao mais complexo em cada período etário do desenvolvimento.

Para a pesquisadora Zóia Prestes em sua tese de doutorado “Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Repercussões no campo educacional”, afirma que

As peculiaridades do que é refletido pela *psiquê* podem ser explicadas pelas condições e visões de mundo do ser humano. Vigotski não negava a importância do biológico no desenvolvimento humano, mas afirmava que ao longo do processo de assimilação dos sistemas de signos que as funções psíquicas biológicas transformam-se em novas funções psíquicas superiores (PRESTES, 2010b, p. 37).

Vigotski afirma que o nosso cérebro é capaz de, além de conservar

nossas experiências passadas, também criar, combinar, reelaborar a partir destas experiências anteriores, novas abordagens. Essa abordagem criadora, combinatória do cérebro ele chama de imaginação ou fantasia que designam o irreal, que não corresponde à realidade, mas que se manifesta na vida cultural em todos os objetos do cotidiano do mais simples ao mais complexo (VIGOTSKI, 2014).

No livro "Psicologia Pedagógica", Vigotski sugere que as questões pedagógicas devem partir do conhecido para o desconhecido. “É por isso que o conhecimento da experiência presente do aluno é condição indispensável do trabalho pedagógico” (VIGOTSKY, 2010, p. 204). O professor deve partir do conjunto de experiências reais da criança e levá-la ao conhecimento imaginativo. Cite-se o seguinte exemplo: se queremos

suscitar no aluno uma representação viva do Saara, devemos encontrar na sua experiência real todos os elementos de que essa representação pode ser construída. Um exemplo: esterilidade, arenosidade, imensidão, aridez e calor, todos esses elementos devem estar associados uns aos outros mas, no fim das contas, tudo deve basear-se na experiência imediata do aluno (VIGOTSKY, 2010, p. 204).

A imaginação se apoia na experiência pessoal e na experiência dos outros. A imaginação está a serviço da nossa experiência. Existe uma dependência dupla e recíproca entre a experiência e a imaginação. A experiência se apoia na imaginação e esta, por sua vez, na experiência. “Se eu não tivesse uma ideia da seca, dos areais, dos grandes espaços e animais que habitam os desertos, não conseguiria criar uma imagem sobre o deserto” (VIGOTSKI, 2014, p. 14).

A História Oral, entendida aqui como metodologia de pesquisa, nos remete ao passado e para isso é necessário recorrermos à memória, para evocarmos nossas experiências vividas. Alessandro Portelli professor de literatura norte-americana, no texto “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral” afirmam que “A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória” (PORTELLI, 1997, p. 16).

A História Oral trata da memória. E a memória organiza as experiências do homem que já aconteceram e que se repetem, enquanto a imaginação

organiza o comportamento jamais encontrado na sua experiência. (VIGOTSKY, 2010). Ao ouvir as histórias dos outros, sobre o que contam do seu passado ou do presente, vemos as marcas daquelas impressões que tiveram quando viveram as situações. Estes contam o que já existia em suas memórias.

Para Alistair Thomson em seu texto “recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias” discute que

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido (THOMSON, 1997, p. 57).

Na História Oral, o homem ao narrar sua história, mesmo sendo escolarizado, narra o conhecimento (suas representações significativas da realidade) do ponto de vista do senso comum, artístico, filosófico, religioso e científico. A linguagem é o recurso que propaga esse conhecimento das representações. Para o aprofundamento desse debate entre as histórias da tradição oral e a História Oral como metodologia de pesquisa encontramos em Portelli (2010), em seu livro “Ensaio da História Oral” afirma que ao longo de vários anos entrevistou trabalhadores, poetas, cantores populares, contribuições que colaboram também na diferenciação entre contar histórias e contar a história.

Para o autor contar histórias (*storytelling*) são as experiências lembradas e contadas por fazerem parte da memória dos sujeitos e dos grupos sociais e para o tipo de história de que trata a História Oral, Portelli contribuiu demarcando que se trata de contar a história (*history-telling*) que é para a História Oral o tipo de história “Esse tipo de história é, de fato, resultado da intervenção de um ouvinte” questionador especializado: um historiador oral com seu projeto. Ele dá início ao encontro e cria espaço narrativo para o narrador, que tem uma história a contar, mas que não a contaria daquela mesma maneira em outro contexto ou a outro destinatário” (PORTELLI, 2010, p. 212) enquanto contar histórias remete-nos ao conhecimento transmitido de

geração em geração.

Contar a história na História Oral inclui dois sujeitos face a face mediados pelo microfone, enquanto na forma de contar histórias geralmente ocorre em uma roda de ouvintes. “História Oral: uma narração dialógica que tem o passado como assunto que brota do encontro de um sujeito que chamarei de narrador e de outro sujeito que chamarei de pesquisador – encontro geralmente mediado por um gravador ou um bloco de anotações” (PORTELLI, 2010, p. 210).

Na História Oral a narração oral da história só ocorre no encontro pessoal que acontece na pesquisa de campo. Nesse encontro, o entrevistador, por meio da sua presença, das perguntas, das reações provoca performances verbais e contribui para que em uma relação dialógica os conteúdos da memória sejam evocados.

No livro “Usos e abusos da História Oral” (FERREIRA e AMADO, 2006¹³), Julie Cruikshank em seu texto “Tradição oral e história oral: revendo algumas questões” afirma que no uso popular as definições de História Oral e tradição oral se modificam. Enquanto a tradição oral é identificada como um conjunto de bens materiais do passado que são transmitidas às outras gerações, a História Oral em geral refere-se a um método de pesquisa, na qual é realizada a gravação de uma entrevista a respeito das experiências que ocorreram em sua vida. “É uma expressão mais especializada que em geral se refere a um método de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de testemunho ocular” (CRUIKSHANK, 2006, p. 151).

A Tradição oral para Cruikshank (2006) é um sistema aberto e coerente na construção e na transmissão de conhecimentos. As explicações da tradição oral e da pesquisa acadêmica a respeito dos fatos são estruturadas de formas diferentes. Os trabalhos acadêmicos são estruturados pela linguagem do discurso acadêmico e por isso suas narrativas são diferentes. Os relatos orais sobre as experiências do passado estão carregados pela subjetividade. “Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva” (CRUIKSHANK, 2006, p. 156).

13 FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Para os historiadores, essa subjetividade, antes considerada uma limitação, é hoje uma das principais virtudes da História Oral. “E os historiadores incorporam essa subjetividade se interessando mais pela formação das narrativas e pelos meios que estas formas narrativas empregam para influenciar e firmar a memória” (CRUIKSHANK, 2006, p. 156). O desafio é compreender como o passado é construído, processado e como ele passa a integrar a vida das pessoas. O relato da história não é um fim em si mesmo. O entrevistador produz outro texto.

No livro “Ouvir contar: textos em História Oral” Verena Alberti (2004) afirma que

As entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para conhecer o passado. No caso da história oral (como em muitos outros), as pistas são relatos do passado, surgidos a posteriori, portanto. O passado existiu independentemente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras. Assim se dizemos que a narrativa, na história oral, acaba constituindo o passado, isso não significa que o passado não tenha existido antes dela (ALBERTI, 2004, p.78).

A História Oral possibilita o contar para ouvir. O contar de si aos outros. O contar dos professores, o contar das crianças. Pela História Oral não são os pesquisadores que falam o que as crianças pensam. São elas mesmas que dizem o que pensam. Não são os professores que dizem o que as crianças fazem, são elas que dizem o que fazem. Não são os pesquisadores que dizem o que os professores fazem, são estes que dizem o que fazem e como.

Já envolvida com a História Oral me dei conta que a escola da minha infância, meus pais, e os adultos em si, não ouviam as crianças. Éramos todos educados para ouvir. Cresci ouvindo minha mãe, meu pai, meus irmãos mais velhos e meus professores. Quando queria emitir opinião a respeito de algo, como por exemplo, vestir uma roupa de que não gostava, uma comida que não queria, era preciso fazer aos gritos em meio ao choro. Com isso, a voz era calada geralmente por um castigo físico. Não existia uma orientação em como há possibilidades em expressar seus gostos e preferências. A opinião dos pequenos não era levada em conta. Ao calar, nunca se soube como pensavam o mundo.

Mesmo tendo vivido muitas tardes de domingo na estrada que passava em frente da nossa casa no sítio, com os irmãos, feito plateia, sentados no

barranco, representando histórias que ouvia minha mãe contar, não me lembro que algum dia tivesse contado algo sobre mim, sobre o que pensava do mundo, da vida, dos meus pais, dos meus irmãos. Das dores que sentia, dos medos, dos enganos e dos sonhos. Nesse exercício de lembranças que a História Oral provoca, observo que o meu olhar sobre o mundo, sobre o que pensava a respeito dos meus professores, dos meus pais, irmãos e amigos, faz parte de lembranças guardadas que nunca se tornaram conhecidas pelos adultos da minha infância. Nesse percurso em que discuto as possibilidades da História Oral, discuto a priori o processo de escuta ao outro, e isso requer preparo, tempo, organização, tecnologia, técnicas e conhecimento.

Cena 2



A escolha dos colaboradores: os protagonistas

A escolha dos colaboradores, uma das etapas da História Oral, é feita a partir da posição que ocupam e do significado de suas experiências no tema, os quais, a meu ver, podiam oferecer informações significativas para a pesquisa. Verena Alberti (2005) no livro “Manual da História Oral” aduz que “(...) em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos” (ALBERTI, 2005, p. 31-32).

A princípio, a intenção era realizar entrevistas com professores, e seus respectivos alunos do terceiro ano do primeiro ciclo de alfabetização, que atuam em um único município. O município escolhido foi da região metropolitana de Curitiba. A escolha se deu em 2013, quando fui formadora do

Programa Nacional pela Alfabetização na idade certa (PNAIC). O referido programa tinha inicialmente previsão de duração de dois anos¹⁴. O principal eixo do programa é a formação dos professores alfabetizadores. Em 2013 as formações com 120 horas de duração se pautaram em Linguagem e em 2014 com a mesma carga horária em Alfabetização Matemática. A Universidade Federal do Paraná foi a instituição organizadora das formações dos municípios da região metropolitana, litoral e da região sudoeste.

Alguns municípios faziam parte da turma da qual eu era formadora de referência¹⁵, entre os quais se encontrava o município de Pinhais. Após os trâmites legais, abertura de protocolo no mês de fevereiro de 2014 e a presença no município ter sido autorizada, realizei uma reunião com a coordenadora da área de Matemática e também orientadora de estudos de um grupo de professores alfabetizadores que atuavam no terceiro ano. Esta repassou alguns e-mails de professores que tinham manifestado interesse em participar da pesquisa. Após vários e-mails trocados com os professores, foi possível a concretização da primeira entrevista, realizada no dia vinte de maio de 2014, com Bruno Alberto Garcia.

Essa primeira experiência destacou uma das particularidades que se apresenta em qualquer projeto de pesquisa que envolve pesquisa de campo: não basta querer entrevistar. A entrevista também depende do entrevistado. Não basta o convite, é necessário que ele seja aceito. Para a História Oral, no período de escolha dos colaboradores é preciso considerar a possibilidade de os convites não serem aceitos, pelas mais diversas razões. “(...) é preciso considerar a possibilidade de determinadas pessoas se negarem a prestar depoimentos sobre o assunto, bem como que estejam excessivamente ocupadas para cederem parte do seu tempo à realização de entrevistas” (ALBERTI, 2005, p. 32). No caso dos alfabetizadores deste município, com os quais troquei e-mails, o fator tempo foi argumentado como impedimento.

Nesse período de escolhas e de convites sem respostas, considerei a possibilidade de estender o convite também para professores e crianças do primeiro e segundo ano, pois a intenção era ouvir o contar a respeito das

14 Em 2015 já estamos no terceiro ano de formação.

15 A formadora nesse caso era responsável no acompanhamento dos relatórios mensais e nas interações semanais na plataforma *Moodle*.

relações com a Matemática e isso independe do ano escolar em que as crianças se encontram e os professores ministram aulas. No decorrer das formações do PNAIC, Neuza Kulevicz, diretora de uma escola do campo em Rio Branco do Sul e orientadora de estudos do PNAIC, indicou a professora Marta Jonski e sua aluna Joelize da Silva, ambas do terceiro ano.

A professora Ivana Balansin, professora de uma turma de segundo ano na aldeia Passo Liso na Reserva indígena de Mangueirinha-PR, dos índios *Kaingang*, contava-me em nossas conversas as suas experiências de trabalho na aldeia e o quanto sua participação nas formações do PNAIC, ainda que apenas como ouvinte¹⁶, estava proveitosa. Para ela, as discussões na formação traziam maneiras diferentes de ensinar Matemática para as crianças. Diante do seu envolvimento no tema, convidei-a para uma entrevista e, na sequência, achei relevante convidar também um ou dois de seus alunos da aldeia.

Para efetivar a participação dos alunos da aldeia foi necessário primeiramente agendar uma reunião com a diretora da escola e em seguida com o cacique. No dia 4 de julho de 2014, fui até a aldeia encontrar-me com minha irmã Ivana, que já estava lá por outros compromissos profissionais. Apresentou-me à diretora que então, encaminhou-me até o cacique.

O cacique estava sentado em uma roda, tomando chimarrão com o vice e outros homens da aldeia. No trajeto entre a escola e a casa onde se encontravam os principais líderes, observei várias pessoas, a maioria mulheres, limpando a quadra de esportes. Entre elas, reencontrei a professora Suzan Carneiro Cipriano, que havia conhecido quatro anos atrás, quando fiz uma visita à aldeia. Quando a conheci, a professora indígena cursava pedagogia na Universidade Estadual de Maringá (UEM), e nos dias de hoje atua como professora na aldeia.

Pois bem. A diretora me apresentou para o cacique, e aos demais, como pesquisadora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e irmã da professora Ivana. Em uma conversa informal, apresentei minhas intenções de pesquisa, informando que entrevistaria duas crianças da aldeia: Osni Alves e Natiele Sales. O aval do cacique foi imediato, que ainda comentou ser comum

16 Nesse caso porque não recebe bolsa.

a presença de pesquisadores na aldeia.

Na sequência fomos até a casa dos alunos para conversar com os pais e convidar as crianças para fazer a primeira tentativa com o jogo do desafio de contar histórias com a Matemática, que havia confeccionado e que descrevo com detalhes ainda nesse episódio.

A primeira casa que visitamos foi da família de Natiele Sales. A menina se mostrou interessada em participar do jogo e a mãe concordou em deixar a filha acompanhar a professora Ivana até a escola. A família do aluno Osni Alves, que também tinha sido sugestão de minha irmã, não estava em casa, mas a mãe de Natiele, que mora próximo, deu permissão e Osni nos acompanhou.

Levamos as crianças até a escola, que é bem próxima da casa. A professora Ivana e a diretora acharam que a escola ofereceria um ambiente mais tranquilo para realizar as entrevistas. Então fomos até a sala dos professores, onde tinha uma grande estante de livros e vários computadores. Apesar de não ter aula, contava com a presença de vários professores, tanto os indígenas quanto os não-indígenas, os quais organizavam uma festa junina que ocorreria em breve.

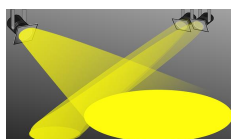
Enquanto a entrevista com as crianças acontecia, as professoras, e algumas mães que estavam ajudando na organização da festa, entravam e saíam da sala várias vezes. Duas mulheres, não sei se professoras ou se mães de alunos, permaneceram tomando um lanchinho com algumas crianças. “Assim, na maioria das situações de entrevista de história oral, em outras palavras, você está no território dos entrevistados; não são eles que estão entrando em seu território. Acima de tudo, cabe a você ser bem-educado, eles é que estão sendo hospitaleiros, conseqüentemente, isso é muito relevante” (PORTELLI, 1997, p. 44). De fato, eu estava no território e ocupando um espaço no qual era preciso transitar. A história da gravação, e como foi a entrevista com as crianças da aldeia, será narrada no episódio 5.

A terceira colaboradora foi a professora Noeli Checelski de Abreu, de Chopinzinho, amiga de infância e colega de sala. Em nossas conversas, por meios eletrônicos, eu já havia comentado a respeito da minha pesquisa, mas como minha intenção inicial era apenas um município e professores e alunos do terceiro ano, não tinha lhe feito convite. Todavia, com a mudança e os

contratempos ocorridos, convidei a e ela prontamente aceitou.

Na entrevista com a professora Ivana Balansim e com as crianças da aldeia, ela trouxe a questão da cultura indígena e considerei relevante também a participação de uma professora indígena. Assim, convidei Suzan Carneiro Cipriano, a professora que reencontrei na aldeia.

São, portanto, protagonistas desse jogo, os professores alfabetizadores:



Bruno Alberto Grunberg Garcia: professor do terceiro ano do primeiro ciclo de alfabetização (2014), mora em Curitiba e atua no município de Pinhais, na escola municipal Guilherme Ceolim.

Ivana Lucia Hartmann Balansin: professora do segundo ano (2014), mora em Chopinzinho e atua na aldeia Passo Liso, uma das sete aldeias da Terra indígena Mangueirinha.

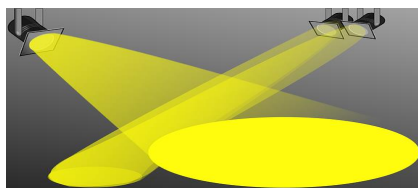
Noeli Checelski de Abreu: professora do primeiro e segundo ano (2014) na escola municipal Tasso Azevedo da Silveira, na cidade de Chopinzinho.

Marta Jovinski Burkot: professora do terceiro ano (2014). Nasceu em Rio Branco do Sul, onde estudou e trabalha na escola do campo na comunidade de Santa Cruz, neste município.

Suzan Carneiro Cipriano: professora do primeiro ano (2014), atua na aldeia Passo Liso.

Todos os professores participaram, no ano de 2014, das formações do PNAIC ofertado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bruno e Ivana apenas como ouvintes e os demais como bolsistas.

As crianças, também colaboradoras neste trabalho, são:



Gabrieli Balansin: mora em Chopinzinho, tem sete anos e estuda no segundo (2014). Minha sobrinha, filha da professora Ivana, minha irmã.

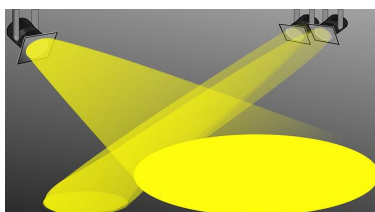
Osni Alves: mora na aldeia Passo Liso, que fica na Terra indígena Manguairinha. Tem sete anos e estuda no segundo ano em (2014) e é aluno da professora Ivana Balansin.

Natiele Sales: mora na aldeia Passo Liso, que fica na Terra indígena Manguairinha. Tem sete anos e estuda no segundo ano (2014) e é aluna da professora Ivana Balansin.

Joelize Siqueira Silva: tem sete anos e estuda no terceiro ano na comunidade de Santa Cruz, no município de Rio Branco do Sul, e é aluna da professora Marta (2014).

Assim, fui a campo encontrar professores e crianças, cada qual com saberes, vivências e histórias a respeito de suas relações com a Matemática. Mobilizei nestes encontros os fundamentos da História Oral Temática, para que estes saberes rememorados tomassem forma de narrativas.

Cena 3



Um roteiro para entrevistar os alfabetizadores

Para o desenvolvimento das entrevistas com os alfabetizadores, organizei duas listas de palavras, as quais escrevi separadamente em fichas. As palavras surgiram no decorrer das leituras sobre alfabetização, alfabetização e letramento e Alfabetização Matemática. Tanto na primeira

quanto na segunda lista, tentei expressar minha compreensão, até então, do processo de alfabetização, alfabetização e letramento como também Alfabetização Matemática e Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento.

Quadro 1: Palavras disponibilizadas para os professores na entrevista

Lista de palavras-chave

1ª lista		2ª lista
Letramento	Leitura	Alfabetização e letramento
Matemática	Alfabetização	Alfabetização Matemática
Escrita	PNAIC	Leitura e Escrita
Gêneros textuais	Formação	Gêneros textuais na Matemática
Situações-problema	Métodos	Resolução Situações-problema
Resolução	Metodologia	Alfabetização Matemática e letramento
Histórias	Crianças	Leitura e Escrita na Matemática
Jogos	Dificuldades	Leitura de histórias na Matemática
Língua materna	Oralidade	Língua materna e a Matemática
		Dificuldades na Matemática

Fonte: A Autora (2014)

Na primeira lista organizei palavras que melhor pudessem expressar, em minha opinião, o momento histórico em que a codificação e decodificação, o uso das técnicas era o destaque chegando a proposta atual do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Eram, em minha opinião, palavras que expressavam o processo de alfabetização anterior ao PNAIC. Incluí, nesta primeira lista, além da palavra PNAIC, a palavra Letramento, mas não associei a nenhuma outra palavra, como exemplo a palavra Alfabetização, pois de acordo com as leituras realizadas, as ideias de ensino da leitura e escrita até a década de 80 estavam alicerçadas na codificação e decodificação. O trabalho pedagógico tinha um conjunto de princípios teórico procedimentais e os métodos mais utilizados até este período foram os sintéticos, também

conhecidos como silábicos ou tradicionais. Estes partiam das unidades menores (letra, fonema, sílaba) a unidades mais complexas (palavra, frase, texto).

Magda Soares (1998), no livro “Letramento: um tema em três gêneros” discute que ao longo do tempo a escola precisou repensar sua atuação, para que estratégias de leitura e escrita propostas ao longo da história para alfabetizar fossem reorganizadas e propostas na atualidade numa perspectiva de letramento para formação de leitores e escritores. Para Soares, “Não basta apenas ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente daí o recente surgimento do termo letramento” (SOARES, 1998, p. 20).

O termo letramento, de acordo com Soares (1998), surge no fim do século XIX e é derivado da palavra *literacy*, significando estado ou condição daquele que é *literate*. *Literate* é o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita. “O surgimento do termo *literacy* representa uma mudança histórica das práticas sociais: novas demandas de uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las” (SOARES, 1998, p. 36).

No Brasil, o termo surge em meados de 1986 no livro de Mary Kato¹⁷ e em 1988 aparece em um texto de Leda Verdiana Tfouni que encontrei no livro “Letramento e Alfabetização” (TFOUNI, 2002), e em 1995 em um livro organizado por Ângela Kleiman¹⁸.

Em 1998, Magda Soares, afirma que “letramento é, pois, resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita” (SOARES, 1998, p. 18).

Mesmo que a criança ainda não tenha aprendido a ler, ela já folheia livros, brinca de escrever e ler. Já vive em um mundo de letramento, portanto. Contudo, ao aprender a ler e escrever, sua condição se modifica.

Socialmente, culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma

17 KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

18 KLEIMAN, Angela, B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

outra condição cultural ou social não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (SOARES, 1998, p. 37).

O sujeito letrado usa socialmente a leitura e a escrita conforme as demandas da sociedade. Para Soares (1998), a criança quando se envolve nas numerosas e diferentes práticas e funções sociais de leitura e escrita vive em estado de letramento. Para a referida autora, o letramento depende essencialmente de como a leitura e a escrita são concebidas em um determinado contexto social. “Letramento é um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção de o quê, como, quando e por quê ler e escrever” (SOARES, 1998, p. 75). Ampliando o conceito que letramento é o ato de ler e produzir textos que circulam socialmente com finalidades reais e imaginárias. O contato com o mundo letrado vem antes do domínio do código escrito.

Com o desenvolvimento da noção de letramento, segundo Artur Gomes de Moraes (2005), no texto “Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização?”, muitos pesquisadores sugeriam como trabalhar na alfabetização práticas de leitura e produção textuais. No entanto, continuaram no entendimento da escrita alfabética ser um código e sem um ensino sistematizado que ajudasse a criança a compreender o mecanismo do alfabeto, recorrendo por vezes aos métodos de alfabetização e incluindo apenas variados gêneros textuais, acreditando que essa inclusão garantiria a formação de leitores e escritores.

Apesar de incluir palavra repetidas na primeira e na segunda lista, a ênfase na segunda lista foi associar palavras, como exemplo, a palavra letramento associada às palavras alfabetização e Matemática, traduzindo de alguma maneira parte da proposta discutida nos encontros de formação do PNAIC. Tomando-se por base os cadernos de formação de alfabetização Matemática (BRASIL, 2014) utilizados com os orientadores de estudo e com os alfabetizadores. Nesses cadernos se apresenta a proposta de Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento. No caderno de apresentação a alfabetização é entendida como um “instrumento para a leitura do mundo, uma

perspectiva que supera a simples decodificação dos números e a resolução das quatro operações básicas” (BRASIL/ MEC, SEB, 2014a, p. 5).

Os cadernos apresentam encaminhamentos metodológicos nessa perspectiva e os pressupostos fundamentais apresentados para este trabalho: é “o papel do lúdico e do brincar e a necessidade de aproximação ao universo da criança, respeitando seus modos de pensar e sua lógica no processo da construção dos conhecimentos” (BRASIL, 2014a, p. 9).

De acordo com o documento “Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1.º, 2.º e 3.º anos) do Ensino Fundamental” (BRASIL, 2012), o “conceito de letramento matemático está diretamente ligado à concepção de Educação Matemática e tem como espinha dorsal a resolução de situações-problema e o desenvolvimento do pensamento lógico” (BRASIL, 2012, p. 60). A Matemática, compreendida como instrumento para interpretação do mundo complexo e marcado por seus diversos contextos, deve estabelecer uma real integração do conhecimento matemático com a realidade sociocultural, ancorado na ideia do letramento matemático, que se efetivará como instrumento de formação e promoção humana.

Apesar de focar na aprendizagem do sistema alfabético, é a alfabetização em sentido lato, envolvendo o processo de letramento que deve ser privilegiado no trabalho com as crianças. Estar alfabetizado, numa perspectiva de letramento, é um direito básico de aprendizagem. Para que tenha autonomia nas atividades de leitura e escrita, o sujeito precisa no decorrer destes três anos se apropriar e compreender sistema de escrita alfabético e avançar nos conhecimentos sobre as práticas, usos e funções da leitura e da escrita (BRASIL, 2012).

Envolvida nessa proposta do PNAIC como formadora, tentei expressar na segunda lista o que compreendia naquele momento de alfabetização nessa perspectiva. A partir do material tomei conhecimento da dissertação de mestrado de Mariana Pellatieri (2013) “Letramentos matemáticos escolares nos anos iniciais do ensino fundamental”, na qual apresenta um modelo de letramento ideológico entendido como um conceito mais amplo, “que garantiria o ensino da técnica, seja da leitura e escrita da língua materna, seja da linguagem Matemática vinculadas aos usos sociais dessas linguagens de

acordo com o contexto em que os alunos estão inseridos” (p.30). As discussões realizadas por Pellatieri (2013), a respeito das práticas de letramento nos anos iniciais, a partir do estudo do termo letramento, em um referencial não só da Matemática, mas também da linguagem, com a uma definição de letramento mais amplo que envolve o letramento Matemático como uma possível forma de leitura de mundo.

Para Pellatieri (2013), o letramento envolve o uso da língua nas práticas sociais e também a necessidade da questão da técnica. Portanto, no letramento necessariamente está implícita a alfabetização, pois só assim a criança terá seu acesso garantido ao mundo letrado. Tfouni (2002) define o termo Alfabetização como

Aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence assim, ao âmbito do individual (TFOUNI, 2002, p. 9).

A respeito do letramento, acrescenta a citada autora que “O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita” (TFOUNI, 2002, p. 9). Para Pellatieri (2013), não se trata de qualquer relação, como leitura de enunciados de problemas ou ainda de textos que abordam conteúdos da Matemática, “Trata-se de fazer uso da linguagem como instrumento para compreensão, interpretação e resolução de problemas matemáticos, voltando-se para as especificidades do texto matemático” (PELLATIERI, 2013, p. 73).

Pellatieri (2013) afirma que o ensino da Matemática, numa perspectiva de letramento, deve essencialmente estabelecer relações com a língua materna, a qual se apresenta como um instrumento de comunicação de ideias Matemáticas, enquanto as crianças neste primeiro ciclo ainda não possuem domínio sobre a linguagem Matemática. Não se trata de qualquer relação, como leitura de enunciados de problemas ou ainda de textos, que abordam conteúdos de Matemática, “Trata-se de fazer uso da linguagem como instrumento para compreensão, interpretação e resolução de problemas matemáticos, voltando-se para as especificidades do texto matemático” (PELLATIERI, 2013, p. 73).

O sujeito letrado deve ser capaz de compreender a intenção dos textos

que circulam socialmente, relacionando-se com as pessoas também através da produção de seus próprios textos, comunicando suas ideias iniciais sobre os fenômenos e depois reescrevendo com novas informações adquiridas na escola reelaboradas a partir de um processo de criação, vivo e significativo com a linguagem Matemática. Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca (2014), no texto “Alfabetização Matemática”, apresenta uma diversidade de textos com os quais as crianças se deparam no dia a dia, os quais circulam com informações que organizam e movimentam a vida das pessoas e por meio dos quais as pessoas se relacionam. Para que a criança seja de fato inserida neste mundo letrado, e compreenda função desempenhada por estes textos e o efeito que causam, ainda que não sejam a ela direcionado, os mesmos precisam ser incluídos na ação pedagógica no sentido de ajudar as crianças a compreender o modo pelo qual as pessoas organizam, descrevem, apreciam e analisam seu viver diário no mundo.

A leitura e a escrita destes textos, apresentam ideias matemáticas, simbologias, termos típicos da linguagem Matemática e depende de uma ação organizada da escola com um ensino estruturado para o conhecimento, de acordo com Fonseca (2014), sobre os processos, recursos as representações e os critérios adotados para quantificar e operar com quantidades, para medir e ordenar, para orientar-se no espaço e organizá-lo, para apreciar, classificar, combinar e utilizar as formas, seja desenvolvido.

Naquele momento optei por não incluir na lista as palavras tabuada, quatro operações cartilhas e tarefa escolar, porque entendo serem assuntos abordados pelos professores independentemente das fichas de palavras. As palavras sugeridas foram no sentido de provocar os professores para que estes pudessem olhar para sua infância a partir dessas palavras e encontrar, nas atitudes dos professores e nas ações em sala de aula, aspectos que viessem contribuir para o debate.

Na entrevista com os professores, o intuito era apresentar as palavras-chave e convidá-los a escolherem palavras que fossem desencadeadores de lembranças das relações com a Matemática na infância, formação acadêmica e na sua atuação como alfabetizadores. O objetivo era realizar o mesmo encaminhamento com todos os professores, para garantir uma unidade entre as entrevistas. Se um alfabetizador fosse questionado por um tema o outro

também, possibilitaria a princípio diferentes versões sobre o mesmo assunto, pois cada entrevistado, ainda que fosse alfabetizador e participasse do mesmo programa de formação, ocupa diferentes posições neste contexto podendo olhar para a mesma temática por diferentes ângulos, enriquecendo assim o debate.

Quando defini as palavras das listas, minha hipótese era de que para falar da infância, os protagonistas escolheriam mais palavras da minha primeira lista, e para falar da formação e do momento atual como alfabetizadores, escolheriam mais palavras da segunda. No entanto, na primeira entrevista percebi que isso não ocorreu.

O professor Bruno Garcia organizou uma lista para falar da infância e do seu processo de formação e ainda outra para falar do seu momento atual, escolhendo palavras de ambas as listas. Contudo, após uma leitura aprofundada de sua narrativa, observei que mesmo tendo escolhido palavras das duas listas, o professor quando falou a respeito da infância se referiu mais as palavras da primeira lista.

Na segunda entrevista percebi que a unidade que eu esperava realizar em todas as entrevistas, isto é, fazer duas listas organizadas na mesa e pedir que o convidado organizasse as suas listas, já não foi possível. Na casa da alfabetizadora Noeli Checelski de Abreu a entrevista foi realizada na área externa da casa e o vento impediu a disposição das palavras em lista, permanecendo assim nas caixinhas.

Ao longo das entrevistas com os protagonistas, percebi que diante das palavras os professores silenciavam. Em vez de serem pistas para a evocação das experiências, pareciam ser impedimentos, pois não traziam à memória as histórias da relação destes com a Matemática na infância, formação e da sua atuação como professores alfabetizadores.

Sabe-se que existem palavras, cheiros, situações e pessoas que desencadeiam em nós o processo de lembranças, mas é necessário que tenhamos tido alguma relação no passado. Em outros termos, não é possível lembrar de algo que não vivemos, não experienciamos. Algumas palavras geravam nos professores um longo silêncio e pouca história. Percebendo isso, deixei mais evidente e aberto para os alfabetizadores três momentos sobre os quais organizaram seu processo de recordação.

Como foi a Alfabetização Matemática na infância;

Como foi a relação com a Matemática no processo de formação acadêmica;

Como é alfabetização na sala de aula onde atuam.

Depois do enfraquecimento da presença das palavras dispostas em lista, os professores nortearam suas falas a partir desses três pontos e assim abordaram livremente a respeito da Alfabetização Matemática. Assim, as palavras, agora em caixinhas, nas demais entrevistas ficaram à disposição apenas como auxílio à memória, caso tivessem necessidade delas.

Após a transcrição e textualização (etapas posteriores às entrevistas, parte da História Oral e que serão explicadas ao final deste episódio) das entrevistas da professora Ivana, Noeli e Bruno, organizei algumas perguntas que considereei serem necessárias para retomar a entrevista com a professora Ivana e caso fosse necessário com os demais professores. As perguntas dizem respeito a questões que ocorrem em sala de aula no processo de alfabetização e que foram discutidas nas formações com os orientadores, e estes, por sua vez, fizeram com os alfabetizadores: planejamento; calendário, chamada; rotina; sala de aula; cantinho da Matemática e de leitura; jogos; histórias infantis, interdisciplinaridade; sequências didáticas; projetos; conteúdos da Matemática; gêneros textuais; aprendizagem; ensino:

Quadro 2: Questões para os professores alfabetizadores

Perguntas norteadoras da entrevista

De que forma você elabora seu planejamento?

O que seus alunos já sabem a respeito da Matemática?

O que você espera que eles aprendam?

Como acontecem suas aulas desde a hora que as crianças chegam até a saída?

Quais atividades você realiza todos os dias?

Como faz a chamada?

Como você trabalha o calendário?

Você escreve a rotina do dia com as crianças?

Como você organiza sua sala de aula?

Disposição das carteiras; Espaço para os materiais de Matemática; Espaço para materiais de leitura. O que você faz para incentivar a leitura?

Como é possível a Matemática e a literatura infantil dialogarem?

Que tipo de jogos você utiliza em sala de aula?

De que forma os jogos podem colaborar no ensino e na aprendizagem da Matemática?

Que relações você já fez da Matemática com as outras áreas do conhecimento?

É possível fazer um trabalho interdisciplinar com a Matemática e as outras áreas do conhecimento?

Você trabalha com sequências didáticas? Projetos didáticos? Como trabalha?

Você já trabalhou com sistema de medidas este ano? Como trabalhou?

Já trabalhou geometria? Como?

De que maneira trabalhou o sistema de numeração decimal?

Que outros eixos da Matemática você já trabalhou? Como fez?

Que tipo de textos são lidos e produzidos nas aulas de Matemática?

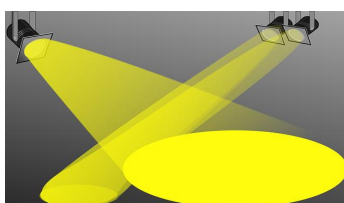
Quais conteúdos são trabalhados nas séries iniciais?

Que tipo de jogos podem ser utilizados para trabalhar com cada um desses conteúdos?

Fonte: A Autora (2014)

Algumas perguntas foram utilizadas na segunda entrevista com a professora Ivana e na entrevista com a professora Suzan Carneiro Cipriano. No decorrer das entrevistas a ênfase sempre se pautou naquilo que o professor tinha para contar, mais do que apenas responder as questões que lhes fazia.

Cena 4



Um roteiro para entrevistar as crianças

A minha inspiração para a pesquisa com as crianças em seu processo

inicial de formação acadêmica se deu pelas experiências profissionais de atuação junto a elas, seja contando histórias, lendo com e para elas, seja fazendo com elas teatro de animação, seja brincando de faz de conta ou, ainda, desenvolvendo estratégias para apropriação do conhecimento científico.

No entanto, apesar de já possuir algumas experiências com elas, pairaram algumas dúvidas sobre quais instrumentos poderiam colaborar na forma de abordar os pequenos protagonistas desta história para que contassem a respeito de suas relações com a Matemática.

A partir das leituras, tanto da teoria Histórico-Cultural quanto a respeito dos propostos nas formações do (PNAIC), organizei um encontro com duas crianças e apresentei a elas os seis jogos propostos no caderno 03 “Construção do Sistema de numeração decimal” (BRASIL, 2014d). Meu intuito era de que as crianças jogassem e no decorrer fossem falando sobre suas relações com a Matemática. No desenvolvimento do jogo ficaram envolvidas com o jogo e pouco eram os momentos que conseguiam responder aos questionamentos que eu lhes fazia. Quando respondiam as minhas perguntas, paravam de pensar nos jogos e isso desestimulava a continuidade tanto do jogo quanto da conversa.

Após essa dinâmica, continuava o grande desafio de encontrar dentro da História Oral uma maneira que fizesse as crianças contarem sobre suas relações com a Matemática.

Em um seminário no curso de Psicologia sobre transtorno de ansiedade generalizada, a partir de relatos científicos, observei como é importante a ação profissional no processo de escuta da criança. Pesquisei, na ocasião, histórias da literatura para exemplificar as preocupações das crianças. Em uma dessas histórias, uma das personagens criança se preocupava com tudo e por isso recebeu de sua avó as bonecas das preocupações da Guatemala. Conta a lenda que na Guatemala estas bonecas são dadas às crianças para que estas contem a elas suas preocupações e depois as coloquem debaixo dos travesseiros. Quando o dia amanhecer as bonecas terão levado as preocupações das crianças para longe.

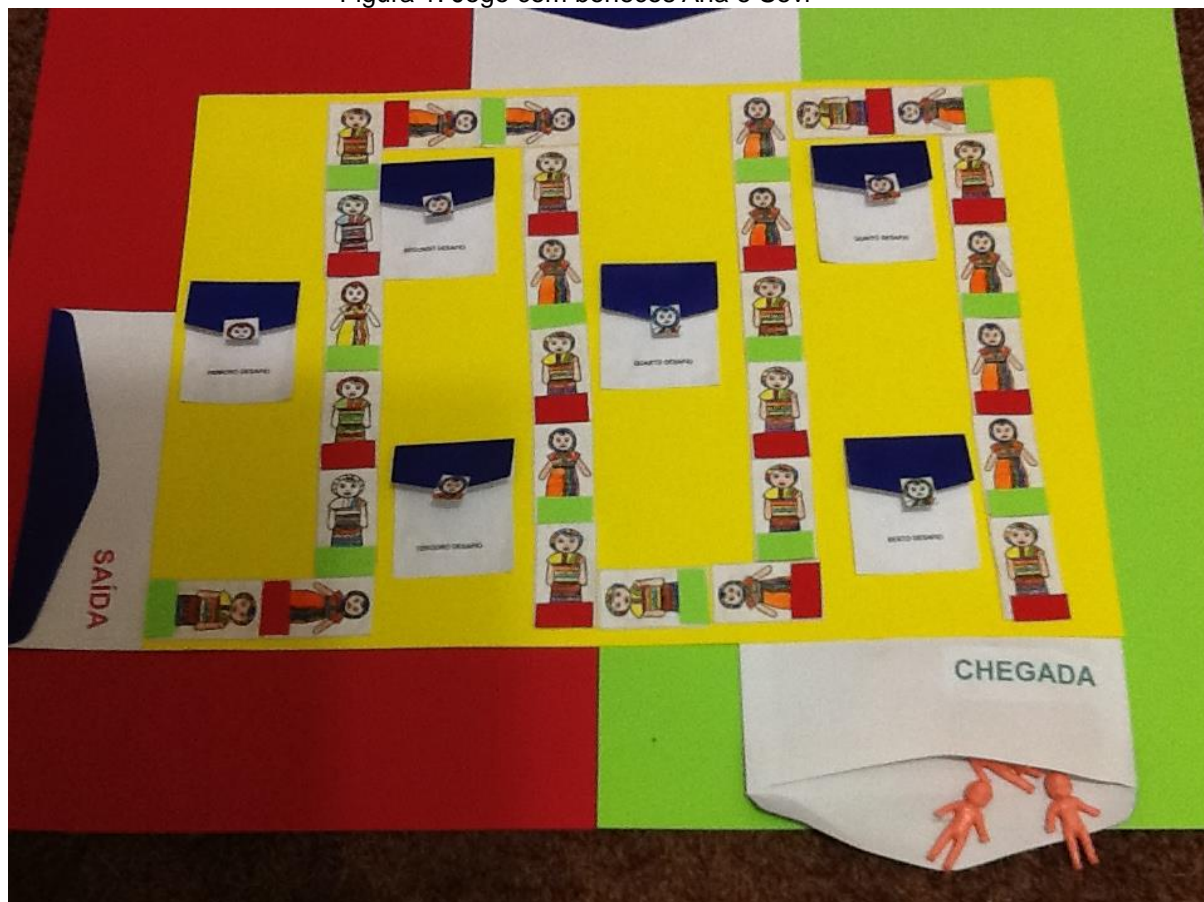
Eu já havia tido uma experiência riquíssima com uma criança de cinco anos em uma de minhas oficinas de teatro de animação. Na oportunidade, a criança chegou à escola e por vários dias permaneceu em silêncio sem se

comunicar verbalmente com os colegas e os professores. Certo dia, coloquei um boneco em uma de minhas mãos e por meio dele estabeleci um diálogo. Após algumas histórias contadas pelo boneco, a respeito da sua vida, a criança com os olhos fixos nele, correspondeu ao diálogo, contando para o boneco tudo a respeito do que a incomodava e sem se importar com a minha presença.

No decorrer das leituras sobre o lúdico, das brincadeiras, dos jogos protagonizados discutidos pela teoria Histórico-Cultural e diante dessa história das bonecas das preocupações e da lembrança dessa aluna da oficina de teatro de animação, elaborei uma atividade com algumas situações para que a criança resolvesse e ao fazê-lo falasse a respeito da sua relação com a Matemática. Intitulei a atividade como o “Jogo do desafio de contar histórias com a Matemática”.

O mencionado jogo era comandado por dois bonecos inspirados nas bonecas das preocupações da Guatemala. Os bonecos eram Ana e Sevi.

Figura 1: Jogo com bonecos Ana e Sevi



Fonte: A Autora (2014)

Inicialmente o jogo era composto de apenas seis desafios. Os desafios propostos tinham o objetivo de fazê-las lembrar a respeito das situações que envolviam a Matemática. Importa consignar que a palavra desafio não estava relacionada na atividade proposta à criança, mas no objetivo de que estas atividades fossem desencadeadoras das narrativas infantis.

O primeiro desafio localizado no boneco cinco; o segundo no boneco dez; o terceiro no boneco treze; o quarto no boneco dezenove; o quinto no boneco vinte e o sexto no boneco vinte e sete.

Os desafios do jogo eram compostos das seguintes atividades:

O **Primeiro desafio**: “Desenhe o que você mais gosta de fazer na escola”. A criança foi desafiada a desenhar e falar sobre o que desenhou. Para Vigotski, a criança ao desenhar, o faz de memória, desenha o que sabe sobre os objetos e não o que vê. Dessa maneira, ao desenhar, em verdade desenha muitas vezes o que não vê como também deixa de fora muitas coisas que vê. “Quando a criança está desenhando, pensa no objeto de sua imaginação como se estivesse descrevendo-o” (VIGOTSKI, 2014, p. 99). No texto *La Memoria y su desarrollo en la edad infantil* (VYGOTSKI, 2001a tradução nossa), afirma que para a criança pequena recordar significa pensar. Ao falar sobre determinado conceito, ou ao desenhá-lo a criança está pensando a respeito. Ao falar se apoia em sua experiência anterior, portanto, em sua memória.

Pelo desenho a criança consegue expressar com maior facilidade, pois antes mesmo de ingressarem na escola gostam de desenhar, ainda que não estimuladas e às vezes esse gosto diminui quando ingressam na escola. Essa característica da criança se evidenciou na entrevista de Gabrieli Balansin que pediu que em vez de desenhar sobre o que mais gosta de fazer na escola, preferiu escrever.

Nessa etapa da vida desenhar é a atividade de que a criança mais gosta, mas, ao começar a idade escolar, o seu gosto e interesse pelo desenho começam a decair. Em muitos casos, ou mesmo na maioria deles, podem até desaparecer, se não estimulados (VIGOTSKI, 2014, p. 51).

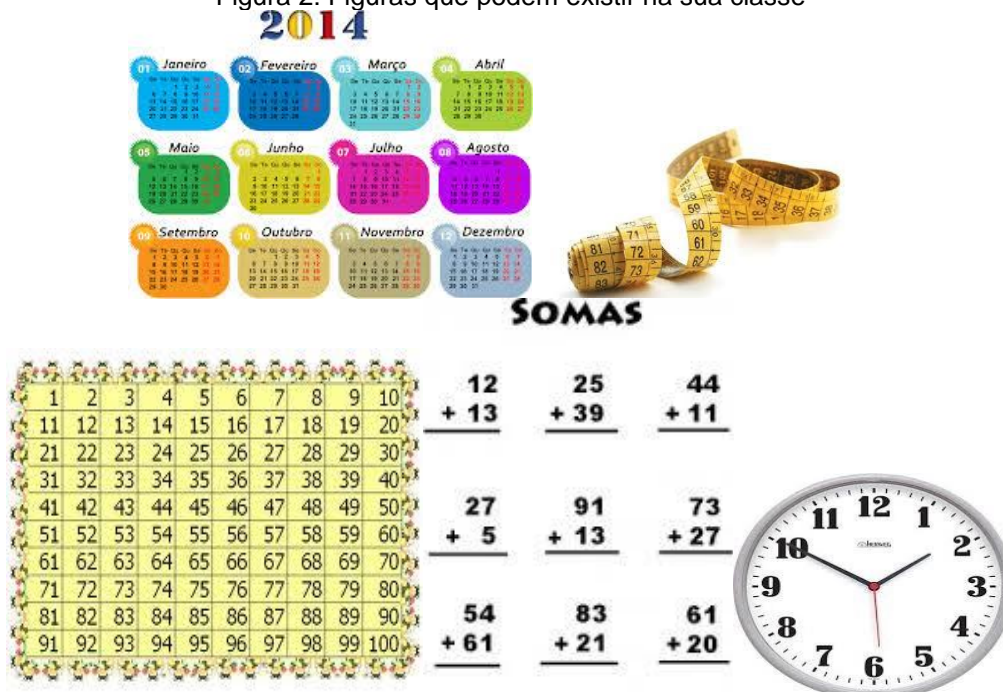
Além de desenhar a criança também era desafiada a contar o significado do desenho aos bonecos Ana e Sevi, as personagens que comandavam a entrevista e que faziam as intervenções necessárias.

Caso fizessem o jogo em dupla, obrigatoriamente este comando exigiria o diálogo entre as crianças para que discutissem sobre as questões que gostam ou não, e assim decidissem o que desenhariam. Caso não conversassem antes do desenho, o entrevistador, no papel da personagem, poderia questionar sobre a diferença do gosto entre as crianças sobre as questões relacionadas à escola apresentadas no desenho. Ganhariam as duas crianças, caso tivessem feito o desenho e também verbalizado sobre ele. Como nenhuma entrevista foi feita em duplas, não foi necessário o diálogo entre elas.

Segundo desafio: “Desenhe o que vocês mais gostam de estudar na escola”. Após a realização do desenho, os bonecos pediram que as crianças verbalizassem sobre o que desenharam.

Terceiro desafio: “Qual dessas figuras há em sua sala de aula?” Neste momento foram disponibilizadas algumas figuras onde tinha imagens de um calendário, quadro numérico, trena, continhas e um relógio. A criança era convidada a falar sobre as figuras que conhecia.

Figura 2: Figuras que podem existir na sua classe



Fonte:

<[https://www.google.com.br/search?q=trena&biw=1366&bih=643&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMltt2zirr6xwIVC42QCh0g7A7j#tbm=isch&q=fita+m%C3%A9trica](https://www.google.com.br/search?q=calend%C3%A1rio+2014&biw=1366&bih=643&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMlrcqH-rj6xwIVzIOQCh2buQHb#imgsrc=IHRUQHI_4khRQM%3A>;
<<a href=)

&imgsrc=L2mhASZLhdMs8M%3A>;
 <[ais&imgsrc=S31o3zasHoYKiM%3A>;<
 <\[**Quarto desafio:** Qual dessas coisas acontecem na sua sala de aula?\]\(https://www.google.com.br/search?q=trena&biw=1366&bih=643&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMltt2zirr6xwIVC42QCh0g7A7j#tbm=isch&q=rel%C3%B3gio&imgc

 c=YeAy2BIWd9838M%3A>.Acesso em: 05 nov. 2015.</p>
</div>
<div data-bbox=\)](https://www.google.com.br/search?q=quadro+numerico&biw=1366&bih=643&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMlneWczLn6xwIViQuQCh0d-wZi#imgsrc=MmhgjRQkTdkKGM%3A>;<

 <<a href=)

Figura 3: Coisas que acontecem na sua sala de aula



Fonte:

<[http://ostiposdecurriculo.blogspot.com.br/2012/10/os-tipos-de-curriculos.html](https://www.google.com.br/search?q=somas&biw=1366&bih=643&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0CAYQ_AUoAWoVChMlg7f9xrz6xwIVA4yQCh0D7Qyl#tbm=isch&q=professora+na+s

 ala+de+aula+com+os+alunos+ensinando+matematica&imgsrc=sofdX3RR4an7IM%3A>,<

 <,<
 <

objeto o caminho sempre será o outro de acordo com Vigotski “O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa” (VIGOTSKY, 2007, p. 20).

Os objetos organizados em forma de coleções são mediadores entre as crianças, ou ainda entre as pessoas e o mundo invisível. Michel Platini Fernandes da Silva (2010), em sua dissertação de mestrado “Coleção, colecionador, museu: entre o visível e o invisível. Um estudo acerca da casa de Cultura Christiano Câmara em Fortaleza, Ceará”, afirma que os sentidos atribuídos aos objetos são culturais: "Objetos são portadores de atributos químicos e físicos específicos. Apesar de serem dotados de peso, cor, dimensões, cheiro, textura, nenhum objeto possui um significado nato. São as sociedades que atribuem sentidos aos objetos" (SILVA, 2010, p. 50).

Para Silva (2010), fazem parte das coleções, objetos diferenciados que perderam seu valor de uso, mas que possuem valor de troca e ainda, além do estético, possuem fonte de conhecimento histórico e científico. Segundo Silva,

Locomotivas e vagões que não transportam nada e nem ninguém. Espadas, canhões e espingardas que não servem para matar. Utensílios e instrumentos que não mais participam do cotidiano das populações. Fechaduras e chaves que não fecham e nem abrem porta alguma. Relógios de que ninguém espera mais a hora exata (SILVA, 2010, p. 19).

De acordo com autor acima citado os objetos perdem seu valor de uso ao adentrarem as coleções. Deixam de ser cadeira, farda, relógio, espada, caneta para serem objetos de coleções.

A disponibilização das coleções e o pedido para que a criança fizesse sugestões de como os objetos poderiam ser organizados, levam-nos a considerar o que Vigotski diz a respeito de que as crianças, quando realizam uma tarefa, o fazem falando: “as crianças resolvem suas tarefas práticas com ajuda da fala e ação” (VIGOTSKY, 2007, p. 13). Para atingir um objetivo, a fala é tão importante quanto a ação.

Sexto desafio: Jogo das fichas escalonadas. Ganha quem souber realizar uma atividade.

Nessa atividade a criança era convidada a montar números com três ordens: duzentos e trinta e quatro, quinhentos e sessenta e sete, novecentos e oitenta e sete e duzentos e quatro. Com duas ordens: o número sessenta e

cinco e setenta e seis. As crianças receberam envelope com as fichas das três ordens, unidade, dezena e centena. A tarefa era representar com as fichas os números acima citados. O objetivo é que utilizassem as fichas como ferramentas mediadoras na escrita dos números da maneira como lemos. O uso da ficha apontou como as crianças compreendem a composição dos números neste momento.

Na primeira experiência teste com o jogo, ainda que realizada com adultos, observei que, entre um desafio e outro, o jogador ficava muito tempo em silêncio e como o intuito do jogo era de que a criança pudesse participar com suas opiniões sobre suas relações com a Matemática em sala de aula, era necessário criar outros questionamentos entre um desafio e outro.

Elaborei então mais seis questões que foram distribuídas no decorrer da trilha. No boneco quatro foi incluída a pergunta: “O que você gosta de fazer no caderno de Matemática? ”. A segunda pergunta localizada no boneco sete: “O que você não gosta de fazer no caderno de Matemática? ”. “O que é fácil na Matemática? ” Foi a terceira pergunta e estava localizada no boneco onze do jogo. No boneco dezoito estava localizada a quarta pergunta “O que você ainda não sabe na Matemática? ” No boneco vinte e um estava a quinta pergunta: “O que é difícil na Matemática? ” E a sexta e última pergunta localizada no boneco vinte e cinco era: “O que você sabe na Matemática? ”

A segunda experiência teste com o jogo, com adultos, mostrou ainda um longo intervalo entre os desafios e as perguntas. Incluí então comando de avançar e retornar bonecos. Na casa um incluí o comando de avançar quatro bonecos. No boneco dois, avançar dois bonecos. No boneco seis, voltar um e no boneco doze, voltar dois. Assim como no boneco catorze, voltar um. Já no boneco quinze, a criança deveria avançar quatro e no dezesseis, avançar dois. No boneco vinte, voltar um e no vinte e três, avançar dois. No boneco vinte e seis, voltar dois e no vinte e oito, voltar um.

Na terceira experiência teste do jogo, ainda com adultos, o tempo de fala do jogador foi produtiva e a duração da entrevista não ultrapassava a quarenta minutos. Tempo esperado para uma entrevista com crianças entre seis e oito anos.

À vista disso, o jogo possui seis desafios, seis perguntas e também seis comandos de avançar e voltar casas. Dessa forma ficou organizado o jogo

do desafio de contar histórias com a Matemática, confeccionado para entrevistar as crianças sobre suas relações com a Matemática:

Figura 5: O jogo do desafio de contar história com a Matemática



Fonte: A Autora (2014)

Cada desafio cumprido pela criança lhe deu o direito de ganhar um boneco.

Figura 6: Bonecos do jogo do desafio de contar histórias com a Matemática



Fonte: A Autora (2014)

Confeccionei esses bonecos para o primeiro jogo, mas não foram suficientes para todas as crianças e depois comprei outros modelos.

Os desafios propostos tinham como enfoque as questões da escola e especificamente em relação à Matemática. Para que as crianças no decorrer do jogo trouxessem elementos significativos para posterior reflexão, as solicitações tinham como foco a fala direta da criança a respeito de algumas questões relacionadas à Matemática, como também foram convidadas a realizar determinadas atividades como pretexto para que verbalizassem sobre as mesmas.

O jogo proposto podia ser realizado por um ou dois jogadores ao mesmo tempo ou sozinhas. Todas as crianças fizeram o jogo sozinhas. Com exceção do Osni Alves e Natiele Sales que permaneceram juntos, embora cada um tenha feito o jogo individualmente.

Após os desafios terem sido estabelecidos, o próximo passo foi realizar o jogo com uma criança para saber se era necessário fazer outras adequações para que as crianças falassem a respeito de suas relações com a Matemática no decorrer do jogo. A primeira criança que realizei a entrevista com o jogo, como teste, foi minha sobrinha Gabrieli Balansin. O momento do jogo com ela superou minhas expectativas de tal forma que ela passou a ser uma das colaboradoras da pesquisa.

O segundo momento do jogo com crianças foi na Reserva de Mangueirinha na aldeia Passo Liso com Osni Alves e Natiele Sales.

Ao iniciar a transcrição das entrevistas das crianças, percebi que o jogo não havia propiciado espaço para que falassem das suas relações com a Matemática fora da escola e como esse conhecimento é tratado na escola.

Ao conseguir confirmação da participação da escola do campo do município de Rio Branco do Sul, surgiu a ideia de organizar uma história com dados das minhas experiências com a Matemática relatadas no Episódio 1. Como minha infância também foi na zona rural, organizei a história. Meu objetivo era me aproximar mais da criança, dando a ela abertura para falar também sobre este ambiente fora da escola. Inicialmente dei o título de Ana Maria e depois só Maria, que também era o nome da personagem. A história Maria narra as minhas experiências com a Matemática na infância, com questionamentos para as crianças que considerei relevantes para trazer a história da relação delas com a Matemática.

Enviei a história sem os questionamentos para minha irmã, mãe

de Gabrieli Balansin e pedi que lesse e ilustrasse a história. Após isso, a história ficou assim organizada:

Maria e suas histórias com a Matemática

Há muito tempo havia uma menina chamada Ana Maria. Ou só Maria. Ou só Ana. Ou só Maria. Maria. Ela gosta muito de fazer amigos. Você quer ser amigo de Maria?

*Qual é o seu nome?
Nome dos seus pais?
Você tem registro de nascimento?
Você tem amigos?
Como chamam seus amigos?
Na sua sala de aula tem ajudante do dia? Quem foi o ajudante hoje?
Quem foi o ajudante ontem?
Quem será o ajudante amanhã?
Você será que dia?*

A casa onde Maria morava era pequena, ficava no meio do campo rodeada de flores e muitas árvores frutíferas. Na casa de Maria tinha dois quartos, sala, cozinha e copa. O banheiro e a área de serviço ficavam do lado de fora.

*Como é a casa que você mora?
Em que lugar ela fica?
Feita de maneira, de barro, de tijolos?
Tem vários quartos ou apenas um cômodo?
Todas as pessoas que você conhece moram de maneira parecida?
Será que seus avós ou bisavós, quando eram crianças, tinham uma casa semelhante a sua?”
Você sabe representar pelo desenho o lugar que mora?
o que existe no seu caminho de casa para a escola”?
Você mora perto ou longe da escola?
A rua que você anda de casa para a escola é larga ou estreita?
Tem árvores no caminho?
Muitas ou poucas árvores?
As árvores estão próximas ou longe da escola?
As árvores são altas ou baixas?
O tronco da árvore é grosso ou fino?
Há casas, prédios, igreja, farmácia, mercado na rua?
O que há na rua atrás da escola?*

*Que ruas fazem limite com a rua da escola?
A sua escola e casa ficam em que bairro? Em que cidade?
Como a sua casa é dividida?
Tem quantos cômodos?
Ela é grande ou pequena?*

Maria morava com a sua família. Seus pais e sete irmãos. Seis eram mais velhos que Maria e uma mais nova. Dos mais velhos tinha duas irmãs e quatro irmãos.

*Com quem você mora?
Você tem irmãos?
Quantos são mais velhos que você?
Quem é o mais velho?
Quem é o mais novo?
Quantos são mais novos que você?*

Os nomes dos irmãos de Maria começam com a sétima letra do alfabeto. Maria pensava: “Será que meus amigos adivinhariam o nome dos meus irmãos sabendo que os nomes começam com a sétima letra do alfabeto? E das minhas irmãs? O nome delas começa com a nona letra do alfabeto? Como é o nome dos meus irmãos? E das minhas irmãs? ”

*Como chamam seus irmãos?
Você sabe escrever o nome deles?*

Maria pensava: “Ao todo são quantas mulheres na minha família? Quantos somos ao todo? Com quantos anos minha mãe teve meu irmão mais velho? Se eu tenho sete anos, que idade tem cada um de meus irmãos? ”

*E você quantos anos tem?
Quantas pessoas moram na sua casa?
Tem mais mulheres ou mais pessoas na sua família?*

Na casa de Maria tinha duas camas em cada quarto. Em cada cama duas mantas de retalhos coloridos que tinham sido costurados pela mãe de Maria. Na cozinha uma mesa grande com lugar para dez pessoas. Para arrumar a mesa eram necessários os pratos fundos. Maria pensava: “Quantos

pratos sobram no armário, se ao todo, minha mãe tem 25 pratos?

Como vocês realizam as refeições?

Se você almoça na mesa quantos lugares são necessários para que todos façam a refeição juntos?

A mãe de Maria todo ano comprava um calendário. Com ele vinha o bloco de curiosidades para cada dia. Nesse calendário Maria via quantos dias ainda faltavam para seu aniversário, quem era o primeiro aniversariante do ano e quem era o último, se tinha mais de um aniversariante no mês, se tinha mês sem aniversariante. Será que meus amigos sabem que tipo de curiosidades tem nesse calendário? – Pensava Maria.

Em que dia da semana é o seu aniversário?

Qual é o primeiro dia do mês do seu aniversário?

E o último dia?

Quantos dias têm o mês do seu aniversário?

Qual é o primeiro dia da semana?

E o último?

Quantos dias tem cada semana?

Quantas semanas tem em um mês?

Qual o dia de hoje?

Que dia foi ontem?

Qual será amanhã?

No mês do seu aniversário há mais dias indicados por números pares ou por números ímpares?

Quanto tempo ainda falta para o Natal? É muito tempo?

Em uma folha à parte, Maria escrevia os meses do ano e colocava o nome dos irmãos que faziam aniversário em cada mês. Não tinha aniversariante nos meses de janeiro, julho, setembro, outubro, novembro e dezembro. Maria pensava: “Será que meus amigos conseguem montar esse calendário com os aniversariantes da minha família sabendo que o meu aniversário é em maio e antes de mim aniversariam cinco e depois de mim quatro? ”.

Em que mês do ano você faz aniversário?

E os seus irmãos fazem aniversário em que mês?

Quem nasceu primeiro? Você ou seus irmãos?

Quantos anos tem seu irmão mais velho?

Maria levanta todos os dias às sete horas. Ela ajuda sua mãe na hora de tirar o leite da Mansinha, que era a vaquinha da família e na verdade não era tão mansinha, pois dava coices. Cada um dos irmãos era responsável por um dos dias da semana tirar o leite da Mansinha. A mãe ensinou Maria a amarrar com uma corda as duas patas traseiras. Com isso Maria não corria o risco de ser derrubada do banquinho enquanto tirava o leite. E pensou: “Se eu tenho sete irmãos, porque minha irmã mais nova não tira o leite da Mansinha?”

Você levanta mais cedo ou mais tarde que Maria?

Que horas você levanta?

Quais atividades você realiza na sua casa?

Você realiza estas atividades antes ou depois da escola?

Quanto tempo você brinca na sua casa?

Quanto tempo você estuda na escola?

Você brinca mais tempo ou estuda mais tempo?

Todos tomam meia xícara de leite. Metade do leite que Mansinha dá por dia é para a nata, a manteiga, a coalhada e também a ricota. Sobra ainda um litro para o café da tarde o que dá para cada um a mesma quantidade que tomam no café da manhã. *Então quantos litros de leite a Mansinha dá por dia?*
Pensava Maria.

Você sabe de onde vem o leite?

O leite que compramos em caixinha compra-se por litro ou por quilograma?

Após o café da manhã, cada um tem suas responsabilidades. Os pais e os irmãos mais velhos vão para a roça. Maria fica em casa com a irmã mais nova e uma mais velha. Um dia da semana Maria é responsável para deixar tudo preparado para sua mãe chegar e fazer o almoço. Lavar as mandiocas que foram colhidas logo de manhãzinha, arrancar as cenouras da horta e cortar dois pés de alface, as cebolinhas e as salsinhas.

Em que trabalham seus pais?

Que responsabilidades você tem na sua casa?

De tempo em tempo Maria perguntava para sua irmã mais velha que estava cuidando de outros afazeres. “Que horas são? Que horas é o almoço? Quanto tempo uma pessoa leva para fazer feijão, arroz, mandioca, cenoura e alface para o almoço? ” Claro que no fogão a lenha! Nem tinha fogão a gás. Micro-ondas Maria nem conhecia. Acho que cenoura no micro-ondas não dá muito certo. Nem panela de pressão tinha! Na verdade, quanto tempo leva para cozinhar feijão em um a panela de ferro no fogão a lenha? Esta era a pergunta de Maria. Mas e no fogão a gás? E se tiver na panela de pressão? E Maria pensava: Quanto tempo ainda posso brincar até o momento de começar a fazer minhas tarefas?

Vocês cozinham os alimentos no fogão a lenha, a gás ou no micro-ondas?

Quanto tempo leva para ferver o leite?

Quanto tempo é necessário para cozinhar o arroz?

Em sua opinião a comida esquentar mais rápido no fogão a lenha, no fogão a gás ou no micro-ondas?

Qual a sua comida preferida?

Como faz a sua comida preferida?

Depois da sonequinha, horinha que Maria não gostava, todos iam para a roça. Menos Maria e duas irmãs. Maria sempre perguntava para a irmã mais velha que cuidava de outros afazeres. Que horas são? Que horas nossos pais voltam da roça? Quanto tempo uma pessoa leva para lavar dez pratos, dois garfos, duas facas? Cinco panelas? Quanto tempo ainda posso brincar até que minha mãe chegue e a louça esteja guardada no armário?

Você brinca antes ou depois de fazer as tarefas da escola?

Qual a sua brincadeira preferida?

Você brinca na escola? De quê?

Das responsabilidades diárias que Maria tem, a principal é a escola. Na escola Maria era proibida de falar.

Você conversa na sua escola?

Sobre o que você conversa?

A professora deixa?

Maria era a mais alta de todas as suas amigas da escola. Isso a incomodava um pouco e para isso controlava sempre que podia sua altura com a fita métrica que pegava da máquina de costura de sua mãe. No primeiro dia de aula corria os olhos pela turma para saber quantos eram mais altos e quantos eram mais baixos que ela. Tinha uma menina que era bem pequena. E elas viraram amigas.

Na sua sala de aula quem é o maior?

E o menor?

Você é mais alto ou mais baixo que a professora?

Quanto você acha que tem de altura?

Como é possível saber quanto você tem de altura?

Com o que podemos medir a sua altura?

É possível desenhar nossa altura em tamanho real no caderno?

Como podemos representar nossa altura no caderno?

Quem é o menor na sua família?

Quando as laranjeiras e os pessegueiros floriam faziam-se as estimativas de quantas frutas Maria e seus irmãos chupariam naquele ano. Contando que muitas flores caíam, muitos pássaros se alimentariam antes mesmo que o tempo da colheita tivesse chegado. Maria sempre pensava quantas frutas tinha em cada árvore. Tinha muitas frutas para todos. Podiam chupar livremente. Mas o pé de figo era apenas um. E dava pouco!! De toda a safra, todos podiam comer durante uma semana dois figos de cada.

De quais frutas você gosta mais?

Existem mais frutas ou mais laranjas nos supermercados?

Um dia o pai de Maria comprou 32 alqueires de terra. Parte dela era mecanizada. Outra parte continha muitos nós de pinho. O pai pediu para Maria e sua irmã mais nova recolherem os nós de pinho no final da tarde, assim que chegassem da escola. A cada 10 recolhidos, ganhariam uma bala.

Você conhece nó de pinho?

Assim que chegava da escola, Maria convidava a irmã e iam recolher os nós. Ao longo de quase seis meses tiveram a recompensa. Um pote de

balas, que durou apenas dez dias. Quantos nós de pinho eu e minha irmã conseguimos juntar uma vez que cada uma só podia chupar duas balas por dia?

Crianças devem ou não chupar balas? Por quê?

Era de responsabilidade também de Maria recolher os ovos no galinheiro. Ao final da tarde, com a cesta de vime em mãos, ia bem feliz recolher os ovos que estavam nos ninhos. Sua mãe guardava muitos ovos para duas datas muito importantes para a família de Maria: Páscoa e Natal. Eram as datas que faziam bolachas pintadinhas, que ficavam guardadas em latas em cima do armário de comida por muitos e muitos dias, e que normalmente eram oferecidas quando tinham visitas.

Quantos ovos tem em uma dúzia?

Quantos ovos tem em meia dúzia?

Quantos ovos tem em uma dezena?

Em uma ocasião apareceu no sítio um homem querendo comprar canarinhos. Ofereceu cinco gaiolas e as instruções e Maria aceitou. Deveria armar as gaiolas nas árvores com arapuca e aguardar o dia do seu retorno. Pagaria por passarinho apanhado. Maria ganhou dinheiro vendendo canarinhos. Mas seu pai quando descobriu, proibiu a Maria de fazer isso. Maria brincava com os irmãos de esconde-esconde, roda, amarelinha, de casinha com a sua irmã mais nova e de teatro. Teatro era do que mais brincava.

De que você gosta de brincar?

Um dia Maria ficou sabendo por uma amiguinha da escola que tinha uma máquina que no futuro ficariam no lugar dos homens. Maria conhecia máquina. Máquina de costura, máquina de debulhar milho, máquina de colher soja. E então ficava imaginando essas máquinas na mesa no lugar do pai e dos irmãos, na cama, nas rodas de conversa, nas brincadeiras, tirando o leite da Mansinha. Na verdade, tratava-se dos computadores.

*Você tem computador?
O que mais gosta de fazer nele?*

Na escola Maria gostava de conversar com os colegas, ler histórias sozinha, com a Júlia, sua amiguinha. Ela gostava de ouvir a professora ler histórias para todos e também gostava quando a turma podia ler sem a professora.

*Você gosta de histórias?
Sua professora conta histórias?
Você lê histórias?*

Maria também gostava muito de copiar as receitas de bolachas da D. Tereza, sua vizinha, e pedir para sua mãe fazer o que tinha copiado. Maria sabia que tinha que copiar a receita do jeitinho que D. Tereza mandava, para a receita dar certo.

*Você sabe de alguma receita bem gostosa que sua mãe faz?
Receita de quê?
O que vai nessa receita?
Como sua mãe prepara?
Quanto tempo leva até ela ficar pronta para comer?*

Maria gostava muito de fazer a lista de compras com a sua mãe, como também de ir junto para comprar no armazém da D. Lurdes.

*Que tipo de comércio tem perto da sua casa? E da escola?
O que você costuma comprar nesses lugares?
Quanto custa?
Como você paga?*

Um dia Maria recebeu uma carta da sua tia Darci. Tia Darci estava longe de Maria, pois morava no Rio Grande do Sul. A tia queria saber como ela poderia chegar até a casa de Maria. Maria então respondeu a carta explicando como fazia para chegar até a sua casa, desenhando até mesmo um mapa para mandar para a tia.

*Se um dia eu quiser ir na sua casa como eu faço para ir até lá?
Você pode desenhar o mapa da escola até a sua casa?*

Maria gostava muito de escrever cartas. Seus amigos também. Maria escrevia para os amigos e os amigos escreviam para Maria, cada um contando suas próprias histórias. E assim Maria ficava feliz lendo as histórias dos outros e escrevendo suas próprias histórias. Com as leituras do que os outros escreviam, Maria crescia e aprendia.

*Você costuma escrever cartas? Receber?
Além de vir aqui na escola ou na sua casa como faço para falar com você um
outro dia?*

A princípio, eu havia organizado a história apenas para entrevistar a criança que estuda na escola do campo no município de Rio Branco do Sul, mas acabei utilizando para retornar aos meus já colaboradores e fazer a segunda parte da entrevista.

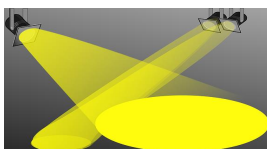
As conjunturas colocadas na história como sendo questionamentos da personagem a respeito de cada situação com as quais convive diariamente, família, amigos, professora, escola, o caminho de casa até a escola, a sua alimentação e tantos outros assuntos, não tinham o propósito de que as crianças resolvessem as problematizações feitas pela personagem. O objetivo era que fossem disparadores para que as crianças pensassem em suas próprias histórias, suas brincadeiras, vivências com a família, amigos, professores, sua casa, a rua em que ela mora, professores, a cidade, enfim, suas experiências e que contassem a respeito disso.

O intento era ouvir as relações que as crianças estão estabelecendo com a Matemática e, por isso, priorizei partir daquilo que é mais próximo e familiar a elas, isto é, sua própria história. Utilizando-me de exemplos da família, da casa, da rua, da escola, procurei deixá-las mais compreensíveis e assim dar elementos que tivessem significado também para elas, e então pudessem se colocar na história, no cenário do problema, contando sua própria

história e assim trazer as informações sobre suas relações com a Matemática.

Essas experiências rememoradas não são construídas por si, mas na relação com o outro.

Uma importante contribuição para essa discussão veio do texto de Zélia de Brito Fabri Demartini (2009) “Infância, pesquisa e Relatos Orais” com o qual acrescenta afirmando que quando se realiza pesquisa com crianças, faz-se necessária a ponderação das relações estabelecidas por ela com as pessoas em sua volta: “É preciso desvendar inicialmente a história de cada criança, do grupo a que essa criança pertence e do grupo a que ela está ligada no momento da pesquisa” (DEMARTINI, 2009, p. 8). Os processos de socialização precisam ser verificados.



Comentário final

Coringa 3

Para trazer ao palco as histórias dos professores e das crianças, foi necessário cumprir etapas. A primeira foi encontrar pessoas que colaborassem nesse processo. A segunda foi encontrar uma maneira dentro da História Oral que facilitasse o momento das entrevistas, as perguntas adequadas, as fichas, o jogo com as crianças e uma história. Cada roteiro, cada detalhe do jogo, cada pergunta da história, tinham a intenção de que fosse um desencadeador das lembranças dos professores e das crianças.

AS CRIANÇAS A CAMINHO DO EPISÓDIO DE SUAS NARRATIVAS

CORINGA 2

QUE TAL UMA BRINCADEIRA DE ADIVINHAR?

JOELIZE

MEU NOME É JOELIZE. EU SOU A MAIS VELHA DAS MINHAS IRMÃS. A MAIS NOVA TEM TRÊS ANINHOS E A MINHA IRMÃ DO MEIO TEM CINCO ANOS. MEUS PAIS TIVERAM A PRIMEIRA FILHA DOIS ANOS ANTES DA SEGUNDA FILHA. QUANTOS ANOS EU TENHO HOJE?

GABI

MEU NOME É GABRIELI. TENHO SETE ANOS. EU MORO COM MINHA MÃE E COM MEU PAI. NA MINHA CASA MORAM TRÊS PESSOAS. DUAS MULHERES. TENHO UMA IRMÃ, JULIANA. ELA. É MAIS VELHA QUE EU. A MINHA IRMÃ TEM VINTE E TRÊS. MINHA MÃE TEM QUARENTA E TRÊS E MEU PAI QUARENTA E OITO. QUANTOS ANOS TINHA MINHA IRMÃ QUANDO EU NASCI?

NATIELI

MEU NOME É NATIELE. TENHO SETE ANOS. MINHA MÃE CHAMA NATALINA. AQUI EM CASA MORAM SEIS PESSOAS, MORO COM O PAI COM OS IRMÃOS, O MALAQUIAS O DEOCIR E O SAMUEL. O MAIS VELHO É O MALAQUIAS, O MAIS NOVO, O SAMUEL. MAIS VELHOS QUE EU, TEM DOIS E MAIS NOVO SÓ UM. HIII AGORA NÃO SEI O QUE PERGUNTAR.

OSNI

MEU NOME É OSNI. TENHO OITO ANOS. MEU PAI CHAMA REGINALDO, A MÃE REGINA. MINHA PROFESSORA IVANA. ESTUDO NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA GYKRE TAG, NO SEGUNDO ANO E POR FAVOR VOCÊ QUE ESTÁ AÍ ME AJUDE A PERGUNTAR.

CORINGA 2

E AGORA, QUE TAL VOCÊ AJUDAR A NATIELE E O OSNI UMA PERGUNTA FORMULAR. DEPOIS SIGAM PARA O FINAL DO EPISÓDIO 3



Teatro de sombras

Coringa 4

Passar adiante da escola era sonho

Dos sonhos guardados, ainda os ingás nas árvores permanecem
com eles não se buscam mais sorrisos

A mesma estrada que ao longe ia, que era palco das encenações das crianças,
levava homens de enxada nos ombros, outros montados à cavalo e famílias
empoleiradas em carroças.

Levava crianças com seus cadernos em saquinhos plástico
e trazia suas mães de calejadas mãos para a colheita de arroz.

A mesma estrada levava-as com sonhos e trazia-as sem.

Levava meninos querendo aprender, trazia apenas os meninos.

Levava meninos sem marca e trazia meninos feridos.

Da estrada que levava meninos admirados, trazia os cabisbaixos.

Da estrada que levava o menino com esperanças, trazia o menino
desesperançado.

Da estrada que levava o menino com medo trazia o menino apavorado.

Da estrada que levava meninos com perguntas trazia meninos sem respostas
e sem perguntas.

A estrada trazia meninos
sem sonhos

sem esperanças

sem perguntas

sem respostas

Trazia-os

feridos

desesperançados

apavorados

Humilhados.



EPISÓDIO III

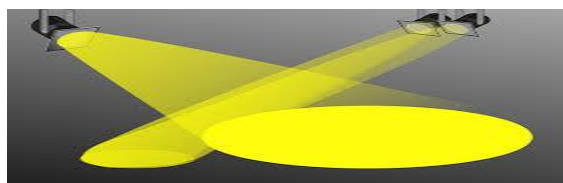
OS BASTIDORES DAS ENTREVISTAS

Explicação

Coringa 3

As cenas que vocês apreciarão agora contam um pouco dos bastidores das entrevistas, de como se chegou às histórias dos protagonistas que serão narradas nos próximos episódios.

Cena 1



O caderno de campo e as etapas da História Oral

Tanto na História Oral quanto na proposta de Teatro Oprimido de Augusto Boal (1980), fazem-se presentes os protagonistas, as entrevistas e suas narrativas. Na proposta do autor, não são apenas contadas as narrativas,

mas o processo de como elas chegaram até o palco, assim como na História Oral, as narrativas não são apenas apresentadas, mas também é demonstrado como se chegou até elas. Para isso organizei um diário de campo para cada entrevista, no qual cuidadosamente escrevi a respeito do que aconteceu em cada uma delas.

Nesses diários expresso momentos vividos com os protagonistas, são anotações sobre o ocorrido nos bastidores, inicialmente registradas em um caderno e, a partir da terceira entrevista, no computador. São observações a respeito de todos os entrevistados e as relações estabelecidas com estes, inclusive antes de conhecê-los ou, ainda, de reencontrá-los para a entrevista.

Nessas páginas eu também escrevo os motivos que levaram o entrevistado a participar da pesquisa, além da reação ao convite por mim formulado e a relação do colaborador com o tema proposto. Nesse diapasão, pondero igualmente comentários sobre suas narrativas e informações obtidas quando o gravador se encontrava desligado. Há, ainda, explicações sobre como decorreram as entrevistas, com ressalvas acerca das interrupções e presença de outras pessoas, e anotações sobre as diversas reações observadas em cada colaborador – tanto dos professores diante das fichas de palavras e das perguntas, quanto das crianças diante do jogo e da história da Maria. A respeito do caderno de campo Verena Alberti aduz:

O caderno de campo deve ser elaborado pelos pesquisadores responsáveis pela entrevista. Nele será registrado todo tipo de observações a respeito do entrevistado e da relação que com ele se estabeleceu, desde antes do primeiro contato: os motivos que levaram o programa a escolhê-lo como entrevistado em potencial; os canais de mediação entre o programa e aquele depoente, se houver (por exemplo: que o indicou para o programa); como o entrevistado reagiu à solicitação dos pesquisadores, por ocasião do primeiro telefonema ou encontro; descrições sobre como decorrem as sessões de entrevista: a reação do entrevistado a determinadas perguntas, dificuldades dos pesquisadores, interrupções e problemas na gravação, relação do entrevistado com o objeto de pesquisa, comentários sobre sua memória, informações obtidas quando o gravador estava desligado; a evolução da relação: o que mudou na atitude de ambas as partes (entrevistado e entrevistadores) ao longo da sessão de entrevista e à medida que a relação foi se aprofundando; eventuais alterações do local da entrevista e do corpo dos entrevistadores; como, quando e por que se decidiu encerrar a

entrevista; contatos posteriores com o entrevistado (ALBERTI, 2005, p. 100).

Fazem parte das anotações, uma pequena biografia de cada colaborador, as datas de realização e os locais utilizados para o desenvolvimento das entrevistas. No quadro abaixo encontram-se as datas e os locais das entrevistas realizadas, com a respectiva duração de cada uma delas.

Quadro 3: Entrevistas realizadas

Entrevistado	1ª ENTREVISTA			2ª ENTREVISTA		
	Data	Local	Duração	Data	Local	Duração
Bruno Garcia	20/05/14	Escola	75' 23"			
Gabrieli Balansin	03/07/14	Casa	49' 59"	27/09/14	Casa	47' 42"
Ivana Lucia Balansin	03/07/14	Casa	33' 43"	14/01/15	Casa	98' 34"
Noeli Checelski de Abreu	05/07/14	Casa	77' 42"	14/01/15	Casa	129' 48"
Natiele Sales	04/07/14	Escola	30' 48"	15/01/15	Casa	46' 26"
Osni Alves	04/07/14	Escola	27' 59"	15/01/15	Casa	46' 03"
Marta	19/08/14	Escola	43' 53"			
Joelize da Silva	19/08/14	Escola	57' 14"			
Suzan Carneiro Cipriano	15/01/15	Casa	121' 26"			

Fonte: A Autora (2015)

As gravações foram feitas em um *tablet*, por meio de um aplicativo baixado gratuitamente da *Apple Store*, chamado *Dictaphone*, utilizando-me também de um gravador da Sony, embora somente tenha transcrito as gravações realizadas por meio do aplicativo *Dictaphone*.

Após as gravações, iniciei as transcrições com ajuda de Luana Hartmann Tamarin e Fabiane Prazeres. Na transcrição tomei consciência de algumas situações que ocorreram, durante as entrevistas, e que não foram observadas no decorrer, pois minha atenção estava no entrevistado. Acompanhado ao olhar atento a tudo que diziam, emiti sons afirmativos como “Huhum”, buscando demonstrar meu interesse ao que iam dizendo. No entanto,

no decorrer da transcrição isso foi se tornando cansativo e percebi a desnecessidade, pois bastaria o olhar. Na maioria das entrevistas, durante a transcrição, observava que isso era parte de mim como entrevistadora, além do hábito de repetir as respostas das crianças e de utilizar muitas palavras no diminutivo. Contudo, somente observei tais aspectos na transcrição realizada de forma fiel ao que foi dito no decorrer das entrevistas.

De fato, trata-se, conforme anunciado por Alberti (2005), de um esforço em traduzir aquilo que foi gravado para a linguagem escrita. Transcrever literalmente, respeitando as entonações, os silêncios, os gestos, os olhos marejados de lágrimas, as pausas. Não é apenas a voz que transcrevo, mas o conjunto fático que acompanha a fala de cada entrevistado. Olhar nos olhos dos entrevistados contribuiu para que essa conjuntura de gestos e expressões fossem melhor observados.

A transcrição é a base dos trabalhos posteriores, eis que nela aparecem todas as minhas intervenções, frases inacabadas, interrupções por outras pessoas, barulhos e sons externos.

José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda (2011) no livro “História Oral: Como fazer, como pensar” afirma que “A transcrição literal, apesar de extremamente necessária, será apenas uma etapa na feitura do texto final, que chamo de textualização, por ser ao fim e ao cabo um modo de se reproduzir honesta e corretamente a entrevista em um texto escrito” (MEIHY e HOLANDA, 2011, p. 156).

Ainda a respeito desse assunto, Portelli assevera

Já dissemos que é necessário um ouvinte especializado para dar início ao processo de *history-telling*; é também necessário um escritor/escrivão especializado – geralmente a mesma pessoa – para completá-lo. O papel do pesquisador como coautor começa em campo e continua na transformação da performance dialógica oral em texto escrito: transcrição, redação, publicação, análise (PORTELLI, 2010, p. 216).

Após as transcrições, iniciou-se o processo da textualização. Na textualização são suprimidas as perguntas e as expressões “Huhum” feitas por mim, do mesmo modo que os sons externos também o são. A textualização é uma narrativa.

A textualização deve ser uma narrativa clara, onde foram suprimidas as perguntas do entrevistador; o texto deve ser”

limpo", " enxuto e " coerente" (o que não quer dizer que as *ideias* apresentadas pelo entrevistado sejam coerentes); sua leitura deve ser fácil, ou compreensível, o que não ocorre com a transcrição literal, a apresentada por alguns historiadores como "fiel" ao depoimento, porém difícil de ser analisada como documento histórico (MEIHY e HOLANDA, 2011, p. 156).

A partir da segunda entrevista com as crianças que fiz com a história da Maria, iniciei o processo de textualização, após a transcrição, buscando unir as informações obtidas na primeira entrevista com as informações da segunda entrevista, em forma de uma pequena história contada pelas crianças. Na textualização foram retiradas todas as perguntas e a parte em que narro para as crianças a história da Maria.

As duas entrevistas, tanto no jogo, quanto na história, objetivavam trazer suas experiências, tanto do lugar onde vivem, como sobre as pessoas com as quais convivem em casa e na escola, e como se relacionam com a Matemática nesses espaços.

Na textualização foi organizado um texto narrativo de fácil compreensão e fiel ao depoimento. Embora, como dito, tenham sido suprimidas as perguntas formuladas nas entrevistas, anote-se que nos momentos em que as crianças apenas respondiam sim ou não às perguntas, deixei estas como sendo falas das crianças, a fim de tornar a narrativa compreensível. Principalmente das crianças Osni Alves e Natiele Sales, que em diversos momentos considerei seus gestos e a expressão do rosto que iam confirmando ou negando as indagações formuladas. De fato, havia uma colaboração entre a fala, os gestos das mãos e os olhos das crianças entrevistadas. Conforme aponta Bruner (1997), para Vigotski as ações das crianças são acompanhadas com a colaboração da fala, dos olhos e das mãos. "O diálogo sempre pressupõe a percepção visual do interlocutor, de sua mímica e gestos, bem como a percepção acústica de todo o aspecto entonacional da fala" (VIGOTSKI, 2001, p. 454).

Para Demartini (2009), há crianças que falam e crianças que não falam, a depender do contexto. No caso das crianças indígenas, podemos atribuir à eventual dificuldade com a Língua Portuguesa o fato delas não responderem algumas perguntas ou responderem apenas por gestos e expressões faciais, pois a maioria delas se comunica no ambiente doméstico

na língua *Kaingang*.

É importante apreender esses diferentes contextos e também aprender a trabalhar com aquilo que é dito e com aquilo que não é dito, porque temos principalmente no caso de crianças, esse contexto de “pouca fala”. Isso demanda de o pesquisador enfrentar uma dificuldade muito grande, que é como entender o que não é dito ou aquilo que é dito numa “palavrinha” só, o que aquilo sintetiza (DEMARTINI, 2009, p. 8).

Ao falarem a respeito de suas vidas, a partir da história da Maria, percebi suas observações empíricas, seus gestos, silêncios e palavras – às vezes uma única palavra que refletia seu pensamento a respeito do mundo.

A partir do jogo e da história de Maria, as crianças trouxeram de diferentes situações cotidianas, informações a respeito de como estabelecem relações com a Matemática. A ideia era de que o jogo contribuísse para com o exercício de buscar na memória as experiências vividas na escola em relação à Matemática e, pautada nelas, a criança pudesse dialogar, estabelecendo imaginariamente uma conexão entre o que acontecia na sua própria vida e na vida da Maria, a personagem da história. “Vygotsky tinha representado o jogo e a imaginação como um produto do poder do discurso de libertar o comportamento e o pensamento do domínio do campo perceptivo imediato” (MINICK, 2002, p. 51). Para o autor, segundo estudos pautados em Vigotski, a criança inicialmente presa aos campos perceptivos, por meio da atividade lúdica desenvolvida com ela, seus pensamentos e significados são libertos das origens do campo perceptivo (MINICK, 2002).

Nesse processo de leitura e releitura do que as crianças haviam contado, voltei meus olhos às condições a partir das quais as crianças tinham contado suas histórias, o que me fez analisar um pouco meus instrumentos utilizados: o jogo e a história.

Algumas questões que talvez pudessem ter sido feitas nas duas entrevistas poderiam ser as mesmas sugeridas por Alina Galvão Spinillo (SPINILLO, 2014), no texto “Para que serve a Matemática na perspectiva das crianças” disponível no Caderno 02 “Quantificação Registros e Agrupamentos” do PNAIC (BRASIL, 2014c).

Para que serve a Matemática?

Para que servem os números e as operações?

Para que serve medir?

Para que serve contar?

Para que serve fazer continhas?

A partir dessas e de outras reflexões sobre a forma de questionar as crianças acerca da Alfabetização Matemática, indica-se a possibilidade de continuar o questionamento com base em suas respostas. Um exemplo é a fala de Gabrieli Balansin, quando afirmou que para três pessoas almoçarem em sua casa seria necessária uma mesa com quatro lugares, deixando um de fora. A partir de sua fala, poderíamos criar uma situação-problema: “Na casa de Gabriele tem uma mesa com quatro lugares e moram três pessoas, o pai, a mãe e ela”, em seguida questionando o seguinte:

Tem mais lugares na mesa ou mais pessoas na casa?

O número de lugares na mesa é igual ao número de pessoas da casa?

Tem menos pessoas do que lugares na mesa, na casa de Gabriele?

Os conceitos de mais, de menos, igual, os quais são conceitos básicos dentro da Matemática, conforme afirmam (LOPES; ROOS; BATHELT, 2014) em um texto “Sobre a construção do número” disponível no caderno “Quantificação Registros e Agrupamentos” da formação de Alfabetização Matemática (BRASIL, , 2014c), os quais são conceitos necessários para o desenvolvimento do conceito de número. Ao perguntar às crianças *“Na sua sala de aula quem é o maior? E o menor? Você é mais alto o mais baixo que a professora? Quanto você acha que tem de altura? Como é possível saber quanto você tem de altura? Com o que podemos medir a sua altura? É possível desenhar nossa altura em tamanho real no caderno? Como podemos representar nossa altura no caderno? Quem é o menor na sua família?”*. Estas informações podem apresentar dados sobre as práticas efetivas de medição.

Fora do contexto escolar, a criança geralmente se coloca do lado dos adultos e de outras crianças para comparar quem é o maior, ou menor, quanto ainda falta para chegar na altura dos pais ou, ainda, para constatar que está crescendo. As experiências das crianças apresentam esse conhecimento pré-escolar. Na escola, à medida que este conhecimento vai se tornando mais complexo, a criança passa a operar com os números e os instrumentos adequados para medição.

Perguntar às crianças se no supermercado tem mais frutas daquela citada como a sua preferida, seja laranja, ou figo, ou morango, tinha como propósito entender o processo de agrupamento em classes (LOPES; ROSS; BATHELT, 2014). Ao incluir na história questões relacionadas à alimentação, ao cultivo e preparo dos alimentos, ao tempo de cozimento, às compras no supermercado, ao modo como encaminham as refeições, abrem espaço para trazer à cena a vida da criança. Abordar temáticas relacionadas com experiências familiares faz com que as crianças ajam e reajam de forma espontânea, trazendo à tona seus conhecimentos do cotidiano. Questioná-las sobre isso abre a possibilidade do pensamento sobre essas questões e, de forma voluntária, a resposta associando o conhecimento já adquirido no seu pouco tempo escolar.

Contar que Maria, em companhia de a sua irmã, juntava nós de pinho a pedido do pai (o nó de pinho citado na história é também fonte de renda dos pais de Natiele, uma das entrevistadas), recebendo posteriormente, como pagamento pela atividade realizada, um pote de balas, foi a situação posta para eu formular a seguinte indagação: "*Crianças devem ou não chupar balas? Por quê?*". Ocorre que, eu já poderia nesse momento ter feito outros questionamentos, mas eles foram surgindo à medida que fui organizando as formações dos orientadores com base nos cadernos do PNAIC (BRASIL, MEC, 2014a) e também nas posteriores entrevistas com as crianças. Poderia, em outro momento, organizar uma situação em que apresento um pote de balas às crianças e perguntar:

Maria ganhou um pote de balas como este. Quantas balas você acha que ela ganhou?

Como podemos fazer para contar e saber quantas balas tem nesse pote?

Conforme as respostas das crianças, poderia ainda questionar:

Será que contando da maneira que você está sugerindo, não nos perdemos na contagem?

Que outro jeito tem para contarmos essas balas?

Com isso talvez pudesse saber se realizam contagem por agrupamentos, pois esta contagem envolve uma grande quantidade de

elementos e assim observar se as crianças estão superando a contagem um a um. “Agrupamento é uma estratégia de contagem que organiza o que é contado, ajudando a não esquecer de contar nenhum objeto e evitando que um mesmo objeto seja contado mais de uma vez” (LOPES; ROSS; BATHELT, 2014, p. 15).

As crianças, ao ilustrarem o lugar onde vivem, ou mesmo quando elas explicam o caminho de casa até a escola, o fazem com apenas um ponto de vista, visão de frente, isso indica que o trabalho neste ciclo de alfabetização sobre os diferentes pontos de vista sobre um mesmo objeto dá a elas a possibilidade de compreender que é possível representá-lo de diferentes formas conforme se discute no caderno de Geometria (BRASIL, 2014g) no texto “A lateralidade e os modos de ver e representar” dos autores (GARNICA; MARTINS-SALANDIM, 2014).

Ao tratar da possibilidade de se comunicar por cartas, é importante considerar que a criança, quando chega à escola, possui um momento no qual se comunicar tem sentido para ela, seja por carta, por correspondência eletrônica (*e-mail*) ou por redes sociais virtuais diversas. Trata-se de situações reais nas quais falam de assuntos reais que têm significado para elas.

Conta a história de Maria que ela gostava muito de escrever cartas. Gosto este também presente na fala de Gabrieli Balansin, mas ao contrário de Maria, que recebia respostas, Gabriele não recebe e, portanto, não sabe das histórias dos seus amigos – em verdade nem os amigos sabem as histórias de Gabriele, nem mesmo ela se reconhece na sua própria história, pois pouco fala ou escreve sobre si mesma. “Maria escrevia para os amigos e os amigos escreviam para Maria, cada um contando suas próprias histórias. E assim Maria ficava feliz lendo as histórias dos outros e escrevendo suas próprias histórias. Com as leituras do que os outros escreviam Maria crescia e aprendia”. A história de Maria oportuniza às crianças a expressão Matemática vivenciada por elas no dia a dia e, ainda, pode apontar a Matemática ensinada na escola, a qual deve servir para modificar os conceitos aprendidos em situações espontâneas.

Cena 2



Anotações dos bastidores das entrevistas, das transcrições e textualizações

Convido-os a imaginarem os momentos vividos durante as entrevistas. Tive o cuidado em me concentrar e nunca desviar meus olhos deles. Sempre é tão agradável quando, ao contar uma história, somos ouvidos atentamente, e não apenas com os ouvidos, mas quando é possível ver nos olhos daqueles que nos ouvem, reflexo daquilo que estamos falando. Empatia seria a palavra! Quando o nosso falar provoca no outro as reações que as palavras significam. Em todas as entrevistas, lembrava-me dos olhos da minha mãe, que eram tão expressivos e se interessavam pelas nossas palavras e nos incentivavam a querer contar sempre mais. Também no decorrer das entrevistas, lembrava-me das crianças quando contavam histórias, do olhar expressivo do espanto, da alegria, do suspense, do medo e do “conta de novo”. Com esse olhar, conduzi as entrevistas e realizei minhas anotações de campo.

Quadro 4: Diário de Campo 1

Diário de campo 1

Colaborador: Bruno Alberto Grunberg Garcia

Data da entrevista: 20 de maio de 2014

Local: Escola municipal Guilherme Ceolin- Pinhais

Fonte: A Autora (2015)

Em um dia ensolarado. Paro o carro em frente à escola municipal Guilherme Ceolin. Interfono. Uma mulher vem me receber. Pergunto pelo professor Bruno. A mulher sai e logo chega um rapaz jovem e muito simpático.

Professor Bruno. *Muito prazer!*

Gentilmente me convida para nos dirigimos à sala da diretora, para a qual solicitamos um espaço para conversarmos e realizarmos a entrevista. A diretora nos acompanha até a sala das pedagogas, que gentilmente nos presenteiam com esse espaço, assim também o professor que me presenteou com o seu tempo e suas histórias. Já fiz pessoalmente, mas agora quero fazê-lo aqui em cena, diante de todos vocês nobre *espect-atores*, meus sinceros agradecimentos ao professor.

Era uma sala confortável. Primeiro tempo da entrevista, ouvem-se conversas ao longe das crianças. Mas já ao final dela, muitas conversas, risadas, gritos de crianças que pareciam felizes correndo pelo pátio, durante o intervalo. No começo da conversa preenchi a ficha cadastral (ANEXO), fotografei um documento de identificação e li com ele dois documentos. O primeiro documento referia-se ao Termo de Consentimento Livre e esclarecido (ANEXO), no qual o colaborador declara concordar em participar da pesquisa. O entrevistado sentiu-se confortável e seguro, principalmente quando foi informado de que poderia retirar informações sobre as quais viesse a falar e depois pudesse considerá-las inadequadas para que fossem lidas por um público mais amplo. O segundo documento que apresentei foi o Termo de Autorização do uso da Entrevista (ANEXO), que se refere ao uso das informações contidas nesta entrevista.

Na sequência, dei início à gravação no *tablet*, apesar de já ter utilizado o aparelho para outras duas entrevistas piloto: uma com o meu marido que me contou sua trajetória até chegar a ser professor de Matemática, e outra que realizei com duas crianças, enquanto testava o jogo do desafio de fazer as crianças contarem sobre suas relações com a Matemática. Mesmo com essas experiências, estava insegura e por isso após ter iniciado a entrevista liguei também o meu gravador da Sony.

Para iniciar nossa conversa, apresentei minhas intenções e objetivos sobre o transcurso da entrevista. Informei-o que conversaríamos sobre três momentos de sua vida: o primeiro momento seria a infância, o segundo momento, o de formação e o terceiro momento, a sua atuação como professor.

Organizei então, sobre a mesa, as listas de palavras já mencionadas no episódio anterior - consoante minhas hipóteses de que os colaboradores

escolheriam mais palavras da primeira lista para falar da infância, e da segunda para falar da formação e da atuação como alfabetizadores. Com os aparelhos ligados, fiz uma pequena introdução falando sobre as duas listas e convidei o professor Bruno para que organizasse uma terceira lista, escolhendo dentre aquelas palavras, as que poderiam trazer à memória fatos sobre seu processo de alfabetização e de suas relações com a Matemática na infância. Orientei-o que poderia escolher qualquer palavra das duas listas, do mesmo modo que poderia escolher todas as palavras, se assim desejasse. Além das palavras, também combinamos que eu faria intervenções no decorrer da entrevista, quando necessário.

A intenção após a escolha da terceira lista, era questioná-lo sobre as palavras por ele selecionadas, o porquê da escolha de cada uma, por qual gostaria de iniciar e sobre qual eventualmente não gostaria de falar. No entanto, no decorrer da conversa outras questões foram surgindo e minhas intervenções, apesar de não estarem planejadas, foram ocorrendo.

Registrei as palavras escolhidas pelo professor, as quais ajudaram trazer à lembrança suas memórias da infância. A primeira seleção montada pelo professor foi composta das seguintes palavras: Resolução de situações-problema; dificuldade Matemática; Língua Materna; Alfabetização e Letramento Matemático; Situações-problema; Oralidade; Resolução e Histórias. O que observei ao longo da textualização é que Bruno também se referiu aos jogos, tarefas de casa e outros temas.

Para falar do segundo momento, o da sua formação, o professor escolheu as palavras Alfabetização Matemática; Letramento; Leitura; Gêneros textuais; Leitura e escrita. Para falar do terceiro momento, que é o momento atual como professor alfabetizador, as palavras escolhidas foram: Língua Materna e Matemática; Alfabetização e Letramento; Resolução e Situações Problemas. Para finalizar nossa conversa, montei a minha terceira lista, no caso a sexta lista sobre a mesa, com as seguintes palavras: Leitura e escrita; Gêneros textuais na Matemática; Resolução de situações-problema; Alfabetização Matemática e letramento; Leitura e escrita na Matemática; Leitura de histórias na Matemática; Oralidade.

Quadro 5: Lista das palavras utilizadas nas entrevistas com os professores

1ª Lista de Palavras-chave	2ª Lista de Palavras-chave	Palavras escolhidas para falar da infância	Palavras escolhidas para falar da formação	Palavras escolhidas para falar da atuação como alfabetizador	Lista organizada pela pesquisadora
Letramento	Alfabetização e letramento	Resolução e Situações Problemas	Alfabetização Matemática	Língua Materna e Matemática	Leitura e escrita
Matemática	Alfabetização Matemática	Resolução	Letramento	Alfabetização e Letramento	Gêneros textuais na Matemática
Escrita	Leitura e Escrita	Dificuldade Matemática	Leitura	Resolução e Situações Problemas	Resolução situações-problema
Gêneros textuais	Gêneros textuais em Matemática	Língua Materna	Gêneros textuais		Alfabetização Matemática e letramento
Situações-problema	Resolução Situações-problema	Alfabetização e Letramento Matemático;	Leitura e escrita.		Leitura e escrita na Matemática
Resolução	Alfabetização Matemática e letramento	Situações Problemas;			Leitura de histórias na Matemática;
Histórias	Leitura e Escrita na Matemática	Oralidade			Oralidade
Jogos	Leitura de histórias na Matemática	Histórias			
Língua materna	Língua materna e Matemática				
Leitura	Dificuldades na Matemática				
Alfabetização					
PNAIC					
Formação					
Métodos					
Metodologia					
Crianças					

Dificuldades					
Oralidade					

Fonte: A Autora (2014)

A lista que organizei ao final foi uma tentativa de trazer para o contexto da narrativa as palavras que não haviam sido escolhidas pelo professor Bruno.

Após a gravação da entrevista, imediatamente iniciei a transcrição. A partir dos dez minutos de entrevista transcrita, percebi que o investimento de tempo era de aproximadamente uma hora de trabalho para cada dez minutos de gravação. O exercício era de ouvir no máximo cinco a seis palavras, dava pausa na gravação para digitar o que havia ouvido. Isso exigiu de minha parte um grande esforço que se tornou muito cansativo e demorado, vez que associado a outras responsabilidades, de modo que precisei de estratégias que acelerassem esse processo. Solicitei então a minha filha Luana Hartmann Tramarin que ouvisse a gravação e registrasse em um caderno as falas e, na sequência, meu marido João Guilherme Martins ditava enquanto eu digitava. Aparentemente essa forma foi menos cansativa. Depois desse trabalho inicial, ouvia toda a gravação e minuciosamente ia acrescentando os detalhes que poderiam ter sido perdidos na primeira parte do trabalho de transcrição feito por Luana.

Na transcrição da entrevista de Bruno, as ênfases dadas por mim e pelo colaborador Bruno no decorrer da entrevista, estão marcadas em *itálico*. As pausas curtas estão marcadas com reticências e as pausas mais longas estão marcadas pela palavra *silêncio* entre colchetes. Os risos que ocorreram durante a entrevista pelo colaborador e a entrevistadora estão marcados pela palavra *risos* entre colchetes. Quando apenas um dos participantes riu, está identificado pela palavra *riso*, também entre colchetes. As emoções que ocorreram durante a entrevista estão marcadas pela palavra *emoção*, entre colchetes. No decorrer da entrevista, por diversas vezes, o colaborador iniciou frases, as quais não foram concluídas. Nesse caso, foram utilizadas reticências para marcar os enunciados incompletos.

Na textualização foram suprimidas todas as questões que fiz ao meu entrevistado e retiradas todas estas marcas do texto, como também foram retiradas partes do texto da transcrição. O que pude constatar no decorrer da

entrevista, e também após a textualização, é que nem todas as palavras escolhidas e dispostas em lista pelo professor Bruno foram por ele abordadas. Seguem abaixo as palavras das listas que são citadas em suas narrativas sobre as relações com a Matemática na infância, formação e no momento atual como professor alfabetizador.

Quadro 6: Palavras citadas pelo professor Bruno em sua narrativa

Bruno

Infância	Formação	Professor alfabetizador
Matemática	Matemática	Letramento
Histórias	Situações- problema	Matemática
Jogos		Situações- problema
Leitura		Histórias
Alfabetização		Jogos
Dificuldades		Leitura
Oralidade		Dificuldades na Matemática
Alfabetização e letramento		
Leitura de histórias na Matemática		
Dificuldades na Matemática		

Fonte: A Autora (2015)

Ao final da transcrição e da textualização o que se observa é que mesmo da lista organizada por ele, algumas palavras não aparecem em sua narrativa, apesar de terem sido escolhidas no início da entrevista.

Quadro 7: Diário de Campo 2

Diário de campo 2

Colaborador (a): Gabrieli Balansin

Data da entrevista: 3 de julho e 27 setembro de 2014.

Local: A primeira entrevista aconteceu na sala da casa de madeira onde ela nasceu e a segunda, em uma casa alugada, pois tinham desmanchado a anterior para construir uma de alvenaria (Chopinzinho-PR).

Fonte: A Autora (2015)

Era noite e fazia muito frio quando cheguei à casa da Gabrieli Balansin. Seu pai Valdevir tinha feito fogo no fogão a lenha e aguardavam a nossa chegada com chimarrão e, para mais tarde, um risoto para o jantar. A família, como de costume, reuniu-se em torno do fogão para contar histórias de vida. Estavam presentes a avó, a mãe, o pai, a irmã de Gabriele e o tio Guilherme. Enquanto estávamos todos ainda na cozinha conversando, convidei Gabriele para participar do jogo. Ela prontamente aceitou. Expliquei que a ideia do jogo era contar histórias que acontecem na escola sobre a Matemática. Ela imediatamente falou em continhas e perguntou se eu queria ver o seu material escolar. Ao trazê-lo, procurou entre os cadernos, o de texto, pois queria ler para todos o que havia escrito.

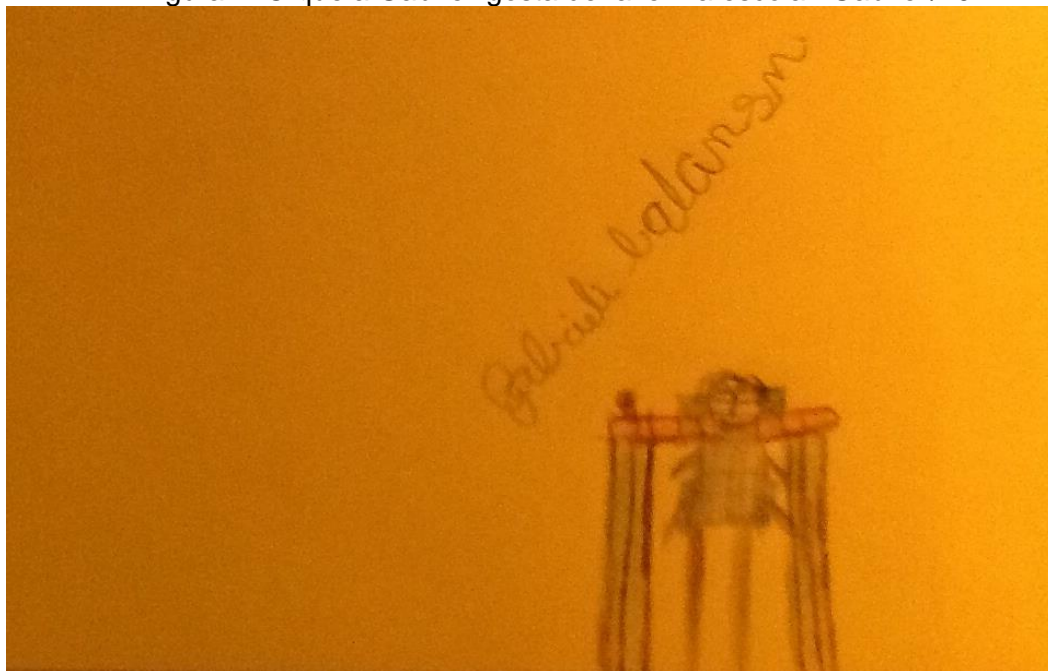
Após o jantar na cozinha, convidei-a para irmos até a sala de jantar a fim de realizarmos o jogo do desafio de contar histórias com a Matemática. Antes de ligar o gravador eu disse que havia feito o jogo do desafio e que no dia seguinte iria até a aldeia conversar e brincar com as crianças indígenas. Ela, a primeira a realizar o jogo, teria a responsabilidade em dizer se ajudaria as crianças a contarem suas histórias com a Matemática. De acordo com Gabrieli, as crianças da aldeia são tímidas. Essa dedução provavelmente fora construída a partir dos comentários da mãe, que é professora na aldeia dos índios *Kaigang*, ou por causa da irmã que também é professora na aldeia dos Guarani – ou, ainda, em decorrência de suas próprias experiências em ir pessoalmente até a aldeia.

Nesta primeira entrevista, informei-a que faríamos o jogo e que o mesmo lhe daria a possibilidade de, a cada desafio realizado, ganhar um boneco e que ao todo seriam seis. Perguntei se ela queria participar. Mostrou-se interessada, notadamente em ganhar os bonecos em cada desafio, então expliquei os detalhes do jogo. Pareceu um pouco tímida quando lhe informei que gravaria nosso momento no jogo, mas em seguida não se importou quando eu disse que a gravação seria para o caso da necessidade de comprovar se todos os desafios haviam sido cumpridos. Na oportunidade de realizar o segundo desafio expressou: “Desafio...ui Adoro”!!!

Antes do jogo, preenchi a ficha cadastral (ANEXO) dos colaboradores de pesquisa. No primeiro desafio Gabriele teve que desenhar o que mais gosta

de fazer na escola.

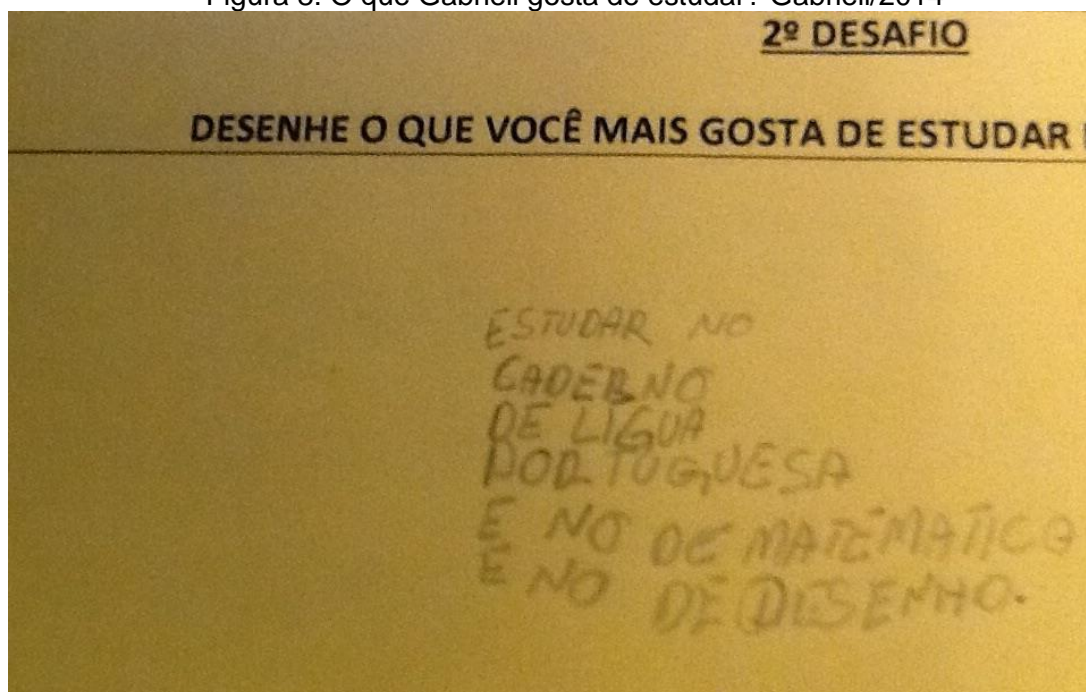
Figura 7: O que a Gabrieli gosta de fazer na escola? Gabrieli/2014



Fonte: Acervo constituído durante as entrevistas

Ao ser desafiada a desenhar sobre o que gosta de estudar na escola, Gabrieli escreveu:

Figura 8: O que Gabrieli gosta de estudar? Gabrieli/2014



Fonte: Acervo constituído durante as entrevistas

No decorrer da entrevista, Gabrieli consultou o caderno de Matemática para explicar algumas atividades realizadas em sala de aula. Questionei-a sobre a atividade dos números em nosso cotidiano, e ela exemplificou me mostrando o celular, o número no sapato e um encarte de supermercado.

Ela respondeu todas as perguntas e fez todas as atividades do jogo. Algumas com certa dificuldade e outras não. Durante a entrevista, além de utilizar o caderno para exemplificar, também utilizou dedoches da mãe que estavam sobre a mesa; etiqueta de preço para exemplificar uma situação dos valores de produtos em supermercados e o telefone da casa.

Na atividade com as coleções, Gabriele deu algumas ideias de como elas podem ser organizadas. Na atividade das fichas escalonadas, ela conseguiu ler os números da ordem das dezenas. Do início ao fim da entrevista, mostrou-se interessada em realizar todas as atividades.

Ao fundo da gravação ouvem-se as vozes da família que conversavam animadamente diferentes assuntos na cozinha. Durante o jogo, o telefone tocou duas vezes e, considerando que a Gabriele sempre procura atender às chamadas telefônicas, teve que entender que, naquele momento, a sua mãe podia atender. Já ao final do jogo, a Gabriele reclamou de uma leve dor na barriga, motivo pelo qual a sua mãe lhe deu um remédio e eu lhe perguntei se ela desejava parar o jogo. Nesse momento ela não aceitou, preferindo tomar o medicamento e continuar a entrevista.

Antes de realizar a segunda entrevista, que aconteceu em setembro, enviei a história da Ana Maria para o *e-mail* da mãe da Gabrieli. A mãe imprimiu e deu para a filha ler a história. Pedi também que ela fizesse ilustração da história, caso desejasse. E assim, algumas partes da história foram por elas ilustradas.

Pois bem, no momento da segunda entrevista, informei que novamente contaria a história de Ana Maria, e que a chamaria apenas de Maria. Em cada parte da história ia fazendo as perguntas propostas, conforme organizadas na história de Maria e apresentada no episódio 2.

Ao realizar a textualização, consoante explicado anteriormente, suprimi as perguntas e somente as incluí quando a Gabriele respondeu apenas sim, não ou por meio de gestos e expressões. Quando eu fiz a leitura da

textualização para Gabriele, em dois momentos, enquanto eu lia a história dela, ela se expressou como se a história fosse de outra pessoa. Quando eu li “eu não gosto de escrever muito no caderno de Matemática” ela disse “eu também não”, então eu disse “eu estou lendo a sua história”, e ambas achamos a situação muito engraçada. Em outro momento, quando eu realizava a leitura do trecho em que ela disse não se lembrar a razão pela qual a professora mandou as crianças recortarem os números, a Gabriele se expressou: “eu também não lembro”. Então eu disse a ela, “mas foi você que disse que não lembrava”. Perguntei se ela achava que era eu na história, e ela me disse “é a tua voz”. A textualização da sua entrevista não era uma representação de sua fala, mas outra história igual ou similar à história dela.

De fato, nesse momento, lembrei-me das histórias contadas pela minha mãe ao longo da minha infância. Para mim, as histórias contadas por ela, eram na verdade suas. Qual não foi a minha surpresa quando descobri que essas histórias se encontravam em livros, tendo sido escritas por outras pessoas.

Quando parei para refletir a esse respeito, dei-me conta que todas as vezes em que me preparava para contar uma nova história para as crianças, seja na ONG onde trabalhei na formação de contadores de histórias, seja nas escolas em Maringá onde tantas vezes contei histórias para as crianças, buscava torná-las na minha linguagem própria de contadora de histórias. Contava-as como se minhas fossem.

Gabrieli, ao ouvir a sua própria história, embora a desenhasse internamente, acabou se distanciando de suas experiências ao ouvi-la por meio de minha voz, concebendo a história como se minha fosse. Nesse aspecto é importante ressaltar que o contador de histórias, como fui para ela no momento da leitura da textualização de sua entrevista, deu continuidade à sua narrativa, tornando-a particular daquele que a contava.

Quadro 8: Diário de Campo 3

Diário de campo 3**Colaborador (a):** Ivana Lúcia Hartmann Balansin**Data da entrevista:** 3 de julho de dois mil e quatorze e 14 de janeiro de 2015.**Local:** em sua casa na cidade de Chopinzinho

Fonte: A Autora (2015)

Era noite quando cheguei em Chopinzinho na casa da Ivana Balansin. Fazia muito frio. Em volta do fogão a lenha, estava reunida a família, que conversava animadamente enquanto esperavam o risoto ficar pronto. Em meio às conversas, rodava a cuia de chimarrão. Depois do jantar e que todos foram dormir, liguei o microfone, era chegada a hora da entrevista com a minha irmã. Ela colocou mais lenha no fogo, enquanto organizei as palavras também em lista. Quando voltou, ficou olhando para as listas, em um silêncio prolongado. Diante das palavras-chave que lhe apresentei, apenas o silêncio e os estalos da lenha queimando no fogo.

Informei que as palavras poderiam servir como desencadeadores de suas lembranças a respeito de sua relação com a Matemática na infância, do seu processo de formação e do seu momento atual como professora alfabetizadora, e completei que não haveria necessidade de falar a respeito de todas elas.

Enquanto continuava em silêncio, aponte para algumas palavras, como Jogos, perguntando se no processo de alfabetização existiam, se escolheria a palavra Leitura, aponte para a palavra Histórias perguntando se a escolheria para falar deste momento, e a todas elas respondeu que não. Então deixei que escolhesse as palavras que pudessem ajudá-la em suas memórias. Escolheu Matemática, Dificuldades na Matemática e Escrita.

Nesse momento de escolha da palavra Escrita, questioneei-a como era essa escrita, se tinha textos, e ela respondeu apenas que não e continuou olhando ainda para as palavras, em silêncio. A impressão que tive foi de que o exercício de escolha das palavras desencadeou, ao mesmo tempo, o exercício de encontrar nas memórias as lembranças em relação àquelas palavras. Para algumas palavras havia lembrança, enquanto para outras não havia. Seleccionadas por mim para serem desencadeadoras de histórias, elas

silenciam a voz da professora. Quando conta, conta da voz que cresceu calada. Essas palavras não fizeram parte da sua vida.

Apontei ainda para a palavra Oralidade, perguntando se tinha lembranças de conversas a respeito da Matemática e, antes que concluísse, e entrevistada desabafou: “Não, porque era só o professor que falava, a gente era só ouvinte” (risos). A partir de então a deixei à vontade, e assim foi contando aos poucos os fragmentos de suas lembranças da infância. Não houve, sob a minha percepção, lembranças da Matemática em si, mas somente de situações que a impediram de conhecer os conteúdos da Matemática.

Algo que me despertou interesse teve relação com o fato de a entrevistada mencionar não ter aprendido a pensar: “eu precisava pensar e eu não aprendi a pensar”, destacando isso como fator de impedimento de sua aprendizagem. A professora Ivana trouxe poucas situações sobre as quais tenha pensado como possíveis situações de uso da Matemática no cotidiano.

Para falar do seu momento de formação, disse que do curso de pedagogia não se lembrava de quase nada, apenas que era teoria e que não gostava da professora em função do trauma causado nas séries iniciais. Recorro-me, nesse momento, à teoria para compreender que o esquecimento não é algo ruim, mas às vezes, necessário. “A habilidade para esquecer o desnecessário, para descartar o excedente, estabelecer vínculos depois que esses elementos já fizeram o seu trabalho é tão necessária quanto o estabelecimento de novos vínculos” (VIGOTSKY, 2010, p. 195).

A primeira e única palavra escolhida para falar da formação foi “Jogos”. Os quais surgiram em sua vida na pós-graduação em Psicopedagogia. No entanto, nesse momento da entrevista, não lembrou de nenhum jogo a respeito do qual pudesse falar e também não estava com qualquer material à disposição. Os jogos aos quais se referiu eram mais jogos para avaliação diagnóstica, específicos da psicopedagogia, mas que teriam contribuído no trabalho desenvolvido na sala Multifuncional, no município de Chopinzinho.

Para falar do seu trabalho como professora alfabetizadora, enfatizou o uso dos jogos, contou algumas experiências, entretanto sem concluí-las, necessitando retornar para uma segunda entrevista. Também falou a respeito do curso do PNAIC, ressaltando que o mesmo está contribuindo em sua

atuação como professora, referindo-se ao trabalho com textos, leitura e histórias na Matemática como possibilidade de trabalho. Contou ainda nessa primeira entrevista, a respeito da organização da sala de aula, dos materiais que estão na parede, do diálogo das crianças na sala e outros assuntos.

Após a transcrição da entrevista, preocupou-me o fato da Ivana ser minha irmã e fazer parte da pesquisa, motivo que me levou a conversar com o meu orientador, professor Dr. Carlos Roberto Vianna. Se a entrevistas colaborasse com o meu trabalho, não haveria qualquer impedimento a sua participação. E assim o fiz.

Após a transcrição, fiz a textualização e posteriormente fui até Chopinzinho para fazer a leitura e dar a devolutiva, conforme havia combinado na primeira entrevista.

No dia catorze de janeiro de dois mil e quinze, bem cedo, antes de todos em sua casa levantarem, li a sua história. Enquanto tomávamos chimarrão, fui lendo a sua história e conversando a respeito. Meu objetivo era ler com ela a textualização da primeira entrevista e perguntar acerca de alguns temas que ficaram em aberto.

Eu havia me programado para gravar todos os meus retornos com os colaboradores, como já havia sido realizada e gravada a leitura da textualização com a Gabrieli, de modo que assim também o fiz com a Ivana. Preenchi os dados da ficha cadastral, o que não havia sido feito na primeira entrevista, e também solicitei a assinatura das autorizações para utilização da entrevista.

No decorrer da leitura, suas filhas Juliana e Gabrieli transitaram pela sala várias vezes até que sentaram conosco e foram participando da conversa, com observações e intervenções de ambas. Nesse segundo momento da entrevista, quando iniciada a leitura da textualização, a professora Ivana estava com alguns materiais como o caderno de planejamento (muito caprichoso), o livro didático utilizado com o segundo ano que atuou no ano de 2014, pasta de atividades dos alunos solicitadas pela professora do PNAIC e pasta de atividades dos alunos. Esses materiais fundamentaram a primeira entrevista, pois a partir deles ela foi se lembrando de atividades desenvolvidas com os alunos, dos conteúdos aplicados e de toda a sua prática pedagógica com os alunos do segundo ano.

Em um determinado momento, a filha Gabrieli perguntou para a mãe se estávamos gravando e ela respondeu que não, o que não era verdade, pois estávamos gravando. A resposta de Ivana se deveu ao fato de que eu não havia informado, como da primeira entrevista, mesmo tendo ligado o gravador na sua frente e o aparelho estar posicionado entre nós duas. Eu sabia que ela não iria se opor caso a avisasse naquele momento que estávamos gravando, mas preferi dar continuidade porque estávamos em um momento de grande aprendizado, principalmente para mim, em ouvi-la falar a respeito de sua prática pedagógica e com tanta riqueza de detalhes que estava me apresentando.

Na segunda transcrição e na nova textualização, unindo os dois momentos de entrevista, achei que sua história poderia contribuir com as discussões propostas a respeito da relação dos professores e das crianças com a Matemática.

No quadro abaixo estão organizadas as palavras das listas citadas pela professora Ivana em suas narrativas.

Quadro 9: As palavras das listas citadas pela professora Ivana

Ivana		
Infância	Formação	Professor alfabetizador
Matemática	Matemática	Matemática
Situações-problema	Jogos	Situações- problema
Dificuldades na Matemática	Alfabetização	Histórias
	PNAIC	Jogos
	Metodologia	PNAIC
		Leitura de histórias na Matemática
		Dificuldades na Matemática

Fonte: A Autora (2015)

Quadro 10: Diário de campo 4

Diário de campo 4**Colaborador (a):** Noeli de Fátima Checelski de Abreu**Data da entrevista:** 4 de julho de 2014**Local:** em sua casa em Chopinzinho-Pr.

Fonte: A Autora (2015)

Reencontrar a professora Noeli é como reencontrar parte da minha história. Amiga de escola na infância, do andar a cavalo na adolescência e do grupo de teatro chamado América na juventude. Hoje, apesar de mais de vinte anos de experiências compartilhadas apenas durante as férias escolares, continuamos próximas e sempre quando nos encontramos temos muitos assuntos para relembrar.

Após ter combinado com ela o horário da entrevista, cheguei à sua casa e lá estavam o marido de Noeli, Anílton, os filhos Luana e Leandro, com a namorada. Conversei pouco com os familiares e logo pedimos licença para dar início à entrevista. Ficamos na varanda. Imediatamente tirei meus gravadores da bolsa e demos início à conversa. No decorrer da entrevista, o filho Leandro chamou a mãe, que teve que se ausentar por um instante, momento optei em não desligar o gravador.

As palavras-chave utilizadas nas entrevistas anteriores não permaneceram em listas nesse momento, pois ventava muito e elas foram embaralhadas diversas vezes, alterando assim o intuito inicial de realizar a pesquisa com todos da mesma maneira. “Cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras” (PORTELLI, 1997, p. 17). De todo modo, informei-a que tinha organizado duas listas de palavras, as quais permaneceriam em caixinhas, separadas, sendo que na primeira caixinha, palavras que eu achava que poderiam ajudá-la a lembrar de situações de sua infância, período de formação e também do momento atual como alfabetizadora.

Para início, retirei algumas palavras e formulei questionamentos utilizando, como por exemplo, as palavras gêneros textuais, Língua Materna, Alfabetização, Jogos, Leitura, indagando se elas lhe traziam à lembrança o seu processo de alfabetização, e que experiências ela teria para nos contar. Também com a palavra Histórias, indaguei se os professores lhe contavam

histórias, se ela as lia e também se tinha dificuldades. Deixei-a à vontade, afirmando que poderia escolher qualquer palavra ou até mesmo não escolher nenhuma. As palavras ficaram ali para nortear a conversa sobre sua infância, formação e momento atual como professora alfabetizadora.

A princípio, a professora ficou pensativa, retirei mais algumas palavras como Gêneros textuais na Matemática, Alfabetização e Letramento, perguntando se durante a sua infância ela teve acesso a diferentes tipos de textos, que tipo de textos lia e escrevia. A respeito de sua formação, perguntei como tinha sido e quais reflexões já havia feito e o quanto a formação tinha contribuído para que ela alfabetizasse de modo diferente dos seus professores do passado, principalmente no que se refere ao ensino da Matemática no processo de alfabetização.

O que mudou? Como ensina hoje, como consegue relacionar jogos com a Matemática, a escrita na Matemática, os textos na Matemática, a oralidade na Matemática, a leitura e a Matemática e também a respeito das experiências com a leitura em sala de aula.

Embora eu e Noeli tenhamos estudado juntas e na mesma escola, quando nas séries iniciais, ela se lembrou de situações das quais eu não tinha sequer lembranças, do mesmo modo que houve situações que achei que ela fosse abordar, mas nem sequer foram por ela mencionadas. Nesse momento, volto meus olhos para a teoria de Portelli (1997), que em seu depoimento questiona se os mesmos fatos são interpretados da mesma maneira pelos que os viveram. Enquanto a minha colaboradora Noeli falava do mesmo contexto em que eu havia crescido, a minha impressão, em alguns momentos, era de que nunca havíamos estado no mesmo lugar e muito menos que tivéssemos tido os mesmos professores. Nesse ponto, Verena Alberti assevera “O processo de recordação de algum acontecimento ou alguma impressão varia de pessoa para pessoa, conforme a importância que se imprime a esse acontecimento no momento em que ocorre e no (s) momento (s) em que é recordado” (ALBERTI, 2005, p. 23). Estas questões para Alberti (2005) devem ser incluídas em uma reflexão mais ampla, questionando as razões que levam os depoentes a conceberem o passado de uma determinada forma e não de outra, e o que este depoimento difere do depoimento de outras pessoas.

No dia treze de janeiro de dois mil e quinze retornei a Chopinzinho para

lernos a textualização. Assim que iniciamos, ela recebeu visita de familiares e tivemos que interromper a leitura, ao que demos continuidade na manhã seguinte. Também resolvi gravar esse retorno apenas como documento de atuação junto aos meus colaboradores – contudo, ao contrário da colaboradora Ivana, não fiz transcrição desse momento, uma vez que as informações dadas foram a respeito daquilo que ela já havia falado.

No quadro abaixo colo as palavras citadas na narrativa da professora e que fazem parte das listas disponibilizadas no decorrer da entrevista.

Quadro 11: As palavras das listas citadas pela professora Noeli

Infância	Formação	Professor alfabetizador
Matemática	Matemática	Matemática
Escrita	Leitura	Escrita
Gêneros textuais	Dificuldades	Histórias
Histórias	Oralidade	Jogos
Jogos		Leitura
Leitura		PNAIC
Oralidade		Oralidade
Dificuldades na Matemática		Alfabetização Matemática
		Leitura e Escrita na Matemática
		Leitura de histórias na Matemática

Fonte: A Autora (2015)

Quadro 12: Diário de campo 5

Diário de campo 5

Colaborador (a): Natiele Sales

Data da entrevista: 4 de julho de 2014 e 15 de janeiro de 2015

Local: escola

Fonte: A Autora (2015)

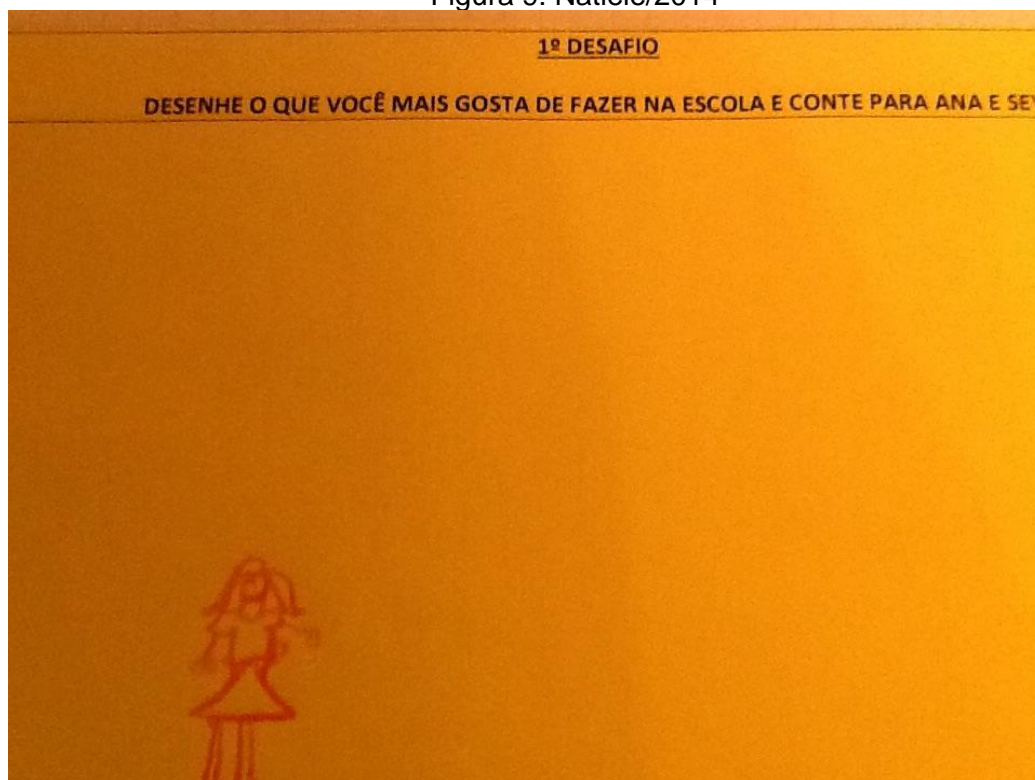
Meu encontro com Natiele foi em sua casa, localizada próxima à

rodovia, na aldeia Passo Liso na Reserva de Mangueirinha. A professora Ivana a convidou e ela aceitou, autorizada pela mãe. Juntamente com o colega Osni, seguimos até a escola onde eles estudam e, no caminho, Natiele se mostrou animada porque ia participar de um jogo e também porque lhe contei que a cada desafio cumprido, ela teria direito a um boneco.

No primeiro desafio do jogo a respeito do que mais gosta de fazer na escola, Natiele respondeu que a professora é “o que” mais gosta de fazer na escola e a desenhou. A princípio achei que não havia entendido, mas ela reafirmou que a professora é “o que” mais gosta de fazer na escola.

“A professora”

Figura 9: Natiele/2014



Fonte: Acervo constituído durante as entrevistas

Nessa entrevista, várias pessoas transitaram pela sala onde estávamos, pois, a escola estava se organizando para uma festa junina. No decorrer do jogo Natiele se manteve atenta até o final, sempre conferindo os bonecos que ia ganhando. Algumas questões respondidas eram “assopradas” pelo colega Osni ou ainda ele ia apontando a resposta.

Em janeiro de dois mil e quinze, quando visitei minha família em Chopinzinho e também fiz as leituras das textualizações de Noeli, Ivana e

Gabrieli, fui até a aldeia para fazer a segunda entrevista com Natiele e seu colega Osni, como também a entrevista com a professora Suzan. Passamos o dia na aldeia. Meu marido, que foi nosso motorista, minha irmã para me ajudar a chegar nas casas das famílias de Osni e Natieli e minha sobrinha Gabrieli. A segunda casa que visitamos foi a da família de Natiele. Estavam em casa ela, a mãe e o irmão menor ainda bebê. Nesse dia, Natiele estava um pouco febril, mas aceitou conversar.

Sentamos na varanda, no chão mesmo, e mais tarde Natiele deitou sobre um pano que estava por ali. A mãe acompanhou a conversa enquanto cortava taquara para confecção de um balaio. Em diversos momentos, a mãe traduziu palavras ou ideias em relação àquilo que perguntava.

No início, perguntei à Natiele se a professora Ivana havia lhe contado a história da Maria e ela acenou afirmativamente com a cabeça, indicando lembrar-se da história contada pela professora. Por isso não contei a história como havia feito na entrevista com Gabrieli e Joelize, apenas fui relembando de algumas partes, com intuito de que ela desencadeasse um pouco mais da sua história e das suas relações com a Matemática.

Ao responder algumas perguntas relacionadas a datas, dias da semana e meses do ano, observei que algumas informações ela não tinha certeza. Um exemplo ocorreu quando ela disse que o mês de seu aniversário, que é dia sete de janeiro, tinha sete dias. Outra situação se deu quando perguntei se sabia a data do dia em que estávamos conversando, e ela disse ser dia cinco. Informei-a que era dia 15. Na sequência, perguntei que dia era ontem, e ela respondeu que era dia quatro, e quando perguntei “e amanhã”, ela respondeu dia seis. Sua lógica estava correta. Mas como eu havia informado que era dia quinze, então resolvi mostrar o número dezesseis, apontando com o dedo para informar a data que seria no dia seguinte ao quinze, e perguntei que número era “o um e o seis” e ela me respondeu trinta e seis.

Ainda com o calendário, perguntei a respeito dos dias da semana, após silêncio eu iniciei e ela continuou. Quando perguntei se ela sabia quais são os meses do ano, ela disse que não, mas quando falei “janeiro”, ela falou “fevereiro”, e eu continuei “março” e ela “abril”, e assim foi até “agosto”, quando então ela concluiu dizendo “agosto e dezembro”, pulando, portanto, os meses de setembro, outubro e novembro. Perguntei em que mês é o Natal, e como ela

não sabia, cheguei a pensar que eles não festejavam o Natal. Contudo, ela me afirmou que sim, que eles comemoram a festa natalina.

Ao realizar a transcrição, tanto do jogo quanto da história, percebi que a Natiele e o Osni falaram pouco, respondendo basicamente minhas perguntas, e utilizando-se de no máximo três ou quatro palavras. A maioria das respostas quando positivas eram sim ou "Huhum", e quando negativas era a palavra não, ou então simplesmente acenavam positiva ou negativamente com a cabeça. Por isso optei, quando da elaboração da narrativa, em deixar em negrito as palavras pronunciadas pela Natiele, sendo as demais palavras em verdade componentes das perguntas que eu realizei no decorrer das entrevistas.

Ainda que palavras isoladas sejam ditas em vários momentos, é importante retomarmos a ideia de que embora o desenvolvimento do pensamento e da linguagem sigam caminhos distintos, ao realizar-se na palavra o pensamento se reorganiza. Desta forma, as palavras soltas da criança traduzem suas experiências do mundo de complexas impressões e objetos. Mesmo que fale palavras soltas, a criança não vê o mundo em objetos ou situações isoladas, mas com toda sua complexidade. Contudo, primeiro explica esse mundo e seu ponto de vista em palavras isoladas, somente depois, conforme vai crescendo, acaba por fazê-lo em frases até chegar o momento em que possa contar a história de suas experiências.

O fato das crianças Natiele Sales e Osni Alves, sobre o qual falarei a seguir, terem se comunicado por palavras soltas em alguns momentos, ou mesmo terem apenas concordado ou discordado com acenos, não significa que eles não tenham uma visão complexa do mundo, o que ocorre é que o pensamento como um todo se concretiza verbalmente apenas em suas palavras soltas e até mesmo em seus acenos.

Outro importante fator a ser considerado no caso das crianças da aldeia é que ambos são falantes na língua *Kaingang*, de modo que o Português, idioma em que ocorreu a entrevista, não é a língua materna de Natiele e Osni, que ainda estão sendo alfabetizados nessa segunda língua. Apesar de terem na escola aulas na língua *Kaingang*, o idioma de instrução é a Língua Portuguesa, ou seja, é por meio do Português que são feitas as discussões a respeito dos conteúdos e apresentação dos conceitos, justamente para facilitar a alfabetização das crianças nessa segunda língua.

Veja-se que talvez também aqui esteja a razão, senão a única, de Gabrieli ter se referido às crianças da aldeia como sendo crianças tímidas. Tímidas no sentido da pouca fala e da ausência de comunicação, tanto nas brincadeiras entre ela e as crianças da aldeia, quanto da participação nas aulas da professora Ivana, e até mesmo na entrevista que fiz com elas. Gabrieli quando vai à aldeia, fala na sua língua materna, que é o português, e deseja que as crianças também se comuniquem com ela nessa língua, que em verdade é a segunda língua, ainda incipiente, das crianças indígenas.

Ao entrevistá-las, procurei saber a respeito de suas relações com a Matemática, mas também dialoguei com elas na minha Língua Materna e não na língua delas. O resultado só poderia ser o mesmo daquele que ocorre quando Gabrieli as visita na aldeia, ou até mesmo que ocorre com a professora Ivana, que também ministra aulas na Língua Portuguesa. Eu ouvi, na maior parte do tempo em que com elas estive, o silêncio. O problema não está em as crianças serem tímidas. Tão pouco que não são capazes de aprender, ou que tenham dificuldades ou ainda não terem respondido aos meus questionamentos, porque não tinham o que dizer.

O problema é que tanto eu, quanto os professores que atuam com elas, falamos a nossa língua e queremos que elas entendam. Não as respeitamos no sentido de saber o que sabem e de como chegaram a esse saber. Não ouvimos o que dizem. Não nos dispomos a entendê-las em sua Língua Materna. A nossa fala não é sempre compreensível a elas. Não nos fazemos entender. Não comunicamos algo que entendam. E também não as ouvimos porque não somos capazes de entender a sua fala.

A respeito, lembrei-me da minha infância, quando meu pai nos obrigou, da noite para o dia, não falar mais em alemão e, como mágica, passar a falar em português, porque em um ano entraríamos na escola, local em que somente seria utilizado a Língua Portuguesa. Acho que na intenção de evitar constrangimentos futuros, meu pai nos torturou durante o ano que antecedeu a ida à escola, ensinando-nos o Português a base de alguns castigos. Com isso, aos poucos, fomos nos envergonhando de falar em alemão e, ainda, nossas brincadeiras, cantigas, versinhos, contagem, nome de todos os objetos, as histórias engraçadas e até tristes, foram sendo esquecidas. Nos primeiros tempos na escola, durante a maior parte do tempo eu ficava em silêncio. E eu

tinha tantas coisas para contar. Mas não havia quem pudesse ouvir. Do que se/eu ouvia, pouco se/eu entendia.

Quadro 13: Diário de campo 6

Diário de campo 6

Colaborador (a): Osni Alves

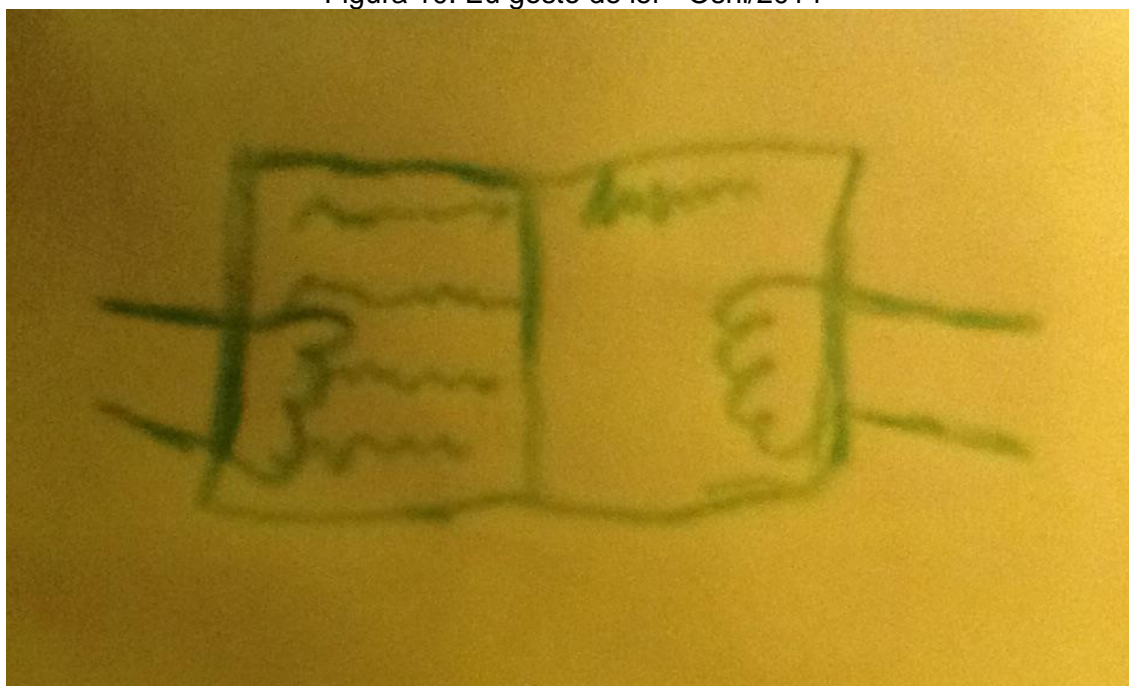
Data da entrevista: 04 de julho de 2014

Local: Escola em que estuda

Fonte: A Autora (2015)

A primeira entrevista com o Osni aconteceu após a entrevista realizada com sua colega Natiele, a qual ele ajudou algumas vezes com os desafios e esta, por sua vez, durante a entrevista do colega, também foi colaborando nas respostas. Em alguns momentos, enquanto ele desenhava, ela se antecipava com as possíveis respostas que ele pudesse dar. Um exemplo foi no momento em que Osni desenhava a respeito do que mais gosta de fazer na escola, e Natiele se antecipou dizendo que ele estava desenhando um livro e o que ele mais gosta de fazer na escola é de escrever.

Figura 10: Eu gosto de ler - Osni/2014



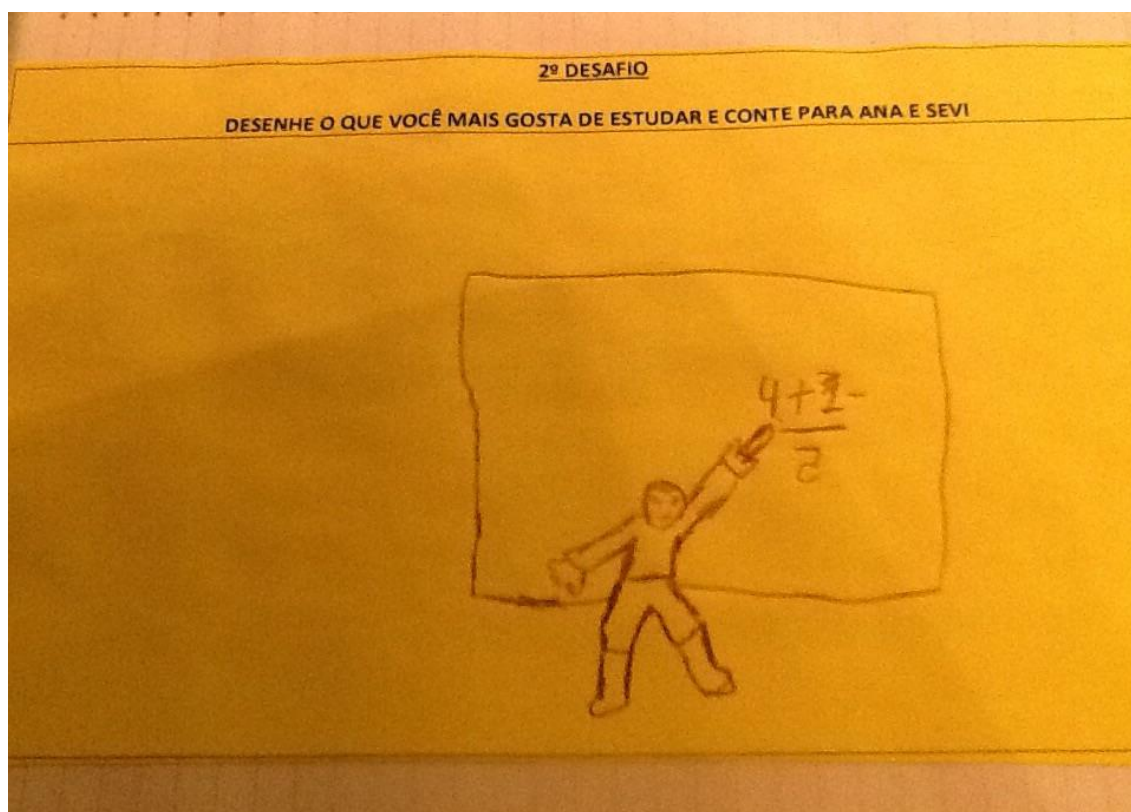
Fonte: Acervo constituído durante as entrevistas

A resposta de Natiele foi pautada no desenho ainda inacabado de Osni. Mas quando ele concluiu o desenho, disse-me que a atividade que mais gosta de realizar na escola é ler. A possibilidade em desenhar e verbalizar sobre as ideias expressas pelo desenho abrem espaço tanto para o leitor realizar suas próprias interpretações, a partir do desenho, como também para aquele que desenha concluir suas ideias dizendo suas intenções com o mesmo desenho.

Com isso, julguei relevante o fato da criança poder verbalizar sobre o que desenhava, pois, mesmo desenhando um livro, a leitora, nesse caso, Natiele, interpretou-o dizendo que a atividade que o colega mais gosta de realizar na escola é a escrita. Enquanto ele desenhava, perguntei a ela se lembrava o que tinha desenhado nesse momento do jogo, reafirmou dizendo que o que mais gosta de fazer na escola é a professora

Ao realizar o segundo desafio, Osni desenhou a respeito do que mais gosta de estudar.

Figura 11: O que eu mais gosto de desenhar? Osni/2014



Fonte: Acervo constituído durante as entrevistas

Algumas perguntas que fiz para Osni, no decorrer da entrevista ficaram sem respostas. Quando falou sobre o que gosta de ler, disse gostar das histórias do saci¹⁹. Nesse momento, questionei-o sobre o porquê, mas não obtive resposta.

No decorrer do jogo, Osni falou pouco, respondia às perguntas, mas não se prolongava nas respostas. Na primeira textualização, a exemplo do que fiz com Natiele, deixei as perguntas que fiz como sendo fala dele, pois respondia as questões com as palavras sim e não. Para diferenciar as palavras ditas por ele no decorrer da entrevista, deixei-as em negrito.

Ao questionar Osni Alves a respeito de quantos bonecos já havia ganhado no jogo e quanto ainda faltavam, não necessitou organizá-los como fez a colega Natiele. Algumas crianças, segundo (VYGOTSKI, 2012a, tradução nossa), geralmente as mais velhas, apresentam dificuldade no processo quando se utilizam objetos, pois isto lhes distrai a atenção, exige esforço e requer um tempo maior de dedicação à tarefa. Para Vigotski, a criança então recorre a outra forma de operação mais fácil, não fazendo uso de formas tão concretas como a utilização de objetos – ao contrário, pois utiliza a abstração correspondente à quantidade para saber o resultado, no caso do Osni a quantidade de bonecos ganhos.

Na segunda entrevista no mês de janeiro, eu passei o dia todo na aldeia. Primeiro fiz a entrevista com a professora Suzan e depois com a Natiele. Aguardei mais de cinco horas, pois o pai de Osni, que estava em casa cuidando dos filhos, queria também a presença da mãe, que estava trabalhando em um frigorífico na cidade. Ao final do dia, quando a mãe chegou em casa, a entrevista foi então autorizada, com a presença de toda a família.

Todos permaneceram em silêncio. Inclusive o entrevistado. Osni que falou durante a primeira entrevista manteve-se calado, respondendo apenas com acenos e risos. Olhava bastante para a mãe que lhe falava em *Kaingag*. Observei que, várias vezes, ela traduzia o que eu estava falando. Esta entrevista eu optei em não realizar a transcrição, pois não trazia informações que pudessem ser acrescentadas em sua narrativa. Preferi deixar no modo da

19 O trabalho a respeito dessa história a que Osni se refere é contada pela colaboradora Ivana.

narrativa apenas o momento em que realizamos juntos o jogo do desafio de contar histórias com a Matemática, e organizada da mesma maneira que a narrativa da Natiele, isto é, em **negrito** estão as palavras pronunciadas por ele e as demais são parte dos questionamentos por mim formulados a ele.

Quadro 14: Diário de campo 7

Diário de campo 7

Colaborador (a): Marta Jovinski Burkot

Data da entrevista: 19 de agosto de 2014

Local: escola

Fonte: A Autora (2015)

No dia dezenove de agosto, fui à escola Municipal Professor José Ribeiro de Cristo, que fica na comunidade de Santa Cruz no município de Rio Branco do Sul. A diretora Neusa, que faz parte do grupo de orientadoras do PNAIC, do qual fui formadora de referência, apresentou-me os professores, funcionários e os alunos, e disponibilizou a sala dos professores para realização das entrevistas com a professora Marta e uma de suas alunas, Joelize. Li o termo de consentimento livre e esclarecido e o Termo de Autorização de uso da entrevista e Marta aceitou de livre vontade participar da pesquisa. Informei-a sobre as fichas com palavras-chave que eu havia elaborado para que ela falasse da infância, formação e de seu momento atual como professora e que a entrevista seria gravada, transcrita e textualizada, esclarecendo também que ela poderia tanto retirar, quanto acrescentar dados em nosso segundo encontro.

A respeito das palavras, informei-a de que estas poderiam ser utilizadas em cada um dos momentos como auxílio para trazer à mente suas lembranças da infância, da formação e do momento atual de alfabetizadora. Ao contrário das entrevistas de Bruno, Ivana e Noeli, eu coloquei todas as palavras na mesa e não pedi para que ela formasse lista de palavras. Solicitei apenas que fosse me contando, por exemplo, como era a Leitura quando ela entrou na escola, como era a questão da conversa, da Oralidade, Histórias, como era ensinada a Matemática, se aprendiam diferentes tipos de textos. Perguntei em

que aquelas palavras poderiam auxiliá-la a lembrar de sua infância.

Para falar do momento de formação, eu não me referi mais às palavras-chave, seguimos com a conversa e as palavras permaneceram ali, caso ela quisesse utilizá-las como auxílio, o que ocorreu poucas vezes.

Questionei se ela tinha levado dificuldades, em relação à Matemática, para a vida e se essas tinham sido superadas no magistério. Outro questionamento, ainda no decorrer da entrevista, foi se ela tinha percebido que existiam outras maneiras de ensinar, diferentes daquelas com as quais ela tinha sido alfabetizada e, ainda, se ao tornar-se professora era mais forte ensinar aquilo que tinha aprendido no magistério ou o jeito que tinha sido ensinada.

Para falar do seu momento atual, como professora alfabetizadora, pedi à Marta que me contasse como ela leciona as suas aulas, como ela ensina os alunos, como é a dinâmica das aulas desde a chegada das crianças, rotina, o tempo para leitura, materiais que utiliza, enfim, como é o dia com os alunos. Questionei também sobre a existência de espaço para conversas, para oralidade, leitura, para a professora e alunos contarem histórias, se tem horário para brincar, para os jogos, os textos que trabalha com os alunos e que tipo de textos eles já produzem. Que relações os alunos estabelecem entre a Matemática aprendida na escola e a Matemática na vida. Se ela como professora consegue estabelecer diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento. Perguntei para Marta a respeito do tempo destinado para os eixos oralidade, leitura, escrita e qual deles tinha mais espaço na sua sala de aula.

Das palavras disponibilizadas na narrativa da professora Marta, observa-se que ela se referiu a alguma delas em cada um dos momentos.

Quadro 15: As palavras das listas citadas pela professora Marta

Marta

Infância	Formação	Professor alfabetizador
Matemática	Matemática	Escrita
Escrita	PNAIC	Gêneros textuais
Jogos		Histórias
Leitura		Jogos
		Leitura
		PNAIC
		Oralidade
		Dificuldades na Matemática

Fonte: A Autora (2015)

Quadro 16: Diário de campo 8

Diário de campo 8**Colaborador (a):** Joelize da Siqueira Silva**Data da entrevista:** 19 de agosto de 2014.**Local:** escola

Fonte: A Autora (2015)

No dia dezenove de agosto de dois mil e catorze, fui até a comunidade de Santa Cruz, que fica no município de Rio Branco do Sul, a escola que Joelize estuda é a escola Municipal Professor José Ribeiro de Cristo. Até chegar à escola, percorremos uns trinta minutos por estrada de chão. É uma região onde ocorre a retirada de pedras para uma indústria. Diariamente o ônibus sai da cidade e passa nas casas das crianças e leva-as até a escola.

Joelize da Siqueira Silva, minha colaboradora, sete anos de idade, estuda no terceiro ano, mora nesta comunidade de Santa Cruz, bem próximo da escola. A mãe da Joelize é uma das funcionárias da escola Municipal Professor José Ribeiro de Cristo (mesma escola em que a filha estuda) e isso facilitou a assinatura da autorização para uso da entrevista e das demais

autorizações.

Antes de iniciarmos nossa conversa, a diretora me convidou para conhecer a escola, que possui uma grande horta, as salas bem organizadas e todos muito receptivos. No momento em que visitei a sala de Joelize, as crianças estavam recortando figuras de frutas para o projeto de alimentação saudável que a escola estava desenvolvendo.

A entrevista com a professora da Joelize foi antes do intervalo do recreio e com ela foi após o intervalo. Para iniciar nossa conversa, e poder ouvi-la falar a respeito da sua relação com a Matemática, disse que lhe contaria a história de uma menina chamada Ana Maria ou apenas Maria e que depois eu também gostaria de saber a história dela, isto é, da Joelize. Era minha primeira experiência com a história.

Quando eu perguntei a Joelize quantas mulheres integravam a sua família, ela me respondeu que não dava nem para imaginar. A princípio achei que não tinha entendido minha pergunta, por isso perguntei novamente e ela me respondeu a mesma coisa. Então concluí que ela não estava pensando sobre isso, uma vez que seria fácil responder que eram três mulheres: ela, a mãe e a irmã. Contudo, em verdade ela se referia a toda a família, incluindo as tias, primas e todos os demais parentes, pois me disse: “Não dá pra contar, eu conheço um monte, eu conhecendo minha família não dá nem pra contar”.

Para responder as perguntas do calendário, emprestamos um da escola, em vez de utilizar do *tablet* que havia levado.

Segundo Joelize, ela tem responsabilidades com as tarefas domésticas e só pode ir brincar depois de concluí-las. Joelize disse que gostaria de ficar mais tempo na escola, porque acha bom estudar. Após eu ler a história de Maria, Joelize afirmou que, apesar de morar no interior, a família não possui uma vaquinha. O leite que consomem é o leite doado pelo programa do governo e ela entende, neste momento, que o leite é comprado em quilo.

Na sequência da entrevista, fiz o jogo do desafio.

A transcrição também foi realizada com a ajuda de Fabiana Prazeres, e quando realizei a textualização, percebi que a história da Maria e o jogo haviam oportunizado a Joelize falar sobre diferentes assuntos em relação à Matemática. As informações obtidas a partir da história estão na parte inicial do texto e do jogo na parte final, compondo uma única história

Quadro 17: Diário de campo 9

Diário de campo 9**Colaborador (a):** Suzan Carneiro Cipriano**Data da entrevista:** 15 de janeiro de 2015**Local:** em sua casa em Arroio Bonito

Fonte: A Autora (2015)

A participação da professora Suzan Carneiro Cipriano foi surgindo conforme fui realizando a transcrição da textualização da primeira entrevista das crianças da aldeia Osni e Natiele. Apesar da minha irmã, a professora Ivana, trazer informações relevantes a respeito do trabalho na aldeia, a professora Suzan poderia trazer dados que pudessem contribuir na compreensão do aprendizado das crianças indígenas, tanto pelas questões já mencionadas acerca do aprendizado da Língua Portuguesa, como alfabetização em segundo idioma, quanto pelas contribuições a respeito do seu próprio processo de alfabetização e de suas relações com a Matemática.

A professora Suzan falou da sua relação com o conhecimento e com a Matemática, e trouxe dados importantes a respeito da língua e do processo de ensino, tanto na Língua Portuguesa quanto em *Kaigang*. No decorrer da entrevista, em alguns momentos, atendeu sua filha que brincava com a minha sobrinha Gabrieli e com a minha irmã na varanda da casa, enquanto eu e Suzan conversávamos na cozinha.

Contou várias histórias a respeito da reserva de Magueirinha, da importância em se falar a Língua indígena para que ela não se perca, pois junto com a Língua se perde parte da cultura, da identidade de um povo, sua forma de ler e interpretar o mundo. Segundo a professora, o desafio está ainda em ter nas salas de alfabetização professores que falem a Língua Materna das crianças, que saibam alfabetizá-las nessa Língua e que esta não seja utilizada apenas como língua de instrução, mas também como objeto de estudo, da mesma forma que ocorre com a Língua Portuguesa, para os brancos (ou não indígenas). No quadro abaixo se encontra as palavras citadas por ela, as quais fazem parte das listas inicialmente propostas.

Quadro 18: As palavras das listas citadas pela professora Suzan

Infância	Formação	Professor alfabetizador
Matemática	Matemática	Matemática
Escrita	Situações- problema	Escrita
Jogos	Jogos	Gêneros textuais
Língua materna	PNAIC	Situações- problema
Alfabetização		Histórias
Dificuldades na Matemática		Jogos
		Língua materna
		Alfabetização
		PNAIC
		Oralidade
		Leitura de histórias na Matemática
		Língua materna e a Matemática

Fonte: A Autora (2015)

Cena 3



Diário de campo com as Formadoras: da análise compartilhada

Segundo Boal (1980), os espectadores não permanecem passivos, tornam-se protagonistas, conversam sobre as narrativas que foram apresentadas, tecem suas considerações e escrevem a cena.

Optei pela entrada das Formadoras ao final dos episódios, na exortação final, com o intuito de que se estabeleça uma conversa entre o que

foi dito nas formações e aquilo que acontece nas salas de alfabetização em relação à Matemática, conforme contado pelas crianças e pelos professores.

As Formadoras não falam da alfabetização Matemática como discorrem os professores e as crianças. Elas falam a partir das narrativas dos professores fundamentados neste material da formação do PNAIC e o que se diz sobre como a Alfabetização Matemática poderá ser na perspectiva do letramento. Os formadores assistem às cenas e depois também sobem ao palco e se tornam protagonistas desse jogo, enquanto os professores e crianças estão na plateia. Essa foi a maneira que encontrei para compreender o que está posto nas narrativas, sem, no entanto, assumir o exercício acadêmico de análise. Para Boal (1980) a ação do espectador é de intervir nas cenas, analisar e propor soluções para os problemas apresentados.

Quadro 19: Diário de campo 10

Diário de campo 10

Encontro com as Formadoras

Local do encontro: Residência da pesquisadora, em Curitiba

Data do encontro: 15 de julho de 2015

Fonte: A Autora (2015)

Após ter definido que as Formadoras participariam desse jogo na exortação final, dediquei-me na organização desse encontro. Primeiramente retomei a lista de palavras-chave utilizadas nas entrevistas com os professores.

Quadro 20: Palavras disponibilizadas para os professores na entrevista

Lista de palavras-chave

1ª lista	2ª lista
Letramento	Alfabetização e letramento
Matemática	Alfabetização Matemática
Escrita	Leitura e Escrita
Gêneros textuais	Gêneros textuais na Matemática

Situações- problema	Resolução: Situações- problema
Resolução	Alfabetização Matemática e letramento
Histórias	Leitura e Escrita na Matemática
Jogos	Leitura de histórias na Matemática
Língua materna	Língua materna e a Matemática
Leitura	Dificuldades na Matemática
Alfabetização	
PNAIC	
Formação	
Métodos	
Metodologia	
Crianças	
Dificuldades	
Oralidade	

Fonte: A Autora (2015)

Após uma leitura atenta das narrativas dos professores, organizei a lista de palavras que foram de fato citadas por eles. Outras palavras importantes foram citadas, mas tomei como base inicialmente as palavras-chave disponibilizadas nas entrevistas. Identifiquei que, no momento em que falaram da infância, das 28 palavras disponibilizadas inicialmente em listas e depois em duas caixinhas pequenas, 14 foram citadas para falar da infância. Sendo que dessas, 11 eram da primeira lista e 3 da segunda.

Quadro 21: Palavras da lista citadas pelos professores para falar da infância

1ª lista	2ª lista
Matemática	Alfabetização e letramento
Escrita	Leitura de histórias na Matemática
Gêneros textuais	Dificuldades na Matemática

Situações- problema

Histórias

Jogos

Língua materna

Leitura

Alfabetização

Dificuldades

Oralidade

Fonte: A Autora (2015)

A hipótese inicial de que os professores escolheriam mais palavras da primeira lista para falar da infância se confirmou ao longo de todas elas, mesmo deixando de dar ênfase nas palavras dispostas em listas no decorrer das entrevistas.

Para falar do momento de formação inicial, os professores escolheram 9 palavras. Todas da primeira lista. Da segunda lista não foi mencionada nenhuma.

Quadro 22: Palavras escolhidas pelos professores para falar da formação inicial

Palavras escolhidas pelos professores para falar da formação inicial

1ª lista	2ª lista
Matemática	
Situações- problema	
Jogos	
Leitura	
Alfabetização	
Pnaic	
Metodologia	
Dificuldades	
Oralidade	

Fonte: A Autora (2015)

Para falar do momento de atuação como professores alfabetizadores, estes escolheram mais palavras da primeira lista. No total foram 12 palavras.

No entanto, este foi também o momento em que mais se escolheu palavras da segunda lista, num total de 5 palavras.

Quadro 23: Palavras escolhidas para falar da atuação como professores alfabetizadores

1ª lista	2ª lista
Letramento	Alfabetização Matemática
Matemática	Leitura e Escrita na Matemática
Escrita	Leitura de histórias na Matemática
Gêneros textuais	Língua materna e a Matemática
Situações- problema	Dificuldades na Matemática
Histórias	
Jogos	
Língua materna	
Leitura	
Alfabetização	
PNAIC	
Oralidade	

Fonte: A Autora (2015)

Com os dados acima organizados, enviei o convite para as formadoras Magaly Quintana Pouzo Minatel, Edicléia Xavier da Costa, Salete Pereira de Andrade e Nelem Orlovski dizendo que estava indo para a escrita das últimas cenas da dissertação e que elas eram convidadas a entrarem em cena e estabeleceram uma conversa que está expressa na exortação final.

Num primeiro momento, apresentei as mesmas listas de palavras-chave, anteriormente disponibilizadas para os alfabetizadores e pedi que cada uma escolhesse até duas palavras para falar sobre Alfabetização Matemática.

Da primeira lista foram escolhidas três palavras. Duas Formadoras escolheram a palavra Letramento. Da segunda lista foram escolhidas quatro palavras. As listas de palavras escolhidas pelas Formadoras ficaram assim constituídas:

Quadro 24: Palavras escolhidas pelas Formadoras

1ª lista	2ª lista
Letramento	Língua Materna e a Matemática

Gêneros textuais

Gêneros textuais na Matemática

Jogos

Resolução de situações-problema

Dificuldades na Matemática

Fonte: A Autora (2015)

Agora é com você leitor, compare os quadros e responda:

As listas dos alfabetizadores em relação à lista das Formadoras são iguais? Diferentes? Em quê? Por que na lista dos alfabetizadores tem mais palavras da primeira lista? Por que na lista das Formadoras tem mais palavras da segunda lista?

Quadro 25 Palavras sobre atuação como professores alfabetizadores e palavras das formadoras

Palavras escolhidas para falar da atuação como professores alfabetizadores		Palavras escolhidas pelas Formadoras	
1ª lista	2ª lista	1ª lista	2ª lista
Letramento	Alfabetização Matemática	Letramento	Língua Materna e a Matemática
Matemática	Leitura e Escrita na Matemática	Gêneros textuais	Gêneros textuais na Matemática
Escrita	Leitura de histórias na Matemática	Jogos	Resolução de situações-problema
Gêneros textuais	Língua materna e a Matemática		Dificuldades na Matemática
Situações- problema	Dificuldades na Matemática		
Histórias			
Jogos			
Língua materna			
Leitura			
Alfabetização			
PNAIC			
Oralidade			

Fonte: A Autora (2015)

Para o segundo momento do encontro, organizei dois quadros de

palavras que estão presentes nas narrativas dos professores e das crianças, ambos quando contam a respeito de suas relações com a Matemática na infância. Um deles se refere às décadas de 70 e 80, e o outro ao ano de 2014. O primeiro é dito pelos adultos sobre quando eram crianças, e o segundo é dito pelas próprias crianças. Você deve se lembrar que no episódio 2, quando apresentei as palavras-chave e o motivo dessas escolhas, eu também afirmei que não colocaria palavras como “continhas” e “tabuada”, porque apareceriam nas narrativas independente dos disparadores.

Comparem os quadros:

Quadro 26: Alfabetização Matemática: como foi

1º quadro

Tema: alfabetização Matemática: como foi

Bruno	Ivana	Noeli	Marta	Suzan
Contas adição subtração Contas multiplicação divisão Tabuada situações- problema	de Continhas e situações- problemas de Cópia e respostas dadas professor	Contas cópia respostas das dadas colegas pelo	Continhas das adição subtração pelos Números Conjuntos Algarismos Problemas	Continhas e Número Probleminhas Situações problemas

Fonte: A Autora (2015)

Quadro 27: Alfabetização Matemática: como é

2º quadro

Tema: alfabetização Matemática: como é

Gabrieli	Natiele	Osni	Joelize
Continhas de adição e subtração Desenhos conjuntos Dezenas Números Desafios	Continhas de adição e subtração de Joguinhos Desenho triângulos, quadrados, retângulos.	Continhas adição, subtração, multiplicação de Desenhos retângulos, quadrados, círculo, triângulos Probleminhas	de Continhas Tabuada Desenho da família de Probleminhas

Fonte: A Autora (2015)

Qual a sua opinião a respeito dos quadros acima?

Para o terceiro momento do encontro com as Formadoras, apresentei o quadro abaixo e também fragmentos das narrativas dos professores a respeito de como é a Alfabetização Matemática feita por eles hoje.

Quadro 28: Palavras citadas pelos professores a respeito do trabalho que desenvolvem com as crianças

Palavras citadas pelos professores a respeito do trabalho que desenvolvem com as crianças

Jogos	5
Histórias	5
Matemática	4
PNAIC	4
Leitura	3
Leitura de histórias na Matemática	3
Situações-problemas	3
Dificuldades na Matemática	3
Gêneros Textuais	2
Língua materna e Matemática	1
Alfabetização Matemática	1
Oralidade	1
Letramento	1
	1

Fonte: A Autora (2015)

Perguntei às Formadoras que outras palavras poderiam ser acrescentadas na prática dos professores e o que elas significam.

Para fechamento do encontro, perguntei qual das listas inicialmente apresentadas resumia melhor a proposta de Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento.



Comentário final do episódio

Coringa 3

Caberá aos formadores um olhar considerando esse ir e vir do processo entre aquilo que era feito e continua sendo, e aquilo que é proposto nas formações e que de fato acontece nas salas de aula. Um diálogo a respeito dessa transição entre o que foi dito nas formações e aquilo que é feito de fato, apresentado nas narrativas. Considerando que a mudança ocorre ao longo do tempo, ainda assim será possível compararem as histórias dos professores que tiveram, com o tipo de professores que hoje são.

AS CRIANÇAS A CAMINHO DO EPISÓDIO DE SUAS NARRATIVAS

CORINGA 1

TENTEM MAIS ESSA ADIVINHAR. NELA TEM ASAS, MAS NAO É AVE, TEM CANTOS, MAS NÃO É PÁSSARO, TEM VIDA, MAS NÃO RESPIRA, TEM ASAS, MAS NÃO TEM LIBERDADE. O QUE É?

JOELIZE

ESSA É DIFICIL. EU TAMBÉM TENHO UMA. O QUE É O QUE É QUE TEM MINHOCA, MAS NÃO É MINHOCÁRIO, TEM VERDURA, MAS NÃO É SUPERMERCADO, TEM COZINHEIRA, MAS NÃO É COZINHA, O QUE É?

OSNI

EU NÃO SEI. MAS EU TENHO UMA. O QUE É O QUE É, QUASE TODAS AS CRIANÇAS GOSTAM. MAS NEM TODOS TÊM AQUILO QUE DÁ O QUE AS CRIANÇAS GOSTAM. PARA ISSO ALGUNS COMPRAM. GABRIELI COMPRA NO

SUPERMERCADO EM LITRO. JOELIZE PEGA NA ESCOLA E ACHA QUE COMPRA EM QUILO. NA ALDEIA CHEGA D E CAMINHÃO. O QUE É?

CORINGA 1

GOSTEI DESSA BRINCADEIRA DE ADIVINHAR. SÓ DEPOIS DO EPISÓDIO ENCONTRAR QUE AS RESPOSTAS IREMOS REVELAR.



Teatro de sombras

Coringa 4

Da infância os protagonistas desse jogo
 lembram das cópias
 dos exercícios de mãos e dedos
 enquanto no pensamento
 as brincadeiras do recreio, o corre-corre do pega-pega,
 os gritos do esconde-esconde e
 as encenações na estrada ao findar do dia.
 As brincadeiras imaginadas
 na colcha de retalhos das montanhas
 e o seguir na longa e estreita estrada.

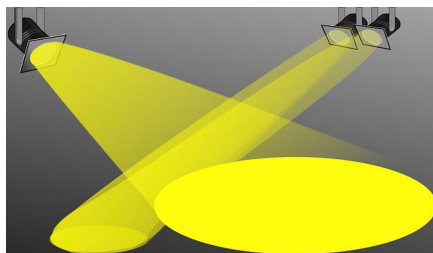
Havia tantas coisas para contar
 das brincadeiras, das travessuras,

das brigas, dos acertos, dos medos, dos sonhos
enquanto calados deveriam permanecer.

Havia tantas coisas para segredar
os passarinhos apanhados
a louça quebrada, os sonhos secretos.

Sobre o que viam
as surras, os castigos, as cópias, as reguadas
como cegos tiveram que permanecer
sobre o que ouviam
você é burro, nunca aprende, está sem recreio, está de castigo
em silêncio foram condicionados a permanecer.

Ah, quantas vezes desejaram seguir na estreita estrada tão longa?
(Memórias da infância).



EPISODIO IV

PROTAGONISTAS E SUAS NARRATIVAS EM CENA: COMO FOI

Explicação

Coringa 3

Neste Episódio entram em cena as narrativas dos professores alfabetizadores que foram entrevistados. Nelas, relatam como suas relações com a Matemática foram sendo construídas ao longo de suas vidas.

Cena 1

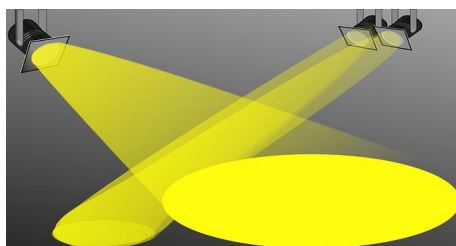


Olhares sobre a infância a partir da idade adulta

Demartini (2009) nos alerta acerca da diferença existente entre os relatos feitos por adultos sobre a infância, os quais por óbvio já passaram por essa etapa, e os relatos feitos pelas crianças. No presente caso, os professores nas entrevistas nos contaram a respeito de suas relações com a Matemática na infância. Para Demartini (2009), o momento em que a pessoa

narra sobre sua infância é diferente se for adolescente, adulto ou idoso, assim como é diferente o relato de membros de uma mesma família sobre o mesmo fato.

Assim, as reflexões feitas pelos professores sobre a escola, o papel do professor e outros temas que emergem de suas narrativas são diferentes quando comparados aos de outra pessoa que não estuda as questões educacionais. Pelas narrativas dos professores sobre sua infância é possível perceber como a criança era vista, tratada e o que se propunha para ela. Ainda, é possível perceber como os professores se sentem rememorando essas histórias. Pela narrativa dos professores, suas experiências não ficaram no passado, elas fazem parte do desejo em não repetir ações que não colaboraram no processo educativo, como também em aprimorar aquilo que foi positivo.



Matemática, melhor do que saber fazer, entender o processo, por que fazer?

Bruno Alberto Garcia

Desde pequeno gosto de um desafio, sempre fui muito ligado a um desafio! Não *creio* que eu tive dificuldade na Matemática, mas sempre na vida as coisas que tenho mais dificuldade, em vez de desistir, é onde justamente eu tento superar.

Lembro da professora Ninon, do Omar Sabbag. Ela sempre foi muito atenciosa. Estava começando na questão do “um mais um”, do “dois mais dois”, daquela coisa bem básica da Matemática e lembro da professora explicando. Para mim a Matemática sempre funcionou desse jeito, eu tinha que

chegar e fazer, por conta própria. Eu procurava entender “Como que eu vou fazer tal operação”?

E desde pequeno, às vezes eu tinha o resultado final, mas eu não tinha entendido o processo. Aí sentava, fazia mais uma vez, e não chegava no resultado e tentava fazer a Matemática reversa, a logística reversa e com o resultado, às vezes eu chegava em como é que fazia aquela conta. Às vezes eu não entendia, mas eu tinha que ir para casa... Sempre foi bem desafiador Matemática para mim! Por que... Além do fato de ser lógica. Se você fizer aquilo, vai dar aquele resultado. E para mim isso é legal nessa parte!

Dificuldades na Matemática? Olha, dificuldade a gente sempre lembra, a gente sempre tem. Eu me lembro da epifania, que descobri como eu fazia a conta de multiplicação. Eu não entendia por que multiplicar. Não o porquê multiplicar, mas o que significava multiplicar, você tem um e vira dois. Eu me lembrei de um método que eu fazia que, em vez de multiplicar, eu somava. Então se você tem quatro vezes dois, eu pegava dois mais dois, aí eu chegava ao resultado! Exatamente dessa forma! Primeiro eu fazia nos palitinhos, depois, passei a só marcar para não perder e fazia nos dedos.

Lembro outra situação muito complicada... Eu estava com dificuldade na tabuada e para meu pai, que é da época de 1950, era decorar. Ele anotou a tabuada do 1 ao 9 e falou: “você vai lá e vai decorar” e eu fui lá fora e ficava andando: “duas vezes um dois, duas vezes dois...” e ia fazendo todo este processo. Digamos assim: “Ajudou em certos momentos”, mas eu só consegui compreender realmente a tabuada depois que eu entendi esse processo.

Na época não entendia porque precisaria saber tabuada, nunca foi passado por que eu vou usar uma tabuada, por que tenho que saber que duas vezes dois vai virar quatro. Eu não tinha assim a concepção do real sentido de tabuada, mas já entendia a concepção de divisão. Depois da frustração de eu tentar decorar a tabuada que consegui até certo ponto, por exemplo, a do cinco que era mais fácil, a do nove. Mas até hoje eu tenho um pouco de dificuldade na tabuada do oito. Eu procurei aprender. Sempre via a Matemática como melhor do que saber fazer, entender o processo, por que fazer?

Isso foi um norte a vida inteira. Meu pai ensinava como decorar. Minha mãe sentava e explicava. *Como vou fazer? Por que eu vou fazer?* Antes de saber como vai fazer, é entender o porquê você vai fazer, isso veio do lado da

minha mãe. Ela tinha bastante *paciência*. A minha mãe auxiliou bastante. Ela ajudou!

Outro que sempre esteve do meu lado e me ajudou bastante, foi o meu irmão mais velho. Meu irmão teve um papel bem importante! Tinha algumas questões que minha mãe às vezes não conseguia explicar, mas meu irmão conseguia. Em tudo, mas principalmente assim na Matemática! Minha mãe e meu irmão pegavam aquele mesmo exercício e mudavam o número e pediam para eu resolver. Ajudava, ajuda bastante! Uma pequena mudança e você já muda todo um conceito e já tem que pensar. Se eu fiz duas vezes dois dá quatro, se eu fizer quatro vezes dois, muda? Hoje, com o pensamento lógico tem desenvolvido isso! Na época quando era criança: “*nossa mudou*”? Aí eu passei a usar o pensamento lógico. Porque para mim Matemática e lógica estão sempre, completamente ligadas. Por isso que eu falei: “A lógica está na Matemática” você tem que sentar e fazer uma autoavaliação, sempre!

Todo auxílio do professor foi essencial na minha infância. A questão da alfabetização foi papel essencial também do professor. O professor teve toda fundamentação. Às vezes quando eu não compreendia, eu perguntava, teve um papel muito importante! Muitas conclusões que eu cheguei da Matemática naquela época, cheguei em sala de aula. O que eu levei para casa foi algo que realmente, mesmo ele explicando, o que eu não conseguia entender. Então o papel da alfabetização e letramento foi essencial!

Outra coisa que talvez tenha me ajudado muito, que entra numa outra área, mas que tem a ver, é que eu já lia desde os meus cinco anos de idade. Minha mãe sempre me ensinou a fazer leitura. Minha mãe foi uma grande incentivadora da leitura! Então ela ia na biblioteca, eu ia com ela. Pegava um livro. Eu ia muito na biblioteca e pegava livros sem obrigação! Sem obrigatoriedade! E quem me incentivava era minha mãe! Eu tinha meus 5 anos, lembro que meu pai lia histórias. Faz a diferença na Matemática. Eu não tinha conclusão de que isso estava me ajudando, mas foi um facilitador. Porque às vezes as dificuldades que meus colegas tinham, eu não tinha.

Foi um facilitador para mim, da compreensão da Matemática! Talvez pela alfabetização...com auxílio de professor e ter o foco junto com a leitura. Não estou dizendo por aí que eu não tive meus problemas com a Matemática. Eu tive notas assim não tão boas como eu gostaria.

Eu selecionei a oralidade, porque eu sempre tive um probleminha na sala de aula. Que eu conversava demais! Sempre fui um aluno assim. Eu lembro de a professora virar de frente (risos) para carteira para eu conseguir ficar. Mas ao mesmo tempo que eu conversava, de alguma forma eu entendia, sabe? Então é meio conflitante comigo hoje...porque eu penso assim “conversar todo mundo conversa”, mas na época eu não podia conversar! Claro que em partes a conversa não tinha nada a ver com o conteúdo, eram conversas relacionadas ao conteúdo e conversas que eu já havia terminado de fazer o conteúdo. Então aí eu ficava pensando “o que é que eu vou ficar fazendo”? Aí acabava gerando isso!

Eu não lembro especificamente quando eu comecei a fazer operação de divisão. Lembro que eu gostava das situações-problemas. Lembro que sempre estava auxiliando meus colegas com relação à dificuldade. Nunca tive muita vontade de fazer aqueles trabalhos em grupo. Sempre tive vontade de fazer as coisas sozinho e até hoje em dia eu sou assim, gosto de fazer por conta própria.

Dos jogos lembro.... Na verdade, não tinha tantos jogos como talvez a gente tenha hoje. Foram poucas vezes, que eu lembro que o professor chegou e propôs jogos, eu tinha bastante jogos em casa.

Na escola Nossa Senhora da Assunção em Curitiba, fiz do pré até a quarta, quinta série. Eu lembro que me deu uma boa base. Nessa escola eu tinha bastante tarefa de casa, páginas e páginas e talvez isso seja intrínseco em mim hoje, porque eu acredito que só na escola não é o suficiente para você garantir um aprendizado de qualidade. Eu acho que ainda tem que chegar em casa e fazer um estudo por trás. Por isso que é necessário, eu vejo como algo que é muito importante, a tarefa de casa. Talvez toda a minha base tenha vindo daí. Lembro muito das professoras, elas tinham muito carinho, eu gostava muito! Eu fiquei até muito chateado saindo de lá na época! Eu lembro muito do carinho, respeito. Eu lembro que houve muitas apresentações. Havia na época, se não me engano, algum tipo de concurso de Matemática que eu participei.

Lá talvez eu tenha trabalhado um pouco mais com material didático, uma coisa mais palpável. Quando fui para a escola Omar Sabag era mais o quadro-negro, estilo tradicional. Lá tinha ainda as freiras que usavam materiais, vindo de fora. Lembro que lá comecei a jogar xadrez, não sabia muito bem o

que era, mas eu conseguia.



Passei a infância copiando o que o professor já tinha resolvido!

Ivana Lucia Balansin

Da primeira e segunda série eu não me lembro da Matemática. Lembro bastante do Português, da cartilha, das atividades que a professora passava no quadro. Isso eu lembro. Mas da Matemática na primeira e segunda série eu não tenho lembrança. Acho que tinha, só não tenho lembrança. Do português eu lembro que tinha que juntar as sílabas, lembro da cartilha Caminho Suave. Até hoje eu gosto do Português, acho que foi trabalhado de uma forma mais dinâmica, de um jeito que eu consegui assimilar melhor.

Da infância, não lembro que série eu ia, mas lembro que ficou bem presente na minha memória um professor. Ele passava problemas, situações-problema, continhas que tinha que fazer. Ele passava atividade no quadro e quando terminava já começava com a resposta. A situação-problema ele já dava com a continha feita. Tinha adições, subtrações, que tinha que resolver e eu não pensava para fazer isso. Ele já dava cinco mais cinco igual a dez, tudo pronto. Nenhum momento eu precisei pensar. Era só cópia, cópia. Então era copiar e completar, copiar e completar. Era assim!! Passei a infância copiando o que o professor já tinha resolvido e é essa lembrança que eu tenho de Matemática.

A dificuldade em Matemática era o fato de não ter aprendido a pensar. Pense que é por isso que eu tenho dificuldade na interpretação, porque eu não aprendi interpretar, porque não aprendi a pensar, pois terminava de copiar e ele já estava com o cálculo pronto. Pense! Sem saber de onde que saiu o quatro, de onde veio aquele quatro.

Tarefa de casa não tinha, ele não dava porque dava tudo pronto e não tinha o que fazer em casa. Mas também, ele não era um professor preparado, na época ele conseguiu esse espaço para dar aula porque era uma pessoa bem conhecida na comunidade, uma pessoa mais velha. Eu lembro que ele usava um negócio enrolado no braço, preto de couro, não sei se ele tinha alguma coisa no... Nossa, ele me marcou muito!

Por isso que eu digo, a base na educação infantil e séries iniciais é tudo, porque depois para frente você vai aprendendo. Mas ele não explicava!

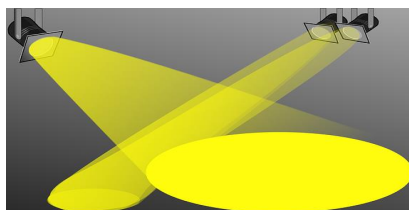
Comecei a perceber dificuldade quando eu vim para a cidade, pois na sétima e oitava série precisava pensar e eu não aprendi a pensar. Daí comecei a sofrer. Claro! O professor fazia a pergunta e o aluno tinha que resolver, como resolver se eu não sabia?

Eu lembro quando eu fiz a minha quinta série, fui à lousa, pois a professora pediu para fazer uma conta de dividir e eu não sabia! Então fui lá à frente, a sorte que uma menina que ficava mais do lado foi dizendo o que tinha que fazer. Triste você chegar e pegar um giz sem saber o que você tinha que fazer. Eu não entendia, porque não aprendi lá no início.

A tabuada eu fui aprender na quinta, na sétima e na oitava série, eu decorei, não aprendi construindo, aprendi decorando. Para mim a tabuada hoje não é dificuldade, mas eu tive que decorar.

Em casa a gente usava Matemática quando trabalhava com receitas. Sempre eu tinha dificuldade, hoje eu tenho que parar para pensar bem, quando vou ler alguma receita.

No primeiro ano do segundo grau²⁰, tinha aquelas equações, com fórmulas de elevar ao cubo, raiz quadrada... Levei esses três anos na média, para poder passar de ano.



20 A partir da LDB, Lei 9.394/96 mudou para Ensino Médio.

Da infância à vida adulta fingi saber Matemática

Noeli Checelski de Abreu

Quando estudei o primeiro ano, era primeiro, segundo e terceiro ano na mesma sala. O primeiro contato com a escrita era a repetição das vogais manuscritas no caderno. Eu me lembro da professora passando em silêncio no caderno e... repita! Copia embaixo! Ou apagando e mandando fazer de novo igual ela fazia! A gente repetia o traçado da letra embaixo.

No segundo ano eu ainda não sabia ler direito, e também não tinha muita habilidade na escrita e a professora iniciava aquele texto em uma ponta do quadro e escrevia a linha inteira até ao final, sem nenhuma divisão. Quando eu chegava à terceira, quarta palavra daquilo, eu não sabia mais onde estava! Eu tinha dificuldade para registrar. No segundo ano ela me deixou muito sem recreio porque eu não tinha conseguido copiar o ponto²¹. Minha nossa, que absurdo, gente!

Eu não tenho lembranças de escrever textos. Nas aulas de História, no terceiro e quarto ano, tinha que procurar a resposta, mas já estava pronta. Estudava muitos personagens da pátria, os senhores históricos, os caras que fizeram a história do Brasil. Você procurava a resposta. Pergunta pronta com a resposta óbvia. A continuação da frase era a resposta.

Na sala de aula líamos a cartilha Caminho Suave. Cada um lia um pedaço ou a professora tomava a leitura na carteira dela, só isso. Ler outra coisa, outro contato com a leitura, não! A leitura foi na adolescência, na infância não. Na adolescência lia bastante, pois tive acesso aos livros que meu pai, que era líder comunitário, lia. Li seus livros sobre liderança, participação comunitária e livros religiosos. Lembro que tinha um livro que era sobre solidariedade e eu queria saber tanto o que significava essa palavra. Minhas tias também tinham revista de foto/novela, os livros da Bianca, Júlia, Sabrina e também li esses livros, mas depois percebi que os enredos são similares e eu senti necessidade de outras leituras.

Todas as vezes que eu conto para as crianças um conto de fadas ou

²¹ Chamava de ponto o assunto, a matéria que a professora havia escrito no quadro e que deveria ser copiado pelos alunos.

leio, lembro do momento que eu entrei em contato com essas histórias. Foi no aniversário de quinze anos da Carmem²². Ela tinha uma coleção desses livros, eram de capa dura, e ela ganhou esses livros de uma tia lá de Rondônia. Enquanto todos continuaram a festa, comendo, conversando, brincando, rindo, eu me virei para estante, de costas para sala, e comecei a ler. Eu li o primeiro. Eram histórias curtinhas. Branca de Neve, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho e eu li tudo ali. Na escola nunca tinha lido. Nem a professora conhecia. Eu não lembro! Eu me apaixonei por aquelas histórias!!! Mas com quinze anos já.

Eu tive muita dificuldade para conversar, para falar na escola. Com a professora eu não conseguia me manifestar, não tínhamos essa abertura, essa vontade de falar com ela. Quanto menos a gente falasse, melhor. Para mim, quanto menos eu falasse ou dirigisse a palavra para professora, melhor era! Eu lembro que ela ia para a cantina e voltava e escrevia com aquela frieza no olhar. Aquela formalidade. Era muito séria. Hoje se você vir uma criança quieta, a gente busca a qualquer custo fazê-la falar a respeito.

A gente nunca teve jogos na escola, meu irmão aprendeu com os primos a jogar trilha e me ensinou. E a gente jogava imitando o pai e os homens que jogavam truco com baralho, fora da escola.

Eu lembro que eu tinha dificuldade para aprender Matemática, foi horrível! Quando iniciei no primeiro ano, já tinham uns meninos maiores e a professora passava as contas e eles iam no quadro-negro para resolver. Eu copiava! Quem sabia tinha oportunidade de fazer. Eu desviava de ir ao quadro, porque indo ao quadro dava para perceber que eu não sabia. Mas eram poucas vezes que as crianças menores iam ao quadro, geralmente eram só as crianças maiores do quarto ano que iam.

Tenho lembranças da Matemática no dia a dia lá no sítio. Nas situações que a gente ia ao armazém da D. Lurdes fazer as compras. Ela marcava no papel o que tinha comprado e quanto tinha dado. Se não era para marcar na conta, eu sabia fazer o troco, mas a gente quase não manuseava dinheiro. Outra lembrança é de quando o pai falava a quarta parte de milho na lata, tantos litros... a curiosidade da gente, “Mas quanto que era”? Então a gente foi

22 Carmem Menegat. Colega de classe e amiga de infância. Hoje professora nas séries iniciais no município de São João no sudoeste do Paraná e também participa das formações do PNAIC.

aprendendo. A distância, por exemplo, de casa até a escola, tantos quilômetros. O tempo necessário para percorrer. Na escrita eu não sabia.

Muitas coisas marcaram minha infância. Os dias que fiquei sem recreio. As surras de vara nos colegas que eram considerados os rebeldes porque ousavam responder a professora. Se a gente tivesse tido a orientação que as nossas crianças têm hoje, se a gente tivesse tido uma orientação de lutar por um mundo melhor e não ter medo de reclamar daquilo que não gostava, de falar o que sentia, quem sabe teria sido diferente! As nossas crianças hoje não veem isso mais. Qualquer atitude que elas veem que não está certa, que não está correta, elas falam. A maioria delas fala. Elas estão educadas para falar e expressam sua própria opinião. Hoje eu vejo nossas crianças sendo ouvidas. A escola primeiro escuta, a escola atende. Vejo essa diferença hoje nas escolas em relação à escola que a gente estudou.

Eu sei que as professoras das séries iniciais foram colocadas ali sem preparo algum, despreparadas para a função de professora. Na época era daquele jeito. Era uma questão educacional, política, econômica. Não havia professores formados para atuarem naquele contexto. Ao final, tínhamos que ser agradecidas àquelas pessoas por estarem ali. Porque às vezes era a única na comunidade que poderia assumir essa responsabilidade. Eu não as vejo como bruxas da história. Até tenho pena por terem passado por situações sem preparo algum. Elas também não eram cobradas.

Se eu voltasse no tempo e fosse a professora da minha infância, no momento que fui alfabetizada, a primeira coisa que faria diferente seria parar para ouvir, conversar, cantar um pouco, rir. Ia descontraí-las, ia colocar aquelas crianças para brincar um pouco. Colocar um pouco de felicidade naquilo! Vida naquela sala de aula! Olhando para trás, como era chato! Era uma prisão aquilo! Era uma cadeia! Horas intermináveis que não passavam mais.

Hoje eu não tenho vergonha de falar. Mas eu sempre tive vergonha de falar da minha dificuldade de Matemática! Mas como não entendi lá na primeira à quarta, eu nunca procurei saber. Era melhor fingir que eu sabia! Eu achava que era um problema meu e por isso eu não tinha que dividir com ninguém. Eu não sabia! Eu não entendia Matemática! No dia a dia também o que tivesse de cálculo eu desviava. Era uma fuga.



A Matemática da escola e a Matemática da vida no campo

Marta Jovinski Burkot

Quando eu fiz minha primeira série no colégio Maria da Luz Furquim, não tinha livros, era só uma cartilha, Caminho Suave. A gente aprendia a ler só na cartilha mesmo! A professora era bem rígida, cobrava já no início, sem pré-escola sem nada, letra de mão. A gente tinha que aprender a letra de mão, custe o que custasse. Você tinha que ler no livro a de forma, a caixa alta, e você já tinha que passar para letra de mão, não tinha muitas opções. Era só a cartilha, caderno e o quadro que ela usava. Não tinha folhas de papel sulfite igual agora, que a gente dá tarefas avulsas para a criança ir melhorando a letra de forma em caixa alta e outros tipos de tarefas. Não tinha jogos para aprender a Matemática. Era só na cartilha e no caderno!

Nos primeiros anos o que era mais forte... eram os números.... tinha que aprender a contar nos conjuntos, conjunto com bolinha, com florzinha. Coisinhas bem simples ou então ela colocava lá quantidade no conjunto e você tinha que desenhar aquela quantidade que estava representando o algarismo. E daí já ia direto para as continhas, continha simples: um mais um, dois mais dois. As de subtrair também.

Não usava nada de jogos e nada de material concreto. O material concreto que a gente usava eram os dedos. Ela ensinava a contar, diminuir usando os dedos. Outro tipo de material a gente não tinha.

Estudava em uma sala grande, com vários alunos. Não era multisseriada. Sempre morei no interior, mas fui estudar numa escola que não era do campo, era da cidade. Eu morava no campo e ia para cidade. Ia a pé. Porque na época não tinha transporte. Era muito difícil, porque a gente tinha que levantar de manhã, ajudar a mãe a tirar leite das vacas e engarrafava o leite naqueles litros de vidro, pois não tinha os descartáveis. Eu e a minha irmã,

levávamos o leite, às vezes cinco, seis litros e íamos entregando até chegar na escola. Da minha casa até a escola dava sete quilômetros. Então a gente tinha que levantar bem cedinho. Eu acho que levantávamos umas cinco e meia da manhã para tirar o leite e engarrafar. Íamos a pé, às vezes a gente pegava carona e às vezes não.

O leite a gente recebia por mês. O dinheiro do leite ajudava a comprar o material escolar, o conga, o uniforme que na época não era doado pelo prefeito, a gente mesmo que tinha que comprar. Era aquele uniforme azul com a listra branquinha, camiseta branca. Daí a gente penava bastante, porque o trajeto que nós fazíamos era de estrada de chão, tinha bastante pó, tinha dia que era barro. A diretora não permitia a gente entrar no colégio sem a camiseta branca e tinha uma camiseta só. Então você chegava em casa e se sujasse você tinha que lavar para no outro dia estar limpinho.

Eu não tinha noção que a Matemática que eu aprendia lá na escola era em parte o que eu já fazia no meu dia a dia. Eu entregava o leite, tinha que cobrar, receber. Quantos litros tinha que levar. Não! Não, eu acho que a gente foi notar isso já na adolescência, mas não na infância. Na infância a gente nem percebia. Eu acho que a gente era muito imatura para perceber isso. A professora nunca trouxe um exemplo para dentro da sala de aula. Situações do dia nunca fizeram parte! Eram situações abstratas. Probleminhas... Tudo abstrato. Não tinha nada no concreto. Nunca trouxe exemplos dos próprios alunos. O que os alunos faziam, os pais comercializavam, trabalhavam, isso ela nunca trouxe. Era bem diferente do jeito que a gente trabalha agora. Os textos que mais trabalhava eram os probleminhas. Nem calendário trabalhava.

A gente não conversava com a professora. Não tinha conversa. Era bem rígido. Você entrava na sala e não podia nem fazer muito barulho, tinha que sentar. Às vezes a gente tinha medo até de pedir para ir ao banheiro, ficava segurando o xixi, porque tinha medo de ir até ela e pedir e ela dizer um *não! Senta lá!* Nós não podíamos nem levantar. Se chegasse a diretora, a inspetora de aluno, tínhamos que levantar e só sentar se mandassem. Era uma norma. E não tinha muita conversa não. Era um respeito!

Brincar na sala não! Nós brincávamos na hora do recreio só. Na hora do recreio a gente brincava, brincava da corrente, brincava de Cinco Marias, porque era um pátio grande e na época não tinha calçada, era tudo

chão. Então a gente catava as pedrinhas e brincava de Cinco Marias, brincava de roda, atirei o pau no gato, essas coisas que a gente já brincava em casa. E daí brincava na escola. Na sala não! Na sala não lembro.

Leitura a gente fazia só leitura do livro didático mesmo. Não é leitura de histórias infantis. Eu fui conhecer historinhas infantis mais tarde, acho que eu estava com 15 anos, 16 anos. A professora nunca parou para contar histórias. A cartilha era o único livro que tinha na sala. Líamos só a cartilha.

As lembranças da Matemática são só os problemas, as continhas, os conjuntos.



A Matemática na aldeia

Suzan Carneiro Cipriano

Na infância, na aldeia a gente usava Matemática. Minha vó fazia trança para chapéu e ela ia contando e explicando como era o processo do trançado, ensinando os netos que ficavam em roda dela. Coisa que não se faz hoje. É raro as famílias que fazem isso. Mas a gente nem imagina quando criança, que o trançado do balaio, da tuia, as cores, o desenho, que isso tinha Matemática. De uma forma ou de outra a gente sempre tem esse contato com a Matemática, mas eu não imaginava. Pensando agora, depois que a gente vai estudando: "Ah então isso que a vó fazia era Matemática?" Eu não ficava dizendo: "ah isso aí é Matemática, vó". Do mesmo jeito que a criança de hoje, acredito que ela não saiba que ela está fazendo um processo de Matemática. A criança, não tem essa noção, a não ser que a gente fale.

Quando passei para o primeiro ano, a professora era de família indígena e falante da língua, mas na escola não falava a língua indígena, na escola alfabetizava em Língua Portuguesa. Isso afetou um pouco, porque em

casa meu pai era falante, mas conversava pouco com a gente, mas falava na Língua Materna e a gente respondia em português o que não é o correto, pois você fala comigo em *Kaingang* eu tenho que responder em *Kaingang*. A minha vó falava, mas nós respondíamos em português, um erro muito grave para nós, a língua indígena está se indo, está se perdendo.

Eu tive oportunidade de trabalhar com a minha professora alfabetizadora, fui auxiliar da turma dela. Ela foi a melhor alfabetizadora de tantas outras pessoas que eu conheço que trabalham com alfabetização como eu, que não chegam aos pés dela. Mas é que ela já tinha anos de magistério quando eu comecei a estudar com ela. Ela me ensinou bastante. Na Matemática não era igual agora que a gente trabalha muito o lúdico, trabalha com jogos, trabalha bastante o concreto. Com ela não, era aquele tradicional mesmo. Esse é um número, número ali, continhas, probleminhas para resolver, situações problemas, já tinha na primeira série. Mas não era que nem agora, que as crianças, algumas, pegam o gosto pela Matemática. Porque Matemática é uma coisa complicada. Eu gostava de Matemática, depois eu acabei ficando assim... até hoje eu não gosto de Matemática. Eu não sei se foi porque depois eu tive outros professores que não trabalharam direito comigo, para eu ter essa dificuldade em gostar. Eu tive professor que não trabalhou bem principalmente a tabuada, que era decorada. Não tinha aquele trabalho com o concreto, era pegar e decorar. Por isso tenho essa dificuldade, por conta da tabuada.

Comentário da cena 1

Coringa 3

No quadro abaixo estão as palavras citadas por cada um dos professores em suas narrativas no momento em que falaram a respeito de suas relações com a Matemática na infância.

Quadro 29: Palavras citadas por professor para falar infância

Palavras citadas por professor para falar infância					
	Bruno	Ivana	Noeli	Marta	Suzan
Matemática	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática

Escrita			Escrita	Escrita	Escrita
Gêneros textuais			Gêneros textuais		
Situações-problema		Situações-problema			
Histórias	Histórias		Histórias		
Jogos	Jogos		Jogos	Jogos	Jogos
Língua materna					Língua materna
Leitura	Leitura		Leitura	Leitura	
Alfabetização	Alfabetização				Alfabetização
Dificuldades	Dificuldades				
Oralidade	Oralidade		Oralidade		
Alfabetização e letramento	Alfabetização e letramento				
Leitura de histórias na Matemática	Leitura de histórias na Matemática				
Dificuldades na Matemática	Dificuldades na Matemática	Dificuldades na Matemática	Dificuldades na Matemática		Dificuldades na Matemática

Fonte: A Autora (2014)

Do processo de alfabetização na infância, o professor Bruno fala da relação da Matemática com a leitura. Atribui o fato de ter sido incentivado pelos pais desde pequeno a ir à biblioteca, emprestar livros, ouvir as histórias contadas pelo pai, tenha sido um fator que colaborou no momento de compreensão da Matemática. As dificuldades em relação a Matemática, segundo ele não eram muitas e sempre foram superadas com a ajuda da família, da mãe que sentava e explicava, do pai que ensinava decorar e do irmão que também o auxiliava. Além claro, do seu interesse em querer entender o porquê das coisas e refazer os exercícios até compreender o processo. A palavra jogos também se destaca quando diz que das duas escolas em que estudou apenas em uma delas eles eram disponibilizados. A palavra oralidade se destaca em sua fala quando apresenta sua incompreensão ao fato de não poder conversar, de não poder falar na sala de aula, sendo que, era algo que gostava de fazer.

A professora Ivana quando fala da infância, destaca poucas palavras das listas. Três apenas. Matemática, situações-problema e dificuldades na Matemática. A respeito, conta da ação de um professor que passava situações-problemas no quadro e assim que terminava já passava a resposta, não dando assim tempo aos alunos de formularem suas próprias interpretações. Assim a professora conclui que não aprendeu a pensar, muito menos a resolver qualquer situação-problema, dificuldade essa que levou para a vida adulta.

A professora Noeli destaca as palavras Matemática, leitura, escrita, oralidade, Histórias, dificuldades na Matemática, situações-problema e gêneros textuais. Quando fala da oralidade, destaca o silêncio. O não falar. O não dizer. Por causa da frieza no olhar da professora, que causava medo, o melhor era não falar, muito menos dizer que nunca entendeu nada de Matemática que a professora explicava em sala. O melhor era fingir que sabia e assim se livrar da austeridade nas palavras da professora.

Noeli sem perceber fala de sua esperteza, quando ir ao quadro era algo inevitável, ficava atenta aquilo que diziam os colegas, que era exatamente a resposta esperada pela professora e isso lhe ajudava no processo de fingimento de que sabia Matemática. Sua professora nunca percebeu que ela fingia saber. Fingiu saber para não ser punida como eram os colegas que ousavam contrariar a professora. A Matemática aparece na fala da Noeli como algo que ela nunca entendeu, nunca teve e isso veio à tona na sua formação no magistério.

A respeito da escrita, a professora Noeli fala do traçado da letra que tinha que copiar conforme as orientações. Ainda em relação a escrita, lembra-se das intermináveis cópias do quadro que a deixaram em sala muitas vezes enquanto os colegas brincavam no recreio. Foi castigada, sem recreio, sem o brincar com os colegas, porque não tinha conseguido copiar o ponto. Quando fala a respeito da leitura, fala da dificuldade em ler o que a professora escrevia no quadro e isso tornava a cópia mais demorada e ainda da leitura em que a professora apontava as palavras ou frase indicando onde e o que deveria ser lido. De histórias não se lembra. Eles não fizeram parte da infância. Apenas na adolescência.

Da palavra gêneros textuais Noeli diz não se lembrar de nenhum tipo de texto a não ser os textos da cartilha e das perguntas livrescas em que as

respostas eram apenas continuação da pergunta feita e fáceis de serem encontradas no texto. A respeito ainda da Matemática e dos jogos, Noeli fala da Matemática usada fora da escola e da mesma forma dos jogos que aconteciam entre os irmãos no ambiente doméstico, mas não da escola.

A professora Marta quando fala da infância, fala da leitura apenas na cartilha e da dificuldade na leitura com letra d e forma e na escrita ter que ser a letra de mão. Da Matemática fala dos números, dos conjuntos e das contas. Quando fala dos jogos é apenas para dizer que eles não existiam nesse contexto. Material concreto eram apenas os dedos, segundo a professora.

A professora Suzan narra a respeito da alfabetizadora que foi importante nesse processo por ser conhecedora da Língua Materna, mas, ao mesmo tempo, apresenta a dificuldade por ela não ter usado a língua para alfabetizar, pois alfabetizava em Língua Portuguesa. A respeito dos jogos também se refere ausência destes da sala de aula. A professora conta que a dificuldade na Matemática foi sendo construída na escola, uma vez no início gostava e ela também era utilizada na confecção dos balaaios.



Comentário final do episódio

Coringa 3

A escola na infância dos professores foi muito diferente de muitas outras, ao mesmo tempo tão igual quanto tantas outras, marcada por uma proposta pedagógica em que há apenas um caminho para resolução de conflitos, o caminho do professor, em que não havia espaço para o realizar da criança. Não foram convidados a propor soluções para as situações-problema apresentadas. Apenas cópia! Não havia alternativas para fazer as próprias interpretações e nem mesmo para ver que existem outras formas de interpretar e diferentes meios para resolver. Não! Havia apenas um jeito de aprender, o

jeito do professor!

Coringa 2

Será que ainda há ainda escolas assim? Será que ainda há professores assim?

Será que ainda há crianças assim?

Coringa 2

Crianças, agora vamos contar histórias. Quem começa?

AS CRIANÇAS A CAMINHO DO EPISÓDIO DE SUAS NARRATIVAS...

CORINGA 1

QUEM GOSTA DE OUVIR HISTÓRIAS?

GABI

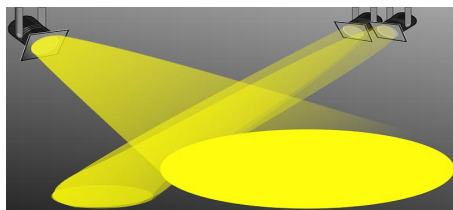
EU AMO HISTÓRIAS. EU GOSTO DE HISTÓRIA MESMO! LEIO EM QUALQUER LUGAR. QUALQUER LIVRO!! POR FALAR EM HISTÓRIAS PRECISAMOS VOLTAR PARA NOSSA.

CORINGA 2

ERA UMA VEZ UMA MENINA QUE MORAVA NA ALDEIA. SEUS PAIS FAZIAM BALAIOS DE TAQUARAS. UM DIA RESOLVERAM IR PARA A CIDADE VENDER O QUE HAVIAM CONFECCIONADO. PORÉM A MENINA TINHA PROVA NA ESCOLA. E O QUE FAZER? IR JUNTO COM OS PAIS PARA A CIDADE OU FICAR NA ALDEIA PARA NÃO PERDER A PROVA? TODOS FORAM PARA A CIDADE, INCLUSIVE A MENINA. ELA PRECISOU FALTAR A ESCOLA, OS COLEGAS SENTIRAM SUA FALTA, MAS O SEU POVO NÃO DEIXA NINGUÉM PARA TRÁS. QUANDO VÃO PARA A CIDADE TODOS VÃO JUNTOS E JUNTOS VENDEM SEUS BALAIOS E JUNTOS RETORNAM PARA SUAS CASAS....

CORINGA 1

E AGORA JUNTOS VAMOS SEGUIR PARA O FINAL DO EPISÓDIO V PARA AS RESPOSTAS DAS ADIVINHAS DO FINAL DO EPISÓDIO III ENCONTRAR.



Teatro de sombras

Coringa 4

Mas um dia a longa estrada seguem...

Enquanto caminham, quando ao longe parecia estreita, ao caminhar se
ampliando vai
ainda longa estrada.

Além das montanhas, não há mais crianças que brincam de encenar histórias
da vida

Nem nas janelas estão esperando a chuva passar.

Por aqui agora brincam em outro lugar e de tantas outras coisas
olhando melhor e com mais detalhes há sim algumas que brincam se não são
elas mesmo dá pelos menos para ouvir quando dizem desejar brincar.

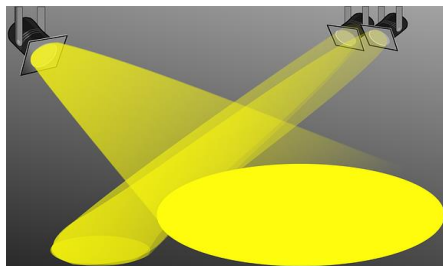
Há também para vê-las brincando quando nos aproximamos de suas janelas.

Dá para vê-las brincando quando saem correndo disparadas no
recreio, aproveitando minutos a minuto.

Dá para vê-las da janela da sala de aula, ou das histórias que contam
que enquanto copiam as continhas

sonham com as brincadeiras de casa e do recreio
e quando querem sobre elas falar com os amigos da escola
são calados e com seu silêncio buscam o sorriso da professora.

(Reflexões sobre a infância)



EPISÓDIO V

PROTAGONISTAS E SUAS NARRATIVAS EM CENA: COMO É

Explicação

Coringa 3

Em cena as narrativas das crianças!!!

Coringa 1

Crianças falem por si. Digam aos espectadores sobre suas relações com a Matemática.

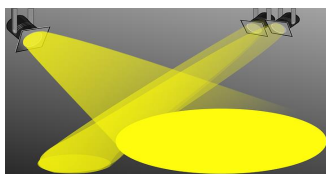
Coringa 3

A infância dita por si! Em muitas escolas, nas famílias, é dita pelos professores e em casa pelos pais.

Coringa 1

Que entrem em cena as crianças! Crianças do campo, da aldeia e da cidade.

Cena 1



A infância dita por si



As relações com a Matemática dita por Gabrieli Balansin

Meu nome é Gabrieli Balansin. Moro em Chopinzinho Paraná. Tenho sete anos. Minha mãe chama Ivana e meu pai Valdevir. Meu pai trabalha de motorista de ônibus e minha mãe trabalha na área indígena. Ela é professora e pedagoga também. A minha casa fica no bairro Frei Vitor²³ e a minha escola não sei. Nome da minha escola é Tasso Azevedo da Silveira. Estudo no segundo ano. O nome da minha professora é Helena Ignês.

No caminho de casa para escola tem pessoas, casas, cachorro, árvores, muros, prédio e mato também. As árvores estão mais ou menos perto e mais ou menos longe da escola, são baixinhas e altas e o tronco é grosso e fino. Atrás da escola tem mato. Perto da minha casa não tem comércio. O supermercado Samambaia, o Desengrini fica perto da minha escola. Eu não compro nada no Samambaia nem no Desengrini. Só no Cenci. Ele fica longinho, só um pouco.

A casa onde moro é grande e é feita de madeira²⁴. Tem três quartos, lavanderia, um banheiro, uma cozinha, uma sala, uma garagem grande e um

23 Na primeira entrevista morava na Rua Diogo Antonio Feijó no Bairro Frei Vitor e na segunda entrevista morava na Rua Quatro de maio, no mesmo bairro e quando fui para leitura da textualização estava voltando para o primeiro endereço.

24 As duas moradias eram de madeira. Mas essa informação ela deu no momento da segunda entrevista quando eu lhe contava a história da Maria.

canto para brincar. Fica na rua Quatro de Maio, no bairro Frei Vitor, na cidade de Chopinzinho. As pessoas moram em casas diferentes da minha. Meus avós quando eram crianças moravam diferente. Moravam em casas antigas. Eu não sei desenhar o lugar que eu moro²⁵.

Como eu faço para explicar para você vir na minha casa? Lá de Curitiba? Essa pergunta é difícil. Dá para começar aqui de Chopinzinho? Da minha escola até aqui em casa?²⁶ Você vira aqui, desce reto, tem uma casa laranja você vira, sobe reto e daí vira ali e vai reto. Explico de novo: Você desce reto, lá tem uma casa laranja com o portão laranja também, você vira ali e daí... E daí você sobe reto naquela esquina, e daí você dobra para cá e chegou aqui na minha casa.

Eu moro com minha mãe e com meu pai. Na minha casa moram três pessoas. Duas mulheres²⁷. Tenho uma irmã, Juliana Aparecida Balansin. Ela é mais velha que eu. Eu não sei quando minha irmã faz aniversário. Nem a minha mãe. Nem meu pai. Só sei quantos anos eles têm. A minha irmã tem vinte e três. Minha mãe tem quarenta e três e meu pai quarenta e oito. A Juliana, minha irmã nasceu primeiro. Na minha família eu sou a menor.

Nas refeições sentamos todos juntos e comemos. Rezamos e comemos. Para que todos façam a refeição juntos são necessários quatro lugares. Porque a mesa foi comprada com quatro lugares. Quando arruma a mesa deixa um lugar fora.

Minha comida preferida é macarronada. Minha mãe compra macarrão enrolado e faz o molho e depois ela coloca o macarrão no molho e daí coloca ervilha e milho. Eu sei uma receita bem gostosa que minha mãe faz. Nega maluca! Nessa receita vai farinha, água, ovo, chocolate, açúcar e eu acho que cobertura e granulado. Ela pega uma forma e coloca aquele caldo que ela faz doce, e coloca a massa na forma e coloca assar. Depois ela faz a cobertura e coloca. Para ficar pronto leva mais do que meia hora.

Em casa cozinhamos os alimentos no fogão a gás e no micro-ondas. No fogão a gás o leite que vem da vaca e que nós compramos em litro, leva para ferver dois minutos e três no fogão a lenha. O Arroz no fogão a gás quanto

25 Talvez dissesse não saber desenhar o lugar que mora, pois tinham acabado de mudar em outra casa.

26 O ponto de referência foi a casa na Rua Quatro de maio.

27 Refere-se somente a ela e a mãe. A irmã não mora com a família.

tempo leva? Aí você me pegou. Porque essa é difícil!! Como que é a pergunta mesmo? Meia hora. No fogão a gás é mais rápido do que no fogão a lenha. No micro-ondas esquenta mais rápido.

Eu levanto todos os dias oito e meia, oito e pouco... Dez horas. Em casa minha responsabilidade é organizar meus brinquedos, arrumar as minhas roupas e me arrumar. Andar de patinete e escrever na minha lousa bastante textos. Escrevo coisas.... Muita coisa do céu! Ah, gosto de escrever das estrelas, da nuvem, das nuvens.

Gosto de jogar bola, montar quebra-cabeça e andar de patinete. Brinco antes e depois da escola. Brinco na área de brinquedo também. Brinco de bastante coisa... de boneca... nem sei do que mais. De escolinha! Só. Posso brincar da hora que eu acordo até eu almoçar, e daí das cinco e meia até seis e meia eu brinco lá em baixo²⁸. Eu brinco antes e depois de fazer as tarefas da escola. Na escola eu estudo quatro horas. Eu estudo mais tempo. É bom estudar! É melhor estudar mais do que brincar. Na escola eu brinco só na hora do recreio. Brinco de pega-pega, esconde-esconde e só.

Vou desenhar o que eu mais gosto de fazer na escola²⁹. Estou fazendo eu estudando bastante coisas no caderno de Língua Portuguesa³⁰. O que eu mais gosto de estudar³¹? Dá para escrever ou tem que desenhar? Vou escrever. Estudar no caderno de Língua Portuguesa, Matemática e no de desenho. Na escola uso quatro cadernos. Eu desenho no caderno de desenho, tenho um caderno de quadradinhos e nele escrevo bastante coisas... continhas, desafios, acho que só...desenho coisas de Matemática³². Deixa eu ver aqui o que eu desenhei. Ah eu desenho grupo de quinze alunos, grupo de cinco, de três, quatro, desenho quadradinhos, bolas, sinais, mais quinze bolas. Bastante coisas eu desenho. No caderno de Matemática eu gosto de fazer continha, desenhar, escrever e só. Eu não gosto de escrever muito no caderno de Matemática.

28 Refere-se ao espaço reservado para os seus brinquedos na parte debaixo da casa na Rua Quatro de Maio

29 Essa solicitação de desenho foi feita na primeira entrevista no jogo do Desafio de contar histórias com a Matemática. O desafio era: desenhe o que você mais gosta de fazer na escola.

30 Referindo-se que é o que ela mais gosta é a Língua Portuguesa.

31 Tratava-se de outro desafio do jogo: Desenhe o que mais gosta de estudar na escola.

32 Nesse momento Gabriele consulta o material escolar para conferir o que desenha no caderno de quadradinhos.

Gosto de desenhar, fazer continha, só. Às vezes a professora faz escrever continhas. Deixa eu ver³³. Ela dá atividade de pintar. A gente não gosta porque é muita coisa. E daí aqui³⁴ ela passa coisas no quadro para a gente copiar no caderno de Matemática. Isso aqui é uma dezena³⁵. A professora mandou a gente colar uma dezena. Dez. Uma dúzia é doze. Aqui a professora mandou a gente recortar só as coisas que tinha números. Eu não lembro porque ela mandou. Não sei não me lembro mais. Essa figura ela mandou recortar por causa dos números que tem bastante aqui. No caderno tem números, nas revistas, nos livros. A professora mandou a gente recortar coisas com bastante números. Eu perguntei para ela: “professora o celular dá”? Dá porque tem números para ligar³⁶. Os números estão em toda parte. Eles criam perninhas³⁷ daí...

A maioria dos textos ela passa no caderno de Língua Portuguesa.

O que é fácil na Matemática? Fazer continhas de mais. Às vezes eu gosto de fazer de menos, mas eu gosto mais de fazer de mais. Só tem de mais e de menos, de vezes a gente ainda não aprendeu.³⁸

A gente usa fazer continha na escola e em outro lugar. Às vezes também em casa quando a professora manda a gente fazer tarefa, eu faço continha. Se ela passa esse aqui³⁹ continhas tem que terminar em casa. No supermercado para saber o preço eu faço continha. Eu não sei se minha mãe faz continha. Eu não tenho dinheiro. Quando eu quero uma coisa a mãe fala: "ah então vai lá ver quanto que é". Aí eu falo é 3,95 e aí ela fala: “não é muito caro”? Quer ver?⁴⁰ Isso é um Ticket de preço que está lá em algum produto. Eu pego levo lá para mãe para ela ver porque eu não sei ainda bem certo as coisas.

Eu não faço lista de compras. Quem faz é minha mãe. Quanto custa a lista dela? Meu Deus, duzentos mil!! Ah mentira! Ai meu Deus, quanto que eu vou falar aqui? Custa.... Quinhentos, cem, setenta, oitenta, noventa, sessenta,

33 Consulta novamente o caderno de Matemática.

34 Aponta para as atividades feitas no caderno de Matemática.

35 Nesse momento conversamos um pouco a respeito das atividades do caderno de Matemática.

36 Aponta para os números do telefone da sua casa.

37 Referindo-se aos números.

38 No momento da leitura da textualização ela afirmou saber as continhas de multiplicação.

39 Mostra seu caderno de Matemática.

40 Gabriele pega um rolo de etiquetas e coloca alguns preços para explicar sua fala.

dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta. Minha mãe compra as coisas para mim. Mas é que ela não coloca na lista o que ela compra para mim, só compra quando eu peço. Eu peço para comprar salgadinho, bala, chicletes e pirulito. E salgado também. Isso custa? Chicletes custa sessenta e poucos, a bala cinquenta reais. Mentira... Eu nem sei quanto que é. Eu só peço para comprar. Se eu já fosse grande teria comprado tudo o que eu queria. Vinte mil pacotes de bala e chicletes. Se eu acho que criança pode chupar balas? Claro! Para a saúde delas. Faz bem. Eu não chupo. Só chicletes. Vou chupar um daqui a pouco. Eu não sei se a mãe tem dinheiro para pagar. Eu não me preocupo com isso. Eu não sou ela para me preocupar. Além da mãe, meu pai também se preocupa. Quando eu vou começar a me preocupar? Eu? Nunca!

A fruta que eu mais gosto é figo. No supermercado tem mais frutas ou mais figos? Espera aí, deixa eu pensar agora. Mais frutas. Porque tem bastante laranja, bastante melancia, bastante maçã, bastante caqui, bastante.... Essas coisas.

Na minha sala de aula tem relógio, calendário, continhas. No relógio a professora vê as horas. Quando é para gente trocar o livro segunda-feira; quando é para gente ir para a Educação Física; quando é para gente ir no lanche. As horas funcionam assim: quando o ponteiro grande está no doze e o pequeno está no três, é porque são três horas. Quando o pequeno está no três e quando o grande está no seis, é porque é três e meia. Quando o ponteiro grande está no doze e o pequeno está no dez, é porque é dez horas. Quando o grande está sempre no doze e o pequeno em qualquer lugar, é porque é tal hora. Quem me ensinou foi minha mãe.

Com o calendário a professora marca o dia que é. Quando acaba o mês ela faz um xizão. Para os aniversariantes tem um cartaz do Mickey. Tem um monte de cabecinhas do Mickey. Faço aniversário no dia dezesseis de março que é depois de fevereiro e atrás de abril e antes de março é fevereiro. Eu preciso do calendário⁴¹.... Só tem um rasgado, é de setembro⁴². Eu tinha do ano todo. Veja você. Você tem⁴³! O dia da semana do meu aniversário é domingo. O primeiro dia da semana do mês do meu aniversário é um e o último

41 Nesse momento sai para procurar um calendário.

42 Retorna algum tempo depois com calendário a partir do mês de setembro.

43 Nesse momento abri o calendário no Tablet.

é trinta e um. O mês do meu aniversário tem trinta e um dias.

Quantos dias tem cada semana? Como? Semana... É final de semana? Trinta? Não, espera aí. Quantas semanas tem um mês? Quantas semanas... Meus Deus, eu não estou me lembrando o que é semana.... Não estou me lembrando. Dias eu sei. Segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado... Domingo. Sete dias. É uma semana.

Quantas semanas tem um mês? Semanas é sete né? Quatro. Eu acho.

Hoje é sábado. Dia vinte e sete⁴⁴. Ontem foi dia vinte e seis. Amanhã vinte e oito.

Deixa eu contar se no mês do meu aniversário tem mais dias pares ou ímpares. Um, três, cinco, sete, nove, onze. Espera aí. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quinze, dezesseis, ímpar. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, novo, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, ímpar, era parte. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze... Treze, espera aí. Vou contar tudo de novo. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze. Tem quinze.

Dezesseis ímpares e quinze pares.

Os números ímpares são o um, três, cinco, sete, nove, onze, treze, quatorze, não, treze, quinze, dezessete, dezanove, vinte um, vinte e três, vinte e cinco, vinte e sete, vinte e nove e trinta e um.

Quanto tempo ainda falta para natal? Quanto tempo ou quantos meses? Dois meses. Se a gente já está em setembro, falta outubro e novembro. Daí em dezembro é natal. Falta pouco tempo.

Minhas amigas chamam Júlia, Luana, Duda e Joana. Eu converso muito na escola. Converso sobre nada. Eu converso com a minha amiga sobre o recreio. A gente conversa quando bate o sinal para subir para sala. Depois do recreio, a gente fica conversando...falando que o recreio foi legal. Antes do recreio a gente conversa sobre nada. Não ficamos mudinhas não. Nós conversamos não sei do quê. A professora não deixa conversar na sala não. Só um pouquinho ela deixa. A professora também briga. Às vezes o Dione faz

44 Data da segunda entrevista.

muita palhaçada, daí a professora briga com ele. Briga com mais pessoas também. Comigo mais ou menos. Mas ela não está mais brigando. Brigava porque eu conversava muito, mas não converso mais. Faço todas as atividades e parei de conversar. Se conversar vai ter briga. Que tipo de briga? Ah, ela grita. Isso não é legal. Pode resolver com conversa.

Na escola a gente trabalha em grupo nas aulas de Português e de Matemática⁴⁵. É melhor fazer sozinho. Em dupla não. Um amigo só atrapalha. Ah quando? Quando estou fazendo atividade, a Júlia já terminou e vai lá na minha mesa me incomodar. A professora gosta que a gente faça sozinhos. Em grupo ela manda só às vezes quando é em dezenas. Quando a professora de Educação Física falou que na outra quarta-feira a gente tinha que estar na sala e daí ela dava as nossas avaliações, daí a gente ficou jogando joguinho lá no chão em grupo.

O João Victor é o maior da sala. E o Gregori. Menor é a Natália e eu. Se sou mais alta ou mais baixa que a professora? Claro, óbvio, né, que sou mais baixa, como que vou ser mais alta que a professora? Não sei quanto tenho de altura. Só sei quanto que eu tenho de peso. Vinte e um de peso, mas de altura... Para saber meu peso eu me peso na balança e para saber a altura uso a fita. Deixa eu me lembrar o nome. Fita. Fita, fita, fita... Fita, ai... É possível desenhar a nossa altura no caderno. Eu desenho pequeno.

Eu amo histórias, gosto de história mesmo. A história da Maria; Adivinha o Quanto Eu Te Amo; Bruno e Amigos e o Mundo de Bruno. Minha professora conta histórias. Eu leio toda quinta-feira. Leio em qualquer lugar. Quando está chovendo é lá na sala e quando não está chovendo a gente pode ler na biblioteca, na grama, ali no quintal, no saguão. Qualquer lugar!! Qualquer livro!! A gente escolhe. Quando dá muita bagunça a professora que dá.

Na minha sala a professora lê para os alunos. Lê bastante histórias. Quando os meus colegas levam livros a professora lê. Na sala tem uma caixa. Os alunos leem sozinhos quando eles acabam de fazer as tarefas. Quando eu levo livrinho de casa eu leio com os amigos. Leio na carteira sozinha. Leio com a Júlia, com a Joana. Ler sozinha acontece com bastante pessoas, o que mais acontece é os alunos lendo sozinhos.

⁴⁵ Enquanto desenhava perguntei sobre outros assuntos relacionados à sala de aula.

Eu costumo escrever cartas para minha professora, para a minha mãe, para o meu pai, para minha irmã, para tia Iloine, para minha vó, para o meu tio. Sim, eu escrevo bastante! Ninguém responde! Só a tia Iloine. Um outro jeito para falar comigo é pela TIM. Pelo telefone. Se tem outro jeito de falar? Tem outro jeito... Não, espera aí, deixa eu pensar. Posso pensar? Mais um desafio... Ui, eu adoro⁴⁶!!

Para organizar as coleções pega todos os pentinhos e colocando num lugar. Daí as panelinhas também e colocando todas num lugar. As bacias também. Os potinhos também, a outra panelinha também. As bolinhas. Você coloca todos os pentes em um lugar, os anéis em outro lugar, as panelinhas em outro. E vai indo. Os animais você arruma tudo em um cantinho, as estrelinhas também e as bolinhas também.

Um outro jeito de arrumar? Teria. Pegando assim, as cores iguais e colocando num lado. Pegue os pentes brancos que tem e coloca de um lado, todos os vermelhos que tem, pega e coloca do outro lado e todos os pretos que tem pega e coloca do lado. Pente preto com pente preto. Outro jeito de organizar? Não sei. Se tivesse bichinhos iguais, a gente poderia guardar, não interessa se é de outra cor, se for igual dá até para guardar. O que eu sei é só isso aí. Na minha sala não tem coleções. Só de livrinhos.

Jogo das fichas escalonadas⁴⁷. Ensine Ana e Seven a montar 23, 4, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 9, 8, 7, 2, 0, 4, 6, 5, 7, 6. Dois, três, quatro⁴⁸. Cinco, seis, sete⁴⁹. Nove, oito, sete⁵⁰. Dois, zero, quatro⁵¹. Nove, oito, sete. Dois, zero, quatro. Seis, cinco. Sessenta e cinco. Setenta e seis. O dois, três, quatro....lê cento e vinte... Centro e vinte e trinta e quatro? É que é muito difícil.

Quero remédio, quero remédio⁵²!

46 Refere-se aos desafios propostos no jogo.

47 Nesse desafio Gabrieli teria que ensinar Ana e Sevi montar os números 234, 576, 987, 204, 65, 76.

48 Assim ela leu o número duzentos e trinta e quatro.

49 Assim leu o número quinhentos e sessenta e sete.

50 Assim leu o número novecentos e oitenta e sete.

51 Assim leu o número duzentos e quatro.

52 Nesse momento reclamou de dor na barriga e queria remédio. Mas não quis parar a entrevista.



As relações com a Matemática dita por Natiele Sales

Meu nome é **Natiele Sales**⁵³. Tenho **sete anos**. O mês do meu aniversário tem **sete** dias. Moro na aldeia **Passo Liso**. Para você vir de Chopinzinho **de ônibus você vem, daí passa daqui e vai lá naquele eucalipto. Daí lá você para e desce.**

Minha mãe chama **Natalina Alves**. **Aqui em casa moram seis pessoas**, moro **com o pai com os irmãos, o Malaquias o Deocir e o Samuel**. O mais velho é **o Malaquias**, o mais novo, **o Samuel**. Mais velhos que eu, tem **dois** e mais novo **só um**. Eu levanto **cedo** e **cuido do neném** brinco de **pego**. Tem dias que brinco **de esconde-esconde e de luta**. Eu brinco e estudo.

Minha mãe lava roupa **lá fora e meu pai trabalha no mato. Ele faz nó. O nó de pinho quando está velho a gente queima e quando está novo a gente não queima, a gente vende.** Ele corta taquara e traz para mãe e ele ajuda fazer **balaio. Eu ajudo** fazer balaio **pequeno e leve**, eles vendem **lá na cidade. Não** tem parte difícil, **tudo** é fácil.

A casa que moro é **grande** e feita de **madeira**, tem **dois** quartos. As pessoas que conheço moram em casa **só de madeira**, meus avós moram em casa **diferente, de tábua**. Perto da minha casa tem árvore de uva **japonesa, amora, vergamota**⁵⁴.

Na aldeia tem comércio **de frutas, morango, banana, abacaxi** onde compro **banana, manga, melancia, pêssego. Não sei** quanto custa, **a mãe que paga**. A fruta que mais gosto é **vergamota** mas conheço **laranja, poncã, limão, morango e melancia**.

⁵³ Como já anunciado, nas narrativas de Osni e Natiele optei em deixar partes das perguntas como sendo texto delas. Em negrito estão as palavras que foram ditas pelas crianças.

⁵⁴ O mesmo que mexirica, mimosa.

A comida que minha mãe faz e que mais gosto é **arroz e feijão**. Para fazer precisa **banha, sal, sazón⁵⁵ e só** e para fazer **demora um pouquinho**. A comida cozinha mais rápido **no fogão a gás**. A comida **ela deixa no fogão e sentamos na cadeira** e comemos na **mesa** e **uns comem ali na sala**. Eu como **ali na cozinha no mesmo horário**.

Eu **não** tenho vaca, o leite vem **da Mesa Brasil que nós vamos lá pegar em quilo**. Eu **conheço** galinha e aqui **não** tem. Uma dúzia de ovos é **dez** e a professora levou ovos e **nós comemos lá na escola**. Uma dezena é **doze**.

No caminho de casa para escola tem **mato, tem árvores grandes, tem igreja, comércio que vende outras coisas**. O nome da minha escola é Escola **Estadual Indígena Jykre Tag**. Estudo na **segunda** série. Minha professora chama **Ivana**. Minhas amigas chamam **Tainá e Léia**. Na sala a **Sidilene** é a maior e menor **todos nós e pequena? A Tati**. Eu sou **mais baixa** que a professora. **Eu não sei** quanto tenho de altura, **para você saber quanto tenho de altura, ela mede, só que ela não conta o número**. Para saber a altura **ela pesa**. Para saber altura tem que medir, eu **não sei** como que mede.

Na escola eu fico **de tarde** e **brinco no balanço, no escorregador, brinco** na sala de **boneca** que **nós levamos na sexta**. Tenho caderno de Matemática, **Português, tenho** de História, **tenho** de Geografia. Se eu desenho nos cadernos? Eu escrevo. Escrevo mais no caderno de **Português**, no de quadradinhos nós fazemos **continhas** e desenhamos **triângulo, retângulo, quadrado e só!** No caderno de Matemática eu não gosto de **colar...** **Colar as coisas, colar desenhos é muito ruim porque gruda na mão**.

O que eu mais gosto de fazer na escola? **A professora!!** Eu gosto que ela ensina **a escrever, escrever sobre bola, boneca, carrinho, boneco...só!**

Eu mando cartinha **para a professora**. Ela responde.

Nós também brincamos na escola de **polícia, de boneca, jogando joguinho. Só!** Na aldeia brincamos de **nada**. Eu **só brinco no balanço, de boneca, de pega-pega**.

55 Um tipo de tempero.

O que eu mais gosto de estudar na escola é de **escrever** e para mostrar isso pelo desenho eu posso desenhar **eu escrevendo!** Na minha sala de aula a professora lê histórias, as crianças leem sozinhas, **eu leio com a professora, não** leio sozinha.

Na sala também se aprende **Matemática** e na aula de Matemática eu aprendi **só joguinho** e com ele aprendi **continha** que usamos **na aldeia também**, pois para vender o balaio **tem que fazer continha**. **Aprendi continhas de mais, aprendi de menos de vezes e de dividir**⁵⁶. **Não aprendi geometria, simetria não, estatística não**. **Difícil** na Matemática são as **continhas porque a professora faz de mais e de menos**. **Eu consigo** fazer **um pouco** e quando eu não consigo, **ela me ajuda** e peço ajuda para os amigos.

Acho melhor Português. **É mais fácil!** Com os jogos **a gente aprende ler**. Tem um jogo do carrinho que **a gente coloca em um quadradinho e joga o dado primeiro**. **Daí para nos números com o carrinho**. **Você pega o carrinho e sai andando**. **A gente ganha quando é no fim do quadrado**.

Na minha sala de aula tem **calendário**. Os dias da semana são domingo, segunda, terça, **quarta, quinta, sexta, sábado**. Os meses do ano, **janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, dezembro**. **No calendário ela faz o dia do aniversário**. **Só! Não** tem relógio, não tem trena. **Tem** continhas. Com os números a professora ensina a contar até mil.

As coleções dá para arrumar bem. Deixando os parezinhos. **Panelinha com panelinha**. **Os pentes com os pentes**. Um outro jeito é por cor. **As bolinhas, os pentinhos, as panelinhas**.

Eu conheço o número dois, o três, o quatro, o cinco, o seis, sete, o oito, o nove. Os números pares é **o dois, o quatro. O seis, o oito, o dez**. Os ímpares **o um, o cinco, o sete, o oito, e, o nove**.

Esse é o sete e o seis. Eu posso ler sete, seis...setenta e seis. Esse é o oito e o zero. Para montar o oitenta e um é o oito, zero e um. Oito, zero e um. Oito, zero e um dá oitenta e um.

Quando chego da escola **eu vou fazer a tarefa**.

56 Na primeira entrevista ela inda não sabia as continhas de mais.



As relações com a Matemática dita por Osni Alves

Meu nome é **Osni Alves**. Tenho **oito** anos. **Não sei** o dia do meu aniversário. Meu pai chama **Reginaldo Alves**, a mãe **Regina Pinheiro**. Minha professora **Ivana**. Estudo na escola **Estadual Indígena Gykre Tag**, no **segundo ano**.

O que eu mais gosto de fazer na escola é **ler**. Ler as histórias do **Saci**. Na minha sala de aula, **a professora lê para os alunos as histórias**. Os alunos leem **sozinhos**. **O aluno lê com a amiga**. Os alunos leem com os amigos. Eu gosto de ler com meu amigo **Diego**. Gosto de ler sozinho também.

Na minha sala de aula nós também **brincamos**. Nós brincamos de **carrinho, de boneco, jogo da velha e de quebra-cabeça. Só!**

Na minha sala de aula nós também **estudamos**. **Uso quatro cadernos na escola**. **Desenho mais no caderno de Português e no caderno de quadradinhos eu desenho retângulos, quadrados, círculo, triângulos e só**. **Nele tem bastante coisa escrita. O que mais tem escrito são continhas**. Eu **sei contar até 100**. Eu gosto mais de **desenhar** do que escrever. **Na Matemática não tem difícil. É tudo fácil**. Eu **me saio bem nos probleminhas**. O que eu mais gosto de estudar...**é fazer continhas**. **O que é fácil na Matemática? Continhas. A de menos a de mais e também de vezes**.

Na minha sala tem o **calendário**. A professora ensina a **olhar o mês** e não tem relógio.

As coleções dá para organizar por cores e por pares.

Quando eu chego em casa da escola **eu escrevo**.

A professora fez uma atividade com ovos...**a gente fez uma pizza...eu esqueci o que a gente fez mais**.



As relações com a Matemática dita por Joelize Siqueira Silva

Meu nome é Joelize Siqueira Silva. Hoje é dia 19 de agosto. Ontem foi 18 de agosto e amanhã será 20 de agosto. Faço aniversário no mês de abril, eu acho que abril vem depois de março. No mês do meu aniversário tem mais número par. Um, dois, três, quatro, cinco, não, par é assim né? Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze...Eu não sei qual é o número par. Dois, quatro, seis são ímpares? Não sei.

O dia da semana do meu aniversário foi domingo, dia 20. O primeiro dia do mês do meu aniversário foi uma terça-feira dia primeiro e o último dia da semana do mês do meu aniversário é quinta-feira. O mês do meu aniversário tem 30 dias. Cada dia da semana tem cinco dias. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Ah sete! E o mês tem cinco semanas. Um, dois, três, quatro, cinco.

A minha irmã bebê faz aniversário no dia 10 de junho e minha outra que estuda no primeiro ano faz dia 17 de abril...não de...como é que é? De outubro. Eu nasci primeiro. Eu sou a mais velha das minhas irmãs. A mais nova tem três aninhos e ela chama Naise Vitória e a outra chama Anelize. Minha irmã do meio tem cinco anos. A menor da família é a Naisi Vitória.

Meu pai é o Joel e minha mãe Eliane. Meu pai faz aniversário em 25 de janeiro, minha mãe faz dia 7 de junho. Meus pais trabalham. O meu pai tá trabalhando, a mãe vem trabalhar na escola também e o pai agora acabou o serviço dele e ele tá em casa. Aí quando a gente chega tá limpinha a casa.

Eu nem imagino quantas mulheres tem na minha família. Não dá para contar, eu conheço um monte. Eu conhecendo minha família.... não dá nem para contar. (risos). Na minha família de pai, mãe, eu, a minha irmã.... Cinco.

Cinco pessoas moram na minha casa. Tem mais pessoas do que mulheres.

Para almoçar na minha casa, precisa colocar cinco pratos na mesa as vezes sete, porque daí tem minha vó e meu avó que moram atrás da minha casa. Cada um usa um prato, só quando minha irmã não quer comer aquela comida, aí minha mãe troca o prato. Dá nem para imaginar quantos pratos sobram no armário.

A casa onde moro tem cachorro, flor, menos frutas....só atrás da casa tem um pé de pêsego. Minha casa fica lá em cima. Vindo pela estrada, no meio de uma casa e de uma igreja. Ela é feita de madeira e tem dois quartos. As casas das pessoas que conheço são diferentes. Eu não sei se a casa dos meus avós era diferente. Eu sei desenhar, mas acho difícil desenhar o lugar que eu moro.

Eu moro perto da escola. A minha rua de casa para escola é larga, tem poucas árvores, mas não dá para contar, pois estão misturadas e elas ficam bem longe da escola. As árvores são bem altas para o meu tamanho e o tronco é grosso. A rua em que eu ando de casa para a escola não tem prédios, apenas casas. Não tem mercado. Só a igreja que fica do lado da minha casa. Para ir na minha casa abre o portão e segue reto, naquela rua tem duas estradinhas da escola, uma para casa da minha tia e outra pra entrar para Itaperuçu, que é o mesmo caminho para minha casa.

Minha casa é dividida por dentro com dois quartos, banheiro e tem a área dividida com a garagem. Daí tem os móveis da coisa, tem o tanque... Tanquinho aqueles de lavar roupa e a máquina que faz tudo. Minha casa não é grande nem pequena, é média. Nela eu moro com meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs. Não tenho irmão.

Na minha casa entra leite de caixinha e de pacote que vem da escola, mas é o mesmo que vem da vaca. O leite a gente compra por quilo. Nós cozinhamos nossos alimentos só no fogão a lenha e no micro-ondas, porque no micro... Não! No fogão a lenha e no fogão a gás, porque o micro-ondas só minha vó que tem. O leite ferve mais rápido no fogão a gás. Cozinhar o arroz no fogão a lenha, demora mais. Para esquentar a comida é mais rápido no micro-ondas, porque daí tem os números que dá para usar. Minha comida preferida é o feijão e arroz e, eu não sei como faz.

Tem uma receita de comida bem gostosa que minha mãe faz, mas eu

não sei de cor. É o bolo de chocolate! Não demora para ficar pronto. Só para assar demora. Eu sei fazer a lista de compras. Para fazer as compras eu e minhas irmãs temos o dia de cada. No dia do mês do aniversário a mãe leva uma de cada uma. Porque daí lá, uma quer uma coisa. Aí fazem birra....

Das frutas que eu gosto mais... A única que é fácil de comer é maçã. Acho que no mercado tem mais laranjas do que frutas. Eu acho que as crianças devem chupar um pouco de balas, mas depois que escovar os dentes, às vezes não.

Na minha casa tem galinhas. Em uma dúzia tem dez ovos. Em uma dezena tem dez também. E na dúzia tem dez também. Na meia dúzia tem dois.

Eu não tenho computador. Minha prima e minha tia tem. Já mexi em computador e gosto de jogar joguinho.

Eu levanto junto com a minha mãe. Às dez horas. Em casa, antes de ir para escola eu lavo a louça, limpo a casa, arrumo as camas, dobro as cobertas, limpo a garagem, varro a cozinha, só! Se tiver alguma coisa depois da escola eu faço também. Quanto eu termino minhas tarefas de casa eu faço meu dever de casa e vou brincar com minhas irmãs. Depois que eu faço minhas tarefas, eu brinco. Às vezes, quando a mãe tá apurada eu peço, quer que eu lave a louça? Aí ela diz não. Daí eu brinco. Minha brincadeira preferida é brincar de bicicleta.

Na escola eu brinco na hora do recreio. Brinco de mãe pega, mãe se esconde, de um monte de coisa.... brinco de bola. Na sala de aula eu não brinco. Brinco só quando não é para o dever....quando não é para fazer o dever. Daí a professora deixa brincar.

O nome da minha professora é Marta. Estudo na escola Municipal Professor José Ribeiro de Cristo no terceiro ano. Na minha escola passa uma rua atrás e uma na frente. O nome do lugar que minha escola fica é Santa Cruz. Na escola uso quatro cadernos. Desenho mais no caderno de desenhos. No caderno de quadradinhos eu escrevo a tabuada, continhas e dependendo da tarefa a professora também já mandou a gente desenhar a mãe, o pai, os irmãos.

Minha melhor amiga é a Cauani. Roberta, Laura, Alana e Janini também são minhas amigas. Estudamos na mesma sala de aula. Na nossa sala não tem aluno ajudante do dia, mas tem a outra professora que ajuda. Na

minha sala só podemos conversar quando eu termino minha tarefa e minhas amigas também. Nós conversamos sobre que ela terminou a tarefa, que ela.... Ai ai.... E com a professora só conversamos quando ela terminou o dever dela também. (risos). Aí ela conversa quando ela vai, ela vai corrigir os cadernos, ela pergunta para eu ler a tarefa, aí eu leio para ela. Eu gosto de histórias. Minha professora conta histórias e eu levo livrinhos para casa. Uma história que eu gostei muito foi “Os três porquinhos”.

O tempo que eu estudo na escola dá nem para contar, é pouquinho! Às vezes eu entro uma hora, às vezes chego atrasada. Saio acho que umas cinco horas. Pra mim é pouco tempo. Eu queria ficar mais, porque é bom estudar. Em casa não tem nada para fazer, só limpar a casa. Entre brincar mais tempo e estudar mais tempo, eu acho que estudo mais tempo.

Na sala os maiores são os piás! O maior é o Bruno que tem 11 anos. Diz que é o maior, mas pelo jeito não é. Ele fica lá por último, mas dá para perceber que ele é pequeno só que ele quer ficar por último. Das meninas é a Andriele que é a menina mais velha, com 12 anos. Ela reprovou e já foi embora. O menor dos piás é o Cauã e eu sou a segunda da sala. Eu sou mais baixa que a professora. Eu não sei quanto eu tenho de altura. Para saber quanto eu tenho de altura eu uso aquele fio que eles colocam para medir. Um fio cheio de número. Eu não sei o nome. Eu acho que não dá para desenhar minha altura em um caderno. Porque daí tem que medir uns metros. Acho que não dá para me desenhar em um caderno.

Para desenhar sobre o que eu mais gosto de fazer na escola....Ah é, fazer uma mesa para caderno é difícil! É difícil desenhar uma mesa para escrever. O que eu mais gosto de fazer na escola é escrever. Vai ser difícil eu desenhar um caderno e desenhar uma mesa pra deixar o caderno em cima, se não vai sair voando. Vou desenhar do meu jeito então. O que eu mais gosto é escrever! Eu gosto de escrever a tabuada, continha, texto, um monte de coisa. O que eu mais gosto de fazer na escola é estudar a tabuada e de texto, mas acho difícil desenhar isso. Prefiro escrever, acho mais fácil. Errei, não tenho borracha. Eu queria ter escrito que gosto de estudar. Estudar a tabuada também acontece na escola. A professora trabalha o calendário, quando um dia vai sendo o outro e ela vai marcando. Eu aprendo ver as horas e sei mais ou menos.

O que eu não gosto de fazer no caderno de Matemática é escrever o nome da escola, porque é difícil a professora mandar. Não gosto porque é difícil a professora mandar fazer, aí a gente esquece e costuma não fazer. Na Matemática tem muitas coisas que eu sei e não sei. A única tabuada que eu não sei é a do nove. O resto eu já sei. Para estudar a tabuada em decoro em casa. Vou contando que a do dois eu conto de dois em dois, daí a do três, três em três. Vou explicar para você: eu vou contando dois, dois números em cada dois números. Que duas vezes dois é quatro. A gente pega dois mais dois que dá quatro. Quando a professora pede para falar a tabuada, às vezes eu lembro, as vezes eu não lembro. E as vezes eu decoro, quando eu tenho tempo.

Na minha sala de aula a professora lê histórias e os alunos ficam sentados nas carteiras. Quando um aluno está lendo o livro interessante os alunos chegam perto e vão ler também. Duas crianças leem juntas e ler sozinho é o que mais acontece. Às vezes jogamos joguinhos. Tem solto, amarradinho e amarradão e quem fizer amarradão faz 100 pontos e ganha. Gostei do jogo. Na sala de aula não tem brinquedos. Brinquedo... eu acho que meu brinquedo é livro só.

A primeira coisa que escrevo no meu caderno é a data, o nome da escola, o nome ...o nome da professora, o meu nome. Hoje eu fiz um texto, fiz uma...O que eu não gosto de fazer no caderno de Matemática é estragar ele. Nele tem bastante coisa escrita. O que mais tem escrito são continhas das frutas, que mais que eu fiz? Ah eu fiz um monte de coisa, a gente nem imagina. Eu escrevi maçã, laranja, melancia, pera, um monte de coisa.

O que é difícil na Matemática? O que é difícil... é só as continhas que são bastante difíceis mesmo. Mas eu acho que não tem nada difícil na Matemática para mim não. Depende do jeito da continha. Às vezes a professora passa de mais e de menos. A de mais é mais fácil e de menos também são fáceis. Só que é mais difícil mesmo, quando vamos aprender as tabuadas, assim que nem eu falei a do nove a gente já não imagina... Nove. Aí a do dez já é fácil. Os probleminhas são fáceis e consigo fazer.

Bom, eu não sei organizar estas coleções. Não faço ideia....É, cada um no seu lugar, panela junto com panela, pente junto com pente, bichinho junto com bichinho. Outro jeito de organizar não teria.

Na Matemática eu sei as tabuadas, continha, problemas, um monte de

coisas. Em História em gosto de estudar um monte de coisas, mas eu nem sei porque nem caderno de História eu tenho. É porque eu já ouvi falar em história e essas coisas, só que a gente nunca escreve, acho que no meio dessas tarefas que tem história essas coisas.

Eu uso a Matemática quando vou ao supermercado para ver quanto que vou gastar. Eu nem imagino quanto meu pai pode gastar no mercado. Não me preocupo se meu pai tem dinheiro para pagar tudo. Outro momento eu não sei onde uso a Matemática.

Acho que usamos a Matemática na nossa conversa em vários momentos.

Quando eu crescer vou ser dentista.

Eu não costumo escrever cartas porque meus parentes são muitos chegados, moram perto. Se um dia você quiser falar comigo pode ser por telefone. Só que eu não tenho o número.

Cena 2



Da infância de ontem a de hoje: dos conceitos espontâneos aos conceitos científicos

Pretende-se nessa cena traçar um paralelo entre as narrativas das crianças e a dos professores acerca das experiências com a Matemática pré-escolar e a Matemática escolar, uma vez que os professores e as crianças vivenciaram um contexto escolar distinto, em época e organização escolar diferentes. A distância entre a infância dos professores e a infância das crianças ultrapassa duas décadas. Estabelecer um paralelo entre as duas infâncias possibilita algumas reflexões a respeito da formação de professores; o processo de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

César Donizetti Pereira Leite (2002), em sua tese de doutorado “Labirinto: infância, linguagem e escola”, afirma que as relações entre professor e aluno dizem muito a respeito da concepção de criança. A maneira como nos comunicamos com elas, como encaminhamos o trabalho em sala de aula indicam, desvelam de certa maneira o que pensamos delas. (...) “nas relações cotidiana entre adulto e criança, os modos de circulação da palavra podem ser um indicador interessante das concepções de infância presentes nas práticas pedagógicas (LEITE, 2002, p. 36).

A impressão que se tem ouvindo as narrativas dos professores em relação a sua infância é de uma criança invisível aos olhos do professor. O professor estava ali para cumprir seu papel independente do aluno. Isso se comprova quando Noeli contou que se os alunos eram ousados em responder ao professor esses eram castigados e obrigados a se tornarem invisíveis como os demais.

Na infância dos professores exemplificada pela narrativa da professora Noeli, em nome da ordem e do silêncio eram usados castigos físicos e hoje na infância de Gabrieli, usa-se a palavra para proibi-la falar. “Carregada de sua significação, a palavra vai ocupando espaços cada vez maiores no sujeito, ou seja, vai transformando, generalizando, conceitualizando. Nas relações entre as pessoas, vai sendo o lugar de encontro, nas relações intrapsicológicas, sendo o lugar dos sentidos” (LEITE, 2002, p. 92).

Leite (2002) traz para o cenário das discussões o poder da palavra nas relações entre professores e alunos.

E a palavra, neste caso, acaba sendo um dos 'lugares' onde se estabelece a relação de poder, já que se apresenta como uma só possibilidade de sentido, como algo fechado, com um sentido único, garantindo assim o controle deste e das relações por parte de uma única pessoa, a professora (LEITE, 2002, p. 38).

As diversas formas de encarar a infância ao longo do tempo são influenciadas pelas transformações culturais pelas quais passam a noção de infância. Para Leite (2002), essas transformações culturais trazem uma criança que une nela todo aparato histórico cultural. Ao pensar a infância é necessário de acordo com o autor, olhar e ver nela a multiplicidade de sentidos que dela e

nela refletem. Para uma compreensão apurada em relação a criança na atualidade está no fato de não vê-la como um vir a ser, mas vê-la como um ser que é, com suas características próprias, isto é, suas particularidades próprias do seu desenvolvimento (LEITE, 2002).

Conforme podemos observar nas narrativas das crianças, a infância não é a mesma para todas, mesmo que, pensada em um mesmo tempo. As experiências da Joelize que mora no campo são distintas das experiências de Osni e Natiele que moram na aldeia e de Gabrieli que mora na cidade. Suas experiências são distintas, assim como são distintas as experiências tidas pelos professores em suas infâncias. As relações com a Matemática narradas pelos professores são distintas das relações que as crianças estabelecem hoje.

No texto *La Crisis de los siete años que pode ser encontrado nas Obras Escogidas volume IV* (VYGOTSKI, 2012b, tradução nossa), o autor afirma que toda experiência é pessoal e que deve ser entendida como uma relação interior da criança com um momento da realidade. Toda experiência é uma experiência de algo. Segundo o autor, a experiência é uma unidade de personalidade e ambiente atuando em conjunto no desenvolvimento.

Para Minick (2002) personalidade e ambiente existem no desenvolvimento. A experiência da criança é aquela simples unidade sobre a qual é difícil dizer que representa influência do meio sobre a criança ou uma peculiaridade da própria criança (VYGOTSKI, 2012b, tradução nossa). O ambiente em que a criança se encontra não pode ser visto de forma isolada, mas dos termos do que este ambiente significa para ela e como se relaciona com este. Outro aspecto que deve ser analisado é de que as estruturas psicológicas se desenvolvem ligadas a este contexto. Os processos psicológicos têm sua fonte na experiência sociocultural historicamente desenvolvida e não nas estruturas biológicas ou no aprendizado individual da criança. O que agora é interno, próprio da criança, era antes, externo (VYGOTSKI, 2012b, tradução nossa).

As narrativas dos professores e das crianças expressam os sentidos de suas experiências vividas em seu contexto histórico cultural com a Matemática. As experiências desse contexto social nas relações que mantêm com os outros, a criança vai construindo suas percepções sobre o mundo e isso vai sendo internalizado.

Regina Luzia Corio de Buriasco (1988) em seu trabalho de pesquisa teve como objetivo verificar o que as crianças conhecem de temas antes de chegarem à escola. Para a pesquisadora, o conhecimento adquirido pelo sujeito antes de entrar na escola deve ser o ponto de partida das atividades escolares. O professor precisa antes de qualquer assunto verificar o que as crianças já sabem. Não deve tomar como ponto de partida a ideia de que o assunto que será abordado é novo para a criança. Na infância dos professores não era esse o encaminhamento dado.

Marta: - A professora nunca trouxe um exemplo para dentro da sala de aula. Situações do dia, nunca fez parte! Era situações abstratas. Probleminhas... Tudo abstrato. Não tinha nada no concreto. Nunca trouxe exemplos dos próprios alunos. O que os alunos faziam, os pais comercializavam, trabalhavam, isso ela nunca trouxe. Era bem diferente do jeito que a gente trabalha agora.

No entanto, o conhecimento pré-escolar sobre as relações com a Matemática na infância, é possível observar nas narrativas dos professores.

Noeli:-Tenho lembranças da Matemática no dia a dia lá no sítio. Nas situações que a gente ia no armazém da D. Lurdes fazer as compras. Ela marcava no papel, o que tinha comprado e quanto tinha dado. Se não era para marcar na conta, eu sabia fazer o troco, mas a gente quase não manuseava dinheiro. Outra lembrança é de quando o pai falava a quarta parte de milho na lata, tantos litros... a curiosidade da gente, "Mas quanto que era"? Então a gente foi aprendendo. A distância, por exemplo, de casa até a escola, tantos quilômetros. O tempo necessário para percorrer.

Marta:- Eu não tinha noção que a Matemática que eu aprendia lá na escola era em parte o que eu já fazia no meu dia a dia. Eu entregava o leite, tinha que cobrar, receber. Quantos litros tinha que levar. Não! Não, eu acho que a gente foi notar isso já na adolescência, mas não na infância. Na infância a gente nem percebia. Eu acho que a gente era muito imatura para perceber isso.

Suzan:- Na infância, na aldeia a gente usava Matemática. Minha vó fazia trança para chapéu e ela ia contando e explicando como era o processo do trançado, ensinando os netos que ficavam em roda dela. Mas a gente nem imagina quando criança, que o trançado do balaio, da tuia, as cores, o desenho, que isso tinha Matemática.

Na convivência com os pais, irmãos, pessoas da comunidade e o próprio meio social e cultural no qual vive, questionando as pessoas ou mesmo as próprias questões postas por esse meio, a criança desenvolve conceitos espontâneos. Estes surgem a partir das próprias reflexões das crianças sobre

experiências imediatas do cotidiano.

Essa relação direta com o meio ao longo da infância pré-escolar de fazer perguntas e dar respostas, adquirir informações dos adultos impactam sua forma de ver o mundo e isso se torna base para o conhecimento científico (VIGOTSKY, 2010). Esse conhecimento espontâneo é diferente do conhecimento escolar sistematizado o chamado conhecimento científico. Esse aprendizado adquirido ao longo de suas experiências pré-escolares é o chamado nível de desenvolvimento real que é aquele que já está completo e que caracteriza o desenvolvimento retrospectivamente (VIGOTSKY, 2007).

A mediação pedagógica deve partir desse nível, mas o olhar deve ser para um outro nível que é o desenvolvimento proximal aquele que caracteriza o desenvolvimento prospectivamente, isto é, que está em processo que permite delinear o futuro imediato da criança, aquilo que a criança é capaz de fazer em colaboração com seus professores e os colegas mais velhos (VIGOTSKY, 2007).

Os conceitos espontâneos se desenvolvem no contexto da atividade prática imediata, social, enquanto os científicos em um contexto de instrução num sistema formal de conhecimento (DANIELS, 2011, p. 29). Assim sendo, as crianças quando entram na escola, já possuem recursos para lidar com situações com quantidade, pois muito antes de entrar na escola a criança já teve a oportunidade de medir, comparar, fazer operações, isto é, já percorreu um caminho bem complexo de desenvolvimento do pensamento matemático.

Os recursos para lidar com quantidades muitas vezes elementares e as vezes sofisticados que chegam a surpreender, permitem o enfrentamento da Matemática escolar. A Matemática não é exclusiva da escola. “A Matemática é um objeto de uso social com uma existência social que ultrapassa de longe a existência escolar. Em qualquer que seja o ambiente do homem é possível medir, contar, comparar, classificar, juntar, etc.” (BURIASCO, 1988, p. 33). A mediação pedagógica, inserida em um meio social, não pode ignorar que a criança traz significativas aprendizagens do seu meio.

Para Buriasco (1988), numa educação crítica, os sujeitos ao enfrentar novas situações recriam e reconstituem o conhecimento que já adquiriram. Quando a criança ingressa na escola, um novo caminho se inicia no desenvolvimento de conceitos. “A criança assimila na escola, no processo de

aprendizagem, uma série de conceitos de objetos como ciências naturais, aritmética, ciências sociais” (VIGOTSKY, 2010, p. 524).

O conceito espontâneo não se transforma em conceitos científicos e nem tão pouco repete o mesmo caminho de desenvolvimento.

A relação dos conceitos científicos com a experiência pessoal da criança é diferente da relação dos conceitos espontâneos. Eles surgem e se constituem no processo de aprendizagem escolar por via inteiramente diferente que no processo de experiência pessoal da criança. As motivações internas, que levam a criança a formar conceitos científicos, também são inteiramente distintas daquelas que levam o pensamento infantil à formação de conceitos espontâneos (VIGOTSKY, 2009, p. 263).

Os conceitos científicos “se desenvolvem na criança de modo diferente do que se desenvolvem os espontâneos e por outras vias” (VIGOTSKI, 2010, p. 524).

Os conceitos científicos não surgem espontaneamente, mas por um processo autêntico de desenvolvimento (VIGOTSKY, 2009). “Os conceitos científicos de tipo superior não podem surgir na cabeça da criança senão a partir de tipos de generalização elementares e inferiores preexistentes, nunca podendo se inserir de fora da consciência da criança” (VIGOTSKY, 2009, p. 262). O processo de desenvolvimento dos conceitos espontâneos e científicos estão interligados e estão em constante interação exercendo influência um sobre o outro em um processo único de formação de conceitos (VIGOTSKY, 2009).

Para Kozulin (1994), conceitos científicos se originam de uma atividade estruturada, especializada de aula e se caracterizam pela organização hierárquica e lógica, tratam-se de estruturas dinâmicas sujeitas a mudanças e não são assimilados de forma automática, mas requer um processo de adaptação em que as representações cotidianas desempenham um papel importante. O curso do desenvolvimento do conceito científico transcorre sob condições do processo educacional no qual ocorre o amadurecimento das funções psicológicas superiores da criança com ajuda, participação e colaboração do professor pelas condições de ensino.

Os conceitos espontâneos e os científicos não têm o mesmo nível de

desenvolvimento. Estes seguem uma via oposta, não repetem as mesmas vias de desenvolvimento (VIGOTSKY, 2009). Para Vigotski o problema dos conceitos espontâneos e científicos é uma questão de ensino e desenvolvimento, uma vez que os primeiros tornam possível o surgimento do segundo tipo de conceitos a partir da aprendizagem, que é a fonte do seu desenvolvimento (VIGOTSKY, 2009).

Para o desenvolvimento de conceitos científicos, é necessário um nível de desenvolvimento dos conceitos espontâneos para que os mesmos sejam superados e isso ocorre em uma determinada idade. “O surgimento dos conceitos científicos não se tornam possíveis se não em certo nível de desenvolvimento dos conceitos espontâneos” (VIGOTSKY, 2010, p. 539).

Em um mesmo estágio de desenvolvimento da criança existem aspectos fortes e fracos tanto dos conceitos científicos quanto dos cotidianos. Naquilo que os conceitos científicos são fortes nos espontâneos é fraco e vice-versa. A fraqueza do conceito espontâneo está na “incapacidade para a abstração, para uma operação arbitrária com esses conceitos” (VIGOTSKY, 2009, p. 244) e o conceito científico o ponto fraco é o seu verbalismo e insuficiente concretude e o ponto forte é “habilidade de usar arbitrariamente a disposição para agir” (VIGOTSKY, 2009, p. 245).

As explicações teóricas a respeito dos conceitos espontâneos de um lado e os científicos de outro consiste em entender que a formação de conceitos tanto científicos quanto espontâneos começa no momento em que a criança assimila um termo novo para ela, um significado que é o veículo do conceito científico “Essa é a lei geral do desenvolvimento do significado das palavras, à qual estão igualmente subordinadas em seu desenvolvimento tanto os conceitos científicos quanto os espontâneos” (VIGOTSKY, 2009, p. 265).

O ato de apreensão do objeto pelo pensamento nos conceitos espontâneos e científicos é diferente. No processo de ensino ensina-se à criança o que ela não tem diante de si e ainda aquilo que vai além da sua experiência imediata atual. Isso requer atos de pensamento diversos, relacionado ao sistema de conceitos, à generalização de generalizações anteriormente formadas.

Os questionamentos apontados por Vigotski (VIGOTSKY, 2009) a respeito do que acontece com os conceitos espontâneos na idade escolar e

como se deve conceber o caminho pelo qual a criança chega a adquirir consciência dos seus conceitos apontam que na idade escolar o centro de atenção é ocupado pela passagem das funções inferiores de atenção e memória para as funções superiores da memória lógica e da atenção arbitrária.

Dizer que a memória se intelectualiza na idade escolar é exatamente o mesmo que dizer que surge a atenção arbitrária; dizer que a atenção na idade escolar se torna arbitrária é o mesmo que dizer (...), que ela depende cada vez mais dos pensamentos, isto é, do intelecto (VIGOTSKY, 2009, p. 283).

A memorização deduz necessariamente a atividade da atenção, da percepção e da assimilação. A percepção carrega em si a mesma função da atenção, da memória e da compreensão (VIGOTSKY, 2009). De acordo com Vigotski, tomar consciência se pauta na generalização dos processos psíquicos, que resulta em sua compreensão. O papel do ensino nesse processo está em primeiro lugar, no qual os conceitos científicos mediados por outros conceitos com os seus sistemas organizado hierarquicamente, são os meios de tomada de consciência dos conceitos. “A tomada de consciência dos conceitos se realiza através da formação de um sistema de conceitos, baseado em determinadas relações recíprocas de generalidade, e que tal tomada de consciência dos conceitos os torna arbitrários” (VIGOTSKY, 2009, p. 295). A tomada de consciência significa a generalização e, portanto, a formação de um conceito superior. “Generalização significa ao mesmo tempo tomada de consciência e sistematização de conceitos” (VIGOTSKY, 2009, p. 292).

Na infância narrada pelos professores a respeito de suas experiências pré-escolares com a Matemática, não garantiram o enfrentamento da Matemática escolar. A professora Noeli, apesar de ter contado de suas experiências pré-escolares com a Matemática, quando narra a respeito do processo de aprendizagem na escola, narra da sua dificuldade.

Noeli:- Eu lembro que eu tinha dificuldade para aprender Matemática, foi horrível! Quando iniciei no primeiro ano já tinham uns meninos maiores e a professora passava as contas e eles iam no quadro-negro para resolver. Eu copiava! Quem sabia tinha oportunidade de fazer. Eu desviava de ir ao quadro, porque indo ao quadro dava para perceber que eu não sabia.

Para Vigotski, a Matemática pré-escolar, aquela aprendida pela criança

antes de entrar na escola sempre entra em choque com a Matemática aprendida na escola. Dito de outro modo, o desenvolvimento produz uma ruptura, um choque entre as formas de operar com quantidades elaboradas pelas crianças e aquelas que os adultos propõem (VYGOTSKI, 2012a, tradução nossa).

Todo processo de aprendizagem tem sua organização interior e sua continuidade e a criança também possui a sua lógica de desenvolvimento que se desencadeia e se movimenta no curso da aprendizagem escolar. Os processos de aprendizagem e desenvolvimento não se manifestam pela primeira vez quando a criança entra na escola “a aprendizagem ocorre em todas as fases do desenvolvimento da criança” (VIGOTSKY, 2009, p. 337). O centro da análise da origem e da formação de conceitos científicos está na questão da aprendizagem e do desenvolvimento.

Kozulin (1994) afirma que o papel do professor deve ser no sentido de atuar sobre os conceitos espontâneos para estes se transformarem em uma nova parte do seu desenvolvimento. Ao se conscientizar, os conceitos espontâneos se modificam na estrutura, passando à generalização. Em situações espontâneas os conceitos científicos não se manifestam na mesma riqueza das situações em que precisa formalmente responder a perguntas. O desenvolvimento de ambos os conceitos é diferente e trazem de novo a zona de desenvolvimento imediato ou zona de próximo desenvolvimento (VIGOTSKY, 2010).

Ao ouvir os protagonistas desse jogo sobre suas relações com a Matemática, observa-se que cada um à sua maneira, narram como têm construindo seus sentidos sobre o mundo, sobre a escola e sobre a linguagem Matemática. Esse sentido é único, particular, subjetivo e é aprendido em configurações particulares na interação com o mundo mediado pela linguagem.

Comentário final episódio

Coringa 3

Da infância dos professores a infância de seus alunos mudou a prática dos professores? Como se dá a formação dos professores alfabetizadores?

AS CRIANÇAS A CAMINHO DO EPISÓDIO DE SUAS NARRATIVAS

CORINGA 2

AGORA QUE JÁ CONTARAM SUAS HISTÓRIAS IRÃO DE UMA BRINCADEIRA ASSIM ADIVINHAR.

GABRIELI FOI CONHECER JOELIZE EM RIO BRANCO DO SUL E DESCOBRIU QUE NA HORTA ATRÁS DA ESCOLA TEM VÁRIAS MINHOCAS...

OSNI

ENTÃO EU SEI QUAL A RESPOSTA DA ADIVINHA DA JOELIZE “QUE TEM MINHOCA, MAS NÃO É MINHOCÁRIO, TEM VERDURA, MAS NÃO É SUPERMERCADO, TEM COZINHEIRA, MAS NÃO É COZINHA” É A HORTA!!!!

CORINGA 2

ISSO MESMO. MAS AGORA VOU CONTINUAR A PERGUNTA FORMULAR.

GABRIELI FOI CONHECER JOELIZE EM RIO BRANCO DO SUL E DESCOBRIU QUE NA HORTA ATRÁS DA ESCOLA TEM VÁRIAS MINHOCAS. AS DUAS FICARAM ENVOLVIDAS CONTANDO AS MINHOCAS QUE IAM ENCONTRANDO NOS CANTEIROS QUE ESTAVAM SENDO PREPARADOS PARA O PLANTIO DAS VERDURAS. GABRIELI FICOU CURIOSA PARA SABER QUANTAS MINHOCAS JÁ TINHAM ENCONTRADO. CONTOU, CONTOU E SEMPRE SE PERDIA NA CONTAGEM. ERAM MUITAS MINHOCAS!!!! E ELAS TAMBÉM SE ESCONDIAM NOS BURAQUINHOS. E AINDA HAVIA ALGUNS PASSARINHOS QUE ESTAVAM POR ALÍ E COMIAM AS MINHOCAS. ERAM TANTOS! AS MENINAS SE ENCANTARAM COM ELES E ESQUECERAM DAS MINHOCAS E COMEÇARAM A CORRER ATRÁS DELES. VOAVAM. A PROFESSORA DA JOELIZE QUE ESTAVA EM UM OUTRO CANTEIRO PERGUNTOU? VÃO QUERER PRENDER OS PASSARINHOS? DEIXEM ELES LIVRES.

NATIELE

EU SEI A RESPOSTA DA ADIVINHA “NELA TEM ASAS, MAS NÃO É AVE, TEM CANTOS, MAS NÃO É PÁSSARO, TEM VIDA, MAS NÃO RESPIRA, TEM ASAS, PORÉM NÃO TEM LIBERDADE” É GAIOLA!!

CORINGA 1

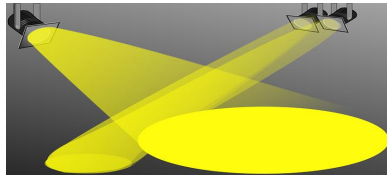
GABRIELI CONHECEU ALÉM DA JOELIZE OUTRAS CRIANÇAS QUE MORAM NO CAMPO. FICOU ENCANTADA QUANDO VOLTANDO PARA CASA AVISTOU GALINHAS, PATOS, MARRECO E MUITAS VACAS. VACAS. QUAL DELAS SERIA PARECIDA COM A MANSINHA DA INFÂNCIA DA MARIA?

NATIELE

EU SEI A RESPOSTAS DA PERGUNTA DO OSNI. “QUASE TODAS AS CRIANÇAS GOSTAM. MAS NEM TODOS TÊM AQUILO QUE DÁ O QUE AS CRIANÇAS GOSTAM. PARA ISSO ALGUNS COMPRAM. GABRIELI COMPRA NO SUPERMERCADO EM LITRO. JOELIZE PEGA NA ESCOLA E ACHA QUE COMPRA EM QUILO. NA ALDEIA CHEGA DE CAMINHÃO” É O LEITE!!

CORINGA 1

GOSTARAM DA BRINCADEIRA DE ADIVINHAR? QUE TAL AGORA VOCÊS COM SEUS AMIGOS IREM BRINCAR?



Teatro de sombras

Coringa 4

O que eu queria?

Um professor que me ouvisse.

Que sorrisse!

Que me ensinasse fazer perguntas e que me ensinasse a pensar.

Que me olhasse nos olhos e me enxergasse como sou.

O que eu queria?

Um professor que cantasse, que brincasse, que comigo teatro fizesse.

Um professor que me instigasse

para que o mundo explicasse
no desenho, na escrita e no palco.

O que eu queria?

Um professor que ao meu lado sentasse

vamos juntos compreender o que o desenho, a escrita e o teatro querem
dizer?

O que eu queria?

Um professor!

Que me olhasse,

Que brincasse,

Que perguntasse,

Que sorrisse,

Que ouvisse,

Que me compreendesse,

Que me desafiasse

Que me respeitasse

(Memórias da infância)



EPISÓDIO VI

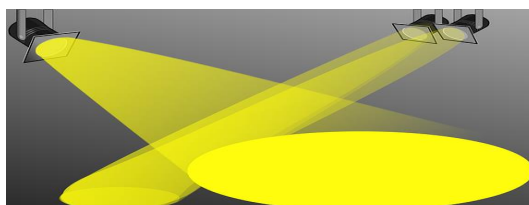
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES

Explicação

Coringa 3

Nesse episódio apresentaremos o processo de formação inicial e continuada dos professores alfabetizadores, protagonistas desse jogo.

Cena 1



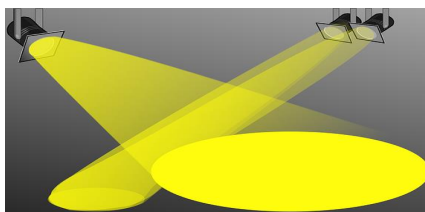
A formação inicial dos professores: como foi

O livro “A Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: Tecendo fios do ensinar e do aprender” escrito por Adair Mendes Nacarato, Brenda Leme da Silva Mengali e Cármem Lúcia Brancaglion Passos (2009), aponta importantes reflexões a respeito da formação do professor polivalente, que atua na educação infantil e séries iniciais; como também realiza uma retrospectiva dos documentos curriculares das últimas três décadas e nos apresenta as principais consequências para o ensino da Matemática nas séries iniciais.

Nesse contexto, apresenta como foi a formação destes professores quando eram crianças e como tem sido a sua formação inicial e como estes foram construindo suas crenças pautados nos modelos de aula a que eram submetidos na infância.

Na década de 80 as propostas tinham como enfoque o construtivismo. Nesse contexto, grande parte dos professores que atuavam na educação infantil e nas séries iniciais tinham apenas formação em nível médio. Apesar da proposta desses cursos que habilitavam estes professores, serem interessantes não tinham, porém, professores para as disciplinas voltadas à metodologia do ensino de Matemática. Segundo as autoras acima citadas, muitos eram os pedagogos sem formação na área. Com isso, a ênfase era nos processos metodológicos e os fundamentos da Matemática eram desconsiderados. Os cursos de pedagogia, ainda deficitários não tinham uma formação Matemática desses professores e esta formação não dava elementos para que estes professores compreendessem as propostas presentes nos currículos e com isso as práticas se centravam nos mesmos modelos de aulas de décadas anteriores (NACARATO; MENGALI; PASSOS, 2009).

As reformas educacionais na década de 90 no Brasil com destaque na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº 9394/96 que institui a formação superior para estes professores polivalentes. De acordo com as autoras, estes professores têm tido pouca oportunidade para a formação Matemática, a ênfase está mais nos aspectos metodológicos do que na Matemática em si. As crenças construídas ao longo da vida precisam ser desconstruídas por novos saberes e para que isso ocorra são necessárias novas estratégias de formação. “As professoras polivalentes em geral, foram e são formadas em contextos com pouca ênfase em abordagens que privilegiem as atuais tendências presentes nos documentos curriculares de Matemática” (NACARATO; MENGALI; PASSOS, 2009, p. 32). Assim sendo, apresento como foi a formação inicial dos protagonistas.



A formação de Bruno Alberto Garcia

No primeiro ano do Ensino Médio, lembro que ajudei o meu colega que tinha dificuldade na interpretação de problemas. Eu o ajudava a entender as situações problemas. Eu falava: “Vamos pegar os pontos essenciais” “o que é que diz o problema”? Ah, ele diz isso e isso”. Pegava os pontos essenciais!

Fiz o vestibular na Federal⁵⁷ e passei em Zootecnia, mas não me adaptei e nem cheguei a concluir. Fiz até o quarto ano, são cinco no total. Tinha reprovado algumas matérias e não queria mais! Lembro de alguns projetos em Matemática que me dava bem! Às vezes em Ciências, Bioquímica eu ia mal, mas na Matemática eu sempre fui bem! Sempre passei! Fiz Matemática, fiz Bioestatística, depois eu fiz outra relacionada à Matemática. Mas no resto não me adaptava e acabei largando a Zootecnia.

Fiquei um tempo sem saber o que eu gostaria de fazer. Nessa época eu já estava com 23 anos, conheci minha esposa e a gente acabou casando. Eu falei para ela “preciso voltar a estudar”, porém, não tinha bem certeza do que fazer. Ela fez Biologia e estava atuando como professora. Comecei a observar, conversava muito com ela com relação ao trabalho e por consequência comecei a lembrar da época que eu ensinava Matemática para meus colegas. Aí e falei para ela: “eu acho que devo ser professor” e ela foi me incentivando.

Na época estava trabalhando nos correios e comecei a fazer Pedagogia na universidade de Castelo Branco à distância. Nessa época foi bem complicado, trabalhar e estudar, um processo bem difícil. Mas mesmo assim eu consegui seguir esse caminho. Depois que passei um certo ponto começou a fazer mais sentido a pedagogia. Formei-me, e comecei a querer atuar na área. Fiz o concurso e passei aqui em Pinhais. Foi um processo

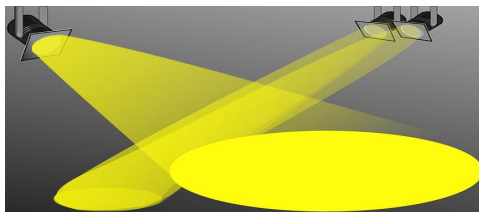
57 Universidade Federal do Paraná.

conflitante sair de um emprego público confortável que é o trabalho de cinco ou seis anos nos correios e de repente, você virando professor! Mas ao mesmo tempo tem sido bem elucidante, tenho gostado *muito* do que estou fazendo!

A Matemática nessa faculdade teve um conhecimento bem raso, passava basicamente pelas operações, pouca coisa na Matemática. Não cheguei a ter muito contato. Tive mais com relação ao cognitivo, aos processos desenvolvidos na escola. Poderia ter sido mais aprofundado. A única vantagem que eu tive nesse sentido foi porque eu já tinha tido uma base anterior na Zootecnia. O que me ajudou bastante foi o conhecimento prévio que eu já trazia porque na faculdade posso te dizer que de novidade não veio muita coisa não. Na faculdade faltou compreender e aplicar.

Além de estudar na própria Matemática é preciso ver o quão relacionado está com o Português, Ciências. Foi o que faltou no meu caso. Além de conhecer as operações, você precisa entender o conceito que existe por trás de toda a Matemática. Mesmo eu tendo conhecimento, na vida adulta eu precisei lidar com situações que tive que aprender tudo de novo. Como aplicar no dia a dia a contabilidade, pagar uma conta, taxas de juros, ou porque que o cartão de crédito as vezes não vale a pena.

Essa vivência me preocupa um pouco na questão cognitiva da Matemática. Porque às vezes a criança tem o pleno conhecimento da Matemática que, como eu tinha, mas ela só vai entender o verdadeiro uso dela a partir de uma certa idade pois talvez o cognitivo não esteja preparado para esta questão Matemática. Então as vezes a gente fala sobre multiplicação, divisão que foi o que eu falei para você: quando era criança, eu não tinha o porquê eu vou usar Matemática, porque eu vou multiplicar oito por oito, é até hoje em dia você para pensar porque você vai multiplicar oito por oito. A aplicação exata daquilo talvez falte tanto na formação inicial como na faculdade, o porquê que eu vou usar aquilo.



A formação de Ivana Lucia Balansin

Fiz Pedagogia e me formei em 2004. Escolhi fazer pedagogia porque sabia que não ia envolver muitas contas. A metodologia do ensino da Matemática foi uma coisa mais teórica. Eu não gostava da professora por isso não tenho lembrança. Acho que de tanto que eu não gosto e não gostava da Matemática, que não me marcou nada. Fiz especialização em Psicopedagogia e Gestão de Trabalho Pedagógico, supervisão e orientação. Fiquei quatro anos fora e agora já estou há cinco anos no magistério.

Na pós em Psicopedagogia eu percebi que os jogos auxiliam no aprendizado. Na pedagogia eu não vi jogos. Na Psicopedagogia despertou essa questão de trabalhar com jogos. O professor perguntou: "como que foi no tempo que vocês foram alfabetizados? Como que era trabalhada a Matemática"? Então eu comecei a fazer uma relação, como foi a minha alfabetização e como eu posso trabalhar para alfabetizar hoje. Foi aí que despertou essa questão para os jogos. Depois eu comecei a trabalhar na sala multifuncional com jogos e vi que dá resultado. Então hoje falou em jogos, a gente já fica antenado.

Participo das formações do PNAIC de Matemática. Não estou inscrita e por isso não assino nada. Tudo que eu aprendo no PNAIC eu aplico. Dá resultado! Todos os joguinhos e atividades que eu fiz é porque a professora levava modelo no curso, ou ela mandava o modelo para a escola. De todos os jogos ela tinha o modelo. E eu confeccionava todos eles.



A formação de Noeli Checelski de Abreu

Eu aprendi a tabuada, interpretei a tabuada, quando entrei no magistério. Não tenho vergonha! No primeiro ano de magistério eu compreendi! Olha quanto tempo passou! Eu estudei da quinta à oitava na mesma escola de primeira à quarta série. Eram outros professores. Mas o professor de Matemática tinha a mesma formalidade da professora de primeira à quarta. Aquela postura de autoridade “o senhor sabe tudo”. Ele sabia para ele, mas não passava para gente. Eu também não perguntava, quanto mais difícil era, menos eu procurava saber, menos ainda eu procurava entender. Lembrando hoje, parece uma piada. A forma que ele explicava não adiantava perguntar pois eu não ia entender mesmo aquelas fórmulas de quinta a oitava série. Eu precisava da base. Precisava saber interpretar, como multiplicar, como dividir e eu não sabia isso.

No Magistério tive muita dificuldade. Fiz aula particular com uma professora aposentada, Celi Gressana. Ela me disse: “você não fez Matemática em nenhum dia na tua vida! Você não entende... você precisa aprender”! Ela me ensinou a formação da tabuada, a saber interpretar a formação, o porquê que 3×6 era o resultado que dava e quanto era... e a divisão também! E ela me ensinou também a dividir por dezena, por centena, as unidades... Eu fiquei grata a ela a minha vida inteira.

Eu tinha o Magistério só como segundo grau até eu fazer estágio numa sala de aula. No contato com as crianças, no convívio, no necessário jogo de cintura, me fez parar para pensar. A professora de estágio fez diferença. Ela perguntava, fazia a gente pensar no desenho da criança, refletir no que tinha visto na sala de aula. Eu levava os trabalhos das crianças e ela analisava, comentava e isso despertava curiosidade na gente. No outro dia eu observava com mais atenção. No magistério as aulas eram um espetáculo. Pastas de

desenhos ilustrativos para histórias para isso e para aquilo. Quando a gente entrou na sala de aula mesmo não era isso.

Acho importante que tenha na formação inicial do professor aquilo que é necessário ensinar de Matemática e também o como ensinar. Isso ajuda o professor em sua prática diária. O conteúdo a ser ensinado e em que idade pode ser ensinado. Sabe, eu me peguei muito nessas situações. O conteúdo e a forma também de trabalhar isso com elas. Isso a faculdade não ensina.

Tive na escola onde trabalhei a oportunidade de parar e discutir. Nas horas atividades, a escola proporcionou que as turmas se juntassem nos momentos de planejamento e isso fez diferença. Eu consegui compreender isso no processo de planejamento em conjunto com a escola e nas formações continuadas. A maneira que a Matemática está sendo tratada hoje nas escolas fará diferença na vida dos alunos. Os professores têm se dedicado. Eu vejo mudanças na minha escola de uns anos para cá. A secretaria de educação do município vem direcionando os cursos de Matemática para que isso fosse mudando. Hoje a leitura e a oralidade são valorizadas nas aulas de Matemática.



A formação de Marta Jovinski Burkot

Fiz meu Ensino Médio no Colégio Cenecista Professor Fernando Moreira. Não fiz faculdade. Na época eu fiz o magistério e era o magistério profissionalizante. Eu comecei a Pedagogia e não terminei. Quando resolvi fazer o magistério, ajudou bastante, porque comecei a notar que tinha que levar materiais concretos para sala de aula e que aquele material concreto ia ajudar a criança a perceber na hora da escrita, na hora de resolver um

problema na oralidade.

No Magistério superei muitas dificuldades, porque tive vários professores muito bons! Percebi que tinha outras formas de ensinar. Porque a gente tinha as didáticas. Didática da Matemática, didática do Português, então com as didáticas você conseguia superar aquela falha lá do passado e ver que ia conseguir ensinar melhor os alunos.

Eu me formei em 1990, só que eu não atuei no Magistério. Eu trabalhava de auxiliar de escritório e só vim trabalhar como professora em 2002. Quando comecei era muito forte o que eu aprendi no magistério e ficou bem melhor ensinar os meus alunos com o que eu recebi de ensino dos meus professores do magistério.

Atualmente participo das formações do PNAIC. Participei das formações de Língua Portuguesa e a agora de Matemática.



A formação de Suzan Carneiro Cipriano

Morei até os dezoito anos na sede, lá onde mora o cacique e onde fui alfabetizada. Na minha época quando passava para a quinta, antiga quinta série tinha que ir para a comunidade vizinha que fica lá na Cunhada Funda que não é mais área indígena. Lá a gente estudava junto com os não-indígenas. Da quinta série em diante já era tudo fora da aldeia. O ensino médio fiz na cidade de Manguairinha.

Na Pedagogia eu tive a disciplina de didática da Matemática, foi no terceiro e quarto ano. Lembro que fiz em Chopinzinho na Faculdade Palas Atenas com uma professora... Lembro que ela deu jogos, ensinou bastante a gente trabalhar no concreto e na UEM⁵⁸ também teve um professor, um dos

⁵⁸ Universidade Estadual de Maringá.

melhores professores que conheci. Ele pegava uma situação-problema, e daquela situação ficava a aula inteira ensinando como que pode ensinar a criança. Foi um processo bem detalhado. Lembro quando fui fazer uma prova, ele deu uma situação-problema e era para descrever como eu ia ensinar a criança, nos mínimos detalhes. Foi importante, pois aprendi bastante. Mas mesmo assim, eu até falava para ele: "professor, eu nunca gostei de Matemática"! Ele falava: "não diz que quando a gente não gosta de alguma coisa, daí que a gente vai lá e faz para acabar com esse de que não gosta"? Hoje eu sou professora, tem a disciplina, eu tenho que dar essa disciplina. Dou o meu máximo. Mas quando eu estava estudando, eu não me dei bem.

Particpei das formações do PNAIC de Língua Portuguesa e de Matemática.

Comentário

Coringa 3

O quadro abaixo indica as palavras citadas pelos professores em suas narrativas quando falam a respeito da sua relação com a Matemática na formação inicial.

Quadro 30: Palavras citadas por professor para falar da formação inicial

Palavras citadas por professor para falar da formação inicial					
	Bruno	Ivana	Noeli	Marta	Suzan
Matemática	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática
Situações-problema	Situações-problema				Situações-problema
Jogos		Jogos			Jogos
Leitura			Leitura		
Alfabetização		Alfabetização			
PNAIC		PNAIC		PNAIC	PNAIC
Metodologia		Metodologia			
Dificuldades			Dificuldades		
Oralidade			Oralidade		

Fonte: A Autora (2014)

O professor Bruno ao falar da Matemática em sua formação inicial, fala de um conhecimento raso, um pouco das quatro operações. Sua sorte, como ele diz, foi o conhecimento anterior já adquirido em outro curso. De novidade o curso de Pedagogia não lhe trouxe nada. Faltou compreender e aplicar. Em sua opinião, a Matemática que deveria ser ensinada, além do próprio conteúdo, ver o quão está relacionada com o Português e outras áreas. Para o professor não bastam o ensino das quatro operações, mas os conceitos que existem por trás de toda a Matemática e a relação destes na vida prática.

Na narrativa da professora Ivana a respeito de sua formação inicial, narra que escolheu fazer pedagogia porque sabia que não envolveria contas. Tem poucas lembranças da disciplina de metodologia do ensino da Matemática. Explica que em parte não se lembra da Matemática na Pedagogia porque não gostava da professora e também porque não gostava da Matemática. “A habilidade para esquecer o desnecessário, para descartar o excedente, estabelecer vínculos depois que esses elementos já fizeram o seu trabalho é tão necessária quanto o estabelecimento de novos vínculos” (VIGOTSKY, 2010, p. 195). O esquecimento as vezes é um bem.

Na pós-graduação em Psicopedagogia descobriu que os jogos auxiliam no processo de aprendizagem. A respeito das formações do PNAIC, a professora Ivana salienta que está sempre atenta as discussões a respeito dos jogos e que todos os modelos que são apresentados pela orientadora de estudos, são confeccionados por ela.

A professora Noeli, que passou as séries iniciais e finais fingindo saber Matemática, levou a dificuldade até o magistério. Lá uma professora lhe disse: “você não teve Matemática em nenhum dia da sua vida”. Com esta professora, Noeli aprendeu a formação da tabuada e outros assuntos. Por isso lhe é grata até hoje. Na opinião de Noeli, os professores das séries finais tinham a mesma postura, a mesma formalidade, a mesma autoridade, “o senhor sabe tudo” do professor das séries iniciais. Das séries finais, a professora acha que os professores sabiam o conteúdo, mas não sabiam passar o conhecimento. Quando fala a respeito da Pedagogia, a professora acha importante que se ensine o que a criança deve aprender e em que idade e ainda como isso deve ser ensinado.

Noeli: - Acho importante que tenha na formação inicial do professor aquilo que é necessário ensinar de Matemática e também o como ensinar. Isso ajuda o professor em sua prática diária. O conteúdo a ser ensinado e em que idade pode ser ensinado.

Noeli observa que hoje a leitura e a oralidade são valorizadas nas aulas de Matemática e que a maneira que a escola tem tratado a Matemática fará diferença na vida dos alunos.

Noeli:- A maneira que a Matemática está sendo tratada hoje nas escolas fará diferença na vida dos alunos. Os professores têm se dedicado. Eu vejo mudanças na minha escola de uns anos para cá.

A professora se refere aos planejamentos em conjunto, às formações organizadas na escola, à troca com os colegas com parte importante no processo de formação do professor. A professora Marta que fez magistério, não concluiu pedagogia diz que superou muitas dificuldades ao longo do curso. Aprendeu que existem outras maneiras de ensinar diferentes daquela que foi ensinada em sua infância. A professora Suzan lembra de professores da pedagogia que lhe ensinaram sobre o uso de jogos e de situações-problema no processo de ensino da Matemática.

Cena 2



Na formação continuada um pacto nacional

As formações do PNAIC das quais se referem os professores alfabetizadores, protagonistas desse jogo, como já informei em episódios anteriores, é um Programa do governo federal composto de um conjunto de ações dentre as quais a formação continuada de professores alfabetizadores é

o principal eixo de atuação, acompanhado dos eixos de materiais didáticos, literários e de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais como também as avaliações sistemáticas e o eixo de gestão, controle social e mobilização.

Trazer à cena alguns aspectos dessa formação tem como intuito apenas de introduzir os temas, uma vez que ouviremos os professores contarem a respeito do trabalho que desenvolvem com as crianças do primeiro ciclo de alfabetização no próximo episódio e ainda da conversa com as Formadoras desse programa que entram em cena na exortação final.

Os professores Carlos Roberto Vianna e Emerson Rolkouski, coordenadores do programa e também autores nos brindaram com o texto A criança e a Matemática escolar no caderno de apresentação da formação de Matemática (BRASIL, 2014a), trazendo em cena discussões relevantes contribuindo para que as narrativas hoje sejam distintas das narrativas contadas pelos professores a respeito da sua infância. Se na infância dos professores, como também a minha, era da única resposta, a resposta do professor, os autores trazem à cena as crianças e suas diversas maneiras que podem resolver as situações-problema e ainda os diferentes tipos de registro, a maneira da criança, ou seja no desenho, na oralidade, na exemplificação com uso de materiais concretos, nos quais conta das estratégias utilizadas para chegar ao resultado. O modelo dado pelo professor sai de cena para dar lugar ao modo pensar do aluno, ao diálogo sobre sua própria maneira de pensar. Os referidos autores trazem de volta à cena os dedos das mãos para contar, as mãos e os pés para medir quando por muito tempo estiveram escondidos debaixo das carteiras.

Tantas coisas em cena que estavam escondidas nas coxias e que vieram à cena no decorrer das formações. Durante as discussões viu-se a necessidade em trazer à cena, as crianças, suas histórias, os espaços para suas falas a fim de ouvi-las sobre o que pensam e como resolvem as questões Matemáticas, que estratégias usam. Tantas discussões em cena nas formações do PNAIC!

Meu questionamento a partir das formações era de como essas discussões ocorriam nas escolas? Na sala de aula com as crianças? Interrogava-me se modo de pensar das crianças estaria de fato sendo

valorizado conforme discutidas nas formações? De que maneira? Ou ainda seria o mesmo modelo pedagógico encontrado nas narrativas dos professores?

Ao conversar com Gabrieli sobre o que aprende em Matemática ela tenta me explicar a existência dos números na nossa vida.

Gabrieli:- Aqui a professora mandou a gente recortar só as coisas que tinha números. Eu não lembro porque ela mandou. Não sei não me lembro mais. Essa figura ela mandou recortar por causa dos números que tem bastante aqui. Os números tem no caderno, nas revistas, nos livros e só! É que a professora mandou a gente recortar coisas com bastante números, daí eu pedi para ela, professora o celular dá? Dá porque tem números.

Gabrieli estabelece uma relação com os números existentes em sua vida em vários momentos. A esse respeito Vianna e Rolkouski asseveram “Com isso, o professor tem como objetivo responder às crianças o motivo pelo qual elas necessitam aprender sobre os números. Embora possa parecer simples, trata-se de algo fundamental do ponto de vista de construir uma escola que faça sentido para as crianças” (VIANNA e ROLKOUSKI, 2014, p. 21). Assim como os autores acima citados, outros, contribuem para o debate da alfabetização Matemática nesse e nos demais cadernos de formação.

O professor deve incentivar os alunos a “falar e escrever e a contextualizar sobre o número no seu cotidiano” (LOPES; ROOS; BATHELT, 2014, p. 33). Dessa forma, segundo os autores, conhecemos o modo de pensar das crianças e a partir dessas noções Matemáticas que trazem, organizar formalmente o ensino no contexto escolar. Embora possua senso numérico, vivência ampla em relação aos conhecimentos matemáticos, é na escola que esse conhecimento precisa ser organizado de maneira formal e sistemática.

A partir da infância por processo mais de aprendizagem, fora da escola, em nosso espaço histórico, social e cultural, vamos, por experimentação, aprendendo sobre características ou qualidades dos objetos na medida em que interagimos em nosso meio. Quando por fim, chegamos à escola, trazemos conosco um razoável e variado repertório de experiências sobre as características das “coisas do mundo”, embora nem sempre já saibamos nomeá-las, dizer o que são, como são e a que servem (LOPES; ROOS; BATHELT, 2014, p. 43).

A prática de um ensino descontextualizado da vida das crianças é narrada pelos professores. Para (VECE; MOCROSKY; PAULO, 2014) esse tipo de ensino não tem preocupação onde os números são utilizados. “A escola não deve se preocupar apenas com a alfabetização da Língua Materna, mas também com o processo de entendimento e dos respectivos usos sociais dos códigos matemáticos” (VECE; MOCROSKY; PAULO, 2014, p. 58) e isso acrescentamos na relação entre a Língua Materna e a Matemática.

Fonseca (2014), em seu texto “Alfabetização Matemática” no caderno de apresentação (BRASIL, 2014a), afirma que as discussões a respeito da alfabetização devem ser feitas num sentido amplo, na qual a ação pedagógica precisa contribuir para que as crianças consigam se relacionar melhor com os outros e consigo mesmo, lendo e compreendendo como a sociedade organiza, descreve, aprecia e analisa o mundo.

A interação supõe relações. Relações entre sujeitos. Sujeitos atuantes, que realizam ações entre e com. Estabelecer relações interpessoais professor-aluno implica afetividade, respeito e admiração. Essa dimensão racional produz disciplina, ordem e boa convivência, o que contribui para o sucesso na gestão da classe (MUNSBURG e FELICETTI, 2014, p. 5).

O ambiente da sala de aula foi revisto nas formações do PNAIC. Discutiu-se a respeito de um ambiente formador/alfabetizador, não mais uma cela, uma prisão relatada pela professora Noeli em sua narrativa. A disposição da sala de aula, como os professores organizam facilita ou não a interação professor-aluno, aluno-aluno, personaliza as relações e cria um clima de harmonia e bem-estar. A partir dessas discussões o cenário da sala de aula se modifica. Segundo (NACARATO; PASSOS; GRANDO, 2014, p. 6), a sala de aula deve ser entendida como uma comunidade de aprendizagem onde todos aprendem de forma colaborativa.

Para Vigotski, a criança que é ajudada que recebe colaboração resolve tarefas mais difíceis do que resolveria sozinha (VIGOTSKY, 2009). O papel da escola não é ensinar o que a criança já sabe fazer sozinha, mas o que ainda não sabe e que em colaboração e orientação do professor aprende o novo. Aquilo que a criança faz em colaboração hoje, fará sozinha amanhã.

A aprendizagem, portanto, deve passar à frente do desenvolvimento e conduzi-lo. “A aprendizagem só é boa quando está à frente do desenvolvimento” (VIGOTSKY, 2009, p. 334). A criança em colaboração resolver tarefas mais difíceis do que se tivesse sozinha, claro que dentro dos limites determinados pelo estado do seu desenvolvimento e de suas potencialidades intelectuais.

Em colaboração, a criança se revela mais forte em mais inteligente que trabalhando sozinha, projeta-se ao nível das dificuldades intelectuais que ela resolve, mas sempre existe uma distância rigorosamente determinada por lei, que condiciona a divergência entre sua inteligência ocupada no trabalho que ela realiza sozinha e a sua inteligência no trabalho em colaboração (VIGOTSKY, 2009, p. 329).

O programa da escola, não é ensinar o que a criança já sabe fazer sozinha, mas o que ainda não sabe e o que lhe pode ser acessível em colaboração com o professor e sob sua orientação. Na aprendizagem o fundamental é o fato que a criança aprende o novo e dito de outra maneira, o que a criança realiza em colaboração hoje, amanhã realizará sozinha.

A colaboração entre o professor e a criança é o ponto chave do processo educativo em paralelo a transmissão dos conhecimentos em um sistema o que promove o amadurecimento precoce dos conceitos científicos e ainda o fato de que esses conceitos entram na zona de desenvolvimento real, imediato em relação aos conceitos espontâneos, abrindo caminho para o desenvolvimento (VIGOTSKY, 2009).

Carvalho (2009) acrescenta que os progressos apresentados pelos alunos quando desenvolvem atividades de Matemática colaborativamente na sala de aula, discutindo, explicando, expondo, avaliando, refutando, argumentando, enriquecem seus conhecimentos progridem cognitivamente e nas interações sociais respeitando as ideias dos outros e suas próprias limitações e capacidades de comunicação e liderança.

A aprendizagem e desenvolvimento são dois processos que estão em complexas inter-relações e todo ensino sadio deve sempre exigir além daquilo que a criança sabe ou pode fazer, isto é, a escola deve propor atividades que leve a criança colocar-se acima de si mesma. Nesse pensamento, a criança começa a aprendizagem da escrita quando ainda não tem todas as funções

que lhe assegurem a linguagem escrita (VIGOTSKY, 2009).

Isto significa que além dos materiais que remetam à função social da Matemática, das brincadeiras e das expressões culturais da infância, o ambiente alfabetizador deve estar alicerçado em uma metodologia lúdica, dialógica, onde seja possível expor as experiências vividas, as dúvidas e dificuldades para que os colegas e o professor possam aprender com as histórias dos outros e colaborar com estratégias na busca de alternativas, bem como apreciar a exposição das conquistas através dos registros.

A organização do espaço físico da sala, conforme as orientações dadas nas formações do PNAIC indicam alguns materiais que devem ser disponibilizados na sala de aula.

Quadro 31: Sugestões de materiais a serem disponibilizados na sala de aula.

Materiais disponibilizados na sala de aula	
Jogos	
Materiais manipuláveis	Ábacos, material dourado, sólidos geométricos, etc.
Papéis variados	
Materiais confeccionados pelos alunos	
Balança	Identificar massa corporal
Relógios	Medição do tempo
Régua na parede	Medição de altura dos alunos
Calendário	Contagem do tempo (dia, mês, ano)
Listas	Nome dos alunos, brincadeiras preferidas, datas de aniversários, etc.
Mural	Fixar as produções dos alunos
Varal de símbolos numéricos	Construído com os alunos
Tabela numérica de 1 a 100	Explorar regularidades
Portadores de textos com diferentes usos e representações numéricas	Reportagens de jornal com gráficos, rótulos de embalagens, placas de carro, tabelas de pontuação de jogos e brincadeiras
Calculadoras	
Livros de histórias infantis	
Revistas para recorte	
Caixas	
Cordas	

Fonte: Adaptado de (BRASIL, 2014b).

Com Vianna e Rolkouski saem de cena os adornos feitos pelos professores que enfeitam as salas para dar lugar aos materiais elaborados com as crianças, os quais se tornam necessários para estarem expostos nas paredes das salas pois são de uso legítimo daquilo que o professor pretende ensinar. Dessa maneira, um destaque ao calendário, gráficos de alturas das crianças e ainda a esse respeito do ambiente e das intenções pedagógicas do professor no caderno 01 Organização do trabalho pedagógico (BRASIL/MEC, 2014b) os autores (NACARATO; PASSOS; GRANDO, 2014), se referem a organização do trabalho pedagógico do professor desde o seu planejamento diário, semanal e mensal ou bimestral, assim como a organização do ambiente que ajude nesse processo de alfabetização que contribuam na leitura da linguagem Matemática.

Para os autores acima citados, as situações de aprendizagem da linguagem Matemática propostas em sala de aula devem propiciar práticas inclusivas e colaborativas, nas quais as crianças possam manipular objetos, desenhar, construir e desconstruir sequências, comparar, medir, classificar, quantificar e prever situações, resolver problemas argumentando e defendendo seu ponto de vista, a partir do uso de jogos, livros de literatura, situações do cotidiano, favorecendo assim, a troca e a construção de conhecimento dos saberes matemáticos vivenciados durante a infância, que servirão de base para elaboração de conceitos mais universais.

Com a sala preparada para receber os alunos, o professor pode organizar o tempo que estará com as crianças de maneira que o espaço da sala de aula seja atrativo e prazeroso. “Mesmo que os alunos ainda não saibam ler, o professor pode ir fazendo a leitura e listando as atividades no canto da lousa ou quadro, reduzindo a ansiedade e expectativa dos alunos quanto ao trabalho do dia. Ao mesmo tempo, vai criando o hábito e identificando o tempo que cada uma das atividades foi planejada e como as diferentes disciplinas vão sendo contempladas na rotina do dia a dia da semana” (NACARATO; PASSOS; GRANDO, 2014, p.16).

Que haja tempo e espaço para interação entre os colegas e com o professor. Que o tempo para expressarem suas ideias esteja garantido, assim como ouvir as ideias dos colegas. Que o tempo para brincar não seja apenas na hora do recreio, mas que faça parte da rotina assim como fazem a leitura, a

escrita e a Matemática e as demais disciplinas. “Recorrer aos jogos, brincadeiras e outras práticas sociais nos trazem um grande número de possibilidades de tornar o processo de Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento significativo para as crianças” (VIANNA, ROLKOUSKI, 2014, p. 25).

Os jogos propostos no material de formação estão organizados em cada um dos cadernos elencados no quadro abaixo.

Quadro 32: Os jogos propostos em cada um dos cadernos

CADERNO	JOGO
1 - Organização do trabalho pedagógico (BRASIL, 2014b)	- Travessia do rio
2 - Quantificação, Registros e Agrupamentos (BRASIL, 2014c)	- Pega varetas. - A centopeia. - A fazendinha. - Uma coleção de lápis de desenho.
3 - Construção do sistema de numeração decimal (BRASIL, 2014d)	- O jogo do tapetinho. - Jogo de trilha. - Jogo das fichas coloridas. - Ganha cem primeiro. - Gasta cem primeiro. - Esquerdinha:quem primeiro tiver cem. - Placar zero. - Qual a representação do número. - Bingo. - Jogo da memória. - Dominó. - Vendinha. - Quebra-cabeça.
4 - Operações na Resolução de problemas. (BRASIL, 2014f)	- Comprando fichas. - Quantas faltam para seis. - Corridas dos carrinhos. - Coelhoinho procurando a toca. - Gatos malhados. - Dobros e metades. - Contas e mais contas.
5- Geometria (BRASIL, 2014g)	- Jogo da batalha naval.

6- Grandezas e Medidas (BRASIL, 2014h)	
7 - Educação Estatística (BRASIL, 2014i)	<ul style="list-style-type: none"> - Cara ou coroa. - Cubra os sete. - Travessia do rio. - Jogo de classificação.
8 - Saberes Matemáticos e outros campos do saber (BRASIL, 2014j)	<ul style="list-style-type: none"> - Tangran. - Xadrez.

Fonte: A Autora (2014)

Quadro 33: Os jogos propostos no caderno de jogos de acordo com cada um dos eixos

EIXO	OBJETIVO	JOGO
Número e Operações	Ampliar progressivamente o campo numérico, investigando as regularidades do sistema de numeração decimal para compreender o princípio posicional de sua organização.	<ul style="list-style-type: none"> - As duas mãos. - Nunca 10. - Disco mágico. - Boca do palhaço. - Cubra a diferença. - Jogo das operações. - Para ou arrisca? I - Para ou arrisca? II - A bota de muitas léguas. - Cubra os dobros. - Viagem à lua. - Pintando o sete. - Travessia do rio. - Acerte o alvo I. - Acerte o alvo II.
Pensamento algébrico	Compreender os padrões e relações a partir de diferentes contextos.	- O que mudou?
Geometria	Construir noções de localização e movimentação no espaço físico para orientação espacial em diferentes situações do cotidiano.	<ul style="list-style-type: none"> - Na direção certa. - Trilha dos sabores. - Jogo das figuras. - Dominó Geométrico. - Equilíbrio Geométrico.
Grandezas e	Compreender a ideia de	- Calendário dinâmico.

medidas	diversidade de grandezas e suas respectivas medidas.	- Marcando as horas.
Educação Estatística	Reconhecer e produzir informações, em diversas situações e diferentes configurações.	- Corridas dos peões. - Cara ou coroa.

Fonte: Adaptado de (BRASIL, 2014k)

Alguns desses jogos são apontados nas narrativas dos professores no próximo episódio, quando contam a respeito do trabalho que desenvolvem em sala de aula.

O ponto inicial da prática pedagógica deva ser o de ouvir as crianças a respeito do que já sabem de Matemática, pois elas chegam com um vasto conhecimento, porém nem sempre saibam nomeá-lo

A partir da infância por processos informais de aprendizagem, fora da escola, em nosso espaço histórico, social e cultural, vamos por experimentação, aprendendo sobre características ou qualidades dos objetos na medida em que interagimos em nosso meio. Quando, por fim, chegamos à escola, trazemos conosco um razoável e variado repertório de experiências das “coisas do mundo”, embora nem sempre já saibamos nomeá-las, dizer o que são, como são e a que servem (LOPES; ROOS; BATHELT, 2014, p. 43).

Garnica e Martins-Salandim (2014), afirmam que ao utilizar a estratégia de partir das experiências e do conhecimento dos alunos em relação aos modos de expressar sua ocupação no espaço, permite promover uma articulação entre esses conhecimentos e o conhecimento escolar. Discutem ainda que neste ciclo o trabalho pedagógico deve envolver o trabalho com mapas, desde a leitura, interpretação e construção (GARNICA e MARTINS-SALANDIM, 2014).

No ciclo de alfabetização é importante que o professor observe a maneira que a criança organiza e nomina sua movimentação no espaço ou também que comandos ele dá aos colegas em situações do cotidiano escolar de modo que o professor possa trabalhar na construção do vocabulário adequado para indicação de comandos que se refere a posição das pessoas

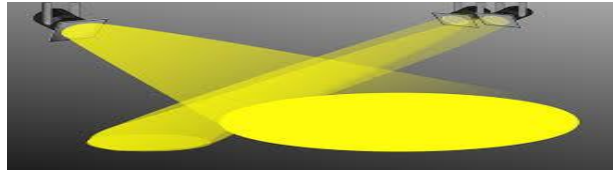
no espaço.

Nas formações do (PNAIC), as discussões sobre a Educação Matemática se encaminharam na perspectiva da resolução de situações-problema e o desenvolvimento do pensamento lógico. Problema segundo Lopes (2014, p. 12) "é uma situação que um indivíduo tem que enfrentar (resolver) por necessidade ou desejo, mas que apresenta algum nível de obstáculo que impede que possa ser resolvido de imediato ou mecanicamente". Trata-se de uma situação que é possível ser resolvida, entretanto que requer que as informações sejam descobertas pois não estão disponíveis de início (GUERIOS; AGRONIONI; ZIMER, 2014a)

Segundo (GUERIOS; AGRONIONI; ZIMER, 2014b), o diálogo proposto com a resolução de problemas tem como propósito contribuir na compreensão conceitual que está inerente aos procedimentos de cálculo. Dessa forma, a prática pedagógica, deve apresentar problemas matemáticos com situações que sejam do contexto da criança, situações estas nas quais os resultados devem ser desconhecidos para que a criança possa ler, interpretar o problema proposto, compreender, organizar os dados e colaborativamente irem estabelecendo as estratégias para chegarem a solução.

Só assim os cálculos e operações no interior da atividade de resolução de problemas terá sentido. Após esses procedimentos vem a realização de cálculos que pode ser realizada de diferentes formas como algorítmica, oral, pictórica, material dourado ou ainda de outras maneiras que evidencie as estratégias que foram estabelecidas e os resultados que foram obtidos.

Ao estabelecerem as estratégias, é possível o professor observar que as crianças utilizarão conceitos que já dominam e outros que ainda estão em processo. Com isso é possível observar se elas estão de fato compreendendo os conceitos matemáticos ou se apenas estão repetindo procedimentos (GUERIOS; AGRONIONI; ZIMER, 2014b).



Comentário final do episódio

Coringa 3

O que podemos dizer da formação inicial dos protagonistas desse jogo? Esse cenário apresentado por eles sobre a formação inicial se modificou nos últimos anos? Qual a contribuição da formação continuada no seu processo de formação? É importante dizer que não é o milagre de uma formação que mudará completamente o nosso jeito antigo de agir. É preciso considerar o processo. Mas de algum modo, os professores em suas narrativas no próximo episódio trazem situações organizadoras do ensino tratado nas formações do PNAIC e que merecem uma análise.



Teatro de sombras

Coringa 4

Professora posso brincar na sala?

Na sala não!

Eu não pude brincar na sala.

Brincava de Cinco Marias, e roda, atirei o pau no gato, pega-pega no pátio da escola.

Na sala não!

Professora posso brincar na sala?

Na sala não!

Na escola eu só posso brincar na hora do recreio.

Em casa eu posso brincar da hora que eu acordo até eu almoçar.

Eu brinco antes e depois de fazer as tarefas da escola.

Gosto de jogar bola. Montar quebra-cabeça. Andar de patinete.

Brinco antes e depois da escola.

Brinco de bastante coisa... de boneca... nem sei do que mais.

De escolinha! E só.

Professora posso brincar na sala?

Hoje não!

Na escola eu brinco na hora do recreio.

Brinco de mãe pega, não se esconde, de um monte de coisa.... brinco de bola.

Na sala de aula eu não brinco.

Brinco só quando não é para o dever....quando não é para fazer o dever.

Daí a professora deixa brincar. As vezes jogamos joguinhos.

É um jogo lá de sequinhosinho, esqueci o nome. É tem solto, amarradinho e amarradão. Quem fizer amarradão faz 100 pontos e ganha. Gostei do jogo.

Na sala de aulas não tem brinquedos. Brinquedo... eu acho que meu brinquedo é livro só.

Professora posso brincar na sala?

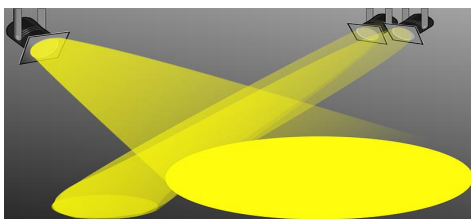
De que vamos brincar?

Na sala brincamos de policial, de carrinho e de boneca que levamos na sexta-feira,

Brincamos de jogo da velha e de quebra-cabeça e outros joguinhos.

E o que dizem os professores sobre o brincar em sua sala de aula?

(Memória da infância de ontem e de hoje- retirado das narrativas)



EPISÓDIO VII

COMO A ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA PROPÕE SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Se eu voltasse no tempo e fosse a professora da minha infância, no momento que fui alfabetizada, a primeira coisa que faria diferente seria parar para ouvir, conversar, cantar um pouco, rir. Ia descontraír, ia colocar aquelas crianças para brincar um pouco. Colocar um pouco de felicidade naquilo! Vida naquela sala de aula! (Noeli Checelski de Abreu, professora alfabetizadora).

Explicação

Coringa 3

Essa compreensão de que a escola pode ser diferente, alegre, mais descontraída, onde professores e alunos se ouvem conversam, cantam, brincam só é possível quando se toma consciência de que existem outras possibilidades de fazer a gestão da sala de aula. A professora ao olhar para sua infância e trazer a história do processo de alfabetização o faz com olhar de quem sabe que essas ações são possíveis.

Cena 1



O papel da narrativa na constituição de si frente ao outro e sua perspectiva formativa

Tanto os relatos apresentados nos cadernos da formação, quanto as narrativas dos alfabetizadores com o trabalho que desenvolvem em sala de aula, apresentadas na próxima cena, podem se converter em experiências pessoais de outros professores no processo de formação inicial ou continuada.

As experiências escolares na infância dos professores ainda que negativas, apontam novas possibilidades, impondo desafios à formação inicial e continuada. Assim como as experiências que agora serão narradas pelos professores a respeito do trabalho que desenvolvem em sala de aula, podem servir para práticas de outros professores, conforme anunciam Jaramillo, Freitas e Nacarato (2009) no texto “Diversos caminhos de formação: apontando para outra cultura profissional do professor que ensina Matemática”.

Relatar experiências tem como propósito de que estes saberes de experiências se convertam em saberes de experiência de outros professores. “Esse relatar aos outros as experiências e possibilitar a produção de saberes é uma forma, algumas vezes, de o professor sair de sua solidão e de seu silêncio” (JARAMILLO; FREITAS; NACARATO, 2009, p. 171). Ao compartilhar suas experiências afirmam os autores acima citados, o professor constitui sua identidade profissional no sentido de quem ele é e a sua autonomia, isto é, está se constituindo um sujeito único.

O professor tem saberes e conhecimentos que o diferenciam dos outros, porque trabalha em outra escola, em outro contexto..., porque é outro. Mas, a partir desses outros, o professor pode-se constituir no professor que é. A constituição da identidade e da autonomia de cada professor se faz sempre permeada pelos outros (JARAMILLO; FREITAS; NACARATO, 2009, p. 171).

Na relação com os outros que a identidade do professor vai se constituindo. Trazendo as experiências dos professores para discussão na formação inicial e continuada, nos grupos de estudo na própria escola, refletindo concomitantemente sobre a teoria e prática é que será possível que dessas experiências, novos saberes, serão produzidos para a prática pedagógica. Narrar aos outros sobre si, abre a possibilidade de construir narrativas sobre nós e o que somos e nelas explicitar as razões do que fazemos e porquê assim fazemos (BRUNER, 2014).

Ao narrar sobre nós, vamos nos constituindo como seres de histórias conforme afirma Yunes (2009), construímos um acervo de vida e que ao ser lido pelos outros comovemos e somos comovidos afetivamente, intelectualmente. As experiências que não vivemos, tornam-se nossas pela imaginação. Ao narrar aos outros, nossas histórias, abrimo-nos ao diálogo de ouvi-los também contar sobre si e então, trocamos experiências, construímos novos saberes.

De acordo com Bruner (2014), a narrativa traz em seu conteúdo a dialética entre o passado e o presente, entre o esperado e aquilo que de fato ocorreu. Não se apresentam as narrativas no sentido de resolver os problemas, elas não estão ali para ensinar, mas para prevenir, para pensar, refletir, discutir “a grande narrativa é um convite para descobrir problemas, não uma aula para resolvê-los. Ela diz respeito aos dilemas, às estradas por onde se caminha mais aos nossos passos do que ao lugar onde se chega” (BRUNER, 2014, p. 30).

Ao narrar sobre seu passado, os professores alfabetizadores não o fazem apenas no sentido de recordá-lo, mas de reconstruí-lo, de fazer diferente na sua ação como professores que hoje são. As narrativas que apresento transitam entre o passado, presente e o futuro, transitam entre as experiências vividas pelos protagonistas e os saberes que estas produziram e o significado desses saberes para o futuro.

Por meio da narrativa, construímos a nós mesmos. A individualidade segundo Bruner (2014) é produto do nosso contar. Quando somos desprovidos da capacidade de narrar, nos tornamos vazios, perdemos o senso dos outros e de nós mesmos. Sem a capacidade de narrar a construção da identidade não consegue ir adiante. Mas quando somos capazes de fazê-lo nos unimos aos

outros, contando a eles sobre nós, somos capazes de regressar ao passado e de imaginar o futuro e assim reinventamos o ontem e o amanhã.

Na relação com o outro, o eu se constrói. No reconhecimento do outro existe o reconhecimento do eu (MOLON, 2011). “Por intermédio da relação com os outros acontece a conversão dos processos na dimensão social em processos na dimensão individual” (MOLON, 2011, p. 92). Na singularidade de cada narrativa que nesse palco é contada, reflete ao mesmo tempo toda uma coletividade da qual fazem parte. Nessa relação do eu com os outros, a mediação é a própria relação que existe entre o eu e o outro. Essa mediação não é necessariamente física, isto é, com a presença do outro, mas pode ocorrer pelos signos, pela palavra e os instrumentos de mediação (MOLON, 2011).

Para Jaramillo, Freitas e Nacarato (2009), os saberes dos professores são os conhecimentos produzidos por estes, ao longo de sua vida profissional e acadêmica e a partir de suas próprias experiências. “Os saberes das experiências são produzidos por cada um de nós a partir da leitura que fazemos sobre as experiências próprias ou alheias” (JARAMILLO; FREITAS; NACARATO, 2009, p. 164).

Estes saberes são oriundos por diferentes fontes. Uma dessas é a formação inicial ou em Pedagogia ou em Matemática, a outra fonte são as experiências profissionais. Essas, associadas à sua experiência a partir de leituras enriquecem seu modo de ser e de constituir saberes. “Os livros se constituem em vozes que lhe mostram, aos professores, possibilidades outras de pensar o exercício da profissão docente” (JARAMILLO; FREITAS; NACARATO, 2009, p. 169). Os colegas, parceiros, amigos também contribuem na construção desses saberes. O aluno tem importância fundamental na constituição desses saberes.

As experiências dos outros, contribuem sem dúvida para novos saberes. Cabe a formação continuada a divulgação dessas experiências. Este tem sido a tônica das formações do PNAIC com os professores alfabetizadores. Os cadernos da formação trazem relatos de experiências de outros professores do Brasil, no intuito de que estes sejam analisados, discutidos, partilhados e apropriados. A reflexão a partir de exemplos concretos ocorridos em sala de aula acompanhados com as descrições e análise do

próprio professor que desenvolveu o trabalho, possibilitam reflexões sobre um saber adquirido na prática e dessa prática reflexões teóricas propostas pelos autores dos cadernos. As narrativas que a seguir são apresentadas pelos professores alfabetizadores a respeito do trabalho que desenvolvem em sala de aula tem como propósito trazer a cena suas experiências e os saberes produzidos a partir delas. Nelas não estão expressas a totalidade da história, mas fragmentos dela com a qual as narrativas são constituídas. Para Leite (2002), a narrativa deve instaurar no ambiente da escola, da sala de aula a palavra democrática, inconclusa na relação com o aluno.

Cena 2



A alfabetização Matemática hoje na narrativa dos professores



Alfabetização Matemática para Bruno Alberto Garcia

Às vezes eu vejo muitas situações que o aluno não compreende e não tem aquela dinâmica de chegar em casa e fazer aquela situação, falta aquele estímulo “pro vamos lá, vamos sentar junto”. Eu vejo que isso afeta muito o desempenho de uma criança. O que ajuda é pegar e sentar com aquela criança e desafiá-lo a fazer aquilo. Às vezes ajuda mais que pegar e passar o conteúdo, explicar e deixar.

Um dia um aluno não tinha entendido a relação metro e centímetro.

Sentei com ele, puxei ali do meu lado e fomos fazendo várias e várias situações. Peguei uma fita métrica e medi um colega e mostrei quanto 150 centímetros equivaleria em metros, aí ele começou a entender que um metro e meio era 150 centímetros.

Minha aluna Sara tem um pai muito presente e ela me conta: “aí meu pai fez eu fazer a Matemática de novo”. Ela tem um desempenho muito bom! Eu procuro muito saber o que está envolvido além do aluno, toda história que está por trás.

Eu tenho gostado bastante de utilizar o material dourado por questão da visualização deles. Eles compreenderam o sentido o que era de uma centena, uma dezena. Então visualmente, foi muito vantajoso, porque eles conseguiram compreender e ficou na mente deles. Eu consegui ver que eles conseguiram assimilar bem isso. E hoje eu às vezes eu faço umas brincadeiras, assim. E aí quantas centenas?

Para trabalhar antecessor e sucessor eu os coloquei em ordem, quem que vem primeiro? Que vem antes? E quem que vem depois? Eu queria que eles soubessem que a palavra antes e depois. Eles falam assim que o que vem antes e o que vem depois, crescente e decrescente que foi uma matéria que eu trabalhei bem oralmente e eles entenderam que não é o mais um menos um. Eles entenderam que é o que vem antes e que vem depois. Antes... porque é fácil você falar antecessor do cem, aí você vai 99, qual é o sucessor mais um. Não é o mais um e menos um que eu queria que eles soubessem. Aí eu colocava assim uns desenhos no quadro, claro a gente coloca umas flores maiores... agradar todos os gostos... coloquei umas bolas de futebol... e é o que chama atenção deles.

Às vezes quando uma matéria é muito complicada às vezes eu caio muito do tradicional. É... (silêncio) há uma perda bem grande do interesse deles. Ainda eu tenho alguma coisa que eu trabalho no método tradicional que é questão de operações. No entanto, eu procuro contextualizar o porquê da adição, no porquê da multiplicação. Usei para cálculo mental um joguinho de quebra de cabeça de tabuleiro que era, jogar os dados somar e fazer. Foi uma coisa tão simples, mas que dá um resultado tão efetivo. Eles sabem fazer um cálculo mental de dez de vinte e de centena, já fica bem mais tranquilo nesse ponto.

Acho que os jogos ajudam bastante, apliquei na outra escola o jogo de tabuada, você joga duas bolinhas aí cai cinco vezes sete e eles tem que procura dentre as fichinhas qual que é cinco vezes sete. Atrás tem a resolução e quem achar, pontua. Um jogo extremante simples que facilita muito. O jogo na questão de operação eu acho que contribui bastante na aprendizagem, na alfabetização eu diria um divisor de águas.

Eu vejo os que tem dificuldade em Português fatidicamente vão ter dificuldade em Matemática, infelizmente. Por causa da interpretação. Quando você propõe uma operação ela vai saber que é mais e menos, agora quando você coloca uma situação-problema, contextualizar um pouco mais aquela situação, se ele não tiver o letramento, que é a interpretação, ele não vai conseguir.

Para trabalhar compreensão de situações-problema eu procuro contextualizar dentro de algo que seja do convívio deles. Exemplo: Eu peguei um texto que era sobre a importância da água. Comecei com o Português naquele texto, depois Ciências e das Ciências eu entrei na Matemática porque tinha uma parte que dizia a questão da porcentagem de água. Contextualizei todo o ambiente da questão da poluição da água, o quanto de porcentagem de água que existe livre para a gente consumir. A feira de ciências inclusive foi sobre o ciclo da água.

A compreensão daquele texto para os que já têm um letramento maior foi muito mais fácil e para os outros foi uma surpresa ao entender que a água é tão escassa que só existiam digamos 1% de água potável e eles queriam entender o que era esse 1%. Aí eu peguei no material dourado, coloquei lá da barrinha de 100 e coloquei que apenas um quadradinho daquele e foi toda essa contextualização. Os que tiveram dificuldade em aprender o texto, tiveram maior dificuldade em compreender a questão da água, da porcentagem da água.

Eu tenho tido bastante resposta na leitura, até mais do que eu esperava. Eu proponho para eles fim de semana um livro para leitura. Eles trazem livro de casa e apresentam para os colegas e eles adoram fazer isso. E eu gosto muito! Tenho livros na sala, no meu armário e sempre que eles me pedem eu dou. Os alunos que gostam de ser desafiados são os alunos que leem mais. Tem os dias que eles querem levar, tem dias que eles não querem,

então eu procuro respeitar o momento.

A Kauany teve uma resposta boa. Eu passei um livro, ela levou uns dois meses para ler o tal do livro. Mas ela leu! Eu pedi para me contar a história, ela contou. A nota dela, está um pouco baixa do que eu esperaria, mas fez uma diferença tão grande na questão na Matemática, porque ela consegue ler aquele problema. As vezes não acerta, mas ela consegue entender o processo. E isso é um avanço bem grande. É fácil ver um aluno que está num nível mais avançado e vai evoluir mas para aquele aluno específico que vinha de uma grande dificuldade passar a ler por conta própria já é um excelente avanço!



Alfabetização Matemática para Ivana Lucia Balansin

Agora trabalho na aldeia dos índios *Kaingang* com onze crianças do segundo ano, procuro trabalhar Matemática no concreto para mostrar, para ver.

Na minha sala de aula tem um calendário grande com todos os meses e um pequeno que coloquei abaixo da lousa. Eles pegam o lápis e cada dia eles vão e circulam o dia. O sábado, domingo e feriado a gente deixa em branco, para eles saber quantos dias a gente trabalhou naquele mês. Então antes de perguntar que dia é hoje, eles já vão lá e já sabem certinho.

Hoje com as discussões do PNAIC, eu faria diferente. Muitas coisas que eu levava prontas eu construiria com eles, pois a criança tem que saber de onde que sai. O calendário que eles escreviam eu só tinha do mês que estávamos. Agora eu faria todo ele, para saber de janeiro a dezembro pois quando eu perguntava quais são os meses do ano, uns sabiam, outros não sabiam.

Tenho na sala também uma centopeia com os números até nove; tem as mãos com os dedos dobráveis com os números para contagem; varalzinho

com a carinha de cada aluno e com característica de cada um e os nomes. Trabalhamos a questão de quantidade de letras, ordem crescente e decrescente: "Agora vamos colocar o nome com menos quantidade de letras. Qual é o nome com maior número de letras? Quantas vogais têm? Quantas consoantes? Qual é a letra que se repete?" Bem interessante trabalhar! "Nossa, lá está meu nome!! Lá está a minha carinha!!" Bem legal!! Temos também na sala o cartaz de aniversariantes. Em relação ao cartaz de aniversário só expus na sala. Tenho também números para contagem.

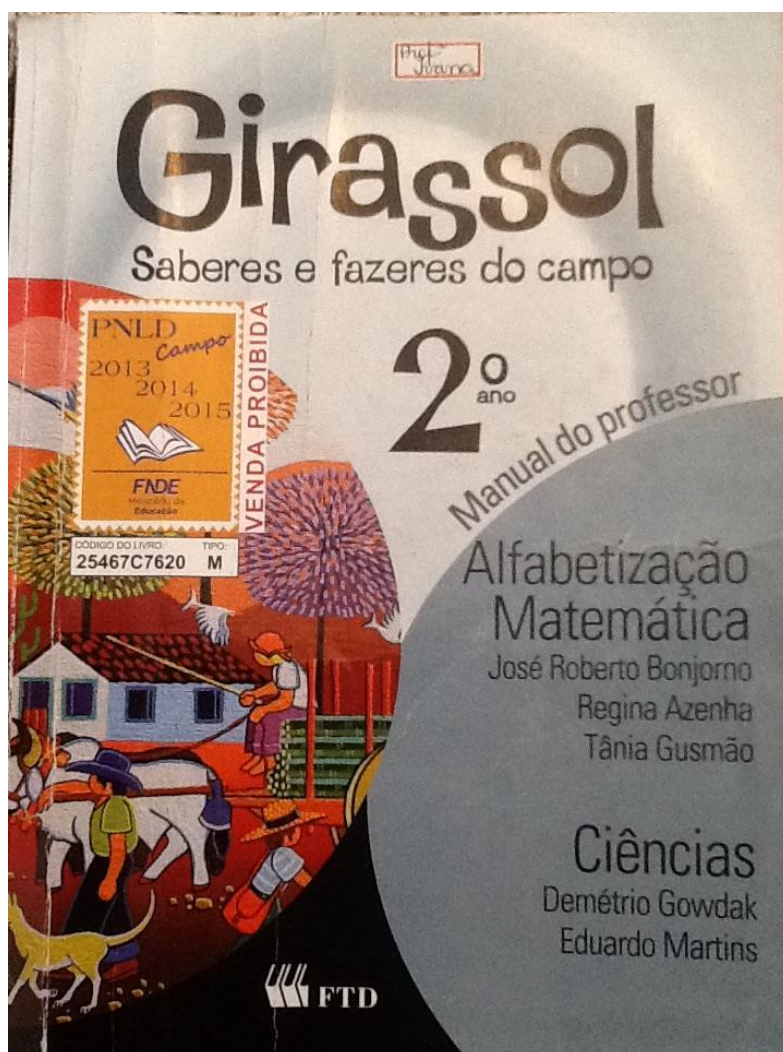
No início do ano quando peguei a turma eu achava que em relação a Matemática o segundo ano já teria condições de estar bem mais adiantado. Eu dizia as vezes, "vamos formar grupo de três pessoas", eles tinham dificuldade para pensar quantas carteiras. Fiquei na expectativa de conseguir até o final do ano um bom resultado. Percebia que aprendiam. Observava que alguns alunos ao retomar o conteúdo não lembravam. Por exemplo, trabalhei hoje unidade e dezena, semana que vem eu retomo, uns sabem certinho, outros, como se nunca tivesse falado. Acho que vai de uma criança para outra.

Na sala as crianças têm liberdade para falar. Cada um tem um jeito diferente de se expressar. Só que eles não tinham muito limite. Quando eu entrei eles levantavam a hora que queriam, falavam a hora que queriam. Então isso eu também fui trabalhando.

Conforme a atividade que eu ia fazer, eu organizava as carteiras em dupla, trio, as vezes agrupava meninos e meninas, círculo. Eu nunca gostava assim desse negócio de um atrás do outro, mais trabalhava.

Para trabalhar com as crianças eu sigo o livro didático.

Figura 12: Livro Didático Girassol



Fonte: A Autora (2014)

Unidade um e dois antes das férias e três e quatro depois. Cada criança tem o livro para seguir. Trabalhava as atividades que o livro trazia e as atividades de fora e depois as atividades que a professora do PNAIC dava.

Alguns conteúdos como em História eu trabalhei o tempo; brincadeiras de antigamente. Foi bem legal esse trabalho! Convidamos um professor indígena e ele falou sobre as brincadeiras antigas. Fizemos entrevistas sobre as brincadeiras nas salas onde cada um falava. Algumas brincadeiras se repetiam como pega-pega, ovo choco, carrinho de mão, búzios, essa última eu não conhecia.

Em ciências trabalhei as partes do corpo humano, cinco sentidos; em Geografia representação dos espaços, elementos naturais, culturais; trabalhei

também a Loteria da sorte. Eu lia uma historinha, trabalhava um texto, sempre trabalhava a loteria da sorte. Para ver se alguém tinha prestado atenção em como escrevia a palavra. Eles gostavam. É um antigo ditado. Depois eles faziam a contagem de quantas palavras acertavam. Errou, tinha que fazer o Xizinho e copiar a palavra certa. Acertou coloca o Xizinho daí depois fazia a contagem de quantas palavras. Eles faziam a comparação. Eles gostavam muito.

Em Matemática perguntei onde os pais utilizam a Matemática. " Meu pai utiliza Matemática no artesanato", outro "na contagem do dinheiro"; trabalhei também medidas de tempo; quantidade de unidade e dezena; compra e venda com os amiguinhos; maior e menor, igual; ordem crescente e decrescente; sistema de numeração decimal do zero a dez; números ordinais; números pares e ímpares; antes e depois.

Confeccionamos sólidos geométricos e contornamos no caderno. Trabalhei vista de frente, de lado, de cima. Um paralelepípedo que vira um retângulo, um cubo que vira um quadrado e realizamos atividades do livro, ainda para trabalhar vista de cima eu levei alguns objetos como caixas, embalagens de diversas formas, lápis, caneta, a garrafa, garrafa, copo para a sala, objetos com várias faces, dentro de um saco e eles tinham que identificar as figuras não planas. Olhando de cima era uma coisa, quando olhava de lado, era outra. Estimulava identificar a superfície dos objetos, o tampo das carteiras, da parede, do chão, da porta Altura, largura, comprimento. Construimos figuras geométricas planas com os palitos, explorando livremente as figuras possíveis de construir. Trabalhei linha reta e curva.

Trabalhei bastante números com eles, trabalhei operações. Comecei trabalhando adição, adição com três parcelas, depois subtração. Eles usavam os palitos para resolver as continhas. Fazia grupinho montava a adição, a subtração e aí o outro resolvia e vice-versa. Depois trabalhei multiplicação e divisão, divisão acho que ficou meio duvidoso porque eu trabalhei bem no final do ano. Mas adição e subtração acho que ficou bem frisado.

Eu confeccionei a tabuada com eles com sementes de lentilha, demorou até eles entenderem que a do dois, tinha que ir de dois em dois. E daí a de dividir eu disse que era ao contrário da multiplicação, uns não conseguiam entender.

Trabalhei com eles a dúzia e a meia dúzia, para isso, levei para a sala uma dúzia de ovos cozidos e coloquei uma situação-problema na lousa. Eles pegavam a quantidade que pedia lá, tiravam e colocavam na outra caixinha. Não tinha dificuldade nenhuma. Primeiro eles resolveram na caixa de ovos, depois na lousa e no caderno.

Figura 13: Atividades realizadas



Fonte: A Autora (2014)

O problema é que a gente não tira o tempo para resolver cada situação-problema com material. É que rouba tempo, mas é melhor trabalhar um problema com material do que você passar cinco seis no caderno, melhor ter uma coisa com qualidade e a criança aprender. Hoje quando eu vou trabalhar tudo o que eu posso levar no concreto eu levo, porque eu sei que é dessa forma que a gente aprende e acho que memoriza melhor. A pessoa enxerga, vai lembrar sempre lá na frente. “Ah, a profe mostrou isso” Desde o evangelho na igreja, se ele é encenado eu acho que você consegue guardar aquela imagem na tua mente. Agora quando tu só lê ou só a professora fala,

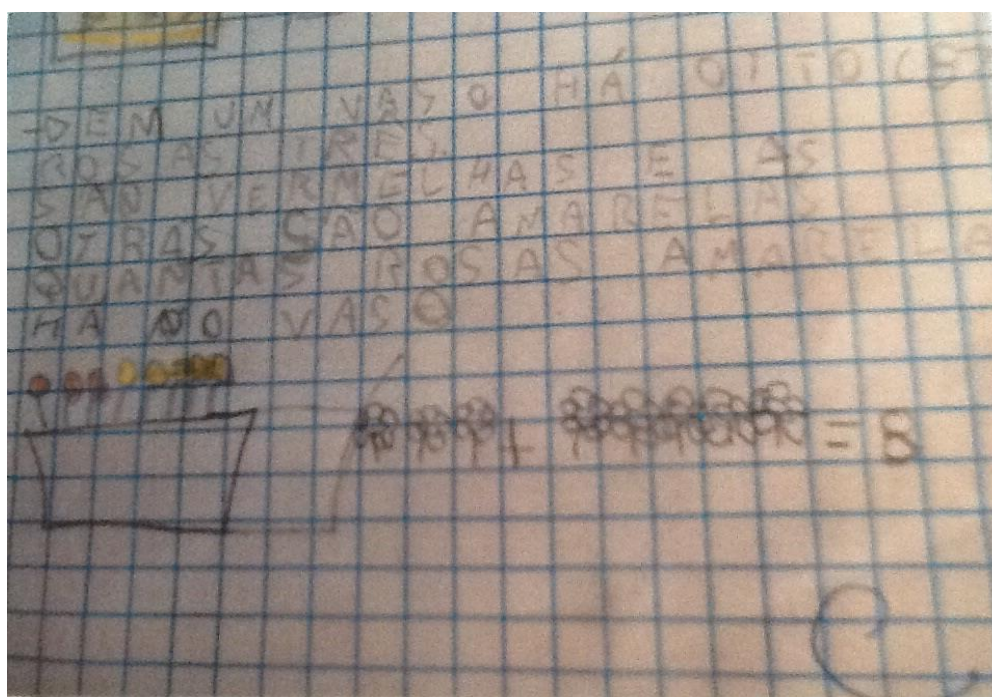
não tem como.

Eu trabalhei com eles a fruta preferida. Confeccionei com eles as frutas com massinha e trabalhei gráfico, depois montei e eles colocavam quantos que gostavam de maçã, quantos de abacaxi.

Eu quis também que eles organizassem uma situação-problema. Pedi para uma aluna trazer o material que eles confeccionam, o artesanato. Para ela elaborar uma situação-problema, aí ela falou que ela não sabia como fazer isso. Mas eu já tinha trabalhado com eles situações problemas, como ainda não tinha trabalhado artesanato, deixei para lá.

Quando eu trabalhei a fazendinha que é uma proposta do PNAIC, eu confeccionei, mas eles trabalharam a questão do número de animais que tinha na fazendinha, quem queria ser o dono da fazenda, qual animal é amigo do homem, qual dos animais que traz alimento para o ser humano; os bichos que eram maiores, que eram menores. Trabalhei situações problemas relacionadas a fazendinha. “Duas ovelhas, um elefante e três vacas, quanto tem ao todo?” Fugiram da fazenda quatro animais, uma girafa, dois cachorros e um coelho” Usava o nome deles “Antonieli encontrou a girafa perto da estrada e trouxe ela de volta para a fazenda, quantos animais estão foragidos?” Foi assim bem interessante!!

Figura 14: Caderno com problemas (I)



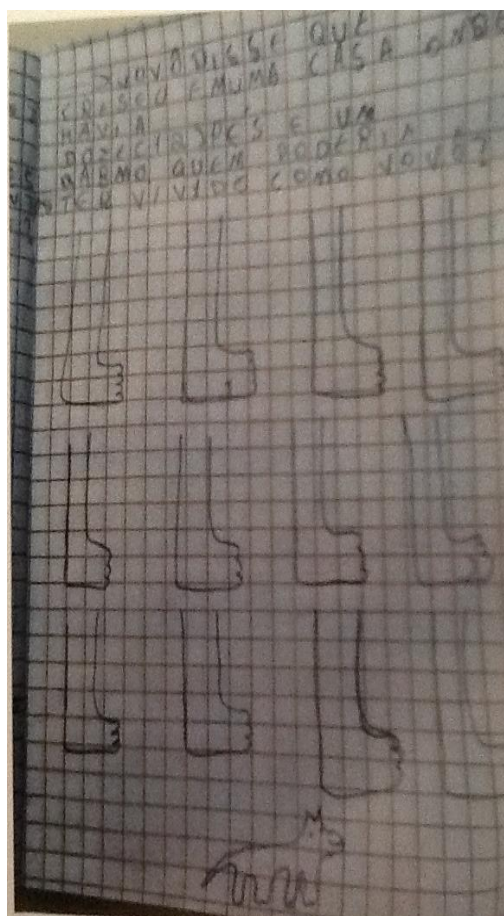
Fonte: A Autora (2014)

Trabalhei outras situações problemas, dava o problema e fazia eles interpretar. Ler e interpretar como tinha que fazer. Eles faziam o desenho. Uns já tinham a ideia lá na frente, já estavam com o pão e a chimia⁵⁹ Outros tinham dificuldade, eles chegavam no fim do desenho mas assim com dificuldade. Liam o problema e daí faziam o desenho para ver o que era, o que pedia. Por exemplo: “Em um vaso há cinco rosas amarelas e três vermelhas, quantas rosas há no vaso?” Oh, essa aqui não precisou fazer continha. Ela soube dizer só com o desenho

Cada um teve um jeito de fazer o mesmo problema. Em vez de fazer a continha fez o desenho e também chegou ao resultado. Um outro já usou os números $5 + 3 = 8$. É da forma como a criança consegue chegar no resultado. Por isso em todas as atividades os resultados são diferentes. Eu achava que todos tinham que fazer igual. A professora do PNAIC falou não. Cada um tem uma maneira diferente de resolver. Bem simples, né? Mas agora se o meu professor da infância tivesse trabalhado isso comigo, a visão da Matemática seria diferente.

59 Algum tipo de doce feito com abóbora, figo, pêssegos, amoras, cerejas e que passa no pão

Figura 15: Caderno com problemas (II)



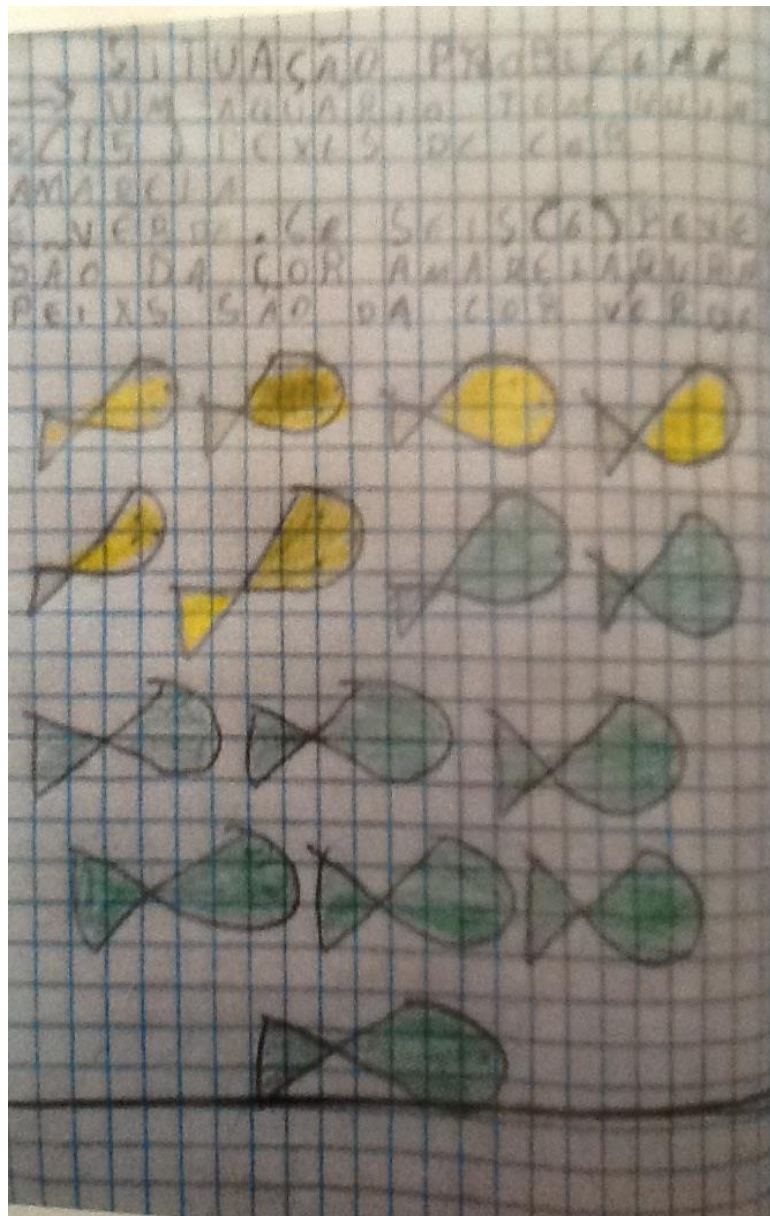
Fonte: A Autora (2014)

Outras situações-problema que eu trabalhei "O vovô disse que cresceu em uma casa onde havia 12 pés e um rabo, quem poderia ter vivido com o vovô?" Ah esse foi difícil para eles. Só dois que conseguiram. Foi difícil até para nós no PNAIC. Todos os adultos, até o chefe⁶⁰. "Mas quem vivia na casa que tinha um rabo?" Várias formas diferentes foram feitas no PNAIC para resolver. E as crianças? Mas o rabo? Pior dificuldade!! "Mas professora...o rabo? Cachorro". Mas daí quem que vivia na casa com tantos pés? Até eles pensar que eram tantas pessoas. Porque o texto diz 12 pés. Mas como 12 pés? Até chegar e dizer assim o vovô, a vó, o pai, a mãe e os filhos, levou tempo. Um aluno fez o vovô, a vó, o pai e a mãe, dois filhos e um cachorro.

"Um aquário tem 15 peixes de cor amarela e verde. Se seis peixes são da cor amarela, quantos peixes são da cor verde?"

⁶⁰ Trata-se de alguém da liderança da aldeia Passo Liso.

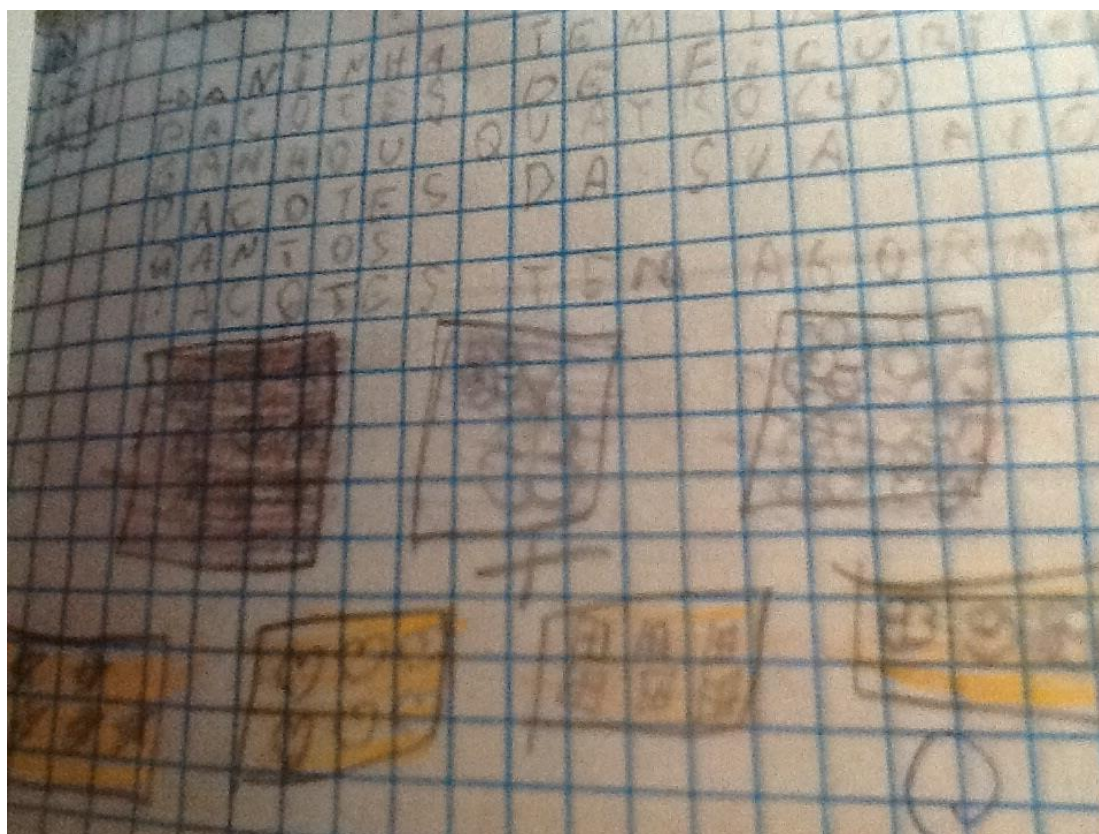
Figura 16: Caderno com problemas (III)



Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

“Aninha tem três pacotes de figurinha, ganhou quatro pacotes da sua vó, quantos pacotes tem agora?”

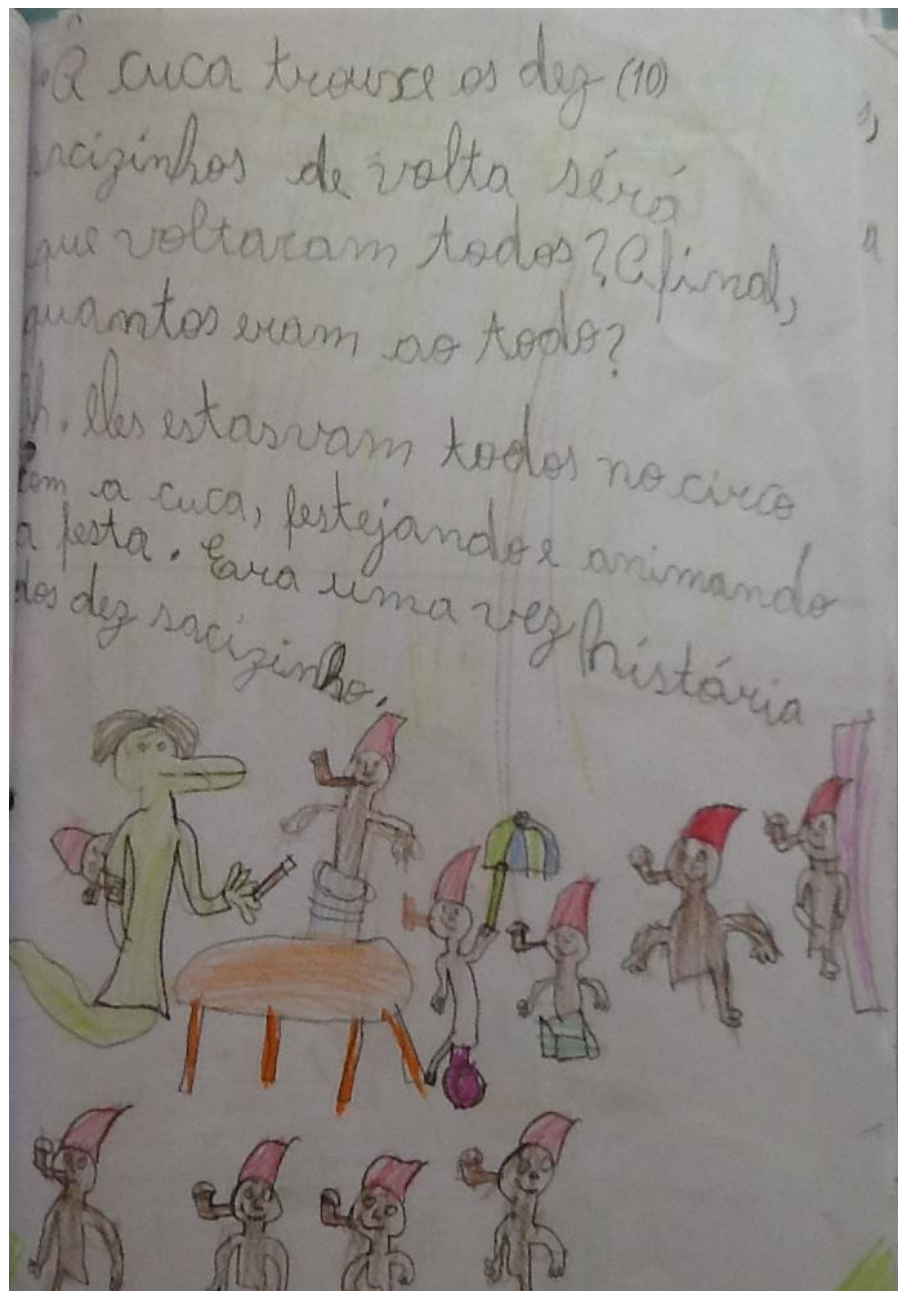
Figura 17: Caderno com problemas (IV)



Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

A professora do PNAIC pediu para contar uma história que trabalhasse quantidade com as crianças. Eu contei a história dos dez Saczinhos de Tatiana Belinky e a partir da história, trouxe situações problemas. Eles foram ilustrando e fazendo a conta. Mas era fácil, dos dez para chegar no um.

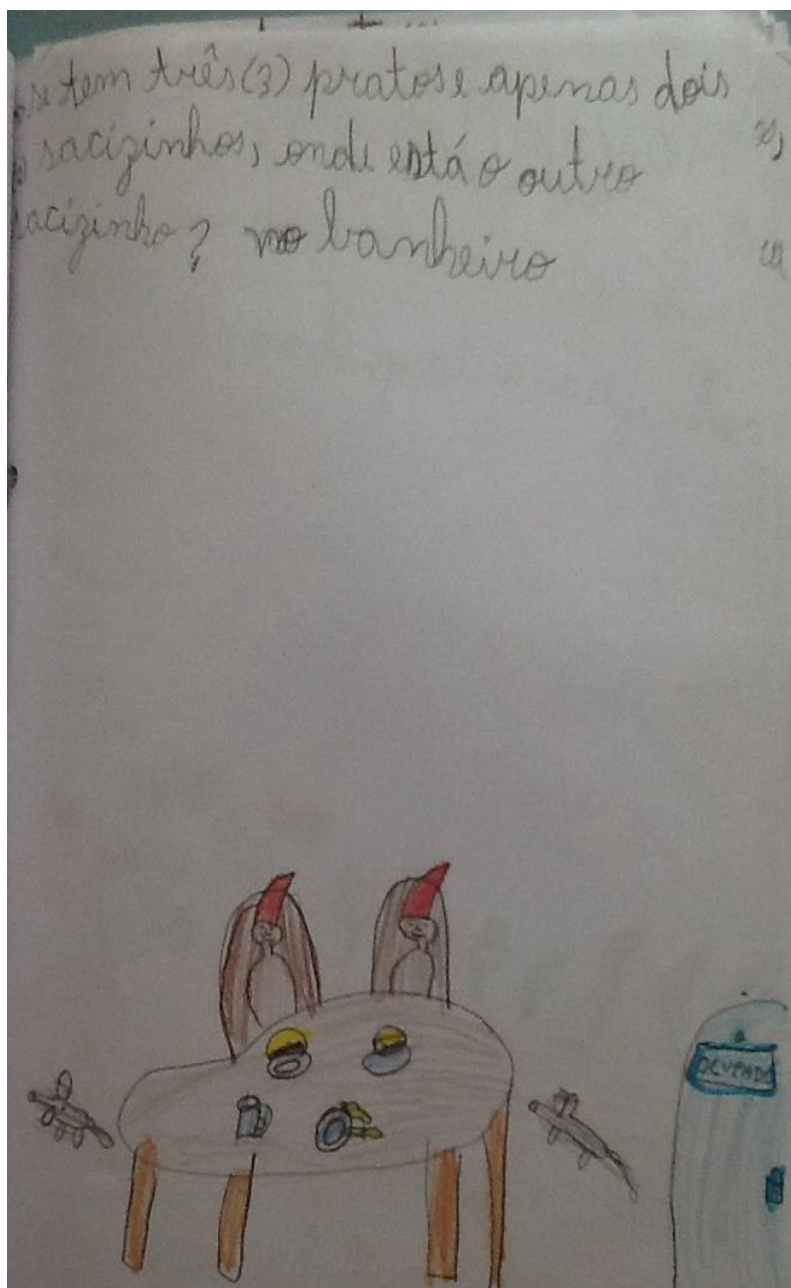
Figura 18: Caderno com problemas (V) – Monique/2º ano



Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

O texto é do livro, mas eu elaborei um pouco diferente. “Se tem três pratos apenas, se tem três pratos e apenas dois sacizinhos, onde está o outro sacizinho?”

Figura 19: Caderno com problemas (V) – Monique/2º ano

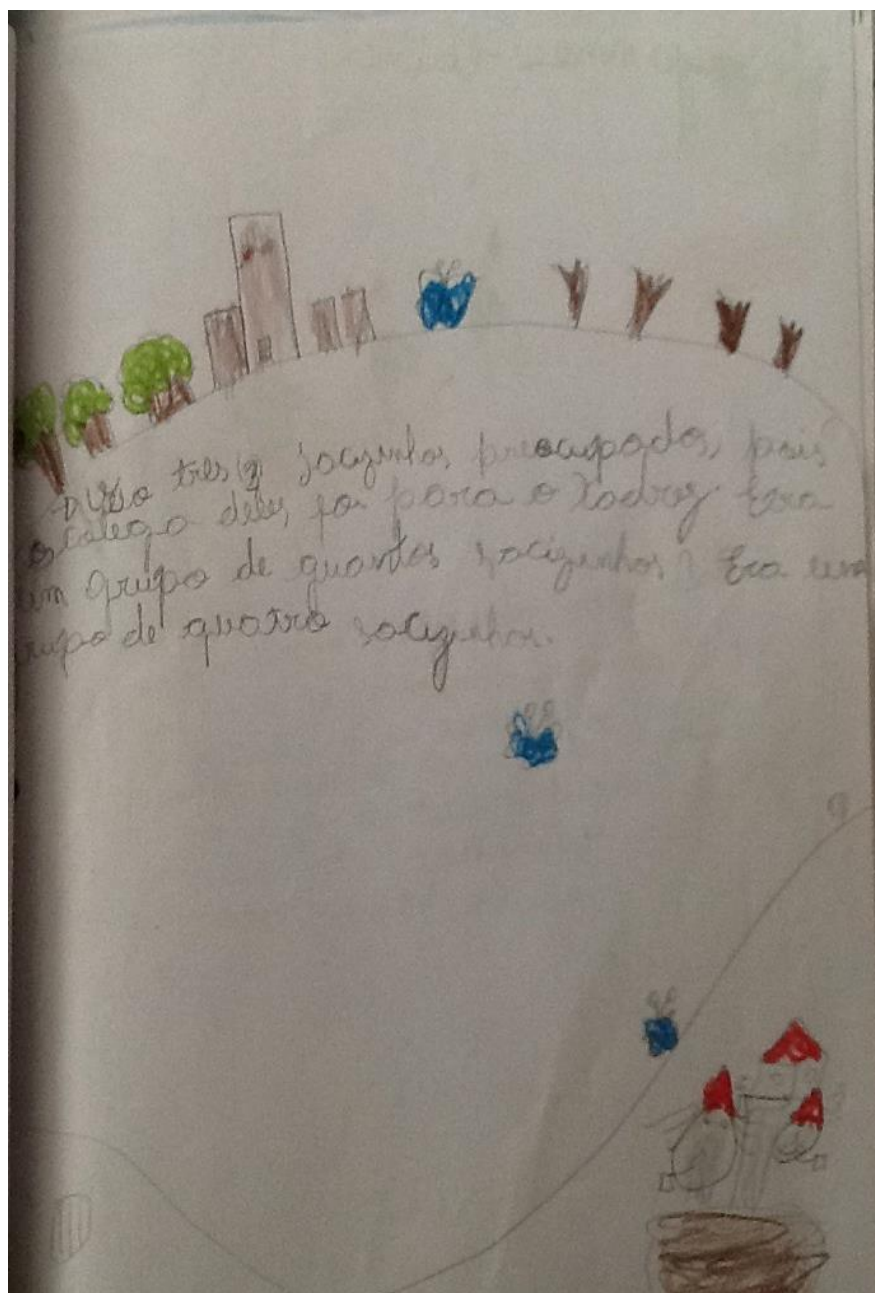


Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

Uns falaram no banheiro. É que dois sacizinhos, o banheiro está ocupado, quer dizer... sinal que ele estava lá no banheiro.

Aqui por exemplo: vejo três sacizinhos preocupados, pois o colega deles foi para o xadrez, era um grupo de quantos sacizinhos? Era um grupo de quatro.... não tinha resposta. Eles que tinham de imaginar.

Figura 20: Caderno com problemas (VI) – Tainá/2º ano

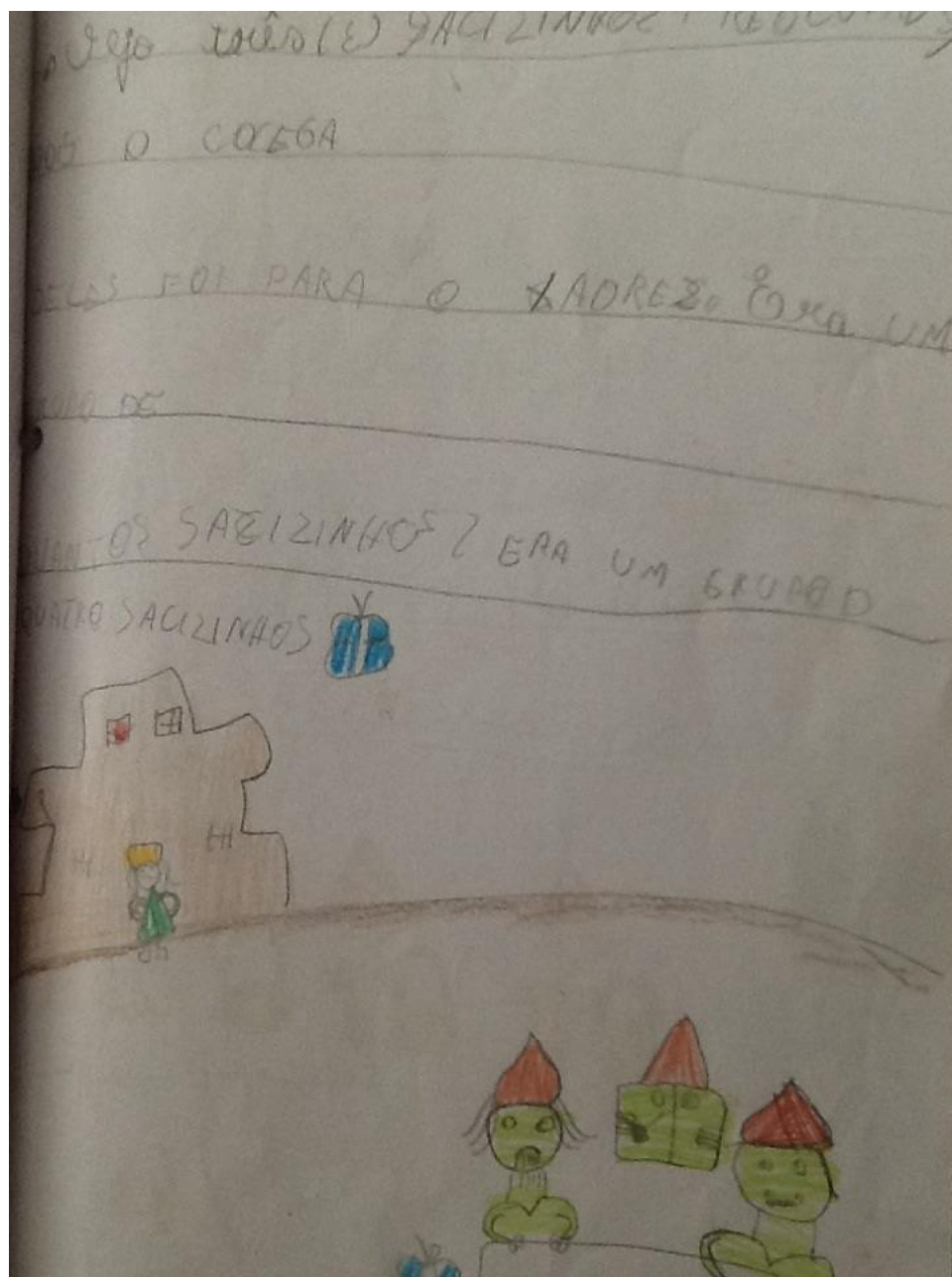


Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

Esse desenho é da Tainá, a Tainá fez de um jeito.

Aqui a Tati fez de outro jeito. Até é um pouco parecido porque estavam sentadas perto.

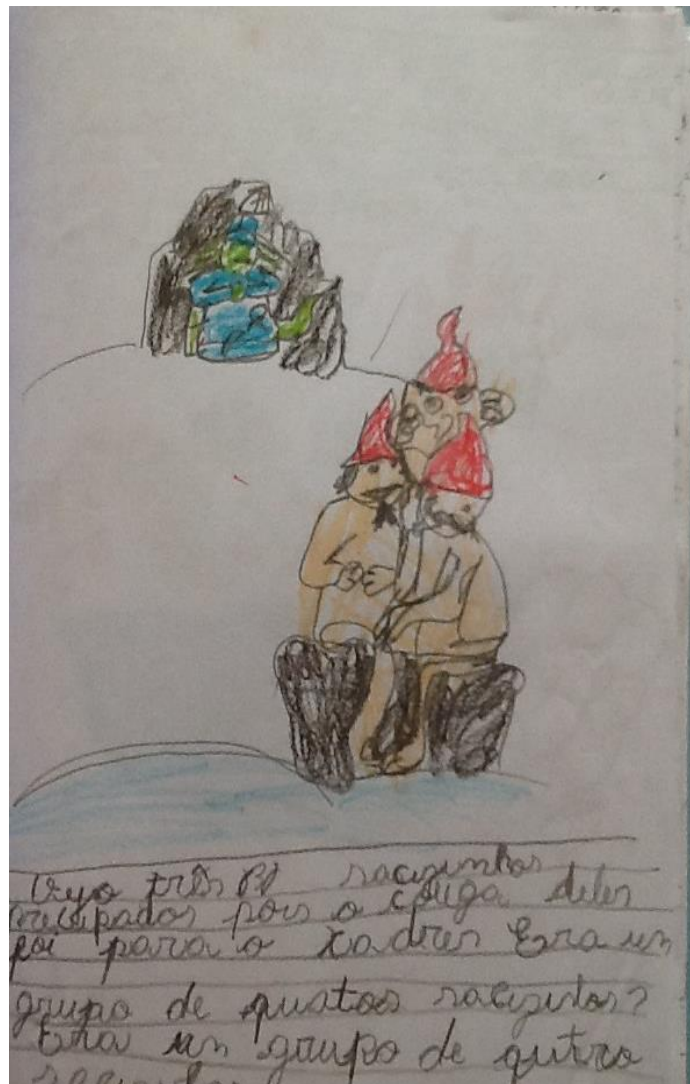
Figura 21: Caderno com problemas (VII) – Tati/2º ano



Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

Cada um fez de um jeitinho diferente.

Figura 22: Caderno com problemas (VII) – Osni/2º ano

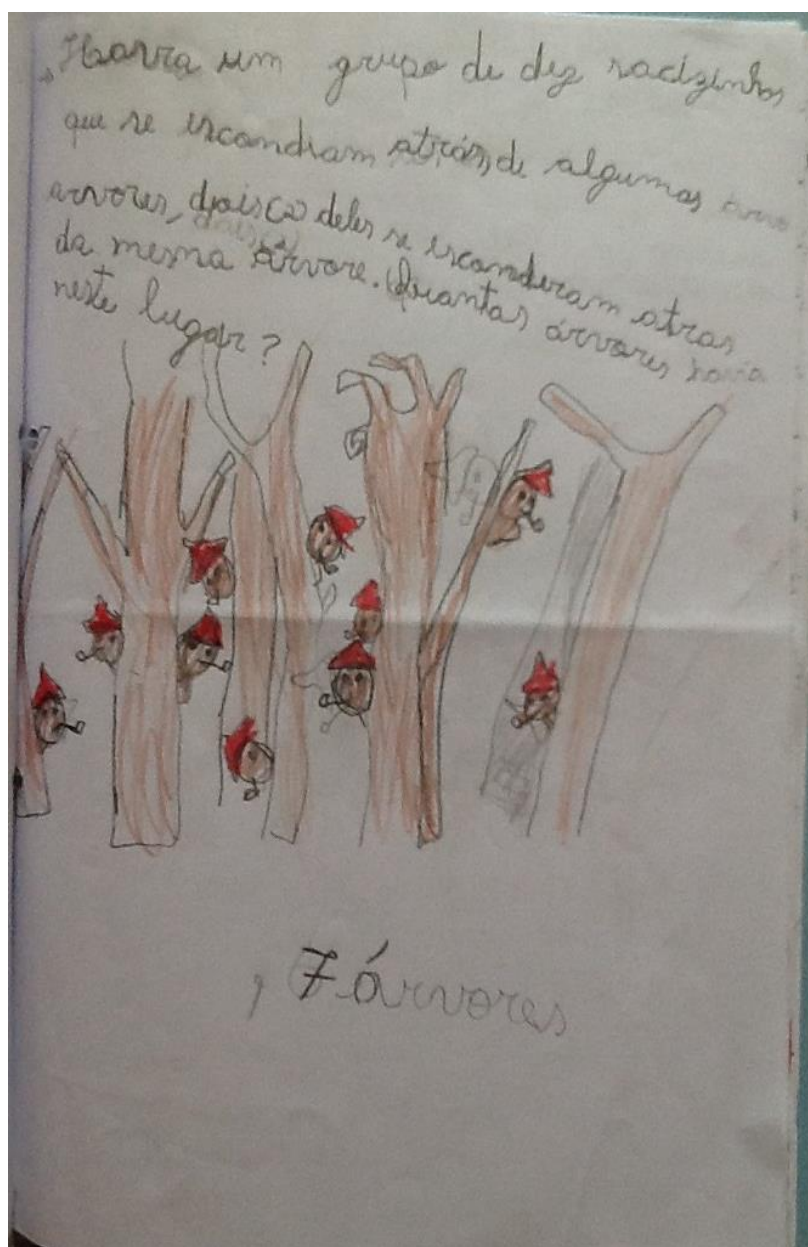


Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

Todos os alunos desenharam. Os desenhos são de todos os alunos. Eles desenharam com muitos detalhes. Eu sempre pedia para eles desenharem, para entender melhor.

Olha o sacizinho pendurado nas árvores!

Figura 23: Caderno com problemas (VIII) – Osni/2º ano



Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

Trabalhei também a adição e a subtração, porque foi diminuindo a quantidade dos sacizinhos.

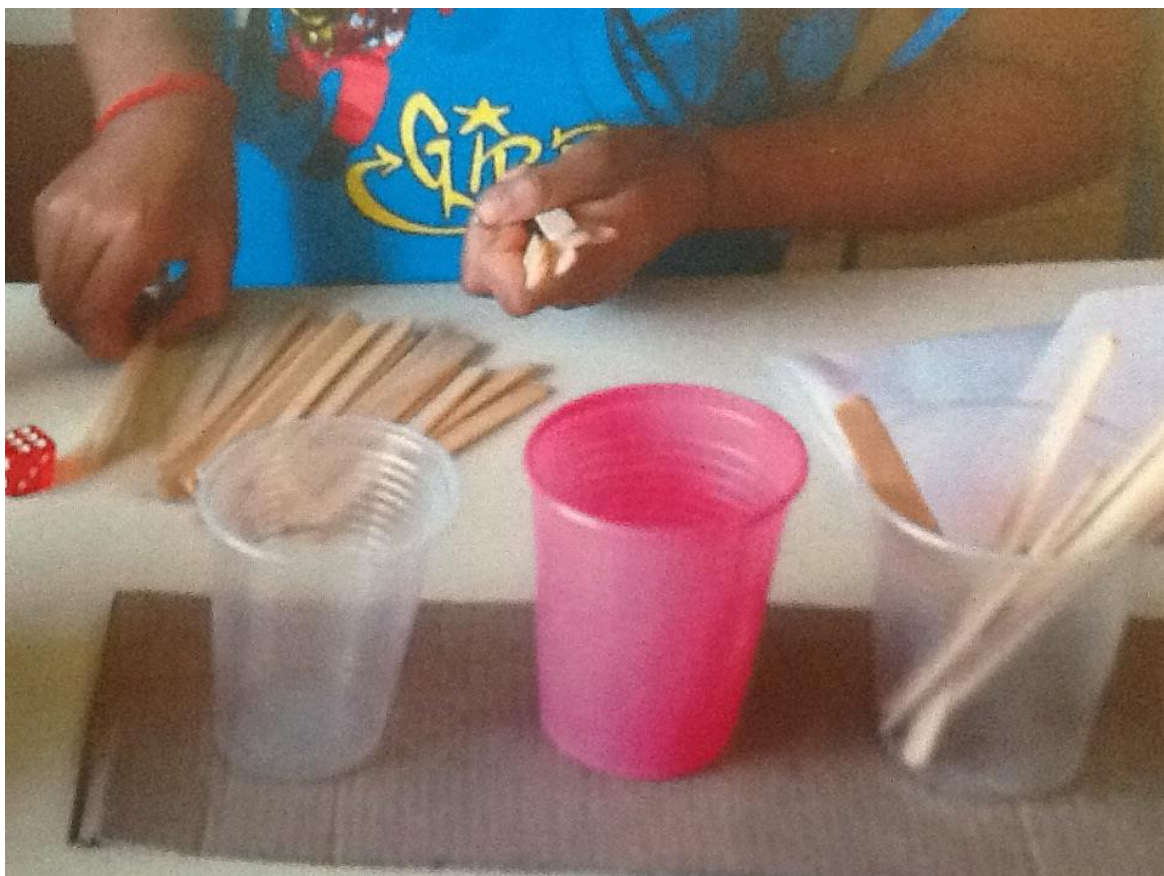
Em outras situações gostava de colocar nas situações problemas o nome deles, coisas que eles tinham conhecimento na aldeia. Assuntos da realidade deles, para entenderem melhor. Parece que com assuntos da cidade era difícil, parecia outro mundo. É que nem a gente falar de um outro país. Trabalhava com assuntos da aldeia. Eles gostavam do caminho de casa para escola, da escola até na igreja, no postinho, coisas que eles conheciam, do dia

a dia.

Eu procuro trabalhar bastante com jogos. Com o material dourado eu trabalho unidade, dezena e centena. Colocar as carteiras em círculo, deve lançar o dado, o número que ficar para cima, será o número de quantidade de unidade ele pegará, ao completar uma dezena, deverá troca por uma barrinha de dezena.

Tem os blocos lógicos que a gente usa também. Os blocos lógicos foram trabalhadas as formas geométricas e as cores. Trabalhei o ábaco também. Lançava o dado e daí pegava tantos palitos, unidade, dezena e centena. Aqui eles contando. Uns contavam os palitos, outros contavam nos dedos.

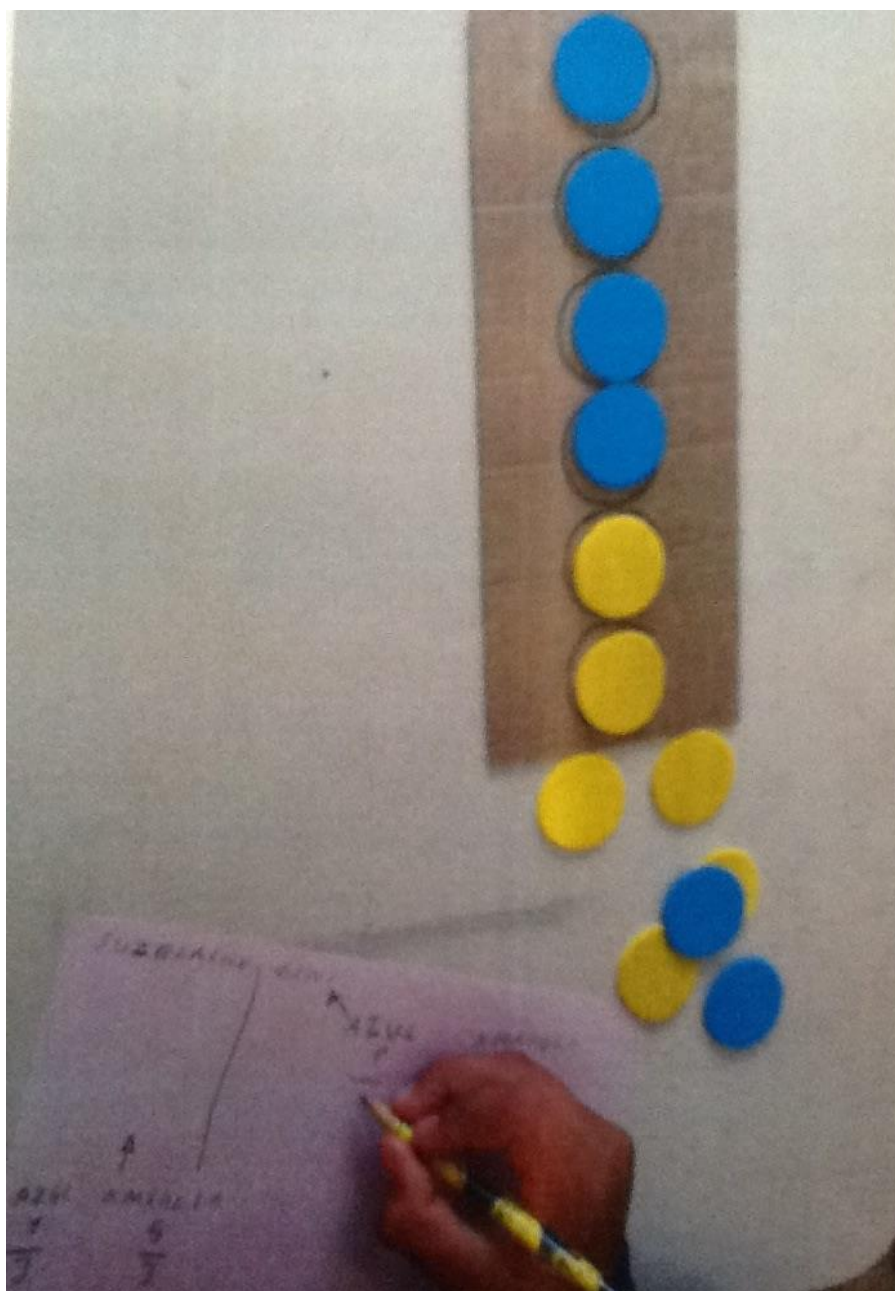
Figura 24: Alunos contando - 2º ano da professora Ivana Balansin



Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

Esse é aqui é o Jogo das fichas, também é do PNAIC.

Figura 25: Jogo das fichas



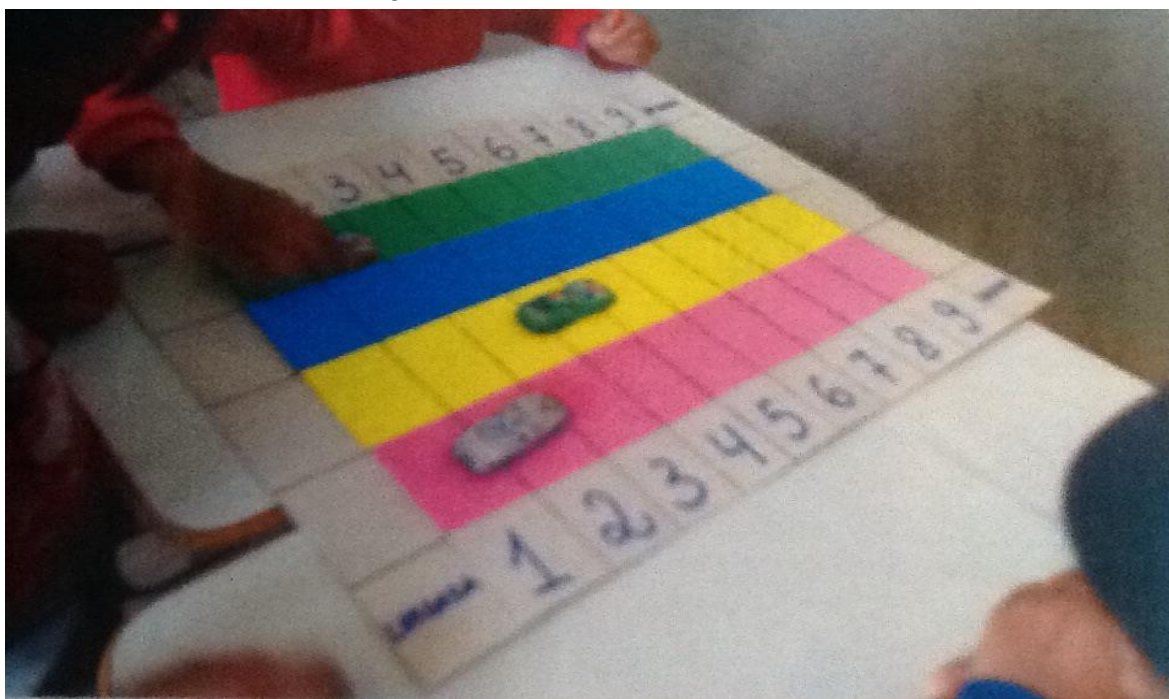
Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

Acho que ele tem um nome, deve ter lá no material do PNAIC. Lança o dado...quem faz mais as fichas azuis que ganha. É quantas fichas azuis e quantas fichas amarelas, cada uma marcava os seus pontos para depois somar. Não me lembro...

Tinha também situações problemas desse jogo “Maria fez dois pontos na primeira rodada e nas outras duas não fez nenhum, que números caíram nos dados jogados por Maria?” Daí eles faziam o registro.

Confeccionei os dados com eles também. Também jogamos o Jogo do amarradão, amarradinho, que tem o tapetinho. Confeccionei o jogo. Eles sempre jogavam e depois anotavam a quantidade. Nossa, eu gostava muito dessa atividade. Trabalhei sobre os jogos indígenas. Eles brincavam com boliche e eu trabalhava com eles adição, eu não cheguei a trabalhar multiplicação com eles.

Figura 26: Corrida dos carrinhos

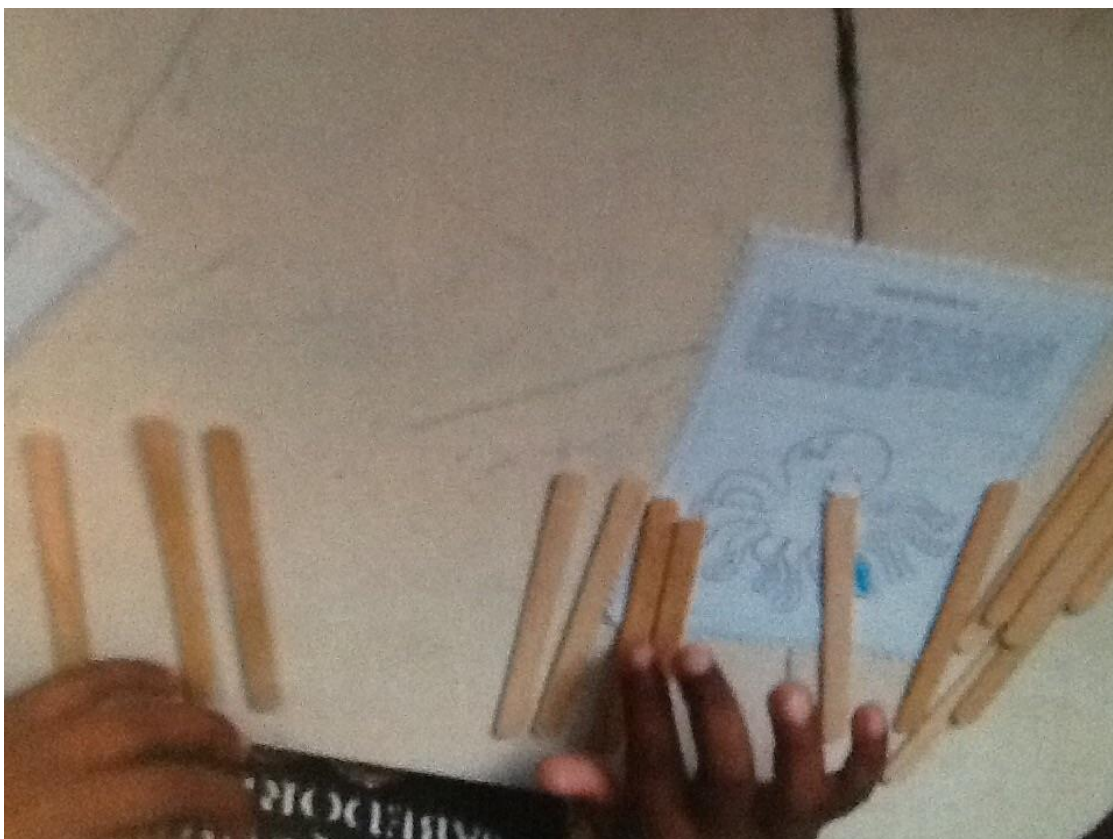


Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

Tinha a largada e a chegada. Quem chega antes... depois contavam quantos pontos. Foi um joguinho bem legal também. Os meninos gostaram porque era com carrinho, as meninas não se interessavam muito, mas cada um fazia uma rodada.

Com o jogo do polvo trabalhei quantidades também. Por exemplo, lançava o dado, aí caía o seis. A criança pintava a perninha dele com seis pontinhas. Ai quem terminava antes era o vencedor.

Figura 27: Contagem



Fonte: Arquivo da professora Ivana/2014

Uns não precisavam de material, outro já precisava do material. Uns não contavam com os palitos, mas era mais fácil contar nos dedos.

A tabuada eu trabalhei até o cinco. Aprenderam bem a do dois e a do três. Mas trabalhei até o cinco. No terceiro ano já terão uma noção do quatro e o cinco.

Então eu acho que os meus alunos saíram sabendo. É claro que tinha uns quatro cinco alunos que tinham bastante dificuldades, mas outros eram mais avançadinhos. Por exemplo, eu trabalhei os números até 500. Mas uns alunos chegaram só até 50 e outros até 10. Porque uns alunos tinham o pré, outros entraram direto para o primeiro ano. É uma turma bem diferente.

Eu tinha orgulho do caderno dos meus alunos. Um capricho! O final do ano entreguei o portfólio que fiz e eles falavam: “nossa professora, isso fui eu que fiz?” As atividades de tarefas eu sempre dava em folhas sulfites. Uns não traziam, mas a maioria dos mais dedicados sempre trazia.

Não sei se era o meu objetivo ou se era da escola, mas acho que as

crianças aprenderam, o básico, mas aprenderam. Eu tenho orgulho de dizer que a minha turminha saiu aprendendo. Esse ano para mim, foi um ano de um grande aprendizado.



Alfabetização Matemática para Noeli Checelski de Abreu

Há vinte e três anos atrás eu comecei em uma sala multisseriada, substituindo uma professora na mesma escola que estudei. Era uma média de cinco alunos em cada série. Era muito complicado! Mesmo com as aulas do magistério foi grande a insegurança no primeiro ano de trabalho. Meus professores do magistério eram bem informados me ensinaram a pensar, buscar, perguntar, pedir ajuda para outros, mas, pegar uma turma multisseriada no interior, é completamente diferente daquilo que você tinha em sala de aula no magistério.

O que fiz de diferente das minhas professoras das séries iniciais foi o convívio com as crianças, o relacionamento pessoal. Perguntava para eles o porquê disso e o porquê aquilo. “Porquê que você fez isso”? “Não dava para você fazer mais”? Incentivava a fazer mais! “Mas eu não sei...” Faça do jeito que quiser!! “Mas se fica feio?” “Não tem problema, é teu!” “Se alguém achar feio”? “Problema de quem achou feio, é teu!” Valorizar o trabalho deles. Eu lembro que isso eu fazia!

Mesmo quando chegava a Kombi da prefeitura, corria e escondia um monte de coisa. Era tão insegura!! Dava uma atividade que para os meus alunos era “Oh que legal!!!”, mas se chegasse a Kombi da prefeitura, apagava tudo!!!! Não tinha segurança, nem certeza daquilo que estava ensinando.

Um dia a coordenadora pedagógica do município chegou de surpresa. Eu não ouvi a Kombi chegar. Ela bateu à porta, entrou e falou: “se você não vem nos receber vamos entrando”. Mas eu realmente não ouvi. Ela achou

interessante a atividade que eu estava fazendo com as crianças do primeiro ano. Porque eu estava trabalhando o número quatro e eles tinham que recortar figurinhas com quatro lados. E eles cortaram quadrado, retângulo das revistas velhas que tinha levado. E ela gostou!! A palavra dela “olha que interessante!” “Olha que legal quem bom isso, que bom aquilo, ah gostei disso aqui...” me incentivaram.

As crianças nesse período eram pouco participativas. Elas não se movimentavam, não caminhavam. Hoje nossas crianças saem da carteira pedem ajuda para outro, falam comigo. As crianças eram ainda sentadinhas na carteira. Era difícil tirar eles dali para uma brincadeira... para se soltarem.

Em relação a Matemática, eu sabia o que fazer, tinha conteúdo. Eu sabia o que dar e eu já entendia a divisão e o processo e o que tinha que trabalhar com eles. Mas eu sempre tive insegurança, por causa da minha história na Matemática. Eu trabalhava obrigada, o que é diferente de hoje. Hoje é um prazer trabalhar com Matemática com as crianças.

Hoje sou professora do primeiro e segundo ano na escola municipal Tasso Azevedo da Silveira na cidade de Chopinzinho que fica no sudoeste do Paraná. De manhã são dezoito alunos no primeiro ano e a tarde vinte e dois no segundo ano. A diretora me perguntou esse ano se eu tinha alguma objeção em trabalhar com turmas diferentes porque não tinha dois segundos e dois primeiros. Eu aceitei, pois, mesmo que fossem dois segundos ou dois primeiros, as turmas sempre são diferentes e mesmo que seja o mesmo conteúdo o direcionamento é diferente.

Só fiquei um pouco insegura no primeiro ano por estar muito tempo sem trabalhar com o primeiro ano. Nos últimos anos eu pegava só os segundos anos e eles já estavam com processo de alfabetização encaminhado. O aluno que chegava sem estar alfabetizado eu trabalhava com ele as atividades iniciais de alfabetização enquanto os outros revisavam e enquanto ensinava os outros, aquele aprendia junto. Em determinadas atividades eu ficava só com ele. É diferente começar todo processo de alfabetização com a turma toda.

Ensino Matemática relacionando com coisas do dia a dia, sobre a água que sai da torneira, sobre os números na vida deles e onde estão presentes como exemplo os números nas placas, nos ônibus; o formato das carteiras, dos armários na sala de aula; as formas geométricas de cada objeto. Por exemplo,

quando a criança vem com bilhete da mãe para a professora dar o remédio em determinada hora. Aí a gente faz a contagem no relógio. Se ele está tomando agora, daqui quantas horas vai tomar novamente? Ou a criança trouxe tantos comprimidos para tomar em tantos dias. A gente aproveita essas situações. Essa é a diferença do trabalhar hoje Matemática na nossa vida! Antes, Matemática era uma situação muito distante não estava relacionada ao nosso dia a dia.

Vejo que é possível relacionar Matemática com jogos. No boliche, quantas garrafas derrubaram? Quantos pontos cada um fez? Eles têm que fazer contagem dos pontos. Quem ganha, quem perde qual a diferença de pontos entre o ganhador e o que fez mais pontos e o que fez menos?

Relacionar a questão da escrita, da leitura, da oralidade com a Matemática é possível. Um exemplo que eu poderia dar de como a escrita entra na Matemática é o trabalho com a receita. A receita de bolo. A receita culinária. A receita da farmácia. A receita do bolo, eu aprendi adulta. Um e meio ou um inteiro ou um quarto, essa medida o que significa?

As crianças fazem registro no caderno. Também cada um tem uma pasta onde colocamos as atividades impressas.

A leitura e a Matemática. Alguns exemplos como a história do O Pacto Com o Monstro, que veio naquele acervo de livros do MEC. Ele trabalha essas questões Matemáticas. Na história ele vai fazendo pactos e apostas e ele só foi ganhando. Ele fazia um pacto com o povo da aldeia, enquanto o senhor conseguia comer um pedaço de uma fatia de melancia, ele comia seis, sete, melancias... De qualquer história dá para tirar uma situação, dá para criar uma situação de Matemática. O castelo de uma princesa trabalhou as formas geométricas e dessas mesmas formas geométricas que eram partes do castelo a gente contornou, as figuras planas. Da história da Rapunzel e dos desejos que a mãe tinha, trabalhamos legumes frutas... A gente criou uma competição para o lobo e os três porquinhos. No planejamento a gente coloca a história que vai ser trabalhada e o que vai aproveitar para a Matemática, ciências...

A leitura e a contação de história na sala, é o prato do dia! A gente escreve a rotina no quadro, essa questão da rotina eu aprendi no PACTO e faz diferença! Eu já tinha, antes o contrato didático, mas essa rotina escrita no quadro todos os dias e cada atividade com seu horário, não. A primeira coisa

de todos os dias é uma história! Um dia a professora conta. Um dia alguém lê história. Outro dia é alguém que levou um livro para casa... todos eles sempre levam livro para casa.

No início do ano era uma meia dúzia de meninas que gostavam de contar história lá na frente, lia a história, mostrava a figurinha e todos gostavam do colega contar história. Mas aqueles que tinham dificuldade para ler, gaguejavam e ninguém prestava atenção e começou a ficar cansativo. Na primeira reunião com os pais, eu pedi ajuda. Combinei que eles levariam um livro para casa e os pais deveriam ler a história para eles e ajudar na leitura, porque no outro dia o filho ia contar essa história para os colegas. Duas crianças começaram a ler levando livro para casa. Aprenderam a ler porque queriam aprender a ler para os colegas.

De meia dúzia de crianças que liam para os colegas, aumentou para sala toda. Cada dia, em ordem alfabética, por sorteio, cada um conta história. É o primeiro item da rotina, história! Muitos dias depois do recreio também para acalmar eles, começo com uma história. Não leio, dramatizo. Não preciso chamar atenção para ouvirem as histórias. Muitas vezes eu começo com “Era uma vez...” E começo a brincar “Era uma vez...” não precisa repetir três vezes e já estão prontos para ouvir! Nesse momento de ouvir história a gente muda o ambiente para eles, faz uma roda no meio da sala sentadinhos no chão ou lá na frente.

Sempre mudo a maneira de organizar a turma, as carteiras. A minha turma só trabalha sozinha nos dias que eu preciso de uma atividade para avaliar, para observar o que ele está conseguindo sozinho. Porque a maior parte do tempo é em dupla, é em equipe. Eu acho que funciona melhor, rende mais o trabalho, quando eles fazem as suas escolhas com quem querem trabalhar aquele dia. Quando eu faço sorteio das duplas ou equipe, geralmente não se organizam e o trabalho não rende, pois tem aquele que é do contra, aquele que não quer ajudar. Quando eles se organizam sozinhos, funciona. Normalmente permito que eles se organizem, procurando não repetir sempre os mesmos grupos.

Essa organização acontece hoje em dupla, amanhã trio, semicírculo. Tem dia que dou atividade sozinho em fila! Eles pedem para sentar em fila. Como professora para quem quer uma turma calma à moda antiga é só colocar

em fila! Um atrás do outro. Dá mais trabalho para o professor trabalhar em grupos. Em grupo dá mais trabalho, mas eles aprendem a se organizar. Sempre nos primeiros momentos, na hora da apresentação do trabalho pergunto "o que a equipe descobriu? Que conclusão chegou"? No final da atividade o envolvimento deles faz diferença e a gente percebe na hora de apresentar. Na Matemática, um jogo por exemplo. Quantos pontos alguém fez. Eles apresentam os dados em uma folha. Depois expõe no mural esse resultado do jogo. Também pode ser aproveitado depois em um gráfico, na tabela. A gente muda bastante a organização do espaço da sala conforme a atividade.

Depois da história segue com a rotina voltando onde a gente parou, geralmente é uma tarefa do assunto anterior. Precisa retomar, ver o que a gente viu no dia anterior.

Na rotina tem também momentos que é só brincar por brincar. Uma vez por semana a gente faz uma hora de brincadeira e a cada quinze dias tem o dia do brinquedo onde trazem seu brinquedo preferido para brincar durante uma hora com os colegas.

Nas paredes da sala de aula tenho o calendário, datas de aniversários, o painel dos aniversariantes, o relógio. Nós temos também o colar das tampas, das dezenas que está pendurado para uso conforme a necessidade de cada um. Temos também o cartaz com os números e um onde as crianças colocam as quantidades.

Eu procuro agir como que eu gostaria que tivessem agido comigo quando eu era criança. Procuro sempre motivar a falar, a participar das aulas aquelas crianças com dificuldade para se expressar. É raro os casos de crianças que não falam. A não ser aquela criança que vem com algum problema na vida dela, na família, mas a gente logo descobre e procura ajudar.

Quando trabalho um assunto novo o primeiro passo é escutá-los. Lanço o assunto e pergunto. Por exemplo, eu distribui um texto sobre o meio ambiente. Eles leram e ninguém perguntou nada. Então questionei: "O que são recursos naturais? O que significa? Vocês leram e não perguntam nada? Não falam nada"? Aí eles começaram a dar a opinião deles. E continuei: "E você, você acha que é isso mesmo"? Eu queria saber o que eles sabiam. Depois de escutar todos disse: "Então vamos descobrir o que são os recursos naturais"?

Dos conteúdos que vou abordar procuro saber o conhecimento prévio que eles têm. Só jogar o assunto pode passar batido por muita criança. Ele responde ou copia do colega que está no grupo, mas parar para pensar, o que é isso? Do que ela está falando? Mas ela está me perguntando porquê? Porque tem que saber isso? Faz a diferença.

Minhas experiências como professora tem me ensinado que é bom e necessário investir na formação da criança como cidadão. Nunca ninguém nos passou uma preocupação com a vida em sociedade. Que aquilo ali vai ser parte do seu futuro, parte da tua vida, teu mundo. Buscar uma preocupação social com o outro, o lugar que ocupo nesse mundo. Isso é possível nos primeiros anos. O posicionamento deles perante uma sociedade que joga lixo na rua. Trabalhar o que é bem coletivo. A formação de opinião e mudança de atitude. Hoje criança, mas amanhã é adulto. E essa busca por um mundo diferente, um mundo melhor. Isso precisa estar no planejamento. Na escolha dos textos. Na nossa ação do dia a dia.

Percebo alegria nas crianças em estar na escola hoje. A segurança deles, a vontade de estar ali. Se sentem bem independente do que ela está fazendo. Não se preocupam se está certo, se está errado. Ouvi muito que era feio e que estava errado. Um desenho livre já fazia errado. Hoje incentivo nos desenhos que fazem.

As crianças cantam na sala. Muito!!!! Todo dia, a gente canta, dança. Faz parte da rotina também. Alegria em compartilhar faz diferença “gente eu li um determinado assunto eu tenho que dividir com vocês, olha o que eu escutei, olha o que eu li”. “Olha, prestem atenção”. Um dado lá por exemplo a quantidade de água potável ainda disponível no planeta... motivar os alunos para ouvir, faz diferença.

Se eu voltasse no tempo da minha infância e fosse uma das professoras, eu ia parar para ouvir, olhar no olho. Olhar para cada um. Preocupar-me se está entendendo, se está com alguma dificuldade. Perguntaria “o que você quer saber”?

A criança disfarça, se ela não quer fazer ou ela não quer aprender. Quando eu disfarcei e não quis aprender Matemática e fingi que eu sabia.

Os meus alunos não conseguem fingir que sabem e ficar sem fazer, porque em algum momento eles tem que fazer e ele vai fazer porque eu quero

saber porque ele não está fazendo, porque ele não está conseguindo. Procuro acompanhar cada um, mesmo não sendo possível todos os dias.

O prazer de conviver, o prazer de estar junto! Isso não atrapalha em nada! Isso só contribui, ajuda, só faz bem! A criança se sente bem em estar ali com quem olha para ela, escuta e motiva. “Não estou conseguindo” “Não tem problema daqui a pouco tu consegue”. É diferente a convivência do que a gente teve e não precisa ser mãezona, nem nada. É só ser professora que está ali, que gosta deles. Eu recebi uma cartinha de uma mãe me agradecendo que foi o primeiro ano que a filha gostou de vir para a escola. Ela agradeceu por ter desenvolvido na menina a vontade de estar lá na escola. O convívio do dia a dia a gente tem que procurar fazer o melhor. Eu ouvi dizer que a gente ensina como aprendeu, mas sempre ensinei para os meus filhos fazer ao contrário daquilo. Aquilo que fazem de errado também nos ensina a não fazer, a não ser.

As formações do PNAIC me ajudaram bastante. Pude dividir as experiências e as dúvidas com os colegas. Foram as experiências compartilhadas no curso pelos colegas, que me ajudaram no desenvolvimento do trabalho com o primeiro ano este ano pois já faziam anos que trabalhava só com os segundos anos.



Alfabetização Matemática para Marta Jovinski Burkot.

Eu já atuei no primeiro ano, segundo e agora esse ano que é a primeira vez que estou trabalhando com terceiro ano. A escola chama-se Escola Municipal Professor José Ribeiro de Cristo. Que eu trabalho nessa profissão já faz 12 anos! Agora como a gente tem várias experiências, utiliza vários livros, histórias infantis, tem também os livros do Pacto. Tudo isso a gente leva para sala de aula e deixa a aula mais interessante, os alunos têm mais curiosidade.

Sempre começamos com uma leitura, falando sobre o dia, que dia é hoje e como ele está. Para as crianças perceberem a diferença do dia anterior. Eles sempre têm alguma coisa para contar. Eles sempre vêm contando alguma coisa e eu os deixo falar. Tem alguns que não querem falar. Sempre tem uma meia dúzia que não quer falar nada, tem vergonha.

A gente sempre faz a roda da história. Eles mesmos trouxeram e formaram um saco contador de história. Daí a gente faz uma roda e eles vão colocando a mão dentro do saco e vão pegando alguma coisa, e daí eles vão falando e formando uma história com sequência. Como às vezes eles não conseguem dar sequência, então eles contam alguma coisa sobre aquele objeto. “Eu fui ao mercado e comprei uma pasta de dente e ela, né, tinha a marca Sorriso”.

E assim fazemos um dia sim outro não. Esses objetos ficam no saco vários dias, depois eles trazem outros objetos e aí trocamos. Têm a sacolinha da leitura, eles levam o livrinho para casa, para ler sozinhos. Agora eles estão lendo sozinhos, mas antes eles levavam o livrinho para a mãe ler ou o pai ou a irmã. Alguém mais velho ler para eles. Depois eles chegavam na sala e tinham que contar sobre a história.

Então esse é um processo demorado... Até você começar a escrever no caderno as vezes vai quase até a hora do recreio. Até você conversar, contar... Não... Não é rápido. Essa organização do dia eles registram sempre no caderno... a escrita da rotina nem sempre escrevem...eu chego e já falo, nós vamos fazer isso, isso, isso. Ou senão eu coloco no cantinho do quadro. Daí eles, eles já sabem qual momento que eles vão fazer a tarefa.

Às vezes também saímos lá fora fazer uma brincadeira. Como tem a aula de Educação Física e Educação Artística, dividimos com esses professores para levar os alunos lá fora. Mas às vezes a gente sai ainda contar uma história embaixo da árvore, ver a horta.

Tenho usado os jogos que nós aprendemos esse ano. Estamos fazendo aqueles jogos do ganha 100 primeiro. Tem vários tipos de jogos, principalmente esse ganha 100, eles, é melhoram bastante. Eles sabem o que é uma unidade 10, 10 unidades que forma uma dezena, quantas dezenas forma uma centena, então foi clareando na mente deles através dos jogos.

Sobre a horta nós estamos fazendo um projeto de alimentos saudáveis.

Esse projeto começou porque tem o livro do Agrinho. Que envolve também alimentação saudável e porque vamos participar da feira de ciência em setembro. Estamos trabalhando bastante em sala de aula com recortes, conversas sobre o que eles comem de fruta e verduras. Eles estão conversando em casa. Eles não têm o hábito de comer verdura. As merendeiras fazem a sopa, colocam bastante verdura e eles não querem comer, porque tem muito verde. Nós vamos fazer algumas receitas de salada de fruta. Coisas simples que a gente possa fazer na escola.

Na Matemática eu posso trabalhar gráficos. Quantas crianças gostam de repolho, quantas crianças gostam de maçã, quantas... Assim estamos organizando. Em ciências para eles adivinharem através do paladar o que eles estão experimentando. Se é limão, laranja, que tipo de verdura⁶¹.

Meus alunos têm acesso a vários textos. Histórias, narrativas, Receitas, parlendas. Mas no dia a dia a gente trabalha vários textos. Rimas, músicas, então... Uma diversidade de textos que eles têm acesso hoje que nós não tivemos. O tipo de texto que as crianças conseguem fazer é o descritivo. Com o recorte de figuras que fizeram hoje de frutas poderiam contar o que eles recortaram e para que serve. Eles têm mais facilidade em fazer só o texto descritivo. Alguns têm facilidade de fazer um diálogo. Outros já não têm.

Na Matemática eles conseguem fazer relação com o que aprendem e a vida. Eles conseguem, porque percebem que a Matemática tem a ver com a vida deles. Por exemplo eu uso o fato da mãe de um aluno ter uma banca: "A mãe de fulano de tal tem uma banca. Tinha tantos doces, vendeu tanto, quanto ficou?" Ou aqueles alunos que o pai colhe milho, feijão: "O pai do Nicholas colheu tantos sacos de feijão, já vendeu tanto, quantos ficou? Para elaborar problemas tem algumas alunas que têm mais facilidade em elaborar, agora tem alguns alunos que não. Então não dá para gente generalizar todos. Alguns estão em condições de fazer, outros tem mais facilidade em pegar o problema pronto e ler e só resolver. E tem alguns que tem facilidade em formar ali o probleminha.

Tem alguns alunos meus que têm dificuldade no Português e na Matemática tem facilidade. E tem outros que tem facilidade no Português e na

61 No caderno Educação Matemática do campo (BRASIL, 2014e) encontramos um relato de uma prática pedagógica a respeito da Alimentação Saudável.

Matemática tem dificuldade. Tem alunos que vão bem no Português e vão bem na Matemática. A leitura ajuda a criança a compreender. Ajuda bastante. Ajuda porque ela aprende a interpretar. Então se ela lê e começar a pensar ela vai conseguir interpretar o que está acontecendo e o que quer dizer aquele texto, aquela pergunta e vai procurar saber o que tem que fazer naquele momento.

Então, melhorou bastante do que na época em que eu fui alfabetizada. A criança tem chance de fazer várias interpretações. Não é só aquela interpretação que a gente quer. Eles têm chance de interpretar de vários jeitos. Essa questão da Matemática com um trabalho interligado com o Português com outras áreas é tranquilo. Através dos jogos, a gente tem feito um relato. Colocar o nome do jogo, com quem jogou. Na hora de você relatar coloca no caderno de Português. Em outro momento que você vai usar a Matemática para contar quantas dezenas, quantas unidades, você faz no caderno de quadrinho. Então eles conseguem perceber que uma coisa está ligada com a outra.

Com as formações do (PNAIC) os jogos, as histórias infantis, tudo isso está ajudando bastante. Nós aprendemos melhor a elaborar nossas aulas.

Faço meu planejamento por semana na hora atividade. Aí na semana a gente já se organiza para semana toda. Daí fazemos projetos. Esse da alimentação saudável dura em torno de sete dias. Às vezes pode ir até mais. Depende dos alunos. Com os alunos. Ou se a gente vê assim que surge alguma coisa interessante, aí altera os dias. Esse da alimentação saudável vamos trabalhar em cada área um pouco. Vamos participar da feira em setembro.

Na escola entre falar mais e ler mais eu acho que a gente escreve mais. Reservamos mais tempo para escrita. Porque até as crianças na hora que você começa a falar na roda de conversa, eles logo em seguida já querem escrever. Agora a pouco a gente estava fazendo os recortes e o Nicholas falou assim: “Professora, nós só vamos recortar isso?”



Alfabetização Matemática para Suzan Carneiro Cipriano

Já trabalhei do primeiro ao quinto ano. Ano passado fui professora do primeiro ano. A maioria das famílias dos meus alunos trabalham fora da aldeia, nos frigoríficos em São João, Pato Branco e em Abelardo Luz e algumas famílias fazem artesanato, que é vendido. A maioria dos pais tem o fundamental completo. Tem alguns que já tem o ensino médio e ainda estão estudando, quem sabe para melhorar a vida da pessoa, a situação financeira. Com as oportunidades de trabalho para os pais nos frigoríficos, as crianças estão ficando mais em casa, isso gera outro problema, a criança fica sozinha assistindo demais, dorme tarde e as tarefas quando são mandadas da escola para casa, às vezes não vem pronta, ou vem pela metade.

Os meus alunos quando não estão na escola, ou estão com a família fazendo artesanato, pois algumas famílias ainda ensinam os filhos, outras não fazem esse processo, ou estão brincando na casa do vizinho com os coleguinhas.

O nome da escola que trabalho é Escola Estadual Indígena Gykre Tag. A maioria dos professores que trabalham na escola são de Chopinzinho e Coronel Vivida. O professor para trabalhar na aldeia precisa conhecer um pouco sobre os indígenas, tem que saber que aqui vivem Guaranis, *Kaingang*. Digamos eu, se for trabalhar em uma outra escola que não é indígena eu tenho que procurar saber. A escola indígena é um nível, uma escola não-indígena é outro nível. Tem criança que consegue aprender rápido, aquela que mais ou menos e aquela que não consegue mesmo. São crianças que ficam na aldeia, que pisam na terra, às vezes vem com a roupinha suja na escola. Então cada professor que entra ali tem que tentar se habituar à realidade, com a cultura indígena, por ser uma escola indígena.

Eu trabalho Matemática ensinando do jeito que eu aprendi na

faculdade, os métodos, como trabalha o lúdico, os jogos. Faço um esforço danado para os meus alunos gostarem de Matemática, porque acredito que se o professor não trabalha bem a Matemática ou as outras disciplinas também, o aluno não vai ter aquela vontade de aprender, vontade de fazer as coisas. A gente como professora, como professor tem que se empenhar ao máximo para que eles vejam que a gente está ensinando, está com gosto, porque eles sentem as coisas.

A Matemática teve uma evolução, da minha época para cá não era ensinada que nem agora. Na escola onde trabalho as crianças aprendem a Língua Materna, que é ensinada por professores que sabem falar, escrever e entendem tanto na oralidade quanto na escrita e eu ensino em Língua Portuguesa. Nas aulas da Língua Materna, a gente tenta fazer uma relação, por exemplo de um texto que trabalhe animais. Mostro na hora atividade para o professor, se ele quiser, porque nem todos aceitam trabalhar isso, e então, ele trabalha o nome dos animais em *Kaingang*, quantos animais, a quantidade e tudo...Se o professor *Kaingang* trabalhar em conjunto com o professor regente, é uma coisa que dá certo.

Em 2013 eu trabalhei com o segundo e ano passado com o primeiro ano. No meu trabalho trago elementos da comunidade como artesanato e nas situações-problema faço uma historinha contando da aldeia, coloco os nomes indígenas de animais, dos números e a gente faz eles escreverem e falarem em *Kaingang*. Em uma aula comentando do cesto, como se faz...“tudo isso é Matemática”. Quando a gente fala, a criança sabe, vai lá para casa e fala para a mãe: “oh, aqui tem que contar, nós estamos fazendo uso da Matemática”! Mas acho que nem todos tem essa noção de que está fazendo o balaio e que também está tendo a noção de Matemática.

O livro didático, pode até ser um livro pensado para pessoas do campo, pensado para indígenas. Tem poucas coisas escritas na língua indígena, histórias. Não temos as histórias da nossa comunidade registradas. Mesmo que seja na Língua Portuguesa, mas histórias da comunidade, da nossa aldeia não tem nada registrado. Para trabalhar fica complicado. Eu tenho conhecimento que na Universidade de Maringá, tem quatro livros com histórias indígenas, escrito em Português e em *Kaingang* das aldeias de lá. Na nossa escola temos os livros deles para trabalhar, mas é das aldeias de lá, mas não

daqui. Estou tentando, uma hora eu consigo fazer essas apostilas na língua indígena sobre nossa aldeia, tudo relacionado a nós aqui, pois estamos perdendo muita coisa, porque os mais velhos estão se indo e nós não estamos registrando nada, não está gravando nada. A única coisa que tem é foto. Nós vamos ficar sem nada.

Nós trabalhamos jogos, situações-problema, cartazes, tudo no concreto. Inclusive emprestei carrinho do meu filho para fazer um jogo que a professora do PNAIC ensinou para fazer uma corrida. Trabalho com dados para aprender os números, quantidades. Histórias.

No dia a dia eu chego, bate o sinal, os levo no banheiro para lavar a mão, tomar água. Na sala primeiro eu leio uma história, leio não, na verdade conto a história depois a gente conversa, sobre a história e sobre aquela história nós vamos começar a aula. A história acalma todo mundo pois chegam agitados. Depois faço a chamada, pois tenho que esperar, porque tem alguns alunos que vem de ônibus e nunca chegam no horário. Depois vamos ver que dia que é hoje e escrever no quadro. Ver se tem alguém de aniversário. Eles gostam de ler o alfabeto, os números em *Kaingang* e em Português que estão na sala. Depois que já fizeram todo esse processo eles ainda querem olhar vendo se eu não coloquei nada a mais lá na parede.

Depois passamos para outro processo, se nós vamos trabalhar Matemática ou Português, ou Ciências que vai entrando na conversa, mas sempre a historinha é ligada com o que eu vou trabalhar. Seja ela na Matemática, na História, Geografia...É sempre ligada a história que eu vou contar. Esse ano no PNAIC aprendemos bastante sobre jogos, situações problemas. As histórias que eu usava mais era ou com jogos ou com situações problemas. Foram as duas coisas que a gente trabalhou bastante envolvendo a disciplina.

Na corrida dos carrinhos eu coloquei a situação-problema no quadro, li uma história, não contei, li porque eu não sabia bem a história, não lembro o nome, mas era uma história que falava de corrida. Depois falei "agora nós vamos fazer a nossa corrida. Vamos trabalhar, quem vai ficar em primeiro lugar, segundo lugar" Isso para eles terem essa noção, porque eles dizem "ah eu fiquei em segundo", mas como que é o segundo lugar? Aonde que é? Eles tinham que ter essa noção como para fazer a fila quem está em primeiro, quem

está em terceiro, quinto. A corrida eles começaram assim, jogava o dado, o dado tinha do um ao três e eles iam jogando e somando também.

Após isso, registro no caderno. Primeiro o lúdico e concreto, para depois fazer o registro no caderno. Já teve algumas vezes que trabalhei no livro didático, tinha ali as figuras, mas não trabalhei o concreto. Eu fiz por experiência para ver se eles iam entender, aprender, sem usar o concreto. Com o livro, mesmo tendo as figuras demoraram para associar as coisas. Que nem, tinha uma figura de um colar, o colar tinha as perolazinhas. Estava escrito, "Sara tinha dois colares, no primeiro tinha tantas pérolas, no segundo tinha mais tantas, quantas pérolas tinha os dois colares juntos"?

Eles ficaram parece que com preguiça até de contar as pérolas do primeiro e as pérolas do segundo, mesmo estando lá o desenho. Ou ainda "desenhe mais três pérolas lá no colar e quantas tinha? Quantas ficou? Quantas você desenhou"?

Deu para perceber que a gente tem que usar mais o lúdico, mais concreto, pois usando o lúdico e o concreto eles têm mais facilidade em aprender. Eles têm que ver, tem que pegar.

A organização da sala muda todo dia. A sala é pequena mas um dia nós estamos todos enfileirados, outro dia nós estamos em semicírculo, outro dia no chão em cima do tapete. Cada dia mudando um pouco. A professora do PNAIC dizia que não podíamos ficar todo dia enfileirado, não muito na carteira, a não ser para o registro. Mesmo a sala sendo pequena com o armário, carteiras, a mesa, o cantinho da leitura e agora o cantinho da matemática, as crianças chegam ficam olhando a parede, olham os livrinhos para tentar ler os que já sabem e outros para começar ler. Os livros na verdade eu nunca mandei para casa, mas no dia a dia na sala de aula eles pegavam para ler, ou para folhear. Dois dias por semana eu os deixava meia hora com o livrinho, tipo no final da aula e também quando terminavam a atividade podiam ir lá pegar o livro e fazer a leitura ou pegar o joguinho do cantinho da Matemática.

Por ser uma escola indígena, a gente sempre precisa adaptar tudo que vem. Os professores bilíngues adaptam para a língua. Eles fizeram alguns trabalhos, alguns jogos, tudo que é utilizado para o artesanato, a taquara, o trançado, as sementes para fazer a contagem das quantidades, para poder trabalhar a Matemática. Ou mesmo trabalhando a Língua Portuguesa, nas

situações-problema, envolvo a comunidade, a realidade da criança, utilizando o artesanato. Um caso que adaptamos foi uma tarefa que nós tínhamos que adaptar um livro para a escola indígena. Na nossa escola escolhemos o mesmo livro Os dez sacizinhos.

Eu fiz uma outra história, tentei adaptar um pouquinho, porque não dá para fugir muito também mas na história os dez sacizinhos da Tatiane Belinky dizia que o sacizinho ia ficando para trás, conforme a história ia diminuindo os sacizinhos. As crianças falaram "mas porque o sacizinho vão diminuindo? Por que ele ficou para trás"? Daí que eu falei, "vou contar outra história e nessa não vamos deixar nenhum sacizinho para trás". Fiz ao contrário, eu comecei com um sacizinho e ia aumentando, começou com um até chegar no dez. O sacizinho que passou mal e ficou para trás, na minha história trouxe ele junto. Eu falei "o sacizinho que comeu o bolinho e passou mal, ele vai ficar lá? Deitado"? Fiz isso porque na nossa cultura, quando uma família indígena sai para vender balaio na cidade, não fica ninguém na casa, vão todos juntos. Tanto que teve uma época de venda de balaio que as crianças faltavam demais, mas a gente sabia que eles estavam com a família lá na cidade vendendo e eles, geralmente eles vão para cidades distantes que não dá para eles irem e voltar no mesmo dia. Eles vão e ficam acampados lá. Na cidade vendendo os balaies e só voltam quando termina. Então... É uma coisa que a gente tem que adaptar conforme a realidade. Os livros que recebemos são importantes, claro, mas nós como professores indígenas de alfabetização, temos que adaptar, sempre uma coisa ou outra, sempre puxando para a realidade da escola indígena, para a língua materna.

Da minha época de alfabetização para hoje mudou bastante coisa. Na verdade hoje a criança já é mais espontânea. Na minha época não era assim, a maioria, eu pelo menos, não gostava de levantar a mão para falar, ou responder, perguntar. Ficava sentadinha aprendendo o que estava sendo ensinado. Hoje não, hoje a criança diz " professor, deixa eu falar". A criança é mais esperta, mais solta, pergunta mais, questiona, ela quer mais, ela quer saber mais, mais e mais da gente. Então se a gente não está preparada que nem diz, a gente resvala e cai.

Na aldeia circulam poucos textos. Cartazes. Bilhetes da escola para a família convidando para reunião na escola, ou para uma reunião na

comunidade. Não, não tem panfletos. Quando a gente vai para a cidade sempre tem alguém entregando alguma coisa, algum panfleto de alguma coisa, ou de loja ou de dentista, ou de curso de informática, ou de alguma coisa, acaba tendo contato, se não tem na aldeia, acaba tendo contato lá fora, na cidade. Quando eu sai estudar, na quinta série, senti que fui meio despreparada. Saí da aldeia onde eu estudava e tudo era ali, eu não pegava ônibus. Saí da quarta série para a quinta e tinha que pegar ônibus e saber o horário, tinha que ler tudo o que tivesse ali de informação numa escola que é nova, que não tem só indígenas, que os professores não são indígenas. Acordar cedo, ter que vir uns minutos antes do horário que o ônibus passava, descer lá, saber que horas que ele voltava e tal, e os horários das aulas. O primeiro dia foi terrível. Mas a gente vai se adaptando como no caso com a tecnologia. No meu tempo tivemos televisão eu já tinha doze anos, era um telefone só para toda a aldeia, hoje em dia as pessoas na aldeia tem celular, internet. A aldeia está já está adaptada a essas tecnologias.

Comentário

Coringa 3

O quadro abaixo indica as palavras citadas pelos professores em suas narrativas quando falam a respeito do seu trabalho em sala de aula com as crianças.

Quadro 34: Palavras citadas por professor para falar da sua atuação com as crianças

Palavras citadas por professor para falar da sua atuação com as crianças					
	Bruno	Ivana	Noeli	Marta	Suzan
Letramento	Letramento				
Matemática	Matemática	Matemática	Matemática		Matemática
Escrita			Escrita	Escrita	Escrita
Gêneros textuais				Gêneros textuais	Gêneros textuais
Situações- problema	Situações-problema	Situações-problema			Situações-problema
Histórias	Histórias	Histórias	Histórias	Histórias	Histórias
Jogos	Jogos	Jogos	Jogos	Jogos	Jogos
Língua materna					Língua

					materna
Leitura	Leitura		Leitura	Leitura	
Alfabetização					Alfabetização
PNAIC		PNAIC	PNAIC	PNAIC	PNAIC
Oralidade			Oralidade	Oralidade	Oralidade
Alfabetização Matemática			Alfabetização Matemática		
Leitura e Escrita na matemática			Leitura e Escrita na Matemática		
Leitura de histórias na Matemática		Leitura de histórias na Matemática	Leitura de histórias na Matemática		Leitura de histórias na Matemática
Língua materna e a Matemática					Língua materna e a Matemática
Dificuldades na Matemática	Dificuldades na Matemática	Dificuldades na Matemática		Dificuldades na Matemática	

Fonte: A Autora (2014)

No momento em que o professor Bruno narra a respeito do seu trabalho com as crianças, narra a respeito do desafio da mediação. Estar perto, fazer junto desafiar as crianças para realizarem aquilo que é proposto em oposição de apenas passar conteúdos ou até mesmo explicar, mas não se importar com e como a criança chegará as soluções. Para o professor o importante é o professor estar junto e acompanhar esse processo de descobertas e ainda instigar, mediar outros caminhos possíveis de resolução das questões apresentadas. Para o professor, no exercício de sua profissão é importante conhecer a história do aluno, o que envolve sua história.

Para o professor, os jogos estruturados como o material dourado, são importantes no processo de alfabetização, pois conseguem entender melhor.

O professor observa que em alguns momentos se centra em um ensino mais tradicional, destaca as quatro operações e segundo o professor percebe a perda de interesse dos alunos nas atividades. Os jogos são para o professor um divisor de águas na história da alfabetização. Para ele eles contribuem muito.

O professor retoma a questão da leitura e acrescenta que os alunos que têm dificuldade com o Português têm na Matemática pois para ele a leitura ajuda na interpretação das situações-problema e o letramento contribui nesse

processo. Par trabalhar a questão da compreensão o professor parte daquilo que é do convívio das crianças, mas não permanece nisso ele desafia os alunos para além daquilo que conseguem fazer sozinhos. Ele propõe e realiza com eles e percebe que logo eles estão aprendendo e fazendo sozinhos aquilo que antes precisavam fazer em colaboração com o professor ou com os colegas.

Bruno:- Tem funcionado para ele até certo ponto desafiá-lo mais do que propor situações que ele possa resolver. Então quando eu o desafio as vezes, ele quer sempre participar por mais que tenha dificuldade.

Quando a professora Ivana narra a respeito da sua atuação como alfabetizadora, narra a respeito da necessidade de um ambiente organizado, próprio para o processo de alfabetização. Narra da importância de cada objeto disposto na sala e a forma de uso de cada um. Narra refletindo que a maneira feita em relação ao uso de alguns desses objetos poderia ser diferente tomando por base as discussões feitas em seu grupo de formação de alfabetizadores do (PNAIC).

A professora narra a respeito dos conteúdos trabalhados da Matemática não se restringindo as quatro operações e nem tão pouco a metodologia utilizada pelo professor da sua infância. A professora no processo de ensino utiliza-se de jogos, da literatura, das histórias das crianças e das orientações do livro didático escolhido pelos profissionais da escola da aldeia, onde atua.

A professora Noeli pude ouvi-la contar a respeito da rotina da sala de aula, a respeito de como conduz o tema brincar tanto em relação a Matemática quanto o brincar livremente. Contou-me sobre a organização dos ambientes na sala de aula de acordo com as atividades. Pude ouvi-la falar a respeito do planejamento e as dificuldades nos registros daquilo que realiza com as crianças. Perguntei a ela sobre o que ainda falta em sua docência mesmo com anos de experiência e de formação.

Falou a respeito da formação de alunos com consciência cidadã, do posicionamento deles diante dos outros, do exemplo dos professores no dia a dia que exige muito mais que ensinar a ler e escrever palavras, mas também

cuidar e promover um mundo melhor para ler e escrever.

A professora Marta que neste ano de (2014) atua pela primeira vez em um terceiro ano afirma que a partir das discussões feitas no grupo de formação de alfabetizadores adquiriu novas experiências para utilizar livros, histórias infantis, jogos. Para ela isso deixa a aula mais interessante e os alunos têm mais curiosidade.

A professora reconhece que as crianças sempre têm algo a dizer e que alguns querem falar e outros não. Ela narra que ouve seus alunos tanto em seus assuntos próprios quanto também em atividades dirigidas de leitura por ela organizados.

A professora narra a respeito dos jogos apresentados nas formações e da relação do conhecimento partindo do conhecimento prévio das crianças fazendo relação com a Matemática as crianças aprendem de maneira lúdica.

Para Professora Marta, os alunos têm chance de fazer várias interpretações, por causa do trabalho desenvolvido em parceria com a Língua Portuguesa, muito diferente do seu processo na infância que era só do jeito do professor. A professora narra o modo que organiza seu planejamento levando em consideração as demandas dos alunos.

A professora Suzan professora do primeiro ano em (2014) na aldeia, diz que o professor precisa conhecer a comunidade em que atua. Na aldeia, o professor precisa se habituar aquela realidade. Que se tratam de crianças que correm pela estrada de chão, pisam a terra descalços e que por vezes vem para a escola dessa maneira, sem realizar as tarefas de casa. Muitos ficam sozinhos em casa porque os pais saem cedo para os frigoríficos da região. O professor precisa compreender que tanto na escola indígena ou não tem criança que consegue aprender rápido, aquela que mais ou menos e aquela que tem mais dificuldade.

A professora narra que ensina do jeito que aprendeu na faculdade e se refere a um professor que foi fundamental no seu processo de formação inicial. A professora em sua prática pedagógica utiliza-se dos jogos e materiais concretos e diz se esforçar muito para que as crianças gostem da Matemática.

Os alunos da professora Suzan são alfabetizados na Língua Portuguesa, mas todos tem aulas na Língua Materna, que é ensinada por professores que sabem falar, escrever e entendem tanto na oralidade quanto

na escrita. A professora parte sempre do conhecimento das crianças mas faz uma ressalva que este conhecimento próprio da cultura não está escrito. Refere-se ao livro didático destacando que mesmo sendo um livro pensado para pessoas do campo, pensado para indígenas não tem nele escritas na língua indígena, histórias da aldeia. Destaca que a aldeia não tem suas histórias registradas, mesmo que seja na Língua Portuguesa e isso complica o trabalho com as crianças.

Fala do conhecimento produzido de outras aldeias, mas lamenta o fato de sua aldeia ainda não ter registrado todo o conhecimento que se tem acumulado. O projeto futuro da professora é de organizar esse conhecimento que segundo ela, os velhos estão se indo e com eles todo o conhecimento.

A professora narra a respeito da sua rotina diária em sala de aula, dos jogos, das histórias, das situações-problemas. Para a professora primeiro vem o lúdico e concreto, para depois fazer o registro no caderno, dessa forma a professora entende que os alunos aprendem. Narrou que os professores bilíngues, adaptam as atividades apresentadas no PNAIC para serem desenvolvidas com as crianças.

A professora observa as mudanças da sua infância para hoje destacando que hoje as crianças falam na sala de aula e que os professores precisam estar preparados para isso e também abertos para o conhecimento que circula na sociedade e destaca a questão dos diferentes tipos de texto que existem dos quais muitos não circulam na aldeia.

Cena 3



As contribuições do brincar no desenvolvimento das habilidades culturais de contar e escrever

O brincar, ação principal da criança, governa mudanças importantes em seu desenvolvimento psíquico e as prepara para novos e mais elevados níveis

de conhecimento. Quando os professores narraram a respeito do trabalho que desenvolvem em sala de aula, com as crianças do primeiro ciclo de alfabetização, há uma certa ênfase no trabalho com os jogos e os materiais concretos.

Suzan:- Primeiro o lúdico e concreto, para depois fazer o registro no caderno. Deu para perceber que a gente tem que usar mais o lúdico, mais concreto, pois usando o lúdico e o concreto eles têm mais facilidade em aprender. (Suzan Carneiro Cipriano).

Nacarato (2005) afirma que nos últimos anos tem-se acentuado o discurso dos professores polivalentes o trabalho com o concreto no ensino da Matemática. Campos (2009), enfatiza que não se trata de algo novo. “A proposição da utilização dos jogos e materiais concretos no contexto educacional, entretanto, não é algo novo. Ao longo do tempo, foram muitos educadores que ressaltaram sua importância no ambiente escolar” (CAMPOS, 2009, p. 18).

De acordo com Campos, na atualidade, muitas propostas didático-pedagógicas apresentam referências a materiais concretos e estes são nominados de diferentes maneiras: “material concreto, material manipulativo e material manipulável” (CAMPOS, 2009, p.34). A opção da autora foi pela denominação materiais concretos os quais se referem a “objetos ou coisas que o estudante é capaz de manipular, sejam do cotidiano ou projetados com o objetivo específico de mediar o ensino de determinados conceitos ou procedimentos matemáticos” (CAMPOS, 2009, p. 35). Para Nacarato (2005), esse concreto se trata dos materiais manipuláveis.

Para Lacanallo (2011, p. 55), existe uma variedade de materiais manipulativos estruturados e não-estruturados. Estruturados: material dourado, blocos lógicos, ábaco, escala de *cuisinaire*, tangram e etc. Não-estruturados: palitos tampinhas, lápis, fichas, etc.

Nas narrativas dos professores foram citados os seguintes materiais:

Quadro 35: Materiais citados nas narrativas dos professores

PROFESSOR	MATERIAL
Bruno Alberto Garcia	- Material dourado. - Fita métrica
Ivana Balansin	- Calendário. - Sólidos Geométricos. - Palitos. - Sementes de Lentilha. - Caixa de ovos. - Artesanato. - Pannel de aniversariantes.
Noeli Checelski de Abreu	- Calendário. - Pannel de aniversário. - Relógio. - Colar de tampas.
Marta Jovinski Burkot	- Objetos diversos.
Suzan Carneiro Cipriano	- Artesanato

Fonte: A Autora (2014)

A respeito dos materiais concretos os professores falam deles como parte importante no processo de Alfabetização Matemática. Luria (2014), destaca no texto “A psicologia experimental e o desenvolvimento infantil”, um experimento feito por E. Kuchurin com crianças de faixa etária de cinco a cinco anos e meio, para as quais foi solicitado que deveriam dividir um certo número de objetos entre três e quatro colegas. As crianças em vez de agirem com as quantidades, elas organizaram com os objetos formas concretas que lhes eram familiares, como tratores, sofás, túmulos, etc. Esse tipo de contagem com os objetos (sofás, mesas, túmulos) embora contribuísse, também limitava constituindo um obstáculo para seu desenvolvimento posterior. “Ainda incapaz de contar abstratamente ou de lidar com o conceito de número, a criança

elaborou pequenas técnicas auxiliares que a habilitaram a resolver um problema, de outra forma insolúvel” (LURIA, 2014b, p. 96). As noções abstratas de quantidade ainda não estão presentes nesse momento e o processo de divisão ainda ocorre indiretamente.

Isto torna o processo de divisão extremamente restrito, e se uma criança usa tais formas para comparar e verificar se a partilha que ela fez é correta, terá, cada vez, de inventar novas formas em quantidades apropriadas ao número de peças a ser dado ao companheiro (LURIA, 2014b, p. 97).

No texto *Desarrollo de las operaciones aritméticas* (VYGOTSKI, 2012a, tradução nossa), que se encontra na Obra Escogida III, Vigotski discute que a primeira etapa do desenvolvimento do pensamento Matemático é a organização física dos objetos para a percepção correta da quantidade. Um exemplo citado pelo autor, é contar um número de objetos e de participantes e ver se tem objetos para todos e quantos sobram. A percepção visual sobre a forma organizada é importante para perceber a quantidade (VYGOTSKI, 2012a, tradução nossa).

A primeira etapa do desenvolvimento da criança - a ordenação da forma e sua percepção é um estímulo para o desenvolvimento de percepção de quantidades. A forma ordenada estimula o desenvolvimento da Matemática aprendida na interação com o meio antes de chegar à escola. Antes que a criança domine o cálculo, a percepção numérica depende da percepção das formas (VYGOTSKI, 2012a, tradução nossa).

Para Luria (2014b), esse primitivismo para contar precisa ser avançado para o próximo estágio que é a contagem por números. Da transição dos objetos para as figuras espaciais. Nesse novo estágio ocorre uma mudança para a criança contar, em vez de com os blocos construir figuras para depois distribuí-las, a criança organiza as peças em certa ordem espacial (coluna, fila, etc.) e, na sequência, distribui as outras crianças, o número necessário de tal combinação. Assim, manipulando as formas espaciais, a criança tem uma relação consideravelmente maior e também mais liberdade em relação às operações quantitativas (LURIA, 2014b), pois conforme afirma “As colunas e as filas distinguem-se pelo fato de que qualquer número de elementos pode ser acrescentado a elas ou subtraído delas. Não são mais, portanto, simples

modelo de figuras concretas; representam uma transição para a simbolização espacial da quantidade em geral” (LURIA, 2014b, p. 98).

Para Luria (2014b) o uso de imagens espaciais seriadas não apenas organiza mais um passo no sentido conseguir compreender a Matemática, mas também marca uma transição das “noções concretas__limitadas aos objetos__para noções abstratas de quantidades, que tornam as operações mais livres e menos primitivas” (LURIA, 2014b, p. 98).

No texto “Diferenças culturais de pensamento”, Luria (2014a), afirma que a criança ainda pequena percebe cada objeto isoladamente e não dispõe de um princípio lógico para agrupá-los. As palavras são nesse caso, um fator de organização na maneira pela qual a criança classifica sua experiência. Conforme a criança vai crescendo, o estágio seguinte de classificação, ela começa a comparar objetos com base em um único atributo físico, tal como cor, forma ou tamanho. Mas ao realizar essas comparações, os atributos inicialmente destacados para selecionar os objetos são perdidos rapidamente de vista e substituídos por outros. Assim, essa organização dos objetos nem sempre reflete um único conceito.

Esta maneira de agrupar os objetos não se baseia em uma palavra que permita às pessoas isolar um atributo comum e denotar uma categoria que logicamente subordine todos os objetos. O fator determinante na classificação de objetos em situações desse tipo é chamado percepção gráfica funcional ou recordação da vida real entre objetos” (LURIA, 2014a, p. 47).

O autor apresenta um exemplo de tal agrupamento que seria “uma refeição na qual a cadeira é usada para sentar-se à mesa, uma toalha é usada para cobrir a mesa, uma faca, para cortar o pão, um prato, para receber o pão e assim por diante” (LURIA, 2014a, p. 47). Esse tipo de classificação recorda as relações da vida real entre os objetos. Para Luria (2014a) é denominado de percepção gráfica funcional e de acordo com Vigotski era uma prática das escolas tradicionais. Avançando desse modo de pensar, a concentração se dá nas relações de classe entre objetos e não na maneira concreta das interações em situações reais, pois o pensamento classificatório não é apenas reflexo das experiências individuais, mas experiências compartilhadas pelo indivíduo e a sociedade e que é comunicado através do sistema linguístico (LURIA, 2014a, p. 48).

As palavras são o principal agente da abstração e da generalização. Os sujeitos ao chegarem à escola, terão novas experiências e novas ideias mudam a maneira de as pessoas usarem a linguagem. Em seus estudos com sujeitos analfabetos, Luria (2014a) observou que quando estes sujeitos adquiriam os códigos verbais e lógicos abstraíam os traços essenciais dos objetos e conseguiam subordiná-los a classes e dessa forma executavam também um pensamento mais complexo. “Quando nossos sujeitos adquiriram alguma educação e tiveram participação em discussões coletivas de questões sociais importantes, rapidamente fizeram a transição para o pensamento abstrato” (LURIA, 2014a, p. 52).

Para a teoria Histórico-Cultural os objetos são mediadores na construção e reconstrução dos significados historicamente construídos, no entanto não é o simples uso desses materiais que garantirá aprendizagem. A esse respeito Nacarato (2005), já afirma que “Não é o simples uso de materiais que possibilitará a elaboração conceitual por parte do aluno, mas a forma como esses materiais são utilizados e os significados que podem ser negociados e construídos a partir deles” (NACARATO, 2005, p. 5).

Dessa forma podemos intuir que a manipulação de materiais não melhora o ensino da Matemática, mas a forma como o professor for utilizá-lo em sua prática docente contribuirá para o aprendizado. “Nenhum material didático-manipulável ou de outra natureza-constitui a salvação para melhoria do ensino da Matemática. Sua eficácia ou não dependerá da forma como o mesmo for utilizado” (NACARATO, 2005, p. 5).

Para Muniz *et al* (2014c), a criança, no processo de alfabetização, tem necessidade de “sustentar suas ações na contagem concreta, um a um, formando novas ordens, agrupando e posicionando. De acordo com as orientações do material e nas formações do PNAIC de Matemática devem estar presentes nas aulas de Alfabetização Matemática os seguintes materiais apresentados no texto “Caixa Matemática e situações lúdicas” (MUNIZ *et al*, 2014a).

Quadro 36: Materiais da Caixa Matemática

De contagem	Palitos, canudos, miçangas, sementes, tampinhas, etc.
Ligas elásticas	Como as utilizadas para amarrar dinheiro, para a formação de grupos de palitos ou canudinhos.
Tapetinho	Como base para apoio dos materiais, de forma a organizá-los segundo o sistema de posicionamento: folha de cartolina, papelão, EVA com três divisões, ao menos.
Fichas numéricas	Com algarismos(pelos menos cinco conjuntos completos de 0 a 9).
Dinheirinho	Em especial notas de 1 real, 10 reais e 100 reais
Fichas escalonadas	

Fonte: Adaptado de (MUNIZ et al, 2014a).

Para Muniz *et al* (2014a), os materiais de contagem devem ser de tipos variados aos quais se referem em uma linguagem didático-pedagógica:

Quantidades concretas livres: como os palitos, a partir dos quais as crianças formam grupos a cada dez palitos contados por eles;

Quantidade concretas estruturadas: Como o material dourado, nos quais as crianças têm um material com os grupos já previamente estruturadas e a cada dez contados, os alunos realizam a troca correspondente.

Muniz, et al (2014a), propõem que no ciclo de alfabetização as crianças tenham além dos materiais de contagem, agrupamento e registro, uma Caixa Matemática para cada criança, a qual poderá a qualquer momento independente da indicação do professor, fazer uso dos materiais tanto em sala quanto em casa na execução das tarefas. Uma das propostas do material do PNAIC (BRASIL, 2014b), é o incentivo às crianças para fazer coleções que podem ser de figurinhas, pedras coloridas, sementes, tampinhas e ainda outros objetos que devem ser estimuladas pelos professores. “Fazer coleções favorece o estabelecimento de metas, concepções e estratégias de êxito, formas de organização, classificação e, em especial, de contagem e controle das quantidades” (MUNIZ, *et al*, 2014b, p. 30).

De acordo com Lacanallo (2011), o período de uso de materiais “não deve durar demasiadamente, pois impede a generalização, já que os alunos

fixam-se apenas no imediato” (LACANALLO, 2011, p. 55). Para a referida pesquisadora é preciso superar o pensamento empírico e os materiais manipulativos “precisam estimular o desenvolvimento e a formação de formas superiores de análise e síntese, novas conexões entre os conceitos, a palavra (abstrata) e a imagem (concreta), evitando a fragmentação do saber e a superação do pensamento empírico” (LACANALLO, 2011, p. 55).

Para Muniz *et al* (2014c), o material deve proporcionar a ampliação da capacidade de representação, pois no processo de alfabetização a aprendizagem dos números deve abranger quantidades cada vez maiores, ampliando assim o conceito de número. Dessa forma o tapetinho e os palitos, propostos no material do PNAIC “deixam gradativamente, lugar para o Material Dourado, e este, para as notas de dinheiro de R\$ 1,0, R\$ 10 e R\$ 100. As sementes (ou cubinhos do Material Dourado, ou miçangas, etc.) são colocadas nos diferentes valores de acordo com o campo em que se encontram: Unidade, DEZena ou CENTena” (MUNIZ *et al*, 2014c, p. 80).

De acordo com Vigotski, o momento em que a criança passa das operações concretas de quantidade a operações abstratas com signos, é conflitivo. Este momento produz um choque entre a forma anterior de desenvolvimento e aquela que se inicia com aprendizagem dos signos escolares (VYGOTSKI, 2012a, tradução nossa). Para Vigotski, a criança em uma determinada etapa do seu desenvolvimento, chega a compreender o caráter limitado de sua Matemática e começa a passar à Matemática mediada. Os objetos, as figuras são substituídas pelos números, pelas cifras é quando se origina o conflito entre o nosso sistema de cálculo e a percepção direta das figuras. Para o autor a Matemática escolar constitui um momento de mudança ainda que a pré-escolar entra em conflito com a escolar, isso não significa que a escola aborde um ensino de maneira puramente mecânica. Nesse choque tem lugar uma etapa nova, ulterior, de desenvolvimento do cálculo (VYGOTSKI, 2012a, tradução nossa).

Assim como a criança vive em um mundo de objetos, vive também em um mundo de imagens e de signos e o processo por meio do qual o objeto é transformado em brinquedo é o “processo de diferenciação do significado e do significante e do nascimento do símbolo” (ELKONIN, 2009, p. 327). A criança precisa compreender que o signo significa uma certa realidade, o que

representa uma preparação para os estudos escolares, tanto para assimilar os rudimentos da aritmética, quanto para aprender a ler, os quais requerem dada maturidade da função simbólica.

No período pré-escolar a criança opera com os objetos, embora tenha consciência dos objetos com os quais ainda não pode operar por estarem além da sua capacidade física e assim, realiza na brincadeira, atividades que ainda não lhe são possíveis serem realizadas com esses objetos, os quais adquirem uma significação lúdica.

Para Elkonin (2009), no jogo é possível observar que a criança atua com os significados dos objetos, apesar de ainda neles se apoiar como substitutos materiais daqueles, no caso que citei da explicação introdutória dessa dissertação, do cabo de vassoura ser um cavalo. Essa relação com os objetos vai se reduzindo nas etapas posteriores do desenvolvimento do jogo. Primeiramente uma ação altamente desenvolvida com o objeto substitutivo, na sequência esse objeto se manifesta como signo pela palavra que o nomina e a ação concomitante com a fala.

Pela atividade lúdica o pensamento e os significados são libertados desse campo perceptivo. Antes o significado estava unido ao objeto, agora ele se emancipa do objeto, mas não da ação com o objeto real. São os gestos que comunicam os significados dos objetos que são utilizados para brincar (VIGOTSKY, 2007). Na brincadeira, o movimento da criança, seus gestos dão ao objeto a função de signo e também de significado. “O mais importante é a utilização de alguns objetos como brinquedos e a possibilidade de executar, com eles, um gesto representativo. Essa é a chave para toda a função simbólica do brinquedo das crianças” (VIGOTSKY, 2007, p. 130). O gesto participa da ação, complementa a palavra e contribui no modo de se fazer entender “O gesto é o signo visual inicial que contém a futura escrita da criança, assim como a semente contém um futuro carvalho” (VIGOTSKY, 2007, p. 128). Para o referido autor, alguns signos escritos são gestos fixados.

A chave principal para a função simbólica do brinquedo é a possibilidade de executar com os objetos como brinquedo, um gesto representativo. O gesto por exemplo, comunica que um cabo de vassoura é um cavalo na brincadeira. São os gestos que comunicam os significados dos objetos que são utilizados para brincar. “Representação simbólica no brinquedo

é, essencialmente, uma forma particular de linguagem num estágio precoce, atividade essa que leva, diretamente, à linguagem escrita” (VIGOTSKY, 2007, p. 134). Para a aquisição da linguagem escrita é preciso que a criança passe pelo simbolismo de primeira ordem, isto é, o brinquedo, o gesto, o desenho e a fala, os quais são fundamentais nesse processo.

Dessa forma, a criança deixa aos poucos de se prender aos objetos e passa a se prender à ação das pessoas surgindo assim o jogo de papéis nos quais a ação é o papel lúdico, que é a representação da ação. Assim vemos a simbolização pelo menos duas vezes. Primeiro quando a criança substitui um objeto por outro e depois quando assume diferentes papéis.

Esses diferentes papéis são base para desenvolver a imaginação que é uma das funções psicológicas superiores que se desenvolve de acordo com as relações sociais mediadas pela linguagem e internalizadas pelas crianças (MINICK, 2002). A linguagem é um produto histórico e social da vida coletiva. A linguagem é formada pelos signos e estes pela linguagem. Os signos se converteram ao longo da história em conceitos (VIGOTSKY, 2007). Cabe à educação escolar ampliar o universo simbólico operando com signos ensinando e aprendendo a significar, a trabalhar com signos e com a memória. O brinquedo, é parte da construção do simbolismo na criança.

Vigotsky mostra, então, de que o desenvolvimento do signo na criança é fundamental para o desenvolvimento da escrita. “Mais faremos pelas crianças pequenas para que aprendam a ler e a escrever brincando com elas e as deixando brincar livremente do que treinando letras e as obrigando a fazer dever de casa em materiais estruturados” (ESPINDOLA; SOUZA, 2015, P. 51).

A escrita é parte da vida das crianças, no brinquedo, no gesto, no desenho, na fala e todas essas etapas são fundamentais para aquisição da linguagem escrita.

De acordo com Vigotski, o desenvolvimento da linguagem escrita se dá do deslocamento do desenho de coisas para o desenho de palavras. A criança, de acordo com a teoria, precisa descobrir que, além de desenhar os objetos, pode-se também desenhar a fala. “Do ponto de vista pedagógico, essa transição deve ser propiciada pelo deslocamento da atividade da criança do desenhar coisas para desenhar a fala” (VIGOTSKY, 2007, p. 140).

A escrita não repete a história da fala, isto é, ela não é uma tradução

da linguagem falada e nem tão pouco da apreensão de uma técnica. Trata-se de uma linguagem sem o aspecto de entonação, sonoro e expressivo, mas de uma linguagem de pensamento, de representação desprovida de som (VIGOTSKY, 2009).

Antes de ingressar na escola a criança já alcançou um nível elevado de abstração em relação ao mundo material. E, ao ingressar na escola, sua tarefa é “abstrair o aspecto sensorial da sua própria fala, passar a uma linguagem abstrata que não usa palavras, mas representações de palavras” (VIGOTSKY, 2009, p. 313). A dificuldade da criança no processo de apreensão da escrita não tem relação com o atraso dos músculos ou da técnica, mas sim com o lado abstrato da escrita, essa linguagem pensada e não pronunciada.

Para Vigotski, a escrita é uma linguagem sem interlocutor, uma conversa com o papel em branco, um interlocutor imaginário, enquanto a linguagem falada não requer esse esforço. “A situação da escrita é uma situação que requer da criança uma dupla abstração: do aspecto sonoro da linguagem e do interlocutor” (VIGOTSKY, 2009, p. 314).

De acordo com Vigotski a linguagem escrita é a álgebra da escrita.

Da mesma forma que a apreensão da álgebra não repete o estudo da aritmética mas representa um plano novo e superior de desenvolvimento do pensamento matemático abstrato, que reconstrói e projeta para o nível superior o pensamento aritmético anteriormente constituído, de igual maneira a álgebra da escrita ou linguagem escrita introduz a criança no plano abstrato mais elevado da linguagem, reconstruindo, assim, o sistema psicológico da linguagem falada anteriormente constituído (VIGOTSKY, 2009, p. 314).

Para Vigotski, a linguagem escrita é um sistema particular de símbolos e signos

um aspecto desse sistema é que ele constitui um simbolismo de segunda ordem que, gradualmente, torna-se um simbolismo direto. Isso significa que a linguagem escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais (VIGOTSKY, 2007, p. 126).

Para Elkonin (2009, p. 29), a unidade fundamental e indivisível da evolução na forma de jogo é justamente o papel e as ações dele decorrentes. Como a lógica do jogo infantil de acordo com a teoria histórico-cultural é a

representação de papéis, para o autor, nos jogos de regras se relegam a segundo plano as relações entre as pessoas. Um caso citado pelo autor é o processo de compra e venda em um jogo organizado de armazém.

Pode-se organizar o jogo do armazém para ensinar as crianças a utilizarem medidas de peso. Para isso introduzem no jogo uma balança e pesos reais, entregam-se às crianças alguns grãos ou sementes secas, e elas aprendam a medir e pesar objetos variados, desempenhando as funções ora de vendedores, ora de compradores. Claro que nesses jogos as crianças podem aprender a pesar, medir, contar artigos por unidades e até a fazer as contas e dar o troco. As observações demonstram com o peso e outras medidas, os cálculos etc., mas se relegam a segundo plano as relações entre as pessoas no processo de compra e venda (ELKONIN, 2009, p. 400-401).

O autor não nega a utilização dos jogos de regras, no entanto para ele, nesse tipo de jogos a criança não aprenderia os hábitos ao representar o professor, o policial, o médico, a cozinheira, o feirante, isto é, não aprenderia a manejar uma seringa verdadeira, a conduzir um automóvel nem pesar mercadorias e nem mesmo a cozinhar.

Para Elkonin (2009) a realidade que circunda a criança é uma influência determinante no jogo protagonizado. O autor cita alguns estudos nesta perspectiva dos quais quero destacar um. Um estudo feito por Koroliová (1957) em que relata experiências de atividades realizadas com os alunos fora do ambiente escolar.

Durante a viagem a uma casa de campo, a estrada de ferro produziu muitas impressões fortes nas crianças, que estiveram numa estação, viram o trem e as pessoas subirem nos vagões; elas mesmas subiram num deles; ouviram anunciar por alto-falantes a saída dos trens, compraram com seus pais as passagens no guichê, etc. A educadora supôs que essas impressões seriam suficientes para que as crianças brincassem de “estrada de ferro”. Mas não foi assim, apesar da profunda impressão que lhes causou a viagem, de falarem muito sobre ela e desenharem estações e trens. A educadora tentou promover o jogo. Ofereceu às crianças brinquedos atraentes: uma locomotiva, carros, um guichê e, com ajuda de outro educador, fez entre as crianças a distribuição de papéis. Apesar da grande carga emocional da viagem de trem e das profundas impressões diretas que as crianças obtiveram, esse jogo protagonizado não prosperou. Fez-se então uma nova visita à estação: as crianças viram outra vez a parte material do funcionamento da estrada de ferro. Mas também não bastou

esse trabalho adicional para dar impulso ao jogo, se bem que, a julgar pelos desenhos que as crianças fizeram desses objetos, já eram mais exatas as suas ideias do trem, da locomotiva, da estação, do guichê, dos carrinhos para transporte de bagagens etc. Passado algum tempo, quando, depois do veraneio no campo, as crianças regressaram à cidade, repetiu-se com o mesmo grupo infantil a excursão à estação ferroviária. As crianças viram como um chefe da estação recebia cada trem, como os passageiros desciam, como se desembarcavam as bagagens, como o maquinista e seu ajudante cuidavam da locomotiva e como os cabineiros cuidavam dos carros e atendiam aos passageiros. Ao entrar na sala de espera, viram como os viajantes compravam as passagens, os moços iam ao encontro dos passageiros para levar-lhes as bagagens até o trem, os varredores cuidavam da limpeza da sala etc. Depois dessa excursão, não tardou muito em organizar-se o jogo. E brincou-se com inegável entusiasmo: a “estrada de ferro” perdurou entre os jogos infantis, conjugando-se num todo com outros temas: “a família”, “o jardim de infância”, o “correio” etc. (ELKONIN, 2009, p. 33-34).

A brincadeira só se iniciou depois que as crianças sabiam exatamente o que as pessoas faziam, como trabalhavam, isto é, que relações estabeleciam entre elas, nesse local.

Ao contar que brinca de professor e de policial, as crianças por mim entrevistadas, provavelmente agem de acordo com as regras dessa função social “quando uma criança assume um papel em uma brincadeira, por exemplo, o de professora da escola maternal, ela se conduz de acordo com as regras de ação latentes a essa função social” (LEONTIEV, 2014, p. 133).

As situações imaginárias criadas na brincadeira contêm regras de comportamento que não são pré-estabelecidas como o são dos jogos com regras, mas a criança ao brincar de mãe ou de irmã se submete as regras do comportamento materno e de conceito de irmã. “Parece-me que sempre que há uma situação imaginária na brincadeira, há regra. Não são regras formuladas previamente e que mudam ao longo da brincadeira, mas regras que decorrem da situação imaginária” (VIGOTSKI, 2008, p. 28).

Para Vigotski (2008), toda situação imaginária contém regras e dessa forma toda brincadeira com regras contém a situação imaginária. “Qualquer brincadeira com situação imaginária é, ao mesmo tempo, brincadeira com regras e qualquer brincadeira com regras é brincadeira com situação imaginária” (VIGOTSKI, 2008, p. 28).

De acordo com Luria (2014b), esses estágios ou etapas do desenvolvimento da brincadeira contribuem para o desenvolvimento de importantes habilidades culturais entre elas contar e escrever. Para Moretti e Souza (2015) o pensamento infantil inicialmente está vinculado às ações concretas, por isso, desenvolvem ações apoiadas nos objetos. Em uma etapa posterior, mesmo sem manusear objetos continua ligada a estes por meio da atividade humana que os envolvem. Dessa forma, as situações problematizadoras devem estar vinculadas ao contexto da criança para que possam ser por ela compreendidos. “Na prática pedagógica, isso significa que, para as crianças pequenas, os enunciados matemáticos precisam favorecer a representação concreta dos objetos que abordam e de suas relações” (MORETTI e SOUZA, 2015, p. 37).

Tanto a aprendizagem da linguagem escrita quanto o desenvolvimento da linguagem Matemática são produtos do processo de brincar e foram essas considerações que me levaram pensar a Alfabetização Matemática como um ato lúdico, ampliando o olhar da Alfabetização Matemática para além do como foi, é e poderia ser na perspectiva do letramento.



Comentário final do episódio

Coringa 3

Estamos caminhando para o final do jogo protagonizado. Ainda que o material utilizado nas formações do PNAIC com os professores alfabetizadores traga a intencionalidade da Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento convido para que entrem em cena ao final desse jogo as Formadoras, para se constituírem em um grupo colaborativo de análise, estabelecendo um diálogo compartilhado e reflexivo sobre as narrativas apresentadas.



EXORTAÇÃO FINAL

Um ato lúdico: Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento em movimento, em processo, em cena

Coringa 3

O fechamento se faz presente no texto cênico, assim como o argumento e a análise. No Teatro, o fechamento é a decisão, isto é, a conclusão da peça teatral, da narrativa. Mesmo que provisoriamente, no teatro após ter argumentado e analisado uma situação é necessário finalizá-la, com uma síntese ou decisão.

Coringa 2

Optamos em organizar a dissertação em forma de um jogo protagonizado porque o Teatro é a manifestação da narrativa, a visualização da materialização. No Teatro, as imagens criadas partem de elementos da realidade e materializam-na novamente. Assim como no Teatro, na Matemática é preciso refletir e transcender o real. Tanto o Teatro quanto a Matemática possuem seu lado material, de concretude e também transcendência e de ficção. Tanto a Matemática quanto o Teatro colaboram no estudo de conceitos abstratos imaginativos ou transcendentais. Tanto para resolver problemas matemáticos, quanto a assistir uma peça teatral é necessário aceitar as regras do jogo.

Coringa 1

Como vimos nesse palco brincar é a atividade principal da criança. A ideia em organizar a dissertação como um jogo protagonizado para apresentar as memórias dos professores e das crianças em forma de narrativas, nos remete ao fato de que o jogo protagonizado é uma proposta lúdica, assim como se propõe que seja a Alfabetização Matemática. Tanto o jogo protagonizado

das crianças, quanto a alfabetização Matemática parte ou deve partir das memórias das experiências das crianças, ampliando para as experiências históricas dos outros, pela imaginação.

Coringa 4

Em todo ato lúdico, assim como nessa dissertação, organizada em forma de um jogo protagonizado, são reconstituídas as relações sociais, originadas das condições de vida dos protagonistas em sociedade. A essência principal deste e de outros atos é, refletir as relações entre as pessoas.

Coringa 1

Os temas das ações lúdicas das crianças são decorrentes da realidade e dessa forma são diversos pois refletem o mundo em que vivem e se modificam de acordo com as condições sociais concretas em que se encontram mesmo que temporariamente. Modificando as condições sociais concretas modificam-se também os temas. Assim como o conteúdo das narrativas dos protagonistas, expressa suas relações com a Matemática, expressa a vida e suas relações.

Coringa 3

Podemos dizer que esta dissertação é um ato lúdico pois nela são apresentadas as experiências das crianças, dos professores, as quais não são simplesmente recordadas, mas, reelaboradas do mesmo modo que os jogos das crianças não são uma simples recordação de experiências vividas, mas uma reelaboração criativa dessas experiências, combinando-as e construindo novas realidades segundo seus interesses e necessidades.

Coringa 1

É um ato lúdico porque as crianças, protagonistas desse jogo, representaram a si mesmas, brincando encantadas com os objetos dentro de um baú se esqueceram do tempo enquanto a dissertação foi sendo escrita. Para retornarem ao episódio em que contaram suas histórias sobre suas relações com a Matemática, são convidadas a realizarem alguns desafios ao longo do caminho. Além de um teatro de sombras que assistem entre um episódio e outro.

Coringa 3

As narrativas dos protagonistas sobre suas relações com a Matemática presentes nessa dissertação, exibem um acervo de vida no qual estão

incluídas histórias que acompanhamos, seja no nosso cotidiano, seja nas leituras sobre a Alfabetização Matemática. Esse exercício de rememorar nos dá uma sensação de continuidade, de que somos constituídos pelo que vivemos e experimentamos.

Coringa 4

Construídas na relação com os outros, essas experiências denotam o social no individual, o discurso interior, resultado de um processo construtivo.

Coringa 3

O ser humano se constitui e é constituído nas relações que estabelece com os outros. A linguagem é um dos signos fundamentais para a compreensão das relações humanas e é por meio da linguagem que ocorre a mediação social, isto é, a participação dos outros na constituição de si. O desenvolvimento está ligado às relações sociais as quais são internalizadas tornando-se funções mentais superiores.

Coringa 2

As percepções sobre o mundo internalizadas foram por meio desse jogo protagonizado, materializadas.

Coringa 1

Para evocação dessas experiências vividas pelos protagonistas, recorreremos a memória da qual trata a História Oral.

Coringa 2

Na grande roda que se move nesse palco para lá e para cá, os protagonistas como brincantes, de braços abertos e de mãos dadas acolhem as Formadoras do PNAIC, que até aqui, estavam na plateia e agora entram na roda e se transformam também em protagonistas desse jogo. Convido para entrar em cena, as Formadoras! De espectadores à protagonistas. Vocês são parte desse jogo que discute as relações estabelecidas com a Matemática na infância, na formação e na atuação como professores. Ao propor a sua participação, não sabemos que fim dará este jogo. Será uma experiência que sabemos apenas como começa, mas não como termina.

Coringa 3

Em cena as formadoras Nelem e Salete

Nelem

Muito obrigada pela confiança.

Salete

Podem contar comigo!

Coringa 3

Em cena a formadora Edicléia.

Edicléia

Eu sou muito grata por esse momento. Feliz por poder participar!

Coringa 3

Que entre a formadora Magaly.

Magaly

Quero agradecer por estar aqui com todos vocês!

Coringa 3

Recebê-las nessa roda, nesse jogo protagonizado em que os protagonistas falaram das suas relações com a Matemática no ciclo de alfabetização é para todos nós, um ato lúdico.

Magaly

Obrigada por promoverem esse encontro.

Nelem

Onde estão as crianças? Elas estarão no palco conosco? Desde o momento do convite, imaginei que as crianças estivessem conosco nessa roda.

Coringa 2

As crianças são nossas convidadas, assim como os professores. Em qualquer momento dessa exortação final quando quiserem sairão da sua condição de espectadores que no momento se encontram, para reassumir novamente o papel de protagonistas desse jogo.

Nelem

Os professores quando falaram da infância citaram a palavra Oralidade, apenas no sentido de dizer que foram calados.

Coringa 1

Quando os professores eram crianças tiveram que se moldar ao jeito do professor, que valorizava o silêncio em troca de um olhar menos sombrio.

Coringa 3

Não era muito diferente da maneira de ser do público em um teatro tradicional, em que apenas se assiste à peça, mas não se toma parte. Nem os atores estão interessados em ouvir o que pensa a plateia e tão pouco esta quer

dizer o que pensa sobre.

Coringa 1

Havia provavelmente tanto a ser dito e ninguém para ouvi-los! O professor Bruno não conseguia entender porque tinha que permanecer em silêncio, quando na verdade queria falar, conversar com os amigos.

Salete

De todas as narrativas, ouvir Noeli contar que copiava “as respostas dadas pelos colegas” é o mais grave! Porque a criança está ali na sala, mas não está! Ela está reproduzindo!

Magaly

Assim como a Ivana quando disse copiava “as respostas dadas pelo professor”! É o professor que está pensando, mas não leva o aluno a pensar!

Edicléia

É muito ruim quando você vê pessoas que não sabem ler e nem escrever isoladas, oprimidas e exploradas. Mais lamentável ainda é ver pessoas que não sabem falar, nem ouvir e nem ver! Esta é a pior forma de analfabetismo!

Coringa 2

Reduziram-nas à condição de espectadoras de um teatro tradicional. Não se ensinou a pensar, entender e refutar as mensagens que recebiam tão pouco, participar de um momento como esse.

Salete

A professora Ivana se calou diante de um professor que passou a vida fazendo os alunos copiarem do quadro. A professora Noeli se calou diante de uma professora que não lhe deu espaço para dizer sequer que não tinha entendido nada de Matemática e nunca observou que apenas copiava a resposta resolvida pelos colegas!

Coringa 1

Foram submetidos a um infinito treino de habilidades de mãos e dedos. De perguntas com respostas prontas. De realização de exercícios sem compreensão.

Nelem

Chamou muito a minha atenção a fala da professora Ivana: “Não aprendi a pensar”!!!

Coringa 1

Foram submetidos a um ambiente hostil, frio como contou a professora Noeli, um ambiente que parecia uma cela, uma cadeia, onde se passava horas intermináveis que não acabavam mais.

Coringa 2

Não havia jogos, não havia sorrisos, não havia conversas. Não havia alegria! Não havia livros! Não havia espaço para pensar! Para dizer, para contar, para aprender, para ler, para rir, descontraír, viver!

Salete

Na narrativa da professora Noeli, a sala de aula na sua infância aparece como cela silenciosa em que as horas não passavam, preferiu o silêncio e fingir que sabia para não conversar com a professora. Como ainda ser grato a tudo isso?

Coringa 1

Quantas crianças ainda hoje se reencontram nesse tipo de fala? Na educação do ouvir, do silêncio, das infinitas cópias e mais cópias?

Nelem

É o conteúdo pelo conteúdo! A Matemática pela Matemática! Tudo dado e pronto, só para ser operado. Não tem preocupação de construir nada.

Salete

Como se fosse um ritual...

Edicléia

Só apareceu nas narrativas da infância dos alfabetizadores, número e operação. A Matemática reduzida só a números e operações! Não aparece ali geometria, não aparece tratamento da informação, não aparecem grandezas e medidas...

Magaly

Se a gente for pensar, a proposta trabalhada pelo PNAIC é uma proposta que contraria a tudo isso que foi dito pelos professores a respeito da infância deles. O que se propõe hoje é de que o professor questione a criança, que ela tenha oportunidade em ser uma criança pesquisadora, uma criança que problematiza situações e que a partir dessas situações problematizadas, ela seja também autor da construção do conhecimento.

Coringa 3

E a respeito do que disseram as crianças?

Edicléia

As crianças falaram sobre os jogos, desenhos... Dá para perceber que hoje está tendo um outro olhar em relação a Alfabetização Matemática.

Salete

Mas ainda percebi muitas continhas, tabuada.

Edicléia

Está muito forte ainda!!

Nelem

Se for olhar e pensar em como foi a Alfabetização Matemática dos professores e das crianças no, “como foi e como é”, pouca coisa mudou!!!

Magaly

Em relação à infância dos professores, não mudou muito não!

Coringa 2

Talvez tenha mudado um pouco. As crianças leem histórias, ouvem histórias contadas pelos professores. Brincam!

Coringa 1

Contudo, ainda conversam pouco na escola a respeito do que já sabem de Matemática. Pelo que ouvimos em suas narrativas, possuem muito conhecimento matemático antes de chegarem à escola. De tudo que já sabem, no caderno apenas muitas continhas e números, tabuada e nada das suas experiências com a Matemática fora da escola.

Edicléia

Eu esperava ouvir das crianças as palavras pesquisa, desafios, tabelas, gráficos. Porque a criança faz lá a tabela na hora que está fazendo um jogo, por exemplo. Faz um gráfico. Poderia falar que resolveu uma situação-problema, alguma coisa assim! Ábaco, calculadora... não apareceu!! Sabe, eu queria que elas até confundissem um pouco a questão de conteúdo, com instrumentos, material... Que elas trouxessem palavras da prática mesmo. A criança não vai perceber o conteúdo, vai dar elementos de como foi trabalhado e o que foi trabalhado. Falando dos materiais. “Ah, a professora levou jogos”, “levou folheto de mercado”.

Nelem

Eu não sei o que eu esperava ouvir das crianças. Eu esperava tanta

coisa ... Calma... Eu estou pensando o que eu esperava.... Eu gostaria de ter ouvido... Na verdade espero ainda, ouvir a palavra pensar!! Pensar!! Alguma coisa nesse sentido. Porque o material não era o nosso objetivo! Embora ele fosse um caminho. A gente objetiva... Sei lá, pensando agora, o que eu queria... Se fosse o pote de ouro lá no fim do arco-íris? Que eles aprendessem a pensar sobre Matemática! Aprendessem que podem perguntar pelas coisas. Que agora sabem que podem ir atrás, que descubram que podem fazer! Que não são as contas, mas é como que eu organizo esses dados codificados. Que saibam criar maneiras de resolver! Eu sei que eles não iriam se expressar desse jeito!

Coringa 2

Mesmo que não tenhamos escutado das crianças a palavra pensar, porém ao narrarem sobre sua vida nesse palco, o ato de pensar se fez presente, pois para as crianças pequenas em muitos aspectos o pensar é determinado pela sua memória. Dessa maneira, ao contarem sobre sua vida estavam lembrando, isto é, pensando sobre. Pensar para as crianças significa lembrar.

Magaly

Eu concordo com a Edicléia quando diz da expectativa que as crianças tivessem falado mais sobre o uso dos instrumentos de medida, dos jogos, palitos...

Edicléia

Porque é mais próximo da criança!

Magaly

Porque se aparecessem essas palavras nas narrativas, mesmo que fossem mais do vocabulário das crianças, a gente teria percepção da prática, que o professor ousou tentar usar aquela metodologia que você falou, sabe? Indícios de que ele ousou se aproximar um pouco mais daquela metodologia que você discutiu nas formações.

Nelem

A única coisa que me preocupa, por exemplo, se alguém falasse material dourado. Aí eu ficaria muito preocupada! Porque aí o material dourado virou conteúdo.

Edicléia

Acho que para a criança é muito mais fácil falar daquilo que ela está vendo. Ela não vai ver conteúdo. O conteúdo é com o professor. A criança dirá “ah o professor levou um encarte! Ah nós fizemos compras com esse encarte!” Ela não fala que aquilo é sistema monetário, usando cédulas e moedas. Então acho que no vocabulário da criança, a gente vai ver muito mais, os instrumentos. Mas se questionar, o que a professora fez com esse material? É capaz de explicar: “Com os palitos, nós juntamos dez, nós amarramos”. Ela não vai falar o vocabulário que a gente quer, ou a palavra que a gente quer ouvir. Não sei. Porém, ainda acho muito tímido o que ouvi das crianças em relação ao PNAIC. Nas formações, as orientadoras falavam muitas vezes “o aluno não compreende”, no entanto, quando a gente fazia a atividade... A gente percebia que a professora não tinha conteúdo matemático para entender.

Salete

Das dificuldades na Matemática que ouvimos nesse jogo protagonizado, ficou muito claro, a dificuldade do professor!

Coringa 2

A professora Noeli falou que uma das coisas que deveria ser ensinada nos cursos de pedagogia seria o conteúdo a ser trabalhado e como ele deve ser.

Edicléia

A dificuldade não é só do aluno, é muito mais do professor! Então foi um ganho que o PNAIC trouxe, essa questão de trazer conteúdos matemáticos para que o professor tivesse contato com esse conteúdo e entendesse para aí sim conseguir trabalhar.

Nelem

Essa dificuldade eu vejo que não é nenhum pouco culpa do professor. Que bom que ele está buscando e tendo essa oportunidade de trabalhar com os conteúdos para desmistificar aquilo que ele entende como Matemática! Ter um entendimento melhor para repassar com mais segurança.

Magaly

A questão das dificuldades da Matemática foi um ponto que apareceu bastante!

Edicléia

Preocupe-me quando ouvi os alfabetizadores nesse jogo falando, a

professora do PNAIC disse isso e eu apliquei. Preocupa-me quando eu começo a ver, “o PNAIC falou isso então eu vou aplicar”, porque o trabalho do professor precisa ser consciente, reflexivo. Ele precisa antes de aplicar questionar: Isso formará um sujeito crítico? Isso interessa à vida daquela criança do campo? Da vida daquela criança indígena? Afinal, qual a Matemática que ele tem ali ou qual sentido que ele vê na vida? Como ele precisa resolver os seus problemas?

Nelem

Mas, eu acho que participando desse jogo protagonizado a gente tem a condição de perceber que o professor não está dando conta de mudar a prática dele, contudo nós também não conseguimos mudar a nossa, porque se ele está reproduzindo, a gente também está auxiliando nessa reprodução. Então quer dizer...Nós também temos culpa, porque nós estávamos lá no começo. Participar desse jogo nos possibilita a ver o que não está dando certo. Se não queremos que reproduzam os modelos, devemos parar de dar os modelos.

Coringa 3

Se queremos que construam com as crianças o conhecimento, precisamos construir com elas também nas formações.

Magaly

Acho que essa é a grande discussão das formações do PNAIC. Isso! A gente tem oportunidade de ainda fazer diferente.

Salete

Quando trabalhamos o caderno de apresentação das formações de Matemática, marcou muito para nós e para elas também. Foi marcante discutir qual a aprendizagem que elas tiveram nas aulas de Matemática.

Magaly

No PNAIC anterior, de Língua Portuguesa, também discutimos que dependendo da concepção que elas estavam usando com a criança, não estavam dando conta daquilo que estavam colocando da boca para fora como um discurso já assumido “Eu trabalho alfabetização na perspectiva do letramento!”, mas a partir do momento que eu olho a minha prática, vejo que eu não estou trabalhando alfabetização na perspectiva do letramento, que estou trabalhando muito o tradicional, eu tenho que correr atrás de muitas coisas, da minha própria prática. Eu acho que foi a mesma coisa que vocês perceberam

com a Matemática.

Nelem

O letramento entra fortemente junto com a Alfabetização Matemática. Eu não consigo ver as duas coisas desvinculadas. Embora a gente saiba que está bem distante, uma coisa muito grande foi o PNAIC ter conseguido abrir pelo menos uma brecha nesse sentido. O letramento pela questão de leitura de mundo, em trazer para a Matemática o que comumente não se entende desse jeito.

Magaly

Em qualquer situação que a criança vá coexistir com outras pessoas, o letramento vai dar possibilidade a ela, de ascensão social. Em qualquer que seja a situação, tanto seja uma situação de um trabalho de linguagem oral, seja em um gênero escrito, em qualquer um desses momentos, ela usará o letramento para poder interagir com as outras pessoas.

Nelem

Na perspectiva do letramento, eu alfabetizo pensando no letrar, em como essa criança vai conseguir ler o mundo em que ela vive.

Magaly

Embora o assunto seja especificamente Alfabetização Matemática, em qualquer que seja a área em que a criança vá atuar, necessita que o professor desenvolva com ela as questões relacionadas ao letramento.

Salete

A escola cumpriu com o seu papel se a criança tem autonomia de resolver as situações no dia a dia. Se eu quero que aquele conteúdo escolar tenha sentido no mundo, então qualquer situação que esse conteúdo esteja presente, a criança deve ter essa autonomia para resolver.

Magaly

Acho que a gente conseguiu avançar no sentido de pensar que o tipo de problema para se trabalhar na sala de aula é o problema que realmente faz sentido.

Magaly

Nós fomos no ano passado em um evento em Minas Gerais, o Primeiro Seminário de Alfabetização, e eu assisti em uma das salas, uma comunicação, a respeito de uma pessoa que estava fazendo uma pesquisa que dizia sobre a

palavra letramento na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Ela fez um comparativo sobre o que as professoras diziam no discurso sobre o letramento e a observação na prática delas. Após isso, fez um questionário perguntando onde em sua prática está sendo utilizado o letramento. Ao final, demonstrou que o professor assume conceitos em sua fala, mas não sabe que aquele conceito é feito de forma diferente na prática dele. Porque na prática poucas mudanças são percebidas.

Edicléia

Até nós quando trabalhamos com as orientadoras, nos questionamos nesse sentido: será que nós somos sempre letrados? Ou ainda temos muito o que melhorar nessa parte? Por exemplo, um cartaz em uma loja diz: “50% de desconto em todo os produtos”. Se eu não sei o que significa aquele símbolo da porcentagem, já não sei o significado. Se eu não entendo aquela movimentação dentro da loja, todo mundo saindo e comprando um monte de coisas, se eu não sei a diferença entre o que é à vista e a prazo, se eu não entendo o desconto que eu tenho à vista, e o preço que eu tenho se for parcelado... Muitas vezes as pessoas têm muita dificuldade em perceber que se eu não estou tendo o desconto, quer dizer que os juros estão embutidos ali, na situação de compra.

Magaly

Ou será que sempre quando a gente vai comprar algo mais caro, um carro, uma casa... Você está vendo e muitas vezes se torna refém do vendedor ali com aquela calculadora científica, fazendo todos os tipos de cálculos e a gente não compreendendo.

Edicléia

Então a gente sempre busca esse letramento! É algo que a escola pode ir proporcionando, porém é ao longo da vida que a gente vai adquirindo isso.

Nelem

E até para a leitura política mesmo. Quanto que a gente é enganada pelas notícias, só pelo fato da gente não saber interpretar matematicamente o que elas estão dizendo? Um exemplo é a questão das divulgações de quantas pessoas cabem em uma passeata. Uns dizem que tem tantas pessoas em uma passeata já outros dizem ter a mais ou a menos, dependendo dos interesses.

Não só de quantidade, mas de espaço, de tudo.

Magaly

Até o próprio uso de estatística. Por exemplo, eu posso fazer a leitura das informações e usar essa leitura da informação, dependendo do meu letramento para a forma que me convier! Para o meu interesse! Daí que tem muito a ver a questão da Alfabetização Matemática, ela tem um cunho de poder muito grande.

Nelem

Talvez agora a gente esteja entendendo como Paulo Freire falou anos atrás da questão da transformação social que a leitura ia promover naquela época, talvez a gente esteja procurando isso na Matemática.

Coringa 2

O professor Bruno via a leitura como algo importante no processo de compreender o porquê das coisas, o quanto ela o ajudava na interpretação das situações-problema, na compreensão da Matemática.

Coringa 1

Bruno via que as dificuldades que os colegas tinham na infância, ele não tinha. Com isso pode ajudá-los na interpretação das atividades. Para ele, a leitura colaborou no sentido de ajudá-lo a entender que não existe apenas uma interpretação.

Nelem

Nas formações a gente se viu analfabeto! E eu acho que não foram só as orientadoras nas formações e nem só as alfabetizadoras como vimos aqui nesse jogo, eu me senti analfabeta!! Quando me dei conta na formação, de quanto eu tive que ir atrás...

Salete

Correr, estudar, nossa! Não era um estudar de procurar no livro, era fazer sentido para você.

Nelem

E à medida que faz sentido para você, criar um modo de fazer aquilo acontecer com as orientadoras. Por isso que eu digo, às vezes a gente teve perna, às vezes faltou muita perna.

Edicléia

Faltou braços (risos).

Nelem

Vejo o quanto nossas pernas não alcançaram e o quanto que a gente alcançou, mas não foi do jeito que a gente quis e o quanto saiu melhor do que a gente quis. Vejo que algumas coisas, só hoje estão fazendo sentido. Porém, isso eu só fui entender agora. (Risos) E é legal isso, porque depois que você viu tudo que aconteceu e o quanto que ficou faltando...

Magaly

Acho que até para nós que somos formadoras, a gente também foi sendo formado ao longo da nossa caminhada. Porque a gente também não recebeu na nossa formação inicial o papel do letramento. Estava muito distante da gente e da nossa formação inicial. Ao longo do nosso processo de constituição como formadora, também tivemos que correr atrás dos diversos letramentos para dar conta de trabalhar com esse professor, a construção da identidade profissional dele.

Nelem

Uma amiga falava uma frase que eu guardei muito para mim e acho que vou levar para o resto da vida, “a gente tem uma dívida social com a Matemática”, dívida que Paulo Freire falava na época em relação à leitura.

Edicléia

Os jogos possibilitam muito essa Alfabetização Matemática, visto que as crianças vão conversar, vão se expressar através da oralidade e vão fazer leitura das regras dos jogos. A leitura e a escrita se fazendo presente em um contexto que a criança gosta! Muitas vezes nós queremos letrar as crianças, mas usando um contexto social muito longe dela. Os jogos são próximos. Tem tudo a ver com a questão da infância, e se nós estamos trabalhando com crianças, nada melhor que trazer o lúdico para proporcionar aprendizagem!

Magaly

Os professores falaram em jogos em falaria ludicidade pois é mais amplo.

Coringa 3

Apresentamos no palco dessa dissertação três formas da criança brincar. A primeira, o jogo simbólico, segundo o jogo protagonizado como unidade fundamental do jogo e o terceiro o jogo de regras. Os objetos reais, na ação lúdica, são substituídos por outros objetos e conforme a criança vai

crecendo deixará aos poucos de se prender aos objetos e passará a se prender a ação das pessoas, dessa forma, portanto, a atividade principal que estava relacionada com os objetos dá origem ao jogo de papéis. Ao brincar, a criança substitui os objetos e as ações, assumindo diferentes papéis que servem de base para o desenvolvimento da imaginação. O lúdico desenvolve a imaginação tão necessária no processo de alfabetização e por toda a vida. A imaginação é uma das funções psicológicas superiores e se desenvolve na interação social e em conexão com o desenvolvimento da brincadeira.

Coringa 4

Na brincadeira um objeto se transforma em brinquedo, como exemplo o cabo de vassoura que vira cavalo, os palitos utilizados para contagem também mais tarde são substituídos pelos signos matemáticos. A criança compreenderá mais tarde que o signo representa uma certa realidade, isto é, que o número representa uma quantidade de palitos que foram contados, que aquele cabo de vassoura é um signo que representa um cavalo real. Assim, tanto para assimilar os rudimentos da Matemática, quanto na brincadeira, requer da criança uma maturidade da função simbólica.

Coringa 3

Para compreender o papel da simbolização que pode ser vista no jogo pelo menos duas vezes, a primeira como passagem da ação de um objeto para outro, e a segunda vez quando a criança assume o papel de um adulto é de suma importância a evolução das ações no jogo.

Coringa 1

A relação da Matemática com o lúdico é de que este é um simbolismo de primeira ordem enquanto a Matemática é um simbolismo de segunda ordem. O brinquedo faz parte da construção do simbolismo na criança, pois na brincadeira uns objetos podem denotar outros se tornando seus signos. Do mesmo modo que existem objetos no mundo, existem também imagens e signos.

Salete

Quando os professores contaram do trabalho que desenvolvem hoje com as crianças, os jogos e as histórias tiveram destaque em suas narrativas.

Edicléia

Acredito que foi aquilo que mais marcou o próprio professor durante as

formações. Porque no momento dos jogos, eles se divertiam como também se divertiam com as histórias contadas. Assim como prende a atenção de aluno, prende a atenção de adulto. Na verdade, aquilo que foi encantando os professores que eles foram gostando mais, foram colocando mais em prática.

Magaly

O jogo pelo jogo não leva a nada. O professor deve ter uma intencionalidade com o material. A palavra jogo me inquieta por isso! Em virar conteúdo.

Nelem

Por isso que eu estou falando do material, qualquer coisa que você colocar o material pelo material não leva a nada. Corre-se o risco de virar conteúdo! Uma coisa que me marcou muito em relação a jogos, foi do espaço legítimo para resolver problemas. O jogo é um espaço legítimo de resolver problema. Porque no jogo tem sentido ela somar uma quantidade, ela multiplicar uma quantidade, ela comparar uma quantidade. Por isso que eu falei que eu gostaria que uma criança falasse o que pensou na aula de Matemática. Pensando no sentido de que ela se compreende como pensante daquilo, porque aquilo extrapolou um conteúdo, ela consegue entender o funcionamento, as relações entre as ideias matemáticas ali e não só ao algoritmo, no caso. Os jogos trazem uma reunião da Língua Materna com a Matemática. As histórias também assim como as situações-problema. Qual é a grande vantagem em apresentar uma situação-problema para a criança? Você está trazendo uma base de sustentação da língua para que ela entenda as ideias Matemáticas que estão ali. Nilson Machado fala da impregnação mútua, a impregnação da Língua Materna com a Matemática. Ele fala que isso, é condição de conhecimento. Sem isso a alfabetização não se completa. No entanto, a gente não conseguiu deixar isso visível nas formações, de certa forma a gente deixou que os jogos e as histórias aparecessem mais.

Magaly

Dois professores apenas falaram em letramento. A perspectiva do letramento não existiu para eles. Embora tenham assumido o discurso do letramento na prática ele ainda não existe!

Edicléia

Nós falamos tanto dessa questão de que em Matemática seria tão

importante o aluno falar como ele pensa, explicar como ele pensa.

Coringa 2

Ouvir, permitindo que a criança fale não o que se quer ouvir, mas o que ela tem a dizer. Olhar no olho do outro, respeitando a individualidade na coletividade “Olhar para cada um”, perguntar não só o que ainda não compreendeu, todavia o que quer saber. Ter prazer em estar junto, gostar, sendo professora, sem ser mãe como disse a professora Noeli.

Coringa 1

Mesmo observando que houve um grande avanço em relação a infância dos professores, como exemplo das professoras Ivana, Noeli que não eram ouvidas e agora ouvem seus alunos, ainda dá impressão que a Matemática é algo só registrada e que não tem oralidade, não pode ser expressa para que a outra pessoa entenda o que a gente está pensando.

Edicléia

Dá impressão que aqueles termos mais importantes, ainda estão sendo deixados de lado.

Coringa 1

Exato. Um ou outro falou da oralidade e da Língua Materna e a Matemática.

Magaly

A palavra letramento deveria estar em primeiro lugar na narrativa dos professores quando falam de seu trabalho com as crianças na atualidade.

Nelem

Eu não sei se teriam que ter falado mais da Língua Materna e Matemática e aí o letramento. É que eu estou pensando muito na condição de conhecer. Quando você une Língua Materna e Matemática, você tem uma condição para conhecimento. E aí adiciona letramento. Mas sem esse primeiro passo, onde você não reúne as coisas, a Matemática fica sem sentido. Ela precisa da Língua Materna assim como muita coisa na Língua Materna precisa de algumas ideias matemáticas. Sei lá, eu acho que começaria pelos dois.

Salete

Se for considerar isso que você está falando, você considerar inicialmente a Língua Materna e a Matemática você já está de fato considerando que a criança tem uma história.

Nelem

Exato. A criança não chega vazia.

Salete

Ela chega na escola e lá ela vai tomar consciência de que a Matemática já fazia parte da vida dela há muito tempo.

Coringa 1

Interessante isso que vocês estão falando, porque a professora Marta quando disse que ao vender o leite, receber o dinheiro não tinha ideia que naquilo estavam envolvidas questões matemáticas.

Coringa 3

Assim como a professora Suzan disse não saber que o fazer do balaio em família com a vó estavam implícitas as questões matemáticas. Tomou consciência disso só depois na escola.

Edicléia

O letramento por primeiro no sentido de visão de mundo. O mundo está aí, as coisas estão postas, mas o entendimento dessas coisas é que precisa ser desenvolvido.

Magaly

Eu concordo com a Nelem que a Língua Materna e a Matemática tivesse que aparecer em todas as narrativas dos professores, porque é condição de conhecer. Para que eu possa dominar qualquer que seja a área, qualquer coisa, eu preciso da linguagem, eu preciso ter a Língua Materna, se não tiver, eu não tenho nada.

Nelem

E não é só a Língua Materna nela mesma e muito menos a Matemática nela mesma, mas essa reunião.

Edicléia

Eu entendi. Imagine nós em um país diferente... Você vai lá, todo mundo fala inglês...

Magaly

Por mais que você conheça muitas coisas...

Edicléia

Você perde a sua condição de letramento. Com certeza! Por mais ampla que seja a tua visão de mundo...

Nelem

Você não ia conseguir ler aquele mundo ali não!!

Edicléia

...você não vai ter autonomia nenhuma ali. Realmente, você tem razão.

A linguagem é o mais importante.

Nelem

Eu acho que não é o caso de ser o mais importante...

Magaly

Está imbricado na aprendizagem.

Nelem

Está muito junto.

Coringa 2

Dá para pensar na questão das crianças indígenas. Elas estão em um contexto que se fala em *Kaingang* e quando chegam na escola toda informação, o trabalho com os conceitos se dá na sua segunda língua.

Nelem

E até por isso que estamos falando Língua Materna, não a Língua Portuguesa.

Coringa 3

Porque mesmo sendo o Português a língua oficial em nosso país, o que se espera é que haja em um futuro próximo, profissionais suficientes para atuarem com as crianças alfabetizando-as na língua em que são falantes e o Português como uma segunda língua.

Salete

Pensar nisso é possível perceber que será acolhedor, no sentido que se fará na condição delas e não na condição do professor e/ou do sistema.

Nelem

É, eu acho que isso que você falou, também, é o que sustenta isso aqui, porque é muito fácil no discurso “aí, eu parto do universo da criança”, mentira gente!! A gente não parte, porque a gente nem ouve o que ela fala. Ou nem entende o que ela diz.

Coringa 2

Por isso que as crianças da aldeia falaram pouco nesse jogo protagonizado. O problema é que perguntamos do nosso modo e assim, o

conhecimento espontâneo adquirido na relação com os outros na aldeia, antes de chegar na escola, é desconsiderado. Na verdade, não é só a língua que se perde, como disse a professora Suzan, mas também a própria cultura.

Coringa 1

Se tivéssemos perguntado às crianças em sua Língua Materna, provavelmente ouviríamos delas muito mais coisas que já conhecem do que perguntando na segunda língua, o Português.

Coringa 3

Isso que vocês estão falando é muito importante. A relação da Língua Materna, seja *Kaingang* das crianças da aldeia ou a Língua Portuguesa das demais. A língua nativa, aquela que a criança aprende, enfim que faz parte do grupo étnico-linguístico com o qual ela se identifica culturalmente, precisa ser aquela em que a criança deve ser alfabetizada.

Coringa 2

Isso é o que a legislação propõe, no entanto não é o que ocorre. As crianças na aldeia, são alfabetizadas na Língua Portuguesa.

Coringa 1

Elas têm aulas na Língua Materna, contudo a alfabetização ocorre na segunda língua como disse a professora Suzan.

Coringa 3

Isso ainda é algo que precisa ser conquistado.

Nelem

Algo que falamos bastante é que uma coisa não estava desvinculada da outra. Nada estava desvinculado, que o importante era a questão do letramento. A perspectiva do letramento, por quê? Porque estava reunindo tanto a linguagem quanto a Matemática. Linguagem no sentido da língua que é social quanto a fala que é individual.

Nelem

Nas formações de Matemática, desde o primeiro caderno, falamos dessa articulação, da necessidade de o professor articular Língua Materna com a Matemática. Língua Materna como a primeira língua aprendida. No caso das crianças indígenas a língua *Kaingang* e das outras crianças, a Língua Portuguesa. Que a criança não daria conta da Matemática sem usá-la. As duas estavam juntas!

Magaly

A relação entre a Língua Materna e a Matemática apareceu na narrativa do professor Bruno quando disse “Eu vejo que quem tem dificuldade em Português fatidicamente vai ter dificuldade em Matemática, infelizmente, por causa da interpretação”. É condição mesmo!

Nelem

Isso é algo importante que apareceu nas narrativas. A Língua Materna das crianças não é a mesma. As crianças da aldeia cresceram imersas na Língua *Kaingang* enquanto as outras, a Língua Materna é a Língua Portuguesa.

Magaly

Mas até aqueles que falam a mesma língua, a maioria dos professores não sabe o que as crianças pensam. É dolorido dizer, todavia a gente não faz ideia do que ela pensa, não consegue trazer a voz dessa criança para daí construir com ela. Não consegue, porque está preocupado com a questão conteudista. Está tão preocupado com conteúdo que não tem nem espaço para ouvir a criança, quando isso seria o primeiro passo. Esse sim, com certeza seria!

Coringa 2

A Matemática não se aprende somente na escola, no entanto também no dia a dia, nas relações sociais em contato com os outros da sua própria comunidade e em contato com outras culturas e com o mundo. Nas brincadeiras, nos questionamentos, nas atividades práticas, enquanto as crianças estiverem em cena em um processo de colaboração com seus professores os conceitos espontâneos construídos antes de chegarem à escola se transformarão em conceitos científicos, por um processo de análise e compreensão e elas estarão na condição de protagonistas do processo. Estarão, em movimento, em processo em cena na construção desse conhecimento.

Coringa 3

Se a criança não tivesse noções de quantidade antes de chegar à escola, a existência do número não teria significado. Se não tivesse ideia de seca, animais, grandes espaços não conseguiria formar uma imagem sobre o deserto. Com experiências acumuladas, construímos com estes elementos

imagens de que falamos. As experiências dos outros também ajudam a construir imagens do meio. A imaginação é orientada também pelas experiências alheias.

Coringa 3

As interações entre as pessoas e com a cultura têm papel central no desenvolvimento das funções psicológicas superiores tais como atenção, memória, imaginação abstração entre outras funções. Os processos superiores são processos mediados e a linguagem é o principal instrumento utilizado.

Coringa 2

Essas experiências narradas pelos protagonistas podem ser assimiladas por outras pessoas, pela imaginação. A imaginação se apoia na experiência pessoal e na experiência dos outros. Ela possibilita que as experiências sejam ampliadas. Imaginando, aquilo que a criança nunca viu poderá – a partir da descrição dos outros – partilhar experiências que não viveu.

Coringa 4

A memória organiza as experiências que já aconteceram e que se repetem, enquanto a imaginação organiza o comportamento jamais encontrado na sua experiência pessoal.

Coringa 2

Nesse jogo protagonizado, imagens construídas ao longo da infância tornam-se realidade nas narrativas apresentadas. A materialização dessas imagens se torna tão real capaz de influenciar o universo que nos cerca. E assim, apropriadas pelos outros, reconstruídas transformam-se em produtos da imaginação para voltarem outra vez para a realidade. Quem sabe em outras dissertações, trazendo junto um novo olhar, capaz de transformar essa realidade prosseguindo um ciclo da atividade humana.

Coringa 3

O que poderiam os professores da sua infância desejar? Se o modo era que se adaptassem ao mundo? Apenas o nada. Nada para buscar, nada para desejar e nada para criar. A inadaptação deve fazer parte do processo de alfabetização pois através dela surgem as necessidades, os desejos, as aspirações os quais são impulsos que colocam em movimento o processo imaginativo.

Coringa 1

Se queremos que as crianças avancem em seu processo de alfabetização, precisamos ampliar suas experiências. Quanto mais a criança experimentar, ouvir, ler, assimilar, aprender. Quanto mais elementos da realidade tiver a sua disposição mais importante e criativa será sua imaginação

Coringa 2

De uma forma ou de outra, os professores disseram estão ouvindo as crianças. Talvez não da maneira que a gente esteja pensando agora em relação do que elas sabem de Matemática antes ao chegar à escola, contudo elas contam que ouvem as crianças. A professora Noeli por exemplo, ouve o que elas sabem do assunto, a professora Suzan mesmo, diz se admirar comparando o tempo da sua infância com as crianças de hoje que falam... Todos os professores alfabetizadores que aqui no palco estiveram têm projeto com a leitura e um espaço para que as crianças lhes contem o que leram...

Coringa 2

Isso é verdade. Ouvir as crianças de fato é um grande avanço.

Magaly

Acho que nem nós, na nossa educação, nem os professores aprendemos a valorizar a história dos outros ou até mesmo a nossa história. A gente está aprendendo ao longo do processo. Tinha algo pronto que era o conhecimento científico que tinha que ser depositado em mim. Ninguém tinha que se preocupar se aquilo no momento fazia sentido ou não, tinha que aprender aquilo e acabou.

Salete

Fazia sentido se cabia ou não no meu balde. Como dizia o outro, enfiava a criança dentro daquele vidro, e se aquele vidro fosse P, M, G, não interessava, tinha que caber ali dentro. Era o vidro que tinha para o momento! (risos)

Magaly

Para o professor também é difícil, porque quando a gente instiga o outro a falar, muitas vezes a fala do outro também vai mexer com a gente.

Nelem

E mexe!

Magaly

Porque tira a gente da nossa condição de superior ao outro. O que eu vou fazer com essa fala da criança? Se ela traz uma fala e eu sei que é significativo para ela, o que eu vou fazer? Será que eu consigo fazer o meu planejamento da mesma forma que eu faria sem ter escutado e depois que eu já escutei será que eu consigo fechar os olhos?

Nelem

É um movimento entre pessoas. É interpessoal.

Salete

Isso tira toda a certeza do professor. O caminho vai sendo construído. Esse caminho não tem um começo, meio e fim já, de pronto.

Magaly

E outra, esse caminho não tem um começo, mas o meio dele pode ser em qualquer lugar e talvez não tenha fim! Com certeza é o ir que faz o caminho!

Magaly

Se a gente for comparar o que o professor contou da sua infância para o trabalho que desenvolve em sala de aula hoje, acho que houve um avanço muito grande. Sabe por quê? Se ainda ele não colocou isso tudo no cotidiano dele, pelo menos já abriu os olhos para novas perspectivas. Não vai acontecer na formação da pessoa uma transformação de uma hora para outra. Existem muitas coisas arraigadas, cristalizadas em seu trabalho e nas quais acredita que para colocar outras no lugar demanda tempo para desconstruir, ou reconstruir e ainda construir novas.

Nelem

A mudança é lenta.

Coringa 1

O que me alegrou foi ver as salas de aula se modificando de cadeia, celas ditas pela professora Noeli, organizadas de apenas um jeito para todos os dias, para um ambiente que se modifica conforme o trabalho desenvolvido com as crianças. Na fala da professora Noeli, os alunos não ficam sentados de uma única maneira como era em sua infância. Ela muda o ambiente, para contar histórias, faz círculo no chão, no meio da sala, na frente. Observa-se uma dinâmica diferente na sala. Professores e alunos começando a interagir e tentando construir mutuamente no processo de ensino-aprendizagem. Ainda é

lento, mas o processo já começou.

Nelem

Eu tenho pensado muito nessa condição de conhecer. Não tem como desvincular uma coisa da outra e talvez o sentido da alfabetização esteja nisso, na relação da língua com a Matemática.

Salete

Tanto do ponto de vista de letra ou de número, ou de espaço e forma, seja do que for na Matemática, ou seja o símbolo que for na língua, alfabeto, ou, enfim, é você trazer a vida dessa criança para dentro da escola, junto com tudo e junto você dar uma condição para que ela passe a se interessar por conhecer.

Magaly

É quase que uma inauguração dessa criança na cultura letrada. Inauguração nessa cultura, mas não é uma inauguração como se não existisse antes. Ela nasceu vendo números, vendo letras, vendo tudo, no entanto, o entender isso, tomar consciência sobre, grande parte acontece na escola.

Salete

É verdade. Uma inauguração de que agora tudo o que eu tenho vai fazer sentido de outro ponto de vista, porque agora eu vou passar a ler isso de outra forma. E daí isso é para sempre. Não é até os 8 anos, não! Isso é para sempre. Daí que a gente fala que essa alfabetização na perspectiva do letramento é para o resto da vida.

Nelem

Igual quando fizemos o curso lá de licenciatura. Nos deparamos com cálculo, com símbolos que nunca tínhamos visto na vida e foi preciso ser alfabetizada de alguma maneira. Embora a gente não tenha conseguido e aquilo não ficou para a vida (risos). Talvez tenha sido só pelo código. Saímos dali e esquecemos. Acho que é mais ou menos isso, quando a gente conseguir trazer todas essas experiências juntas e inaugurar essa leitura de mundo... Não é preparar o cidadão, ele já vai fazendo parte, vai ampliando essa participação na sociedade e vai se inteirando cada vez mais em tudo. Assim ele consegue ler esse mundo!

Magaly

Eu acho que cabe muito uma frase que ouvi na abertura de um curso, é

de Paulo Freire, que diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Nesse sentido, acho que a leitura desse mundo que a gente escancara para a criança a partir do letramento, precede qualquer outra leitura. A criança vai conseguir fazer uma relação daquilo que ela já traz de história dela enquanto pessoa, enquanto experiências naquele local. A escola que não é desvinculada da sociedade, mas pelo contrário, ela tem que estar no centro daquela sociedade e atender as perspectivas da sociedade, daquele momento.

Nelem

A escola tem que entender que não é mais só ela quem educa, quem ensina. Não tem como falar que o nosso objeto de trabalho é só a questão cognitiva, não se desvincula a questão cognitiva da criança se você não pensar nela enquanto um sujeito que tem corpo, que esse corpo precisa ter movimento, que ele tem sentimentos, que esses sentimentos precisam ser trabalhados dentro da integração. Acho que a gente também é desafiada a ter uma outra percepção de ensino, e continuar correndo atrás.

Coringa 3

Acho que nos episódios futuros será possível apresentar, ao menos se espera, narrativas em que os professores estão estabelecendo relações mais enfáticas da Matemática com a Língua Materna, da Matemática com o letramento, da Matemática com a vida, com as histórias das crianças.

Coringa 2

Quem sabe nesses episódios futuros, ouvir as crianças na sua própria condição, isto é, na língua delas.

Suzan

(falando da plateia)

Perguntar na língua delas, provavelmente elas falarão mais, como vocês mesmo disseram: na nossa condição!!

Coringa 4

Alfabetização Matemática é um ato lúdico por quê...

... agora me faltam as palavras

Elas me escapam...

Sem elas, é difícil explicar!

Tenho vontade, mas não as encontro para expressar meu pensamento.
Na memória, na qual guardo minhas relações com a Matemática, não as
encontro para explicar a relação do lúdico com a Matemática.
Hei de continuar procurando por elas, nas experiências cristalizadas dos
outros.

Nada queria ocultar, mas faltam-me as palavras.
Continuarei indo ao encontro delas para que o misterioso se torne
conhecido,
Como na infância, em que desejava seguir a longa estrada para saber o que
havia depois das montanhas as quais se apresentavam em forma de colcha
de retalhos.

Segui a longa estrada...
Mas ela continua tão longa estrada...
Com outras montanhas...
o que será que há depois delas?
Ainda me faltam palavras para explicá-las...
Por isso terei que seguir adiante, ainda tão longa estrada...

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBERTI, V. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMARAL, A. M. **O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

BAKHURST, D. A memória social no pensamento soviético. In: DANIELS, H. (Org.). **Uma introdução a Vigotsky**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. Disponível em: <<https://artenocampo.files.wordpress.com/2013/09/teatro-do-oprimido-e-outras-poc3a9ticas-polc3adticas-1.pdf>>. Acesso: 15 dez. 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Apresentação**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (a)

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Organização do trabalho Pedagógico**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (b)

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Quantificação Registros e Agrupamentos**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (c)

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Construção do Sistema de Numeração Decimal**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (d)

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação Matemática do campo**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (e)

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Operações na Resolução de Problemas**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (f)

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Geometria**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (g)

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Grandezas e Medidas**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (h)

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação Estatística**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (i)

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Saberes Matemáticos e outros saberes**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (j)

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: jogos na alfabetização matemática**. Brasília: MEC, SEB, 2014. (k)

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1.º, 2.º e 3.º anos) do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2012.

BRUNER, J. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

BURIASCO, R. L. C. de. **A Matemática de fora e de dentro da escola: do bloqueio à transição**. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 1988. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/gepema/Disserta%E7%F5es/BURIASCO%20-%20Disserta%E7%E3o.pdf>> Acesso em: 1 jun de 2015.

CAMPOS, M. F. T. de S. **Jogos e Materiais Concretos em livros didáticos de Matemática das séries iniciais do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG: UFMG, 2009. 212 f. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-83WQ6Q/campos__maria_fernanda_ts___disserta__o_2009.pdf?sequence=1> . Acesso em: 5 abr. 2015.

CRUIKSHANK, J. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 149- 164.

DANIELS, H. **Uma introdução a Vygotsky**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Vygotsky e a pesquisa**. São Paulo, Edições Loyola, 2011.

DEMARTINI, Z. de B. F. Infância, pesquisa e Relatos Oraís. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 3.ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2009.

DINIZ, A. F. M. As borboletas de Zagorski: uma análise de princípios da defectologia Vigotskiana. **História & Ensino**, Londrina, v. 20, n.2. jul/dez. 2014. p. 171-189. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/17933/15995>>. Acesso em fev.2015.

ECO, H. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

FONSECA, M. da C. F. R. Alfabetização Matemática. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Apresentação. Brasília: MEC, SEB, 2014, p. 27-32.

GARNICA, A. V. M.; MARTINS-SALANDIM, M. E. A lateralidade e os modos de ver e representar. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Geometria. Brasília: MEC, SEB, 2014, 60-72.

GUERIOS, E.; AGRANIONIH, N. T.; ZIMER, T. T. Ao chegar à escola.... In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Operações na Resolução de Problemas. Brasília: MEC, SEB, 2014, p. 6-8.

_____. Cálculos e resolução de problemas na sala de aula. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional.

Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Operações na Resolução de Problemas. Brasília: MEC, SEB, 2014, p. 9-16.

HARTMANN, I. M.; CARBELLO, S. R. C. Reiventando o mundo através da arte: relato de uma experiência. Anais... **XI Semana de Pedagogia**, 2003. Maringá.

JARAMILLO, D.; FREITAS, M. T. M.; NACARATO, A. M. Diversos caminhos de formação: apontando para outra cultura profissional do professor que ensina matemática. In: LOPES, C. A. E. (Org.). **Escritas e leituras na educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.163-190.

KOZULIN, A. Pensamiento y lenguaje. In: _____ (Org.). **La psicología de Vygotski: biografía de unas ideas**. Alianza Editorial, 1994.

_____. O conceito de atividade na psicologia soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos. In: DANIELS, H. (Org.). **Uma introdução a Vygotsky**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LACANALLO, L. F. **O jogo no ensino da matemática: Contribuições para o desenvolvimento do pensamento teórico**. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/SITE%20PPE%202010/teses/2011-Luciana-Lacanal.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

LE GOFF, J. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEITE, C. D. P. **Labirinto: infância, linguagem e escola**. Tese de doutorado. Campinas, 2002.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKII, L. S. et al. (Orgs.). **Linguagem, Desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2014. p. 119-142

LEVY, P.. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo. Editora 34, 1993.

LIMA, J. M. de. **O jogo como recurso Pedagógico no contexto educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2008.

LOPES, A. R. L. V.; ROSS, L. T. W.; BATHELT, R. E. Número: de qualidades a quantidades. In: BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à

Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** Quantificação, registros e agrupamentos. Brasília: MEC, SEB, 2014, p. 33-41.

LOPES, A. J. Resolução de problemas. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização Idade Certa:** Saberes matemáticos e outros campos do saber. Brasília: MEC, SEB, 2014, p. 12- 24.

LURIA, A. R. A psicologia experimental e o desenvolvimento infantil. In: VIGOTSKII, L. S. (Org.). **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** São Paulo: Icone, 2014, p.85-102. (b)

_____. Diferenças culturais de pensamento. In: VIGOTSKII, L. S. (Org.). **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** São Paulo:Icone, 2014, p.39-58. (a)

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral:** Como fazer, como pensar. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MINICK, N. O desenvolvimento do Pensamento de Vygotsky: Uma introdução a *Thinking and Speech* (Pensamento e Linguagem). In: DANIELS, H. (Org.). **Uma Introdução a Vygotsky.** São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 31-59.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORAIS, A. G. de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização? In: _____. (Org.) **Alfabetização:** apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 29-46.

MORETTI, V. D.; SOUZA, N. M. M. de. **Educação Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental:** princípios e práticas pedagógicas. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MUNIZ, C. et al. Caixa Matemática e situações lúdicas. In: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** Construção do Sistema de Numeração Decimal. Brasília: MEC, SEB, 2014. (a)

_____. Agrupamentos e trocas. In: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade**

Certa: Construção do Sistema de Numeração Decimal. Brasília: MEC, SEB, 2014. p. 27-32. (b)

_____. Agrupamento e posicionamento para construção de procedimentos operatórios. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** Construção do Sistema de Numeração Decimal. Brasília: MEC, SEB, 2014. p.79-82. (c)

_____. Papéis do brincar e do jogar na aprendizagem do SND. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** Construção do Sistema de Numeração Decimal. Brasília: MEC, SEB, 2014. p. 38-46. (d)

MUNSBURG, J. A. S.; FELICETTI, V. L. **A sala de aula como espaço de formação mútua dos sujeitos.** Disponível em: <http://www.sbec.org.br/evt2014/joao_alberto_steffen_munsuberg.pdf>. Acesso em: 10 jun de 2014.

NACARATO, A. M.; MENGALI, B. L. da S.; PASSOS, C. L. B. **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental:** tecendo fios do ensinar e do aprender. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

NACARATO, A. M.; PASSOS, C. L. B.; GRANDO, R. C. Organização do trabalho pedagógico para a alfabetização matemática. In: BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** Organização do trabalho Pedagógico. Brasília: MEC, SEB, 2014, p. 6-15.

NACARATO, A. M. Eu trabalho primeiro o concreto. **Revista Educação**, v.9, n.10, 2005, p.1-6. Disponível em : <<https://flautas.files.wordpress.com/2010/10/eu-trabalho-primeiro-no-concreto.pdf>>. Acesso em: 05 de abr.2015.

PELLATIERI, M. **Letramentos matemáticos escolares nos anos iniciais do ensino fundamental.** 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação. Universidade São Francisco. Itatiba, 2013.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: História: Ética, História Oral. **Revista Projeto História 15** do Programa de estudos Pós-graduados em História e do departamento de História. São Paulo, n.15, abr.1997. p. 13-33.

_____. **Ensaio da História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRESTES, Z. R. Guita Lvovna Vigodskaja (1925-2010), filha de Vigotski: entrevista. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, set./dez. 2010. p. 1025-1033. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n141/v40n141a17.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2014. (a)

_____. **Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Repercussões no campo educacional**. 295 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília. Brasília: _____ 2010. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tedesimplificado/tde_arquivos/45/TDE-2010-09-15T091824Z-5044/Publico/2010_ZoiaRibeiroPrestes.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2014b.

PROPP, V. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, L. C. da.; CAMBAÚVA, L. G. A História da Psicologia e a Psicologia na História. In: FACCI, M. G. D. (Org.). **Escola de Vigotski: contribuições para a Psicologia e a educação**. Maringá: Eduem, 2009, p. 15-34.

SILVA, M. P. F. da. **Coleção, colecionador, museu: entre o visível e o invisível**. Um estudo acerca da casa de Cultura Christiano Câmara em Fortaleza, Ceará. 141 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010. Acesso em: 27 fev. 2015. Disponível em: <http://ppg-pmus.mast.br/dissertacoes/Dissertacao_Michel_Platini_Fernandes.pdf>

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, K. do N. V. Alfabetização Matemática: considerações sobre a teoria e a prática. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, Marília, v.10, n. 1, 2010, p. 1-13. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/273/259>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

SOUZA, K. do N. V. **Alfabetização Matemática: considerações sobre a teoria e a prática**. Universidade Estadual Paulista (campus Marília). Disponível em:

<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/273/259>>.

Acesso em: 30 abr. 2014.

SPINILLO, A. G. Para que serve a matemática na perspectiva das crianças. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Quantificação, registros e agrupamentos**. Brasília: MEC, SEB, 2014, p. 32.

THOMSON, A. Reconstruindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: PORTELLI, A. (Org.). **Ética, História Oral**. São Paulo: Projeto História 15, 1997.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002

TULESKI, S. C.. A História da Psicologia e a Psicologia na História. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Escola de Vigotski: contribuições para a Psicologia e a educação**. Maringá: Eduem, 2009, p. 35-62.

_____. **Vygotski: A construção de uma psicologia marxista**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2008.

VEER, R. V. D.; VALSINER, J.. Vigotski como filósofo da ciência. **Pesquisas Psicossociais**, São João Del-Rei, p. 144-147, jul./dez. 2013.

VECE, J. P.; MOCROSKY, L. F.; PAULO, R. M. Diferentes enfoques no ensino de números. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Quantificação, registros e agrupamentos**. Brasília: MEC, SEB, 2014, p. 55-61.

VIANNA, C. R.; ROLKOUSKI, E. A criança e a Matemática escolar. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Apresentação**. Brasília: MEC, SEB, 2014, p. 19-26.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. Tradução de João Pedro Fróis. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

_____. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas sociais**, jun./2008. Disponível em: <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>. Acesso em: fev de 2015.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e palavra**. In: _____ (Org.). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p. 395- 496.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKI, L. S. *La memoria y su desarrollo en la edad infantil*. In: _____. (Org.) **Obras Escogidas II**. Madrid: Visor Aprendizage y Machado Libros, 2001. p. 369-381. (a)

_____. *Pensamiento y Palabra*. In: _____. (Org.). **Obras Escogidas II**. Madrid: Visor Aprendizage y Machado Libros, 2001. p. 287-348. (b)

_____. *La imaginación y su desarrollo en la edad infantil*. In: _____. (Org.). **Obras Escogidas II**. Madrid: Visor Aprendizage y Machado Libros, 2001c. p.423-438.

_____. *Desarrollo de las operaciones aritméticas*. In: _____. (Org.). **Obras Escogidas III**. Madrid: Visor Aprendizage y Machado Libros, 2012a. p.207-211.

_____. *La crisis de los siete años*. In: _____. (Org.). **Obras Escogidas IV**. Madrid: Visor Aprendizage y Machado Libros, 2012b. p. 377-386.

WARNER, M. **Da fera à loira**: sobre os contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

YUNES, E. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymará, 1999.

ANEXOS

ANEXO A – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Bruno Alberto Garcia e termos de autorização.

ANEXO B – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Gabrieli Balansin e termos de autorização.

ANEXO C – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Ivana Lucia Balansin e termos de autorização.

ANEXO D – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Noeli Checelski de Abreu e termos de autorização.

ANEXO E – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Natieli Sales e termos de autorização.

ANEXO F – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Osni Alves e termos de autorização.

ANEXO G – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Marta Jovinski Burkot e termos de autorização.

ANEXO H – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Joelize da Siqueira Silva e termos de autorização.

ANEXO I – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Suzan Carneiro Cipriano e termos de autorização.

ANEXO J – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com as formadoras Nelem Orlovski, Magaly Quintana Pouzo Minatel, Salete Pereira de Andrade, Edicléia Xavier da Costa e seus respectivos termos de autorização.

ANEXO A - Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Bruno Alberto Garcia e termos de autorização.

Nome do entrevistado: Bruno Garcia

Local da Entrevista: Escola Municipal Guilherme Ceolim

Nome do entrevistador: Iloine Maria Hartmann Martins

Transcritor: Iloine Maria Hartmann Martins e Luana Hartmann Tramarin

Data da entrevista: 20 de abril de 2014.

Data da transcrição: 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12.... de maio de 2014

Pesquisadora: Então boa tarde Bruno.

Bruno: Boa Tarde.

Pesquisadora: Nossa matrícula de entrevista é no município de Pinhais, no dia 20 de maio de 2014. A respeito do projeto Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento. E o nosso entrevistado é o professor Bruno Garcia. Professor Bruno é.... na nossa entrevista de hoje, nós vamos conversar sobre três momentos da sua vida. O primeiro é a infância, né? O segundo momento é o seu momento de formação, né, sua graduação, sua experiência como professor, e aluno de pós-graduação e o terceiro momento então é a sua atuação como professor. Então eu organizei duas listas de palavras, né? É... eu vou pedir para que você organize uma terceira lista, escolhendo né, dentre estas duas listas, as palavras que vão lhe ajudar a trazer à memória, é.... fatos da sua infância. É.... o que é que você lembra? É... da sua relação com a matemática na infância. Então para lhe ajudar a organizar a.... a.... estas lembranças da infância em relação a matemática, você pode escolher qualquer palavra. Se quiser escolher todas fique à vontade, se quiser escolher uma ou duas, ou três, fique à vontade.

Bruno: ta o.k.

Pesquisadora: Se quiser ir falando porque você está escolhendo, também.

Primeiro momento: a infância

Bruno: Então vou começar assim como... como que sempre foi meio que um norte na minha vida, é resolução de situações- problemas porque, desde que me conheço, já desde pequeno, sempre foi... Gosto de um desafio! Assim, sempre fui muito ligado a um desafio! Ah.... Outro assunto que sempre eu vejo assim que...para mim é...eu não *creio* que eu tive dificuldade na matemática, mas eu sempre peguei na minha vida as coisas que tenho mais dificuldade em vez de desistir

Pesquisador: hum hum..

Bruno: É onde justamente eu tento superar. Que mais? Língua materna me ajudou bastante.... Minha mãe... [silêncio]. Que mais? Que mais? Que mais?

Nunca...as vezes...jogos nunca o jogos nunca foi assim que, pegou muito. Alfabetização matemática....vamos pegar este daqui também.

Pesquisadora: Alfabetização Matemática?

Bruno: Situações problemas de novo né? É.... Oralidade! Eu gosto! Eu sempre tive bastante expressão assim.... Resolução.... Histórias.... Acho que seria isso!

Pesquisadora: Então você para falar de sua infância, da sua relação com a matemática você escolheu este grupo de seis.... Oito palavras. E o que você gostaria de falar sobre estas palavras?

Bruno: Em que sentido assim?

Pesquisadora: da sua infância. Da sua relação com a matemática. O que estas palavras te trouxeram à lembrança?

Bruno: Esta daqui na verdade, a primeira....resolução de situações problemas, me lembrou de uma época que eu estudava na escola Nossa Senhora de Lourdes....eu acho que estava no oitavo na oitava série, antiga oitava série. E o que me lembrou? Lembrou-me um professor, bem....ele era um professor durão assim sabe? Por assim dizer, assim! Ele chegava e passava o conteúdo, e eu lembro que meus colegas tiveram muita dificuldade, naquela.... no plano cartesiano, na época. Eu não sei, eu olhei assim e lembrei.... dessa situação. E realmente, eu fui um dos alunos assim que também sentiu dificuldade, no plano cartesiano, naquele para fazer aquele gráfico, parábola....não lembro exatamente....e.... Eu acabei.... superando a minha dificuldade, por conta própria.

Pesquisadora: Isso você estava em que ano?

Bruno: Oitava série.

Pesquisadora: Oitava série.

Bruno: Oitava série. E foi quando eu peguei e decidi assim tomar as rédeas do meu estudo! Naquela época eu lembro que falei bom só vou aprender, aí eu sentei eu fui para casa, e eu fui e fiz, aí eu refiz.... aí eu lembro de eu estar na cozinha da minha casa lá com a minha mãe, e eu peguei fui e fiz, isso e isso e por várias vezes, várias vezes por repetição mesmo e quando chegou assim no dia da prova que era final assim, eu não estava assim, digamos assim, como se diz, precisando da nota, porque eu sempre fui meio bem assim na matemática, mas eu lembro de ter tirado 95 na prova por conta própria, porque eu lembro que o professor passou e ninguém entendeu, mas eu também não entendi mas, eu fui e tentei superar a minha dificuldade, por conta própria. Eu sempre me considere assim um autodidata.

Pesquisadora: Isso você estava na oitava série e se a gente pensar lá na primeira série, na segunda série, você tem lembrança?

Bruno: Tenho alguma, tenho alguma.

Pesquisadora: Ia bem?

Bruno: Lembro sim. Lembro da professora Ninon do Omar Sabag. Ela sempre foi muito atenciosa assim. E eu era meio quietinho, eu acho [riso] tenho essa impressão! E como é que foi? E eu lembro dela. Estava começando na questão

assim.... da do um mais um, do dois mais dois, daquela coisa bem básica de matemática. E eu lembro da professora explicando, lembro até hoje dela explicando. Mas eu para mim a matemática sempre funcionou desse jeito, eu tinha que chegar e fazer, por conta própria eu procurava entender porque eu sempre peguei na matemática assim por entender. Como que eu vou fazer tal operação? E já desde pequeno. Quando eu era bem pequeno eu lembro de estar assim em casa e via assim não por que ficou assim? Às vezes eu tinha o resultado final, que era uma correção.... mas eu não tinha entendido....

Pesquisadora: o processo.

Bruno:....o processo. Aí eu ia para casa, sentava, fazia mais uma vez, e não chegava no resultado. E eu tentava fazer o digamos a matemática reversa, a logística reversa. E com o resultado eu às vezes eu chegava como é que fazia aquela conta. Então matemática sempre foi para mim uma relação assim de amor e ódio. Às vezes eu não entendia, mas eu tinha que ir para casa..

Pesquisadora: Era um desafio para você?

Bruno: Sempre foi bem desafiador matemática para mim! Sempre gostei! É um dos motivos que eu gosto bastante da matemática. Por quê.... além do fato de ser lógica. Se você fizer aquilo, vai dar aquele resultado. E para mim isso é legal nessa parte! É...dificuldades? Na matemática?

Pesquisadora: Você lembra de dificuldades que você tinha? Além dessas que você já falou?

Bruno: além dessas duas? Olha dificuldade a gente sempre lembra, a gente sempre tem assim. Eu lembro dá... A que se pode dizer, a epifania, que eu descobri como que eu fazia a conta de multiplicação....

Pesquisadora: Hum hum, conta.

Bruno: Hoje, hoje por acaso eu estava dando aula, e eu lembrei que eu peguei assim é.... até nem sei se devo entrar neste assunto?

Pesquisadora: Pode sim.

Bruno: Mas é um método que eu estou usando hoje e que foi que me ajudou na minha época quando eu era pequeno, e eu lembrei!

Pesquisadora: Como que você fazia?

Bruno: Eu peguei assim, eu não entendia porquê multiplicar, né? Não o porquê multiplicar, mas o que significava multiplicar, você tem um e vira dois.

Pesquisadora: sim.

Bruno: Mas o que aconteceu? É, eu lembrei de um método que eu fazia, que em vez de multiplicar, eu somava. Então se você tem quatro vezes dois, eu pegava dois mais dois, aí eu chegava no resultado! Exatamente dessa forma!

Pesquisadora: você fazia dois mais dois como? No dedo?

Bruno: Primeiro eu fazia assim, na nos palitinhos. Aí depois, eu passei a só marcar para não perder e daí fazia nos dedos. Assim....dois mais dois.... E eu ia fazendo, desse jeito! E eu lembro assim uma outra situação muito complicada, assim que é o que já pega um pouco de dificuldade.

Pesquisadora: hum hum.

Bruno: Meu pai ele sempre me incentivou muito na matemática, mas ele é um pai, digamos um pai durão. Então ele chegou assim....[riso] eu lembro assim dele pegando assim e eu tava com dificuldade na tabuada, né? E ele pegou, e era da época de 1950 e alguma coisa, então para ele era decoreba. Aí ele pegou e anotou a decoreba que chama assim, e ele colocou a tabuada do 1 ao 9 e falou: “você vai lá e vai decorar” e eu fui lá fora e ficava andando: “duas vezes um dois, duas vezes dois....” e ia fazendo assim toda esta decoreba. Digamos assim: “Ajudou em certos momentos”. Mas eu só consegui compreender realmente a tabuada depois que eu entendi esse processo, de, de, talvez na época....

Pesquisadora: De adição?

Bruno: De adição. E na época assim eu também não entendia porque que eu precisaria saber uma tabuada. Nunca me foi passado assim, porque eu vou usar uma tabuada. Porque eu tenho que saber que duas vezes dois vai virar quatro. Quando eu vou multiplicar uma coisa com alguma coisa que vai virar aquela alguma coisa? Eu não tinha assim a concepção do real sentido de tabuada, mas eu já entendia a concepção de divisão.

Pesquisadora: E essa questão de você descobrir que a adição estava implícita na tabuada foi no momento que teu pai pediu para você decorar? Ou foi antes? Ou como é que você?

Bruno: Eu acho que depois da frustração de eu tentar decorar a tabuada.

Pesquisadora: Por que você não conseguiu? Como é que é?

Bruno: Eu consegui até certo ponto. Por exemplo a do cinco que era mais fácil. A do nove. Mas você veja que até hoje eu tenho um pouco de dificuldade na tabuada do oito. Ainda assim eu sinto um pouco de dificuldade. É pouca, aquela coisa, é pouca não é tão fácil do que você fazer qualquer outra tabuada para mim. Mas a do oito eu tenho que fazer..oito, dezesseis, vinte e quatro.... Ainda está ligada nesta questão do decorar. E o que eu procurei assim? Eu procurei aprender. Eu sempre via a matemática como melhor do que saber fazer, entender o processo, por que fazer? Isso meio que foi um norte minha vida inteira.

Pesquisadora: Você acha que esta questão de você, lá na sua infância, de entender que a matemática você precisava além de trazer os resultados, entender como que era o processo, você achou que isso era uma coisa sua?

Bruno: *Da minha mãe!!!*

Pesquisadora: Da sua mãe? Explica para mim.

Bruno: A minha mãe ela sempre teve um pouco mais de jeito! E meu pai, ele ensinava como decorar. E minha mãe sentava e explicava! *Como vou fazer?* Por que eu vou fazer? Antes de saber como vai fazer, é entender o porquê você vai fazer. Então Isso já veio assim um pouco do lado da minha mãe, que ela já tinha bastante *paciência*! A minha mãe auxiliou *bastante* assim. Ela na época ela acabou saindo do emprego para cuidar dos filhos né e aí ela ajudou, auxiliou bastante. E outro que sempre teve do meu lado e que a diferença não era tão grande, mas, que me ajudou bastante, foi o meu irmão mais velho. Meu

irmão mais velho tem aí uma diferença aí de cinco anos, se não me engano, quatro ou cinco anos. E meu irmão teve um papel bem importante. É tinha algumas questões que minha mãe as vezes não conseguia explicar, mas meu irmão conseguia.

Pesquisadora: hum hum.

Bruno: Sabe? Em tudo, mas principalmente assim na matemática. Eu sempre tive a dificuldade acho que inerente na matemática, mas eu tive um bom apoio nesse ponto. Eu sempre tive é [silêncio].

Pesquisadora: um suporte bom?

Bruno: Um suporte.

Pesquisadora: um suporte de pai com uma metodologia a mãe com outro, o irmão com outro.

Bruno: É que nem eu falei. Funcionou. Por exemplo, meu pai funcionou algumas coisas. Com a minha mãe funcionou algumas coisas e com meu irmão funcionavam algumas coisas e algumas coisas eu sabia que tinha que saber por conta própria. Eu na verdade, esta questão aí que eu tinha que aprender por conta própria, veio mesmo, eu lembro especificamente, foi na oitava série. Antes talvez eu fizesse sem plena consciência que eu deveria repetir para fazer. Mas me ajudou muito quando eu tava lá no meu cursinho para fazer a faculdade. Para entrar na faculdade que eu usei dessa técnica. Que era, pegar um exercício que o professor tinha explicado, e outra coisa que é o que minha mãe fazia muito e que meu irmão fazia muito, pegava aquele mesmo exercício, eles mudavam o número e faziam eu fazer. Ajudava bastante [expressão de satisfação]! Uma pequena mudança e você já muda todo um conceito e já tem que pensar. Se eu fiz dois vezes dois dá quatro, se eu fizer quatro vezes dois né, muda! Então todo porquê, hoje com o pensamento lógico tem desenvolvido isso! Na época quando era criança: “*nossa mudou*”? Aí eu passei a usar o pensamento lógico. Porque para mim matemática e lógica estão sempre, completamente ligadas. Por isso que eu falei: “A lógica está na matemática” você tem que sentar e fazer uma autoavaliação. Sempre! No meu caso! Estou dizendo especificamente para mim!

Pesquisadora: Sim, hã, hã.

Bruno: E funcionou para mim! E com relação assim, agora, que nem tem aqui essa questão de jogos... Matemática....pode

Pesquisadora: Dessas palavrinhas que você escolheu, você escolheu alfabetização matemática e letramento para falar de sua infância. O que é que isso tem a ver com a sua infância a questão do letramento na alfabetização? O que você pensou na hora que você escolheu?

Bruno: Porque todo auxílio do professor foi essencial!

Pesquisadora: hum hum.

Bruno: Nessa época, quando na minha infância, porque por mais que fosse um.... As vezes uma situação que eu conhecia, que talvez eu conhecesse, é....sem explicação.... o foco que talvez eu tenha tido na resolução que.... Eu entrava em sala de aula né? A minha mãe sempre falava que eu conversava

bastante! Mas eu sempre estive focado assim! A questão da alfabetização foi papel essencial também do professor!

Pesquisadora: Do professor..

Bruno: Porque o professor ele teve toda aquela fundamentação né? Às vezes eu não compreendia, eu ia lá e perguntava. E teve um papel muito importante! Muitas das conclusões que eu cheguei da matemática daquela época, cheguei em sala de aula.

Pesquisadora: Hum Hum!!!

Bruno: O que eu levei para casa foi algo que realmente, depois mesmo ele explicando que eu não conseguia entender.... Então o papel da alfabetização e letramento foi essencial. E outra coisa que talvez tenha me ajudado muito, que já entra numa outra área, mas que tem a ver, é que eu, eu já lia desde os meus cinco anos de idade.

Pesquisadora: hum, hum....

Bruno: Porque minha mãe sempre me ensinou a fazer leitura. Eu tinha eu já tinha....que faz a diferença na matemática.

Pesquisadora: Hum, hum....Mas você conseguia perceber o fato de você estar lendo quando entrou na escola, e o fato da leitura, tinha ajudado na matemática, você percebia isso?

Bruno: Perceber, perceber, talvez não. Mas é como se diz assim, porque eu talvez, eu não tinha conclusão de que isso estava me ajudando mas, foi assim um facilitador. Porque às vezes as dificuldades que meus colegas tinham eu não tinha. Por exemplo, eu na época que eu estava estudando no, eu posso falar o nome da escola?

Pesquisadora: Pode, pode.

Bruno: Pode? Na época que eu estudava no Terceiro Milênio. Estava no primeiro ano do Ensino Médio, me lembro como se fosse hoje. Eu lembro que ajudei o meu colega que hoje ele é vereador, o Jone Tistias.

Pesquisadora: De Pinhais?

Bruno: Jone Tistias. Lá de Curitiba.

Pesquisadora: hã hã.

Bruno: E eu lembro que ele tinha uma dificuldade tremenda assim na interpretação de problemas. E eu peguei “Olha você me ajuda um dia”? E eu já naquela época eu já ajudava o meu colega a entender as situações problemas. Eu lembro que eu pegava o problema e eu falava: “Vamos pegar os pontos essenciais” “o que é que diz o problema”? Ah, ele diz isso e isso e aquilo” Eu pegava os pontos essenciais! Que é alguma coisa que já vem, talvez eu não tivesse consciência do da necessidade, mas digamos assim, foi um facilitador para mim, da compreensão da matemática! É....é eu tive assim [silêncio] uma, que nem eu expus assim, situações problemas, que as vezes talvez pela alfabetização....com auxílio de professor e ter o foco junto com a leitura mesmo, foram situações que talvez não foram tão problemáticas para mim na matemática. Não estou dizendo por aí que eu não tive meus problemas com a matemática.

Pesquisadora: Sim, entendi.

Bruno: sempre a gente tem os problemas, eu tive minhas notas assim não tão boas como eu gostaria né e....que eu poderia assim dizer assim que

Pesquisadora: Das histórias, a oralidade.....que você escolheu, estão relacionadas a essa questão da leitura, em casa?

Bruno: Oralidade. Porque eu selecionei a oralidade? Porque eu sempre tive um probleminha na sala de aula. Que eu conversava demais! Sempre fui um aluno assim eu lembro da professora chegou me virar de frente [risos] para carteira para eu conseguir ficar. Mas ao mesmo tempo....

Pesquisadora: Porque ela queria que você não conversasse?

Bruno: Não conversasse [risos] mas ao mesmo tempo que eu conversava, eu de alguma forma eu entendia. Sabe? Então é meio que conflitante comigo hoje....porque eu penso assim não que “conversar todo mundo conversa”. Mas na época eu não podia conversar!

Pesquisadora: Mas você conversava o quê? Na hora da aula. Depois da aula? Como é que era isso? Essa conversa era porque você já tinha feito? Ou porque você queria dialogar sobre o que você estava fazendo? Como é que era a conversa?

Bruno: Vamos vamos por ... Em partes a conversas nada

Pesquisadora: Nada a ver....[risos]

Bruno: [risos] nada a ver com o conteúdo. Conversas relacionadas ao conteúdo e conversas que eu já havia terminado de fazer o conteúdo então aí eu ficava pensando “o que é que eu vou ficar fazendo”? [risos] Aí acabava gerando isso!É.... [silêncio].

Pesquisadora: Você gostaria assim, da infância né, fora as palavras que você já falou um pouco sobre cada uma delas, falar um pouco mais assim da tua experiência lá, quando você era pequeno né, com a matemática, que você acha que é relevante para mim, para nós?

Bruno: vamos lembrar algumas coisas assim. Deixa eu lembrar. [silêncio] estude, meu caminho foi no Omar Sabag, do Omar Sabag eu fui para o Nossa Senhora de Lourdes e do Nossa Senhora de Lourdes eu fui para Terceiro Milênio. O trajeto foi sempre o mesmo assim. Eu não lembro especificamente quando eu comecei fazer operação de divisão. É... Lembro que eu gostava das situações de problemas... E eu meio que foi desde aquela época, eu lembro que sempre eu estava auxiliando meus colegas.

Pesquisadora: Pode falar, estou te ouvindo.

Bruno: Assim com relação a ajuda assim na dificuldade com eles. Assim com relação a ajuda assim na dificuldade com eles Nunca tive muita vontade assim de fazer aqueles trabalhos em grupo assim....

Pesquisadora: Assim, sempre fazia sozinho?

Bruno: É eu sempre fui, tive essa vontade de fazer as coisas sozinho. Até hoje em dia eu sou assim! Eu gosto de meio fazer por conta própria. E lembro dos jogos, lembro da época que eu tinha, na verdade não tinha tantos jogos assim

como talvez a gente tenha hoje. É foram poucas vezes assim que eu lembro de jogos assim que o professor chegou e propôs jogos assim.

Pesquisadora: Na sala?

Bruno: Na sala.

Pesquisadora: Quando você era pequeno? Você fala?

Bruno: Quando eu era pequeno.

Pesquisadora: Mas você brincava fora da escola, você lembra de coisas que você brincava e que poderia estar relacionada a matemática?

Bruno: Éem casa...

Pesquisadora: Em casa?

Bruno: Em casa, em casa minha mãe....

Pesquisadora: Brincava de que? Você lembra?

Bruno: Hum...como é que é aqueles jogos.... gênios ...lembra?

Pesquisadora: Hum

Bruno: Gênios.... aí eu tinha uns jogos assim que era da cor....eu não lembro do nome, eu sei que era peça central e que você tinha que ir respondendo as perguntas e quando você respondia correto. Você andava uma casinha assim.

Pesquisadora: Nós tínhamos.... é em casa a que se chamava o Jogo da paciência, o jogo de trilha.

Bruno: Isso! Era mais ou menos nesse estilo.

Pesquisadora: Nós falávamos jogo de paciência.

Bruno: Eu usava muito em casa.

Pesquisadora: e daí você tinha o dadinho....tinha o

Bruno: é

Pesquisadora: Tinha as pecinhas daí jogava em 4, nós tínhamos um....

Bruno: Isso, isso, daí você pegava uma carta e respondia uma pergunta e acertava....você ia e.... eu tinha bastante jogos neste sentido em casa.

Pesquisadora: E isso causava em você o quê? Esse essa oportunidade de jogar...de.... causava em você uma sensação de aprender? De prazer? De alegria? De...

Bruno: Uhum. É causava. Realmente parando para pensar causava na época é algumas coisas assim que acabaram sendo aplicados na sala de aula que eu já tinha aquele pensamento lógico porque “ah já fiz aí, já sei como é que faz né”. É tinha, eu não lembro, mas eu acho tinha alguma coisa com relação também a essa, esse jogo de tabuada assim....Algumas, não lembro...é que faz alguns anos. Mas sempre fui bem incentivado e (tosse) o que me ajudou bastante também na época, foi...eu lembro de programas educacionais que passavam na televisão.

Pesquisadora: huhum

Bruno: É....assistia o Nove na época TV cultura hoje TV cultura é meu pai na época.... até, nessa época a gente tinha TV a cabo, então eu assistia muito Discorrer, programas assim nesse sentido. Animal Planet e, tudo isso de alguma forma eu hoje vejo que, por mais que tivesse guardado aquele conhecimento lá, não tivesse usado, hoje me auxilia bastante.

Pesquisadora: uhum

Bruno: Algumas coisas assim, até hoje inclusive eu assisto esses programas, porque está passando vamos assistir porque alguma coisa, sempre a televisão teve um bom auxílio *nesse ponto*! E um incentivo muito, a leitura, assim minha mãe foi uma grande incentivadora na leitura! Então ela ia na biblioteca, eu ia com ela! Pegava um livro, pegava! Eu lembro que nessa época tem no Omar Sabag....quando era bem....devia estar no..não sei..talvez na quarta ou na quinta série eu [silêncio]..eu.... ia muito na biblioteca e pegava uns livros assim sem obrigação! Sem obrigatoriedade!

Pesquisadora: Puxa!

Bruno: E isso quem me incentivava era minha mãe! “ah vamos pegar”. E até hoje ela faz isso.

Pesquisadora: Isso ela já fazia quando você era menor ainda?

Bruno: Quando era menor. Voltando bem, posso voltar bem para trás?

Pesquisadora: pode [risos]

Bruno: não fica muito confuso assim?

Pesquisadora: Não

Bruno: É que eu lembrei de uma época que eu tinha acho que meus [silêncio]....5 anos, acho que era maios ou menos por aí. Lembro que meu pai lia histórias e depois quando entrei, antes de entrar no Omar Sabag eu lembrei que entrei no Assunção estudei no Assunção....

Pesquisadora: Fez o quê? O primeiro ano lá?

Bruno: Fiz do pré até o quarto a quinta série lá, se não me engano.

Pesquisadora:....como que é o nome da escola?

Bruno: Nossa Senhora Da Assunção, era lá em Curitiba.

Pesquisadora: Em Curitiba?

Bruno: Era particular

Pesquisadora: ta hum

Bruno: É... Eu lembro que a escola era de freiras.

Pesquisadora: huhum

Bruno: A educação era bem, digamos assim, bem bem formal assim, e e...eu não tenho muita memória dessa época não! (silêncio) É engraçado às vezes eu não....eu lembro de eu estar brincando, eu lembro que me deu uma boa base.

Pesquisadora: hum hum, fatos reais assim....

Bruno: de professoras nada, nada assim.

Pesquisadora: Você lembra que a leitura, tanto em casa quanto na escola, teve uma influência grande no processo de aprendizagem?

Bruno: Nessa escola eu acredito que sim, porque eu tinha bastante tarefa de casa. Eu lembro que eu tinha muita coisa que eu trazia para casa. Páginas e páginas e... talvez isso esteja intrínseco em mim hoje, porque eu acredito que só na escola não é o suficiente para você garantir um aprendizado de qualidade. Eu acho que ainda tem que chegar em casa e fazer um estudo por trás. Por isso que é necessário, eu vejo como algo muito importante, a tarefa de casa. Porque eu lembro que, e talvez toda a minha base tenha vindo daí.

Porque eu lembro muito assim das professoras, era tudo freira na época [risos], tudo freira, e elas tinham muito carinho, eu *gostava muito*! Eu fiquei até muito chateado saindo de lá na época! Eu lembro muito do carinho que elas davam a gente, a educação que elas colocaram, assim, a questão de respeito assim. Para conversar, tudo, oralidade! Eu lembro que... Houve muitas apresentações assim. E havia na época se não me engano, algum tipo de concurso de matemática, que eu participei, que eu participei...eu lembro que alguma coisa assim que eu participeitalvez na sala ou noeu lembro que tinha umas compendiosinhas assim de matemática. É... lá talvez eu tenha trabalhado um pouco mais com material, é didático assim, uma coisa mais palpável. Quando fui para o Omar Gabas era mais o quadro-negro, estilo tradicional. Lá tinha ainda as freiras usavam bastante essa questão assim de materiais vindo de fora. Eu lembro que lá eu comecei a jogar xadrez, lá no próprio nossa Senhora da Assunção. Não sabia muito bem o que era mais eu conseguia...

Pesquisadora: já conseguia jogar?

Bruno: dama.

Segundo momento: A formação

Pesquisadora: E o que é que levou você a ser professor que fazer a faculdade de pedagogia que como é que foi esse momento de formação né é especificamente em relação a matemática? Conta para mim assim, o que levou você a decidir né em querer ser professor? E na sua experiência de formação como é que foi essa tua relação, esse novo momento, com a matemática?

Bruno: [silêncio] [som com a garganta]

Pesquisadora: Faz assim o. Vamos escolher mais uma lista de palavras para você falar do processo de formação. Faz uma quarta lista de palavras. Essas três que nós temos agora na mesa, você faz uma quarta lista de palavras, que vão lhe ajudar a fazer este momento de lembrança em relação ao seu processo de formação. Que palavras que você escolheria?

Bruno: Deixa eu ver. Deixa eu ver. [silêncio] não tenho muito assim com relação ao porquê que eu escolhi... Porque minha história é um pouquinho talvez diferente, mas....

Pesquisadora: hum.

Bruno:....vou selecionar alguma aqui. Leitura né? Leitura e escrita! Gêneros também! Então foi mais ou menos assim: Na época que eu, que eu fiz lá o meu terceiro, eu fiz o vestibular da Federal e passei, mas....

Pesquisadora: Direto a pedagogia?

Bruno: Não, não, eu fiz uma outra faculdade, Zootecnia.

Pesquisadora: De Zootecnia?

Bruno: o que aconteceu? Eu não, não me adaptei nada assim com Zootecnia não, a única coisa....

Pesquisadora: Você chegou a concluir, não?

Bruno: Não, não cheguei a concluir.

Pesquisadora: Estudou até que ano?

Bruno: Eu fiz até o quarto ano

Pesquisadora: são o quê? Quatro anos? Não são?

Bruno: Cinco anos. Eu tinha...é tendo que ... Tinha reprovado algumas matérias e acabei não....

Pesquisadora: Mas tinha chego até o quarto ano?

Bruno: É. E o que aconteceu? Tem a ver hoje. Mas na época eu não cheguei a essa conclusão. Que foi assim. Que eu não queria mais! Eu lembro de alguns projetos em matemática que eu me dava bem! Então as minhas notas às vezes em Ciência, Bioquímica eu ia mal. Mas a matemática, eu sempre fui bem! Sempre passei! Fiz Matemática, fiz Bioestatística, depois eu fiz é....uma outra relacionada a Matemática...eu não lembro especifica mas era uma com relação a um projeto que você deveria fazer desde o começo ao fim como que um produtor contratando tal serviço que precisaria cálculos matemáticos, planilhas Excelê... Eu lembro que fui o único que fiz, aí eu coloquei todos os meus colegas com o nome. [riso]..tirei 90 e alguma coisa. E passei! Fui um dos únicos! Meu grupo foi o único que passou assim sabe.

Pesquisadora: hum

Bruno: Aí pegou naquela parte do desafio, que me senti desafiado a fazer aquele projeto! Que eu por.. consequência fui....mas no resto não me adaptava. Então o que aconteceu? Foi assim. Eu acabei largando a Zootecnia e fiquei um tempo assim, sem saber mais ou menos assim, sem saber o que eu gostaria de fazer!

Pesquisadora: E nesse tempo você tinha que idade?

Bruno: Nessa época eu já estava com 23, nessa época....

Pesquisadora: hum

Bruno: e aí eu conheci minha esposa nessa época um pouco....eu conheci minha esposa na faculdade e aí a gente acabou casando e eu falei para ela “preciso voltar a estudar....preciso voltar a estudar” mas eu não tinha bem certeza do que fazer.

Pesquisadora: Ela fazia Biologia?

Bruno: Ela fez biologia e estava atuando como professora.

Pesquisadora: Cham

Bruno: Ela atua como professora. E eu comecei a observar e ela conversa foi comunicativa, ela perguntava e eu conversava muito com ela com relação ao trabalho dela. E aí por consequência eu comecei a lembrar da época que eu ensinava meus colegas, a matemática assim....e aí eu peguei e falei para ela “eu acho que devo ser professor” e aí ela pegou e foi me incentivando.

Pesquisadora: te apoiou?

Bruno: Nesse ponto sim. E na época eu já estava trabalhando, trabalhava nos correios e peguei e comecei a fazer uma faculdade. É Universidade de Castelo Branco à distância.

Pesquisadora: Começo o curso de p?

Bruno: Pedagogia, Pedagogia. Porque bateu em um outro conceito que eu sempre gostei muito da psicologia também.

Pesquisadora: hum hum

Bruno: E foi por isso que eu comentei que eu gostaria de fazer um....com relação ao cognitivo das crianças né.

Pesquisadora: sim.

Bruno: E....aí ela me incentivou aí eu fui e fiz e fiz né? Aí nessa época foi bem complicado você trabalhar estudar já é um processo bem mais difícil. Mas mesmo assim eu consegui seguir esse caminho e depois que eu tava, passei um certo ponto começou a fazer mais sentido assim a pedagogia e aí eu peguei e decidi que era isso que eu queria fazer mesmo, sabe.

Pesquisadora: aí você se formou?

Bruno: aí eu me formei.

Pesquisadora: hum

Bruno: E aí eu comecei a querer atuar na área né? Então foi bem conflitante o processo de eu sair, eu tava num emprego público dos correios e tinha muito medo às vezes de sair para ir.

Pesquisadora: hum

Bruno: aí eu fiz o concurso e passei.

Pesquisadora: Aqui em Pinhais?

Bruno: Aqui em Pinhais e aí....

Pesquisadora: Você já morava aqui em Pinhais?

Bruno: Não, moro em Curitiba ainda.

Pesquisadora: Ah, você continua morando em Curitiba?

Bruno: Continuo morando em Curitiba porque minha esposa dá aula em Curitiba.

Pesquisadora: Ah entendi.

Bruno: Aí foi um processo bem... Digamos assim, conflitante! Para você estar em um meio que você está muito confortável né? Que é o trabalhando já faz um cinco ou seis anos no correio e de repente, você virando professor. Mas ao mesmo tempo tem sido bem... Bem como se diz assim? [silêncio] Bem elucidante! Assim por assim dizer. Porque... Eu tenho... Gostado *muito* assim do que eu estou fazendo!

Pesquisadora: com tua ação como professor?

Bruno: É. Ainda tenho a dificuldade inerente, porque tem muita coisa.... que eu falo assim que a faculdade, ela dá toda a formação, mas o prático mesmo, você fazendo estágio prático, você só reconhece aquela situação-problema do dia a dia né? Com aluno que tem aquela situação específica. Porque o que eu falo assim....a gente além de lidar com os alunos, a gente lida com toda a bagagem que vem da família.

Pesquisadora: hum

Bruno: E é o fator decisivo assim, que eu vejo assim, no aprendizado do aluno, é a família! Porque eu tive graças a Deus uma situação mais confortável. Que eu vim numa família relativamente estruturada, né? E eu vejo muito assim o

conflito que há com os alunos com essa bagagem que vem por trás. Por exemplo, alunos que vem de uma família que tem muito mais problemas que às vezes a gente nem sequer conhece e a gente tem que levar em consideração tudo isso, antes de avaliar este aluno.

Pesquisadora: E lá na sua formação você escolheu cinco palavras né....para falar lá na sua formação pensando dessa relação, que é que você viu de matemática? Como é que se dá esse ensino? O que que é abordado nesse curso? No sentido de ensino da matemática para as crianças? O que é que você percebeu?

Bruno: A matemática assim na faculdade, nessa faculdade, eu....eu tive um conhecimento bem raso para te ser bem sincero. Passa basicamente pelas operações. Pouca coisa assim na matemática. Na minha faculdade e.... [silêncio] não cheguei a ter muito contato assim com a matemática no meu curso superior. Eu tive mais com relação ao trabalho, ao cognitivo, aos processos desenvolvidos na escola. Mas eu achei que poderia ter sido mais....mais aprofundado. A única vantagem que eu tive nesse sentido foi porque eu já tinha tido uma base anterior na Zootecnia, que me ajudou bastante, e o conhecimento prévio que eu já trazia desde então. Porque na faculdade assim, eu posso te dizer, que de novidade não veio....muita coisa não.

Pesquisadora: E se você.... o que você acha que deveria ter né para o professor né sair de uma faculdade e ir para uma sala de aula? Você acha que tipo de assunto? Que....que.... que reflexões que são necessárias na pedagogia para que o professor saia dessa graduação e consiga fazer um trabalho com as crianças?

Bruno: O que é que eu observo assim é [silêncio] que para você fazer a matemática né...além de você estudar na própria matemática, na faculdade...eu acho que faltou muito mesmo é....essa questão aí do compreender a matemática, aplicar a matemática. Porque eu vejo assim pelos meus alunos. Alunos mesmo que, a matemática está ali mas eles não tem compreensão porque a matemática está ali. E quão relacionado está com o português com matemática e matemática com o português com ciência, a interdisciplinaridade que eles não tem assim esse conhecimento.

Pesquisadora: hum

Bruno: então além da matemática, eu acho que seria muito mais vantajoso, para quem está fazendo faculdade, que foi o que faltou no meu caso, além de você conhecer as operações, você entender o conceito que existe por trás de toda a matemática, que é o que eu falo, assim do dos [silêncio] analfabetos funcionais. Eu mesmo assim tendo conhecimento, quando eu tive a vida adulta que eu precisei lidar com situações, eu tive que aprender tudo de novo. Assim como aplicar no dia a dia uma contabilidade, pagar uma conta, taxas de juros, ou porque que o cartão de crédito as vezes vale a pena então isso tudo éessa vivência que me preocupa um pouco na questão cognitiva da matemática. Porque às vezes a criança tem o pleno conhecimento da

matemática que, como eu tinha, mas ela só vai entender o verdadeiro uso da matemática partir de uma certa idade.

Pesquisadora: hum

Bruno: talvez é.... [silêncio] o cognitivo não esteja preparado para esta questão matemática.

Pesquisadora: hum

Bruno: Então às vezes a gente fala sobre multiplicação, divisão que foi o que eu falei para você:

Pesquisadora: sim, sim

Bruno: quando era criança, eu não tinha o porquê eu vou usar matemática, porque eu vou multiplicar oito mais oito, é até hoje em dia você para para pensar porque você vai multiplicar oito mais oito?

Pesquisadora: hum

Bruno: Né....aí no dia a dia aí mais você até esse em contabilidade ou alguma coisa até use mas a aplicação exata daquilo, talvez falte tanto na formação inicial como uma formação inicial como uma formação da faculdade. O porquê que eu vou usar aquilo?

Terceiro momento: professor Alfabetizador

Pesquisadora: Ah, e aí para falar do teu momento como professor alfabetizador, né, de terceiro ano, né? Que relações você faz hoje na tua sala de aula com a matemática, com a vida né? Com a vida das crianças? Igual você falouque trazem para escola uma grande bagagem. Talvez não em relação a matemática mas em relação a própria vida delas né? Como que é esse momento né...De ensino dos conteúdos? Qual dessas palavras você escolheria para formar a nossa quinta lista?

Bruno: A quinta lista?

Pesquisadora: para falar desse momento atual da tua vida.

Bruno: pode pegar os mesmos?

Pesquisadora: pode pegar qualquer uma delas que você gostaria de falar.

Bruno: [silêncio enquanto escolhe as palavras] Para os meus alunos eu vou colocar essa daqui principalmente....

Pesquisadora: hum

Bruno: É... alfabetização... [silêncio] a própria resolução.... [silêncio] essas quatro aqui...[silêncio].

Pesquisadora: hum....pode falar.

Bruno: então porque que eu escolhi esses quatro específicos? Porque além do...é como se eu falo as vezes assimas vezes parece que você não sabe tal situação mas você pega lembra lá atrás você lembra como que eu Fez de toda a língua materna que existiu né?

Pesquisadora: hum

Bruno: mas o que eu falo com relação com a matemática, além da compreensão que eles e que às vezes falta para eles ...as vezes falta esta questão do desenvolvimento cognitivo e junto com o apoio familiar assim.

Porque às vezes eu vejo assim muitas situações que o aluno ele não compreende, e ele vai para a casa e ele não tem assim aquela dinâmica de chegar em casa e fazer aquela situação. Eu tenho alguns alunos que conseguem realmente chegar em casa e fazer né. Que é o caso de algumas alunas é em específico que elas vão para a casa e elas pesquisam, perguntam para o pai, perguntam para a mãe e elas conseguem chegar aquela situação. Mas alguns alunos....eles... eles...parece que ...como se fosse assim, chegam naquela situação, não compreendem e aí falta aquela ...aquele estímulo “pro vamos lá, vamos sentar junto”.

Pesquisadora: desafio que você falou lá da sua infância....

Bruno: Exatamente

Pesquisadora: e descobriu porque

Bruno....o porquê....

Pesquisadora: o porquê que aquilo é daquele jeito....

Bruno:é....

Pesquisadora: É mais ou menos isso?

Bruno: Isso exato!

Pesquisadora: Mas você não vê isso nos seus alunos?

Bruno: Alguns eu vejo. Alguns eu vejo, alguns eu vejo num estado de conformidade. E às vezes quando eu converso, as vezes com a família, me parece não tem assim....me parece que é....há uma relação com o pai e com a mãe assim também....daquela situação assim “ah, meu filho não sabe e a gente tenta”....e sabe, eu vejo assim que isso afeta muito o desempenho de uma criança. E o que me ajuda muito é eu pegar e sentar com aquela criança e desafiá-lo a fazer aquilo. As vezes ajuda mais do que por exemplo eu pegar e passar o conteúdo, explicar e deixar.

Pesquisadora: E como você faz isso? Por exemplo conta um fato que você lembra de....

Bruno: Um fato? Um fato.... Um dia um dia que veio poucos alunos, na outra escola, não aqui específico, mas na outra escola. É um aluno meu, ele não tinha entendido a relação entre quilograma e grama. E eu sentei com ele. Aliás, perdão, não era quilograma e grama era metro e centímetro, a relação entre metro e o centímetro, porque que ocorria as vezes você estar com 1,5 metros e porque você estava com 150 centímetros.

Pesquisadora: hum

Bruno: E eu sentei com ele, puxei eu ali do meu lado e fomos, fomos fazendo várias e várias situações. Aí eu peguei uma fita métrica, e medi um colega dele....aplicado mesmo....

Pesquisadora: Aham

Bruno.... e mostrei quanto 150 centímetros equivaleria a um metro. Aí parece que deu.... uma luz assim, que aí ele começou a entender que um metro e meio era 150 centímetros. E aí de repente ficou fácil ele compreender entre quilo e gramas....sabe de uma coisa foi juntando a outra e foi um momento assim que eu peguei e sentei especificamente com ele assim, individualmente,

com ele, e demonstrei aquela dificuldade. E aí ele chegou assim e virou uma felicidade! Ele tinha entendido! Coisa que uma avaliação antes, ele não tinha nem sequer entendido. Outro caso foi com um aluno que foi o....posso falar o nome?

Pesquisadora: agam, fique à vontade.

Bruno: O Erice né. O aluno Eril ele tem uma bagagem bem complicada com relação à família dele. É uma situação bem problema com o pai e com a mãe dele. Os pais separados. A mãe dele trabalha, num emprego informal, e [silêncio] eu senti assim muita revolta nele. Eu ainda vejo, nele...e... estava passando por certas situações assim, que eu passei a ter conhecimento e eu passei uma avaliação para ele....e ele... foi nessa época ele tinha sido adotado pelo tio...e era de matemática...e era uma prova assim, uma avaliação assim é ...problemas né: “se um trem tem 171 passageiros sentados e 41 passageiros de pé. Qual o total? Ele foi e não fez nada. Não fez nada. Não fez nenhuma questão. Aí eu chamei uma semana depois o tio dele para conversar e expliquei a situação. Falei tal situação, que estava acontecendo isso, e que eu senti uma revolta muito grande nele...que ele estava passando por situações que nem uma criança deveria passar, mas infelizmente faz parte da nossa realidade. E o tio dele é conversou com ele. E aí eu peguei e decidi repassar esta mesma avaliação uma semana depois. Sem sequer ...explicar nada para ele, vamos ver o que... eu fiz meio que para ver o que ele responderia. Passei a mesma avaliação para ele, zerada. E ele foi lá e acertou todas. E aí eu peguei assim e vi realmente que neste aluno específico... esta análise que eu gosto de fazer, neste aluno em específico ele estará sujeito a influência do meio. O meio vai fazer a diferença. Porque ele sabia, mas naquela semana ele não quis fazer a prova porque provavelmente deveria ter acontecido alguma coisa, que ele não me conta, ele conta no meio de uma revolta, que eu não vou fazer....e depoissó que infelizmente ele voltou para o mesmo...

Pesquisadora: Nesse tempo você não tinha retomado nenhum conteúdo com ele? Assim....

Bruno: não, especifica não....porque naquele momento foi....

Pesquisadora: Porque naquele momento se tivesse feito, se tivesse melhor ele teria também teria conseguido expressar o conhecimento dele.

Bruno: Talvez teria.

Pesquisadora:

Bruno: Exatamente que aí entra na questão assim não especificamente na língua materna, mas na questão do ambiente que afeta todo o processo de aprendizagem, a meu ver né? E....é difícil assim as vezes assim, como professor, que a gente tenha uma situação que as vezes a gente nem imagina, isso é uma coisa que faltou muito também na minha faculdade. Porque você se prepara na faculdade, mas você não está plenamente preparado para estas situações que você vai encontrar e....que que eu....eu vi muito assim como afeta os alunos assim....e as vezes afeta a gente.

Pesquisadora: hum

Bruno: Às vezes afeta a gente como professor e a gente tem que pegar estas situações e tentar contornar e seguir então. Por isso que eu escolhi esse aqui [refere-se a palavra] porque está em todo o contexto familiar da relação aprendizagem deles comigo é... Eu tenho alunos assim, bem estruturados que conversam com os pais e dá para ver que aquela estrutura faz toda a diferença na vida dela. Minha aluna Sara, ela tem uma família que tem seus....suas dificuldades, mas ela tem um pai muito presente que frequentemente ela me conta que o pai dela “ai meu pai fez eu fazer a matemática de novo, porque eu fui e falei”...ela tem uma, um desempenho muito bom, muito bom, assim muito favorável! A Beatriz, a Beatriz ela ...eu procuro muito saber o que esta envolvido além do aluno, toda história que esta por trás. A Beatriz, Beatriz se não me engano, ela criada pela mãe, mas ela é uma aluna que tem excepcionalmente um aprendizado muito fácil porque ela tem uma avó que está sempre ali auxiliando, sempre ajudando. E eu pego por exemplo uma aluna como a Bianca, que a mãe dela... eu não...é difícil até mesmo falar desse tipo de situação porque eu não sei, é relato dela. Ela que me falou, é, eu estou partindo do relato que ela me falou...Ela é uma menina extremamente tímida [barulho de crianças ao fundo] e extremamente nervosa. Ela quando está sendo avaliada, ela entra num processo assim, de nervosismo e ela ...ela para o terceiro ano está no nível pré-sináptico.

Pesquisadora: hum

Bruno: ela escreve no BA bi uma coisa assim. E aí ela chegou para mim e falou: “ai professor estou tão feliz, que eu consigo agora fazer letra de mão” Daí eu falei: “Que bom! Parabéns, está lindo!” E fui e falei isso para ela. Aí no outro dia, ela chegou e falou: “professor, eu fui mostrar para minha mãe que eu faço letra de mão, e ela falou que esta feia. Que eu tinha que caprichar.” [sinal da escola; fim do intervalo das crianças] E aí eu cheguei a conclusão que toda esta timidez é....que ela tem, talvez seja relacionada a falta de um incentivo assim por parte de pai e mãe que possa assim dizer: “parabéns” o porque cai naquela questão que aí eu uso a faculdade né, que um incentivo vai ser muito melhor do que uma repreensão.

Pesquisadora: das situações didáticas né que você desenvolve né na sala de aula, quais delas que você poderia nos contar....é assim que você acha mais significativa....olha são coisas que eu faço, que eu acredito realmente que essas ações vão ajudar meu aluno a entender a matemática, a compreender a matemática?

Bruno: É....didaticamente, eu tenho gostado bastante de utilizar o material dourado por questão da visualização deles. Ainda eu tenho alguma coisa que eu trabalho no método tradicional que é questão....

Pesquisadora: o que? O que você fala?

Bruno: é operações assim..ainda existe muito aquela questão do método tradicional, mas eu procuro contextualizar eles no porquê da adição, no porquê de uma multiplicação, eu procuro fazer toda uma ambientação ...é ...um método que eu utilizei bastante, foi numa época assim do dobro e triplo, que eu

usei com giz mesmo. Foi uma coisa bem simples, mas que eu fez muito sentido para eles, do dobro e do triplo é...(silêncio) antecessor e sucessor. É usei assim por exemplo, a ordem deles. Eu os coloquei em ordem, quem que vem primeiro? Que vem antes? E quem que vem depois? É...antecessor e sucessor. Eu também utilizei o material dourado. Outra...outra representação muito boa foi a questão da centena, dezena...foi uma aula assim que até hoje eu lembro...foi muito boa! Esse método que eu apliquei. Eu fiz oralmente, mas parece que além de eu passar o passar o conteúdo assim da parte escrita trabalhei muito oralmente eu fiquei muito surpreso que quando eu coloquei uma avaliação é.. além dos que colocaram centena dezena para ...decomposição e composição. Eu coloquei... teve uns que responderam corretíssimo, eram cem mais quarenta mais um né? Ou uma centena mais quatro dezenas e teve outros que colocaram o material dourado né? Então você veja, que eles compreenderam o sentido, que eu colocava assim uma centena... aí eles poderiam colocar o nome do cem aí ele colocou ou desenhou. Eu considerei, porque afinal de contas que ele entendeu o processo. Que era de uma centena, uma dezena, e foi uma matéria assim em que eu passei no começo do ano...e eu por um acaso passei uma avaliação para uma retomada de conteúdo e eu vi que ficou bem incorporado neles....porque eles entenderam assim.Então visualmente, foi muito vantajoso, porque eles conseguiram compreender e ficou na mente deles assim, eu consegui ver que eles conseguiram assimilar bem isso. E hoje, eu às vezes eu faço umas brincadeiras, assim. E aí quantas centenas? E eles vão... e a material antecessor, sucessor. Eles entenderam que não é o mais um menos um. Eles entenderam que é o que vem antes e que vem depois. Antes...Porque é fácil você falar, a qual o antecessor do cem, aí você vai 99 quais é o sucessor mais um. Não é o mais um e menos um que eu queria que eles soubessem. Eu queria que eles soubessem que a palavra antes e depois e foi...fiz todo sentido para eles assim né? Eles falam assim que o que vem antes e o o que vem depois, crescente e decrescente que foi uma matéria assim que eu trabalhei bem oralmente assim. Aí eu colocava assim uns desenhos no quadro e aí claro a gente coloca os materiais, umas flores maiores....agrada todos os gostos...coloquei umas bolas de futebol ...e é o que chama atenção deles. E vejo assim as vezes assim quando uma matéria assim que é muito complicada e as vezes eu caio é muito do tradicional. É ... [silêncio] há uma perda bem grande do interesse deles assim. Fica prestando a atenção, mas aqueles que já são mais focados. O resto meio que...

Pesquisadora: ah, tem mais.. uma certa dificuldade que você falou que tem uma certa dificuldade. Você percebe que eles estão é....não estão tão atentos?

Bruno: Exatamente.... exatamente....eles.... talvez pela dificuldade as vezes de compreensão as vezes de uma matéria um pouco mais complicada....eles já batem naquele conceito que eu falei..que é....não sei fazer.... e deixa por isso mesmo, né? Então....

Pesquisadora: E para falar ainda desse teu momento de professor alfabetizador eu vou montar uma lista minha agora tá? E eu vou pedir né se você tem interesse em falar sobre esta lista agora que vou organizar aqui. Então eu vou escolher alfabetização matemática, vou escolher resolução de situações problemas, vou escolher histórias, oralidade, é...vou substituir aqui alfabetização matemática e letramento....é leitura e escrita, jogos, leitura e escrita colocar junto [silêncio] ta. Acho que seriam estas aqui. Gêneros textuais, e acho que se repete. Leitura de histórias vou substituir a palavra história por leitura de histórias. O que você acha que essas palavras, que eu escolhi para você falar para você escolher alguma delas ou para você né falar desse teu momento de professor alfabetizador dessa relação com a matemática e do processo de ensino e aprendizagem das crianças. O que você acha que estas palavras têm a ver com isso?

Bruno: vou começar então pelos jogos. É eu fui no PNAIC, no primeiro dia de aula do PNAIC e uma professora comentou sobre a matemática silenciosa. Eu sempre procuro aplicar o que aprendo. Eu fiz um curso de português e passei a fazer as minhas aulas com base naquele curso de português, que eu fiz com a prefeitura de Pinhais. E eu peguei e fui nesse do PNAIC. E uma professora explicou mais ou menos bem rapidamente o que é o tal da matemática silenciosa.

Pesquisadora: ah, me explica

Bruno: é....eu fiz uma adaptação. Funciona muito bem para os meus alunos tanto aqui quanto na outra escola. Que é mais ou menos assim. O aprender mesmo a operação, que nem eu falei, as vezes é muito massante. Então o que eu fiz? Você separa o lado A e o lado B

Pesquisadora: De alunos?

Bruno: De alunos. E você coloca lá no quadro o lado A e o lado B, e você coloca uma operação semelhante no lado A e no lado B. Eu como professor já tenho um pouco de conhecimento de quais tipos de operações que cada aluno consegue efetuar. Então eu seleciono aquele aluno para aquela dada operação. E aquele aluno para aquela dada operação. E aí eu conto entre quinze a trinta segundo. Eles começam a fazer a resolução. Só que não pode falar por um momento. Se falar perde pontos. Então por isso que é matemática silenciosa. Nenhum dos colegas pode falar.... para não perder pontos.

Pesquisadora: (risos)

Bruno: e é uma coisa que funcionou. Que às vezes chega assim, ta numa aula assim e eu vejo que eles estão assim.... Falta assim tipo uns cinco minutos. E aí “professor faz matemática silenciosa” e eles adoram!! Aliás termina o jogo e eu faço toda aquela questão de confraternização. E aí digamos o lado A pontuou e fez operação correta. E foi uma coisa assim.

Pesquisadora: e daí? Ganham? As equipes ganham? Se acertar?

Bruno: ganha. Ganha. E quem ganha, vai cumprimentar....não há essa questão de rivalidade, que eu o procuro não..

Pesquisadora: e você propõe o que? Você propõe....

Bruno: Por exemplo, assim, para os alunos que eles estão no estágio inicial da matemática eu coloco assim: “catorze mais dez, catorze mais quinze, trinta menos cinco, trinta menos”....umas operações mais tranquilas. Aí nos alunos que estão um pouquinho mais... eu já coloco na casa das centenas mais e menos e para os que estão um pouco mais avançados eu já coloco uma multiplicação ou alguma é subtração com o zero em cima que eles tem bastante... e tem ajudado muito assim na questão assim de ...de...de vontade de fazer operação, que aí eles pegam assim sabem fazer e ficam....não pode fazer, é ele quem vai fazer. E eles sentem extremamente e olha é uma coisa assim que tão simples, tão simples mas que funciona. E eu vi no PNAIC e falei assim “eu vou usar”!

Pesquisadora: hanha

Bruno: E uso. De vez em quando eles pedem. Outra que usei foi para cálculo mental. Em um joguinho de quebra de cabeça.... de tabuleiro, que era jogar os dados, somar e fazer. Foi uma coisa tão simples mas que dá um resultado tão efetivo. Eles sabem fazer um cálculo mental de dez de vinte e de centena, já fica bem mais tranquilo nesse ponto. Então eu tenho utilizado esse ponto assim na questão de operações, eu acho que os jogos ajudam bastante. É eu estou tentando trazer um outro que apliquei na outra escola que é o jogo d e tabuada. Que você joga redondinho como se fosse, você joga duas bolinhas aí cai tipo cinco vezes sete. E aí ele tem que procura dentre o as fichinhas que tem, qual que é cinco vezes sete né? Aí quem achar, pontua. Um jogo extremante simples que facilita muito assim. Ai atrás tem a resolução então....essa questão d e jogo na questão de operação eu acho que....

Pesquisadora: Você acha que contribui?

Bruno: Contribui bastante.

Pesquisadora: No ensino ou na aprendizagem?

Bruno: Na aprendizagem. É...na alfabetização... é um ...[silêncio] não sei se diria um divisor de águas. Mas é aquilo que eu falei. Está extremante... é relacionado... porque que eu vejo os que tem dificuldade em português fatidicamente vão ter dificuldade em matemática, infelizmente!

Pesquisadora: Por que você acha?

Bruno: Porque a questão da interpretação.

Pesquisadora: Precisa de interpretação?

Bruno: Precisa. Não na interpretação na oralidade. Mas às vezes quando você propõe qualquer....se você coloca assim uma operação ela vai sabe que é mais e menos, agora quando você coloca uma situação-problema quando você coloca assim e se você mudar, contextualizar um pouco mais aquela situação, ele já....se ele não tiver o letramento, que é a interpretação, ele não vai conseguir.

Pesquisadora: Em que situação....Você chegou....durante o teu tempo com os alunos é atividades que ajudem a essa compreensão de situações problemas que você propõe, o que você faz?

Bruno: Eu procuro contextualizar dentro de algo que seja do convívio deles. Eu procuro é....normalmente assim, eu sempre procuro achar alguma por exemplo.... e eu vou dar um exemplo. Nós tivemos, que foi um modelo que eu usei com base no curso de português. Então eu peguei um texto que era a água, a importância da água. E foi uma aula assim muito legal porque eu comecei com o português naquele texto, aí em entrei nas ciências. E das ciências eu entrei na matemática. Porque tinha uma parte que dizia a questão da porcentagem de água né....aí eu fiz um desenho....eu contextualizei todo o ambiente da questão da poluição da água, o quanto de porcentagem de água que existe na....na....na....pra livre para a gente, que a gente possa consumir e dentro disso a gente....está lá inclusive o cartaz na sala da água. Eu deixei lá para até hoje. E feira de ciências inclusive foi sobre o ciclo da água....então essa questão assim de....a compreensão daquele texto para os que já tem um letramento maior foi muito mais fácil e para os outros foi uma surpresa de eles entender que a água é tão escassa que só existiam digamos 1% de água potável e eles queriam entender o que era esse 1%. Aí eu peguei no material dourado, coloquei lá da barrinha de 100 e coloquei que apenas um quadradinho daquele....e foi toda essa contextualização. E os que tiveram dificuldade em aprender o texto, tiveram maior dificuldade em compreender a questão da água, da porcentagem da água, entendeu? Aí então por consequência eles tiveram um pouco mais de dificuldade no que veio depois no trabalho. Trabalhar, depois a gente ia trabalhar a centena, uma questão lá sobre centenas, dezenas tudo que aí eles ainda tiveram um pouco mais de dificuldade do que os outros que aí bateu na questão do letramento né? É situações problemas? Vejo algum caso é....que ocorre como ocorreu comigo, tem algum caso que tinha relato que é

Pesquisadora: sim

Bruno: chega na situação-problema....eu não entendo para por aqui mas eu tenho situações assim que é....as vezes o aluno tem dificuldade mas vou lá, vamos pensar juntos e aí eles conseguem.

Pesquisadora: aí eles avançam?

Bruno: avançam, avançam.

Pesquisadora: Você consegue perceber, pela tua fala, que existem alunos com dificuldade mas que aceitam os desafios e seguem?

Bruno: Isso.

Pesquisadora: E aqueles alunos que diante da dificuldade eles não conseguem seguir?

Bruno:É, entram num estado de conforto. E é esses que não querem seguir. É justamente os que estão com maiores dificuldades, que representam infelizmente a gente representa por notas.avaliação e os que tem mais e... um deles é um caso bem específico que é o Matheus né? Ele tem assim grande dificuldade, ele eu já tenho laudos dele e ele tem dificuldade assim na questão assim de... como eu posso dizer, assim? No pensamento lógico. E tem funcionado para ele...eu até certo ponto eu desafiá-lo mais do que eu propor

assim situações que ele possa resolver. Então quando eu desafio, eu as vezes, as vezes ele, por exemplo só para citar um exemplo, esta matemática que eu contei assim para ele fez o maior sentido do mundo, ele pegar e fazer a operação de mais, de

Pesquisadora: matemática silenciosa? Você fala?

Bruno: não de multiplicação e da matemática silenciosa também, ele quer sempre participar por mais que tenha dificuldade, ela está sempre procurando participar mesmo que ele erre, ele tem essa vontade assim que é algo que não vinha no começo mas agora está vendo e para ele fez um maior sentido, ele não entendia a questão de soma, subtração e multiplicação e quando eu mostrei esse método bem simples que eu usei que era por exemplo 8 vezes dois você coloca 8 e 8 e ele fez, por mais que ele errou deu para ver que o caderno dele estava inteiro marcado e fez maior sentido do mundo para ele e não acontecia até mais ou menos um mês atrás. E uma coisa tão simples você pegar e marcar porque o que eu fiz? Eu voltei ...no início para vocês fazerem um milhão vezes um milhão e tem que saber o quanto é umas vezes um. E aí eu mostrei com giz no quadro e mostrei com o material dourado e mostrei a resolução e para ele foié então ...ainda ele não acerta, mas ele já sabe o processo.

Pesquisadora: e seus alunos gostam de ler? Lê em? Como é que é?

Bruno: gostam! Eu tenho tido bastante resposta na leitura, até mais do que eu esperava.

Pesquisadora: como que eles lê em? Que situações que você percebe que eles lê em?

Bruno: É eu proponho assim para eles fim de semana as vezes eu passo um livro para eles e eles e aí o dia que não tem eles: “professor, não vai ter livro s para ler?” Sabem eles me cobram assim. E a partir do momento que eles cobram e ai as vezes assim

Pesquisadora: E eles levam livrinhos para casa? Para a sala de aula?

Bruno: Levam, fazem...eu tenho feito também alguns trabalhos de....que eles tragam livro de casa e apresentem para os colegas e eles adoram fazer isso. E eu gosto muito, assim nessa questão porque às vezes é uma semana assim que eu não me planejo de mandar lição para casa, aí eles “professor não vai ter?” ai eu tenho, e chegar e ai o que eu faço? Eu crio os professores as vezes tem que fazer isso, crie assim faço pego um livro, as vezes eu crio alguma questão alguma situação para eles levarem para casa e trazer porque eles tem assim a questão de interesse deles tem sido bem grande, retorno deles.

Pesquisadora: Você tem livros na sala?

Bruno: Tenho. Tenho livros na sala, no meu armário. E sempre que eles me pedem eu dou. Se eu não tiver, eu....

Pesquisadora: e eles pedem assim? Diariamente?

Bruno: Pedem. Por incrível que pareça eles pedem eu tenho tido bastante retorno assim.... para alguns um a boa parte professor tem livros e tudo muito ta termina alguma coisa posso pegar livro..pode, deve!

Pesquisadora: Esses que você falou me pareceu assim dos grupos digamos né? Os que são desafiados pela matemática....em frente e aqueles que são desafiados mas ficam a s vezes mais passiva aguardando de repente um apoio mais efetivo. Quais desses dois grupos você percebe que gostam mais de ir para leitura? Ou você percebe que os dois vão? Dá para ver essa diferença?

Bruno: é a o primeiro grupo é o que vai mais para leitura, o outro... por exemplo assim, eu tenho a Cauanne ela está no nível...SO na verdade assim, 35 aqui no terceiro ano eu tenho três ou quatro que estão neste nível..assim estão bem inicial

Pesquisadora. Mais inicial?

Bruno: e a Cauanne, a Anda, a Bianca e o Matheus que até não sei se deve colocar nome....

Pesquisadora: há

Bruno: qualquer coisa a gente vê depois. E eles tem os dias deles, assim sabe? Tem os dias que eles querem levar, tem dias que eles não querem. Então eu procuro respeitar o momento. Que não adianta, as vezes eu até falo “leva leva” e ele leva assim... E a Cauana teve uma resposta boa. Eu passei um livro, ela levou uns dois meses para ler o tal do livro, sabe? Mas ela leu! E aí ela voltou e pedi para me contar uma história e ela contou. E só nessa mudança assim eu vi que ela conseguiu passar e efetuar as avaliações. Quase que por conta própria. Ainda a nota dela, está digamos assim um pouco baixa do que eu esperaria, mas fez uma diferença tão grande assim na questão na matemática, porque ela conseguiu ela consegue ler aquele problema e consegue! As vezes não acerta, mas ela consegue entender o processo. E isso é um avanço bem grande. Porque eu procuro analisar na porque a gente tem aos parâmetros, saber mas antes da gente ver o parâmetro a gente ver os parâmetros a gente também deve ver também o que cada aluno está evoluindo né? Porque é fácil você ver um aluno já que está num nível mais avançado e vai evoluir de acordo com o parâmetro mas para aquele aluno específico que vinha de uma grande dificuldade já passar a ler por conta própria já é um excelente avanço.

Pesquisadora: Bruno e estou mais do que satisfeita com a sua fala...perfeito, muito obrigada. Quero deixar um espaço para você falar mais da sua infância da sua fase de formação mas acho que sua fala contribuiu e vai contribuir muito para minha pesquisa, muito mesmo! Uma história riquíssima, uma relação maravilhosa... entre a tua relação né com a família, que a influencia que a família teve na sua vida de estudante de formação e essa relação que você conseguiu fazer com a matemática na importância que você deu éem relação a leitura infância da tua dedicação a mãe e dedicado a você e o quanto isso influenciou no aprendizado da matemática ...e aí observei que essa mesma esse mesmo encaminhamento em relação a leitura e matemática você tem em sua prática..

Bruno: fico bem feliz

Pesquisadora: então vou colocar o protocolo de encerramento da pesquisa estamos no município de Pinhais, 20 de maio de 2014 é conversando com o professor Bruno Garcia, professor alfabetizador, do terceiro ano. Entrevista dada a

pesquisadora.alfabetização matemática na perspectiva do letramento Ilopíneo
Hartmaniano Martins.....muito obrigada

Bruno: obrigada a você, foi um prazer!

Pesquisadora: foi um grande prazer, você contou histórias maravilhosas.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Bruno A. G. Garcia, portador (a) do RG 79948675, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Bruno A. G. Garcia, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 20 de maio de 2014.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): BAGG

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA
TEXTUALIZAÇÃO**

Eu, Bruno A. G. Garcia, portador (a) do RG 7.994.867-5,
declaro que após ter lido o texto da textualização da entrevista por mim
concedida em 20/05/14, e após ter feito minhas considerações e solicitado
modificações nas seguintes partes da textualização:

Onde se lê:

Lê-se:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das
informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do
texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, BRUNO A. G. GARCIA, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 21 de AGOSTO de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): BAGGAR

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine Maria Hartmann Martins

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Bruno A. G. Garcia, portador (a) do RG 19948675, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente momento de "ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: ALTERAÇÕES E PERMANÊNCIAS DAS ATITUDES DOS PROFESSORES COM RELAÇÃO À MATEMÁTICA ESCOLAR A PARTIR DE UM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA NO ÂMBITO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA", desenvolvida pela pesquisadora Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email: ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: investigar em que aspectos um curso de formação continuada no âmbito de uma política pública contribui para alterações e permanências de atitudes dos professores com relação à matemática escolar a partir das histórias contadas por seus alunos.

Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária por meio de entrevista aberta com o uso de fichas a ser gravada em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que considere inadequadas.

Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Bruno A. G. Garcia, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 20 de maio de 2014.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a):

BAG

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora:

Iloine Maria Hartmann Martins

ANEXO B – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Gabrieli
Balansin e termos de autorização.

Entrevistada: Gabrieli Balansin

Data da Entrevista: 03/07/2014

Transcrição: Fabiane Prazeres

Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins

Pesquisadora: Bom então nós vamos fazer um joguinho com a Gabrieli Balansin e então, Gabriele ó é assim, as regrinhas do jogo, esse jogo que a gente vai fazer. É o jogo do Desafio da Matemática, né, você pode ganhar um boneco desse daqui* em cada um dos desafios, tá. Quantos desafios nós temos no jogo?

* A pesquisadora apresenta os bonecos dos desafios.

Gabrieli: Seis. (conta primeiro o número de desafios)

Pesquisadora: Seis desafios. Então você está afim de fazer o joguinho?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Está? Então se você acertar cada um dos desafios, fizer certinho você vai ganhar esse boneco. Se você chegar no final do percurso, aqui no final e você ainda não ganhou todos os bonequinhos, você volta e faz o percurso novamente, faz o caminho aqui dos bonequinhos novamente, tá?

Gabrieli: Tá.

Pesquisadora: Você tem três chances para fazer, para ganhar, tá? Então para começar o jogo, você vai precisar responder algumas perguntas para mim, você responde? Nome completo?

Gabrieli: Gabrieli Balansin.

Pesquisadora: Gabrieli. É assim? Gabrieli com dois "l"? Um.

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Balansin. Quantos anos você tem?

Gabrieli: Sete.

Pesquisadora: Sete anos. Qual o dia do seu aniversário?

Gabrieli: Dia 16 de março.

Pesquisadora: Qual o nome do seu pai?

Gabrieli: Valdevir Balansin.

Pesquisadora: Valdevir Balansin. Nome da sua mãe?

Gabrieli: Ivana Lucia Hartman Balansin.

Pesquisadora: Nome da sua professora?

Gabrieli: Helena Ignês.

Pesquisadora: Como?

Gabrieli: Helena Ignês.

Pesquisadora: Helena com "h"? Helena... Ignês?

Gabrieli: É.

Pesquisadora: Nome da sua escola?

Gabrieli: Tásson Azevedo da Silveira.

Pesquisadora: Tásson Azevedo da Silveira. Qual o nome da sua cidade?

Gabrieli: Chopinzinho Paraná. (ouve-se conversa da família na cozinha)

Pesquisadora: Chopinzinho Paraná. Qual série que você estuda?

Gabrieli: Segundo ano.

Pesquisadora: Segundo ano. Quantos cadernos você usa na escola?

Gabrieli: Quatro.

Pesquisadora: Quatro. Você desenha nos cadernos?

Gabrieli: Sim.

Pesquisadora: Sim?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: É, qual caderno você desenha mais?

Gabriele: No de desenho.

Pesquisadora: No de desenho? Você tem caderno com muitos quadradinhos?

Gabriele: Tenho.

Pesquisadora: Tem?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Você escreve o que nesse caderno?

Gabriele: Bastante coisa.

Pesquisadora: Bastante coisas o que?

Gabriele: Ah... Continhas...

Pesquisadora: Contas, o que mais?

Gabriele: Desafios.

Pesquisadora: Desafios, o que mais?

Gabriele: Acho que só.

Pesquisadora: Acha que só? É, você desenha no caderno de quadradinhos?

Gabriele: Mais ou menos.

Pesquisadora: Mais ou menos? O que você desenha?

Gabriele: Coisas de matemática.

Pesquisadora: Coisas de matemática. O quê?

Gabriele: É...

Pesquisadora: Não lembra? Tudo bem. Terminou. Uhum. Então vamos lá, vamos começar o jogo?

Gabriele: Vamos.

Pesquisadora: Então vamos jogar aqui um, um...

Gabriele: Deixa eu ver aqui o que eu desenhei *. Ah eu desenho, tipo...

* Nesse momento pega o caderno de Matemática para ver o que ela desenha nesse caderno.

Pesquisadora: No caderno de quadradinhos você desenha o que? Pode falar.

Gabriele: É o que eu fiz aqui, grupo de quinze alunos, grupo de cinco, de três, quatro... desenho quadradinhos, bolas, sinais, mais*... quinze bolas.

* A entrevistada conta primeiro a quantidade de bolas

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Bastante coisas eu desenho.

Pesquisadora: Aqui, então você vai jogar o dado, né, e conforme você vai jogando o dado você vai andando aqui nos... Joga lá. Quanto deu?

Gabriele: Quatro.

Pesquisadora: Quatro. Uhum, ó, então aqui você está vendo que tem uma flechinha, então você vai precisar ver o que está escrito aqui.

Gabriele: O que você gosta de fazer no caderno de matemática?

Pesquisadora: Isso, então conta para mim o que você gosta de fazer no caderno de matemática.

Gabriele: Ah eu gosto de fazer continha, desenhar, escrever...

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: E só.

Pesquisadora: E só?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Então está bom, pode jogar. Pode falar alto.

Gabriele: Dois.

Pesquisadora: Dois, isso, ó, o que está escrito aqui?

Gabriele: Volte um boneco.

Pesquisadora: Volte um boneco. E agora então você vai fazer o que?

Gabriele: Primeiro desafio.

Pesquisadora: Isso aí. Aqui está o primeiro desafio. Vamos ver? Vamos ver qual será o seu primeiro desafio*.

*Nesse momento a entrevistada retira do envelope do jogo a primeira tarefa do primeiro desafio.

Gabriele: Primeiro desafio: desenhe o que você mais gosta de fazer na escola e conte para a Ana e Seven. (conversas ao fundo)

Pesquisadora: Seven. A Ana é essa daqui e o Seven é esse daqui, tá? Então você vai desenhar aqui, ó, olha aqui, primeiro desafio, desenhe o que você mais gosta e conte para Ana e Seven, que são esses dois bonequinhos aqui, tá? Então você vai pegar aqui, se você quiser pegar, olha, o que eu trouxe aqui, os seus desenhos e pode desenhar o que mais gosta de fazer na escola. (Barulhos e pessoas conversando ao fundo).

(silêncio prolongado enquanto desenha)

Pesquisadora: Você quer falar o que você está fazendo ou quer que eu espere você terminar?

Gabriele: Não sei.

Pesquisadora: O que você acha melhor? Você quer me contar, quer ir me contando já, contando para o Seven e para a Ana.

Gabriele: Estou fazendo eu estudando.

Pesquisadora: Isso aí é o que, uma carteira?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: O que você mais gosta de fazer na escola então é estudar?

Gabriele: É.

Pesquisadora: É? Estudar o quê?

Gabriele: Bastantes coisas. Caderno de língua Portuguesa.

Pesquisadora: É?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: O que você gosta muito?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Do quê?

(silêncio)

Pesquisadora: Você vai apagar?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Por quê?

Gabriele: É que eu fiz errado aqui um negócio.

Pesquisadora: Isso aí é o que?

Gabriele: Cadeira.

Pesquisadora: Hum... Ah é a carteira e a cadeira?

Gabriele: Uhum.

(silêncio e continua o desenho)

Pesquisadora: Vocês fazem trabalhos em grupo na sua escola?*

* Faço as perguntas enquanto ela desenha

Gabriele: Às vezes sim.

Pesquisadora: É? Nas aulas de Português ou na de Matemática?

Gabriele: Nas duas.

Pesquisadora: Nas duas? Aí um amigo ajuda o outro?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: É melhor fazer em grupo ou fazer...

Gabriele: Sozinhos.

Pesquisadora: Sozinhos você acha melhor?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Ou em dupla, não?

Gabriele: Em dupla não.

Pesquisadora: Mas, por exemplo, se você não sabe fazer as continhas, você fazendo com um amigo, não ajuda?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Por quê?

Gabriele: Só atrapalha.

Pesquisadora: Ah é? Como assim? Não entendi.

Gabriele: Ah quando tipo, eu estou fazendo atividade né, a Julia... já terminou, ela vai lá na minha mesa...

Pesquisadora: Sim.

Gabriele: Me incomodar.

Pesquisadora: Hum. E a professora gosta que vocês façam sozinhos, acha melhor...

Gabriele: Gosta.

Pesquisadora: De grupo ela... Ela manda às vezes?

Gabriele: Só às vezes quando é em dezenas.

Pesquisadora: Como assim em dezenas?

Gabriele: Tipo, quando a professora de Educação Física ela falou para a gente que na outra quarta-feira a gente tinha que estar na sala, daí ela dava as nossas avaliações.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Daí a gente ficou jogando joguinho lá no chão.

Pesquisadora: Uhum. Daí foi em grupo?

(Ouve-se som da pressão do lápis enquanto pinta o desenho)

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Então desse primeiro desafio você está desenhando... A questão é, desenhe o que você mais gosta de fazer na escola, então o que é que você gosta de fazer na escola?

Gabriele: Estudar.

Pesquisadora: Estudar, que é o que você está desenhando, né?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: E daí eu perguntei estudar o que e você falou que gosta mais de estudar...

Gabriele: No caderno.

Pesquisadora: No caderno de Língua Portuguesa?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: É? Muito bem! Ficou lindo o seu desenho.

Gabriele: Obrigada.

Pesquisadora: Ficou bem legal, depois você só coloca o seu nome ali.

Gabriele: Tá.

Pesquisadora: E a gente vai seguir daí o jogo para tentar conseguir os outros desafios, né?

Gabriele: Uhum.

(silêncio para assinatura)

Pesquisadora: Muito bem, fez a assinatura, fez o desenho, primeiro desafio cumprido, primeiro boneco ganho.*

*Nesse momento lhe entrego o primeiro boneco

Gabriele: Obrigada.

Pesquisadora: Então agora pode jogar o dado e vamos seguir o nosso joguinho.

Gabriele: Seis.

Pesquisadora: Então vamos andar.

Gabriele: Um, dois, três, quatro, cinco, seis.

Pesquisadora: Seis. Então está indicando uma flechinha.

Gabriele: O que é fácil na Matemática?

Pesquisadora: Pode pegar o caderninho se você quiser o que você acha fácil.

Gabriele: Fazer continhas.

Pesquisadora: Fazer continhas? De quê?

Gabriele: Hum, de mais.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Às vezes eu gosto de fazer de menos, mas eu gosto mais de fazer de mais.

Pesquisadora: Uhum. Só tem continha de mais e de menos ou tem de outros tipos?

Gabriele: Só tem de mais e de menos, de vezes a gente ainda não aprendeu.

Pesquisadora: Uhum. E por que a gente precisa aprender a fazer continha de mais e de menos? A gente usa em outro lugar ou só usa na escola?

Gabriele: Em outro lugar às vezes também.

Pesquisadora: Aonde, por exemplo, você pode usar?

Gabriele: Não sei.

Pesquisadora: Nunca usou? Na sua casa você nunca usou?

Gabriele: Usei.

Pesquisadora: Aonde? Quando que você precisou usar para fazer continha?

Gabriele: Quando a professora, ela manda a gente fazer tarefa, às vezes eu faço continha.

Pesquisadora: Sei, aham.

Gabriele: Se ela passa tipo... Ela passa esse aqui...

Pesquisadora: Aham, sim.

Gabriele: Continhas, aí tem que terminar em casa. Esse aqui um dia a professora deu daí eu fui fazendo todas as continhas primeiro depois pintar.

Pesquisadora: Eu sei, mas, por exemplo, quando você vai no supermercado, você costuma fazer continhas?

Gabriele: Às vezes para saber o preço, sim.

Pesquisadora: É? A tua mãe faz continha?

Gabriele: Não sei.

Pesquisadora: Não? Mas como assim, você está no supermercado você faz continha para saber o preço?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: É? Mas como assim, explica, você tem dinheiro?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Não?

Gabriele: Quando eu quero uma coisa a mãe pede, "ah então vai lá ver quanto que é", aí eu falo tipo, "R\$ 3,95", daí ela fala, "não, é muito caro", tipo isso!

Pesquisadora: Uhum, daí você faz continhas? Muito bem.

Gabriele: Tipo assim, olha, quer ver?*

* A entrevistada nesse momento pega um rolo de etiquetas e coloca alguns números

Pesquisadora: Hum. O que é isso aí? Ah é um...

Gabriele: Ticket.

Pesquisadora: É um rolo... É um ticket de preço?

Gabriele: É.

Pesquisadora: O que você vai fazer?

Gabriele: Tipo, R\$ 3,95.

Pesquisadora: Ah tá.

Gabriele: Aí está lá em algum lugar.

Pesquisadora: Tem um ticket de preço em cada produto?

Gabriele: É.

Pesquisadora: Igual você fez aí.

Gabriele: É, tipo a tesoura, é R\$ 3,95.

Pesquisadora: Certo.

Gabriele: Eu pego levo lá para mãe para ela ver se é mesmo,

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Porque eu não sei ainda bem certo as coisas.

Pesquisadora: Certo. Por exemplo, igual você fez ali um ticket de preço para a tesoura da sua mãe, mas será que a gente consegue comprar uma tesoura por R\$ 3,95? Ou a tesoura é mais caro?

Gabriele: Acho que é mais caro.

Pesquisadora: Mais caro. Uhum. Então vamos seguir, no jogo? Então o que você acha que é mais fácil na matemática que você acha são as continhas?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Ok, muito bem. Então joga o dado, por favor?

Gabriele: Três. Um, dois, três.

Pesquisadora: Não, para cá! Ah está certo, é isso mesmo.

Gabriele: Três.

Pesquisadora: Aham. Volte um boneco.

Gabriele: Um boneco.

Pesquisadora: E aí, então você vai fazer o terceiro desafio. Então vamos ver, o que está escrito aqui?

Gabriele: Terceiro desafio: qual dessa figura tem na sua sala de aula, o que a professora faz com elas?

Pesquisadora: Isso, então aqui, terceiro desafio é isso aqui*. Então a pergunta é, qual dessas figuras tem na sua sala de aula? Pode falar. Tem o...

*As figuras propostas para este desafio eram um calendário, relógio, quadro numérico, fita métrica e continhas

Gabriele: Tem o relógio.

Pesquisadora: Tem o relógio...

Gabriele: Calendário...

Pesquisadora: Calendário...

Gabriele: E somas.

Pesquisadora: E somas? Continhas.

Gabriele: Se a professora dá.

Pesquisadora: Isso, se a professora dá. E esse daqui?*

* Apontei para a fita métrica

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Não tem?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: E esse daqui?

Gabriele: O que é isso?

Pesquisadora: Quadro numérico.

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Não? E o que a professora faz com o relógio?

Gabriele: Vê as horas. Quando é para gente trocar o livro segunda-feira, quando é pra gente ir para a Educação Física.

Pesquisadora: Aham.

Gabriele: Quando é para gente ir no lanche.

Pesquisadora: Uhum. E ela ensinou vocês como é que a gente pode ver as horas?

Gabriele: Mais ou menos.

Pesquisadora: Então explica para mim como que funciona as horas.

Gabriele: Espera aí.*

* A entrevistada vai até a cozinha buscar o relógio

Pesquisadora: Isso, explica.

Gabriele: Quando o ponteiro grande está no 12 e o pequeno está no três, é porque é três horas.

Pesquisadora: Certo.

Gabriele: Quando o pequeno está no três e o grande está no seis, é porque é três e meia.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: E quando o ponteiro grande está no doze e o pequeno está no dez, é porque é dez horas.

Pesquisadora: Muito bem.

Gabriele: Quando o grande está sempre no doze e o pequeno em qualquer lugar, é porque é tal hora.

Pesquisadora: Uhum. E a professora que ensinou isso para você?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Quem ensinou?

Gabriele: A mãe.

Pesquisadora: A sua mãe? Uhum. E no calendário, o que a professora ensina com o calendário?

Gabriele: Calendário ela diz que... Bom ela marca o xizinho assim em tal dia que é.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Tipo, amanhã não vai ter aula; depois da manhã vai ser Corpus Christis; assim, ela vai marcando, aí quando acaba o mês ela faz um xizão.

Pesquisadora: Uhum. O aniversário dos seus amigos, vocês também ficam cuidando alguma coisa ou não?

Gabriele: Não, a gente tem um lá do Mickey, aí tem um monte de cabecinhas do Mickey, tipo essas assim, essas aqui,* mas são grandes.

*Nesse momento a entrevistada pega como exemplo dedoches de EVA que estão sobre a mesa

Pesquisadora: Certo.

Gabriele: Daí cada um mês, cada mês tem assim, né? Daí março tem eu de março.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Daí tipo, janeiro, fevereiro, março, abril, junho, julho, agosto, setembro.

Pesquisadora: É um outro quadro que vocês tem de aniversariante?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Aham.

Gabriele: É.

Pesquisadora: E esse daqui, quadro numérico não tem?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Você nunca viu, não conhece?

Gabriele: Conheço!

Pesquisadora: Conhece? Que tipo de atividade você acha que dá para fazer nesse quadro?

Gabriele: Com os números...

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Aprender os números.

Pesquisadora: O que você acha que tem nesse quadro numérico, que é bem parecido assim?

Gabriele: Ah, bastantes números.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Eu acho que só.

Pesquisadora: Só isso? Você sabe escrever todos, de um a cem?

Gabriele: Sei.

Pesquisadora: Sabe? Essa aqui é a coluna de que?

Gabriele: Dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem.

Pesquisadora: O que você vê de igual nessa coluna aqui?

Gabriele: Todos os zeros.

Pesquisadora: Todos os zeros? E os outros?

Gabriele: Nada igual.

Pesquisadora: Nada igual?

Gabriele: Não, porque dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem.

Pesquisadora: Hum. Muito bem. Eu acho que você conseguiu também o terceiro desafio, então você vai ganhar mais um boneco. Você já ganhou dois, né? Você já ganhou dois, então agora aqui o segundo boneco e nós podemos seguir...

Gabriele: Obrigada.

Pesquisadora: Já podemos seguir o jogo. Vamos lá?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Joga de novo o dado.

Gabriele: Dois. Um, dois.

Pesquisadora: Avance...

Gabriele: Avance quatro bonecos,

Pesquisadora: Isso, pode seguir. Oba! Mais um desafio.

Gabriele: Ui, eu adoro.

Pesquisadora: Oh, então quarto desafio.

Gabriele: Quais dessas coisas acontecem na sua sala de aula?* Explique para Ana e Seven.

*As figuras propostas no quarto são cenas de uma professora lendo para os alunos, alunos lendo sozinho, lendo em dupla e sozinho. Tem ainda figura de crianças brincando, professora ensinando continhas, crianças chorando e o professor brigando com uma criança.

Pesquisadora: Isso, a Ana e o Seven querem saber o que é que acontece, né? Quais dessas coisas acontecem na sua sala de aula. Então aqui tem várias figuras e daí eles querem saber qual dessas coisas acontecem na sua sala de aula, então na primeira, por exemplo, o que é aqui?

Gabriele: A professora lendo para os alunos.

Pesquisadora: Isso, a professora lendo para os alunos. Acontece na sua sala de aula?

Gabriele: Acontece.

Pesquisadora: Quais histórias que a professora lê para vocês?

Gabriele: Ah bastantes histórias. Quando os meus colegas levam livros a professora lê.

Pesquisadora: Uhum. E a professora tem livros na sala?

Gabriele: Tem, uma caixa.

Pesquisadora: É? E aqui? Que figura é essa?

Gabriele: Aqui os alunos lendo um livro.

Pesquisadora: Aqui a professora que está lendo, e aqui os alunos estão lendo sozinhos.

Gabriele: Às vezes quando eles acabam eles leem.

Pesquisadora: Você lê com os amigos?

Gabriele: Quando eu levo livrinho de casa, sim.

Pesquisadora: É? Lê junto com os amiguinhos, e aqui?

Gabriele: Não, eu leio na carteira.

Pesquisadora: Você lê na carteira. Os amiguinhos vão na sua carteira para ler com você?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Você lê sozinha?

Gabriele: Deixa eu atender o telefone...*

*Nesse momento a entrevistada corre para atender o telefone, mas sua mãe acaba atendendo

Pesquisadora: E aqui? São dois amigos lendo.

Gabriele: É, às vezes também acontece.

Pesquisadora: Você lê com qual dos seus amigos?

Gabriele: Com a Julia.

Pesquisadora: Com a Julia?

Gabriele: Com a Joana.

Pesquisadora: E aqui?

Gabriele: Uma pessoa lendo um livro sozinho.

Pesquisadora: Sozinha. Isso também acontece na sua sala?

Gabriele: Acontece com bastantes pessoas.

Pesquisadora: O que acontece mais, a professora lendo para os alunos, os alunos lendo sozinhos, os alunos lendo em duplas ou os alunos lendo sozinhos?

Gabriele: Esse aqui, os alunos lendo sozinhos.

Pesquisadora: Sozinhos. E aqui, o que é essa figura?

Gabriele: Brincando.

Pesquisadora: Crianças brincando.

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Isso acontece na sua escola?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Não?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Vocês nunca brincam?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Não? E aqui? Professora...

Gabriele: Fazendo continhas.

Pesquisadora: Isso acontece na sua sala de aula?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Sim?

Gabriele: Sim.

Pesquisadora: E aqui?

Gabriele: Acontece.

Pesquisadora: O que é isso aqui?

Gabriele: O professor brigando com o aluno.

Pesquisadora: E isso acontece na sua sala?

Gabriele: Acontece.

Pesquisadora: Por quê?

Gabriele: Às vezes o Dioni faz muita palhaçada.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Daí a professora briga com ele.

Pesquisadora: É? É só com o Dioni ou você...

Gabriele: Com mais pessoas também.

Pesquisadora: É? Com você?

Gabriele: Mais ou menos.

Pesquisadora: Mais ou menos. Por quê?

Gabriele: Mas ela não está mais brigando.

Pesquisadora: Não?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Brigava porque com você?

Gabriele: Porque eu conversava muito, mas não converso mais.

Pesquisadora: É? Não conversa mais?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: E você faz todas as atividades?

Gabriele: Faço.

Pesquisadora: Faz? Então ela parou de brigar porque você... Parou de brigar porque você parou de conversar.

Gabriele: Parei de conversar.

Pesquisadora: É? Então se você conversar vai ter briga?

Gabriele: Vai.

Pesquisadora: Do tipo assim... Que tipo de briga?

Gabriele: Ah, ela grita.

Pesquisadora: Grita? E o que você pensa sobre isso?

Gabriele: Tudo.

Pesquisadora: Você acha que isso é legal?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Pode resolver de outro jeito.

Gabriele: Pode.

Pesquisadora: De que jeito?

Gabriele: Com conversa.

Pesquisadora: Uhum, muito bem. Do quarto desafio, você quer falar mais alguma sobre as coisas que acontecem na sua sala de aula? Está tudo bem? Então você venceu também o quarto desafio e por isso você está ganhando mais um bonequinho do desafio. Muito bem. Parabéns.

Gabriele: Obrigada.

Pesquisadora: Então agora nós podemos seguir. Então você já ganhou quantos bonecos?

Gabriele: Três.

Pesquisadora: Três bonecos, quantos faltam ainda? Temos seis desafios.

Gabriele: Mais três.

Pesquisadora: Mais três?

Gabriele: Quatro.*

* A entrevistada refere-se ao número tirado no dado

Pesquisadora: Quatro, então vamos lá.

Gabriele: Um, dois, três, quatro.

Pesquisadora: Oh.

Gabriele: Avance dois bonecos. O que você sabe na Matemática? A única coisa que eu sei é fazer continha, só aprendi isso.

Pesquisadora: Uhum, que é de mais e de menos que você já me contou. Então está bom. Pode seguir, pode jogar o dado. Aqui.

Gabriele: Seis. Um, dois, três...

Pesquisadora: Três, aí volta e faz novamente. Quatro...

Gabriele: Avance dois bonecos.

Pesquisadora: O primeiro desafio você já fez?

Gabriele: Já.

Pesquisadora: Então vamos seguir o jogo. Você não fez ainda o segundo, né?

Gabriele: Não. Um, dois...

Pesquisadora: Então aqui agora.

Gabriele: O que você não gosta de fazer no caderno de Matemática? Não gosto de escrever muito.

Pesquisadora: Às vezes você tem que escrever muito? Você gosta mais de fazer o que no caderno de Matemática?

Gabriele: Ah de desenhar, fazer continha, só.

Pesquisadora: Uhum. E a professora faz você escrever muito?

Gabriele: Às vezes.

Pesquisadora: Às vezes? E daí vocês escrevem o quê?

Gabriele: Fazemos muitas continhas.

Pesquisadora: Não, de escrever você disse.

Gabriele: Ah, deixa eu ver aqui.* Escrever tipo, ela dá atividade e a gente tem que fazer.

*Nesse momento a entrevistada consulta o caderno de Matemática

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Ela dá atividade de pintar, daí a gente não gosta porque é muita coisa, daí aqui ela passa coisas no quadro para a gente copiar no caderno de Matemática.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: A maioria dos textos ela passa no caderno de Língua Portuguesa.

Pesquisadora: Deixa eu ver seu caderno de matemática. Aqui. O que que é isso aqui?*

* Nesse momento passamos a conversar a respeito das atividades realizadas no caderno de Matemática

Gabriele: Uma dezena.

Pesquisadora: É uma dezena?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Hum. Isso aqui é o que você aprendeu desde o início do ano?

Gabriele: É.

Pesquisadora: E aqui? O que você aprendeu aqui?

Gabriele: A professora mandou a gente colar uma dezena.

Pesquisadora: Hum. Quanto?

Gabriele: Dez.

Pesquisadora: Dez.

Gabriele: Uma dúzia é doze.

Pesquisadora: E aqui, você aprendeu o que?

Gabriele: A professora mandou a gente recortar só as coisas que tinha números.

Pesquisadora: Hum. Mas porque que ela mandou fazer isso?

Gabriele: Não sei, não me lembro mais.

Pesquisadora: Não? E porque vocês recortaram, por exemplo, essa figura?

Gabriele: Por causa dos números, que tem bastante aqui.

Pesquisadora: Hum. Então os números não têm só no caderno de Matemática?

Gabriele: Não. Tem nas revistas também.

Pesquisadora: É?

Gabriele: Nos livros.

Pesquisadora: Nas revistas, nos livros.

Gabriele: Tipo aqui ó.

Pesquisadora: Isso é o que, que você está me mostrando?

Gabriele: Dois livros, aqui tem bastante atividade com números.

Pesquisadora: Ah tá, além do caderno de Matemática, também têm livros que contêm números?

Gabriele: Tipo, ó, aqui não tem números, mas só...

Pesquisadora: É uma história?

Gabriele: É.

Pesquisadora: Do rato, qual é?

Gabriele: O rato roeu a roupa do rei de Roma.

Pesquisadora: Hum. Que tipo de texto que é esse? Hã?

Gabriele: Essa ferrou.

Pesquisadora: Essa ferrou? (Risos).

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Não, mas eu não estou entendendo, por exemplo aqui, porque ... Porque o celular?

Gabriele: É que a professora mandou a gente recortar coisas com bastante números, daí eu pedi para ela, "profe o celular dá?", dá porque tem números. Tipo para ligar assim.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Tem aqui ó, quer ver? *Tipo ó, tem números para ligar.

*A entrevistada pega o telefone para explicar

Pesquisadora: Aham.

Gabriele: No celular também.

Pesquisadora: Certo. Então os números estão em toda parte?

Gabriele: Sim.

Pesquisadora: No...

Gabriele: Eles criam perninhas daí...

Pesquisadora: (Risos). Então é importante aprender os números porque a gente saber para ligar, por exemplo. É isso?

Gabriele: É.

Pesquisadora: Tá, então acho que você respondeu, aqui ó. O que você não gosta de fazer no caderno de Matemática você já respondeu que você não gosta de escrever muito no caderno.

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Muito bem. Pode jogar o dado e vamos seguir o jogo.

Gabriele: Três. Um, dois, três.

Pesquisadora: Segundo desafio.

Gabriele: Segundo desafio.

Pesquisadora: Você já fez o segundo? Não.

Gabriele: O único que não fiz...

Pesquisadora: Então vamos ver o que é o segundo desafio. Leia por favor.

Gabriele: Segundo desafio: desenhe o que você mais gosta de estudar e encontre para...

Pesquisadora: Conte.

Gabriele: E conte para Ana e Seven.

Pesquisadora: Isso, você desenhou no primeiro desafio o que você gostava de fazer na escola, certo?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Agora você vai desenhar o que você mais gosta de estudar. Aqui. Esses lápis para você desenhar. Então o que você mais gosta de estudar?

Gabriele: Eu já não desenhei isso?

Pesquisadora: Você desenhou, é, o que mais gosta de fazer na escola. Daí você respondeu que era estudar, certo?

Gabriele: Certo.

Pesquisadora: E agora então eles querem saber, a Ana e o Seven, o que é que você gosta de estudar. Se é Matemática, se é Português, se é História, Geografia, Ciências...

Gabriele: Dá para escrever ou tem que desenhar?

Pesquisadora: Pode desenhar ou escrever, fique a vontade, acha mais fácil escrever?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Pode escrever.

(silêncio prolongado enquanto escreve)

Gabriele: Opa. Cadê a borracha?

Pesquisadora: Acho que ficou para lá. Você pegou antes, acho que está no seu estojo.

Gabriele: Eu peguei o estojo, mas...

Pesquisadora: Será que não caiu no chão? Você tem estojo?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Então pega do seu. Aqui ó, achei, está aqui. Uhum.

Gabriele: Ai meu Deus.

Pesquisadora: O que você escreveu?

Gabriele: Estudar o caderno de Língua Portuguesa.

Pesquisadora: Isso é o que você mais gosta de estudar? Muito bem.

Gabriele: Desenho é com s?

Pesquisadora: Hã?

Gabriele: Desenho com s?

Pesquisadora: Desenho? Com s.

Gabriele: Estudar no caderno de Língua Portuguesa, Matemática e no de desenho.

Pesquisadora: No de desenho?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Isso é o que você mais gosta de estudar? Muito bem, desafio cumprido. Mais um bonequinho do desafio conquistado. Quantos você já tem?

Gabriele: Quatro.

Pesquisadora: Quantos faltam?

Gabriele: Um... Dois.

Pesquisadora: Dois.

Gabriele: O cinco eu não fiz, nem o sexto.

Pesquisadora: Isso. Faltam o quinto e o sexto. Muito bem. Joga o dado.

Gabriele: Cinco.

Pesquisadora: Cinco.

Gabriele: Um, dois, três, quatro, cinco. Avance quatro bonecos.

Pesquisadora: Esse você já fez.

Gabriele: Quarto desafio. Já.

Pesquisadora: Então pode seguir o joguinho.

Gabriele: Quatro. Um, dois, três, quatro.

Pesquisadora: O que está escrito aqui?

Gabriele: Avance dois bonecos.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: O que você sabe na Matemática? Já respondi né?

Pesquisadora: Pode falar, não lembro certo. O que você sabe na Matemática?

Gabriele: As continhas.

Pesquisadora: Aham. Lembrou de mais alguma coisa que você já sabe?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Não?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Então pode seguir.

Gabriele: Seis. Um, dois, três...

Pesquisadora: Pode ir mais uma vez.

Gabriele: Seis.

Pesquisadora: Uhum, avance dois bonecos. Aqui já fez, pode jogar. É seis não é? É seis né? Você parou aqui?

Gabriele: Aham.

Pesquisadora: Aqui você já fez né?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: O segundo desafio já foi cumprido, então pode seguir o jogo. Pode contar alto.

Gabriele: Cinco.

Pesquisadora: Isso.

Gabriele: Avance quatro bonecos.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Um, dois, três, quatro. Já fez o quarto desafio.

Pesquisadora: Uhum. Já fez, pode seguir o jogo. É a terceira rodada que você está fazendo né?

Gabriele: Cinco. Um, dois, três, quatro, cinco.

Pesquisadora: O quinto desafio.

Gabriele: O quinto desafio.

Pesquisadora: Não fez ainda, né?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Ok. Então vamos lá. Vamos ver qual é o quinto desafio.

Gabriele: Quinto desafio: como podemos organizar as coleções, ensine como Ana e Seven podem organizar as coleções.

Pesquisadora: Então as coleções estão aqui, tá? Como você acha... Olha, elas estão todas aqui misturadas*, tá?

*neste momento coloco sobre a mesa as coleções

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Como você acha que dá para organizar essas coleções aqui. Como é que a gente pode separar essas coleções?

Gabriele: Pegando tipo, os pentinhos, você vai pegando todos os petinhos e colocando num lugar.

Pesquisadora: Certo, uhum.

Gabriele: Daí as panelinhas você vai pegando também e colocando todas num lugar. O que é isso? As bacias também.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Os potinhos também, a outra panelinha também.

Pesquisadora: Uhum. Separa então os pentes, seria esse.

Gabriele: As bolinhas.

Pesquisadora: Seria dessa forma, os pentes um lado, as panelas em outro, explica melhor, eu não entendi direito, vamos lá.

Gabriele: Você coloca todos os pentezinhos em um lugar, os anéis em outro lugar, as panelinhas em outro.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: E vai indo.

Pesquisadora: Tá, muito bem. E os animais?

Gabriele: Os animais você arruma tudo em um cantinho, as estrelinhas também e as bolinhas também.

Pesquisadora: Muito bem. Teria outro jeito de organizar as coleções? Fora esse que você me ensinou.

Gabriele: Não sei, teria.

Pesquisadora: Que jeito?

Gabriele: Tipo, pegando assim, as cores iguais e colocando num lado.

Pesquisadora: Por exemplo, aqui pente com estrelas brancas de um lado.

Gabriele: É... Não.

Pesquisadora: Como assim então?

Gabriele: Pegue tudo os petinhos brancos que tem e coloca de um lado.

Pesquisadora: Certo.

Gabriele: Todos os vermelhos que tem, pega e coloca do outro lado. Todos os pretos que tem pega e coloca do lado.

Pesquisadora: Certo. Por exemplo, eu tenho panela preta aqui, eu não poderia colocar junto com pente preto?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Eu teria que colocar panela preta com panela preta?

Gabriele: Sim.

Pesquisadora: Pente preto com pente preto.

Gabriele: Pente preto com pente preto.

Pesquisadora: Tá, então isso é um outro jeito de organizar as coleções?

Gabriele: É.

Pesquisadora: Teria outro jeito de organizar?

Gabriele: Não sei. Tipo se tivesse bichinhos iguais a gente poderia guardar, não interessa se é de outra cor.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Se for igual dá até para guardar.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Deixa eu ver esse aqui.

(toca o telefone)

Pesquisadora: Dá lá para sua mãe atender. Então você me mostrou aqui dois jeitos, três jeitos de organizar as coleções.

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Teria mais algum que você acha que dá para falar?

Gabriele: Não sei. O que eu sei é só isso aí.

Pesquisadora: Então acho que você conseguiu cumprir o desafio, vamos guardar as coleções?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Vocês já fizeram atividades de coleções na sua sala?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Não? Tem coleções na sua sala?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Não.

Gabriele: Só de livrinhos.

Pesquisadora: Só de livrinhos?

Gabriele: Só.

Pesquisadora: Uhum. Isto. Onde você está no jogo? No quinto desafio.

Gabriele: Quinto.

Pesquisadora: Você já fez quantas voltas no jogo?

Gabriele: Três.

Pesquisadora: É a terceira né?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Então é só três chances mesmo. Então agora você vai terminar o jogo, vamos ver aqui. Aqui. Muito bem, colocou os anéis no dedo. Ok! Joga o dado.

Gabriele: Dois. Duas.

Pesquisadora: Isso.

Gabriele: O que você sabe na matemática? Já respondi duas vezes.

Pesquisadora: Sim, uhum. Então vamos lá, joga o dado.

Gabriele: Dois. Volte um boneco.

Pesquisadora: Isso. E agora é o?

Gabriele: Sexto desafio.

Pesquisadora: Sexto desafio. Qual é o sexto desafio?

Gabriele: Jogo das fichas escalonadas.

Pesquisadora: Jogo das fichas escalonadas.

Gabriele: Ensine Ana e Seven a montar 23, 4, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 9, 8, 7, 2, 0, 4, 6, 5, 7, 6.*

*Os números que ela deveria montar era: 234, 567, 987, 204,65

Pesquisadora: Certo. Que número que é esse então? Que é para você montar.

Gabriele: Dois, três.

Pesquisadora: Ele junto. Lê ele junto para mim.

Gabriele: Dois, três, quatro.

Pesquisadora: Certo, e o outro?

Gabriele: Cinco, seis, sete.

Pesquisadora: E esse?

Gabriele: Nove, oito, sete.

Pesquisadora: E esse?

Gabriele: Dois, zero, quatro.

Pesquisadora: E esse?

Gabriele: Seis, cinco.

Pesquisadora: Mas a gente lê ele seis, cinco?

Gabriele: Sessenta e cinco.

Pesquisadora: E aqui?

Gabriele: Setenta e seis.

Pesquisadora: E aqui a gente lê dois, três, quatro ou tem outro jeito de ler ele? É assim, dois, três, quatro?

Gabriele: Cento e vinte... Centro e vinte e trinta e quatro?

Pesquisadora: É? Vamos pegar então o joguinho das fichas escalonadas...

Gabriele: É que é muito difícil.

Pesquisadora: Muito difícil isso?

Gabriele: Está gravando?

Pesquisadora: Está gravando. Aham, mas é, está gravando, né, para a gente saber depois se respondeu todas, os desafios. É, eu tenho uma caixinha aqui, que tem essas fichinhas escalonadas, uma caixinha branquinha.

Gabriele: Está bom.

Pesquisadora: Vou pegar...

Gabriele: Pode mandar.

Pesquisadora: Vou pegar as fichinhas e você vai montar aqui, ó.

Gabriele: Quero remédio, quero remédio!*

*Nesse momento sussura para a mãe pedindo remédio pois está com dor na barriga

Pesquisadora: Oh, quer um remédio. Oh então...

Gabriele: Tem que cortar?

Pesquisadora: Não, para montar esse número aqui. Cadê o desafio? Você guardou?

Gabriele: Guardei.

Pesquisadora: Tá. Quer parar um pouquinho para você tomar?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: Não? Então, por exemplo, para montar esse número aqui, setenta e seis, igual você leu para mim, como que dá para montar?

Gabriele: Sete, seis.

Pesquisadora: Sete, seis?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Hum. E para montar esse número aqui? Muito bem. Se eu lhe desse, por exemplo, aqui.

Gabriele: Trinta.

Pesquisadora: Aqui.

Gabriele: Quatro.

Pesquisadora: E aqui?

Gabriele: Dois. Aí eu não sei, tia.

Pesquisadora: Não?

Gabriele: Não.

Pesquisadora: É assim que monta mesmo?

Gabriele: Uhum. Sete, seis.

Pesquisadora: É assim que monta?

Gabriele: Setenta e seis.

Pesquisadora: E se eu montasse assim, olha.

Gabriele: (Risos).

Pesquisadora: Sobrepondo. Duzentos e trinta e quatro. Se eu montasse assim ó...

Gabriele: Posso? Dois, zero, quatro.

Pesquisadora: Hum?

Gabriele: Dois, zero, quatro. Dois, zero, quatro!

Pesquisadora: Dois, zero, quatro?

Gabriele: A mana tem a senha lá para entrar lá. Dois, zero, quatro.

Pesquisadora: É?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: E aqui? Você montou assim, e assim está correto? Olha...

Gabriele: Está, setenta e seis.

Pesquisadora: E assim, está certo?

Gabriele: Setenta e seis. Tá.

Pesquisadora: Tá? E o que ficou diferente do seu...

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Você montou...

Gabriele: Só a cor.

Pesquisadora: É só a cor?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: Mas e o zero?

Gabriele: E o zero.

Pesquisadora: Quais dos dois está correto? Assim ou do seu jeito?

Gabriele: Não sei, acho que do meu jeito.

Pesquisadora: Do seu jeito? É?

Gabriele: Não sei.

Pesquisadora: Então acho que você também cumpriu com o desafio. Ganhou então o quinto boneco? Ou o sexto?

Gabriele: O quinto. Só tenho quatro.

Pesquisadora: Qual desafio você não fez?

Gabriele: Não sei, o quinto.

Pesquisadora: O quinto você já fez.

Gabriele: Deixa eu ver.

Pesquisadora: Deixa eu ver se você já fez todos.

Gabriele: O quinto. Como podemos organizar as coleções. O quinto eu fiz.

Pesquisadora: O quinto você fez.

Gabriele: Mas eu não fiz um então.

Pesquisadora: Não, então você não ganhou o bonequinho do quinto né? Acho que eu não lhe dei. Então acho que você cumpriu, está de parabéns. Cumpriu todos os desafios, ganhou todos os bonequinhos, deixa eu ver. Então aqui ó, o Seven é um e ganhou várias bonequinhas, né?

Gabriele: Uhum.

Pesquisadora: São cinco bonequinhas? Diana. Está de parabéns, agradeço a Gabriele Balansim, pela colaboração nessa entrevista, participando do jogo do desafio, para minha pesquisa de mestrado, muito obrigada, Gabriele.

Gabriele: De nada.

Pesquisadora: Tchau.

Gabriele: Tchau.

Pesquisadora: E agora então eu vou desligar, né.

Gabriele: Pode.

Pesquisadora: É?

Gabriele: Eu queria escutar.

Pesquisadora: Ok. Vamos ver.

2ª Entrevista

Entrevistada: Gabrieli Balansin

Data da Entrevista: 27/09/2014

Transcrição: Fabiane Prazeres

Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins

Gabrieli: Ah, você já não gravou as mesmas?

Pesquisadora: Oh... Gravando. Então vou fazer uma entrevista com a Gabrieli Balansin, para minha pesquisa de mestrado, Alfabetização Matemática, como foi, é e poderá ser. Então eu vou contar a história da Maria, o nome dela verdadeiro é Ana Maria, tá? Vou chamar ela de Maria. Então há um tempo... Muito tempo atrás tinha uma menina chamada Maria, ela gostava de fazer amigos, né? E você quer ser amigo dela?

Gabrieli: Sim.

Pesquisadora: Qual é seu nome?

Gabrieli: Gabrieli.

Pesquisadora: Gabrieli do que?

Gabrieli: Balansin.

Pesquisadora: O nome dos seus pais?

Gabrieli: Ivana Hartmann e Valdevir.

(Barulhos ao fundo).

Pesquisadora: Você tem Registro de Nascimento?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Não? Você tem amigos?

Gabriele: Sim.

Pesquisadora: Como chama seus amigos?

Gabrieli: Julia, Luana, Gui e só... E Joana.

Pesquisadora: E Joana? Na sua sala de aula tem ajudante do dia?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Não? Bom na casa onde a Maria morava, ela era pequena, ela ficava no meio do campo, em volta tinha várias flores, muitas árvores frutíferas. Como é que é a casa que você mora?

Gabrieli: Grande.

Pesquisadora: Explica um pouco como que ela é. Explica como que é sua casa.

(conversa da família ao fundo)

Gabrieli: Têm três quartos, lavanderia, um banheiro, uma cozinha, um sala, uma garagem grande e um canto pra brincar.*

*A entrevistada estava nesse momento morando em uma casa alugada a poucos dias

Pesquisadora: Uhum. Em que lugar ela fica?

Gabrieli: Na rua Quatro de Maio, no bairro Frei Vitor.

Pesquisadora: Que cidade?

Gabrieli: Chopinzinho.

Pesquisadora: Ela é feita de madeira, de barro ou de tijolos?

Gabrieli: Tijolos.

Pesquisadora: Ela é de tijolos? Tem vários quartos ou apenas um cômodo?

Gabrieli: Três quartos.

Pesquisadora: Quantos cômodos?

Gabrieli: O que é cômodos?

Pesquisadora: Hã?

Gabrieli: O que é cômodos?

Pesquisadora: O que é cômodos? São as partes da casa, um quarto é um cômodo, uma sala é um cômodo.

Gabrieli: Hum, vários.

Pesquisadora: Vários? Todas as pessoas que você conhece moram de forma parecida?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Não? Por quê?

Gabrieli: Ah sim, sim, sim.

Pesquisadora: Moram? Todos moram em uma casa igual?

Gabrieli: Não, não, não.

Pesquisadora: É diferente ou é parecida?

Gabrieli: É diferente.

Pesquisadora: É diferente? Será que seus avós, bisavós quando eram crianças tinham uma casa semelhante a essa?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Ah, é? Era diferente?

Gabrieli: É.

Pesquisadora: Por quê?

Gabriele: Porque era antiga.

Pesquisadora: Você sabe, é, representar pelo desenho o lugar que você mora?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Não? O que que existe no seu caminho de casa para sua escola? O que que tem no caminho?

Gabrieli: Pessoas, casas, cachorros e só.

Pesquisadora: Tem árvores no caminho?

Gabrieli: Tem. Muros.

Pesquisadora: Muros? Tem muitas árvores ou poucas árvores?

Gabrieli: Bastante e mato também.

Pesquisadora: As árvores, elas estão próximas da escola ou longe?

Gabrieli: Mais ou menos perto, mais ou menos longe.

Pesquisadora: Uhum. Elas são altas ou baixas?

Gabrieli: Baixinhas e altas.

Pesquisadora: O tronco da árvore é grosso ou é fino?

Gabrieli: Os dois.

Pesquisadora: Há casas, prédios, igreja, farmácia e mercado na rua que você passa para ir à escola?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Não?

Gabrieli: Só tem prédio, casas e só.

Pesquisadora: O que tem na rua atrás da sua escola?

Gabrieli: Mato.

Pesquisadora: A sua escola e casa ficam em que bairros mesmo?

Gabrieli: A minha casa fica no bairro Freivito e da minha escola não sei.

Pesquisadora: Hum, então a casa da Maria tinha dois quartos, sala cozinha, copa, banheiro e a área de serviço fica do lado de fora. Como que então a sua casa é divida. Você já me falou, mas fale de novo. Sua casa é divida como? Três quartos...

Gabrieli: Três quartos, uma sala, lavanderia, uma cozinha, uma garagem e um banheiro.

Pesquisadora: Uhum, ela é grande ou pequena?

Gabrieli: Grande.

Pesquisadora: Então Maria morava com a família dela, o pai, a mãe e os sete irmãos. Seis eram mais velhos que Maria e uma era mais nova. Dos mais velhos tinha duas irmãs e quatro irmãos. Com quem que você mora?

Gabrieli: Com minha mãe, com meu pai e só.

Pesquisadora: E só? Você tem irmãos?

Gabrieli: Tenho.

Pesquisadora: Quem é mais velho que você?

Gabrieli: A minha irmã.

Pesquisadora: Como ela chama?

Gabrieli: Juliana Aparecida Balansin.

Pesquisadora: Hum. Ela é mais velha que você?

Gabrieli: É.

Pesquisadora: Quantos são mais novos que você?

Gabrieli: Nenhum.

Pesquisadora: Nenhum? Você é a mais nova?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Bom, os nomes dos irmãos de Maria começa com a sétima letra do alfabeto. Ai a Maria então pensava: será que meus amigos vão adivinhar o nome dos meus irmãos? Sabendo que o nome deles começa com a sétima letra do alfabeto? E das minhas irmãs? O nome delas começa com a nona letra do alfabeto. E aí eu pergunto pra você, Gabrieli, como que é o nome da sua irmã?

Gabrieli: Juliana.

Pesquisadora: Juliana que você já falou, Juliana Balansin. Uhum. Você já sabe escrever o nome da Juliana? Já? E a Maria então ela tinha sete anos, e

você, quantos anos têm?

Gabrieli: Sete.

Pesquisadora: Olha, da mesma idade que a Maria. Quantas pessoas moram na sua casa?

Gabrieli: Três.

Pesquisadora: Tem mais mulheres ou mais pessoas na sua família?

Gabrieli: Mulheres

Pesquisadora: Tem mais mulheres do que pessoas?

Gabrieli: Não, mais pessoas

Pesquisadora: Quantas pessoas são?

Gabrieli: Três.

Pesquisadora: Quantas mulheres?

Gabrieli: Duas.

Pesquisadora: Na casa de Maria, tinha duas camas em cada quarto, né. Em cada cama tinha aquelas mantinhas de retalhos coloridos, né? Que tinham sido costurados pela mãe dela. Na cozinha uma mesa grande com lugares para dez pessoas. E pra arrumar a mesa na casa de Maria, eles usavam pratos fundos e ela pensava quanto pratos vão sobrar no armário vão sobrar no armários se ao todo minha mãe tem 25 pratos? Como que vocês realizam as refeições aqui na sua casa?

Gabrieli: Sentamos todos juntos e comemos.

Pesquisadora: Sentam a mesa e daí o que você fazem?

Gabrieli: Rezamos e comemos.

Pesquisadora: Hã, não entendi. O que você falou?

Gabrieli: Nós rezamos e comemos.

Pesquisadora: Hum. Se você almoça na mesa, quantos lugares são necessários para que todos façam a refeição juntos.

Gabrieli: Quatro lugares.

Pesquisadora: Por que quatro?

Gabrieli: Porque a mesa foi comprada com quatro lugares.

Pesquisadora: Tá, mas e aí quando vocês vão arrumar a mesa, quantos lugares...

Gabrieli: Deixa um lugar fora.

Pesquisadora: Hum. E aí a Maria sempre gostava de fazer aniversário, ela acompanha no calendário, o dia do aniversário dela, né? Ficava cuidando o dia do aniversário dos irmãos e o calendário que a mãe dela tinha, tinha algumas curiosidades, ela gostava muito de ler aquilo. Aí eu pergunto pra você, que dia da semana é o seu aniversário?

Gabrieli: É, 16.

Pesquisadora: Dia 16? De que mês?

Gabrieli: De março.

Pesquisadora: De março. Março vem depois de qual mês?

Gabrieli: Fevereiro.

Pesquisadora: Vem depois de fevereiro? E antes de qual mês?

Gabrieli: Antes de qual mês o que?

Pesquisadora: Ele vem depois de fevereiro...

Gabrieli: Ah não, não vem depois de fevereiro...

Pesquisadora: Você faz aniversário em março...

Gabrieli: Abril!

Pesquisadora: O mês que vem depois de março?

Gabrieli: Ele é atrás de abril e antes de março é fevereiro.

Pesquisadora: É, você tem um calendário pra gente olhar?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Aqui na sua casa? Pega lá pra nós ver.

Gabrieli: Eu preciso do calendário...

(Barulhos ao fundo).

Gabrieli: Só tem um rasgado, é de setembro.

Pesquisadora: Ah é só de setembro?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Não tem do ano todo? Deixa eu ver se tenho aqui do ano todo.

Gabrieli: Eu tinha do ano todo. Veja você.

Pesquisadora: Aqui ó... Oh, então vamos ver aqui. Aqui nós temos o calendário do ano de 2014. Você me disse que faz aniversário no mês de...

Gabrieli: Março.

Pesquisadora: No mês de março. Em que dia da semana é o seu aniversário? Que dia que é...

Gabrieli: É, domingo.

Pesquisadora: Domingo? Que dia, dois? Não, qual é o dia?

Gabrieli: Dia 16.

Pesquisadora: Ah, 16. Então o dia da semana é domingo? Certo. Qual é o primeiro dia do mês do seu aniversário?

Gabrieli: Não entendi.

Pesquisadora: Oh, o mês é março...

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Qual é o primeiro dia do mês?

Gabrieli: Hum, não, primeiro é... Domingo.

Pesquisadora: Não, primeiro dia do mês é um.

Gabrieli: Então...

Pesquisadora: E o último dia do mês?

Gabrieli: 31.

Pesquisadora: Quantos dias tem o mês do seu aniversário?

Gabrieli: 31.

Pesquisadora: Uhum. Quantos dias tem cada semana?

Gabrieli: Cada semana como?

Pesquisadora: Quantos dias tem cada semana?

Gabrieli: Cada, tipo...

Pesquisadora: Não, é quantos... Nós estamos falando do mês de março que é o mês do seu aniversário.

Gabrieli: Sim.

Pesquisadora: Quantos dias têm em cada semana?

Gabrieli: Semana...

Pesquisadora: Quantos dias tem uma semana?

Gabrieli: É final de semana, tipo hoje?

Pesquisadora: É, o final de semana tem quantos dias?

Gabrieli: 30? Não, espera aí.

Pesquisadora: Quantas semanas têm... Bom, vou mudar a pergunta, quantas semanas tem um mês?

Gabrieli: Quantas semanas... Meus Deus, eu não estou me lembrando o que é semana... Não estou me lembrando.

Pesquisadora: Dias você sabe?

Gabrieli: Dias eu sei. Segunda, terça, quarta, quinta...

Pesquisadora: Então fala. Segunda...

Gabrieli: Terça, quarta, quinta, e sexta e sábado.

Pesquisadora: E?

Gabrieli: Domingo.

Pesquisadora: Isso. E esses dias chama como?

Gabrieli: Ah, sete.

Pesquisadora: Sete. Sete dias é o que? Um mês ou uma semana?

Gabrieli: Uma semana.

Pesquisadora: Uma semana. Então, quantas... Oh, uma semana é de sete... Dias?

Gabrieli: É.

Pesquisadora: E quantas semanas têm num mês?

Gabrieli: Semanas é sete né?

Pesquisadora: Uhum.

Gabrieli: Quatro.

Pesquisadora: Quatro semanas? Uhum.

Gabrieli: Eu acho.

Pesquisadora: E qual dia é hoje?

Gabrieli: Sábado.

Pesquisadora: E que dia? Dia da semana é sábado... Dia?

Gabrieli: 13. Não, 20. 20 ou 27? 27.

Pesquisadora: Uhum. Ontem foi dia vinte..

Gabrieli: Seis.

Pesquisadora: E amanhã vai ser dia...?

Gabrieli: 28.

Pesquisadora: Na onde? A mãe está aqui. Então pega minha bolsa. Pega minha bolsa. Tráz minha bolsa marrom aqui... No mês do seu aniversário tem mais dias pares ou dia ímpares?

Gabrieli: Espera aí, deixa eu contar.

Pesquisadora: Pode contar alto pra eu saber também.

Gabrieli: Um, três, cinco, sete, nove, onze. Espera aí. Um, dois, três, quatro,

cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quinde, dezesseis ímpar. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, novo, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis ímpar, era parte. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze... Treze, espera aí. Vou contar tudo de novo.

Pesquisadora: Conte.

Gabrieli: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze.

Pesquisadora: É que você encosta o dedinho daí eles somem.

Gabrieli: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze. Tem quinze.

Pesquisadora: E 16 dias ímpares?

Gabrieli: 16 ímpares e 15 pares.

Pesquisadora: Quais são os ímpares mesmo, que você contou baixinho e eu não escutei.

Gabrieli: Um, três, cinco... Um, três, cinco, sete, nove, onze, treze, quatorze, não, treze, quinze, dezessete, dezenove, vinte um, vinte e três, vinte e cinco, vinte e sete, vinte e nove e trinta e um.

Pesquisadora: Uhum. E quanto tempo ainda falta pro natal?

Gabrieli: Quanto tempo ou quantos meses?

Pesquisadora: Quantos meses, vamos ver primeiro.

Gabrieli: Dois... Dois. Se a gente já tem em setembro, falta outubro e novembro.

Pesquisadora: Hum.

Gabrieli: Daí em dezembro é natal.

Pesquisadora: Falta muito tempo?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Falta pouco tempo?

Gabrieli: Falta.

Pesquisadora: Então a Maria gosta de escrever os meses... O nome dos meses do ano, né? Que seus irmãos faziam aniversário, né? Ela montava o próprio calendário dela, pra saber que mês exatos os irmãos faziam aniversário, né?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: E a sua irmã faz aniversário em que mês?

Gabrieli: Ferrou.

Pesquisadora: Por que?

Gabrieli: Não sei.

Pesquisadora: E a sua mãe?

Gabrieli: Não sei.

Pesquisadora: O mês do seu... O aniversário da sua mãe você não sabe?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Do seu pai?

Gabrieli: Não, só sei quantos anos que eles têm.

Pesquisadora: Quanto?

Gabrieli: A minha irmã tem 23, a minha mãe...

Pesquisadora: Tua irmã tem quantos anos?

Gabrieli: 23. E a minha mãe tem 43 e o meu pai 48.

Pesquisadora: Hum. Você e sua irmã, quem nasceu primeiro?

Gabrieli: A Juliana, minha irmã.

Pesquisadora: A Maria então, todos os dias tinha que levantar bem cedinho para tirar o leitinho da vaca, tinha que fazer tarefas, então ela tinha essas responsabilidades. Você levanta que horas?

Gabrieli: Oito e meia, oito e pouco, dez horas.

Pesquisadora: Uhum. Quais atividades que você realiza na sua casa?

Gabrieli: Andar de patinete e escrever.

Pesquisadora: Escrever aonde?

Gabrieli: Na minha lousa.

Pesquisadora: O que você escreve na sua lousa?

Gabrieli: Bastantes textos.

Pesquisadora: Quais, por exemplo? Explica.

Gabrieli: Hum...

Pesquisadora: O que você mais gosta de escrever na sua lousa?

Gabrieli: Coisas... Muita coisa do céu.

Pesquisadora: Do céu? Como assim?

Gabrieli: Ah, gosto de escrever das estrelas, da nuvem, das nuvens.

Pesquisadora: E além do seu patinete, o que mais você gosta de brincar?

Gabrieli: Jogar bola.

Pesquisadora: O que mais? Tem amiguinho que vem na sua casa?

Gabrieli: Mais ou menos. Não, tem, tem, tem. Tem! Tá?

Pesquisadora: Uhum. Você realiza essas atividades antes ou depois da escola?

Gabrieli: Antes e depois.

Pesquisadora: Depois você brinca de que?

Gabrieli: De patinete.

Pesquisadora: Sempre de patinete?

Gabrieli: Não, eu brinco na área de brinquedo também.

Pesquisadora: E o que você brinca na sua área de brinquedo?

Gabrieli: De bastante coisa, de boneca.

Pesquisadora: Hum. O que mais?

Gabrieli: Nem sei do que mais.

Pesquisadora: Brinca de boneca...

Gabrieli: De escolinha!

Pesquisadora: De escolinha, de boneca.

Gabrieli: E só.

Pesquisadora: Só?

Gabrieli: Aham.

Pesquisadora: É... Quanto tempo você brinca, assim na sua casa?

Gabrieli: Posso brincar da hora que eu acordo até eu almoçar, e daí 17:30 às

18:30 eu sempre brinco lá em baixo.

Pesquisadora: Aham. E quanto tempo você estuda na escola.

Gabrieli: Quatro horas.

Pesquisadora: Quatro horas. Você brinca mais tempo ou estuda mais tempo?

Gabrieli: Estuda mais tempo.

Pesquisadora: Hum. E isso é bom?

Gabrieli: Hum...

Pesquisadora: É bom estudar?

Gabrieli: É.

Pesquisadora: O que seria melhor, estudar mais ou brincar mais.

Gabrieli: Estudar mais.

Pesquisadora: Uhum. Então lá na casa da Maria, ela tira o leite da vaquinha e daí todo mundo na hora do café toma uma meia xicara de leite, metade do leite do leite que a vaquinha dá, o nome da vaquinha é Mansinha, então metade do leite que a Mansinha dá é pra nata, manteiga, coalhada e também a ricota. Sobra ainda um litro para o café da manhã e da tarde o que dá pra cada um a mesma quantidade que toma no café da manhã. Então Maria ficava pensando, quantos litros de leite a Mansinha dá por dia? Aí ela ficava com esses pensamentos. Mas eu quero saber de você, Gabrieli, você sabe de onde vem o leite?

Gabrieli: Da vaca.

Pesquisadora: E o leite que compramos em caixinha, a gente compra por litro ou por quilograma? Por litro ou por quilo?

Gabrieli: Litro.

Pesquisadora: Depois do café da manhã, cada um lá na casa de Maria, tinha suas responsabilidades, né? Então os pais iam pra roça e Maria fica em casa com a irmã mais nova e uma mais velha. Aí um dia da semana, Maria era responsável para deixar tudo preparado pra hora que a mãe chegasse fazer o almoço, ela lavava as mandiocas que haviam sido colhidas logo de manhãzinha, arrancava as cenouras, na hora da mãe chegar então já está tudo feitinho, né? Cortava dois pés de alface, as cebolinhas e as salsinhas. É, em que seus pais trabalham?

Gabrieli: Meu pai trabalha de motorista de ônibus e minha mãe trabalha na área indígena.

Pesquisadora: Ela faz o que lá?

Gabrieli: De professora.

Pesquisadora: Uhum.

Gabrieli: Pedagoga também.

Pesquisadora: E que responsabilidades você tem na sua casa?

Gabrieli: Organizar meus brinquedos, arrumar as minhas roupas e me arrumar.

Pesquisadora: Certo. Uhum. Aí de tempo em tempo ela ficava perguntando pra irmã mais velha, que horas são, que horas é o almoço? Quanto tempo uma pessoa leva pra fazer feijão, arroz, mandioca, cenoura e alface para o almoço? Claro que no fogão a lenha, né? Porque a Maria, eles não tinham fogão a gás e

nem micro-ondas, elas nem conheciam isso. Aí eu ficava pensando, ah cenoura no micro-ondas não dá muito certo, nem panela de pressão eles tinham. Na verdade... Quanto tempo leva pra cozinhar feijão em uma panela de ferro e no fogão a lenha? Essa era a pergunta que Maria fazia. Mas e no fogão a lenha, se tiver panela de pressão, Maria ficava pensando, quanto tempo eu ainda posso brincar até o momento começar a fazer as minhas tarefas. É, vocês cozinham os alimentos no fogão a lenha, a gás ou no microondas?

Gabrieli: No fogão a lenha, não, fogão a gás e no micro-ondas.

Pesquisadora: Fogão a gás... E quanto tempo leva pra ferver o leite?

Gabrieli: Dois minutos.

Pesquisadora: No fogão a lenha?

Gabrieli: Três no fogão.

Pesquisadora: No fogão?

Gabrieli: A lenha, no fogão a lenha dá três minutos.

Pesquisadora: Hum. Quanto tempo é necessário pra cozinhar o arroz?

Gabrieli: Aonde?

Pesquisadora: No fogão a gás que vocês cozinham o arroz?

Gabrieli: É.

Pesquisadora: Quanto tempo leva pra cozinhar o arroz no fogão a gás?

Gabrieli: Quanto tempo leva... Aí você me pegou.

Pesquisadora: Por quê?

Gabrieli: Porque essa é difícil.

Pesquisadora: Difícil? Você nunca parou pra pensar sobre isso?

Gabrieli: Isso... Como que é a pergunta mesmo?

Pesquisadora: Quanto tempo leva pra cozinhar o arroz no fogão a gás?

Gabrieli: Meia hora.

Pesquisadora: No fogão a gás vai mais rápido ou mais devagar?

Gabrieli: Mais...

Pesquisadora: Do que o fogão a lenha?

Gabrieli: Mais rápido, mais rápido!

Pesquisadora: Na sua opinião, a comida esquentar mais rápido no fogão a lenha, no fogão a gás ou no micro-ondas?

Gabrieli: No micro-ondas.

Pesquisadora: Qual a sua comida preferida?

Gabrieli: Macarronada.

Pesquisadora: Como que faz essa comida?

Gabrieli: Minha mãe compra macarrão enrolado e faz o molho, depois ela coloca o macarrão no molho e daí coloca ervilha e milho.

Pesquisadora: Uhum. Muito bem.

Gabrieli: E água.

Pesquisadora: Uhum. Olha, na hora do almoço, depois que Maria e os irmãos almoçavam com os pais, a mãe da Maria gostava de tirar uma sonequinha, só que daí pra Maria não ficar fazendo barulho com as irmãs, a mãe também mandava elas dormir, só que elas não gostavam, porque elas não tinham sono,

elas queriam na verdade brincar nessa hora, né? E você, brinca antes ou depois de fazer as tarefas da escola?

Gabrieli: Antes e depois.

Pesquisadora: Qual é mesmo a sua brincadeira preferida?

Gabrieli: Andar de patinete e montar quebra-cabeça.

Pesquisadora: Hum, isso você não tinha me contado. E na escola você brinca?

Gabrieli: Não, só na hora do recreio.

Pesquisadora: De que?

Gabrieli: Pega-pegas, esconde-esconde e só.

Pesquisadora: Daí a Maria tinha responsabilidades diárias, daí a principal responsabilidade era a escola, só que na escola da Maria era proibido falar.

Gabrieli: Hum, meu Deus!

Pesquisadora: Não podiam abrir a boca, tinham que ficar quietinhos, você conversa na sua escola?

Gabrieli: Muito.

Pesquisadora: Conversa sobre o que?

Gabrieli: Sobre nada.

Pesquisadora: Como assim conversa sobre nada. Explica o que é conversar sobre o nada.

Gabrieli: Não, eu falo o que eu converso que fica bem mais fácil explicar.

Pesquisadora: Certo.

Gabrieli: Eu converso com a minha amiga sobre o recreio.

Pesquisadora: Como assim? Sobre o que vocês vão fazer?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Explica o que vocês conversam sobre o recreio.

Gabrieli: A gente conversa quando bate o sinal pra gente subir pra sala.

Pesquisadora: Depois do recreio.

Gabrieli: É, depois do recreio, daí a gente fica conversando, assim, falando que o recreio foi legal.

Pesquisadora: Hum. Todo dia vocês fazem isso?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: E só nessa hora que vocês conversam?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: E antes do recreio, sobre o que vocês conversam?

Gabrieli: Sobre nada.

Pesquisadora: Não conversam?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Ficam mudinhas?

Gabrieli: Não, não ficamos mudas.

Pesquisadora: Não?

Gabrieli: Nós conversamos não sei do que.

Pesquisadora: Hum. E a professora deixa vocês conversar?

Gabrieli: Aonde?

Pesquisadora: Na sala de aula.

Gabrieli: Não, só um pouquinho ela deixa.

Pesquisadora: É? É...

Gabrieli: Desliga.

Pesquisadora: Uhum. Na escola da Maria, ela era uma menina bem alta já, né? Então ela ficava olhando quem seria o mais alto da sala, se teria um amigo que era mais alto que ela, então ela ficava preocupada com as coisas, né?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Na sua sala de aula, quem é o maior?

Gabrieli: O João Victor e o...

Pesquisadora: João Victor e o?

Gabrieli: Só.

Pesquisadora: Só?

Gabrieli: E o Gregori.

Pesquisadora: João Victor... Hum. E o menor?

Gabrieli: A Natália e eu.

Pesquisadora: E você? Hum. Você é mais alta ou mais baixa que a professora?

Gabrieli: Claro, óbvio, né, que sou mais baixa, como que vou ser mais alta que a professora?

Pesquisadora: Ué, sei lá. Quanto você acha que tem de altura?

Gabrieli: Só sei quanto que eu tenho de peso.

Pesquisadora: Quanto?

Gabrieli: 21 de peso, mas de altura...

Pesquisadora: Como é que você faz pra saber o seu peso?

Gabrieli: Eu me peso na balança, horas...

Pesquisadora: E pra saber a sua altura? Como que você tem que... O que você tem que fazer?

Gabrieli: Na fita.

Pesquisadora: Que fita? Como que chama essa fita?

Gabrieli: Deixa eu me lembrar o nome. Fita. Fita, fita, fita... Fita, aí...

Pesquisadora: Não tem problema, depois se você lembrar, você me fala, tá? É uma fita pra saber a altura.

Gabrieli: Tá.

Pesquisadora: Você acha que é possível desenhar a nossa altura no caderno?

Gabrieli: Claro.

Pesquisadora: Como que eu faço? Eu sou grande para o caderno, olha aqui. Como que eu faço pra desenhar?

Gabrieli: Eu desenho pequeno.

Pesquisadora: Hum. Quem é o menor na sua família?

Gabrieli: Eu. Não, é, eu.

Pesquisadora: Uhum. Oh, lá na casa que Maria morava com os pais, tinham várias flores, muitas laranjeiras, pessegueiros, né? Aí a Maria com as irmãs ficavam pensando... Contando quantas frutas teriam no pomar naquele ano,

quantas frutas cada um poderia chupar, né?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Só que o pé de figo que tinha era um só e dava muito pouco.

Gabrieli: Ah...

Pesquisadora: Daí eles podiam comer na safra de figo...

Gabrieli: O que é safra?

Pesquisadora: É, na estação de frutas.

Gabrieli: Hum.

Pesquisadora: Eles podiam comer apenas dois figos cada um.

Gabrieli: Ah...

Pesquisadora: E você, qual fruta que mais gosta?

Gabrieli: Figo!

Pesquisadora: De figo? Hum, é, você acha que existem mais frutas ou mais figos no supermercado?

Gabrieli: Espera aí, deixa eu pensar agora.

Pesquisadora: Ou melhor, existem mais laranjas ou mais frutas no supermercado?

Gabrieli: Não, melhor é figo, tá?

Pesquisadora: De figo, então pense sobre figo. Tem mais figos ou mais frutas no supermercado?

Gabrieli: Mais frutas.

Pesquisadora: Mais frutas? Por quê?

Gabrieli: Porque tem bastante laranja, bastante melancia, bastante maçã, bastante caqui, bastante, essas coisas.

Pesquisadora: Uhum. Muito bem. Olha lá onde Maria morava, ela também tinha que ajudar os pais em outros trabalhos e um dos trabalhos que ela fez certo tempo, foi recolher alguns nós de pinho que tinha no...

Gabrieli: Nó de pinho?

Pesquisadora: Nó de pinho.

Gabrieli: O que é isso?

Pesquisadora: Que cai do pinheiro, daí o pai dela pediu para que ela recolhesse. Aí cada nó que eles recolham, elas ganhavam uma balinha. Você acha...

Gabrieli: Um pote de bala. (Risos).

Pesquisadora: Você acha que a criança deve chupar balas?

Gabrieli: Claro! Para a saúde delas.

Pesquisadora: Faz bem?

Gabrieli: Faz! Pouca faz.

Pesquisadora: É? Você chupa balas?

Gabrieli: Não, só chicletes.

Pesquisadora: Por que você não chupa balas?

Gabrieli: Não, eu vou chupar, vou chupar uma daqui a pouco.

Pesquisadora: É, um dia Maria ficou sabendo que ia ter no futuro uma máquina!

Gabrieli: Hã! Do que?

Pesquisadora: Uma máquina que iria... Aí ela escutou uma vizinha falando, uma máquina que viria substituir o homem.

Gabrieli: Ah!

Pesquisadora: Aí Maria ficou preocupada, essa máquina como que seria, uma máquina sentada na mesa almoçando, uma máquina sentada na cama, uma máquina indo na igreja, aí ela ficava sonhando essas coisas. Depois que ela ficou sabendo...

Gabrieli: Maria é louca.

Pesquisadora: Depois que ela ficou sabendo que essa máquina que a vizinha estava falando, tratava dos computadores.

Gabrieli: Ah!

Pesquisadora: Veja, era isso. Você tem computador?

Gabrieli: Claro, eu tenho até celular!

Pesquisadora: Tem até celular?

Gabrieli: Tenho.

Pesquisadora: Você... O que mais gosta de fazer no seu computador?

Gabrieli: Baixar joguinhos. Na verdade achar jogos.

Pesquisadora: Achar jogos? Hum. Na escola Maria gostava de conversar com os colegas, ler histórias sozinhas, ler histórias com a amiguinha dela que chamava Julia, gostava de ouvir a professora ler história para todos, também gostava quando a turma podia ler sem a professora, você gosta de histórias?

Gabrieli: Amo.

Pesquisadora: Quais histórias que você gosta?

Gabrieli: Eu gosto de história mesmo. A história da Maria, hã, aí, Adivinha o Quanto Eu Te Amo e Bruno e Amigos e o Mundo de Bruno.

Pesquisadora: E a sua professora conta histórias?

Gabrieli: Conta.

Pesquisadora: Você lê histórias?

Gabrieli: Sim. Toda quinta-feira.

Pesquisadora: Ah é? Na quinta-feira?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Aonde vocês leem?

Gabrieli: Ah, em qualquer lugar, quando está chovendo é lá na sala e quando não está chovendo a gente pode ler na biblioteca, ali na grama, ali no quintal, no saguão, na diretoria.

Pesquisadora: Qualquer lugar?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Que legal! E aí, quais livrinhos? Qualquer livro...

Gabrieli: Qualquer livro.

Pesquisadora: A professora que dá... Você escolhe?

Gabrieli: Uhum. Quando dá muita bagunça a professora que dá.

Pesquisadora: Uhum. E uma das coisas que Maria gostava muito, né, era quando sua mãe fazia receitas deliciosas, né? E ela gostava bastante de copiar

receitas da Dona Tereza, uma vizinha que elas tinham, que tinha uma receita gostosa, né? Você sabe de uma receita bem gostosa que sua mãe faz?

Gabrieli: Sei!

Pesquisadora: Qual?

Gabrieli: Nega maluca!

Pesquisadora: Hum. E o que que vai nessa receita?

Gabrieli: Farinha, água, ovo, chocolate, açúcar e eu acho que... Cobertura e granulado.

Pesquisadora: E como que sua mãe prepara isso?

Gabrieli: Ela coloca, ela pega uma forma e coloca aquele caldo que ela faz doce, e coloca na forma e daí ela coloca assar, daí depois ela faz a cobertura e coloca.

Pesquisadora: E quanto tempo leva até ficar pronto pra comer?

Gabrieli: Mais do que uma meia hora.

Pesquisadora: Hum. E Maria gostava bastante de quando chegava o final do mês fazer a lista de compras, pra fazer as comprinhas no supermercado.

Gabrieli: Ela gostava de comprar coisa?

Pesquisadora: Maria gostava, ela ajudava a mãe dela fazer a lista de compras, pra ir lá no armazém da Dona Lurdes que era o mercado maior que eles tinham...

Gabrieli: Maior mercado.

Pesquisadora: Na verdade era um comercio, né? Só que não era um mercado grande como tem hoje, né?

Gabrieli: Não. Era do tamanho de um colchão quase.

Pesquisadora: Não, era um pouco maior eu acho.

Gabrieli: Tamanho de uma casa.

Pesquisadora: Mas então você, tem comercio perto da sua casa?

Gabrieli: Tem!

Pesquisadora: O que que tem aqui perto da sua casa?

Gabrieli: O Samambaia, a Desengrine.

Pesquisadora: Todos são supermercados?

Gabrieli: Sim.

Pesquisadora: Uhum. E perto da sua escola também tem supermercado?

Gabrieli: Perto da minha escola? Tem, o Samambaia.

Pesquisadora: E o que você costuma comprar nesses supermercados?

Gabrieli: No Samambaia?

Pesquisadora: Hum.

Gabrieli: Nada, no Denegrine, nada. Só no Cem.

Pesquisadora: E o Cem fica longe da sua casa?

Gabrieli: Não, fica mais ou menos... Não fica bem longuinho, mas bem pouco.

Pesquisadora: E você faz lista de compras?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Quem faz?

Gabrieli: Minha mãe

Pesquisadora: E a lista de compras dela custa quantos?

Gabrieli: Meu Deus, duzentos mil, ah mentira, aí meu Deus, quanto que eu vou falar aqui? Custa... Quinhentos, cem, setenta, oitenta, noventa, sessenta, dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta.

Pesquisadora: Isso é o que? O que ela compra?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: E nessa...

Gabrieli: O que ela paga.

Pesquisadora: Ah, o que ela paga. E nessa que tua mãe faz para o supermercado, tem coisas que ela compra para você?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Quem comprar as coisas para você?

Gabrieli: Minha mãe.

Pesquisadora: Ué?

Gabrieli: Mas é que ela não coloca na lista o que ela compra para mim, só compra quando eu peço.

Pesquisadora: E o que você pede para comprar?

Gabrieli: Salgadinho, bala, chicletes e pirulito.

Pesquisadora: E isso custa quantos?

Gabrieli: E salgado também. Chicletes custa sessenta e poucos.

Pesquisadora: Sessenta o que?

Gabrieli: Sessenta e poucos, chicletes, à bala cinquenta.

Pesquisadora: Cinquenta reais?

Gabrieli: É claro.

Pesquisadora: Nossa, que bala é essa?

Gabrieli: Mentira, eu nem sei quanto que é.

Pesquisadora: Ah tá, você não sabe quanto que é. Você só pede pra comprar.

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: E você sabe se tua mãe tem o dinheiro para pagar ou não?

Gabrieli: Não sei.

Pesquisadora: Não sei. Você não se preocupa com isso?

Gabrieli: Eu não.

Pesquisadora: Uhum.

Gabrieli: Eu não sou ela.

Pesquisadora: Hã?

Gabrieli: Eu não sou ela.

Pesquisadora: Hum.

Gabrieli: Pra me preocupar.

Pesquisadora: É só a mãe que se preocupa?

Gabrieli: E meu pai.

Pesquisadora: Quando você vai começar a se preocupar?

Gabrieli: Eu? Nunca!

Pesquisadora: Por quê?

Gabrieli: Porque não.

Pesquisadora: É...

Gabrieli: Se eu já fosse grande teria comprado tudo o que eu queria.

Pesquisadora: Se tem uma pessoa, digamos que eu queira...

Gabrieli: Vinte mil pacotes de bala e chicletes.

Pesquisadora: Olha, eu estou lá em Curitiba e quero vir aqui na sua casa, um exemplo. Como que você explica para eu chegar na tua casa. Explica para mim como que eu faço para chegar até aqui.

Gabrieli: Essa pergunta é difícil.

Pesquisadora: Explica como que eu chego aqui na tua casa.

Gabrieli: É, você vem lá de Curitiba... Dá para começar aqui de Chopinzinho?

Pesquisadora: Pode sim de Chopinzinho, ali da matriz então ou da tua escola. Eu estou lá na tua escola...

Gabrieli: Da minha escola.

Pesquisadora: E quero vir na tua casa. Como é que eu faço.

Gabrieli: Não, ali da matriz, não da minha escola. Você vira aqui, desce reto, tem uma casa laranja você vira, sobe reto e daí vira ali e vai reto.

Pesquisadora: Obrigada, vou conseguir chegar. E digamos lá que eu quero conversar com você e não posso vir até sua casa, como que eu faço para falar com você? Oh, como que a Maria fazia? A Maria escrevia cartas. Quando ela mudou de casa, a tia dela...

Gabrieli: Minha professora...

Pesquisadora: Oh, lá do Rio Grande do Sul, queria vir na casa dela, daí Maria escreveu uma cartinha, fez um mapa para explicar como que chegava na casa de Maria, né? É, e aí a Maria gostava bastante, ficava muito feliz, né?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: E ela gostava também de escrever histórias nessas cartinhas e gostava de ler o que as pessoas escreviam para ela, ela se divertia com tudo isso. Você costuma escrever cartas?

Gabrieli: Sim.

Pesquisadora: Quem...

Gabrieli: Para minha professora, para a minha mãe, para o meu pai, para minha irmã, para tia Eloine, pra...

Pesquisadora: Você escreve cartinhas?

Gabrieli: Para minha vó, para o meu tio. Sim, eu escrevo bastante.

Pesquisadora: Uhum. E quem que escreve... Quem que responde tuas cartinhas?

Gabrieli: Ninguém! Ah é, a tia Eloine.

Pesquisadora: E o pai responde a cartinha para você?

Gabrieli: Sim.

Pesquisadora: E a mamãe?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: E a vó?

Gabrieli: Não.

Pesquisadora: Não? Aham.

Gabrieli: Só minha...

Pesquisadora: Se eu quiser, além de vir aqui na sua casa, que outro jeito eu posso falar com você?

Gabrieli: Pelo tim...

Pesquisadora: Pelo que?

Gabrieli: Telefone.

Pesquisadora: Pelo telefone? Só ou tem um outro jeito ainda?

Gabrieli: Tem outro jeito... Não, espera aí, deixa eu pensar. Posso pensar?

Pesquisadora: Sim, pode pensar. A gente pode falar por cartinhas, a gente pode falar pessoalmente, eu vindo aqui na sua casa, né, que você me ensinou o mapinha da sua escola até aqui, como que é mesmo o mapa, explica de novo.

Gabrieli: Você está lá na minha escola, você vira aqui, vem aqui, vai reto.

Pesquisadora: Estou lá na sua escola e quero vir aqui na sua casa, que caminho eu tomo para saber?

Gabrieli: Você desce reto, lá tem uma casa laranja com o portão laranja também, você vira ali e daí... E daí você, é, você sobe reto ali naquela esquina, e daí você dobra para cá e chegou aqui na minha casa.

Pesquisadora: Chegou aqui. Ok.

Gabrieli: Quero bala.

Pesquisadora: Então eu quero te agradecer...

Gabrieli: Quero bala, não goma.

Pesquisadora: Eu quero te agradecer, Gabrieli Balansin, pela entrevista foi excelente, maravilhosa.

Gabrieli: Obrigada.

Pesquisadora: A sua participação, agradecer por esse momento, muito obrigada, tá?

Gabrieli: Uhum.

Pesquisadora: Beijo.

Gabrieli: Desligou?

Pesquisadora: Encerrando então a entrevista com Gabrieli Balansin, para pesquisa de mestrado Alfabetização Matemática, como foi, é e poderá ser na perspectiva do letramento. Iloine Hartmann, Universidade Federal do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Ivana S. B. Balansin,
portador (a) do RG 4939653-3, CPF 694878209-49,
declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações
prestadas pelo meu filho (a) Gabriel Balansin
nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em suas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo sem restrições de prazos e citações, a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, RG 4339036-8 e CPF 57697620987, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna e, bem como em trabalhos e textos produzidos relacionados a essa pesquisa, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ver a entrevista e usar citações, ficando vinculado o controle à pesquisadora.

Esta cessão afasta os responsáveis pelo entrevistado (a) e seus herdeiros de receberem qualquer espécie de indenização ou compensação em virtude do uso e administração do material.

A pesquisadora, por sua vez, compromete-se a utilizar o material citado com objetivos educacionais.

Para efeitos, este termo vai assinado pelas partes.

Eu, Ivana S. B. Balansin, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o

recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Autorização do uso da entrevista.

Curitiba, 03 de julho de 2014.

a Ivana L. B. Balansin

Assinatura do (a) responsável pelo entrevistado (a)

Heine M. Barthmann Martins

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA
TEXTUALIZAÇÃO**

Eu, Ivana S. B. Balansin portador (a) do RG 4939653-3, responsável legal por Gabrieli Balansin conforme documento em anexo, afirmo que após ter lido o texto da textualização da entrevista por ele (a) concedida em 03/07/2014 e após ter feito minhas considerações e solicitado modificações nas seguintes partes da textualização:

Onde se lê:

Lê-se:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das informações por ele (a) oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em suas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Ivana B. B. Balansin, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos nossos direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 03 de julho de 2014.

Assinatura do (a) responsável pelo participante/entrevistado (a):
Ivana B. B. Balansin

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. B. Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Ivana B. B. Balansin,
portador (a) do RG 4939653-3, CPF 694878209-49,
residente no endereço

declaro, por meio deste termo, que concordei em autorizar meu filho
(a) Gabrieli Balansin,
nascido em _____ no dia 16/03/2006
ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente
momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ
SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO** desenvolvida pela pesquisadora
Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação
em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná
(UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do
Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer
momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email:
ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei autorizar a participação do meu filho(a) por minha própria
vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com
a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da
entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais
sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do
relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus
alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do
Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

A colaboração do meu filho (a) se dará de forma voluntária por meio de
entrevista com perguntas a partir de um jogo e de uma história, a ser gravada
em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente
transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes
que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição
e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que
considere inadequadas.

Posso ainda, retirar a participação do meu filho(a) desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Trana B. B. Balansin,
após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto
minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela
pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 03 de Julho de 2014.

Trana B. B. Balansin

Assinatura do (a) responsável pelo /entrevistado (a)

Leine M. Hartmann Martins

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora

a. [Assinatura]

Testemunhas

a. Luana Hartmann Tromarin

Testemunhas

ANEXO C – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Ivana Lucia Balansin e termos de autorização.

1ª entrevista**Entrevistada: Ivana Lúcia Hartmann Balansin****Data da Entrevista: 03/07/2014****Transcrição: Fabiane Prazeres****Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins**

Pesquisadora: Então, eu organizei duas listas de palavras, tá? Então na nossa conversa com a Ivana Hartman Balansim, eu organizei a primeira lista de palavras, letramento, matemática, escrita, gêneros textuais, jogos, língua materna, leitura, alfabetização, situações problema, resolução, história e oralidade. A segunda lista é composta pelas palavras alfabetização e letramento, alfabetização matemática, leitura e escrita, gêneros textuais na matemática, leitura de histórias na matemática, língua materna e a matemática, dificuldades na matemática, resolução das situações problemas, alfabetização matemática e letramento, leitura de escrita na matemática. Essas palavrinhas são só para ajudar você a falar, sobre a tua infância, o que você lembra da matemática, o que você estudou, como que o professor ensinou, quais que lembrança você tem. Então para falar da infância, você vai escolher algumas dessas palavras, qualquer uma delas, é só para te ajudar a trazer a memória, é, coisas que você vivenciou na infância, isso seria o primeiro passo. Daí, depois no segundo momento, você vai falar do seu tempo de formação, quando você fez pedagogia, o que você lembra da matemática, o que você aprendeu nesse tempo de formação, quando você fez a tua pós, o que você aprendeu de matemática, como é que se ensina matemática, e daí o terceiro momento da tua conversa comigo, seria você contar como é que você ensina matemática hoje para os alunos, né. E daí as palavrinhas é só no mentido assim de ajudar na fala, de trazer lembrança. Então, por exemplo, o primeiro passa é falar da infância, que palavrinhas dessa, assim, você olhando te lembram a infância? Por exemplo, na infância você tinha jogos, quando você aprendeu matemática?

Ivana: Não.

Pesquisadora: Então não seria a palavra que você escolhe, né. É, tinha leitura? Tinha, é, histórias? Então você vai escolher entre uma dessas, se nenhuma dessas palavras te ajudarem a... Situação problemas, isso. Você vai montar sua terceira lista então para falar da infância. Você tem mais alguma?

Ivana: Não.

Pesquisadora: Não?

Ivana: Não.

Pesquisadora: Nenhuma dessas você lembra?

Ivana: Não.

Pesquisadora: Tá.

Ivana: Matemática, eu vou falar da matemática.

Pesquisadora: Sim, você vai falar da matemática, então isso, pode puxar ela

para cá. Tinha leitura de histórias na matemática quando você foi alfabetizada?

Ivana: Não.

Pesquisadora: Tinha dificuldade na matemática?

Ivana: Tinha.

Pesquisadora: Tinha, quer, vamos por para cá. Daí seria uma coisa, você vai falar das dificuldades na infância com a matemática. Tinha escrita?

Ivana: É, era escrita.

Pesquisadora: Então, por exemplo assim, como que era essa escrita na matemática, como que você escrevia né? O que que registrava? Tinha textos diferentes, diferentes tipos de textos na matemática que você lembra?

Ivana: Não.

Pesquisadora: É, tinha conversa, oralidade na matemática? Vocês podiam...

Ivana: Não, porque era só o professor que falava, né, a gente era só ouvinte. (risos).

Pesquisadora: Aham, então tá. Então é só para ajudar mesmo...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Então quero ouvir tua história, da tua infância, das tuas lembranças da matemática. O que você lembra?

Ivana: Bom, eu me lembro do... Não me lembro em que série que eu ia, mas eu lembro assim, que ficou bem presente na minha memória foi o professor Neri.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Ele dava aula para nós, que ele passava atividade no quadro e terminava lá embaixo e já começava com a resposta lá em cima. Então era copiar e completar, copiar e completar, era assim. É essa lembrança que eu tenho de matemática. Sempre quando fala em matemática, desde de quando que fui fazer pedagogia eu sabia que não ia ter matemática, então me chamou mais atenção, né, para não precisar fazer um curso que envolvesse contas. Na verdade eu tenho um trauma assim, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Isso assim, acho que é um bloqueio dentro de mim, porque... Porque eu não aprendi assim, a matemática não foi mostrada de uma forma que era... Para mim, é assim uma coisa, é, como é que vou dizer? Para mim é uma coisa difícil.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eu lembro quando eu fiz a minha quinta, sexta série, é, eu fui na lousa, a professora pediu para mim fazer uma conta de dividir, eu não sabia. Então fui lá na frente, daí a sorte que uma menina que ficava mais do lado assim, foi dizendo o que tinha que fazer.

Pesquisadora: Essa conta que você falou que o professor Neri fazia, o que você lembra assim? O que ele passava?

Ivana: Passava, era problemas, situações problemas.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: E o que era outras coisas? Continhas, que tinha que fazer.

Pesquisadora: A situação problema?

Ivana: Não, era situação problema que tinha que... Ele já dava com a continha feita.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: E tinha, é, adições, subtrações, que tinha que resolver, mas não que... Eu não pensava para fazer isso, ele já dava, por exemplo, cinco mais cinco igual a dez já, tudo pronto ele dava.

Pesquisadora: Ah.

Ivana: Quer dizer, nenhum momento eu precisei pensar.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Né, cinco mais cinco, precisei assim...

Pesquisadora: Ele não colocava o texto lá para você...

Ivana: Não.

Pesquisadora: Copiarem, fazerem leitura, tentar entender o que ele...

Ivana: Não, isso não existia.

Pesquisadora: Interessante. E daí em relação à tabuada, por exemplo, fazer essas continhas, ele também não deixava vocês?

Ivana: A tabuada eu fui aprender na quinta, na sétima, oitava série. Eu decorei a tabuada. Não aprendia a tabuada assim, é, construindo ela, eu aprendi a tabuada decorando.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Não aprendi construir ela.

Pesquisadora: Então você não teve uma história assim de pressão para decorar a tabuada, ele foi teu professor quanto tempo? Não lembro desse professor.

Ivana: Então, não me lembro assim quanto tempo, mas acho que foi quarto, daí entrou a quinta série, na época lá nos gramados, lembra?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Acho que foram dois ou três anos que ele foi professor.

Pesquisadora: E da primeira e segunda série o que você lembra? Alguma coisa assim de matemática você não lembra?

Ivana: Não. Lembro bastante assim, bastante o português, a cartilha, as atividades que a professora Gesi passava no quadro.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Isso eu lembro, mas assim matemática na primeira e segunda série eu não tenho lembrança.

Pesquisadora: Não tinha ou você não lembra?

Ivana: Não tenho lembrança, acho que tinha sim, só eu não tenho lembrança.

Pesquisadora: E das lembranças assim de português, o que você lembra de português? Além da cartilha de ensino.

Ivana: Eu me lembro assim, que tinha que é, juntar as sílabas, tempo que a gente estudava o...

Pesquisadora: Sim. Você estudou na cartilha?

Ivana: Cartilha.

Pesquisadora: Da Caminho Suave?

Ivana: Caminho Suave.

Pesquisadora: A mesma da minha.

Ivana: E assim, eu até hoje, eu gosto de português.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Acho que foi trabalhado de uma forma mais, é, quem sabe de uma forma mais dinâmica, mas foi de um jeito assim que eu consegui...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Assimilar melhor, como que eu tinha que fazer para mim aprender, ou para mim entender.

Pesquisadora: Uhum. E a escrita, que nem você colocou, aqui em relação à matemática, seriam essas situações problemas que ele passava?

Ivana: Essas situações problemas que ele passava.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Essa era a escrito que eu me lembro em matemática.

Pesquisadora: E a dificuldade, que nem você escolheu aqui, seria o fato que dele não permitir que vocês pensassem.

Ivana: É.

Pesquisadora: Isso, mas aí como você percebia dificuldade, porque ele não deixava nenhum desafio.

Ivana: Comecei a perceber dificuldade aqui, quando eu vim para a cidade, quando eu fui fazer a sétima, oitava série.

Pesquisadora: Ah tá.

Ivana: Porque ali eu precisava pensar e eu não aprendi a pensar. Daí que eu comecei sofrer.

Pesquisadora: Hum. Porque daí aqui na cidade eles começaram a cobrar.

Ivana: Claro, porque passava ou trabalhava o mesmo no livro e o professor, é, fazia a pergunta e o aluno tinha que resolver.

Pesquisadora: Hum.

Ivana: Daí como resolver se eu não sabia.

Pesquisadora: Porque você passou a infância copiando o que o professor já tinha resolvido.

Ivana: Uhum. Uhum. E daí quando eu passei para o primeiro ano do segundo grau, tinha aquelas equações, com fórmulas.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Levado ao cubo, raiz, nossa aquilo lá foi assim... Eu levei esses três anos sempre assim na... (risos).

Pesquisadora: Na média.

Ivana: Na média...

Pesquisadora: Para poder passar.

Ivana: É, para poder passar...

Pesquisadora: No limite.

Ivana: É, no limite. Para poder passar só de ano. Por isso que hoje quando eu vou trabalhar com aluna, tudo o que eu posso levar, assim no, para eles

poderem...

Pesquisadora: No concreto.

Ivana: No concreto, é, eu faço, porque eu sei que é dessa forma que a gente aprende.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: E que pode, memoriza, mas fácil, você consegue levar isso na mente, agora uma coisa pronta...

Pesquisadora: Não tinha sentido nenhum.

Ivana: Não aprende. Não tem sentido.

Pesquisadora: E daí, e tarefa de casa, ele dava? Você lembra se ele dava? Que se na sala de aula...

Ivana: Não, não dava tarefa porque... Não, não dava tarefa. Ele dava tudo pronto ali, não tinha o que fazer em casa, né?

Pesquisadora: Hum.

Ivana: Mas também ele não era um professor preparado, para... Na época ele foi, conseguiu esse espaço para dar aula, porque era uma pessoa bem conhecida na comunidade, uma pessoa mais velha, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Por isso.

Pesquisadora: E daí, das outras professoras, a Rosa a professora Gesi que eram também dali, você não tem lembrança da matemática, assim?

Ivana: Não, da matemática não tenho lembrança. Era só esse professor.

Pesquisadora: Nem da professora Nelsi?

Ivana: A Nelsi dava português.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Daí eu gostava dela. Ela dava os exemplos assim...

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Bem... Dava as regrinhas que tinha que seguir.

Pesquisadora: Uhum. Eu vou anotar aqui as palavrinhas que você... Primeiro da infância você escolheu esses três. Situações problemas... E assim na matemática você lembra de pequena, em algum momento assim que você usou matemática na vida, em casa, que você percebeu assim, ah... Que você lembra assim, eu usava matemática, mas nem sabia que usava.

Ivana: É, a questão quando, é, trabalha com receitas, a dificuldade de...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Meio copo, é, sempre eu tinha assim dificuldade e hoje assim, eu tenho que parar para pensar bem quando vou ler alguma receita, assim como que tem que...

Pesquisadora: Uhum. Ah, quando você fazia alguma coisa em casa?

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Que ia lá ler a receita, você não...

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Daí você fazia o que?

Ivana: Daí lia duas, três vezes para entender bem.

Pesquisadora: Então, mas esse conhecimento quem que te ensinou?

Ivana: Mas isso foi depois com o tempo que eu comecei passar para o segundo grau e aí fui tendo esse conhecimento, né?

Pesquisadora: Ah, entendi. Não, eu digo assim, lá quando você era criança, no sítio.

Ivana: Quando criança não, porque eu não fazia isso, né.

Pesquisadora: Uhum. Que você lembra assim que usou a matemática fora da escola, lá no gramado?

Ivana: Contar as bulicas.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: É...

Pesquisadora: Por exemplo, joguinhos, você não fazia? Joguinho de paciência, lodo, aquele que a gente tinha em casa.

Ivana: Ah é, o lodo, é contava. Contava até cinco, seis, né.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Uhum. Outra coisa que tinha era o bingo.

Pesquisadora: O bingo.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Se tinha jogos na tua história, mas era só em casa...

Ivana: É.

Pesquisadora: Era também uns joguinhos mais assim... Que era mais de contagem, né?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: E daí, quando você foi para... Se for pensar na pedagogia, o que você, dessas palavras aqui, qual delas você escolheria para falar assim dessa tua formação de pedagoga? Ou depois na tua pós-graduação. O que você viu assim, é, sobre o ensino da matemática nas séries iniciais?

Ivana: Jogos.

Pesquisadora: Vamos montar a quarta lista. Então, a tua segunda lista que você vai falar sobre a tua formação, então a palavra que você escolheu é jogos, mais alguma?

Ivana: Pode ser só essa?

Pesquisadora: Pode ser só. Pode falar o que você viu na formação.

Ivana: Depois que eu fiz a pedagogia ou depois que eu fiz as pós?

Pesquisadora: Uhum. Na pedagogia você viu alguma coisa ou não?

Ivana: Não.

Pesquisadora: Nada, nada, nada?

Ivana: Jogos assim, não.

Pesquisadora: Mas na pedagogia vocês tiveram metodologia do ensino da matemática ou não?

Ivana: É, mas foi uma coisa parece mais teórica.

Pesquisadora: É?

Ivana: Aham.

Pesquisadora: O que você... Lembra de alguma coisa ou não? Como que se

ensina, ou não, nada?

Ivana: Eu não gostava da professora. (risos).

Pesquisadora: Não? (risos).

Ivana: Eu não tenho lembrança.

Pesquisadora: Tá, então o que você viu jogos?

Ivana: Na psico que eu fiz.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Foi ali que despertou essa questão de trabalhar com jogos.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Como que, aí até o professor falou, como que foi no tempo que vocês foram alfabetizados? Como que era trabalhada a matemática? E aí então, aí eu comecei a fazer uma relação, como foi a minha alfabetização e como eu posso trabalhar para alfabetizar hoje, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Daí então que despertou essa questão para jogos.

Pesquisadora: Hum.

Ivana: Daí depois eu, é, comecei a trabalhar na sala multifuncional, que você também trabalha com jogos.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: E a gente percebe assim que dá um resultado, então hoje assim, falou em jogos é uma coisa assim que a gente fica antenado.

Pesquisadora: Uhum. E daí na psicopedagogia o que eles falavam? Você lembra assim, o que é importante, qual o tipo de jogo? Em relação à matemática.

Ivana: Ah, tem vários jogos que eu... Agora assim na... Tenho eles guardado.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Não tenho assim muito presente por nome, mas vários joguinhos que a gente aprendeu para...

Pesquisadora: Uhum. E são jogos que você usa hoje? Coloca às vezes um outro...

Ivana: Alguns.

Pesquisadora: Alguns que dá para usar?

Ivana: Aham

Pesquisadora: Que dá para usar.

Ivana: É.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Esses jogos, na verdade, que a gente aprendeu na psico é mais assim para você avaliar o aluno, né?

Pesquisadora: Ah sim. Uhum, sim. Fazer um diagnóstico, para saber...

Ivana: Isso, fazer um diagnóstico...

Pesquisadora: Diagnosticar. Aham. E daí, qual palavra você escolheria para falar do teu momento atual de professora? Dessas que você tem em relação à matemática.

Ivana: Dessas aqui?

Pesquisadora: Uhum. De todas elas, pode ser.

Ivana: Todas?

Pesquisadora: Todas, aham.

Ivana: Como que é a pergunta mesmo?

Pesquisadora: É, desse, agora que você está atuando, no segundo ano?

Ivana: Segundo ano, aham.

Pesquisadora: É na aldeia dos Caigangues?

Ivana: Caiguangues.

Pesquisadora: São quantos aluno que você tem em sala?

Ivana: Onze.

Pesquisadora: Onze alunos. Aham. Então assim, se a gente for pensar que lá na tua infância você fez a escolha dessas palavrinhas aqui, né? Você tem uma história, depois você teve tua formação, você percebeu que é importante a utilização de jogos, você tem tido, participou de dois encontros do PINAIC. Então assim, hoje como é que é esse professor que ensina matemática? O que além da situação problema, igual o professor passava para você, como é que você ensina hoje? Você ensina daquele jeito lá, você usa jogos, dá para misturar, por exemplo, leitura com matemática, você mistura, não mistura como é que você faz a tua aula de matemática?

Ivana: Eu procuro, é, trabalhar o concreto no, né para...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Para mostrar para ver, para a criança poder, é, palpar...

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Criança poder pegar na mão para ela ter um conhecimento, um aprendizado melhor.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eu procuro trabalhar bastante com jogos.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Que agora no PINAIC a gente está aprendendo também bastante, né...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Meios para se trabalhar, com sucata, com qualquer né...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Não precisa ser um jogo assim, é, sofisticado, né.

Pesquisadora: Sim...

Ivana: Pode ser um, né... Até sucata, livros, você consegue trabalhar.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eu vejo assim que a criança se interessa mais quando é algo diferente, algo que eles podem estar, é, pegando, é, né. Que eles podem ter o contato, não só olhar lá a escrita e saber de onde sai o...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Dois, o três, o quatro.

Pesquisadora: Uhum. É, como que você, por exemplo, que tipo de material você está usando na sala? Você falou que era um material dourado, não...

Ivana: Dourado, tem um material dourado, tem os blocos lógicos que a gente

usa também.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: É, material, é, trabalhar unidades, dezenas, material confeccionado em EVA.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Também né. Trabalho também com cédulas que a gente faz compra e venda.

Pesquisadora: Uhum. Aquele material que você trabalhou a questão dos ovos lá, a dúzia né?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: A dezena que você trabalhou, né?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Também trabalhou no concreto, quer falar um pouquinho sobre aquele jogo lá?

Ivana: Então, trabalhar com eles a dúzia e a meia dúzia, eu levei para a sala uma dúzia de ovos.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Ovos cozidos e trabalhei com eles, no primeiro momento assim, é, eles tinham medo, porque achavam que os ovos eram de, eram crus ainda e eram ovos cozidos. Foi assim interessante, porque eu coloquei uma situação problema na lousa para eles, aí eles pegavam, né, pegava a quantidade que pedia lá, tirava e colocava na outra caixinha.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Então assim, não tinha dificuldade nenhuma. Se a gente sempre tivesse o concreto, o material ali com eles a criança não ia ter dificuldade...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: O problema é que a gente não tira o tempo para...

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Para resolver cada situação problema você ter material ali.

Pesquisadora: Sim.

Ivana: A gente não tira esse tempo.

Pesquisadora: Aham. Como que era, você pôs uma situação problema no quadro a respeito dos ovos...

Ivana: Sim, aham

Pesquisadora: Aham. Não, a gente pode retomar depois, fazer um segundo momento.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Daí você pega os jogos lá, pega...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Você fez uma situação problema no quadro a respeito dos ovos e eles tinham em mão...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Uma caixinha de ovos...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Cozidos que você levou.

Ivana: Sim. Uhum.

Pesquisadora: E daí eles, é, eles iam resolvendo na própria caixinha?

Ivana: Uhum, na própria caixinha, para aí depois passar no... Passei na lousa, só que eu tinha digitado também no papel...

Pesquisadora: Sim.

Ivana: A atividade que entreguei, passei na lousa e passei o material em mãos para eles, depois que eu fui passar o papel.

Pesquisadora: Certo. Aham.

Ivana: É, aí eles trabalharam ali primeiro.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Aí no segundo momento que foi passado no papel. Eles passaram no papel daí.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Bem interessante.

Pesquisadora: E aí, você estava me contando que quis também que eles organizassem uma situação problema, daí o que você percebeu?

Ivana: É, que eles ainda não tinham a...

Pesquisadora: Conta tudo, assim, como que foi? Você quis ver o que eles vendem na aldeia?

Ivana: Isso, aí eu pedi para uma aluninha trazer o material, que eles confeccionam, o artesanato.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Para ela, é, elaborar uma situação problema.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Aí ela falou que ela não sabia, não sabia como fazer isso né...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Mas eu já tinha trabalhado com eles.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Mas para ela elaborar uma situação problema...

Pesquisadora: Por que você trabalhou esse tipo de texto, situação problema, né?

Ivana: É.

Pesquisadora: Narrativa em relação aos ovos. Aí você queria que eles montassem uma situação problema também.

Ivana: É.

Pesquisadora: Com artesanato que elas vendem na...

Ivana: É, isso.

Pesquisadora: Perto da aldeia.

Ivana: Que é próprio deles mesmo.

Pesquisadora: Aham. E aí a criança veio e disse que não conseguia montar...

Ivana: Que não conseguia montar.

Pesquisadora: Aham. Daí isso é um desafio também para você para ir trabalhando com eles de montagem de situações problemas, né?

Ivana: É.

Pesquisadora: E, por exemplo, em relação ao tem ensino lá, você acha que é possível, por exemplo, dentro da matemática trabalhar diferentes tipos de texto?

Ivana: Agora no PENAIC, está ficando um pouco mais claro isso.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Trabalhar diferentes tipos de textos, mas o meu conhecimento até hoje assim, é ainda não é bem claro. Como que eu posso trabalhar diversos tipos de textos, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Acho que é porque não foi explorado isso

Pesquisadora: Sim. Na formação mesmo?

Ivana: Na minha formação. Com esse conhecimento que a gente está tendo através do PENAIC, eu acho que é possível sim.

Pesquisadora: Se a gente for pensar, por exemplo, em relação aos tipos de textos que você tem na sala de aula, por exemplo, você tem um calendário, né. Você faz leitura desse calendário, né, os dias que faltam, os dias que já passaram, quantos dias tem a semana, quantos dias tem o mês, quantos dias tem o ano, quer dizer, é um tipo de texto, né, o próprio calendário, porque você faz leitura desse material, né.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: É, e outros tipos de textos, por exemplo, que você tem, no caso você citou a receita, né.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: E quando tem ali a quantidade que vai, se você não coloca a quantidade certa altera a receita, porque altera aquilo que você vai fazer seja um bolo, um pão.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Então quer dizer, ele também vem ser um tipo de texto, né. Então, de certa forma você já trabalha os tipos de textos, só que de repente você pela tua formação, igual você está dizendo, não foi mostrado na formação.

Ivana: É, ou de... Não foi mostrado e, ou de repente não ficou, de repente foi mostrado de uma forma assim meio que é, não ficou claro assim.

Pesquisadora: Sim. Aham.

Ivana: Isso aí para mim, de uma forma de uma forma de repente diferente.

Pesquisadora: Por exemplo, se você pega um panfleto de supermercado, ele é um folder, né.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Um texto propaganda de produtos, né. Quer dizer, ali contém matemática, né. É um tipo de texto também, né. Então hoje se você for pensar, você acha que é possível então, desde que explore essa...

Ivana: Sim.

Pesquisadora: Essa questão. Dentro dos jogos também, por exemplo, o texto

que dá instrução para o jogo...

Ivana: E todo jogo trás a instrução, né.

Pesquisadora: Ele é um tipo de texto, é um gênero textual, né? É, a questão...

Ivana: De repente eu não aprendi nessas palavras, gênero...

Pesquisadora: Ah.

Ivana: Né?

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Não sei.

Pesquisadora: É, porque é um nome de fato que de repente é agora que a gente está usando mais né. Você aprendeu de repente, tipos de textos.

Ivana: É, mesmo a questão da coordenação motora, eu não sei como o professor trabalhou isso, porque eu não conheci pelo nome, coordenação motora.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eu trabalhava coordenação motora e eu não tenho problema nenhum com coordenação, tenho ótima coordenação. Então, assim, foi desenvolvido...

Pesquisadora: Não com esse nome...

Ivana: É, mas não com esse nome, de repente tenha sido trabalhado, mas não por esse nome, gêneros...

Pesquisadora: Sim, sim. Vamos pensar então em relação sem ser gêneros, os textos que dá para trabalhar na matemática, né. Quais textos que dá para trabalhar? A gente já falou da receita, falamos do panfleto de propagando, né, de preços de supermercado, falamos do calendário que você tem na sala de aula que dá para trabalhar, o que você tem na tua sala de aula que tem referência com a matemática? Você coloca lá na tua sala, que dá para colocar lá na sala, lá na aldeia, não sei como é a sua sala.

Ivana: Tem calendário.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: É, tem uma centopeia com os números até nove.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Tem as mãos com os dedos dobrados, né, com os números para contagem. O que mais que eu tenho? Tem o calendário de aniversários, tem também do... É, dos aniversários, acho que é isso.

Pesquisadora: E quando as crianças...

Ivana: Ah...

Pesquisadora: Pode falar.

Ivana: Tem também, é, fiz um varalzinho com a carinha com a característica de cada um, é, também trabalhamos isso a questão de quantidade de letras, quantidade de, em ordem crescente e decrescente, agora vamos colocar o nome com menos quantidade de letras, ah nossa, mas fulano tem tantos, qual é o maior, qual é o nome com maior numero de letras, quantas vogais têm, quantas consoantes.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Qual é a letra que se repete, bem interessante essa atividade. Não me

lembrava mesmo.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Bem interessante trabalhar. Nossa, lá está meu nome, né, lá está a minha carinha...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Bem legal...

Pesquisadora: E com o calendário, como que você faz atividade?

Ivana: Eu tenho um calendário grande com todos os meses, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: E aí eu tenho um pequeno que eu imprimo sempre e que cada dia eles vão e circulam o dia, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: O dia que, sábado e domingo, feriado a gente deixa em branco, para eles saber quantos dias a gente trabalhou naquele mês.

Pesquisadora: Uhum. Eles mesmos vão lá?

Ivana: Eles mesmo, eu coloquei assim, um pouquinho mais baixo na lousa, eles pegam o lápis e já sabem, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Então antes de eu pedir que dia que é hoje, aí eles já vão lá e já sabem certinho.

Pesquisadora: Uhum

Ivana: Que dia que é hoje? 24, qual mês, né? Mês junho, mês julho.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Mês cinco, mês sei, então sempre trabalho bem isso né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Qual ano? 2014.

Pesquisadora: Uhum. É, em relação ao aniversário, como é que você trabalha assim? Questão de tempo faz destaque ou não, só...

Ivana: Não, até agora não trabalhei isso...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Só, né, expus na sala o cartaz...

Pesquisadora: Os aniversariantes.

Ivana: Isso, e não trabalhei isso ainda.

Pesquisadora: Uhum. Como você fez a montagem do calendário? Você fez levantamento das datas de aniversário, montou ou você foi...

Ivana: Quando eu cheguei na sala já tinha o calendário, então...

Pesquisadora: Ah tá, você entrou na sala quando lá?

Ivana: Eu entrei, é, já tinha, já fazia uns 40 dias já que tinha começado as aulas.

Pesquisadora: Que já tinha uma outra professora...

Ivana: Já tinha uma outra professora, que já tinha começado a trabalhar.

Pesquisadora: E daí esse professor saiu e você assumiu a turma.

Ivana: É, isso, eu assumi a turma.

Pesquisadora: Uhum. E o que você tem percebido da turma? Em relação a

matemática.

Ivana: Eu achava que o segundo ano já teria condições de estar bem mais adiantado, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: É, baseando na Gabriele que é minha filha que também está no segundo ano, ela, bem diferente, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Não sei por ser de repente, é uma cultura diferente, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Que eles não, que eles ainda estão assim bem atrasados, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Em relação à Gabriele.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Então assim, de repente a gente consiga até o final do ano ter assim um bom resultado, mas eu me preocupo, assim né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: O bom seria ter pego eles no início.

Pesquisadora: Sim. Você está já há dois meses, três meses com eles.

Ivana: Três.

Pesquisadora: Três meses do tempo que você entrou para hoje, você chegou a ver algum progresso?

Ivana: Em alguns alunos sim.

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Aquilo que você tem trabalhado.

Ivana: Sim.

Pesquisadora: Você percebe que há aprendizagem.

Ivana: É, a questão assim do retomar, né, então às vezes tem aluno que eu trabalho hoje e retomo alguma coisa amanhã já não lembra mais.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Mas tem alunos que, por exemplo, trabalhei hoje, é, unidade e dezena, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Semana que vem eu retomo, sabe certinho. Outros, coisa como se nunca tivesse falado.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Então não sei se isso é próprio mesmo da cultura, mas não, porque se tem outros, dois, três que lembram bem, né?

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Ivana: Acho que vai de uma criança para outra.

Pesquisadora: Você escolheu para falar do teu momento de formação de alfabetizadora, ficou nos jogos só?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: E se falar, por exemplo, da oralidade, você tem espaço para

que as crianças construam suas noções sobre a matemática, conversando entre eles, falando alto, é, para resolverem ou mais assim, um ambiente mais quieto...

Ivana: Não. É, questão assim, isso eles tem liberdade de falar, é quando eles estão jogando também, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Assim, cada um tem um jeito diferente de se expressar, aí quando eu trabalhei a fazendinha também, né.

Pesquisadora: Uhum. Como que foi essa fazendinha?

Ivana: Essa fazendinha também é um trabalho do PENAIC, aí foi confeccionada, eu que confeccionei, na verdade, essa fazendinha, né, mas aí eles que trabalharam com ela, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: A questão assim da, do número de animais que tinha na fazendinha, aí quem queria ser o dono da fazenda, é, qual animal que é amigo do homem, qual dos animais que traz alimento para o ser humano.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Foi assim bem interessante.

Pesquisadora: Uhum. Você quer falar mais alguma coisa? Não? Então nós vamos encerrar nossa entrevista com a Ivana Balansim, eu só vou anotar aqui que no seu momento de alfabetizadora ela também escolheu jogos. Então nós encerramos essa entrevista que foi realizada no dia, espera aí...

Ivana: Três.

Pesquisadora: É três? Três de julho. (risos). Esquecemos a data.

2ª entrevista

Entrevistada: Ivana Lúcia Hartmann Balansin

Data da Entrevista: 14/01/2015

Transcrição: Fabiane Prazeres

Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins

Pesquisadora: Daí o que que eu fiz... Eu já preenchi aqui, Ivana, por ordem que eu preciso. Ivana Lucia Balansin, data de nascimento?

Ivana: 25/08/71

Pesquisadora: Chopinzinho, profissão pedagoga, telefone residencial é (46) 33...

Ivana: 3342

Pesquisadora: 46. Celular?

Ivana: 91117795, o número eu consegui decorar.**(riso)**

(nesse momento para perguntar se tem e-mail fiz em alemão)

Pesquisadora: Conseguiu? Tem e-mail, né?

Ivana: Uhum. Ibalansin. É com n.

Pesquisadora: Ah é n.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Aqui também fiz certo.

Ivana: Hotmail.com.

Pesquisadora: Tá.

(tosse)

Ivana: Quatro, deixa eu ver se decorei, quatro, novecentos e trinta e... Não!

Pesquisadora: Depois é isso mesmo.

Ivana: Tá.

Pesquisadora: Pega lá então. Mais fácil, acho que vou tirar uma foto daí para não...

Ivana: Quatro, novecentos e...

Pesquisadora: Dá aqui! Tiro uma foto.

Ivana: Você tira foto.

Pesquisadora: Entendeu?

Ivana: Nossa, quanta burocracia!

Pesquisadora: Viu? (Risos). Da Gabi depois eu também vou precisar.

Ivana: Ai, por isso. A Gabi não tem ainda.

Pesquisadora: É, registro de nascimento daí.

Ivana: Ah o certidão?

Pesquisadora: Aham, o certidão. Ah eu peguei a foto e não peguei o número e devolvi, 4.939.653-3. CPF?

Ivana: Uhum. É uma vergonha, tenho que decorar esses números.

Pesquisadora: Eu consegui decorar esse número do... 694.808.49... Ensino médio fez na escola José Armim Mate... Graduação Pedagogia na, como é que é?

Ivana: Palas Atena.

Pesquisadora: Palas...(tosse) Especialização foi Psicopedagogia e Educação Infantil, né?

Ivana: Não.

Pesquisadora: Não. Psicopedagogia...

Ivana: É, Gestão é... Gestão, não me lembro mais. (Risos).

Pesquisadora: Educacional, não era?

Ivana: Não, Gestão de Trabalho Pedagógico, supervisão e orientação.

Pesquisadora: Aonde que você fez?

Ivana: Na FACINTER.

Pesquisadora: FACINTER. Você já deu aula para que séries?

Ivana: Só para séries iniciais, segundo ano.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: E para sala de recurso, que fala sala multifuncional.

Pesquisadora: Função atual pedagoga, né? Que você vai ser.

Gabriele: Oh, Lu?

(Gabriele, filha da Ivana chama Luana, minha filha, que ainda está dormindo)

Ivana: Uhum. Gabi, deixa ela dormir.

Pesquisadora: 2015, 2014

Gabriele: Eu queria pegar um shorts.

Ivana: Mas entra, pode pegar, acho que não está chaveada.

Pesquisadora: Pode entrar sim. Local de trabalho 2014. Uhum. Anos de magistério.

Ivana: Foram quatro anos. Ah quantos anos eu trabalho como...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Me formei em 2004 e fiquei quatro anos fora, daí depois eu voltei.

Pesquisadora: 2008...

Ivana: Uns cinco anos.

Pesquisadora: Cinco anos.

Ivana: Quatro, cinco anos.

Pesquisadora: Quatro, cinco anos. Vou por aqui, segundo ano atuou, né?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Tá, daí eu vou ler para você o que que das coisas que você falou, lembra daquele dia que a gente fez entrevista?

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Como que ficou a história. Ficou assim: meu nome é Ivana Balasin, na infância não tinha jogos, escolha... Lembra que daí a gente colocou as palavrinhas para você escolher? Que tinha uns papeizinhos assim? (palavra em alemão) Que aí era para você escolher umas palavras para falar?

Ivana: É, não me lembro.

Pesquisadora: Não? Daí você falou assim, na infância não tinha jogos, porque na mesa tinha a palavra jogos, aí eu falei...

Ivana: Ah, aí tinha que falar sobre aquilo.

Pesquisadora: É, isso. Daí eu falei...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Na tua infância tinha jogos? Daí você falou, não na minha infância não tinha jogos, daí você foi... E esse aqui tinha? Eu fui mostrando... Daí eu tirei as minhas palavras e deixei só as tuas.

Ivana: Ah.

Pesquisadora: Aí você falou na infância não tinha jogos. Escolha as palavras, leitura, histórias, situações-problema, escrita, matemática, mas isso não foi na sequência que você disse, né?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Não tinha leitura de histórias na matemática quando fui alfabetizada, eu tinha muita dificuldade na matemática, não tinha textos diferentes na matemática, a oralidade não, eu falei: tinha oralidade, daí você falou: a oralidade não. Daí eu deixei tudo na sequência, entendeu?

Ivana: Hum.

Pesquisadora: Daí ficou como se fosse uma fala só que você tivesse dito.

Ivana: Hum.

Pesquisadora: Porque era só o professor que falava, você falou a oralidade não, não porque era só o professor que falava, a gente era só ouvinte.

Ivana: É.

Pesquisadora: Da infância eu lembro, não lembro que série eu ia, mas lembro que ficou bem presente na minha memória o professor Neri. Ele passava atividade no quadro e quando terminava já começava com a resposta...

Ivana: Nossa que erro né?

Pesquisadora: Então era copiar, que era copiar e completar, copiar e completar, era assim, é essa a lembrança que tenho da matemática. É isso mesmo?

Ivana: Por isso que quando eu fui fazer o PNAIC (expressão em alemão), eu pensei o que que eu vou passar, né? Como que vai ser esse curso para mim, porque matemática para mim sempre foi uma coisa... E olha como foi bom! O PNAIC.

Pesquisadora: Percebeu que aprendeu.

Ivana: Nossa, claro! Porque, por causa do concreto, né?

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Lá não era só no quadro, quadro e caderno, né?

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Isso sem explicação de onde que vinha aqueles números.

Pesquisadora: Uhum

Gabriele: Está quente (referindo-se a água do chimarrão)

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Sempre quando falava em matemática desde quando eu fui fazer pedagogia, sabia que não ia ter matemática, mas na pedagogia sabia que não ia ter matemática?

Ivana: É, porque não ia envolver muitos números, então porque...

Pesquisadora: Ah, mas você sabia que tinha a disciplina? Você teve a disciplina não teve? Não teve uma disciplina de metodologia de ensino da matemática?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Não teve nada de matemática?

Ivana:*

* Nesse momento a entrevistada acena negativamente com a cabeça

Pesquisadora: Não. aí você falou: sabia que não ia ter matemática, me chamou mais atenção para não precisar fazer um curso que não envolvesse contas, na verdade eu tenho trauma, um bloqueio dentro de mim, porque eu não aprendi, a matemática não foi mostrada de uma forma que era, para mim é uma coisa difícil. É isso mesmo?

Ivana: (Risos) Uhum.

Pesquisadora: Eu lembro quando eu fiz a minha quinta-sexta série, foi na lousa, a professora pediu para fazer uma conta de dividir, eu não sabia, então fui lá na frente a sorte que uma menina que ficava mais do lado foi dizendo o que eu tinha que fazer.

Ivana: Uhum, isso, a Inês Marine aqui na minha cidade.

Pesquisadora: É?

Ivana: Pense a vergonha!! Tinha que ir para o quadro, e daí? Triste você chegar e pegar um giz sem saber o que você tinha que fazer, porque daí eu não entendia, porque não aprendi lá na frente, lá no início.

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Como é que eu ia saber, depois, aqui na frente. Mas olha... é... Por isso que eu digo, a base na educação infantil e séries iniciais é tudo, né?

Pesquisadora: Você tem que saber.

Ivana: O básico ali, porque daí depois para frente você vai aprendendo, né? Mas ali, ele não explicava, ele não foi teu professor?

Pesquisadora: Eu não... Acho que sim, mas não me lembro assim, disso dele.

Ivana: Nossa eu lembro que ele usava um negócio enrolado no braço, assim, um negócio preto de couro, não sei se ele tinha alguma coisa no...

Pesquisadora: Ah tem vagas lembranças assim dele, mas não ele não me marcou assim.

Ivana: Nossa, ele me marcou muito.

Pesquisadora: E da Gessi e da Nelsi?

Ivana: Da Nelsi...

Pesquisadora: Da Nelsi é português.

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Mas das outras que deram matemática assim de tabuada você não lembra...

Ivana: Eu não me lembro muito assim, de, da Gessi e da Rosa, eu me lembro português, cartilha.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: B com A BA, isso eu lembro bem.

Pesquisadora: B com A, dá? B, ela quase falava, repetia.

Ivana: Bá. (Risos).

Pesquisadora: Nossa, isso a gente sabe.

Gabriele: Mãe?

Ivana: O que?

Gabriele: Eu posso jogar com a tia...

Ivana: Não sei, Gabi, vai se lavar, escovar os dentes.

Pesquisadora: Hum, ela vai. Ela obedece a tia. O professor Neri passava problemas, situações problemas, ele passava?

Ivana: Passava. Aham.

Pesquisadora: Aqueles probleminhas normal.

Ivana: Sim, por exemplo.

Pesquisadora: Continhas que tinha que fazer, situação problema ele já dava com a continha feita.

Ivana: Aham.

Pesquisadora: É?

Ivana: Aham. Pense que por isso que eu tenho dificuldade na interpretação, porque eu não aprendi

Pesquisadora: Pensava...

Ivana: Interpretar, pensar, porque terminava de copiar e ele já estava com o cálculo pronto, pense sem saber de onde que saiu o quatro, de onde veio aquele quatro.

Pesquisadora: Era só cópia.

Ivana: Era só cópia, cópia e não podia falar também, quer dizer não podia e a gente era tímido também.

Pesquisadora: Sim. Tinha adições, subtrações que tinha que resolver, eu não pensava para fazer isso, ele já dava cinco mais cinco igual a dez...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Tudo pronto, em nenhum momento eu precisei pensar, a tabuada eu fui aprender na quinta, na sétima, oitava série, eu decorei a tabuada...

Ivana: Ah, a tabuada eu sei, para mim a tabuada hoje não é dificuldade.

Pesquisadora: É...

Ivana: Mas eu tive que decorar ela.

Pesquisadora: Não aprendi a tabuada construindo ela, eu aprendi a tabuada decorando, ele foi meu professor, não lembro assim quanto tempo, mas acho que foi na quarta-quinta série no Gramados, acho que foram dois ou três anos que ele foi professor. Da primeira e segunda série eu não lembro da matemática, lembro bastante do português, da cartilha, das atividades que a professora Gessi passava no quadro, isso eu lembro. Aqui acho que era bom colocar da. Mas a matemática na primeira e segunda série eu não tenho lembrança, acho que tinha só... acho que tinha, só não tenho lembrança. Porque eu perguntei: não tinha?

Ivana: Tinha, tinha né, só que daí não...

Pesquisadora: Do português eu me lembro que tinha que juntar as sílabas, a cartilha Caminho Suave, até hoje eu gosto do português, acho que foi trabalhado de uma forma mais dinâmica, de um jeito que eu conseguia assimilar melhor.

Ivana: É, só que daí assim interpretação eu tenho que ler duas-três vezes, porque isso não foi bem trabalhado.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Foi a Nelsi depois que trabalhou, mas acho que ela não trabalhava muito a questão de interpretação, mais a questão assim ortografia...

Pesquisadora: Gramática...

Ivana: É...

Pesquisadora: Decorar os verbos...

Ivana: É, aham.

Pesquisadora: Lembro que tinha uma lista dos verbos no final do...

Ivana: Até aqui na cidade eu lembro que era, acho que era a professora Inês, Aldair Patel...

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Os verbos assim que...

Pesquisadora: Uhum. A dificuldade em matemática era o fato de não ter aprendido a pensar, comecei a perceber dificuldade quando eu vim para a cidade, na sétima-oitava série, precisava pensar e eu não aprendi, daí comecei a sofrer, claro, o professor fazia pergunta e o aluno tinha que resolver, como resolver se eu não sabia? Passei a infância copiando o que o professor já tinha resolvido, no primeiro ano do segundo grau, tinha aquelas equações com fórmulas, elevar ao cubo, raiz quadrada, eu levei esses três anos na média para poder passar de ano.

Ivana: Uhum, sempre eu tinha a Lucilene que ela era um crânio, eu sempre sentava do lado dela, sofria no dia das provas.

Pesquisadora: Daí não podia contar agora.

(Risos)

Ivana: Quando conseguia colinha, tudo bem.

Pesquisadora: Hoje quando eu vou trabalhar tudo o que eu posso levar no concreto, porque eu sei que é dessa forma que a gente aprende. E que pode memorizar, e que pode memorizar, é isso né? Eu coloquei...

Ivana: É dessa forma que a gente aprende...

Pesquisadora: Hoje quando eu vou trabalhar, tudo o que eu posso levar no concreto, porque eu sei que é dessa forma que a gente aprende e que pode memorizar, você consegue levar isso na mente, agora uma coisa pronta não aprende, não tem sentido.

Ivana: É, porque o concreto, acho que memoriza melhor...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: A pessoa enxerga, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Vai lembrar sempre lá na frente, ah a profe mostrou isso, né?

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Então esse vem né? Como é que se diz, é, desde o evangelho na igreja, se ele é encenado eu acho que você consegue, tu guarda aquela imagem na tua mente, né? Agora quando tu só lê ou só a professora fala, não tem como, né?

Pesquisadora: Uhum. Tem que visualizar.

Ivana: E,é, isso, visualizar.

Pesquisadora: Tarefa de casa não tinha, ele não dava, não dava, porque ele dava tudo pronto, não tinha o que fazer em casa.

Ivana: É, porque daí...

Pesquisadora: Mas também ele não era... ele não era um professor preparado, na época ele conseguiu esse espaço para dar aula, porque ele era uma pessoa bem conhecida na comunidade, uma pessoa mais velha.

Ivana: Eu acho, né, porque aquela vez ele, lembro que veio o tal do ginásio...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Hoje acho que jamais iam de colocar uma pessoa assim, né?

Pesquisadora: Da professora Rosa e Gessi que foram as professoras nas séries iniciais eu não tenho lembrança da matemática, não da matemática, é, não, da matemática eu não tenho lembrança, era só esse professor. A Nelsi dava português, gostava dela, ela dava os exemplos, dava as regrinhas que tinha que seguir. Em casa a gente usava matemática quando trabalhava com receitas, meio copo, sempre eu tive dificuldade e hoje eu tenho que parar para pensar bem quando eu vou ler alguma receita. Daí lia duas-três vezes para entender bem, mas isso foi depois com o tempo que eu comecei a passar para o segundo grau e aí eu fui tendo esse conhecimento, quando criança, não.

Ivana: Aham. Um e o traço dois, nossa senhora! É, um é dois, ou é um e meio? (Risos).

Pesquisadora: Uhum. A matemática fora da escola quando eu era criança, eu lembro de eu contar as bolinhas, o lodo, eu contava até cinco-seis. Outra coisa que eu tinha era o bingo.

(fala Da Gabi ao fundo)

Ivana: Uhum. Era os únicos jogos que a gente, assim com números, né, que...

Pesquisadora: Uhum

Ivana: Precisava...

Pesquisadora: Daí eu separei um momento para falar da faculdade: na pós em Psicopedagogia percebi que os jogos auxiliam no aprendizado. Na Pedagogia não vi jogos, a metodologia do ensino da matemática foi uma coisa mais teórica. Ah, você teve sim.

Ivana: Hum, tinha, mas eu não estou lembrada quem é que deu isso.

Pesquisadora: Eu não gostava da professora de matemática, eu não tenho lembrança. Na Psicopedagogia...

Ivana: Acho que de tanto que eu não gosto, gostava e gosto de matemática, que não me marcou nada.

(Risos).

Pesquisadora: Já se fechou. Na Psicopedagogia, despertou essa questão de trabalhar com jogos, o professor falou: como é que foi no tempo que vocês foram alfabetizados? Como que era trabalhada a matemática? E aí então eu comecei a fazer uma relação como que foi minha alfabetização e como eu posso trabalhar para alfabetizar hoje. Daí então que despertou essa questão para jogos, depois eu comecei a trabalhar na sala multifuncional que você também trabalha com jogos, e a gente percebe que isso também dá resultados. Então hoje falou em jogos é uma coisa assim que a gente fica antenado.

Ivana: É.

Pesquisadora: Quais jogos na matemática... Daí eu perguntei: quais jogos? Daí você falou: quais jogos na matemática? Ah tem vários jogos, aí você não lembrou de quais jogos. Daí: tenho eles guardado, não tenho assim muito presente, por nome...

Ivana: Ah, os jogos da Psico, né, que ele fez.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Mas era para ele trabalhar na clínica com esses jogos...

Pesquisadora: Hum, entendi.

Ivana: Para crianças.

Pesquisadora: É, depois você disse.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: É, esses jogos na verdade que a gente aprendeu na Psico é mais assim para você avaliar o aluno...

Ivana: Isso, aham.

Pesquisadora: Para fazer no diagnóstico. Daí o terceiro momento: professor alfabetizador. Agora trabalho na aldeia dos índios Kaingang. Kaiguang?

Ivana: Kaingang.

Gabriele: Kaingangs.

Ivana: Kaingangs. Não tem esse...

Pesquisadora: Ue.

Ivana: É, não tem esse ues aí. Kaingang.

Pesquisadora: Ah entendi. Tem 'n'?

Ivana: Tem. É bem assim.

Pesquisadora: É bem assim?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Com 11 crianças. Hum cheirosa*, sempre achei lindo assim, pessoa linda e cheirosa.

* Refiro-me a sobrinha Juliana que chegou

Outra pessoa: Ai meu Deus.

Pesquisadora: Procuro trabalhar matemática no concreto, no concreto não, concreto para mostrar, para ver, para mostrar, para ver. Eu procuro trabalhar bastante com jogos. No PNAIC a gente está aprendendo também bastante meios para se trabalhar, não precisa ser um jogo sofisticado. Eu vejo que a criança se interessa mais quando é algo diferente, algo que eles podem estar

pegando, algo que eles podem ter contato, não só olhar lá só a escrita e saber de onde sai o dois, o três, o quatro.

Ivana: Sei lá, eu não tenho muito vocabulário para falar, viu como que saiu as coisas? (Risos)

Pesquisadora: Não, mas é...

Juliana: Você sabe que depois que eu comecei fazer Letras eu me sinto muito burra quando falava às vezes.

Pesquisadora: É?

Juliana: Parece que em vez de eu, nossa consegui! Parece que não.

Pesquisadora: Você está achando que tem menos vocabulário?

Juliana: Uhum.

Pesquisadora: Mas eu também...

Juliana: Ou a cobrança é maior, parece, sei lá.

Ivana: Para mim é quando falam: coloque no papel. Para mim assim...

Pesquisadora: É difícil?

Ivana: Aham, eu posso ter a ideia formulada na minha cabeça, mas na hora de colocar no papel...

Juliana: Sabe que esse ano, vai ser mais interessante, porque como vou ter aula de português, vou ter produção de texto com os alunos e eu vou fazer o meu texto, tipo, achar um teminha, achar um exemplo para colar lá no caderno deles, eles produzir, vou produzir junto.

Pesquisadora: Uhum.

Juliana: Para ver se consigo, meu Deus!

Pesquisadora: É, mas isso é bom, você vai estar exercitando, né...

Juliana: Como diz o meu professor: está faltando leitura. Mas vai fazer leitura que hora?

Pesquisadora: Não, você está estudando, né. Fazendo leituras de texto, né? É, tenho material dourado, tenho os blocos lógicos que a gente usa também, material para trabalhar unidade, dezena, material confeccionado em E.V.A. Trabalho também com cédulas que a gente faz compra e venda. Trabalhei com eles a dúzia, a meia dúzia, para isso eu levei para a sala uma dúzia de ovos, ovos cozidos e trabalhei com eles. No primeiro momento que eles tinham medo, no primeiro momento eles tinham medo, porque achavam que os ovos eram crus ainda e eram ovos cozidos.

Ivana: Então, isso foi uma coisa assim, é, eles marcaram muito bem o que era uma dúzia de ovos, porque eu levei lá...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Depois cada um ganhou um. Eles sabiam que eles eram naquela quantia.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Assim, são coisas simples, mas que marcou. Ah a professora falava isso... Isso é uma dúzia de ovos, né...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Cada um levou um para casa.

Juliana: Levaram para casa?

Ivana: Saíram com os ovos. Se chegaram em casa... (Risos).

Pesquisadora: Foi interessante, porque eu coloquei uma situação problema na lousa, eles pegavam a quantidade que pedia e tirava e colocava na outra caixinha, não tinha dificuldade nenhuma.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Primeiro eles resolveram na caixa de ovos, depois passei na lousa e eles, e eu tinha digitado também no papel, entreguei para eles. Seria: entregou para eles resolver?

Ivana: Ia, aham, trabalhei no concreto, depois passei na lousa e passei no... Eles não tinham dificuldade para fazer.

Pesquisadora: E depois resolveram no concreto. Se a gente sempre tivesse o concreto, o material ali com eles, a criança não ia ter dificuldade, o problema é que a gente não tira o tempo para resolver cada situação problema...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Com material.

Ivana: É que rouba tempo, mas é melhor trabalhar um problema bem trabalhado com material, do que você passar cinco-seis no caderno, tipo, quantidade assim, né. Acho melhor ter uma coisa com qualidade e a criança aprender.

Pesquisadora: Eu quis também que eles organizassem uma situação problema, pedi para uma aluna trazer material que eles confeccionam, o artesanato, para ela elaborar uma situação problema. Era para ela ou para todos?

Ivana: Ela, é que é a menina mais assim, mais para frente da sala, mais inteligente.

Juliana: Mais para frente.

Ivana: Ah, por ser a mais desenrolada.

Pesquisadora: Uhum. Ai ela falou que ela não sabia, não sabia como fazer isso.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Mas eu já tinha trabalhado com eles. E daí como que você fez? Daí você trabalhou de novo ou daí você deixou?

Ivana: Como, o que? O da artesanato?

Pesquisadora: É.

Ivana: Não, eu não tinha trabalhado do artesanato.

Pesquisadora: Mas ai ela trouxe o material e daí você pediu para ela, não conseguiu, ai você ajudou ela montar uma situação problema? Como que foi?

Ivana: Não, porque ela também não ia saber.

Pesquisadora: Aham, daí ela foi para casa, levou o material embora.

Ivana: É.

Pesquisadora: Com o PNAIC está ficando um pouco mais claro trabalhar diferentes tipos de texto, mas o meu conhecimento até hoje não é bem claro. Como que eu posso trabalhar diversos tipos de textos? Acho que é porque não

foi explorado isso na minha formação, com esse conhecimento que a gente está tendo no PNAIC acho que é possível sim. Aham.

Ivana: Uhum. Acho que o PNAIC foi bom assim, mas no final ali ficou uma coisa meio que assim, vaga.

Pesquisadora: É?

Ivana: Aham. Nem tivemos o seminário nem nada.

Pesquisadora: Não?

Ivana: Uhum. Deu aquele acidente com o indígena ali, ai não teve mais data para se encontrar, ai foi uma coisa bem...

Pesquisadora: É?

Outra pessoa: A professora ficou doente.

Ivana: A professora ficou doente, então...

Pesquisadora: Hum. A professora é a...

Ivana: Ione.

Pesquisadora: Ione.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Na minha sala de aula tem calendário, uma centopeia com números até nove, tem as mãos com os dedos dobrados com os números para contar.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Tem o calendário de aniversários, tem também um varalzinhas com as carinhas com as características de cada um.

Ivana: É, hoje assim depois com o PNAIC eu faria diferente, muita coisa eu ia construir com eles.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Muita coisa eu levava pronto e colocava, porque a criança tem que saber também de onde que sai.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Calendário hoje faria diferente.

Pesquisadora: Como que você faria o calendário assim?

Ivana: Eu levei o calendário do, eu tipo assim, eu não trabalhava todo dia o calendário...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: No PNAIC a gente aprendeu, né, como que tem trabalhar.

Pesquisadora: Uhum. Hum.

Ivana: Então assim, coisas que eu vou aprendendo, porque também não tenho muita experiência de como, né, que tem que trabalhar.

Pesquisadora: Uhum. Uhum. Mas com o curso você já foi percebendo que dava para ser diferente.

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Tem também o varalzinho com a carinha com a característica de cada um, trabalhamos com a questão de quantidade de letra, ordem crescente e decrescente. Agora vamos colocar o nome com menos quantidade daí.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Agora vamos colocar o nome com menos quantidade de letras, nossa, mas fulano tem tantas, qual é o nome com maior número de letras?

Ivana: Uhum. Foi bem interessante essa atividade.

Pesquisadora: Quantas vogais tem, quantas consoantes, qual é a letra que se repete? Bem interessante trabalhar. Nossa, lá está o meu nome! Eles diziam?

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Lá está minha carinha. Bem legal. Eu tenho um calendário grande com todos os meses e um pequeno que eu imprimo sempre, e coloquei abaixo da lousa.

Ivana: É, daí tipo assim, que dia que é hoje e tal?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Acho que daria para explorar diferente o calendário, assim né.

Pesquisadora: Uhum. É, esse calendário que você imprimir, imprime todos os dias e todos os dias, ou imprime um menor?

Ivana: Mês.

Pesquisadora: Ah, no mês.

Ivana: No mês, aham. Tipo, mês de setembro.

Pesquisadora: Tá, você colocou e daí nesse eles escreviam.

Ivana: Porque daí é complicado na escola, porque eles chegavam e os da manhã já tinham riscado.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Fazia uma coisa bem assim.

Pesquisadora: E o da manhã quem estuda?

Ivana: Quinto ano.

Pesquisadora: Quinto ano.

Ivana: Uhum. Que Ju.*

*A entrevistada oferece chimarrão para a filha

Juliana: Só um pouquinho, deixa eu terminar esse jogo.

Pesquisadora: Imprimo sempre e coloquei embaixo da lousa... Eles pegam o lápis e já sabem, cada dia eles vão lá e circulam um dia. O dia que é sábado, domingo, feriado a gente deixa em branco, para eles saberem quantos dias a gente trabalhou naquele mês. Então antes de perguntar que dia é hoje eles já vão lá e já sabem certinho.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Em relação ao cartaz de aniversário, já expus na sala, quando eu cheguei já tinha o calendário, eu entrei já fazia uns 40 dias que tinha começado as aulas e a outra professora já tinha começado a trabalhar.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: A professora saiu e eu assumi a turma, em relação a matemática eu achava que o segundo ano já teria condições de estar bem mais adiantado, baseando na Gabriele que é minha filha que também está no segundo ano. Não sei se por ser de repente uma cultura diferente, que eles estão ainda bem atrasados.

Outra pessoa: Esse atrasados foi meio forte, mãe.

Pesquisadora: É? Quer mudar? Atrasados.

Ivana: Hum, meio o que?

Outra pessoa: Na verdade eles não estão nada, só é a cultura deles, uma forma diferente deles aprender.

Pesquisadora: Eles ainda estão... É, você falou da cultura aqui, ó. Poderia mudar então.

Ivana: De repente seja uma outra...

Pesquisadora: Por ser uma cultura diferente.

Outra pessoa: É, só deixa isso

Ivana: Diferente.

Pesquisadora: De repente a gente consiga até o final do ano ter um bom resultado, me preocupo, o bom seria ter pego, me preocupo, o bom seria ter pego eles no início.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Mas o que você achou?

Ivana: Mas eu tive bom.

Pesquisadora: Como assim? Me explica isso.

Ivana: Assim que as crianças saíram, assim, sabendo, porque eu achei assim que ia chegar no final do ano e as crianças iam sair da forma como peguei eles.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Mas não, vichi, foi assim, é, questão da tabuada eu trabalhei até o cinco, claro que o que frizou bem foi dois e três.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Né, mas assim, é trabalhei ela até o cinco, que eles já vão no terceiro ano uma noção do quatro e o cinco.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Quando for trabalhar para frente. Então assim, eu acho que os meus alunos saíram, tenho dó de entregar nas mãozinhas de um indígena agora.

Pesquisadora: É?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Ele, é, que eles fizeram na verdade o curso junto com você?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: E o conteúdo que vocês tem para trabalhar? Que conteúdo que é de matemática?

Ivana: Como assim?

Pesquisadora: Por exemplo.

Outra pessoa: Tem todo o planejamento.

Ivana: Livro.

Pesquisadora: Não assim, por exemplo, sistema de numeração decimal, geometria, estatística, tudo isso vocês trabalharam?

Ivana: Sim. Uhum.

Pesquisadora: Tudo isso eles foram aprendendo?

Ivana: Sim.

Pesquisadora: Você percebeu que o que você ensinou dessas coisas...

Ivana: É claro que tinha uns quatro-cinco aluno ali que né, tinha bastante dificuldade, mas os que eram mais avançadinhos, assim...

Pesquisadora: É? Uhum.

Ivana: Por exemplo, é, eu trabalhei com alguns alunos, fui até 500.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Mas uns alunos chegaram só até 50.

Pesquisadora: Uhum. Entendi.

Ivana: Né, então eu trabalhei, mas uns, outros só até 10.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Então assim é...

Pesquisadora: Sim, é diferente né, o nível, mesmo estando no segundo ano, daí o conhecimento que eles foram tendo é diferente.

Ivana: Porque uns tinham o pré, outros entraram direto para o primeiro, assim é, uma turma bem diferente.

Pesquisadora: Uhum. Já estou com eles faz três meses, vi alguns progressos, percebo que há aprendizagem. Alguns alunos o que eu trabalho hoje, amanhã quando eu retomar, ah, alguns alunos, o que eu trabalho hoje amanhã quando retomar eles não lembram.

Ivana: Uhum. É, os alunos que tinham mais dificuldade.

Pesquisadora: Por exemplo, trabalhei hoje unidade e dezena, semana que vem eu retomo sabem certinho, outros coisa como se nunca tivesse falado.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Então não sei se isso é próprio mesmo da cultura, mas não, se tem outros dois, três que lembram bem, acho que vai de uma criança para outra.

Ivana: É, até a questão só da alimentação, né, eu acho assim que afeta né, é, um pouco a questão da aprendizagem.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Uns vinham mesmo para escola só para comer, porque não viam hora que chegasse a hora do recreio, né.

Pesquisadora: Uhum. Hum. Que eles se alimentam mal?

Ivana: Mal.

Pesquisadora: É?

Outra pessoa: Tem uns que a comida é só na escola.

Ivana: Tem uns... É.

Pesquisadora: É?

Ivana: Então eles já vem com a ideia pronta de casa, eu vou para a escola para comer, eu não vou para escola para outra coisa. Lembro um aluninho que disse, é professora o que nós vamos fazer hoje? Entrava, o que nós vamos fazer hoje, nós vamos brincar?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Então assim, esse vai até ficar no segundo ano, mas assim bem imaturo para, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Outro, professora, que horas que é? Falta, quanto que falta para o recreio, esse vinha só para comer.

Pesquisadora: E daí eles retêm o segundo ano?

Ivana: O que?

Pesquisadora: As crianças, elas não vão para o terceiro?

Ivana: Ah sim, retém ela, por exemplo, no documento ela vai para o terceiro, né, mas aí ela frequenta e participa do conteúdo do segundo.

Pesquisadora: Do segundo?

Ivana: Aham. Eu tinha um aluninho.

Pesquisadora: É?

Ivana: Que era matriculado no terceiro, mas ele não tinha condições de acompanhar o conteúdo do terceiro.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Ficou no segundo daí.

Pesquisadora: Uhum. Na sala as crianças tinham liberdade para falar, quando eles estão jogando também, cada um tem um jeito diferente de se expressar.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Porque eu perguntei se hoje, que você falou na época o professor não deixava falar, né.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Daí eu perguntei se na tua sala era assim.

Ivana: Hum. Só que eles assim, é, não tinham muito limite quando eu entrei eles levantavam a hora que queria, falava a hora que queria.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Então isso eu também fui trabalhando, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: No final assim, bem...

Pesquisadora: Quando eu trabalhei a fazendinha, que é uma proposta do PNAIC, eu que confeccionei, mas eles que trabalharam com ela. Trabalham com a questão do número de animais que tinha na fazendinha, quem que queria ser o dono da fazenda, qual animal é amigo do homem, quais animais que trazem alimento para o ser humano.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Até aqui você falou, daí eu fiquei curiosa para saber, os tipos de jogos que você fez e que conteúdos você trabalhou, se você lembra.

Ivana: Ah, olha agora?

Pesquisadora: É.

Ivana: Do...

Pesquisadora: Até o final do ano se você lembra de algum jogo, qual conteúdo que você trabalhou.

Ivana: O ábaco nós construímos que era do...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Né, do PNAIC, deixa eu lembrar de outra coisa.

Pesquisadora: Pode me dar um chimarrão também.

Ivana: Deixa eu ver o que mais, eu sou muito esquecida.

Pesquisadora: Como que é esse ábaco?

Ivana: Aquele dos copinhos, foi do PNAIC.

Pesquisadora: Eu não estou me lembrando também agora, minha mente não.

Ivana: É, você coloca os três copinhos.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Tem aquele das fichinhas também.

Pesquisadora: Se eu tomar chimarrão de manhã me dá dor de barriga.

Ivana: Esse aqui também, olha.

Pesquisadora: Esse qual que é?

Ivana: Das fichas, azuis e amarelas, daí você lançava o dado, esse também do PNAIC.

Pesquisadora: Fichas azuis... Como é que você falou?

Ivana: É, jogo das fichas. Ele tem acho que um nome, deve ter lá no meu material do PNAIC.

Pesquisadora: Jogo das fichas. Aham.

Ivana: Ah, a ficha de jogar com os carrinhos, que você lança o dado também, tem bastante joguinhos que envolvia os dados, né.

Pesquisadora: Aham, sim. Daí você confeccionou esses jogos?

Ivana: Sim. Aham.

Pesquisadora: Tem fotos?

Ivana: Esse eu fiz em casa.

Pesquisadora: Tem fotos?

Ivana: Tenho.

Pesquisadora: Com eles fazendo esses jogos?

Ivana: Uhum. Ah, agora onde que tem essas fotos.

Pesquisadora: Não, você não mandou para mim?

Ivana: Não me lembro se eu mandei.

Pesquisadora: Mas você chegou... Deixa eu ver, Ivana, deixa eu ver se dá para fotografar daí.

Ivana: Pega lá, deixa eu olhar primeiro o nome, mas eu fotografei.

Pesquisadora: Oh, Ju.

Ivana: Nossa, Gabi, para que se pintar tudo assim?

Pesquisadora: Deixa eu ver, Gabi. Ah, esse aí é o que?

Ivana: Já tentei montar minha pasta.

Pesquisadora: Hum, que bonita. Gabi, vem cá. Tem que passar bem pouquinho, pegar aquele negocinho aqui assim. Não, mas o que a tia deu não é para o olho, é para a boca.

Ivana: Nossa senhora... (Risos)

Pesquisadora: Não, não pode passar. Aquele lá que a tia deu para o olhinho, então lava lá senão vai ficar ardendo. É só para a boquinha, está bom? A tia não deu nada para o olho.

Outra pessoa: Achei ele bem tímido.

Pesquisadora: É transparente o que eu dei.

Ivana: Não sabe para quem que puxou.

Pesquisadora: De certo ela tinha um que era de boca

Outra pessoa: Ela tinha um.

Pesquisadora: Vermelhinho. É eu queria um mais clarinho, mas não tinha.

Ivana: É que eu confeccionei as frutas com... Que eu trabalhei gráfico, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Né, eu confeccionei as frutinhas com massinha.

Pesquisadora: Aqui era o que? Fruta preferida?

Ivana: Isso, era a fruta preferida deles, né, daí depois montei lá no gráfico e eles colocavam, né, quantos que gostavam de maçã, quantos de abacaxi.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Ah esse joguinho aqui também...

Pesquisadora: Deixa eu fotografar o anterior lá. O anterior, Ivana. Acho que esse daqui eu tenho foto se eu não me engano. É das frutas, aqui eles estão confeccionando as frutas.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Aham. Ficou meio...

Ivana: Ficou meio fosco.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Aqui os copos de quantos cada um conseguia juntar, tipo assim, era um tempo estipulado, né, quantos que eles conseguiam derrubar né, eles tinham que ir soprando com o canudinho, né. Eu não me lembro quantos copos eu coloquei para cada e ele... Aham, para ver quem era mais rápido, daí já fazia a contagem né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: De quantos cada um tinha derrubado, aí era hora do outro grupo.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Tenho saudades. Ah, o ábaco aqui com a quantia, lançava o dado e daí pegava tantos palitos, dezena, unidade, centena.

Pesquisadora: Uhum, ah tá, o ábaco trabalhava unidade e centena.

Ivana: Uhum. Aqui eles contando. Uns contavam os palitos, outros tinham que achavam mais fácil contar nos dedos.

Pesquisadora: Uhum. E aqui é o que?

Ivana: Aqui era a música dos indiozinhos.

Pesquisadora: Ah tá.

Ivana: Que as indiazinhas andando sem parar, um entrou na casa quantos ainda faltam para entrar?

Pesquisadora: Ah que eles...

Ivana: Eles tinham os indiozinhos e daí aqui eles entravam na casa.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: E eles foram entrando.

Gabriele: Não para de despertar o da mãe.

Ivana: Aqui o jogo do polvo.

Pesquisadora: Que é do...

Ivana: Do PNAIC também

Pesquisadora: PNAIC.

Ivana: Uhum

Pesquisadora: Esse jogo do polvo você trabalhou o que?

Ivana: Quantidades também, por exemplo, lançava o dado, aí caía o seis, aí vai pintar a perninha dele com seis pontinhas.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Aí quem terminava antes era o vencedor.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: E eles iam pintando. Aqui, aí ele também... Deixa eu ver, é isso aqui ó, dados do ponto vermelho, pontos do dado vermelho e do dado azul.

Pesquisadora: Hum, entendi.

Ivana: Eles iam anotando e depois fazendo a soma, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Oh, uns não precisava de material, né, já direto conseguiam fazer.

Pesquisadora: Ah entendi.

Ivana: Oh, daí outro já precisava do material.

Pesquisadora: Hum.

Ivana: Essa era muito inteligente. Com os palitos, mas era mais fácil contar nos dedos.

Pesquisadora: Nos dedos. Ah.

Ivana: Aqui a situação problema que eu trabalhei com eles.

Pesquisadora: Esse aí é caderninho deles?

Ivana: É.

Pesquisadora: Foto do caderninho.

Ivana: Aham, caderninho deles.

Pesquisadora: Daqui, Ivana. É que dá... Segura um pouquinho para eu ver se consigo. Não dá para ver.

Ivana: Não quer que passa essas fotos para ti? Não sei como fazer.

Pesquisadora: Tem elas no computador?

Outra pessoa: Mãe?

Ivana: Onde que eu tenho essas fotos, Ju?

Outra pessoa: Eu não sei, porque no computador não vai, demora muito.

Pesquisadora: Mas e se a tia pega no pen drive?

Outra pessoa: Daí sim.

Ivana: Tem ali né, em uma pasta.

Outra pessoa: Eu acho que sim.

Ivana: Nossa eu tenho que aprender mais essas coisas, muito analfabeta.

Outra pessoa: Sendo pedagoga vai ter que aprender.

Pesquisadora: Então eu acho que vou pegar as fotos.

Ivana: Mais nítidas as imagens.

Pesquisadora: Acho melhor. Aham. Aham.

Ivana: Foi muito legal também de trabalhar isso aqui.

Pesquisadora: Aqui era o que?

Ivana: Uns... A situação problema.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Né, eles faziam o desenho. Eu lembro...

Pesquisadora: Eles liam? Como é que eles faziam? Você dava o problema...

Ivana: E fazia eles interpretar.

Pesquisadora: Certo. Aham. E daí...

Ivana: Ler e interpretar como é que tinha que fazer. Uns já tinham a ideia lá na frente, já estavam com o pão e a chimia.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Outros tinham dificuldade, eles chegavam no fim do desenho.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Mas assim com dificuldade.

Pesquisadora: Primeiro eles faziam o desenho? Tipo eles liam o problema...

Ivana: Problema daí faziam o desenho.

Pesquisadora: Daí faziam o desenho para ver o que que eles, o que que era.

Ivana: É.

Pesquisadora: Não tem...

Ivana: Quantas rosas. Oh por exemplo, em um vaso há oito rosas, três são vermelhas.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Quantas vermelhas tinha que fazer? Eles faziam as rosas e aí quantas são vermelhas, tantas, então tem que pintar de vermelho, quantas são azuis. Então no total dá quanto?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Bem simples, né.

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Mas agora se o professor Neri tivesse trabalhado isso comigo, a minha matemática, a visão da matemática seria diferente.

Pesquisadora: Uhum. Aqui de você para o professor Neri, o que que mudou? Mudou que a criança escreveu...

Ivana: Eu sabia...

Pesquisadora: O problema, é, daí, três rosas ele desenhava as rosinhas, desenhava as rosinhas amarelas...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Né?

Ivana: É.

Pesquisadora: Daí ele contou, fez, você perguntou, depois que ele fez essa continha.

Ivana: Uhum. Uhum, a última coisa foi o cálculo.

Pesquisadora: Uhum, e a, é, então cada um também teve um jeito, oh esse daqui por exemplo, é o mesmo problema?

Ivana: Aham, sim, fez, ao invés de fazer a continha fez a...

Pesquisadora: Fez os números. Aqui ele pôs três mais cinco igual a oito.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Aqui ele pôs três florzinhas mais cinco florzinhas...

Ivana: Uhum. Que chegou ao resultado de oito também, né.

Pesquisadora: Poderia ter, igual esse daqui, ele colocou o resultado oito?

Ivana: Não, mas esse daqui é diferente.

Pesquisadora: É outro problema?

Ivana: Aham. Como é que é: Aninha tem três pacotes de figurinha, ganhou quatro pacotes da sua vó, quantos pacotes tem agora?

Pesquisadora: Uhum, entendi. E aqui também são diferentes dos outros problemas?

Ivana: Uhum. O vô disse que cresceu em uma casa onde, ah esse foi difícil para eles, só dois conseguiu assim.

Pesquisadora: É? Qual que é texto?

Ivana: O vovô disse que cresceu em uma casa onde havia 12 pés e um rabo, quem poderia ter vivido com o vovô?

Pesquisadora: Hum e daí, o que eles fizeram?

Ivana: Ah essa foi até difícil para nós no PNAIC.

Pesquisadora: É?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Daí o que que, daí no PNAIC vocês chegaram a que conclusão?

Ivana: Foi difícil, todos os adultos, até o chefe, mas como em um rabo, né? Mas quem que vivia na casa que tinha um rabo, né?

Outra pessoa: Um cachorro?

Ivana: Um cachorro né. Mas daí ó: vovô disse que cresceu em uma casa onde havia 12 pés.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Né. Então quem que era que vivia, deixa eu ver. O vô, a vó...

Pesquisadora: Esse aí um que um aluno fez.

Ivana: É, aham. O vô, a vó, dois filhos, o vô, a vó, o pai e a mãe, dois filhos e um cachorro, tipo assim, há várias formas diferentes que foram feitas no PNAIC para resolver.

Pesquisadora: Uhum. E as crianças?

Ivana: Mas o rabo, ah é pior dificuldade, mas professora o rabo, né, cachorro, mas daí quem que vivia na casa com tantos pés? Até eles pensar que eram tantas pessoas.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Né, porque ali na hora diz assim, 12 pés, mas como 12 pés, até chegar e dizer assim o vô, a vó, o pai, a mãe e os filhos.

Pesquisadora: Levou tempo.

Ivana: É, levou tempo.

Pesquisadora: E esse aqui do peixinho, o que é?

Ivana: Um aquário tem 15 peixes de cor amarela e verde. Se seis peixes são da cor amarela, quantos peixes são da cor verde? Também foi assim, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Fazer o total, daí para saber, pintar primeiro, que tinha o Osni, a Tainá, três eram os que sempre assim, na hora, conseguiam captar a mensagem logo.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: E daí outros tinham que primeiro fazer para daí conseguir chegar no, para daí, fazer o desenho para daí né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Outros daí só iam mais juntos para chegar no final daí, né?

Pesquisadora: Uhum. Juntos com os outros?

Ivana: Junto com os outros. Tipo eu na matemática do segundo grau.

Pesquisadora: Entendi.

Ivana: Sempre...

Pesquisadora: Junto com a turma?

Ivana: É. Em um vaso há cinco rosas amarelas e três vermelhas, quantas rosas há no vaso? Oh, essa aqui não precisou fazer continha.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Ela soube dizer só com o desenho.

Pesquisadora: Uhum. Daí você deixava a resolução só no exemplo...

Ivana: É, porque eu pedi. É, eu pedi para a professora, falei: ah, professora tem gente que não usa material, que aí vai direto, né.

Pesquisadora: No abstrato já.

Ivana: É o jeito que ela consegue, não pode podar.

Pesquisadora: Sim.

Ivana: É da forma como a criança consegue chegar no resultado, deixa ela.

Pesquisadora: Por isso que não é... Todas as atividades os resultados são diferentes, né.

Ivana: Todos são diferentes. Uhum. É.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eu achei que era errado, que todos tinham que fazer igual, ela falou não

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Cada um dia uma maneira diferente de resolver. A dos carrinhos aqui...

Pesquisadora: Ah...

Ivana: A largada, a chegada, daí quem que chega antes, quantos pontos fez, esse foi um joguinho bem legal também, porque daí era com carrinho, mais os piás que gostavam, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: As meninas não se interessavam muito, mas aí cada um fazia uma rodada.

Pesquisadora: Uhum. Eu vi uma professora fazendo esse daqui, daí ela colocou o bonequinhos.

Ivana: Hum. Ai já interessa mais as menininhas..

Pesquisadora: Daí as menininhas. Aham.

Ivana: É, tem que usar a criatividade. Esse daqui é aqueles das fichas ali, que daí lança o dado, não me lembro como que é, deixa eu ver, lança o dado, primeiro são as, quem faz mais as fichas azuis que ganha, ai tem que olhar na regra ali de como que é.

Pesquisadora: Uhum. Daí você aprendia no PNAIC...

Ivana: Sim, para daí passar, né, porque daí me faziam perguntas...

Pesquisadora: Daí tudo que você aprendia...

Ivana: Aplicava.

Pesquisadora: Aplicava.

Ivana: É.

Pesquisadora: Uhum. E isso você viu resultado.

Ivana: Sim, uhum. Trabalhei bastante com números assim também com eles.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eles gostavam. Usavam daí os palitos para resolver as continhas.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Fazia grupinho montava a adição, a subtração e ai o outro resolvia e vice verso.

Pesquisadora: Uhum. Aqui é o jogo da ficha, daí o que que tem uma criança escrevendo aqui? O que que é?

Ivana: É quantas fichas azuis e quantas fichas amarela daí, cada uma marcava os seus ponto, né, para daí depois somar.

Pesquisadora: Ah, então todo o jogo vocês...

Ivana: Passa no papel.

Pesquisadora: Fazia registro.

Ivana: Olha ali, essa era bem inteligente, ela não tem nenhum papel.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Monique!

Ivana: Ela não gostava muito... Monique.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Essa ela acompanhava, mas ela tinha dificuldade, ela tinha que...

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: É minha melhor amiga!

Ivana: Aqui é a história da Ana.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Aqui é ordem crescente e decrescente.

Pesquisadora: Ah com eles mesmo você fez?

Ivana: Uhum. Ai como dá saudade desses toquinhos de gente. Só.
(Risos).

Pesquisadora: Deixa eu ver aqui, vamos ver. Se você utilizou histórias para trabalhar a matemática. Você lembra de alguma história.

Ivana: Uhum.

Gabriele: Sabe qual que é?

Ivana: Eu tenho o registro de uma história, não sei se eu te passei dos indiozinhos.

Pesquisadora: Não, acho que não.

Ivana: Não?

Pesquisadora: Uhum. Você trabalhou matemática?

Ivana: Sim.

Pesquisadora: Nossa, me deu torcicolo.

Ivana: Ah não, dos sacizinhos, não dos indiozinhos, dos indiozinhos era lá que entrou na casa e sobraram quantos, essa historinha aqui.

Pesquisadora: Ah tá, dos sacinhos, da Tatiana Belinck.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Daí eles que ilustraram.

Pesquisadora: Hum. Como que você trabalhou? Você contou a história...

Ivana: Sim, eu contei a história, daí depois eu, eles foram ilustrando.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Daí eles foram fazendo a conta, mas era fácil, né, dos dez para chegar no um, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Então assim, ninguém teve dificuldade no fazer, mas daí trabalhou aqui também a questão...

Pesquisadora: Você contou a história, daí você falou: agora vamos ilustrar?

Ivana: Ia, primeiro eu contei a história.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Daí passou uns dias, aí a professora pediu que era para trabalhar uma história que trabalhasse quantidade com as crianças, que era para fazer um registro, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eu me lembrei que eu tinha contado essa dos dez sacinho e eles gostaram, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Daí cada um fez de um jeitinho diferente.

Pesquisadora: E daí aqui eles escreveram?

Ivana: Aham.

Pesquisadora: O que? Isso aqui é texto que?

Ivana: Eu que fiz o texto, elaborei a situação problema do livro...

Pesquisadora: Entendi. A Cuca trouxe os dez sacizinhos de volta, será que voltaram todos? Afinal quantos eram ao todo? Dez sacizinhos. Ah eles estavam todos no círculo, como que é?

Ivana: Com a Cuca festejando e animando a festa.

Pesquisadora: Era uma vez a história dos dez sacizinhos. Daí eles tinham que ilustrar isso?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Hum. Mas esse texto aqui é do livro?

Ivana: Sim, é do livro.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Mas eu elaborei um pouco diferente.

Pesquisadora: Entendi.

Ivana: Dentro do texto ali, mas assim...

Pesquisadora: O que você queria que eles soubessem interpretar o texto que você estava dando?

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Que eles, por exemplo aqui, se tem três pratos, como é que é?

Ivana: Se tem três pratos apenas, se tem três pratos e apenas dois sacizinhos, onde está o outro sacizinho?

Pesquisadora: Ah, daí eles...

Ivana: Uns falaram no banheiro, outros falaram, sabe assim, foi bem...

Pesquisadora: Ah tá. E a ilustração dele aqui foi o que?

Ivana: É que os dois, os dois sacizinhos, o banheiro está ocupado, quer dizer...

Pesquisadora: Ah entendi

Ivana: Sinal que ele estava lá no banheiro.

Pesquisadora: Entendi. Ah tá, deixa eu ver outro. Aqui por exemplo, vejo três sacizinhos preocupados, pois o colega deles foi para o xadrez, era um grupo de quantos sacizinhos? Era um grupo de quatro, ah porque daí ele tinha que, não tinha resposta, né?

Ivana: Não, eles que tinham que...

Pesquisadora: Imaginar então, ouvir a imaginação.

Ivana: Ai é o que tem de cada um, não, essa é da Tainá, a Tainá fez de um jeito. Aqui já vem de outro, da Tati, então ela já fez, ela também, porque estavam sentado perto, oh.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Mas cada um fez de um jeitinho diferente.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Olha aqui o sacizinho pendurado.

Gabriele: Deixa eu ver?

Pesquisadora: Então a partir da história, você trouxe as situações problemas para eles e eles tinham que imaginar...

Ivana: E aí, é.

Pesquisadora: E chegar a solução.

Ivana: Aham.

Gabriele: Cadê o sacizinho pendurado?

Pesquisadora: Ah. Esse você fez foto ou não?

Ivana: Não, eu não cheguei a fazer.

Pesquisadora: Então acho que esse eu vou fazer foto daí.

Ivana: Não, pode. Se te ajuda querer levar também, pode levar.

Pesquisadora: Não, acho que daí não, eu vou fazer foto. E aqui é o que? A Cuca trouxe dez sacizinho de volta, será que voltaram todos? Afinal, quantos eram ao todo? Ah, daí aqui eles tinham que buscar a informação na história, daí você releu dias depois, você releu a história ou não?

Ivana: Não.

Pesquisadora: Não.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Eles estavam todos no círculo. Com a Cuca festejando e animando a festa. Era uma vez a história dos dez sacizinhos.

Ivana: Oh, a cuca.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Daí foram sumindo os sacizinhos, né, mas aonde eles iam, né?

Pesquisadora: Não tem o nome deles aqui?

Ivana: Nome de quem? Dos sacizinhos?

Pesquisadora: Quem fez? Não, de quem fez, ah tá.

Ivana: Sim, todas...

Pesquisadora: De quem fez os desenhos, né?

Ivana: Aham, tem de todos os alunos. Todos não, dos que menos faltava, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Olha o sacizinho pendurado nas árvores.

Pesquisadora: Ele respondeu o que? Havia um grupo de dez sacizinhos que se escondiam atrás de algumas árvores, dois deles se esconderam atrás da mesma árvore, quantas árvores havia nesse lugar? Seis árvores. Mas essas respostas tem na história? Não, é imaginação.

Ivana: Não, é eles que tinham que...

Pesquisadora: Imaginar, imaginação

Ivana: Imaginar, aham.

Pesquisadora: Ah depois deixa eu fotografar. Tá então você utilizou histórias. É, você tinha falado que trabalhou com material dourado e os blocos lógicos.

Ivana: É.

Pesquisadora: O que você trabalha com...

Ivana: O material dourado unidade, dezena e centena que foi trabalhado.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Eu já trabalhei sobre isso.

Ivana: Os blocos lógicos foi trabalhado formas geométricas, os blocos lógicos, cores.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Só.

Pesquisadora: Espessura?

Ivana: Não

Pesquisadora: Grosso, fino?

Ivana: Não

Pesquisadora: Não trabalhou?

Ivana: Não trabalhei isso.

Pesquisadora: Qual que é o nome da diretora?

Gabriele: Tati.

Ivana: Tatiane.

Pesquisadora: Tatiane. Você sabe o sobrenome?

Ivana: Tatiane Andréa Patel.

Pesquisadora: Andréa sem i?

Ivana: É.

Pesquisadora: Posso trabalhar as cores do arco-íris. Não tinha na história também.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Você trabalhou nessa história que você estava, lembra assim que conteúdos você quis abordar ou não especificamente, mais...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Mais a tarefa que ela deu assim.

Ivana: É, a tarefa, mas ali o que ela trabalhou também, questão de interpretação.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Né. Trabalhou a adição e a subtração, porque foi diminuindo ali também, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: A quantidade dos sacizinhos.

Pesquisadora: Mas ficou muito... Olha aqui o desenho dele!

Ivana: É, eles eram bons.

Pesquisadora: Que...

Ivana: Esse são os...

Pesquisadora: É?

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Bom em desenhar?

Ivana: Bom.

Pesquisadora: É? Conseguia expressar as ideias nos desenhos.

Ivana: Muito bom.

Pesquisadora: Você dava bastante atividades com desenhos?

Ivana: Bastante.

Pesquisadora: É?

Ivana: Aham. Empreguei assim, é, principalmente histórias.

Pesquisadora: E eles estão, eles tem expressão o desenho, né.

Ivana: Eu lia as historinhas.

Pesquisadora: Oh, esqueci aqui...

Ivana: Olha os detalhes aqui, olha, né.

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Muito, muito assim.

Pesquisadora: Olha aqui!

Ivana: Uhum. Muito legal que eu lia a historinha e pedia para eles ilustrar, aqui eu gostava muito.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Daí no final do ano eu entreguei para eles, nossa professora, isso fui eu que fiz? Assim do início do ano até o final, eles se deram bem o quando assim eles também desenvolveram na questão do desenho, né?

Pesquisadora: Hum.

Ivana: Professora, mas fui eu mesmo que fiz?

Pesquisadora: Você fez tipo um portfólio?

Ivana: Sim. Aham.

Pesquisadora: Sim, é?

Ivana: Eu entreguei em uma pastinha, dei para eles.

Pesquisadora: Esse já ainda não tem bem...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Claro, né? Mas... Tem diferença de idade do Osni para essa que desenhou?

Ivana: Nati, a Nati, a Natiele, que você entrevistou.

Pesquisadora: Não essa, né? Essa aqui, ó.

Ivana: É a Nati.

Pesquisadora: Ah, é a Nati?

Ivana: É a Nati.

Pesquisadora: Ah tá. Uhum.

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Aham. Nossa. Eles fizeram na sala?

Ivana: Sim.

Pesquisadora: Hum.

Ivana: Os números, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Fez numerar.

Pesquisadora: Deixa eu ver? Você lembra quais conteúdos, ao todo que trabalhou o ano inteiro?

Ivana: Teria que olhar, mas...

Pesquisadora: Olhar aonde? Você tem alguma coisa para olhar. Tem um caderno de planejamento ou não?

Ivana: Tem.

Pesquisadora: Aqui?

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Para saber, para gente saber.

Ivana: Sim, mas eu assim, trabalhei bem perdida esse ano, porque daí eu nunca trabalhei pelo estado.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Daí entrando tinha aquele plano lá, o rapaz já tinha feito.

Pesquisadora: Qual o plano, o plano era o que? Eles trabalham no currículo da educação escolar indígena?

Ivana: Tem assim, esse TTD, né Ju? Tinha que seguir, só que na verdade eu não trabalhei assim, eu como peguei o barco andando, se eu falar trabalhei bem perdido.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Não sabia se tinha que seguir aquilo lá, ou se tinha que seguir o que eu dava no livro, eu fui trabalhando assim aquilo que eu via que mais precisava.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Não sei se fiz certo ou não.

Pesquisadora: Lá tem os conteúdos?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Só para a gente saber o que você trabalhou de conteúdo. Matemática.

Ivana: História eu trabalhei o tempo... Ah, mas eu não tenho nada assim. É, ciências com instrumentos do corpo humano, representação dos espaços.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Tia, meu espelhinho estava bem assim... Vai levantando.

Ivana: Bate-bate com a receita.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Elementos naturais, culturais.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Medidas

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Fui para o cursinho. Hoje se eu fosse trabalhar, trabalharia diferente.

Pesquisadora: Geometria.

Ivana: Eu nem imprimido eu tinha o meu PTB assim.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Para...

Outra pessoa: Mas tinha que ter...

Ivana: Pois é, mas eu não tinha. Ninguém me orientou você tem que ter isso, você tem que ter aquilo.

Pesquisadora: O plano de trabalho docente né?

Ivana: É. Sólidos geométricos.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Vou mexer no teu cabelo. Vou mexer no teu cabelo.

Ivana: Cinco sentidos. Ciências.

Pesquisadora: Brincadeiras de antigamente.

Ivana: Uhum. Foi bem legal esse.

Pesquisadora: Como é que é? Entrevistas sobre as brincadeiras...

Ivana: Nas salas né, daí cada um falava, daí umas que batiam, né, mas teve uma sala do terceiro ano, acho que até... Pega-pegas, ovo choco, carrinho de mão, búzios, eu não conhecia essa brincadeira, daí eles falaram né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: O professor indígena também, daí ele falou sobre as brincadeiras antigas.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Figuras planas, mão planas, também em matemática.

Outra pessoa: Faz que nem a Justina, trabalhou só matemática e português e quando foram olhar o livro de chamada dele, mas cadê ciências, geografia, história?

Pesquisadora: Não tinha plano?

Ivana: E daí o que eu fazia? Seguia o livro aqui ó.

Pesquisadora: Que é o livro didático?

Ivana: Que é o livro didático. Aham.

Outra pessoa: De tanto que ela gostava, esqueceu até de devolver.

Ivana: É, eu seguia o livro.

Pesquisadora: Uhum. Ah tá.

Ivana: Como parar de...

Pesquisadora: Que é o livro que a escola adotou?

Ivana: É. Esse livro que adotou.

Pesquisadora: É.

Ivana: Por exemplo assim, daí o conteúdo e buscava fora atividades para...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Para eles...

Pesquisadora: Cada criança tem o livro?

Ivana: Sim. Eles tinham o livro para seguir. Aham. Trabalhava as atividades que o livro trazia e daí as atividades pegadas de fora para...

Pesquisadora: Uhum. E essas atividades de fora, a maioria era do PNAIC?

Ivana: É. Depois que eu comecei fazer PNAIC trabalhava com eles atividades que ela dava.

Pesquisadora: Uhum. E o, você tinha acesso ao material do PNAIC? Aos cadernos?

Ivana: Como assim?

Pesquisadora: Aos cadernos do curso ou não?

Ivana: Não. Tu me mandou, né? É, porque assim ó, eu fiz o PNAIC, porque eu tinha uma turma que e era regente da turma, mas eu não tinha nada assim de material.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Assim, a professora não me deu nada de material, mandava para os outros alunos, eu para mim ela não mandou nada.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Porque não era inscrito em nada, não assinava nada.

Pesquisadora: Ah tá. E como você tem esses joguinhos? Como fazia? Ela que dava lá na sala?

Ivana: Ela dava o exemplo lá e fazia em casa.

Pesquisadora: Ah, então ela levava o modelo?

Ivana: Sim. Uhum. Ela sempre, de todos os jogos ela tinha o modelo.

Pesquisadora: Hum.

Ivana: E de alguns ainda ela mandava uns para escola, por exemplo, os indígenas usavam aqueles e eu confeccionava uns.

Pesquisadora: Entendi.

Ivana: Daí os conteúdos eu seguia aqui.

Gabriele: Olhe para mim.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Né.

Gabriele: Legal, gente vire de costas para ela. Gente gostaram do penteado que eu fiz?

Ivana: Unidade um e dois antes das férias e três e quatro depois.

Pesquisadora: Uhum. Então você trabalhou medidas de comprimento.

Ivana: Geometria.

Pesquisadora: Medidas de capacidade, medidas de tempo, sólido geométrico.

Ivana: Planos e planas, curvas.

Pesquisadora: Aham. O que é aqui?

Ivana: Visto de frente, de lado, de cima, das formas geométricas.

Pesquisadora: Ah, você trabalhou isso também?

Ivana: Sim.

Pesquisadora: Como você trabalhou isso? Você lembra ou não? Da vista de cima.

Ivana: Eu levei o, eu levei os materiais para trabalhar com eles. Deixa eu olhar como que eu trabalhei.

Pesquisadora: É, vamos pelo caderno daí, acho que é legal.

Gabriele: Está gravando tia?

Ivana: Não.

Gabriele: Mãe, cuidado! Olha o bicho em cima da tua cabeça. Mãe? ... chegou. Uma trança.

Ivana: Medida de tempo, geometria.

Pesquisadora: Aquele calendário...

Gabriele: Mãe? Mãe? Mãe?

Ivana: O que, Gabi? Ah, era assim o calendário que eu imprimi.

Gabriele: E o café da manhã?

Pesquisadora: Ah tá.

Gabriele: Mãe?

Ivana: Hã?

Gabriele: E o café da manhã?

Ivana: Já vou fazer.

Gabriele: Que demora!

Outra pessoa: Eu joguei fora o meu caderno.

Ivana: Levar alguns objetos como caixas, embalagens de várias e diversas formas, procurar em revistas e alguns objetos e cortar para colar no caderno.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Para trabalhar geometria...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Geografia.

Pesquisadora: Matemática. Formas geométricas, construir modelos de sólidos geométricos. Daí eles construíam?

Ivana: É. Pagina 25-26, deixa eu ver.

Gabriele: Segura aqui. Segura!

Ivana: Ah, tinha no final do livro também.

Pesquisadora: Ah tá.

Ivana: A gente confeccionou. Acho que eu levei latinha, levei caixinhas para a sala.

Pesquisadora: Ah entendi.

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Para trabalhar a vista?

Ivana: Sim. Aham.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Que olhando de cima era uma coisa, quando olhava de lado era outra, né.

Pesquisadora: Sim. Aham.

Ivana: Concluir a confecção das figuras e dos sólidos geométricos. Como que eu posso esquecer as coisas? Sabe que eu estou percebendo que eu ando esquecida, né.

Gabriele: Eu também estou.

Pesquisadora: Os sólidos geométricos devem ser esses daqui.

Ivana: Sim.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Concluir a confecção dos sólidos geométricos.

Gabriele: Endireita a cabeça.

Ivana: A mãe me conta coisas daí eu digo não sei, sabe que eu não me lembro? Oh, estimular e identificar a superfície dos objetos, o tampo das carteiras, como que é, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Da parede, o chão, a porta e a as figuras não planas no lápis, da caneta, a garrafa, aí eu levei garrafa, copo para a sala.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Altura, largura, comprimento, várias faces, né.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Segura do lado esses cabelinhos.

Ivana: Construir figuras geométricas planas com os palitos, explorando livremente as figuras possíveis de construir. O saco com sólidos geométricos, fazer com que o aluno identifique...

Pesquisadora: Ah tá, que ele coloca a mão no saco, aquele? Para saber, para apalpar para saber que figura que é?

Ivana: É, eu lembro que na sala de recurso eu tinha também, tipo com lixa, com coisa assim, que colocava a mão dentro do saco e a criança tinha que identificar o que era.

Pesquisadora: Uhum. Desenhar sólidos geométricos e contorná-los no caderno, pintar, como é que é? Pintar o interior da figura...

Ivana: Um paralelepípedo vira um retângulo, um cubo vira um quadrado, realizar atividade do livro referente a figura.

Pesquisadora: Como é que? Um círculo vira um quadrado?

Ivana: Um cubo.

Pesquisadora: É, um cubo. Como assim?

Outra pessoa: Quando abre, não?

Ivana: Não lembro.

Gabriele: Não o que?

Ivana: Vinte e cinco.

Gabriele: Mãe?

Ivana: Hum?

Gabriele: Elas te fizeram uma pergunta.

Pesquisadora: Não, ela vai olhar.

Ivana: Um círculo... Um paralelepípedo tem quatro cantos.

Pesquisadora: Ah, porque é quadrado né?

Ivana: É.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: E um paralelepípedo também. Mas não me peça mais muita coisa.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Porque eu estou esquecida.

Pesquisadora: Não, mas é muito legal, vou fotografar daí os...

Ivana: Aqui daí eu entrei no início e tinha que fazer um plano de aula e eu não estava no PNAIC, daí o indígena me explicou como que eu tinha que fazer. Eu não me lembro muito bem da faculdade que eu tive que fazer o plano de aula. Eu fiz no PNAIC.

Outra pessoa: Esse ano eles diz que nós vamos ter que fazer no caderno, né, os planos de aula bem a risca.

Pesquisadora: É?

Ivana: É? Eu acho isso certo, porque eu não aprendi a fazer uma coisa certa, daí tem que ser com...

Outra pessoa: Só que pensa, olha. Eu tenho, agora eu vou ter nove turma para preparar por semana, tipo, pense como vai ser isso?! E metade dessas turmas são duas aulas, metade são três aulas por semana, é puxado né?

Pesquisadora: Nossa.

Ivana: Mas tem que ser uma coisa certa, no início para fazer certo o professor registra as coisas dele e não sabe como, o certo.

Outra pessoa: Ah eu registro. Tem professor que não usa nem caderno.

Ivana: Tu sim, Ju. É.

Pesquisadora: É, esse caderno aqui, dá para ver que você fez planejamento sempre.

Ivana: Eu sim.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Mas assim, por exemplo, tema, conteúdo, desenvolvimento, a metodologia tudo. Isso a gente tinha que ter tudo, passo a passo no caderno.

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Outra pessoa: Tá louco.

Pesquisadora: É, daí é difícil, né?

Outra pessoa: Quantas hora de atividade...

Ivana: É difícil, mas depois que você aprende é rápido para você fazer, né.

Pesquisadora: É.

Ivana: Matemática, linha reta e curva.

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Joana, você tem que pedir para fazer alguma coisa no caderno.

Outra pessoa: Eu quero uma escova progressiva.

Ivana: Ah essa aqui...

Pesquisadora: Compra e venda de frutas.

Ivana: Do Erick Carlo, essa daqui eu fiz aqui ó. Essa acho que te mandei a historinha. Essa.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Não sei porque eu trabalhei isso.

Gabriele: Para, mana!

Ivana: Quantidades também.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Compra e venda com os amiguinhos, situação problema.

Gabriele: Minha mãe de deus.

Ivana: Material dourado, colocar as carteiras em círculo, deve lançar o dado, o número que ficar para cima, será o número de quantidade de unidade ele irá pegar, ao completar uma dezena, deverá troca por uma barrinha de dezena.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Ele usava o ábaco também.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Trabalhar quantidade de unidade e dezena. Lembra que eu te mandei isso aqui, que era pequena, né?

Pesquisadora: Uhum.

Gabriela: Oi!

Outra pessoa: Bom dia.

Ivana: Boa tarde! (Risos).

Outra pessoa: Gabi, não puxa assim, você está com um cheiro de perfume nas mãos que está me deixando ruim.

Gabriele: É de creme!

Ivana: Professora de meia tigela, né?

Outra pessoa: Passa creme, perfume...

Pesquisadora: Hum?

Ivana: Professora de meia tigela, né?

Pesquisadora: Por que? Ah, capaz! Eu já tomei.

Ivana: Ju, coloca cozinhar o leite lá para mim, fazendo o favor.

Outra pessoa: Cozinhar?

Ivana: Ferver.

Pesquisadora: Ferver.

Outra pessoa: Mas daí eu perco a vez no salão.

Pesquisadora: Por que no salão?

Outra pessoa: No salão, oh. Ela está me produzindo.

Pesquisadora: Boliche?

Ivana: Boliche de números, eu tinha confeccionado um boliche de números. Os números.

Pesquisadora: Hum. Acho que você falou mesmo.

Ivana: Eles brincavam e eu trabalhava a adição, eu não cheguei a trabalhar multiplicação com eles, né.

Gabriele: Tia? Ela não acorda? Ela nunca vai acordar!

Pesquisadora: Uhum. Pois é!

Ivana: Maior e menor, igual, ordem crescente e decrescente.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Usei a fazendinha do PNAIC, os bichos que eram maiores, que eram menores.

Pesquisadora: Uhum. Situação problema relacionada a fazendinha do PNAIC.

Ivana: Uhum. ... e duas ovelhas, um elefante e três vacas, quanto tem ao todo? Fugiram da fazenda quatro animais, uma girafa, dois cachorros e um coelho, aí eu usava o nome deles, Antoniel encontrou a girafa perto da estrada e trouxe ela de volta para a fazenda, quantos animais estão foragidos?

Pesquisadora: Daí eles gostavam?

Ivana: Era o nome deles, coisa assim que eles tinham conhecimento na aldeia, a diretora, tipo, falava que era para trabalhar bastante coisas da realidade deles.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Para eles entenderem melhor. Parece assim que se vinha para a cidade, para eles era difícil, parecia outro mundo, é que nem a gente falar de um outro país assim.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Porque trabalhava dentro da aldeia, eles gostavam do caminho de casa para escola, da escola até na igreja, no postinho, coisas que eles conheciam, né.

Pesquisadora: Que é o concreto, de repente que você fala né, que é o que eles conseguem visualizar.

Ivana: É. Do dia a dia.

Pesquisadora: Se você falar, por exemplo, a professora Ivana saiu da sua casa, foi até o mercado Ziguerine, não sei o que...

Ivana: Não, não tem graça, porque não conhecia, né?

Pesquisadora: Uhum. Esse aqui foi um plano que você criou?

Ivana: Sim. Uhum.

Outra pessoa: Perdendo o calção.

Ivana: É, daí os animais que tinham.

Gabriele: Ai, ai, ai. Todos. Arara. Hã? Arara.

Ivana: Sistema de numeração decimal do zero a dez.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eu gostava do livro que ele trazia aos poucos, assim para trabalhar...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Com criança, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Nossa, um dia eu falei em um encontro, eu falei assim comparando a idade, o conteúdo é bem diferente, é mais avançado, e daí uma das indígenas disse assim, nossos alunos não são atrasadinhos, mas não era isso que eu quis dizer.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Assim, que as vezes o mesmo conteúdo que ela está, eu tive que trazer de uma forma diferente.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Em um linguajar mais simples, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Para eles entender... Tem muita coisa, para idade que eles aprendeu, que não tem condições ainda.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Que se eu colocasse os alunos do terceiro ano, eles me acompanhava. Que é próprio da cultura deles.

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Eu dizia as vezes, vamos formar grupo de três pessoas, eles tinham dificuldade para pensar daí como, contar quantas carteiras assim.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Lá uma coisa rápida assim para você pensar, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eles tinham assim uma dificuldade. Não são muito pequeno, ainda bem que são...

(Gabriele gritando ao fundo).

Pesquisadora: Nossa me deu torcicolo, por causa da cabeça, eu estava assim...

Ivana: Você está cansada?

Pesquisadora: Não.

Ivana: Ah, esse do cordão que eu trabalhei também, as dezenas, que daí eles confeccionaram, com cores coloridas de E.V.A.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Ah, essa dinâmica que eles assopraram o lápis, os copos...

Pesquisadora: Os copos. Aham. Jogo...

Ivana: Jogo do amarradão, amarradinho, que tem o tapetinho.

Pesquisadora: Ah.

Ivana: Nossa, eu gostava muito dessa atividade.

Pesquisadora: Você confeccionou o jogo?

Ivana: Eu trabalhava isso em... Aham.

Pesquisadora: Mas eles sempre jogavam?

Ivana: Jogava e depois anotavam a quantidade.

Pesquisadora: Aham. A quantidade... Aqui você trabalhou sobre os jogos indígenas?

Ivana: Aham. Como que eles fizeram...

Pesquisadora: Sistema de numeração decimal.

Ivana: Uhum. A música dos indiozinhos lá, quantos que faltam para entrar

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Nossa, mas eu tenho que chegar até no um! Outros iam copiando, não tinham noção de como fazia para chegar, os mais espertinhos falavam: tenho que copiar até chegar no um!

Pesquisadora: Jogo do polvo.

Ivana: Aqui também, a parlenda, quantidade desenhar, quantidade dos ovos, comparação quantidades, usar palitos para fazer contagem. (Gabriele gritando ao fundo).

Pesquisadora: Nossa, que capricho esse caderno.

Ivana: Números ordinais. Essa que você pediu para mim fazer.

Pesquisadora: Ah.

Ivana: Legal, né? A menina fez.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Lá. Meu pai utiliza matemática no artesanato, outro na contagem do dinheiro, né.

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Ivana: Continuação dos números ordinais, colocar os alunos enfileirados, aquilo que eu tirei a foto.

(Gabriele gritando ao fundo).

Pesquisadora: Aham.

Gabriele: Nossa, vai dar certinho!

Ivana: Números de 11 a 20. Lá era de zero a dez, aqui de 11 a 20. Eu sempre ia indo aos poucos assim, para trabalhar.

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Ivana: Ah, aqui eu trabalhei para escrever os números na areia.

Pesquisadora: Ah tá. Aqui é aquela atividade do...

Ivana: Uhum. Que a foi tirado os...

Pesquisadora: Dos...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Loteria da sorte. O que que é?

Ivana: Eles gostavam. É um antigo ditado.

Pesquisadora: Hum.

Ivana: Nossa, eles gostavam muito. Porque daí assim ó, acertou, daí depois eles faziam a contagem de quantas palavras você acertava daí. Errou, tinha

que fazer o Xizinho e copiar a palavra certa. Acertou coloca o Xzinho daí depois fazia a contagem de quantas palavras...

Pesquisadora: Você ditava a palavra?

Ivana: Eles fazia a comparação. Aham.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eles gostavam muito. Lia uma historinha, trabalhava um texto, sempre trabalhava a loteria da sorte.

Pesquisadora: Ah!

Ivana: Para ver se alguém tinha prestado atenção em como escrevia a palavra.

Outra pessoa: O mãe?

Ivana: O que?

Outra pessoa: Por que você colocou o teu nome?

Ivana: No que?

Outra pessoa: Nesse livro.

Ivana: Mas não é meu?

Outra pessoa: É meu.

Ivana: É teu? Desculpa, mas depois passa o corretivo. Tabela numérica, colorir os números até 30, o que eu já tinha trabalhado daí para frente.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Ainda não. Situação problema. Corrida dos carrinhos.

Pesquisadora: Que é aquele do PNAIC?

Ivana: Uhum. Primeiro a gente trabalhou com o material, né. Daí depois trabalhou no caderno daí.

Pesquisadora: Uhum. Ah tá, daí você fez, eles fizeram a pista...

Ivana: A situação...

Pesquisadora: No caderno.

Ivana: É, primeiro eles jogaram com a pista, né?

Pesquisadora: Sim.

Ivana: Ai depois nós fomos e fizemos no caderno daí para registrar.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Aqui é a situação daqui das fichas azuis e amarelas. Maria fez dois pontos na primeira rodada e nas outras duas não fez nenhum, que números caíram nos dados jogados por Maria?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Dasquelas fichinhas que eu te mostrei ali. Confeccionei os dados com eles também. Daí eles faziam o registro.

Pesquisadora: Nossa, que legal.

Ivana: Números ordinais.

Pesquisadora: E o pedagogo gostava do teu caderno?

Ivana: Nunca.

Pesquisadora: Nunca pegou o caderno?

Ivana: Nunca. Nunca pegou um caderno de um aluno.

Pesquisadora: Você não pegou caderno de aluno? Você não está com o caderno de nenhum aluno?

Ivana: Entreguei para eles.

Pesquisadora: Entregou?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Mas daí eu vou conversar com o Osni, né?

Ivana: Mas eu tinha orgulho do caderninho deles.

Pesquisadora: É?

Ivana: Eu tinha orgulho.

Pesquisadora: Caprichoso?

Ivana: Nossa, um capricho. Que eu não deixava eles levar para casa. As atividades de tarefa eu sempre dava em folha sulfite.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Para eles, né? E daí uns não traziam, mas a maioria dos mais dedicados sempre trazia. Daí eu fui guardando tudo e montei uma pasta.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Para eles no final do ano. Não sei se eles guardaram ou não.

Pesquisadora: Com o Osni e a Natiele quando eu for conversar com eles...

Ivana: De repente o Osni tenha guardado, a Nati quem sabe, brinca com eles.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Números pares e ímpares. Mas assim, é que o pedagogo não tinha noção de nada também, né, assim, de acompanhar, nunca pediu assim: você precisa de uma atividade diferente, o que você está trabalhando? Como que os alunos estão vendo isso? Como que eles estão aprendendo? Nunca, nunca, nunca.

Pesquisadora: Uhum. Nunca.

Ivana: Operações. Comecei daí trabalhando adição, daí subtração, daí veio multiplicação e daí fui para a divisão. Divisão assim, acho que ficou meio duvidoso para eles, porque eu trabalhei bem no final ali.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Mas... Adição e subtração acho assim, ficou bem frisado para eles.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Matemática as ideias de adição. O antes e o depois.

Gabriele: Tia? É minha essa árvore aqui, eu que pinteí quer ver?

Ivana: Ah, Gabi!

Gabriele: Eu quero mostrar para a tia minha pintura. Aí, eu que pinteí. Não fui eu, acho.

Ivana: Não, essa não foi você, você pintou uma que eu te dei. Adição com três parcelas. Dá licença, filha? Com três parcelas.

Pesquisadora: Uhum.

Outra pessoa: Mãe, está quente o leite.

Ivana: Sim.

Gabriele: Eu vou acordar a Lu!

Pesquisadora: Ah do...

Ivana: Sim. Daí em português.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Ideias de subtração. Matemática, elaboração de situação problema.

Pesquisadora: Uhum.

Outra pessoa: Que? Está ardendo? Vai lá e faz o que eu fiz antes.

Pesquisadora: Par ou ímpar.

Ivana: Uhum.

Outra pessoa: Mãe?

Ivana: Hum?

Outra pessoa: Esse aqui eu posso levar agora?

Ivana: Sim, o que é teu, filha, leva.

Outra pessoa: Mas não é meu, é nosso esse.

Ivana: Mas então, leva! Jogos corrida da adição, que é aquele painelzinho lá que eu confeccionei. Situação problema.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Atividades da apostila. Ah, daí tirei de outra apostila. Eles gostavam muito...

Pesquisadora: Você trabalhava multiplicação?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eu sempre pedia para eles desenhar, para entender melhor.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Você viu a quantia de banana que a Balansin... (Risos).

Pesquisadora: A Balansin enfiou na minha boca... Não, não quero.

Ivana: Querida!

Pesquisadora: Chique isso, ela sempre coloca na minha boca...

Ivana: É. Eu confeccionei a tabuada com eles com sementes de lentilha.

Pesquisadora: Hum.

Ivana: Tipo no papel pardo.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Daí confeccionei com eles também. Foi bem legal. Tirei foto também.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Está em uma pasta aí. Até eles entender que daí a do dois tinha que ir de dois em dois.

(Gabriele conversando ao fundo).

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: E daí a de dividir, ah, mas ai é tudo igual. Eu falei, oh, tu trabalha de multiplicação ao contrario tu trabalha a de divisão, né?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Uns não conseguiam assim, acho que existe um tempo certo que cada um consegue entender as coisas, né?

Pesquisadora: Uhum. E agora no terceiro anos eles vão retomar, né?

Ivana: Ah eu não sei com quem eles vão pegar, quem que eles vão... Ah, daí cheguei na divisão aqui, já está mais no final do ano.

Gabriele: Você vai demissão, mãe?

Ivana: Hã?

Gabriele: Vai pedir demissão lá?

Ivana: A mãe não vai mais trabalhar naquela aldeia.

Pesquisadora: Lá não pede demissão, só transfere. Para os Guaranis daí.

Ivana: Então, agora o calendário trabalharia diferente, agora. Eu imprimia, né? Daí eu peguei já andando a coisa. Eu faria todo ele, para eles saber de janeiro, fevereiro, março, abril...

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Então assim, quando eu falar quais são os meses do ano? Uns sabiam, outros não sabiam.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Começava em janeiro e terminava em dezembro, porque eu só tinha aquele do mês.

Pesquisadora: Ah, entendi.

Ivana: É, então eu já trabalharia diferente isso.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Para eles poderem visualizar sempre, né.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Poder contar quantos meses.

Pesquisadora: Ter um completo?

Ivana: Ia, um completo.

Gabriele: Mãe? Mãe? Mas nós vamos busca o Alanir e a Monique para o meu aniversário, né?

Ivana: Pois é. Saudades. Eu vou junto com a tia, vou na casa do Alanir dar um beijo nele.

Gabriele: Que tia?

Ivana: É feio, uma professora de meia tigela, né? Só que assim, hoje analisando assim, acho que eu consegui atingir o objetivo assim.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Não sei se era o meu objetivo ou se era da escola, mas assim, acho que as crianças aprenderam, o básico, mas aprenderam.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Agora não sei se isso vai ter uma sequência agora.

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Mas eu tenho orgulho assim, de dizer que a minha turminha saiu assim bem...

Pesquisadora: Aprendendo.

Ivana: Uhum.

Gabriele: A minha também.

Pesquisadora: Deixa eu ver o que mais. Eu queria te perguntar, fazer chamada... O calendário já fiz. Você nunca trabalhou com as carteiras, é, organizadas da mesma forma?

Ivana: Sempre diferente. Conforme a atividade que eu ia fazer, eu organizava as carteiras.

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Conforme o trabalho em dupla, trio, as vezes agrupava meninos e meninas, as vezes juntava piá e menina, círculo.

Gabriele: Ah eu queria estudar com a mãe!

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eu nunca gostava assim desse negócio de um atrás do outro. Trabalhava né, mas não...

Pesquisadora: Uhum.

Gabriele: Quando eu fui lá ela fez uma ferradura de cavalo.

Pesquisadora: Quem? A tua mãe?

Gabriele: Com carteira.

Pesquisadora: Ah! Ai, ai.

(Risos).

Ivana: Um dizer de boas-vindas em Caingang

Pesquisadora: É?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Eles são alfabetizados em Caingang? Eles aprende a falar e eles aprendem a ler e escrever em Caingang?

Ivana: Sim. Aham.

Pesquisadora: Na escola ali?

Ivana: Na escola. Aham.

Pesquisadora: Que horário?

Ivana: Com o professor... Eu no meu horário tinha quatro aulas por semana, na minha turma, da língua materna deles...

Pesquisadora: Daí esse horário você ia para hora atividade?

Ivana: Na verdade deveria ficar na sala assistindo.

Pesquisadora: Ah.

Ivana: Mas aí o professor não queria.

Pesquisadora: Ah...

Ivana: O professor não se sentia bem. Ele era bem legal.

Pesquisadora: Daí ensinava a ler e escrever?

Ivana: Aham. Ele não tinha uma sequência didática assim.

Pesquisadora: Não?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Era um professor indígena?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: É, eu tinha posto aqui, no meio do ano você estava preocupada em relação ao atraso deles. Consegui né?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Atingir. Para você estar falando conseguiu né.

Ivana: Sim.

Gabriele: Tipo assim, eu estava trabalhando a tabuada do um, ela estava trabalhando a tabuada do dois.

Pesquisadora: Aham. Acho que é isso. Depois você deixa eu tirar foto.

Outra pessoa: É o contrário.

Ivana: É o contrário, filha.

Gabriele: É.

Ivana: O que, Iloine?

Pesquisadora: Depois você deixa eu tirar foto desse material? Deixa separado.

Ivana: Sim.

Pesquisadora: Daí você...

Ivana: Se precisar de ajuda em alguma coisa...

Pesquisadora: Sim. Aham. Ai você só, vamos assinar esses negócios aqui, que daí outra vez eu vim e esqueci dar para você assinar.

Gabriele: Oh, Nina!

Pesquisadora: Termo de consentimento livre e esclarecido. Que é você declarando que você aceitou dar a entrevista, tal, e que eu vou usar a fala, vou usar, o texto escrito para pôr na minha dissertação.

Gabriele: Mãe? Fecha as pernas. Ela está com as pernas abertas. Fecha as pernas! Nossa, mãe, está todo mundo com as pernas fechadas.

Ivana: Oh, tira aqueles carrinhos de cima da mesa e vai puxando as coisas do café.

Outra pessoa: Mãe eu procurei a toalha.

Ivana: Não, vai sem toalha mesmo. Tenho que levar de volta os livros.

Outra pessoa: Esses aqui, podia me emprestar né?

Ivana: Ai, Ju, pegue o que você precisa de material, o dia que você quiser me devolver, você devolve.

Outra pessoa: Beleza!

Ivana: O material é para você usar...

Pesquisadora: Oh, Ivana, assina aqui.

Ivana: Eu não tenho esse negócio de ficar guardando coisinha.

Outra pessoa: Esse ano eu vou ver o que vai dar.

Ivana: Esse ano para mim, vai ser um ano de um grande aprendizado, quem vai me ensinar não sei, mas que eu vou...

Outra pessoa: Perspectiva boa, né, Ivana.

Ivana: Eu sim.

Gabriele: Meu deus! Quanta coisa para assinar!

Ivana: Ai, dando autógrafo.

Pesquisadora: Depois tem a da Gabi, mas o da Gabi eu leio outra hora, Ivana.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Para daí você ver também.

Outra pessoa: Senta lá na mesa.

Pesquisadora: Aqui. Daí agora aqui também. É a mesma coisa, é o mesmo documento, só que esse aqui vai ficar para você... Tem uma letra bonita. Ah, você tem Hartmann, eu achei que você não tivesse.

Outra pessoa: Eu vi no documento ontem a noite.

Ivana: Na verdade assim, as assinaturas assim, do dia a dia, eu coloco só Ivana Balansin, mas quando é mais documento eu gosto assim.

Pesquisadora: Uhum. Daí depois você deixa, daí a hora que você quiser ler. Ah tá, daí...

Ivana: Nossa, quanta coisa. Eu não voltaria mais a estudar.

Pesquisadora: É?

Ivana: Eu ia curtir minha vida.

Pesquisadora: Oh, esse daqui, depois é termo de autorização para publicação do que vocês... Então daí esse aqui eu vou deixar para você assinar depois, porque daí depois eu vou voltar com o texto de novo, bem escrito, é, como que vai lá para a dissertação, porque esse, as outras pessoas vão ler, por exemplo lá, falou uma coisa lá que você acha que pode ficar ruim para você diante dos indígenas, você olha e ah, isso aqui não é bom, porque eles vão ler, A Susan vai dar entrevista, ela vai ler o que você disse.

Ivana: Hum.

Pesquisadora: Entendeu? Então é bom a gente olhar o texto...

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Ver se é isso mesmo que eu quis dizer.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: É isso mesmo que...

Ivana: Então tu vai entrevistar a Susan sobre o que?

Pesquisadora: Mesma coisa que você.

Ivana: Ah, legal.

Pesquisadora: Do trabalho dela, né.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: O que ela fez, o que ela trabalhou.

Ivana: Ela vai ser pedagoga na escola esse ano.

Pesquisadora: É? Lá na...

Ivana: De manhã.

Pesquisadora: É? Então, o que ela trabalhou, como que ela trabalhou, desse jeito que falei com você.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Então daí a mesma história que você vai ler a dela quando você quiser ler o meu trabalho, ela vai ler o teu, né.

Ivana: Hum.

Pesquisadora: Então a gente sempre... Então é por isso que você precisa autorizar o que eu vou publicar.

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Então por isso quando eu voltar de novo, que a gente ler o teu texto como é que ficou, certinho com correção de português, aí você fala assim, ah isso ficou bom, isso daqui não ficou bom, vamos tirar?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Né? Então esse documento você assina depois. Tá? Então esse aqui eu deixo com você.

Ivana: Isso tudo, esse teu mestrado é para um dia você melhorar o teu salário?

Pesquisadora: Aham.

Ivana: Ou é para, porque você gosta mesmo?

Pesquisadora: Não, é porque daí com o mestrado você consegue trabalhar no ensino superior, né? Mas eu gosto de estudar.

Ivana: É?

Pesquisadora: Uhum.

Ivana: Eu não.

Pesquisadora: Não? Eu gosto. E também quero mudar, né, de profissão futuramente, assim, não ficar sempre só como pedagoga... É puxado assim, escola menor não, mas escola grande.

Gabriele: Tem sim.

Pesquisadora: Essas duas fotos aqui. Esse aqui vai ler e fica com você esse daqui. Então por enquanto obrigada, daí depois... Eu, meu professor é, eu tinha comentado com você que eu não sabia por ser irmã, né?

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Porque tem a irmã e a sobrinha, né. Daí conversei com ele de novo, né? Daí falei ah, falei com a minha irmã, tal-tal, ele disse que não é muito bom fazer entrevista com parente.

Ivana: É?

Pesquisadora: Disse que não é muito bom não, que fica... Daí ele falou, faz, vamos levar para qualificação, porque tem a qualificação e a defesa, né?

Ivana: Aham.

Pesquisadora: Na qualificação você apresenta a tua ideia, o que você fez, o que você não fez, daí nós vamos levar para a qualificação a ideia, porque são duas, aqui é da Gabi, ah Ivana, já assina da Gabi, depois eu leio.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Assinatura do responsável pela entrevistada. Depois eu leio para você. É...

Ivana: Meu nome?

Pesquisadora: Teu nome. Aham. Daí vamos levar. Se na qualificação a banca disser que não é legal, ter família, porque já tenho duas pessoas da família, que é a Gabi e você.

Ivana: Uhum.

Pesquisadora: Daí pode ser que a tua entrevista não fique no final, na versão final.

Ivana: Uhum.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Francisco B. Balansin portador (a) do RG 4939.653-3, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Francisco B. Balansin, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 03 de julho de 2014.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Francisco B. Balansin

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA
TEXTUALIZAÇÃO**

Eu, Ivana B. B. Balansin, portador (a) do RG 4939653-8,
afirmo que após ter lido o texto da textualização da entrevista por mim
concedida em 03/07/14, e após ter feito minhas considerações e solicitado
modificações nas seguintes partes da textualização:

Onde se lê:

Lê-se:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das
informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do
texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da
entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou
digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM
ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa
de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da
Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização
Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Ivana B. B. Balansin, após ter recebido todos os
esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o
recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo
de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 22 de outubro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Ivana B. B. Balansin

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Ivana S. B. Balanain, portador (a) do RG 4939653-3, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO** desenvolvida pela pesquisadora Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email: ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária, por meio de entrevista aberta com o uso de fichas, a ser gravada em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que considere inadequadas.

Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Ivana S. B. Balanain, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 03 de julho de 2014.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Ivana S. B. Balanain

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Ivana B. Sb Balansin,
portador (a) do RG 4939653-3, CPF 694878209-49,
residente no endereço
Rua Diego Antonio Leão,
declaro, por meio deste termo, que concordei em autorizar meu filho
(a) Gabrieli Balansin,
nascido em Chopinópolis no dia 16/03/2006,
ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente
momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ
SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO** desenvolvida pela pesquisadora
Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação
em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná
(UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do
Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer
momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email:
ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei autorizar a participação do meu filho(a) por minha própria
vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com
a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da
entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais
sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do
relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus
alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do
Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

A colaboração do meu filho (a) se dará de forma voluntária por meio de
entrevista com perguntas a partir de um jogo e de uma história, a ser gravada
em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente
transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes
que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição
e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que
considere inadequadas.

ANEXO D – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Noeli Checelski de Abreu e termos de autorização.

1ª entrevista**Entrevistado: Noeli Checelski de Abreu****Data da Entrevista: 05/07/2014****Transcrição: Fabiane Prazeres****Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins**

NOELI

00:00:00:00

Noeli: A tecnologia de hoje é impressionante né, e eu e as crianças já nascem com isso... A gente pena, a gente apanha pra...

E: é hoje, deixa eu ver aqui... Deixa eu anotar aqui. Então, protocolo de pesquisa, colaboradora de pesquisa Noeli... Checelski de Abreu. É professora do segundo ano?

N: Primeiro e segundo.

E: Primeiro e segundo ano, escola que você está?

N: Tasso Azevedo da Silveira.

E: Esse ano você está, ah tá esse ano você está com o primeiro e o segundo ano?

N: Primeiro e segundo.

E: Aham...

N: ah até a diretora me perguntou se eu tinha alguma objeção em trabalhar com turmas diferentes por que não tinha dois segundos e dois primeiros.

E: Entendi... aham, daí você faz dois planejamentos e tal.

N: Aham (Entrevistadora espirra)... Pausa... Mas não há diferença por que mesmo que seja dois segundo ano nunca é o mesmo planejamento. É sempre as turmas são diferentes. O aluno é diferente, o planejamento é completamente diferente, não é o mesmo planejamento, pode ser o mesmo conteúdo mas o direcionamento é completamente diferente.

E: Sim, e a quantidade de criança que tem nas salas que você está agora esse ano?

N: De manha são 18, no primeiro ano..

E: Uhum... E no segundo?

N: E no segundo 22. Esse ano...

E: O que você acha mais fácil? No primeiro ou no segundo? 22 no segundo?

N: Eu sinto, esse ano, insegurança no primeiro por ser, por estar muito tempo fora do primeiro ano, entende? Então já pegava as turmas assim com processo de alfabetização já encaminhado né? A maioria... Então aquele um ou outro que chegava sem conhecer só trabalhava com ele as letras, conhecimento

disso e daquilo, enquanto os outros revisavam aquele aprendia junto em determinadas atividades ficava só com ele também e em determinado momento é diferente do que você começar a alfabetização, o processo de alfabetização, eles já vieram da educação infantil com uma base, mas o primeiro ano é... né..

E: E você ano passado participou do PNAIC? Ou não?

N: Sim!

E: Na formação? Você achou que ajudou você?

N: sim! Ajudou!

E: Em que aspecto? Assim, que ajudou...

N: Ajudou na segurança né... Ao poder dividir as experiências, as dúvidas com os colegas, então quem já estava no primeiro ano já tinha, a gente tinha... O ano passado a gente já tinha passado por todo aquele processo de conhecimento, de trabalho com o segundo ano.. Então para me adaptar ao primeiro não foi difícil por que eu já tinha um conhecimento prévio de outros primeiros anos com experiência de outros professores que compartilhavam no curso e... Também a sorte também a diretora, era orientadora ano passado do curso, então ela me deu assim liberdade, o que precisasse, qualquer dúvida no começo eu perguntava "é isso mesmo? É por aqui?"

E: Uhum...

N: Está certo?! Então a linha de primeiro era mesmo, era só trabalhar

E: Só trabalhar. Viu, eu organizei umas caixinhas aqui com uma listinha de palavras, e eu não vou colocar aqui por causa do ventinho, mas esta na caixinha. Então nesta primeira caixinha aqui tem palavrinhas pra você olhar se alguma dessas palavrinhas lembra a tua infância. Das primeiras vezes, dos primeiros anos que você entrou na escola. Então por exemplo, é... gêneros textuais lembra teu processo de alfabetização?

N: Alguma coisa eu lembro...

E: Língua materna, palavra alfabetização, a palavra jogos te reporta a infância?

N: Não.

E: A palavra leitura reporta teu processo de alfabetização? Como é que era essa leitura? Nos primeiros anos, quando você foi alfabetizada. É a experiência com a palavra histórias te reporta a infância? É, como é que eram essas histórias? Os professores contavam histórias? Vocês liam histórias? Né, então são palavrinhas..

N: E você vai pegando?

E: Você vai pegando, aham, você vai ficando a vontade.. a ideia seria a gente colocar aqui oh para você ficar e ai você escolhe quais delas que te lembram situações do teu primeiro processo com a escola. Então são as palavrinhas... é só mesmo no sentido de você ter como um norteador da tua fala em relação a infância. Qual você escolheria?

N: O primeiro contato com a escrita, era a repetição das vogais manuscritas no caderno. O A-E-I-O-U colocada a gente repetia o traçado da letra embaixo. E eu não lembro como eu descobri, como eu aprendi a letra o A-E-I-O-U

manuscrito... Que eu aprendi a profe passando no primeiro dia de aula e... como é que eu cheguei a entender língua de imprensa, entende? Eu não lembro! Eu não lembro da professora mostrar! Eu não lembro da professora falar de nada disso. Eu lembro dela passando em silêncio no caderno e... repita! Cópia embaixo! Ou apagando e mandando fazer de novo...

E: No traçadinho igual ela fazia, tinha passado?

N: Igual ela fazia, depois palavrinhas curtinha...

E: Você tinha um livrinho? Você lembra de um livrinho?

N: Eu lembro da cartilha Caminho Suave, eu não sabia o que era raia, nunca tinha..

E: Não sabia o quê?

N: Lembra aquelas historinhas que duas crianças viajavam com essa... é raia ou arraia?

E: Sabe que eu não lembro.

N: É eles viajavam em cima dá... Com ela, era um animal...

E: Da cartilha?

N: ...do mar, da cartilha Caminho Suave, eles andavam com essa pelo mar, viajavam por vários lugares, só que como eu não conhecia o que era mar, o que era raia, o que... eu escutei, ouvi pela primeira vez lá naquele livro (risos) ninguém me falou.

E: Ficava imaginando?

N: Ficava imaginando.

E: E não tinha televisão também nem para ver...?

N: Não, não tinha televisão também... Ah, onde que está a palavra escrita.

E: Aqui... você pode ir colocando aqui.

(ruídos de gatos)

N: Não é o meu gatinho...

N: Ah, jogos... eu... a gente nunca teve jogos na escola. Meu irmão aprendeu com os primos a jogar trilha e me ensinou. A gente jogava imitava o pai e os homens jogavam truco...(risos) com baralho.

E: Fora da escola?

N: Fora da escola.

E: Fora da escola...

N: A oralidade também na escola Iloine, eu não conseguia falar. Com professora eu não conseguia me manifestar. A gente não tinha essa abertura, essa... essa vontade de falar com ela. Quanto menos a gente falasse melhor! Eu para mim quanto menos eu falasse ou dirigisse a palavra para professor, melhor era. Porque aquela frieza, aquele... Eu lembro que ela ia para cantina e voltava e escrevia aquela frieza no olhar, aquele...aquela formalidade.

E: E a professora era tua tia?

N: Sim, isso mesmo, aham

E: Mas mesmo pelo fato de você ser sobrinha da professora não te dava essa abertura?

N: Não, não, era muito formal, era muito séria, era muito é ... e hoje se você ver uma criança quieta, a gente busca a qualquer custo ela falar... E eu tive muita dificuldade para conversar, para falar na escola! Eu lembro que eu tinha dificuldade para aprender também!

E: Uhum.

N: Matemática foi horrível! Matemática eu aprendi a tabuada, interpretei a tabuada, quando entrei no magistério. Não tenho vergonha! No primeiro ano de magistério eu compreendi! Olha o quanto tempo eu passei! E eu passei quinta a oitava lá também!!

E: Lá também em Gramados?

N: Lá no mesmo local.

E: Uhum, e eram outros professores? Ou os mesmos professores que deram aulas nas séries iniciais?

N: Não. Eram outros professores, mas professora de matemática professor Nerli mas que tinha essa mesma formalidade, essa... Aquela postura de autoridade “o senhor sabe tudo”, mas que tinha... ele sabia para ele, mas não passava para gente. Eu também não perguntava, por mais difícil fosse, menos eu ia procurar saber, menos ainda eu ia procurar entender.

Vendo hoje é até uma piada né? Até engraçado... mas eu procurava não perguntar nada... porque da forma que ele me explicava eu não ia entender mesmo. Porque eu precisava da base. Precisava saber interpretar, como multiplicar, como dividia e eu já não sabia isso. Como que aquelas fórmulas de quinta a oitava eu ia saber? Como é que eu ia entender se a base eu não tinha? E depois vindo para cidade, no magistério tive dificuldade. Aí fiz aula particular com a tia Celi. E a tia Celi que percebeu “você não fez matemática em nenhum dia na tua vida! Você não entende... porque você precisa aprender!” Ela me ensinou a formação da tabuada, a saber interpretar a formação, o porquê que 3×6 era o resultado que dava e quanto era... e a divisão também! E ela me ensinou também a dividir por dezena, por centena, as unidades...

E: Quem que é a tia Celi?

C: A tia Celi Gressana...

E: Que dava aulas particulares?

N: Ela é mãe do... Lembra do professor Chico?

E: Sim, sim, aham... Que dava aulas particulares?

N: Ela era aposentada e dava aulas particulares. Mas eu fiquei assim grata por ela a minha vida inteira.

E: Quando você estava no magistério?

N: No primeiro ano de magistério...

E: Ai você retomou o conteúdo dos primeiros anos?

N: Aham, porque a minha dificuldade... hoje eu não tenho vergonha de falar. Mas eu sempre tive vergonha de falar da minha dificuldade de matemática! Mas como não entendi lá na primeira a quarta... eu nunca procurei saber... então era melhor fingir que eu sabia!!!

E: Você acha que era um problema seu?

N: Era um problema meu e eu não tinha que dividir com ninguém! Eu não sabia! Eu não entendia matemática! No dia a dia também o que tivesse de cálculo eu desviava, procurava assim... e é tão bom ter resolvido isso né? E hoje não ter dificuldade para... não era dificuldade de raciocínio. Era uma fuga minha também, por não ter...

E: E você lembra se lhe ensinaram essa questão da matemática ou você tem lembranças desse ensino?

N: Não. Eu lembro que quando eu iniciei lá no primeiro ano já tinham uns meninos maiores, que a professora passava as contas e eles iam lá fazer. Eu lembro que eu copiava... e quando chegava a vez de ir no quadro eu sempre procurei não, não... ou quando tinha uma fácil um que eu sabia o resultado né eu, eu... quem sabe tinha oportunidade de fazer... mas eu lembro que eu desviava...

E: De ir ao quadro?

N: De ir ao quadro, aham...

E: Porque indo ao quadro dava para perceber...

N: Aham, mas eram poucas vezes que a gente ia ao quadro né

E: Eu não lembro...

N: É era só as crianças maiores, do quarto ano iam no quadro.

E: E aí você eram em diferentes séries na sala?

N: Eram, eram...

E: Geralmente eram duas...

N: Não, quando eu estudei o primeiro ano, era primeiro, segundo e terceiro.

E: Na mesma sala?

N: Na mesma sala. No segundo ano era uma turma de segundo ano... é... Mas eu lembro... mas aquele... Hoje é o mesmo tamanho do quadro de hoje... mas a professora iniciava aquele texto lá e a linha inteira até no final. Não tinha uma divisão. E como no segundo ano eu devia ter seis ou sete anos... era com seis anos que a gente entrava né?!

E: Eu acho que eu entrei com sete, eu acho que naquele tempo...

N: Mas como você não tinha habilidade na escrita, chegava na terceira, quarta palavra daquilo, eu não sabia mais onde que estava! Eu não sabia ler! Eu tinha dificuldade para registrar... e esse segundo ano... ela me deixou muito sem recreio porque eu não tinha conseguido copiar o ponto (risos)

E: Copiar o ponto?

N: Copiar o ponto (risos) lembra? Era ponto (risos)

E: E ficava sem recreio, sem lanchinho?

N: Ficava sem recreio!! Minha nossa que absurdo gente!!!

E: E em relação a matemática as lembranças, por exemplo as lembranças da matemática no dia a dia lá no sítio?

N: Tinha!

E: Você usava, tinha essa necessidade?

N: Aham.

E: Aonde e em que situações?

N: Aham porque a gente ia sempre à bodega com a mãe né fazer as compras lá no armazém e eu sabia fazer o troco. Eu levava o troco certinho né e contava. A Dona Lurdes dava no papel escrito, o que tinha comprado quanto tinha dado ou então se era para marcar na conta quanto que dava...

E: Uhum

N: Mas a gente quase não manuseava, era só um momento que tinha que manusear dinheiro.

E: Tinha essa necessidade de continhas. É deixa eu ver aqui outras palavrinhas, então aqui é as dificuldade você já colocou...

N: Matemática era meu segredo agora já contei para você...

E: Sim.

(risos)

E: Era algo que na verdade você superou depois no período do magistério?

N: Sim

E: Era algo que você guardou por bastante tempo.

N: Coisas pequenas fáceis assim claro, prático, óbvio, dividir metade no meio...

No dia a dia a gente foi aprendendo né quando o pai falava a quarta parte de milho na lata, tantos litros, a curiosidade da gente “mas quanto que era”? Então a gente foi aprendendo... essas coisas assim...

E: A distância, por exemplo, da tua casa até a escola, tantos quilômetros ...

N: Isso, aham também contava...

E: A gente tinha muito disso nem, o tempo que eu levo pra andar dois quilômetros...

N: E mais se fosse para resolver não...

E: Na escrita?

N: Na escrita, divisão eu não sabia.

E: E daí depois no teu processo de formação, tem uma outra caixinha aqui... com outras palavrinhas aqui que eu anotei, eu vou jogar aqui no montinho que fizemos da primeira infância, então aqui... já são palavras que vem aqui com outras juntas, por exemplo gêneros textuais na matemática, alfabetização e letramento. Na infância você foi alfabetizada e letrada, por exemplo, teve acesso a diferentes tipos de textos na época ou era só a notação lá?

N: Isso era só...

E: O juntas das letras, formar palavrinhas?

N: É, é só isso.

E: Escrever textos, compreender textos que está sendo lido, você tem lembrança disso que a professora dava ênfase nessas coisas ou não?

N: Não, eu tenho a lembrança de... nas aulas de histórias no terceiro e quarto ano que você tinha que procurar a resposta, mas já estava pronta. Que era o exemplo a gente estudava muitos personagens da pátria né... os senhores históricos... (risos) É os caras que fizeram a história do Brasil daí você procurava a resposta, era... pergunta pronta com a resposta óbvia...

E: A continuação da frase era a resposta...

N: Isso. Eu na adolescência eu tive a sorte do pai já está assim já bastante livros e era ministro, já desde que eu me conheço por gente e ele sempre tinha outros livros. Leitura sempre religiosa. É eu lembro que eu fui entender o que era solidariedade, essa palavra, nossa eu procurar o significado dessa palavra, eu queria saber tanto! Tinha um livro que o título era solidariedade, então a leitura foi na adolescência, na infância não... Na minha adolescência eu tinha bastante acesso a esse tipo de leitura e tinha as minhas tias que tinham revista de foto/novela, os livros da Bianca, Júlia...

E: Os da Sabrina...

N: Sabrina isso. Então, aí eu comecei ler, mas na escola de primeiro a quarto ano não

E: De histórias infantis que você tivesse tido acesso?

N: Eu tenho uma experiência com histórias infantis que é... sempre a lembrança que tenho... todas as vezes que eu conto para as crianças um conto de fadas ou leio... eu lembro do meu momento que eu entrei em contato com essas histórias. Foi no aniversário da Carmem de quinze anos eu acho. Quinze ou dezesseis anos. Ela tinha uma coleção desses livros de capa dura que ela ganhou de uma tia lá de Rondônia, na estante lá na D. Salete... e eles continuaram a festa comendo, conversando, brincando, rindo... e eu me virei para essa estante de costas para sala e comecei a ler. Eu li o primeiro, eram histórias curtinhas. Branca de Neve, a Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho e eu li tudo ali!!

E: E na escola você nunca tinha lido?

N: Não, mas nem a professora conhecia... eu não lembro!!

E: Você não lembra de situações que ela tenha lido?

N: Não, uhum. Ah então eu me apaixonei por aquelas histórias!!! Mas com o quê... catorze ...quinze anos já. Eu lembro...

E: E momentos de leitura na sala de aula de você pequena além do Caminho Suave? Da cartilha? Tem lembranças?

N: Não, a não ser o texto daquele dia do livro, lembra?

E: Sim

N: Então lia-se aquele texto, aquele dia e cada um lia um pedaço ou ela tomava a leitura lá na carteira dela, só isso. Outro momento... ler outra coisa, outro contato com a leitura, não!

E: E daí quando você foi para o magistério né, você veio com essa experiência da infância, de escola, de relação com a matemática, de relação com a leitura. O que você viu que pensou "puxa, pode ser desta forma também a questão do ensino" no magistério e na pedagogia o que você viu que te acrescentou?

N: No magistério eu tive assim comigo assim poucos momentos de reflexão até entrar em sala de aula, no estágio. Eu tinha o magistério só com o segundo grau até eu fazer estágio numa sala de aula. Aí no contato com as crianças, no convívio, no teu jogo de cintura, me fez parar para pensar... Porque... a gente também teve a professora Tânia no magistério. Então fez diferença também. Porque ela fazia a gente... Ela perguntava, ela fazia a gente parar para pensar

no desenho da criança, ela já tinha uma boa formação também em psicologia porque ela fazia então a gente refletir no que tinha visto na sala de aula. Trazia naquela época os trabalhos das crianças para ela. E ela analisava. Ela olhava, comentava e isso despertava curiosidade na gente. No outro dia eu observava com mais atenção. Mas...

E: Na prática foi como porque daí você tá falando do tempo do magistério e você teve estágios ou depois que você se formou, você entrou como professora que você começou a fazer essas reflexões?

N: Não. A época do estágio foi muito curta. Então era pouca reflexão minha. Com aquelas pastas de desenhos ilustrativos para histórias para isso e para aquilo... você ia fazer... nossa... espetáculo da aula!! E quando a gente entrou na sala de aula mesmo não era isso. E eu comecei o primeiro ano substituindo a professora Rossi lá no Gramado. Era uma sala de multisseriada também. Era uma media de 5 alunos de cada série.

E: Na mesma escola que você estudou você voltou para ser professora?

N: Na mesma escola que eu estudei, aham. Então eu achei que era muito complicado. E a insegurança do primeiro trabalho, do primeiro ano é... mas aquelas as aulas com os professores bem informados fazia a gente pensar, buscar, sair perguntar, pedir ajuda para outros que estavam em sala de aula. A insegurança logo que você sai do magistério... e pegar uma turma multisseriada no interior... é completamente diferente daquilo que você tinha em sala de aula.

E: E lá você pegou primeiro ano?

N: Primeiro ano na sala multisseriada.

E: Então você ficou responsável por todos?

N: Por todos, uhum

E: Se você olhar, isso faz quantos anos?

N: Uns 23 anos

E: 23 anos! Você olhar para aquela professora Noeli que foi naqueles primeiros anos lá com crianças de primeiro, segundo, terceiro ano. O que ela fez de diferente da professora Rosa, professora Gessi que foram nossas professoras, assim o que você olha "nisso eu inovei"?

N: O convívio com as crianças. Convivência. O relacionamento pessoal. É...a...o perguntar para eles o porquê disso, porquê aquilo, porquê que você fez isso? E não dava para você fazer a mais? Incentivo a fazer mais! "mas eu não sei..." Faça do jeito que quiser!! "Mas se fica feio?" Não tem problema, é teu! Se alguém achar feio problema de quem achou feio, é teu! Valorizar o trabalho deles. Eu lembro que isso eu fazia! Mesmo quando chegava a Kombi da prefeitura... corria e escondia um monte de coisa... porque era pura insegurança... e hoje eu olho...

E: Qual que era preocupação?

(risos)

N: A Kombi da prefeitura. Era tão insegura!! Dava uma atividade assim... que para os meus alunos era "o que legal"... (risos) era do dia a dia... mas... se chegasse a Kombi da prefeitura... apagava tudo!!!! (risos)

E: Porque não tinha...

N: Insegura...

E: Não tinha certeza...

N: Não tinha segurança, certeza

E: Você não tinha certeza daquilo que estava ensinando... Encaminhamento adequado.

N: Aí um dia a Nilda chegou de surpresa assim. Eu não ouvi a Kombi chegar. E ela bateu na porta e entrou... daí falou: "se você não vem nos receber vamos entrando". Mas eu realmente não ouvi. E ela achou interessante a atividade que eu estava fazendo com as crianças do primeiro ano. Porque eu estava trabalhando o número quatro e eles tinham que recortar figurinhas com quatro lados né. E eles cortaram quadrado, retângulo, de revistas velhas que tinha levado. E ela gostou!! A palavra dela "olha que interessante" nunca tinha... Quatro figuras, mas todas tinham que ter quatro lados, né. Daí eu comecei com essa palavra dela "olha que legal quem bom isso, que bom aquilo, ah gostei disso aqui..." O quarto ano estava em equipe tinha que trabalhar sozinho. Olhando lá naquele ano o quarto ano terminou o ano deles nas séries iniciais trabalhando sozinhos. Porque eu tinha que ficar mais atenção porque me chamavam mais no primeiro, segundo e terceiro anos né. E as crianças eram pouco participativas. Elas não se movimentavam, não caminhavam... hoje nossas crianças saem da carteira vai pedir ajuda para outro, vai falar comigo..., as crianças eram ainda sentadinhas na carteira. Era difícil tirar eles dali para uma brincadeira... para se soltarem.

E: E em relação, por exemplo, a questão da matemática...eEm relação a eles assim.

N: Em relação a matemática, eu sabia o que fazer. Eu tinha conteúdo. Eu sabia o que dar e eu já entendia a divisão. Eu já entendia o processo e o que tinha que trabalhar com eles. Mas eu sempre tive insegurança... por causa da minha história na matemática. Eu trabalhava obrigado ne. O que é diferente de hoje. Hoje é um prazer trabalhar com matemática, trabalhar matemática com as crianças.

E: (pode falar depois eu vou...)

(filho da Noeli interrompe a entrevista)

FILHO: pode vir eu preciso te deixar um negocio...

E: Pode ir Noeli, pode ir.

N: Vai misturar as...

E: Aham. Intervalinho, o filho Lucas chamou ela para uma conversa, então estamos num intervalinho não quero desligar o gravador, vou aguardar ela retornar.

(barulho de televisão)

E: Eu anotei aqui o retorno. Eu estava falando aqui que hoje é diferente, hoje você ensina matemática diferente, com prazer.

N: Diferente, com prazer.

E: O que mudou desses primeiros anos lá como professora e daí para hoje? O que mudou?

N: Vendo a matemática como coisas do dia a dia, fazendo parte da nossa vida em tudo o que você faz.

E: Como que você ensina hoje?

N: Hoje... matemática no primeiro ano o básico né. Eles aprendem a contar. Mas eles contam entre eles, os colegas, participando e vivendo no cotidiano deles desde que levantaram da cama, a água que sai da torneira, quantas coisas eles usaram, os números na vida deles né, aonde estão presentes. Tudo que faz parte da vida deles, da nossa vida. Os números nas placas, nos ônibus, no tudo. Ai depois tem também na questão da sala de aula até o formato das carteiras. O segundo ano eles fizeram a maquete da sala de aula, as formas geométricas de cada objeto, dos armários... mas tudo... Essa é a diferença do trabalhar hoje matemática na nossa vida. E antes matemática era um, era uma situação assim muito parece que era distante não estava no nosso dia, não estava...

E: O que você consegue relacionar, por exemplo, essa questão dos jogos com a matemática, é possível isso?

N: Com certeza

E: De que forma que você poderia ou alguma atividade que tenha feito e diga "olhe isso aqui é legal" que trabalho lúdico...

N: É, olha eu te digo assim no cotidiano, no dia a dia os olhinhos deles...o bolão. Quantas garrafas derrubaram, quantas juntaram e daí tem o alvo também que a gente, nós temos um alvo uma quantidade de ponto cada, ai eles tem que contar... quantos pontos cada um fez , ah dos dados e eles tem que fazer contagem dos pontos, quem ganha, quem perde, qual a diferença de pontos entre o ganhador e o que que fez mais pontos e o que fez menos. O que mais?

E: Em relação a escrita por exemplo hoje, na matemática? Né, temos aqui umas palavrinhas de escrita, de história, de textos, conforme você mesmo disse né a matemática não tinha relação com textos?

N: Uhum...

E: Lá na infância

N: Uhum...

E: Na sua formação. Hoje você consegue perceber assim que é possível ou não? Relacionar essa questão da escrita, da oralidade com a matemática?

N: Com certeza...

E: Tem um exemplo que poderia dar, como é que você faz isso como é que a escrita entra na matemática?

N: Receita, a receita do bolo. A receita culinária. A receita da farmácia. A receita do remédio. Por exemplo a maioria deles vem com um remédio para profe dar

com determinada hora com bilhete da mãe com a quantidade que ele tem que tomar, as quantidades de “olha veio na caixinha, eram tantos comprimidos por dia de 8 em 8hrs”. Aí a gente fez no relógio... então se ele está tomando agora, daqui quantas horas que hora que ele vai tomar? E sabe usava essa situação do remédio que a criança trouxe, tantos dias, tantos comprimidos... Pro segundo ano, antigamente eu pensava nossa que absurdo uma criança ter que saber 5 dias, 2 comprimidos ao dia e quantos comprimidos né?! E o tempo que ele vai levar, a gente aproveita essas situações que vem. A receita do bolo, eu aprendi adulta.. Um e meio ou um inteiro ou um quarto, essa medida o que significa? Ah que mais?

E: As histórias por exemplo? Você teve contato com histórias da literatura né que hoje a gente direciona pra crianças lá fora da escola com contexto familiar né. Na sua sala de aula elas acontecem, elas existem na sua sala de aula? As crianças tem experiência com a leitura na sua sala de aula?

N: Nossa, leitura e contação de história lá na sala é o prato do dia! (risos)

E: Conta como isso acontece.

N: A gente cria a rotina né...

E: Como que funciona isso?

N: A gente coloca essa rotina de todo dia. E essa questão da rotina eu aprendi no PACTO. Faz diferença. Eu já tinha, antes no início do ano a gente tinha um contrato didático como funcionar todo dia. E essa rotina escrita no quadro todos os dias e cada um e aquele horário disso, hora daquilo... A segunda feira tem o horário da semana inteira...

E: O que acontece na rotina?

N: A primeira coisa de todos os dias é uma história! Da rotina...

E: O que acontece nessas histórias?

N: A história... um dia a professora conta. Um dia alguém lê história. Um outro dia é alguém que levou um livro para casa... todos eles sempre levam livro para casa. A princípio, no início do ano, era uma meia dúzia de meninas que gostavam de contar história lá na frente. Lia a história, mostrava a figurinha e todos gostavam do colega contar história. Mas como passou a ser repetitivo e aqueles que tinham dificuldade para ler, gaguejavam e ninguém prestava atenção... eu conversei... a partir da primeira reunião com os pais, eu pedi ajuda que eles levariam um livro para casa e os pais ajudariam eles a ler e entender. Ler a história para eles e ajudar na leitura, porque no outro dia ele ia contar essa história. E alguns deles... é... tem duas crianças começaram a ler assim, levando livro para casa, ela aprendeu a ler para contar história lá na frente para os colegas. Porque ela queria aprender a ler para os colegas.

E: Então de três crianças o número aumentou?

N: Aumentou para sala toda. Cada dia em ordem alfabética, por sorteio, cada um conta história.

E: Então, e daí esse é o primeiro item da rotina?

N: É o primeiro item da rotina, história! Muitos dias depois do recreio também. A gente para acalmar eles a gente começa com uma história, dramatizando, não uma leitura... uma contação de uma história.

E: E quando, por exemplo, nesse momento que eles estão agitados daí seria a professora, você que conta?

N: Isso, aham.

E: É você precisar chamar muito atenção pra eles acalmarem e ouvir? Ou quando você menciona história eles já se acalmam?

N: Nos primeiros dias assim que eles gostaram das primeiras histórias passou a.. não precisa mais chamar muito atenção, muitas vezes eu começo com “Era uma vez...” E começo a brincar “Era uma vez...” não precisa repetir três vezes...

E: Eles já estão prontos para ouvir?

N: Já estão prontos para ouvir! E nesse momento de ouvir história a gente muda o ambiente para eles. Ou a gente muda a sala de aula e faz uma roda no meio, sentadinhos no chão ou lá na frente. A gente muda muito as equipes né. A maneira de organizar a turma as carteiras, a gente muda bastante de...

E: na organização? Espaço?

N: Isso, na organização.

E: Isso você organiza no dia com eles? Conforme a atividade?

N: Conforme a atividade.

E: E a rotina começa com a história e aí segue como?

N: Segue a gente voltando onde a gente parou, geralmente é uma tarefa do assunto anterior.

E: Que foi para casa?

N: Aham que precisa se retomar, ver o que a gente viu...

E: Nessa rotina também faz parte por exemplo, além dessa retomada de atividades, talvez um assunto novo que você vá tratar mas tem por exemplo tempo para brincar?

N: Tem...

E: Você prioriza, por exemplo, o tempo pro brincar? E esse brincar está relacionado com aquilo que você vai trabalhar ou o simples momento da brincadeira entre eles?

N: Tem momentos que é só brincar por brincar, uma vez por semana a gente faz uma hora de brincadeira só brincar por brincar a vontade. Tem a cada quinze dias o dia do brinquedo que é uma hora desse dia eles vão brincar sem preocupação nenhuma. E a momento que eu também, estão brincando por brincar mas eu estou direcionando o assunto que eu quero trabalhar.

E: E em relação, por exemplo, a questão da matemática, se for pensar assim, no teu ambiente de sala de aula das coisas que você coloca na parede, por exemplo, o que é que lembra a matemática que dá pra trabalhar matemática, por exemplo você tem o calendário, como que você escolhe?

N: O calendário, datas de aniversários, o painel dos aniversariantes.

E: Uhum.

N: Né, nós temos o relógio. Ah que mais, nós temos também o colar das tampas, das dezenas.

E: Uhum.

N: Que está pendurado lá e eles vão lá contar.

E: Uhum.

N: Dependendo da necessidade deles. Nós temos também o cartaz com os números.

E: Uhum.

N: Mas não foi colocado assim do lado do dois, dois, lado do três, três, porque chega no final vai ter um dois, três, então já são seis palitos, né?

E: Sim, aham.

N: A gente, eu coloquei o número no, a gente colocava cada dia no palitinho, ia acrescentando a quantidade, você está me entendendo?

E: Não estou, essa eu não estou entendendo, explica.

N: Por exemplo, tem aquele livro, tem um texto da galinha do vizinho, para primeiro ano.

E: Sei, aham.

N: Aí tem assim, a galinha bota um, bota, dois, bota três e é a criança ia desenhando.

E: Certo, entendo.

N: Um ovo, dois ovos, três ovos, mas chega no final ela botava dez ovos, mas contando todas aquelas linhas uma centena de ovos, a quantidade é muito grande.

E: Ah, entendi.

N: Entende? Então a gente representa, por exemplo, o desenho de tantas coisas lá com a quantidade real.

E: Desenha para mim aqui.

N: Aqui o texto...

E: É, é. Porque aí você colocou lá, uma galinha bota um ovo.

N: É, o texto da galinha do vizinho que bota ovo.

E: É, eu sei, aham, tá. Então a quinta galinha está pondo cinco ovos.

N: Isso. Antes a gente trabalhava, ela bota um, depois ela bota dois.

E: Dois, isso, põe dois aqui e um aqui então. Isso.

N: Nossa, que coisa feia.

E: Não, é isso mesmo, aham.

N: Depois coloca quatro, né?

E: Certo. Somando aqui já deu dez.

N: Já deu, já chegou a dez.

E: Verdade. Ah nesse sentido? Como que você faz.

N: Então a gente apagou isso aqui. Quando ela bota um, depois ela bota dois, a gente só vai acrescentando.

E: Hum, entendi.

N: Só vai acrescentando. Bota um, bota dois, então né. Quando eu peguei o texto da galinha, toda essa quantidade de ovos, não eram dez. A gente colocou a numeração com o segundo ano de todos aqueles ovos.

E: Uhum, eu entendi. Isso você tem na sua sala?

N: Tenho na sala. Aham.

E: Você trabalhou a história com eles e aí você vai retomando a questão da contagem até dez.

N: Tem também uma história do O Pacto Com o Monstro, que veio naquele acervo de livros do...

E: MEC lá.

N: Isso. E ele vai trabalhando essas questões, porque ele vai fazendo pactos e apostas e ele só foi ganhando, ele fazia um pacto com o povo da aldeia, enquanto o senhor conseguia comer um pedaço de uma fatia de melancia, ele comia seis, sete, melancias, né. Então no próprio livro tem...

E: Como que é o nome da história?

N: O pacto com o monstro.

E: Veio nesses das caixas?

N: Isso. Aham.

E: De histórias. Aham. Quais outras histórias você trabalhou também, assim para a gente saber? Essa da galinha...

N: Iloine, de qualquer história dá para tirar uma situação, dá para criar uma situação de matemática.

E: É?

N: Aham.

E: De quais você, por exemplo, já fez?

N: Por exemplo, castelo de uma princesa, né?

E: Uhum.

N: Com as formas geométricas, com os blocos lógicos, as formas geométricas dessas mesmas partes do castelo a gente tirou, a gente contornou, né, as figuras planas.

E: Uhum.

N: Entende? A quantidade de tempo.

E: Uhum. Você falou das formas geométricas, de tempo de trabalhar.

N: Uhum.

E: Qual outra história, por exemplo, você já trabalhou?

N: Que eu já trabalhei?

E: Que você tirou situações matemáticas, tirou situações problemas da história e deu para trabalhar matemática.

N: Receitas da história da Rapunzel que a mãe tinha desejos de comer, os...

E: Ah.

N: Porque algumas histórias, tem livros que trazem de diferentes, é, legumes frutas que ela tinha desejo de comer, né.

E: Uhum. Aí que legal, o que mais que você lembra assim?

N: O que mais que eu lembro?

E: Você já tem esses anos de experiências assim que você trabalhou história...

N: Mas é que eu não... Varia bastante do dia, né.

E: Sim. Uhum.

N: Porque daí com... Porque a gente já... Ah, que dessa história dá para trabalhar essa situação, né.

E: Uhum.

N: De cada situação, porque como faz parte do nosso cotidiano, do cotidiano dos personagens também.

E: Uhum. Você pega, por exemplo, uma história e daí você faz sequências de...

N: Uhum.

E: De atividades, por exemplo?

N: Tem uma que tem a competição, que a gente coloca, a gente criou uma competição para o lobo e os três porquinhos, que ele ficou amigo do...

E: Como que você encaminha? É, competição do lobo e dos três porquinhos? (risos).

N: Uhum.

E: E aí, você tem essas, por exemplo, essas atividades? Digamos lá que eu queira, é, ter uma experiência na minha sala de aula com esse relato que você está fazendo, né?

N: Uhum.

E: De histórias e daí a partir da história, a partir desse trabalho com a leitura, com a experiência que a criança vai tendo, você também trabalha situações em relação à matemática.

N: Uhum.

E: Como é que você registra isso?

N: Nós temos no planejamento, no desenvolvimento a gente coloca a história que vai ser trabalhada, que vai aproveitar para a matemática, em ciências, é... né.

E: Já tem um direcionamento no planejamento?

N: Já tem o direcionamento no planejamento, né.

E: Uhum.

N: Aí, como a gente faz planejamento juntos, o segundo ano e o primeiro. O primeiro ano eu não estou fazendo, porque não deu certo os horários. Com o segundo ano deu certo. Então, mas aí cada uma trabalha da sua maneira.

E: Certo. E como é que a criança faz os registros dela? Como é que você faz com as crianças?

N: Nós temos o caderno deles, né. E nós temos também a xerocadora na escola...

E: Certo.

N: Tem a impressora, né.

E: Uhum. Você arquiva as atividades deles ou não?

N: Não, eu arquivo um modelo para mim.

E: Certo.

N: Para mim guardar, mas a gente acaba sempre doando para o outro, não usa porque é uma turma diferente, você usa outra coisa.

E: Certo. A escola costuma fazer portfólios, álbuns das atividades das crianças para levarem para as suas casas ou é esse caderno de registros?

N: No caderno de registros e uma pastinha que eles vão guardando as atividades deles, né, soltas.

E: Certo. Uhum. Que ai eles levam...

N: E o caderno. Isso, aham.

E: Levam para casa final do ano. Você fotografa as atividades ou não?

N: Não, até o PACTO a gente não fotografava nada.

E: Certo.

N: Não registrava, a gente registrava pouca coisa também dos resultados que a gente e agora a gente, eu tenho muito pouco tempo para registro, mas eu gostaria de ter mais tempo para registrar, né.

E: Uhum.

N: Porque você observa mudanças. Você percebe evoluções. Certos questionamentos deles, assim... nossa que interessante!! Como ela viu... do ponto de vista dela! Eu queria ter mais tempo no final do dia para parar e anotar tudo isso. Mas a realidade da gente não permite, né?

E: Uhum. A quantidade de atividades...

N: Aham, muitas vezes eu fico dois três dias com uma história... tem que escrever isso! Tenho que registrar aquilo! É porque é interessante, é bom! Eu quero dividir no próximo curso. E muitas vezes eu chego no outro dia no curso e não consegui registrar. É porque o tempo não permitiu.

E: Uhum. E como é que funciona essa questão com a oralidade hoje na sala de aula. Como que, por exemplo, a professora Noeli hoje, né, ela tem uma história lá na infância onde ela não era estimulada para falar, né, para explicar qual processo ela estava usando para chegar naquele resultado e até por fim nem queria que tivesse né.

N: Uhum.

E: Nem queria falar.

N: Uhum.

E: E hoje, como que é que teus alunos reagem, fazem?

N: A gente aprendeu como não ser, né.

E: Uhum.

N: Nos ensinaram como não ser.

E: Sim.

N: Eu procuro agir como que eu gostaria que agissem comigo quando eu era criança.

E: Certo, e como que é isso?

N: E aquelas crianças com dificuldade para se expressar, a gente procura sempre motivar a falarem, a participar. E nós temos também a psicóloga na escola que conforme a situação, conforme o que está acontecendo com a

criança ela ajuda, orienta, conversa com a criança, nos ajuda no que fazer se não está conseguindo com que ela participe mais.

E: Uhum.

N: O que nos dias de hoje é raro os casos, né.

E: Tem crianças que não falam?

N: Que não falam. A não ser aquela criança que vem com algum problema na vida dela, né.

E: Uhum.

N: Na família, mas a gente logo descobre e procura ajudar. Como trabalho oralidade, todos participam muito, né. Eles são muito...

E: Por exemplo, você vai tratar um assunto novo com eles, é, qual é o primeiro passo que você faz?

N: Escutar eles.

E: Sobre?

N: Sobre... Lanço o assunto.

E: Certo.

N: Uhum.

E: Uhum.

N: Eu pergunto. Um dia...

E: Você pergunta o que?

N: É, por exemplo, eu distribui um texto sobre o meio ambiente.

E: Certo.

N: Sobre a necessidade, a relação de um elemento com outro na natureza.

E: Certo.

N: E eles, ninguém quis saber nada, o que significa isso? O que quer dizer, né? Essa interdependência, o que são recursos, falei recursos naturais, mas o que é isso? O que significa?

E: O que eles entende do assunto.

N: O que vocês... Tá, mas eu li aqui e ninguém perguntou nada, ninguém quer saber, né. Aí eles começam a dar a opinião deles, e você, você acha que é isso mesmo? Né, eu quero saber deles o que eles entenderam, o que é isso? Aí depois de escutar todo mundo, então vamos descobrir, o que é? O que são os recursos naturais, né.

E: Entendi. Uhum. Então além da contação de histórias por eles, que aí você já está trabalhando a oralidade...

N: Uhum.

E: Você também busca saber deles, né, os conteúdos que você vai abordar, saber o conhecimento que eles tem.

N: O conhecimento prévio deles.

E: Aham. E aí você consegue perceber que depois desse trabalho que você realiza, eles também, é, vamos dizer assim, evoluem? Do conhecimento...

N: Uhum.

E: Do senso comum para o conhecimento científico.

N: Porque só jogar, os recursos naturais, a água... Né, pode passar batido por muita criança, né.

E: Certo.

N: Pode passar despercebido. Faz atividade. Responde e copia do colega que está no grupo e né... mas se parar para pensar, o que é isso? Do que ela está falando? Mas ela está me perguntando porquê?

E: Sim.

N: Porque tem que saber isso? Faz a diferença.

E: Com certeza. Com certeza. E aí se você, por exemplo, é, parar para pensar assim na tua atuação hoje como professora, né, o que você achou assim que, o que você acha que faltou na tua formação como professora de magistério e pedagogia como aluna? Nas tuas experiências que você tem hoje, o que você acha que falta?

N: Como trabalhar, o que trabalhar.

E: O conteúdo.

N: O conteúdo, cada criança, a fase de cada criança, o que ela tem que saber nessa idade. O que eu tenho que ensinar para ela? Sabe, eu me peguei muito nessas situações. Mas nessa idade o que eu tenho ensinar, o que tenho... Tem conteúdo, mas de que forma também trabalhar isso com ela.

E: Isso a faculdade não dá?

N: Isso... Não dá, não dá para você.

E: Isso você foi construindo no dia a dia?

N: No dia a dia.

E: Sozinha em sala de aula, na escola?

N: Não, não, sozinha eu ia estaria sapateando na lama, sabe?

E: Sim.

N: Estava no mesmo lugar. Eu acho assim que a gente teve, na nossa escola o município procurou dar sempre essa formação continuada aos professores.

E: Uhum.

N: E na escola a gente sempre teve a oportunidade de parar, discutir, lá essas horas atividades, a escola proporcionou que as turmas se juntassem, né. Só mesmo quando não era possível um horário de um professor do quarto ano juntar com quarto ano, segundo ano junto.

E: Nos momentos de planejamento?

N: Isso, nos momentos de planejamento.

E: Na hora atividade?

N: Isso faz muito tempo que acontece e faz a diferença.

E: Uhum. É, eu pulei, a gente estava falando de oralidade, queria te perguntar outra coisa, por exemplo, você me disse que organiza a sala de diferentes maneira para trabalhar um conteúdo ou outro, né. Como que é essa organização? Você diz assim, organizo para trabalhar sozinhos, organizo para trabalhar em duplas, em grupos, como que você organiza e, é, que tipo que acontece assim com mais frequência?

N: Sozinhos, eles só trabalham, a minha turma, nos dias de hoje, só trabalha sozinha nos dias que eu preciso de uma atividade que preciso para avaliar, por exemplo, para observar o que ele está conseguindo sozinho.

E: Certo.

N: Porque a maior parte do tempo é em dupla, é em equipe, é se tem uma criança com, por exemplo, tem uma criança lá que tem dificuldade de trabalhar em todos os grupos.

E: Sim.

N: Então cada grupo que ela vai, ela briga, ela, né. Então eu tenho que colocar ela cada dia em um grupo. Eu coloquei ela com... E quando ela se adaptou melhor com uma criança, não que a criança fosse submissa a ela, obedecesse ela...

E: Uhum.

N: Mas que a criança era mais tolerante e ajudava também ela nesse comportamento, então foi ali que ela foi ficando.

E: Uhum.

N: É, eu acho que funciona melhor, rende mais o trabalho, quando eles fazem as suas escolhas!

E: Certo.

N: Com quem querem...

E: Com quem querem trabalhar.

N: Com quem querem trabalhar aquele dia. Quando eu faço sorteio, né, nas duplas ou equipe, geralmente tem uma ou duas ou até mais que não...

E: Que não se organiza no jogo.

N: Que não se organizam, não rende o trabalho, é aquele que é do contra, é aquele que não quer ajudar. Quando eles se organizam sozinhos funciona.

E: Uhum. Então normalmente você permite que eles se organizem.

N: Que eles se organizem. Aham.

E: E essa organização tem uma...

N: Procurando não repetir sempre, não ficar muitos mesmos.

E: E essa organização acontece como, em duplas, trios ou grupos maiores? Ou então, hoje é dupla, amanhã é trio.

N: É, hoje é dupla, amanhã é trio, semicírculo.

E: Entendi.

N: Tem dia que dou atividade sozinho. Eles gostam de sentar em fila!

E: Hum.

N: Eles pedem para sentar em fila.

E: Uhum.

N: Professora vamos sentar em fila?

E: Uhum.

N: Eles gostam de sentar

E: Eles também gostam...

N: Aham, eles também gostam de sentar...

E: E você como professora, o que você gosta mais? Quando eles estão de que forma? Que é melhor para trabalhar.

N: O que é melhor, para quem quer, assim, uma turma calma, silêncio (riso) sabe a moda antiga? (risos)

E: Uhum.

N: É colocar em fila. (risos).

E: Colocar em fila? Um atrás do outro.

N: Um atrás do outro. (risos).

E: Qual dá mais trabalho?

N: Hã?

E: Qual que dá?

N: É em grupo. Em grupo dá mais trabalho.

E: E você...

N: Mas eles aprendem, eles conseguem se organizar.

E: Por exemplo, na matemática...

N: No resultado, por exemplo, dos trabalhos, na hora de apresentar o trabalho, o que... Sempre nos primeiros momentos, nas primeiras equipes formadas, na hora da apresentação do trabalho, o que a equipe descobriu? Que conclusão ela chegou?

E: Uhum.

N: No final da atividade faz a diferença para no outro dia, o outro trabalho de equipe, entende? O envolvimento deles faz a diferença na hora de apresentar.

E: Sim.

N: Porque se for trabalhar por trabalhar, não tem para quem mostrar na equipe, não...

E: Mas como assim, que tipo de trabalho que você está falando? Exemplo?

N: Vamos, já que você está falando de matemática.

E: Uhum.

N: Na matemática, um jogo, né. Quantos pontos alguém fez, quantos né... Eles apresentam, tem uma folha para colocar, né.

E: Certo.

N: E aí a gente também expõe no mural esse resultado do jogo...

E: Ah, então na equipe eles fazem um registro...

N: Isso.

E: Eles apresentam para os demais o resultado alcançados, seria isso?

N: Uhum. Uhum. Também pode ser aproveitado depois em um gráfico, né. Na tabela.

E: E a gente estava falando a questão da formação, né. Então trazer para a formação inicial do professor, é aquilo que se ensina em cada uma das turmas, né...

N: E como ensinar.

E: E como ensinar.

N: E como ensinar, como...

E: E o que você conseguiu foi compreender isso no processo de planejamento em conjunto com a escola, as formações continuadas.

N: Uhum. Isso aí.

E: Que é isso que ajudaria o professor na sua prática diária.

N: Uhum.

E: É, das coisas que nós conversamos, o que você acha assim, que poderia nos contar, o que você acha relevante na tua profissão, coisas que você vê assim que tem dado um bom resultado que poderia servir para a gente, enquanto estudante, para outros professores que...

N: A formação da criança como cidadão, né?

E: Uhum.

N: Que nunca ninguém nos passou uma preocupação com a vida em sociedade, né. Que aquilo ali vai ser parte do seu futuro, parte da tua vida, teu mundo, né.

E: Uhum.

N: Buscar uma preocupação social com o outro, o lugar que ocupo nesse mundo, né.

E: Uhum. E você acha que isso é possível fazer nos primeiros anos?

N: Com certeza.

E: Como que você faz isso? Como que você, nessa idade, trabalha com eles assim?

N: É. Até nas historinhas, né. Valores, é, a questão da, uma questão muito tratada hoje de meio ambiente, né.

E: Uhum.

N: O posicionamento deles perante a uma sociedade que joga lixo na rua. A gente não teve isso, né.

E: É formar opinião sobre a...

N: É a formação de opinião.

E: Opinião e mudança de atitude.

N: Mudança de atitude.

E: Uhum. Então isso também faz parte...

N: O posicionamento deles, né, em... Hoje criança, mas amanhã é adulto.

E: Uhum.

N: E essa busca por um mundo diferente, um mundo melhor.

E: Uhum. E quando você pensa essas coisas, no teu planejamento você já direciona?

N: Já, já direciona.

E: E em que momento assim, por exemplo, na hora da escolha dos textos que você, quando você tem esse olhar para essa formação do cidadão, é na hora que você seleciona os seus textos você se preocupa com isso?

N: Na hora que seleciona os textos e também no dia a dia, né.

E: Uhum.

N: Sempre tem momento que você tem que parar para pensar, para conversar, para questionar, deixar falar, aí você dá um né, uma opinião sobre a questão. Tanto no planejamento como no dia a dia.

E: Sim.

N: Nas...

E: Nas tuas conversas, atitudes.

N: Isso. Nas atitudes dele, no convívio da escola, no convívio em grupo.

E: Uhum.

N: O que é bem coletivo, o que é de todos.

E: Uhum.

N: O que faz a diferença, uma atitude minha, um pensamento meu.

E: Uhum. Se você voltasse no tempo e fosse à professora lá da tua infância, no momento que você foi alfabetizada.

N: Hum.

E: Qual a primeira coisa que você faria diferente?

N: Eu ia parar para ouvir, ia conversar, ia cantar um pouco, ia rir.

E: Uhum.

N: Ia descontraír, ia colocar aquelas crianças para brincar um pouquinho, sabe? É colocar um pouco de felicidade naquilo! Vida naquela sala de aula! Porque olhando para trás, como era chato, né? Como era, assim, uma prisão aquilo, era uma cadeia, era um, era uns momentos, umas horas intermináveis que não passavam mais! (risos).

E: E hoje as suas crianças, você percebe alegria?

N: Alegria.

E: Na ida para escola? Estar na escola.

N: A segurança deles, a vontade de estar ali, se sentir bem, sabe? Independente do que ela está fazendo, não se preocupar se está certo, se está errado. O desenho que ela está criando, a criatividade dela. Estimular a criatividade que a gente ouve muito, que era feio, que estava errado, que não era assim. Um desenho livre já fazia errado. (risos).

E: E as crianças cantam na tua sala?

N: Muito.

E: Cantam?

N: Todo dia, a gente canta, dança.

E: Faz parte da rotina também?

N: Faz parte da rotina também.

E: Ah, que bacana. Eu acho que para mim assim, está aberto, se você quiser me falar mais coisas para me acrescentar, tem me acrescentado bastante, né, o que você disse, vai me acrescentado bastante na minha pesquisa.

N: Alegria em compartilhar, sabe? Levar, eu assim, faz uma diferença bem grande. "gente eu li um determinado assunto eu tenho que dividir com vocês, olha o que eu escutei, olha o que eu li", né?

E: Você chega assim na sala?

N: Aham. "Olha, presta atenção". Um dado lá né... Por exemplo a quantidade de água do planeta, só potável. Olha, fazer, sabe, uma motivação, a curiosidade, motivação a querer ouvir, faz a diferença, a gente nunca teve isso, né.

E: Uhum. (barulho de carro ao fundo).

N: Ah, o que eu te disse se eu voltasse atrás eu ia parar para ouvir, olhar no olho. A preocupação, olhar cada um, a preocupação de você estar entendendo, se tem alguma dificuldade, o que você quer saber. A criança disfarça, se ela não quer fazer ou ela não quer aprender. Quando eu disfarcei e não quis aprender matemática e fingi que eu sabia. É... os meus alunos não conseguem fingir que sabem e ficar sem fazer, porque em algum momento eles, né, tem que fazer, ele vai. Porque... Descobrir porque o aluno não está fazendo, porque ele não está conseguindo. Acompanhar mesmo, é, não é possível todos os dias, mas acompanhar cada um.

E: Ah eu acho que muito legal. Obrigada porque assim foi muito legal a conversa, achei que você...

N: Ah, uma coisa assim que é muito bom, chegar naquela fila, muito professor chega, né, aquela cara assim séria, amanheceu azedo. E eu chego naquela fila assim e olho para eles. Estão todos me olhando. Vocês já estão prontos na fila para entrar? Né, entregando beijinho, oi, ou então tem aluno que se despenca correndo para me agarrar, para me abraçar... sabe aquela saudade? Que coisa boa!!

E: Uhum.

N: O prazer de conviver! O prazer de estar junto! Isso não atrapalha em nada!

E: Uhum.

N: Isso só contribui. Ajuda, né, só faz bem! A criança se sente bem em estar ali com quem olha para ele. Escuta ele, né. Motiva ele.

E: Uhum.

N: Não estou conseguindo... não tem problema daqui a pouco tu consegue. É diferente a convivência do que a gente teve e não precisa ser mãezona, nem nada. É só ser professora que está ali, que gosta deles, né.

E: Uhum.

N: Que o ambiente foi preparado por ele, que tudo se faz para ele na escola, ele se sentir importante naquele ambiente, o quanto ele foi esperado estar ali. Eu recebi uma cartinha de uma mãe me agradecendo que foi o primeiro ano que a filha gostou de vir para a escola, é, ela agradeceu por ter desenvolvido na menina, na criança, a vontade de estar lá na escola.

E: Uhum.

N: E a gente não é melhor do que ninguém, lloine. Ninguém é melhor do que ninguém. Mas o convívio do dia a dia a gente tem que procurar fazer o melhor, porque muitas crianças só tem isso. Só tem esse momento que alguém olha...

E: Aí você perceber que isso é uma coisa que de fato a faculdade não vai ensinar.

N: Não.

E: É algo também que vai muito da pessoa, né?

N: Uhum.

E: Claro que você não teve isso na tua formação, na tua infância e você percebeu que isso era algo importante, né.

N: Uhum.

E: E por isso você então se envolveu, né.

N: Uhum.

E: E talvez os teu alunos, pelo fato de ter recebido da sua parte, consigam prosseguir se caso forem professores.

N: Isso. De uma forma diferente.

E: Fazendo o que você faz, né.

N: Uhum.

E: Não por não terem tido, mas por terem tido, né.

N: Isso mesmo.

E: Então acho isso bacana...

N: Eu vi uma frase que a gente ensina como aprendeu, né.

E: Pois é, mas pelo que eu estou vendo você, você não teve, né, mas está fazendo uma coisa que lhe faltou.

N: É o que eu sempre ensinei para os meus filhos também. A gente fazer ao contrário daquilo que, por exemplo, aquilo que fazem de errado também nos ensina, a não fazer, a não ser. E na profissão fez a diferença.

E: Uhum.

N: Eu estou tentando lembrar o que eu estava lembrando antes para te falar. Uma coisa assim que marcou muito na infância foi assistir, eu não levei assim, eu levei os castigos de ficar sem recreio, as coisas assim.

E: Sim.

N: Mas a gente assistiu umas barbaridades, né. Umas surras a professora com vara, em outros alunos.

E: Sim.

N: Tinha os rebeldes que respondiam, aqueles passavam a ser as crianças vistas como os, era criminoso, né. Por ter a petulância de responder a professora.

E: Uhum.

N: E quando a gente lembra daquilo, se a gente tivesse tido a orientação que as nossas crianças tem hoje. Eles se revoltam, eles falam, eles vão em busca de mudança.

E: Até porque essas situações nem ocorrem, né assim de forma tão clara como acontecia no nosso tempo.

N: É, não, mas o que me refiro assim ó, que se a gente olhando lá para trás, se a gente tivesse tido uma orientação de lutar por um mundo melhor e não ter medo de reclamar daquilo que não gostava e falava, de conseguir falar o que sentia, quem sabe teria sido diferente, né. Porque graças a Deus, essas coisas não ocorrem, é, evolui muito, por esse lado bom, mas o que eu digo que as nossas crianças hoje não veem isso, mas qualquer atitude que elas veem que

não está certo, que não está correto, elas falam, a maioria delas falam, né. Elas estão educadas para falar, a opinião delas, elas expressarem e a gente não teve isso.

E: Exatamente, elas podem pensar sobre as coisas que ocorrem na vida e não só pensar, mas terem opinião sobre falar...

N: Uhum.

E: Sua própria opinião.

N: Uhum.

E: Isso faz diferença, isso a escola, ela tem tido dificuldade acho com essas coisas, né.

N: Uhum.

E: Com esse tipo de infância.

N: É.

E: De se relacionar com esse tipo de criança.

N: Uhum.

E: Ou não, você acha que não? Por exemplo, essa criança falante, essa criança que tem opinião.

N: Nossa, como teve dificuldade, né.

E: Mas...

N: E hoje eu vejo nossas crianças sendo ouvidas, aquelas crianças que mais aparentam a rebeldia, né, a escola primeiro escuta, a escola atende, né. Essa diferença hoje nas nossas escolas, do que a escola que a gente estudou, né.

E: Sim. E aí vamos pensar assim para fazer um fechamento da nossa conversa, em relação à questão de você pensar em relação à matemática, né. Você acha que o fato de nós termos infância mais falante que pensa, que conversa, que tem acesso a materiais escritos, isso contribui para o aprendizado da matemática?

N: Contribui. Só que eu acho que muda, eu tenho esperança em que mude daqui para frente, né, porque até então os professores tem se dedicado, tem feito sim, mas eu acho assim que como ela é vista hoje, como ela é tratada agora, como ela é direcionada na escola vai fazer a diferença.

E: Agora você diz, agora quando?

N: De uma formação, eu vejo na minha escola.

E: Está certo.

N: Aqui, de uma formação que a gente teve, depois de algum tempo, formação continuada, entende?

E: Certo.

N: De uns anos para cá, assim. É o município, a secretaria de educação vem direcionando os cursos de matemática, vários cursos houveram, para que isso fosse mudando, né?

E: Uhum.

N: Então eu vejo assim uma mudança com os colegas na escola diferente, né.

E: Uhum. E isso tem contribuído para que, né, que essas questões em relação à leitura, a questão dos próprios registros, a questão da oralidade seja valorizadas nessa relação com a matemática.

N: Uhum. Deu, eu posso falar de primeira a quarta, né

E: Sim.

N: Deu, de primeiro ao quinto ano.

E: Sim.

N: Pelo que eu vejo nas séries iniciais eu acho que isso com certeza. A escola hoje proporciona momentos para a criança, para ela repassar para os colegas o que ela sabe, né.

E: Como assim?

N: Como assim, um exemplo, a semana passada, nos dias da copa ali, a escola inteira se envolveu em atividades de pesquisa sobre a copa. Nós, segundo ano, fizemos livrinhos com todas as bandeiras, nomes dos países, né, a gente fez um, estava trabalhando o vento, o ar, a gente aproveitou o cata-vento com cores da bandeira O quarto e quinto ano fizeram estudos dos...

E: Sobre os países.

N: Sobre os países, e um aluno foi tão a fundo no assunto que ele estudou assim, ele sabia as questões geográficas, né, dos países, a população, ele falou de terciário e secundário, sabe? A economia do país, se era terciária ou secundária...

E: Uhum.

N: Primária. E ele, a escola proporcionou uma palestra para ele, para o quarto e quinto ano.

E: Uhum. Aí ele falou para as turmas?

N: Falou, para as turmas...

E: Como foram as suas pesquisas.

N: Aham, para as turmas e para, e ele, primeiro ele explicou o que ele entendia de terciário, secundário, né.

E: Uhum.

N: A mão de obra dele, todas as situações assim que ele...

E: Uhum.

N: Que ele pode estudar...

E: Econômicas, políticas.

N: Econômicas, moedas, né, a língua...

E: Uhum.

N: É, e ele falou assim, sem precisar de escrita nenhuma.

E: Que bacana isso. Mas Noeli eu quero agradecer você por ser minha colaboradora da pesquisa, muito obrigada, foi maravilhoso. Acho que assim, contribuiu bastante assim, a nossa conversa e daí nós temos como combinado a minha transcrição né, disso que você conversou comigo.

N: Uhum.

E: E daí meu retorno com você de novo para a gente ver detalhes...

N: Uhum.

E: Talvez alguma coisa que tenha ficado...

N: Uma coisa assim que eu gostaria de colocar, Iloine, é a questão das nossas professoras, né, que a gente sempre fala de detalhes da nossa escola como era.

E: Sim.

N: E passa, parece passar a professora ser uma vilã, mas não é culpa dela, né. Ela foi colocada ali sem preparo nenhum, despreparada para... É porque era daquele jeito na época, né.

E: Sim. Era uma questão educacional.

N: É.

E: Política, econômica, não havia mesmo professores formados para atuarem naquele contexto, né.

N: Uhum. Não. Não. No final das contas, até que tinha que ser agradecidas aquelas pessoas estarem...

E: Sim.

N: Porque às vezes era única na comunidade...

E: Sim.

N: Que poderia...

E: Assumir essa responsabilidade...

N: Assumir essa responsabilidade.

E: Dos filhos das pessoas que moravam lá.

N: Aham. Eu por nenhum momento hoje eu vejo elas como bruxas da história, né.

E: Sim.

N: Eu até tenho pena delas por terem passado por situações sem preparo nenhum, mas elas também não eram cobradas nem nada.

E: Sim. Não, mas está tudo bem. Então está bom, obrigada, eu vou desligar o nosso, a nossa entrevista.

N: Você sabe que eu sou bastante insegura até hoje, né?

E: Sério?

N: Eu fico sempre achando que faltou alguma coisa, que eu não falei legal.

E: Não, mas daí... Falou super bem.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Noelide Helena Chacelski, portador (a) do RG 5747938-8, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Noelide Helena Chacelski, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 25 de Julho de 2014.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Noelide Helena Chacelski de Abreu

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA
TEXTUALIZAÇÃO**

Eu, Noelide Fatima Chacabki, portador (a) do RG 5.747.938-8,
afirmo que após ter lido o texto da textualização da entrevista por mim
concedida em 05/07/14, e após ter feito minhas considerações e solicitado
modificações nas seguintes partes da textualização:

Onde se lê:

Lê-se:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das
informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do
texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Noeli de Fatima Chrecelski, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 14 de janeiro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Noeli Chrecelski

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M.B. Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Noeli de Fatima Chacelaki, portador (a) do RG _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO** desenvolvida pela pesquisadora Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email: ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária, por meio de entrevista aberta com o uso de fichas, a ser gravada em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que considere inadequadas.

Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Noeli de Fatima Chacelaki, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 05 de julho de 2014.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Noeli Chacelaki de Abreu

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M.B. Martins

ANEXO E – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Natieli
Sales e termos de autorização.

1ª entrevista**Entrevistado: Natiele Sales****Data da Entrevista: 04/07/2014****Transcrição: Fabiane Prazeres****Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins**

(Barulhos ao fundo)

Pesquisadora: Então vamos lá! Vamos conversar um pouquinho. Primeiro eu vou precisar saber o nome de vocês, então fale o teu nome.

Natiele: Natiele

Pesquisadora: Natiele. Do que?

Natiele: Sales.

Pesquisadora: Sales? Você tem quantos anos?

Natiele: Sete.

Pesquisadora: Sete. Você sabe o dia do seu aniversário? Que dia que você faz aniversário? Não sabe? O nome do seu pai?

Osni: Ela não tem pai.

Pesquisadora: Não tem pai. O nome da mãe?

Natiele: Natalina.

Pesquisadora: Natalina. Salles?

Natiele: Natalina Alves.

Pesquisadora: O teu é Alves ou é Salles?

Natiele: É Salles.

Pesquisadora: Salles, tá. O nome da tua professora?

Natiele: Ivania.

Pesquisadora: Ivana. Nome da sua escola?

Natiele: Escola Estadual.

Pesquisadora: Escola Estadual?

Natiele: Indígena Iuclinton.

Pesquisadora: Indígena... Indígena?

Natiele: Iuclinton.

Pesquisadora: Iuclinton? Uhum. Você estuda em qual série?

Natiele: Segunda.

Pesquisadora: Segunda série?

Natiele: Aham.

Pesquisadora: Tá. Segundo ano. Você usa quantos cadernos na escola? Pode falar. Você tem de português? O que mais?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Matemática?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Tem caderno de matemática? Tem mais algum?

Natiele: Português.

Pesquisadora: Português. Tem de história?

Natiele: Tenho.

Pesquisadora: Tem? Tem de geografia?

Natiele: Tenho.

Pesquisadora: Tem.

Natiele: Tenho.

Pesquisadora: Aham. Então quatro cadernos? Você desenha nos cadernos?

Natiele: Eu escrevo.

Pesquisadora: Escreve. Eu escrevo... qual caderno você escreve mais?

Natiele: Português.

Pesquisadora: Português? Uhum. E você tem um caderno só de quadradinhos?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Sim? O que que você escreve nesse caderno?

Natiele: Nós fazemos continha.

Pesquisadora: Fazem contas, continhas? Aham. Você desenha no caderno de quadradinhos?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Sim? O que você desenha?

Natiele: Triângulo...

Pesquisadora: Triângulo.

Natiele: Retângulo...

Pesquisadora: Retângulo.

Natiele: Quadrado...

Pesquisadora: Quadrado. O que mais? Só?

Natiele: Só.

Pesquisadora: Depois que você lembrar, você pode me falar. Tá bom? Então agora nós vamos fazer um joguinho. Osni vai esperar, que aí segunda vez é a vez do Osni, pode ser? Então assim, como que funciona o jogo. Aqui é um desafio, são seis desafios, em cada envelopinho desse tem um desafio. Se você falar na hora do desafio, se você falar na hora do desafio e acertar tudo, você vai ganhar um boneco desse aqui, um dedoche, tá. Então em cada um desses desafios você vai ganhar um desses bonecos, tá bom? Não é difícil, você só precisa conversar comigo, tá. Então vamos lá. Primeira coisa que você vai fazer é jogar um dado, tá? Você vai jogar o dado, saiu número um. Então aqui é à saída do jogo, né. Então você vai andar as casinhas. Em cada uma dessas, dessas... Desses bilhetes, a gente vai ler e você vai responder, tá bom? Quando chegar no desafio, você faz o desafio e ganha um bonequinho. Topa? Tá afim? Então vamos lá. Joga o dado! Isso saiu o número um. Então você tá aqui, né, saiu aqui vem aqui, então aqui tá escrito o que? Avance quatro bonecos. Oh os bonecos, então você vai avançar quatro, pode andar.

Osni senta aqui desse lado. Isso. Um. Pode contar. Dois, três, quatro. Oba! O primeiro desafio, vamos ver o que você precisa fazer. No primeiro desafio tá escrito assim: desenhe o que você mais gosta de fazer na escola. O que você mais gosta de fazer na escola? Desenhe nesse, nesse aqui. O que você mais gosta da escola? O que? Vamos pensar o que você mais gosta de fazer na escola.

Natiele: A professora.

Pesquisadora: A professora? Então desenhe a professora! (silêncio) Isso, primeiro desafio, vamos ver! (silêncio) O que você mais gosta de fazer na escola é ficar com a professora? E o que a professora ensina que você gosta? Hã?

Natiele: Escrever.

Pesquisadora: Escrever? Hum. Escrever o que? Sobre o que você escreve?

Natiele: Sobre bola, boneca, carrinho...

Pesquisadora: Bola, boneca, carrinho...

Natiele: Boneco.

Pesquisadora: Boneco. Uhum.

Natiele: Só.

Pesquisadora: Só, então tá bom. Eu acho que você cumpriu seu desafio. Então tá aqui seu primeiro bonequinho que você ganhou. Aí, vamos seguir então agora. Próximo. Pode jogar. Pode jogar o seu dado, jogue aí. Dois. Então pode avançar dois bonequinhos. Um, dois. Oh, aqui tem uma flechinha, vamos ver o que tá perguntando aqui. O que você não gosta de fazer no caderno de matemática?

Natiele: Colar...

Pesquisadora: Colar?

Natiele: Colar as coisas.

Pesquisadora: O que vocês colam no caderno?

Natiele: Desenho.

Pesquisadora: Daí você não gosta de colar? Por quê?

Natiele: Porque é ruim de ficar ponhando.

Pesquisadora: É ruim ficar ponhando a cola? É ruim, pega na mão? Por quê é ruim?

Natiele: Porque gruda na mão.

Pesquisadora: Ah, daí fica ruim. Uhum. Então é isso que você não gosta de fazer no caderno de matemática?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: E o que você gosta?

Natiele: Só de matemática.

Pesquisadora: Só de matemática. E o que você estuda de matemática?

Natiele: Continhas, escrever...

Pesquisadora: Como que são essas continhas?

Natiele: É de mais.

Pesquisadora: De mais? Hum. Você faz essas continhas de mais só na escola ou vocês usam na aldeia também?

Natiele: Na aldeia também.

Pesquisadora: Na aldeia. Em que horas vocês usam na aldeia, que precisa fazer continha de mais, precisa fazer ou não?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não precisa? Vocês ajudam vender o artesanato ou não? Por exemplo...

Natiele: Mais ou menos.

Pesquisadora: Mais ou menos? Se a pessoa compra dois artesanatos, você precisa usar a continha de mais pra saber quanto que vai custar?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: É bom então saber as continhas? Eu acho que você conseguiu cumprir essa tarefinha, mas não é um desafio, então a gente vai seguir o jogo. Pode jogar o dado, cadê? Aqui, joga! Três. Pode seguir

Natiele: Um, dois, três.

Pesquisadora: Três. Segundo desafio. Vamos ver o que é o segundo desafio. Lalala. Desenhe o que você mais gosta de estudar. Aqui você desenhou o que você mais gosta de fazer na escola, aí você disse que gosta de estar com a professora, né? E agora você vai desenhar pra mim aqui, o que você mais gosta de estudar. O que será que você gosta de estudar? O que você gosta assim, que a professora ensina e você está aprendendo.

Natiele: A escrever.

Pesquisadora: A escrever? Como que você pode desenhar isso? Você escrevendo.

Natiele: Eu escrevendo!!!

Pesquisadora: Então vamos ver você escrevendo (silêncio). Que linda! Desafio cumprido. Mais um bonequinho. (Risos). Está ganhando todas! Agora pode seguir. Qual... olha aqui o dado, joga! Cinco. Cinco! Avance quatro bonecos.

Natiele: Um, dois, três, quatro...

Pesquisadora: Isso! Quarto desafio. Vamos ver agora o que você vai fazer. Aqui. Qual dessas coisas aqui acontece na sua sala de aula. Aqui nós temos uma professora lendo história para crianças. Isso acontece na sua sala de aula?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: O que que a professora faz? Ela lê histórias para vocês? Sim. E aqui o que que é?

Natiele: As crianças estão lendo.

Pesquisadora: As crianças estão lendo. E vocês, leem na sala de vocês, livrinhos?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Sim? Quais livrinhos que você gosta de ler? Que você já leu?

Natiele: Toda.

Pesquisadora: Tudo? Tudo que tem na sala? É? Você pegou todos os livrinhos, já? E aqui? Duas crianças lendo juntas. Você lê com alguma amiguinha?

Natiele: Eu leio com a professora.

Pesquisadora: Com a professora? (Risos). E aqui? Uma criança lendo sozinha. Você lê sozinha, os livrinhos?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não? Sozinha você não lê? Você lê só com a amiguinha? Lê com a professora? Lê com os amigos? E aqui, o que que é essa figura?

Natiele: Eles estão brincando.

Pesquisadora: Brincando. Vocês brincam na escola?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Sim? De que vocês brincam?

Natiele: De polícia.

Pesquisadora: De polícia? É? Que mais?

Natiele: De boneca.

Pesquisadora: De boneca...

Natiele: Jogando joguinho.

Pesquisadora: Joga joguinhos...

Natiele: Só.

Pesquisadora: Só? E na aldeia, brincam de que?

Natiele: Nada.

Pesquisadora: De nada? Não? Quando vocês não estão na escola vocês fazem o que?

Natiele: Eu só brinco no balanço.

Pesquisadora: No balanço... Aham. Brinca de boneca?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Sim. Aham. Brinca de corda? Pular corda?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não? De peteca?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Pipa?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não? De roda?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não também? Pega-pegas?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Sim? (Risos). E aqui? Isso aqui acontece na sua sala de aula?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: O que é isso?

Natiele: Eles estão estudando.

Pesquisadora: Estão estudando, a professora está ensinando o que?

Natiele: Matemática.

Pesquisadora: Matemática. Você aprende matemática na sua escola, na sua sala? Sim. O que você acha melhor, a matemática ou o português?

Natiele: Português.

Pesquisadora: Português? O que é mais fácil, a matemática ou o português?

Natiele: Português!

Pesquisadora: Português? E aqui, isso aqui acontece na sua sala?

Natiele: Às vezes.

Pesquisadora: A professora brigando com as crianças?

Natiele: Às vezes.

Pesquisadora: E precisa?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não precisa? E a professora briga sem precisar? Nem precisa. Como que podia resolver diferente?

Natiele: Não brigar!

Pesquisadora: Não brigar. E por que que briga?

Natiele: Porque eles reinam.

Pesquisadora: Hã?

Natiele: Porque eles estão reinando.

Pesquisadora: Ah, eles estão reinando. Então eles não precisavam reinar? Muito bem! Desafio cumprido. Então, está aqui mais um hominho para você! Então vamos seguir o jogo. Vamos guardar aqui o desafio. Isso. Um. Volte um boneco, mas aqui você já fez, então pode seguir. Você já fez esse desafio. Pode seguir. Isso... joga mais o dado. Ah, aqui tem uma perguntinha. Está perguntando pra você: o que é difícil na matemática?

Natiele: Continha.

Pesquisadora: As continhas... são difíceis. Explica pra mim, como que... Eu não sei como que é difícil?

Natiele: É porque ela faz de mais e de menos.

Pesquisadora: Hum. E daí hoje não consegue fazer, ou você consegue?

Natiele: Eu consigo um pouco.

Pesquisadora: E quando você não consegue, o que acontece?

Natiele: Ela me ajuda.

Pesquisadora: Ela ajuda. E os amigos ajudam? Você pode pedir ajuda para os amigos?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Pode? A professora deixa? Uhum. Muito bem! Então pode seguir o jogo.

Natiele: Deu três.

Pesquisadora: Três então. Pode andar. Isso vamos pro quinto desafio. Olha, aqui... eu tenho um pacotinho de coleções. Você sabe o que são coleções? São vários brinquedos que nós temos aqui, está vendo. (barulho das coleções) Aqui assim. Oh, só que está uma bagunça esse saquinho. Então como que você acha que dá pra organizar essas coleções, dá pra organizar?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Que jeito? Conta pra mim, como você acha que dá pra organizar. Dá pra...

Natiele: Ponha direito.

Pesquisadora: Direito. Então como que daria pra fazer pondo direito? Por exemplo, o que nós temos aqui, nós temos pentes, panelinhas, bolinhas, animais, anéis. Como que dá pra separar pra deixar bem arrumadinho?

Natiele: Dá pra arrumar bem.

Pesquisadora: Sim, como?

Natiele: Deixando com os parzinhos aqui.

Pesquisadora: Certo. Os parzinhos. Então como eu poderia organizar, me ajuda. As panelinhas como é que eu podia organizar? Panelinha com anel ou panelinha com panelinha...

Natiele: Panelinha com panelinha.

Pesquisadora: Panelinha com panelinha. E as bolinhas?

Natiele: As bolinhas... Elas...

Pesquisadora: Então... E os pentes, eu poderia organizar como?

Natiele: Os pentes com os pentes.

Pesquisadora: Os pentes com os pentes. Muito bem, e os animais? Os animais com os animais é isso?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Muito bem, então você me deu uma ideia aqui como é que eu posso separar as coleções, animais com animais, pratinho com pratinho, é isso?

Natiele: Aham.

Pesquisadora: Estrela com estrela... Agora me diz, tem outro jeito de organizar? Eu poderia organizar diferente, essas coleções?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Que outro jeito podia organizar?

Natiele: Organizando.

Pesquisadora: Sim, organizando. Vamos pensar como. Você tem uma ideia pra me dar? Por exemplo, branco, o que eu tenho de branco aqui?

Natiele: As bolinhas, os pentinhos, as panelinhas.

Pesquisadora: Isso. Eu poderia organizar por cor? Poderia? Daria pra fazer isso? Seria um outro jeito que eu poderia organizar as coleções?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Oh... Poderia também?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Oh, por exemplo aqui, verde com verde, também é um jeito da gente organizar?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Tem outro jeito ainda de organizar?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Que que você está fazendo? Organizando por...? Por cor né. Então da pra gente organizar por objeto, né, por pente, panela e por cores. Eu

acho que você cumpriu seu desafio. Acho que você foi bem. Então aqui eu te dou mais um bonequinho, quantos que você já tem? Quantos que você já ganhou? Quantos bonequinhos você já ganhou?

Natiele: Quatro.

Pesquisadora: Quatro? Quantos desafios são?

Natiele: Quatro!

Pesquisadora: Oh, são um dois, três, quatro, cinco, seis. Quantos bonequinhos faltam ainda? São seis desafios, você ganhou quatro...

Natiele: Quatro!

Pesquisadora: Você ganhou quatro, né? Pra seis faltam quantos? Hum?

Natiele: Hum?

Pesquisadora: Você pode ganhar ainda quantos bonequinhos? Pode ganhar ainda? Tem mais bonequinhos pra você ganhar?

Natiele: Dois!

Pesquisadora: Dois. Uhum. Aqui era aqui. Então você não fez ainda esse desafio. Pode jogar. Cinco, pode andar.

Natiele: Um, dois, três, quatro.

Pesquisadora: Quatro, pode voltar um. Pode voltar um, cinco. Pode voltar um aqui. Isso. O último desafio? Vamos ver. Hum. Qual desses números você conhece?

Natiele: O dois, o três, o quatro, o cinco, o seis, sete, o oito, o nove...

Pesquisadora: Oito, sete.

Natiele: Dois, zero, quatro, seis, cinco, sete, seis.

Pesquisadora: E esse sete seis, eu leio sete seis ou eu posso ler ele de outro jeito?

Natiele: Pode.

Pesquisadora: Pode? Você sabe o nome dele?

Natiele: Sete.

Pesquisadora: Sete? E o seis?

Natiele: Seis.

Pesquisadora: Sete?

Natiele: Setenta e seis.

Pesquisadora: Setenta e seis. O Osni está ajudando. Obrigada tá, Osni. E esse número aqui, que número é esse?

Natiele: Oito e zero.

Pesquisadora: Oito e zero? E se eu te pedir pra montar o número oitenta e um, como é que faz?

Natiele: O zero e o um.

Pesquisadora: Monta ele, como é que dá pra montar, o oitenta e um. Hum, é assim que monta? Oito, zero e um. Está escrito oitenta e um aqui?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: E aqui? Se for assim, que número é esse?

Natiele: Oito.

Pesquisadora: Oito? E esse?

Natiele: Um.

Pesquisadora: Um? Hum. E se eu pedir pra você montar o número setenta e oito, como é que dá pra montar o numero setenta e oito?(silêncio) Uhum, eu vou anotar aqui como que você montou os seus números. Então o numero oitenta e um você montou assim, né? Então oitenta e um você montou assim, tá. E o número setenta e oito você montou ele sete zero oito. Tem um outro jeito de montar o número setenta e oito?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não? Só assim? Então está bom. Muito bem. Agora você já ganhou o seu quinto boneco. Qual desafio que você não fez ainda?

Natiele: Esses pequenos.

Pesquisadora: Esses pequenos? Então aqui, oh. O que você ainda não sabe na matemática?

Natiele: Continua.

Pesquisadora: Você não sabe continhas? Quais as continhas?

Natiele: De mais. (Vozes ao fundo).

Pesquisadora: As de mais? Como que funciona as continhas de mais?

Natiele: Hã?

Pesquisadora: As continhas de mais, como é que elas funcionam?

Natiele: Não conseguiu fazer.

Pesquisadora: Por exemplo aqui, quantos bonequinhos você já ganhou?

Natiele: Cinco.

Pesquisadora: Cinco? Quantos faltam ainda pra você ganhar?

Natiele: Três.

Pesquisadora: Três? Cinco mais três dá quanto? Você tem cinco na mão, vamos contar? Mostra tua mão pra mim. Cinco, falta três você falou? Quanto que vai dar cinco mais três?

Natiele: Oito.

Pesquisadora: Cinco, seis...

Natiele: Sete, oito.

Pesquisadora: Oito. E você vai ganhar oito bonecos ou quantos você vai ganhar? Oh, vamos ver quantos bonecos.

Natiele: Um, dois três, quatro, cinco seis... Sete!

Pesquisadora: Sete? Oh, olha quantos desafios, conta aqui comigo, um...

Natiele: Dois, três, quatro, cinco, seis.

Pesquisadora: Você vai ganhar seis bonequinhos no teu joguinho. Você já ganhou quantos?

Natiele: Cinco.

Pesquisadora: Cinco, quantos faltam pro seis?

Natiele: Um.

Pesquisadora: Um, que é um desafio aqui que você ainda não fez. Qual é o desafio que você não fez, você lembra? Se é o primeiro desafio, aqui é o terceiro desafio. Então vamos pegar aqui. A pergunta é: qual dessas figuras que tem na tua sala de aula. Oh, a primeira o que é? O que é isso aqui?

Natiele: Hum?

Pesquisadora: O que é isso aqui, você sabe?

Natiele: Número.

Pesquisadora: Números. Mas é um números que tem em que texto? Num calendário, não é? Tem calendário na tua sala?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Tem? Os meses, janeiro, fevereiro, março, tem?

Natiele: Tem.

Pesquisadora: Nós estamos em que mês? Mês de?

Natiele: Junho.

Pesquisadora: Julho, nós entramos no mês de julho. Então esse é um calendário, tem na sua sala?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Relógio?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não tem relógio? Tem esse quadrinho de números? Não?

Natiele: Tem.

Pesquisadora: Tem? Tá tem uma trena?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não? Tem continhas?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Sim. A professora escreve no quadro continhas, né? O que a professora ensina com esse calendário, você lembra?

Natiele: Pra ela fazer o dia...

Pesquisadora: Uhum.

Natiele: O dia do aniversário.

Pesquisadora: O dia do aniversário...

Natiele: Só!

Pesquisadora: Só? E aqui, trena não tem né? Esse aqui você falou que tem. Tem? O que a professora ensina com os números?

Natiele: Ela ensina nós contar.

Pesquisadora: Uhum.

Natiele: Até mil.

Pesquisadora: Até mil? Uhum. Que mais?

Natiele: Só.

Pesquisadora: Só? Então está aqui. Mais um para você. Então esses aqui é pra você brincar, oh. Contar histórias, aqui ó, um para você, três, quatro, cinco, seis. Parabéns! O que você achou desse jogo do desafio?

Natiele: Bonito.

Pesquisadora: Bonito? É, você acha que esse jogo eu posso fazer com outras crianças?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Sim? Não é difícil?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não? Quer falar mais alguma coisa?

Natiele: Só.

Pesquisadora: Só? Quer falar mais alguma coisa sobre sua professora, sobre a escola, quer falar mais alguma coisa? Hã? Só isso? Então agora você deixa a gente concluir então a entrevista, se você não tem mais nada pra falar. Então vou encerrar minha entrevista com você, nesse joguinho do desafio, né? Que nós estamos fazendo, quero te agradecer porque você participou, né, você me ajudou nessa entrevista, então nós conversamos aqui na Aldeia dos Caigangues, na Escola Municipal, Estadual Indígena Dalélinton, com a Natiele Salles que tem sete anos. Muito obrigada tá, Natiele! Vou desligar aqui, agora você... Isso, agora então Osni senta lá, pode participar? Então vamos lá.

2ª entrevista**Entrevistado: Natiele Sales****Data da Entrevista: 15/01/2015****Transcrição: Fabiane Prazeres****Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins**

Pesquisadora: Natiele da Aldeia Passo Liso para a minha pesquisa de mestrado. Nós vamos começar com a história da Ana Maria, você já conhece né, Natiele? Então eu vou contar a história dela e você conta a sua história para mim. Então você já sabe que a Maria, que a Ana Maria, vamos chamar ela só de Maria, pode ser? Então ela gostava muito de fazer amigos, né? Tanto é que ela veio, a professora contou a história para vocês, né? Para ela fazer amizade com vocês, né. É, você tem amigos na escola? Tem? Como que são o nome dos amigos? Fala o nome deles para mim.

Natiele: ...

Pesquisadora: Como que chamam tuas amigas?

Natiele: ...

Pesquisadora: Você lembra? Não lembra? A Júlia? Tem Júlia?

Natiele: ...

Pesquisadora: Como que é o nome das meninas da tua sala?

Natiele: Tainá.

Pesquisadora: Tainá. Ela é tua amiga? Aham, quem mais?

Natiele: Léia. (barulho de carro ao fundo)

Pesquisadora: Como?

Natiele: Léia.

Pesquisadora: Léia. Léia. Uhum. Daí, é, vocês brincam na escola?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Ahum. Que mais?

Natiele: Só.

Pesquisadora: Só? Então elas são suas amigas. Aham. Então na casa que Maria morava, você lembra da casa, como que era a casa dela? Como que era? Você lembra, que a professora contou? (conversa de crianças ao fundo).

Natiele: ...

Pesquisadora: Ficava onde a casa da Maria? Ficava no campo, né? Tinha flor em volta, né? Tinha árvore de frutas, né?

Natiele: Hum.

Pesquisadora: E como que é casa que você mora? Conta para mim como é que é a casa aqui. Tem quarto? Conta.

Natiele: (silêncio. Depois conversa em Kaigang com a mãe- barulho de carro ao fundo).

Pesquisadora: Hum? Tem uma área, o que mais? Conta para mim, faz de conta que eu não estou aqui na tua casa, aí você conta como que é a tua casa. Que outras crianças vão ler isso que você está falando para mim. A casa que você mora tem quantos quartos?

Natiele: Dois.

Pesquisadora: Dois quartos, o que mais?

Natiele: ...

Pesquisadora: Tem cozinha? Tem uma área? E o que que o pai e a mãe fazem?

Natiele: Balaio.

Pesquisadora: Balaio, aham. Você ajuda?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Sim? Uhum, então fala sim, porque eu estou gravando aqui e eu quero ouvir tua vozinha depois. Hum? É, a casa que vocês, a tua casa é feita de madeira ou de tijolo?

Natiele: Madeira.

Pesquisadora: Madeira. Uhum. E todas as pessoas que você conhece moram em casas de madeira ou tem gente que mora em casa de tijolos?

Natiele: Só de madeira.

Pesquisadora: Só de madeira? E será que seus avós, você tem avós? Será que eles moram de maneira parecida que você ou eles moram em casas diferentes?

Natiele: De diferente.

Pesquisadora: Diferente? E como é a casa da avó?

Natiele: ...

Pesquisadora: Você lembra? Você conheceu a vovó ou não?

Natiele: Conheci.

Pesquisadora: Conheceu? Ela mora aqui na aldeia?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: É? E como é a casa da vó?

Natiele: É de tábuas.

Pesquisadora: É de tábuas? Ah. E se eu pedisse para você fazer um desenho da casa que você mora, você consegue fazer para mim? Você consegue desenhar a tua casa?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Sim? Quer desenhar?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Então tá. Então vou... Pode ser com a caneta mesmo. Só faz o desenho da tua casa, como é que é a sua casa.

(Vozes e barulhos ao fundo).

Natiele: ...

Pesquisadora: Muito bem! Aham. Quer fazer mais coisas? Na casa?

(Uma pessoa conversando em outra língua ao fundo)

Natiele: ...

Pesquisadora: Muito bem! Muito bem, muito obrigada! Uhum, então essa é a casa que a Natiele mora! A Ana Maria contou o jeito que ela morava, agora é a história da Natiele que a gente vai contar. Então essa daqui é a casa que a Natiele mora, e perto da casa da Natiele tem árvore?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Que árvore que tem? Que árvore é essa, é de frutas?

Outra pessoa: É uva japonesa.

Pesquisadora: Hã?

(Risos)

Outra pessoa: É uva japonesa.

Pesquisadora: É uva japonesa? Aham. E tem outras árvores?

Outra pessoa: Tem só essa.

Pesquisadora: Tem só essa.

Outra pessoa: E amora.

Pesquisadora: Ah, aham. Tem a árvore de amora, aham. É, e o que existe...

Natiele: Vergamota.

Pesquisadora: Ah tem vergamota? Aham.

Outra pessoa: Atrás.

Pesquisadora: Atrás da casa?

Natiele: Do banheiro.

Pesquisadora: Ah atrás do banheiro. E daqui da tua casa até na tua escola, o que que tem no meio do caminho? Assim do lado, na beirada da estrada?

Natiele: Só mato.

Pesquisadora: Só mato? Tem árvores?

Natiele: tem.

Pesquisadora: Tem. E o galho dessas árvores, o tronco delas, é grosso, é fino?

Natiele: É grande.

Pesquisadora: É grande? E as árvores são altas, baixas?

Natiele: Grandes.

Pesquisadora: Grande? Uhum. Tem outras casas na beira da estrada?

Natiele: Tem.

Pesquisadora: Quando você vai para a escola. Tem? Tem igreja?

Natiele: Tem.

Pesquisadora: Tem uma igreja por onde você passa? Tem comércio?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Tem um comércio. O que que tem? O que vende nesse lugar?

Natiele: ...

Pesquisadora: Você lembra o que vende?

Natiele: Tem outras coisas

Pesquisadora: Tem outras coisas? Vende bastante coisas? É?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: É, como que é o nome do lugar onde fica a sua escola?

Natiele: ...

Pesquisadora: Como que é o nome do lugar?

Natiele: ...

Pesquisadora: É Aldeia...

Natiele: Passo Liso.

Pesquisadora: Passo Liso. Aham. Oh, na casa de Maria, você lembra né, que tinha dois quartos, sala, cozinha, né? Tinha, fora assim, tinha o banheiro e a área de serviço, onde a mãe dela lavava roupa...

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Essas coisas assim, né? Só que onde a mãe dela lavava a roupa ficava do lado de fora, e aqui na casa da Natiele como que é?

Natiele: Lá fora também.

Pesquisadora: Lá onde a mamãe lava roupa? É? Tem tanque?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: É, onde a mãe lava roupa. Aham. Você acha que a casa da Maria era grande ou pequena?

Natiele: Grande.

Pesquisadora: E a tua casa, é grande ou pequena?

Natiele: Grande.

Pesquisadora: Grande. Uhum. Com quem que você mora? Com a mãe...

Natiele: Com o pai.

Pesquisadora: Com o pai...

Natiele: Com os irmãos.

Pesquisadora: Com os irmãos. Quem são os irmãos?

Natiele: ...

Pesquisadora: Como que chamam, os teus irmãos?

Natiele: O Mala, o Deo e o Samuel.

Pesquisadora: O Mali?

Natiele: O Mala!

Pesquisadora: O Mala. Como que escreve Mala?

Outra pessoa: Malaquias.

Pesquisadora: Ah o Malaquias! E o outro?

Outras pessoa: Diocir.

Pesquisadora: Diocir.

Natiele: Samuel.

Pesquisadora: Samuel. Hum. Quem é o mais velho?

Natiele: O Malaquias.

Pesquisadora: E o mais novo?

Outras pessoa: Samuel.

Natiele: O Samuel.

Pesquisadora: Samuel. E você é do meio?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: (Risos) É, então quem que é... Quantos são mais velhos que você?

Natiele: Dois.

Pesquisadora: Eles são mais velhos que você? É? Quem... Quantos tem mais novo que você?

Natiele: Só um.

Pesquisadora: Só um? E mais velho?

Natiele: Dois.

Pesquisadora: Dois. E quem são os dois?

Natiele: O Mala e o Deo.

Pesquisadora: Então são quatro? Ao todo de filhos que a mamãe tem?

Natiele: ...

Pesquisadora: Você, o Samuel...

Natiele: O Deo.

Pesquisadora: O Deo.

Natiele: E o Malaquias.

Pesquisadora: E o Malaquias. Muito bem. Você já aprendeu escrever o nome dos irmãos?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Já? Já sabe escrever?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: É, na casa da Maria ela também tinha os irmãos dela, você lembra quantos eram?

Natiele: ...

Pesquisadora: Eram oito, né?

Natiele: ...

Pesquisadora: É, e a Maria te... Quantos anos a Maria tinha?

Natiele: ...

Pesquisadora: Sete anos, né? E você tem quantos?

Natiele: Sete.

Pesquisadora: Também tem sete? Poxa! Aham. É, quantas pessoas mora aqui na sua casa?

Natiele: Seis.

Pesquisadora: Seis. Aham. Tem mais mulheres na sua casa ou mais pessoas?

Natiele: Mais pessoas.

Pesquisadora: Mais pessoas? É? E na casa de Maria ela tinha duas camas em cada quarto, né? Em cada cama ela tinha a manta colorida, lembra disso?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Eles se cobriam, né? Daí eles arrumavam os pratos para fazer a refeição, né?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Como é que vocês realizam as refeições? Como é que vocês almoçam e jantam, tomam café? Como é que vocês fazem na casa de vocês?

Natiele: ...

Pesquisadora: A mãe faz a comida no fogão à lenha?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E daí, como é que vocês fazem para pegar a comida da panela?

Natiele: Nós tiramos com...

Pesquisadora: Com? A mãe deixa a comida na panela, no fogão, põe na mesa, como é que ela faz?

Natiele: Ela deixa no fogão.

Pesquisadora: E daí vocês vão lá e pegam?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E daí você come aonde?

Natiele: Lá, ali.

Pesquisadora: Senta no chão, na cadeira, no banco?

Natiele: Na cadeira.

Pesquisadora: Na cadeira. Na mesa ou não?

Natiele: Na mesa.

Pesquisadora: Na mesa. Todo mundo come na mesa?

Natiele: Uhum. Uns comem ali na sala.

Pesquisadora: Uhum. Uns come na sala, você come aonde?

Natiele: Ali na cozinha.

Pesquisadora: Na cozinha. Todos comem junto no mesmo horário ou tem gente que come em horário diferente?

Natiele: Tudo no mesmo horário.

Pesquisadora: No horário. Uhum. Oh, todo ano a mãe da Maria ela comprava um calendário, oh, ou ela ganhava, sabe esses daqui? Esses calendários aqui assim, que dá para ver os meses do ano, os dias dos nossos aniversários, que dia mesmo você faz aniversário, vamos ver aqui? Você sabe o mês que você faz aniversário? Eu já vi que você faz no primeiro mês do ano! Não é você que faz no primeiro mês do ano? Vamos olhar aqui. Deixa eu olhar aqui. Vocês comemora o aniversário?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Sim. Vamos ver aqui aonde eu olhei o teu aniversário... Natiele Alves faz aniversário dia 22 de janeiro! Olha aqui. Esse dia aqui, 22 de janeiro é o dia do seu aniversário. E nós estamos no mês de janeiro. Sabe que dia é hoje? Sabe ou não? Qual dia que é hoje? Do mês. Hoje é segunda dia... Dia 15. Esse dia aqui. Oh, quantos dias faltam para o teu aniversário? Vamos ver? Vamos contar? Se hoje é dia 15, conta para mim quantos dias vai demorar para chegar no teu aniversário.

Natiele: ...

Pesquisadora: Quantos? Mostra com o dedinho, vamos contar junto. Mostra ali dia 15, vai!

Natiele: Dia 15.

Pesquisadora: Daí para que dia nós vamos? Qual dia vem depois do dia 15?

Natiele: Dezesseis.

Pesquisadora: Aham.

Natiele: Dezesete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, vinte e dois.

Pesquisadora: Vinte e dois, então falta um...

Natiele: Dois...

Pesquisadora: Dois...

Natiele: Três, quatro, cinco, seis, sete.

Pesquisadora: Sete dias para o teu aniversário! Pensou que legal?! Daí você tem quantos anos? Sete? Quantos anos você vai fazer?

Natiele: Oito.

Pesquisadora: Oito anos. Veja só que bacana. Aham. Qual que é o primeiro dia... Oh então, esse aqui, janeiro, é o mês do seu aniversário. Qual que é o primeiro dia do mês do seu aniversário?

Natiele: Não sei.

Pesquisadora: Não sabe? Esse é o primeiro dia. Um. E o último dia do mês do seus aniversário?

Natiele: Dois?

Pesquisadora: Que número que é esse? Sabe? Não? Três e um que número que é?

Natiele: Trinta e um.

Pesquisadora: Trinta e um. Aham. Então esse é o último dia do seu aniversário. Quantos dias tem o mês do seu aniversário?

Natiele: Sete.

Pesquisadora: Sete? Aonde que você contou sete?

Natiele: ...

Pesquisadora: Oh, esse aqui é um dia, dois dias, três dias, quatro dias, cinco dias, seis dias, sete dias, oito dias, nove dias, dez, onze...

Natiele: Onze...

Pesquisadora: Doze...

Natiele: Doze..

Pesquisadora: Treze...

Natiele: Treze...

Pesquisadora: Quatorze...

Natiele: Quatorze...

Pesquisadora: Quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove, trinta, trinta e um dias! Quantos dias tem o mês do teu aniversário? Hã?

Natiele: Sete.

Pesquisadora: Sete? Na verdade tem trinta e um dias.

Natiele: Hum.

Pesquisadora: Uhum. Então o dia de hoje, qual que é o dia de hoje? Hoje é dia?

Natiele: Dia cinco.

Pesquisadora: Dia 15. Ontem foi que dia?

Natiele: Dia quatro.

Pesquisadora: Dia quatro? E amanhã vai ser que dia?

Natiele: Dia seis.

Pesquisadora: Dia seis? Que número que é esse daqui, ó?

Natiele: Seis.

Pesquisadora: E que número que é esse daqui ó?

Natiele: Um.

Pesquisadora: Esse daqui? E só esse daqui?

Natiele: ...

Pesquisadora: O um e o seis?

Natiele: Trinta e seis.

Pesquisadora: Trinta e seis? Não, esse daqui é o dezesesseis. O um e o seis é o dezesesseis. Aham. É, que dia da semana é hoje? Hoje é dia 15, mas dia da semana, vamos ver os dias da semana? Domingo, segunda, terça...

Natiele: Quarta...

Pesquisadora: Quarta...

Natiele: Quinta, sexta, sábado.

Pesquisadora: Sábado. Então se hoje é dia 15, que dia da semana é hoje?

Natiele: ...

Pesquisadora: Está aqui ó, que dia da semana é esse daqui?

Natiele: Dia um.

Pesquisadora: Dia um? E dia da semana? É quinta?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: É quinta. Uhum. Se hoje é quinta, amanhã vai ser que dia da semana?

Natiele: Dia seis.

Pesquisadora: É dia...

Natiele: Dia dois?

Pesquisadora: Dia dois, não amanhã é dia 16 e da semana é sexta.

Natiele: Feira.

Pesquisadora: Sexta-feira. Aham. Você conhece os números pares e os números ímpares? Sabe qual que é o número par? O dois é par?

Natiele: O dois...

Pesquisadora: Que mais? O dois...

Natiele: O quatro.

Pesquisadora: Muito bem! Que mais?

Natiele: O seis.

Pesquisadora: Uhum.

Natiele: O oito.

Pesquisadora: O oito. Muito bem!

Natiele: ...

Pesquisadora: O dez.

Natiele: O dez.

Pesquisadora: Aham. E os números ímpares você sabe? Quais são?

Natiele: O um, o cinco, o sete, o oito, e, o nove.

Pesquisadora: O nove. Muito bem, Natiele! Está de parabéns. E que mês que é o Natal?

Natiele: Não sei.

Pesquisadora: Não sabe? Você comemora o Natal? Comemora o Natal?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Nascimento de Jesus, tem papai Noel na aldeia ou não?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. aham, mas você, é, ouviu falar de nascimento de Jesus ou não?

Natiele: Já.

Pesquisadora: Já. Então que mês que é? Que acontece isso que as pessoas falam? Você sabe o mês do ano?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. É no mês de dezembro. Então a Maria, ela escrevia os meses do ano, quais são os meses do ano, você sabe?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Janeiro...

Natiele: Fevereiro.

Pesquisadora: Aham, março...

Natiele: Abril.

Pesquisadora: Abril. Maio.

Natiele: Março.

Pesquisadora: Junho.

Natiele: Julho.

Pesquisadora: Julho...

Natiele: Julho.

Pesquisadora: Agosto.

Natiele: Agosto, dezembro.

Pesquisadora: Setembro. Outubro.

Natiele: Dezembro.

Pesquisadora: Novembro e dezembro. Sabe quantos meses são ao ano? No ano. Não? Doze. Oh, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze. Você sabe em que mês os teus irmãos fazem aniversário?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. É, quantos anos tem teu irmão mais velho?

Outra pessoa: Dezesseis.

Natiele: Dezesseis.

Pesquisadora: Dezesseis, aham. Tá, então a Maria, ela levantava todo dia bem cedinho, sete horas para ajudar a mãe dela a tirar o leite da vaca, fazer as atividades, recolher os ovos, né? E você, levanta em que horário? Você levanta cedo ou tarde?

Natiele: Cedo.

Pesquisadora: Cedo, aham. Que horas que você levanta?

Natiele: ...

Pesquisadora: Ou não tem horas? Você não olha a hora?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não olha a hora? O que que você faz na tua casa quando você levanta?

Natiele: Eu cuido do neném.

Pesquisadora: Cuida do neném! Do teu irmão? Uhum e o que mais além de cuidar do teu irmão, o que você faz?

Natiele: ...

Pesquisadora: Você brinca?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: De que você brinca?

Natiele: De pego.

Pesquisadora: De que?

Natiele: De pego.

Pesquisadora: Ah de pego! Uhum. E você faz atividade dentro de casa, ajuda a mãe a lavar a louça? Ajuda a fazer o artesanato? Balaio ou não?

Natiele: Ajudo.

Pesquisadora: Ajuda. Ajuda a lavar louça?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E o balaio? Você já sabe fazer balaio?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Você já sabe me ensinar a fazer um balaio ou não?

Natiele: ...

Pesquisadora: Não? Não. E você... Quanto tempo você fica na escola quando você está na escola?

(Pessoas conversando ao fundo)

Natiele: ...

Pesquisadora: Você fica de tarde na escola ou de manhã?

Natiele: De tarde.

Pesquisadora: De tarde. Sabe quantas horas você fica lá na escola ou não?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Não. Você brinca na escola?

Natiele: Brinco.

Pesquisadora: Brinca. De que você brinca na escola?

Natiele: A gente brinca no balanço.

Pesquisadora: Uhum.

Natiele: No escorregador, no pinhaqui.

Pesquisadora: No que?

Natiele: No pinhaqui.

Pesquisadora: Não entendi esse daí. No pinhaqui você falou?

Natiele: No pinhaqui.

Pesquisadora: Esse é o que? É um espaço será?

(Outra pessoa conversando)

Natiele: Na escola.

Pesquisadora: É na escola, é no parquinho?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: É o nome do brinquedo?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Ah tá, entendi. Aham. E na sala de aula, brinca?

Natiele: Brinca.

Pesquisadora: O que que tem na sala de aula para brincar?

Natiele: De boneca.

Pesquisadora: Na sala tem boneca?

Natiele: Nós levamos.

Pesquisadora: Ah tá, tem dia do brinquedo?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Qual dia que é o brinquedo?

Natiele: Sexta.

Pesquisadora: Na sexta. E jogos, tem jogos na sala que vocês brinca?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: O que vocês aprendem com os jogos?

Natiele: A gente aprende ler.

Pesquisadora: Com os jogos?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E aprende matemática?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: O que você aprendeu de matemática com o joguinho?

Natiele: Continha.

Pesquisadora: Continha. Aprendeu fazer?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: É? Com joguinho. Que tipo que é o joguinho de matemática?

Natiele: ...

Pesquisadora: Tem uma história de um... Tem um joguinho que tem carrinho, tem na sua sala?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Como é que funciona esse joguinho?

Natiele: A gente ponha em um quadradinho.

Pesquisadora: Uhum. Mas como que faz para tirar ele do lugar? Isso que eu não vi, eu vi só uma foto que vocês estavam brincando com o joguinho de carrinho, mas eu não entendi.

Natiele: Jogando dado.

Pesquisadora: Joga o dado primeiro.

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E daí?

Natiele: Daí para nos números.

Pesquisadora: Daí parou nos números e você tem que fazer o que? Contar?

Natiele: E ponha o carrinho.

Pesquisadora: Vamos fazer de conta aqui, eu joguei o dado e saio o três.

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Daí o que eu faço com o meu carrinho?

Natiele: Você pega o carrinho e sai andando.

Pesquisadora: Ah tá, eu pego o carrinho e saio andando.

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Até o número três. Como é que termina o jogo? Ganha quem? Tem alguém que ganha?

Natiele: A gente ganha quando é no fim.

Pesquisadora: No fim? O que...

Natiele: Do quadrado.

Pesquisadora: Quem chega primeiro ganha? Hã, entendi. Você brinca mais tempo na escola ou você estuda mais tempo?

Natiele: Eu brinco e estudo.

Pesquisadora: As duas coisas. Uhum. E você sabia que a Maria ela trabalhava na casa dela com sete anos, tirava o leite da vaca, tal. Você sabe de onde que vem o leite? Aqui na tua casa, vocês tem vaquinha?

Natiele: Não.

Pesquisadora: De onde que vem o leite? Tem leite na tua casa?

Natiele: Tem.

Pesquisadora: De onde que vem?

Natiele: Da Mesa Brasil

Pesquisadora: Da mesa Brasil? Mas ele vem em que, em litro, em quilo, em pacote, de litro, ele vem em pó, como é que ele chega aqui na tua casa da Mesa Brasil?

Natiele: Nós vamos lá pegar.

Pesquisadora: É, e daí ele vem no litro?

Natiele: Aham.

Pesquisadora: Na caixinha?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Você acha que a gente pega o leite em quilo ou em litro?

Natiele: Em quilo.

Pesquisadora: Em quilo. Oh, depois do café da manhã que a Maria tomava, daí ela tinha que fazer as atividades da casa dela, né?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Ela tinha que às vezes arrancar mandioca, às vezes ela tinha que arrancar cenoura, às vezes ela tinha que arrancar cebola, né?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Enquanto o pai e a mãe trabalhavam na roça, né?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E teus pais, trabalham em que?

Natiele: Meu pai trabalha no mato.

Pesquisadora: Uhum. Ele faz caça? Como é que é, o que ele faz no mato?

Natiele: Ele faz nó.

Pesquisadora: Faz nó. Uhum. O que é fazer nó?

Outra pessoa: Ele vai campiar mato.

Pesquisadora: Que é o nó de pinho?

Outra pessoa: Uhum.

Pesquisadora: Que vai no fogo?

Outra pessoa: Sim.

Pesquisadora: Ah. E a taquara, quem que corta no mato? É o pai também.

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Que vai, ele busca e traz para mãe?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E a mãe faz o balaio? É?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Tem alguém que ajuda a mãe fazer balaio?

Natiele: Tem. Ele.

Pesquisadora: Ah o pai ajuda. E depois o que vocês fazem com esse balaio? O que a tua mãe e o teu pai fazem com o balaio?

Natiele: Eles vendem.

Pesquisadora: Uhum. Vendem aonde? Aqui na aldeia?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Vendem aonde?

Natiele: Lá na cidade.

Pesquisadora: Na cidade, mas vendem em Chopin, Mangueirinha?

Natiele: Ela vende nos dois.

Pesquisadora: Nos dois?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E você então ajuda a mãe a fazer balaio às vezes?

Natiele: Aham.

Pesquisadora: Ajuda. Qual que é a parte mais difícil do balaio? Tem parte difícil?

Natiele: Não.

Pesquisadora: E qual que é a parte mais fácil do balaio?

Natiele: Tudo.

Pesquisadora: Tudo. Tudo é fácil? Você faz balaio grande ou balaio pequeno?

Natiele: Pequeno.

Pesquisadora: Pequeno. Ele é pesado ou ele é leve?

Natiele: Ele é leve.

Pesquisadora: Ele é leve. Hum. E essas taquaras que a mãe está cortando, elas são compridas ou elas são curtas? É bambu ou como que você se chama isso aqui? Esse que eu estou segurando na mão aqui.

Natiele: Taquara.

Pesquisadora: Taquara. Então isso daqui é comprida ou é curta?

Natiele: Comprida.

Pesquisadora: Comprida. Lá na casa da Maria, então eles tinham o fogão à lenha, na tua casa tem fogão à lenha?

Natiele: Aham.

Pesquisadora: Tem fogão à gás?

Natiele: Tem.

Pesquisadora: Tem micro-ondas?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. Então quando a mãe cozinha comida no fogão à lenha e no fogão à gás, o que é mais ligeiro, o que é mais rápido, a comida que cozinha no fogão à gás ou comida que cozinha no fogão à lenha?

Natiele: No fogão à gás.

Pesquisadora: Mais rápido que o fogão à lenha?

Natiele: Do fogão à gás.

Pesquisadora: Do fogão à gás. A comida cozinha mais rápido no fogão à gás? Sim. Hum. O leite ele leva para ferver, no fogão à lenha ele é mais rápido no fogão à lenha ou no fogão à gás.

Natiele: No fogão à gás.

Pesquisadora: No fogão à gás. E a comida ela esquenta mais rápido no fogão à lenha ou no fogão à gás?

Natiele: Fogão à gás.

Pesquisadora: No fogão à gás. E você tem tarefa da escola, às vezes para fazer em casa?

Natiele: Tenho.

Pesquisadora: Tem. Você chega em casa da escola você vai brincar ou você vai fazer a tarefa?

Natiele: Eu vou fazer a tarefa.

Pesquisadora: Tarefa. Uhum. E a Maria também gostava da escola dela, você gosta da sua?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Lá na sua escola, você dentro da sala de aula, você pode conversar?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não pode conversar? De nada? Nunca conversa? Por que a professora não deixa?

Natiele: ...

Pesquisadora: Aham. É, ela pergunta para vocês as coisas, o que vocês já sabem?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Pergunta? Na sua sala de aula quem que é o maior?

Natiele: A Sidilene.

Pesquisadora: A Sidilene? E menor?

Natiele: Todos nós.

Pesquisadora: Todos vocês são menores? Mas quem que é o menor? O coleguinha que é o menor da sala?

Natiele: Pequeno?

Pesquisadora: É.

Natiele: A Tati.

Pesquisadora: A Tati. Uhum. Você é mais alta ou mais baixa que a professora?

Natiele: Mais baixa.

Pesquisadora: Mais baixa. Quanto que você tem de altura?

Natiele: Eu não sei.

Pesquisadora: Não sabe? Uhum. Você nunca se mediu?

Natiele: ...

Pesquisadora: A professora nunca mediu você lá na escola? Para você saber quando você tem de altura?

Natiele: Ela mede, só que ela não conta o número.

Pesquisadora: Ah ela não contou o número. Como que é possível saber quanto você tem de altura? Para saber o número, como é que a professora fez para saber a tua altura?

Natiele: ...

Pesquisadora: O que ela fez?

Natiele: Ela pesa.

Pesquisadora: Ela pesa para saber a altura?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E para saber o peso?

Natiele: Ela sabe.

Pesquisadora: Ela sabe? Para saber o peso, o que a gente tem que fazer?

Natiele: ...

Pesquisadora: Tem que pesar?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E a gente pesa no que?

Natiele: Em coisa.

Pesquisadora: Como que chama esse coisa?

Natiele: Eu não sei.

Pesquisadora: Não sabe. Balança.

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Balança. Então para pesar vai na balança, para saber o peso e para saber a altura tem que fazer o que?

Natiele: Medir.

Pesquisadora: E com que a gente mede?

Natiele: Eu não sei.

Pesquisadora: Não sabe. É com uma trena, né? Maria então na casa dela, ela tinha aqueles pés de fruta que a professora contou para vocês, né? Você, qual fruta que você mais gosta?

Natiele: De vergamota.

Pesquisadora: De vergamota. Aham. E que outras frutas além da vergamota você conhece?

Natiele: Laranja.

Pesquisadora: Uhum, o que mais?

Natiele: Poncã.

Pesquisadora: Poncã.

Natiele: Limão.

Pesquisadora: Limão.

Natiele: Morango.

Pesquisadora: Morango.

Natiele: E melancia.

Pesquisadora: Uhum. Lá na casa da Maria, lembra que ela uma vez, o pai dela mandou ela e a irmã dela separar nó de pinho, você conhece nó de pinho, né?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Agora eu estou sabendo. Então, daí mandou separar os nó de pinho maior em um lugar, os menores em outro. É, então você conhece nó de pinho, o que vocês fazem com o nó de pinho?

Natiele: Quando está velho a gente queima.

Pesquisadora: E quando está novo?

Natiele: A gente não queima, a gente vende.

Pesquisadora: Ah, vende. Daí aqui a irmã da Maria então o pai mandou separar esses nó de pinho e o pai deu para elas um pacotinho de balas, você acha que criança pequena pode ou deve chupar bala ou não?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não, por que?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Pode chupar?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Ah. Faz bem ou não?

Natiele: Faz.

Pesquisadora: Faz. Uhum. E a Maria lá na casa dela, ela tinha que recolher ovos todos os dias, né. E, aqui na tua casa tem galinha?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. Você conhece galinha?

Natiele: Conheço.

Pesquisadora: Conhece. Aham. E daí eles recolhiam os ovos, você sabe quanto que é uma dúzia de ovos?

Natiele: Dez?

Pesquisadora: Dez? A sua professora fez uma atividade com ovos uma vez que eu fiquei sabendo, é verdade?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: De ovos cozidos. Quantos ovos ela levou para a sala?

Natiele: Dez.

Pesquisadora: Ela levou dez? E vocês eram em quantos na sala? Quantos coleguinhas?

Natiele: Nós era em sete.

Pesquisadora: Sete. Todo mundo levou um ovinho para casa?

Natiele: Nós comemos lá na escola.

Pesquisadora: Vocês comeram lá na escola. Então uma dúzia tem quantos ovos?

Natiele: Dez.

Pesquisadora: Dez. E uma dezena?

Natiele: Doze.

Pesquisadora: Doze? Então a dúzia é? Dez ou doze? A dúzia é doze ou dez?

Natiele: Dez.

Pesquisadora: Dez? Hum, então está bom. Oh, então todos os dias a Maria brincava com os irmãos de esconde-esconde, de roda, de amarelinha, de casinha, brincavam de várias coisas, de teatro, do que você mais gosta de brincar?

Natiele: Depende.

Pesquisadora: Depende. Tem dias que você gosta de brincar de que?

Natiele: De esconde-esconde.

Pesquisadora: Uhum. Tem vez que você gosta de brincar de que?

Natiele: De luta.

Pesquisadora: De luta. Mais alguma coisa?

Natiele: Só.

Pesquisadora: Só. Uhum. Você tem computador?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. Já brincou no computador?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Na escola tem computador? Não tem aula no computador?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. uhum. E de história você gosta?

Natiele: Gosto.

Pesquisadora: Qual história você ouviu que você gostou?

Natiele: ...

Pesquisadora: Você lembra de uma história que a professora contou que você gostou?

Natiele: Não sei.

Pesquisadora: Não sabe? A professora contava história?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Sim. Não lembra da história?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. Você lê histórias? Lê? Você tem livrinho de histórias em casa?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Sim. Você lembra qual história que é?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. E aí então a Maria em casa a mãe dela gostava de sempre ter boas vizinhas, e daí Maria gostava de uma vizinha que se chama Dona Tereza que ela copiava as receitas para a mãe fazer em casa. E você,

qual comida, receita que você gosta que a tua mãe faça? Comida que você gosta que a mamãe faça para você?

Natiele: Arroz, feijão.

Pesquisadora: Arroz, feijão. Uhum. O que precisa para fazer arroz e feijão?

Natiele: Banha.

Pesquisadora: Uhum, banha.

Natiele: Sal.

Pesquisadora: Sal.

Natiele: Sazon.

Pesquisadora: Sazon.

Natiele: Só.

Pesquisadora: Água.

Natiele: Aham.

Pesquisadora: E o feijão e o arroz, né? Uhum. Quanto tempo leva para ficar pronto o feijão e o arroz?

Natiele: Demora um pouquinho.

Pesquisadora: Demora um pouquinho. Tem comércio aqui na aldeia?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Tem. Do que que é que tem?

Natiele: É fruta.

Pesquisadora: Fruta.

Natiele: Morango, banana.

Pesquisadora: Uhum.

Natiele: Abacaxi.

Pesquisadora: Uhum. Tem mais fruta no comércio ou mais banana.

Natiele: Tudo.

Pesquisadora: Tudo? Tem mais frutas ou tem mais bananas?

Natiele: Tem tudo.

Pesquisadora: Tem tudo.

Natiele: Aham.

Pesquisadora: Uhum. Você costuma comprar alguma coisa nesse comércio?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Você compra?

Natiele: Banana, manga, melancia, pêssego.

Pesquisadora: Quanto custa isso?

Natiele: Não sei.

Pesquisadora: Não sabe? Mas você paga?

Natiele: A mãe que paga.

Pesquisadora: Ah, a mãe que paga. E a mãe paga no dinheiro?

Natiele: Aham.

Pesquisadora: No dinheiro. Você não sabe quanto que é?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. Se um dia eu vier lá de Curitiba, lá de Chopinzinho aqui na sua casa, como é que eu faço para chegar até aqui na tua casa?

Natiele: Vem de ônibus.

Pesquisadora: Vem de ônibus? Mas que caminho que eu vou fazer?

Natiele: Você mora aonde?

Pesquisadora: Lá em Chopinho, eu moro lá em Curitiba, mas eu estou lá em Chopinho agora. Lá em Chopinzinho.

Natiele: Para cá?

Pesquisadora: Para cá.

Natiele: Você vem, daí você passa daqui, daí você vai lá naquele eucalipto.

Pesquisadora: Uhum.

Natiele: Daí lá você para.

Pesquisadora: Daí no eucalipto eu paro e faço o que daí?

Natiele: Você desce.

Pesquisadora: Daí eu desço? Uhum. Você costuma escrever carta? A Maria sempre escrevia carta, você costuma escrever? Cartinha.

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Para quem você manda cartinha?

Natiele: Para professora.

Pesquisadora: Só para a professora? E ela manda resposta?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: É? Se um dia eu quiser falar com você, como é que eu faço? Para mim falar com a Natiele eu tenho que vir aqui, tem telefone que eu possa falar com você?

Natiele: Telefone.

Pesquisadora: Tem?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Você tem telefone?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Aé, qual que é o teu telefone?

Natiele: Hum, só que eu dei para a mãe.

Pesquisadora: Ah, você deu para a mãe. E daí agora já terminou o ano, né. O que você aprendeu de matemática na escola?

Natiele: Só joguinho.

Pesquisadora: Só joguinho? Você aprendeu continhas de mais?

Natiele: Aprendi.

Pesquisadora: De menos?

Natiele: Aprendi.

Pesquisadora: De vezes?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: E de dividir?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Aprendeu a tabuada?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Aprendeu geo... Já ouviu falar de geometria?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Você já ouviu falar de simetria?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Você já ouviu falar de estatística?

Natiele: Não.

Pesquisadora: Não. Foi você que levou um dia o balaio lá na escola para mostrar o que o pai e a mãe faziam?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Foi você que levou? Eu vi que a professora falou para mim um dia, que você levou e tal. E daí para vender o balaio precisa saber matemática?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Como que tem que saber matemática?

Natiele: Tem que fazer continha.

Pesquisadora: Para vender?

Natiele: Uhum.

Pesquisadora: Mas então está bom. Você já me contou um pouco da sua história, então agora eu quero te agradecer, tá? Você me ajudou, a gente conversou, eu vou desligar aqui, você quer falar mais alguma coisa? Não. Muito obrigada, tá? Por você ter conversado comigo, daí se você...

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA
TEXTUALIZAÇÃO**

Eu, Natalina Alves, portador (a) do RG
8617.139-2, responsável legal por Natiele Sales,
conforme documento em anexo, afirmo que após ter lido o texto da
textualização da entrevista por ele (a) concedida em 15/01/15, e após ter
feito minhas considerações e solicitado modificações nas seguintes partes da
textualização:

Onde se lê:

Lê-se:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das informações por ele (a) oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em suas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Natalina Alves, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos nossos direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 15 de janeiro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Natalina Alves

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Natalina Alves,
portador (a) do RG 8617.139-2, CPF _____,
declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações
prestadas pelo meu filho (a) Natiele Sales
nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em suas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo sem restrições de prazos e citações, a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, RG 4339036-8 e CPF 57697620987, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna e, bem como em trabalhos e textos produzidos relacionados a essa pesquisa, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ver a entrevista e usar citações, ficando vinculado o controle à pesquisadora.

Esta cessão afasta os responsáveis pelo entrevistado (a) e seus herdeiros de receberem qualquer espécie de indenização ou compensação em virtude do uso e administração do material.

A pesquisadora, por sua vez, compromete-se a utilizar o material citado com objetivos educacionais.

Para efeitos, este termo vai assinado pelas partes.

Eu, Natalina Alves, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o

recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Autorização do uso da entrevista.

Curitiba, 07 de julho de 2014.

Natalina Alves

Assinatura do (a) responsável pelo entrevistado (a)

Daine M. Bartmann Martins

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Natalina Alves,
portador (a) do RG 8677.139-2, CPF _____,
residente _____ no _____ endereço
Aldina Passos Liso,
declaro, por meio deste termo, que concordei em autorizar meu filho
(a) Intiele Sales,
nascido em Chopinópolis no dia 22/01/2007,
ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente
momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ
SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO** desenvolvida pela pesquisadora
Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação
em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná
(UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do
Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer
momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email:
ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei autorizar a participação do meu filho(a) por minha própria
vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com
a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da
entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais
sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do
relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus
alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do
Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

A colaboração do meu filho (a) se dará de forma voluntária por meio de
entrevista com perguntas a partir de um jogo e de uma história, a ser gravada
em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente
transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes
que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição
e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que
considere inadequadas.

Posso ainda, retirar a participação do meu filho(a) desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Natalina Alves,
após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto
minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela
pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 04 de Julho de 2014.

X Natalina Alves

Assinatura do (a) responsável pelo /entrevistado (a)

Isaiane M. Barlow Martins

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora

[Assinatura]
Testemunhas

Isadora Bastonson Peres
Testemunhas

ANEXO F – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Osni Alves e termos de autorização.

1ª entrevista**Entrevistado: Osni Alves****Data da Entrevista: 04/07/2014****Transcrição: Fabiane Prazeres****Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins**

Pesquisadora: Então vamos lá. Agora é o Osni. Então o Osni já participou, né, enquanto fazia com a Natiele. Agora ele vai responder pra mim as perguntinhas. Como é teu nome completo, Osni?

Osni: Osni Alves.

Pesquisadora: Osni...

Osni: Alves.

Pesquisadora: Quantos anos você tem?

Osni: Oito.

Pesquisadora: Oito anos. Qual é o dia do seu aniversário?

Osni: Não sei.

Pesquisadora: Não sabe. Nome do seu pai?

Osni: Angeli.

Pesquisadora: Angeli... Alves?

Osni: Aham.

Pesquisadora: Nome da sua mãe?

Osni: Regina Pinheiro.

Pesquisadora: Regina Pinheiro. Nome da sua professora?

Osni: Ivania

Pesquisadora: Ivania. E o nome da sua escola?

Osni: Escola Estadual Indígena Liglilton.

Pesquisadora: Indígena? Como?

Osni: Li...

Pesquisadora: Li?

Osni: Gliton.

Pesquisadora: Liglilton! Tá. Que série você estuda?

Osni: Segundo.

Pesquisadora: Segundo? Quantos cadernos você usa na escola?

Osni: Quatro.

Pesquisadora: Quatro. Você desenha nos cadernos. Qual caderno você desenha mais?

Osni: Português.

Pesquisadora: Português. Você tem um caderno de quadradinhos?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Sim. Você escreve nesse caderno?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Sim?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Você desenha no caderno? Você escreve no caderno?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Sim? E o que você desenha nesse caderno de quadradinhos?

Osni: Retângulo...

Pesquisadora: Retângulo.

Osni: Quadrado...

Pesquisadora: Uhum.

Osni: E... Tem círculo...

Pesquisadora: Aham. Triângulo, círculo.

Natiele: Triângulo.

Pesquisadora: Triângulo. Você desenha triângulo? A Nati está falando triângulo também.

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Uhum. Mais alguma coisa você desenha?

Osni: Só.

Pesquisadora: Só. Muito bem. Então agora vamos para o jogo, do desafio que vocês aceitaram fazer aqui comigo. Pode jogar o dado...

Osni: Seis. Um dois, três, quatro, cinco, seis.

Pesquisadora: E aqui está escrito o que?

Osni: Volte um boneco.

Pesquisadora: Volte um boneco. Isso mesmo. Então o primeiro desafio. Vamos ver, seu primeiro desafio. Desenhe o que você mais gosta de fazer na escola. Então aqui ó.... Eu vou colocar aqui pra você. Aqui, você vai desenhar pra mim, depois eu vou colar, o que você mais gosta de fazer na escola. Pode pegar o lápis, qual que você quiser. Uhum. O que será que o Osni mais gosta de fazer na escola, estou curiosa!

Natiele: Não dá.

Pesquisadora: É o que?

Natiele: Não sei o que ele está fazendo um livro.

Pesquisadora: O que será que ele mais gosta, em Natiele?

Natiele: De escrever.

Pesquisadora: De escrever? Você lembra o que você desenhou? O que foi mesmo?

Natiele: A professora.

Pesquisadora: A professora. Aham.

Natiele: Eu escrevendo.

Pesquisadora: Escrevendo... Explica pra mim, o que você mais gosta de fazer na escola;

Osni: Ler.

Pesquisadora: Ler? Que histórias que você lê? Que coisas você que lê que você gosta?

Osni: Do saci.

Pesquisadora: Do saci? A história do saci? Tem outras? Só a do saci? O que chamou a atenção da história do saci pra você? Que que você gosta? Você gosta de ler a história do saci, é isso? Então está bom, eu acho que você cumpriu seu desafio. Agora você também vai ganhar o seu primeiro boneco do desafio. Vamos para o segundo? Então pode jogar o dado. Você pode contar alto.

Osni: Seis.

Pesquisadora: Aham, seis. Então vamos lá.

Osni: O que é fácil na matemática? Continhas.

Pesquisadora: Continha é fácil? A Natiele falou que tem continhas mais difíceis. Quais são...

Natiele: As de menos...

Pesquisadora: As de menos.

Natiele: É facinho.

Pesquisadora: É facinho?

Osni: A de menos é facinho e a de mais.

Pesquisadora: De mais. Você acha que de mais é fácil também? Então o que você acha fácil são contas de mais e de menos?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: E o que mais? Só isso que é fácil?

Osni: De vezes.

Pesquisadora: De vezes é fácil? Como é que funciona, as de vezes? Como é que a professora ensina? Como que você faz a continha de vezes no seu caderno?

Osni: Eu escrevo.

Pesquisadora: Você escreve? Uhum. Muito bem. Pode seguir. Aqui. Pode contar. Um, dois, três, quatro.

Osni: Três, quatro. Avance quatro bonecos.

Pesquisadora: Isso. Então pode vir pra frente.

Osni: Um, dois, três, quatro.

Pesquisadora: Isso, quarto desafio, então vamos ver aqui. Quais dessas coisas... É o quarto desafio. Então tá aqui. Qual dessas coisas acontece na sua sala de aula? Que que é essa primeira figura, fala pra mim.

Osni: A professora lendo para os alunos.

Pesquisadora: A professora lendo para os alunos. Isso acontece na sua sala de aula?

Osni: Sim.

Pesquisadora: A professora lê o que pra vocês?

Osni: As histórias.

Pesquisadora: As histórias? E aqui, que figura é essa? O que diz essa figura?

Natiele: Os alunos lendo.

Pesquisadora: E isso acontece?

Natiele: Sim.

Pesquisadora: Vocês leem sozinhos?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Juntos? E aqui?

Natiele: Sim!

Osni: O aluno lendo com a amiga.

Pesquisadora: Com a amiga. Aham. E vocês leem juntos com os amigos, assim de dois em dois?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Com quem você gosta de ler? Que amigo você gosta, ou amiga?

Osni: Diego.

Pesquisadora: Diego? E você lendo sozinho? Aqui é a menininha, mas faz de conta que também tem um menininho, você gosta de ler sozinho?

Osni: Sim.

Pesquisadora: É? E aqui, que figura é essa?

Osni: Os menininhos estão brincando. Eles estão brincando.

Pesquisadora: Estão brincando. Isso acontece na sua sala de aula?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Vocês brincam de que?

Osni: Carrinho, de boneco, jogo da velha...

Pesquisadora: Uhum.

Osni: E de quebra-cabeça.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Só.

Pesquisadora: Só? E que figura é essa? O que essa figura está mostrando?

Osni: Eles estão estudando.

Pesquisadora: Estudando. Vocês estudam na sala de aula?

Osni: Sim.

Pesquisadora: E aqui, o que que é essa figura?

Osni: O professor está brigando com o menino.

Pesquisadora: Isso acontece?

Osni: Não.

Pesquisadora: Não acontece? Uhum. Muito bem, eu acho que você cumpriu esse desafio. Então agora você também vai ganhar mais um boneco aqui. Então esse era o quarto desafio. Pode jogar, Osni. (Natiele falando ao fundo).

Osni: Um, dois, três.

Pesquisadora: Três, aham. Parou aqui, pode jogar.

Osni: Cinco, seis.

Pesquisadora: Isso, volte um boneco. Então é um joguinho aqui das fichinhas escalonadas. Eu vou te dar três números, três fichas, eu quero que você monte o maior número que você puder com essas fichas. Espera aí, vou te dar mais um. Monte um número pra mim. O maior número que você puder montar.

Osni: Esse.

Pesquisadora: Esse? Vamos ver aqui.

Natiele: Esses outros.

Pesquisadora: Hã?

Natiele: Ele mudou.

Pesquisadora: Ele mudou? Espera aí, então. Deixa eu ver, então eu te dei esses números, né?

Alguém: E quando você viu na sacola... Ah, deixa, deixa.

Pesquisadora: Esse é o maior número que dá pra montar?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Então o maior número é o... Tá. Tem outro jeito de montar o número? Outro número?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Então monta outro número, vamos ver. Aham. Que número ficou esse? Cinquenta...

Osni: Trinta.

Pesquisadora: Cinquenta trinta. Muito bem. Esse número com esse, dá pra montar qual número? Com essas duas fichas, qual número que dá pra montar?

Osni: Esse.

Pesquisadora: Esse. Aham. Qual número que dá pra montar? Que número que ficou esse?

Osni: Sessenta e quatro.

Pesquisadora: Sessenta e quatro. Monta pra mim o número setenta e quatro. Muito bem, também concluiu esse desafio. Parabéns. Aqui. (Criança conversando no fundo). E agora nós já chegamos no final e você ganhou três bonecos, quantos faltam pra você cumprir todo o joguinho, todo o desafio?

Natiele: Seis.

Pesquisadora: Faltam?

Osni: Dois.

Pesquisadora: Faltam dois, você tem quantos?

Osni: Três.

Pesquisadora: Três. Você pode ganhar quantos?

Natiele: Daí falta mais três pra dar seis.

Osni: Três só.

Pesquisadora: Faltam três. Você lembra quais desafios você já cumpriu?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Esse, o primeiro desafio você já cumpriu.

Osni: Esse.

Pesquisadora: O segundo também.

Osni: E esse.

Pesquisadora: E esse. Esse também? Então o terceiro falta o terceiro, vamos para o terceiro?

Natiele: Ele não passou por aqui, ó, profe.

Pesquisadora: Ah é, não passou? Esse daqui, oh, o terceiro desafio. Oh, qual dessas figuras tem na sua sala de aula?

Osni: Esse.

Pesquisadora: Esse é o que?

Osni: Calendário.

Pesquisadora: É o calendário. O que a professora ensina com o calendário? (Criança gritando).

Osni: É olhar... Mês.

Pesquisadora: Mês, o dia... E o relógio?

Osni: Não.

Pesquisadora: Não? Você conhece o relógio ou não?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Conhece as horas?

Osni: Sim.

Pesquisadora: É, que horas são aqui? Hum? E aqui, essa figura tem na sua sala de aula?

Osni: Sim.

Pesquisadora: O que que é essa figura? O que a professora ensina com essa figura?

Osni: Pra contar

Pesquisadora: Que é pra não escutar?

Osni: Pra contar os números.

Pesquisadora: Ah, pra contar os números! E você sabe contar até que número?

Osni: Até 100.

Pesquisadora: Até 100? Uhum. E essa figura tem na sua sala de aula?

Osni: Não.

Pesquisadora: Não tem? É uma trena. E aqui?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Sim. Tem? Uhum. Então muito bem. Também cumpriu seu desafio. E agora qual desafio que nós não cumprimos ainda?

Osni: Esse.

Pesquisadora: O quarto. Isso. Esse aqui nós já fizemos? Qual dessas coisas acontece na sua sala de aula?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Já. Então esse aqui você já respondeu. Então tem uma pergunta, o que é mais difícil na matemática? O que você acha mais difícil, você já me contou que você acha fácil às continhas de mais, de menos, né? E difícil o que que é? Ou não tem difícil?

Osni: Não.

Pesquisadora: Não tem difícil? É tudo fácil? A professora dá probleminhas?

Osni: Sim.

Pesquisadora: E nos probleminhas você se sai bem?

Osni: Sim.

Pesquisadora: É fácil de fazer os probleminhas? E aqui ó, essas coleções aqui que Natiele já organizou, como que eu posso organizar? Me dá uma ideia, está uma bagunça nesse saco, como que a gente pode organizar, essas coleções? Uhum. As bolinhas com bolinhas?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: E os pentes? Pente com pente. Muito bem. (Crianças falando ao fundo). Anel com anel.

Osni: Os pratinhos.

Pesquisadora: Pratinho com pratinho. Muito bem. Tem outro jeito de organizar?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Fora esse jeito que você fez? Como? Ensina pra mim.

Osni: As cores.

Pesquisadora: Por cores. Branco. Pentes brancos com bolinhas brancas.

Osni: Tem um monte de preto.

Pesquisadora: Muito bem, vocês são muito espertos, em. Me ensinaram a organizar as coleções de um jeito diferente. Então explica pra mim, vocês organizaram de dois jeitos, conta pra mim, primeiro você organizou como, Osni?

Osni: As cores.

Pesquisadora: Com as cores. Aham. E antes? Panelinha com panelinha... Pente com?

Osni: Pente.

Pesquisadora: Pente. Uhum. Muito bem. Organizaram bem. Animais com animais. Então agora vamos guardá-las.

Natiele: Não serve! (Risos).

Pesquisadora: Não serviu? Então você ganhou seu quinto bonequinho. A Nati guarda pra mim? Aqui dentro.

Natiele: As coisinhas?

Pesquisadora: Aham. Não, tudo. Guarda pra mim essas coleções. Então vamos lá. Esse é o quarto. Terceiro desafio. Então o segundo desafio que está faltando. Desenhe o que você mais gosta de estudar. Você desenhou pra mim o que você mais gosta de fazer na escola. Que é ler. Eu quero saber agora o que você mais gosta de estudar. O que é que você mais gosta de estudar?

Osni: É fazer continha.

Pesquisadora: Fazer continhas? Quer desenhar, quer escrever?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: O que você vai fazer vai desenhar? Ou escrever?

Natiele: Soltou uma menininha.

Osni: Desenhar.

Pesquisadora: É? Pode desenhar. Uhum.

Natiele: Soltou uma menina.

Pesquisadora: Soltou uma menininha? Quer trocar? Quer trocar por essa, por esse? Então está bom. Então pode desenhar, Osni. Você fazendo continhas?

Osni: Uhum.

Natiele: Aqui. As do Osni está tão pequenininha. (Risos). Depois eu vou trocar isso aqui.

Pesquisadora: Hum?

Natiele: Depois eu vou trocar esse aqui com esse aqui.

Pesquisadora: Você quer trocar?

Natiele: Só esses dois.

Pesquisadora: Então vamos trocar.

Osni: Eu tenho quatro.

Natiele: Hã?

Osni: Eu tenho quatro.

Natiele: Um, dois, três, quatro!

Pesquisadora: Você ganhou quatro? Mas você tinha... Você está ganhando agora o quinto? Não você já tinha ganho cinco. Só falta esse pra ganhar.

Osni: Não, eu tinha um, dois, três, quatro, cinco.

Natiele: Eu tenho seis aqui.

Pesquisadora: Uhum. Você tem seis, né. O que é mais legal assim na escola, que vocês gostam?

Natiele: Tudo.

Pesquisadora: Tudo? Vocês vêm na escola de manhã ou à tarde?

Osni: À tarde.

Natiele: Seis.

Pesquisadora: À tarde? Daí vocês chegam na escola e fazem o que?

Osni: Nós escrevemos.

Pesquisadora: Em qual caderno vocês escrevem mais?

Natiele: Depois eu vou trocar esses quatros.

Pesquisadora: Em, Natiele?

Natiele: Hã?

Pesquisadora: Você e o Osni escrevem mais em qual caderno?

Natiele: No de português e de matemática. Depois eu vou trocar esses quatros por essa...

Pesquisadora: Qual que você quer, não precisa trocar os quatros. Um só?

Natiele: Quero trocar...

Pesquisadora: Uhum. Muito bem, Osni. Desenhando, escrevendo, ensinado continhas.

Natiele: Profe?

(Natiele falando).

Pesquisadora: Sim, aqui Osni. Quantos você ganhou, Osni?

Osni: Seis.

Pesquisadora: Então, Osni, deixa eu ver se tenho mais uma perguntinha pra você. O que você não gosta de fazer no caderno de matemática?

Osni: Estragar.

Pesquisadora: Estragar o caderno? E você não estraga? Está bem arrumadinho seu caderno?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Tem bastante coisa escrita?

Osni: Sim.

Pesquisadora: O que tem mais escrito no seu caderno?

Osni: Continhas e...

Pesquisadora: A professora contou que vocês fizeram uma atividade com ovos.

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Como que foi essa atividade? Eu queria saber.

Osni: A gente fez uma pizza...

Pesquisadora: Hum. E o que mais vocês aprenderam nesse dia?

Osni: Esqueci.

Pesquisadora: Esqueceu tudo? É? Muito bem. Então eu quero agradecer também ao Osni, que participou aqui na Aldeia dos Caigangues, da entrevista que eu fiz, participou do jogo do desafio, o que você achou desse jogo do desafio? Pode fazer com outras crianças?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Será que elas vão gostar? O que é mais legal desse jogo? O que vocês acharam mais legal?

Osni: Do desafio.

Pesquisadora: Do desafio? Por quê? Hum? Vou pedir pra prof. Ivania tirar uma foto nossa aqui, ó, vocês com os bonequinhos na mão. E... Espera só um pouquinho.

(A pesquisadora sai e as crianças começam a conversar).

Tatiane: Só uma menininha?

Pesquisadora: Aqui, ó. Vamos olhar pra prof. Ivania. Olha lá, Osni. Aham. Mais uma. Daí eu queria que você tirasse de frente que eu vou ficar ali no meio deles.

Ivana: Foi legal?

Pesquisadora: Aqui, ó. Olhe lá.

Ivana: Foi legal ou não? Eu não estou escutando ninguém.

Pesquisadora: Ah, eles falaram baixinho. Vou ver se dá certinho pra gravar. Acho que mais uma, que eu olhei pra baixo. Aham. pode apertar com força.

Ivana: Foi legal ou não?

Tatiele: Foi.

Ivana: O que vocês ganharam... Vocês ganharam isso? Sério?

Pesquisadora: Cada um... Conta ali, Ivania. São seis desafios, eles ganharam seis bonequinhos.

Ivana: Seis? Os dois?

Pesquisadora: Responderam, participaram. Fizeram tudo certinho.

Ivana: Aí que chique!

Pesquisadora: Deu seis pra cada um mesmo? Então agora vamos ver se deu certo, vou desligar aqui. Vamos ver.

Tatiele: Vamos escutar.

Pesquisadora: Vamos escutar aqui.

2ª entrevista**Entrevistado: Osni Alves****Data da Entrevista: 15/01/2015****Transcrição: Fabiane Prazeres****Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins**

Pesquisadora: Então eu vou conversar com você, a professora Ivana contou uma história para vocês, né? Então vou falar com você sobre essa história na minha pesquisa de mestrado. O nome da minha pesquisa é Alfabetização Matemática...

Osni: Aham.

Pesquisadora: Como que foi a alfabetização matemática dos professores, como que ela acontece hoje e como que ela pode ser para o futuro e daí as crianças estão me contando como que é hoje na escola...

Osni: Aham.

Pesquisadora: Como é que as professoras ensinam matemática e daí eu gravo...

Osni: Aham.

Pesquisadora: Para constituir fontes...

Osni: Hum.

Pesquisadora: É... A história dele vi ser uma fonte de pesquisa, né?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: E a professora Ivana contou uma história para você da Ana Maria.

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Lembra dessa Ana Maria? Então, eu vou contar de novo a história da Ana Maria para você, para você contar a minha história. A profe não levou uma historinha dessa menina para vocês lerem? Então a tua história também vai ser uma história para outras crianças poderem ler. Daí você conta a tua história para mim?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Então a Maria, por exemplo, ela morava em um campo, né? Onde tinha várias árvores, tinha várias flores, né, então eu também quero saber como que é onde você mora, como é que é a sua aldeia, para você contar um pouquinho para mim, tá? Então, qual é o nome dos seus pais? Do pai é...?

Osni: Angeli.

Pesquisadora: Angeli né, e da mãe?

Osni: Regina.

Pesquisadora: Regina. É, você tem amigos?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Como que eles chamam? Como é que é o nome deles?

Osni: Gabriel.

Pesquisadora: Gabriel... Quem mais?

Osni: Geisel.

Pesquisadora: Aham, tem mais?

Osni: Tem. (Barulhos ao fundo). Diego.

Pesquisadora: Diego... Eles estudam na tua sala? Aham. Mais alguém?

Osni: Acho que é só. (Risos).

Pesquisadora: (Risos) É, lá na sua escola, vocês, é, ajudam a professora durante o dia, da aula?

Osni: Aham.

Pesquisadora: O que vocês fazem?

Osni: Aqui da casa não tem, mas sabe disso, daqui já perde tudo.

Pesquisadora: É? O que vo... O que você já sabe de matemática?

Osni: ...

Pesquisadora: O que você já aprendeu de matemática na escola?

Osni: ...

Pesquisadora: Você lembra? Aprendeu continhas?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: De mais?

Osni: Divisão.

Pesquisadora: Aprendeu divisão? Multiplicação também? É? Então, na casa onde que Maria morava, ela não era muito grande, ela era pequena, né? Ficava no meio do campo, né. Não era em uma aldeia, era em um sítio. E a casa dela, você lembra como é que a professora contou como que era a casa dela?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Como que era?

Osni: Era...

Pesquisadora: Tinha flores, né...

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Tinha frutas... E aí, aqui na tua casa, tem árvores perto?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Árvores de que?

Osni: Amora.

Pesquisadora: Tem amora, aham, o que mais?

Osni: Limão.

Pesquisadora: Tem limão.

Osni: Pêssego.

Pesquisadora: Tem outras frutas?

Osni: Só.

Pesquisadora: Só? Qual é a fruta que você mais gosta?

Osni: Pêssego.

Pesquisadora: Pêssego? Aham, e como que é a casa que você mora? Conta para mim.

Osni: (Risos).

Pesquisadora: É como que se eu não tivesse aqui, digamos lá que eu vou ler a tua história, como é que é a casa do Osni? Ela é feita de madeira, de tijolos...?

Osni: De madeira.

Pesquisadora: De madeira... Quantos quartos têm? Tem cozinha? Tem sala? Tem área? Conta para mim como é que é a casa do Osni.

Osni: Dois quartos...

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Uma cozinha.

Pesquisadora: Aham. Tem fogão à lenha?

Osni: Aham.

Pesquisadora: Fogão à gás?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Aham. O que mais? Em quantas pessoas vocês moram na casa?

Osni: Cinco.

Pesquisadora: Cinco pessoas, quem são essas pessoas?

Osni: Eu...

Pesquisadora: Uhum.

Osni: O Bruno...

Pesquisadora: O Bruno?

Osni: O Alex, a Regina...

Pesquisadora: Uhum.

Osni: O Angeli.

Pesquisadora: Aham. Então, quantos irmãos você tem?

Osni: Dois.

Pesquisadora: Dois irmãos? Uhum, e irmã? Tem irmã?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Então são ao todo, são quantos filhos?

Osni: Três.

Pesquisadora: Três filhos? E o pai e a mãe. Muito bem! É, você acha que teus avós, você tem avó e avô ainda?

Osni: Hum, só vó.

Pesquisadora: Tem vó? Você acha que a vó mora parecido com você? Com a sua casa? A casa da sua vó é parecida com a sua?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: É? Também é feita de madeira?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: É? Ela mora na aldeia também?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não? Mora fora da aldeia. Uhum. Você mora perto ou longe da escola?

Osni: Perto.

Pesquisadora: Perto da escola. Aham. O que que existe da tua casa até na escola, o que existe no caminho?

Osni: Estrada.

Pesquisadora: Estrada, e na beirada da estrada, o que é que tem?

Osni: Hum...

Pesquisadora: Tem árvores?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Elas são altas, baixas?

Osni: Altas.

Pesquisadora: Altas? E o tronco, é grosso, é fino?

Osni: Fino.

Pesquisadora: Fino? Tem comércio?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: O que vende nesse comércio?

Osni: Hum...

Pesquisadora: Hã? Vende alguma coisa nesse comércio?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Coisa de comer?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: O que?

Osni: Maçã.

Pesquisadora: Uhum. Só?

Osni: Banana.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Só.

Pesquisadora: Só? Você acha que tem mais maçã lá para vender ou tem mais frutas?

Osni: Mais frutas.

Pesquisadora: Mais frutas. Muito bem. Por que maçã é fruta?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: E o que mais você falou que tem?

Osni: Banana.

Pesquisadora: Banana... Também é fruta? Isso, aham. E aí, tem igreja no caminho da tua casa para a escola? Tem uma igreja no meio do caminho ou não?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Tem posto de saúde? Não, é só o comércio mesmo? Tem casas?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Passa por casas? Muito bem! É, você acha que tem muitas árvores ou poucas árvores?

Osni: Muitas.

Pesquisadora: Muitas árvores. Aham. Você acha que tem árvores próximas da escola ou longe da escola? Perto da escola...

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Têm árvores mais perto ou mais longe?

Osni: Perto.

Pesquisadora: Perto? Têm árvores perto. Aham. É, atrás da escola tem o que?

Osni: Árvores.

Pesquisadora: Árvores? Aham. Que lugar a gente chama assim, onde fica a tua escola? Que lugar que é esse?

Osni: ...

Pesquisadora: Que eu falo assim, ah o Osni estuda na Escola Estadual, como é que é mesmo o nome da escola?

Osni: Escola Estadual Indígina Jykre Tag.

Pesquisadora: E daí ela fica em que lugar? Na aldeia que tem que nome?

Osni: Na Aldeia Passo Liso.

Pesquisadora: Passo Liso. Aham. Então na casa da Maria ela contou para nós que tinha dois quartos, sala, cozinha, né? O banheiro e o lugar que a mãe dela lavava roupa ficava do lado de fora da casa, tá? Como é que é na sua casa? Como é que a tua casa é dividida?

Osni: ...

Pesquisadora: Tem o quarto...? Aonde a mãe lava a roupa, aonde que é, dentro de casa? Fora de casa? Longe de casa?

Osni: Fora.

Pesquisadora: Fora? Fica longe?

Osni: Perto.

Pesquisadora: Fica perto? Aham. E você acha que a sua casa é grande, é pequena?

Osni: ...

Pesquisadora: Você acha sua casa grande ou acha pequena?

Osni: Grande.

Pesquisadora: Hã?

Osni: Grande.

Pesquisadora: Você acha ela grande. Aham. É, quantos irmãos são mais velhos que você?

Osni: Um.

Pesquisadora: Um? E mais novo?

Osni: Um.

Pesquisadora: Um também. Uhum. Quantos anos têm o mais velho?

Osni: 13.

Pesquisadora: Aham. E você tem quantos?

Osni: Nove.

Pesquisadora: E o mais novo?

Osni: Quatro.

Pesquisadora: Quatro anos. Aham. É, você então está com nove anos, né?

Osni: Aham.

Pesquisadora: É, você acha que, é, as famílias, todas elas, daqui da aldeia, são maiores que a tua família ou são menores?

Osni: ...

Pesquisadora: A tua família tem quantas pessoas?

Osni: Cinco.

Pesquisadora: Cinco. E quem você conhece aqui na aldeia tem família que são maiores?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Tem? Quantas pessoas têm nas outras famílias?

Osni: ...

Pesquisadora: Tem ideia de quantas pessoas?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não?! Mas elas são maiores? Tem maiores? Oh, na casa da Maria, você lembra que a professora falava que eles colocavam uma mesa assim, para almoçar? Colocava os pratos, né. É, daí eles tinham o costume de colocar pratos, parece que a mãe dela fazia sopa, colocava a sopa em um prato mais fundo e a comida naquele outro prato. Na tua casa, como é que vocês comem? A mãe faz a comida no fogão à lenha...

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Daí você se serve no fogão à lenha? Como é que é? Conta para mim. Ou a mãe põe na mesa a panela e você se serve na panela? Senta na mesa, em volta da mesa? Como que vocês costumam fazer?

Osni: ...

Pesquisadora: Hum? Senta em um banquinho?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Pega a comida no fogo?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: E senta no banquinho?

Osni: Sim.

Pesquisadora: É? Uhum. Oh, todo ano a mãe de Maria comprava um calendário, esse daqui eu não comprei não, esse eu ganhei. Comprava esse calendário. Vocês conheceram, trabalharam o calendário na escola, não trabalharam?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Aham. Quais meses do ano a gente tem aqui?

Osni: Janeiro...

Pesquisadora: Aham.

Osni: Fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro.

Pesquisadora: Isso! Que mês você faz aniversário, você sabe?

Osni: Dia 20 de julho.

Pesquisadora: De julho? Hum, muito bem. Está aqui, ó. E a mãe, você sabe? Oh, então está aqui o teu aniversário, dia 20 de julho, muito bem! E a mãe faz que mês? Você sabe o mês do aniversário dela?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Do pai?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não. E dos irmãos? Não? Então você faz dia 20 de julho, né? E o hoje nós estamos em que mês? Agora, nós estamos em que mês do ano? Você sabe o dia que é hoje?

Osni: ...

Pesquisadora: Nós estamos em que mês?

Osni: Janeiro.

Pesquisadora: Que é o mês das férias, né?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Sabe o dia?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Oh, hoje é dia 16, perdão, hoje é dia 15. Hoje é dia 15 e o dia da semana é quinta-feira. Você sabe que dia foi ontem?

Osni: Quarta.

Pesquisadora: Aham, ontem foi quarta. E o dia do mês?

Osni: 14.

Pesquisadora: 14. Se hoje é dia 15, amanhã vai ser que dia?

Osni: 16.

Pesquisadora: Aham, e dia da semana?

Osni: Sexta.

Pesquisadora: Muito bem. E se a gente vai lá no mês do teu aniversário, vai cair que dia da semana?

Osni: Dia 20 de julho.

Pesquisadora: Dia 20 de julho, e o dia da semana? Numa?

Osni: Segunda.

Pesquisadora: Numa segunda-feira, aham. Você acha que o mês do teu aniversário tem quantos dias? O mês inteiro vai dar quantos dias?

Osni: 31.

Pesquisadora: 31 dias. Você acha que nesse mês do teu aniversário tem mais números pares ou mais números ímpares?

Osni: Ímpares.

Pesquisadora: Ímpares. Vamos contar? Então vamos lá, conta aí, pode apontar com o dedinho. Quais são os números ímpares? Qual? Pode falar alto, para mim saber também.

Osni: Esse.

Pesquisadora: Isso, qual? Vai mostrando. Com que chama esse número?

Osni: Ímpar.

Pesquisadora: É o número?

Osni: Ímpar.

Pesquisadora: Um. Isso, é o número um. Qual o outro número ímpar?

Osni: Esse.

Pesquisadora: Qual número que é esse?

Osni: Três.

Pesquisadora: Três. Isso, vai falando alto. Qual o outro? Fala alto, aham.

Osni: Cinco.

Pesquisadora: Cinco.

Osni: Sete.

Pesquisadora: Aham.

Osni: Nove.

Pesquisadora: Aham.

Osni: Onze.

Pesquisadora: Muito bem!

Osni: Quatorze.

Pesquisadora: Aham. Quatorze? É o...?

Osni: Treze.

Pesquisadora: Muito bem! Uhum.

Osni: Quinze.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Dezesete.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Vinte e um. Dezenove.

Pesquisadora: Isso! Daí está certo o vinte e um.

Osni: Vinte três.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Vinte e cinco. Vinte e sete. Vinte e nove. Trinta e um.

Pesquisadora: Muito bem! Então vamos contar quantos são? Quantos pares são? Ímpares são? Um...

Osni: Um. Dois.

Pesquisadora: Dois.

Osni: Três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis.

Pesquisadora: Dezesesseis dias ímpares. É, né?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: E pares? Quantos são será?

Osni: Dois, quatro, seis, oito, dez, vinte, doze, quatorze, dezesseis...

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Dezoito, vinte...

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Vinte e dois, vinte e quatro, vinte e sete, vinte e nove...

Pesquisadora: É os pares que você está contando, né?

Osni: Vinte e seis...

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Vinte e oito, trinta...

Pesquisadora: Trinta, isso. Então esses são os pares, né? E quantos são pares então, vamos ver?

Osni: Um...

Pesquisadora: Um...

Osni: Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezoito...

Pesquisadora: Quinze, quinze números pares, né? Muito bem, uhum. É, você acha que tem quantas semanas em um mês? Quais dias... É, quantos dias tem em uma semana?

Osni: Trinta e um.

Pesquisadora: Isso são os dias do mês, né? Trinta e um dias no mês. E na semana, quantos dias têm? Quais são os dias da semana? Vamos pensar.

Osni: Domingo, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado.

Pesquisadora: Quantos dias são?

Osni: Sete.

Pesquisadora: Sete dias da semana. Muito bem, aham. É, e quantas semanas tem em um mês? Aqui é uma semana, aqui é mais uma semana, aqui mais uma semana, quantas semanas tem no mês do seu aniversário?

Osni: Cinco.

Pesquisadora: Cinco? Muito bem, aham. Então que dia foi ontem?

Osni: Quatorze.

Pesquisadora: E que dia é hoje?

Osni: Quinze.

Pesquisadora: E amanhã?

Osni: Dezoito.

Pesquisadora: Muito bem, uhum. Então vamos lá. É, então em uma folha a parte Maria escrevia os meses do ano e colocava o nome dos irmãos no mês do aniversário, né. Então você já sabe, já me contou o mês que você faz aniversário, da mãe e do pai você não lembra, não sabe, né? É, e dos seus irmãos também não? Sabe o mês do aniversário dos irmãos?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não, não sabe, aham. É, já me contou quem nasceu primeiro, né. Quem que é o irmão mais velho tal e aí a Maria vai contar aqui a história da vaquinha que ela tinha, lembra o nome da vaquinha dela? Da Ana Maria que a professora contou? Da vaquinha que ela tirava leite, era mansinha?

Osni: ...

Pesquisadora: Tirava leite da vaquinha, todo dia que ela levantava, que ela tinha que amarrar as perninhas da vaquinha para ela não dar coice, daí ela tirava o leite e aí ela levantava bem cedinho todos os dias. Daí eu quero saber de você que horas que você levanta. Você levanta cedo?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Que horas você levanta? Você sabe?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Hã? Levanta bem cedo ou mais perto do almoço?

Osni: Mais perto do almoço.

Pesquisadora: Mais perto do almoço. Muito bem, aham. E quais atividades você realiza em casa? Antes de você ir para a escola. O que você faz em casa? Ajuda o pai e a mãe fazer alguma coisa?

Osni: ...

Pesquisadora: Faz tarefa de casa?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Que tarefa você faz?

Osni: Matemática.

Pesquisadora: Matemática? O que de matemática?

Osni: Mais.

Pesquisadora: Continha de mais? Uhum, o que mais?

Osni: Continha de menos.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: De divisão.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Multiplicação.

Pesquisadora: Você levanta e faz as tarefinhas? Fora da tarefa, faz mais alguma coisa?

Osni: Só.

Pesquisadora: Só? E você brinca, em casa?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: De que?

Osni: Jogar bola.

Pesquisadora: Uhum. Com os irmãos?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Uhum, o que mais?

Osni: Só.

Pesquisadora: E ajuda o pai e a mãe na tarefa de casa ou não?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Varre casa, lava a louça, faz comida? Ou não?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Uhum. É, uhum é o que? Você ajudou em que? Lavou louça? Enxugou?

Osni: Sim.

Pesquisadora: É? Ajuda mesmo?

Outra pessoa: (Risos) quando paga eles fazem!

Pesquisadora: É? Aham, que bonito! Você acha que você brinca mais tempo ou você estuda mais tempo?

Osni: Brinco.

Pesquisadora: Brinca? Aham. É, então a Maria tirava leite da vaquinha, ela tinha que fazer essa atividade, aqui na sua casa o leite ele... Vocês tem uma vaquinha ou não?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não. O leite vocês compram?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Compra o leite em litro ou em quilo?

Osni: Litro.

Pesquisadora: Em litro. Uhum. Então após o café da manhã os pais da Maria iam trabalhar, iam para a roça. O teu pai e a tua mãe trabalham em que?

Osni: ...

Pesquisadora: Trabalham com artesanato? Trabalham com... Trabalham fora, no frigorífico? Na ACRAS? Onde o pai e a mãe trabalham? Ou trabalham em casa? Fazem as tarefas da casa? Cuidam das crianças?

(Risos)

Osni: ...

Pesquisadora: Não quer falar sobre isso? Ou você não lembra?

Osni: Não lembro.

Pesquisadora: Não lembra? Uhum, é você, na casa de vocês, os teus pais cozinham comida no fogão à lenha ou no fogão à gás?

Osni: Fogão à lenha.

Pesquisadora: Você falou que tem fogão à gás? Tem? Às vezes a mãe cozinha ou o pai cozinha no fogão à gás?

Osni: Cozinha.

Pesquisadora: Cozinha. O que demora mais para cozinhar o feijão, cozinhar o feijão demora mais cozinhar no fogão à lenha ou no fogão à gás?

Osni: Fogão à lenha.

Pesquisadora: É? E o arroz fica mais rápido cozinhar no fogão à lenha ou no fogão à gás?

Osni: Fogão à lenha.

Pesquisadora: É mais rápido no fogão à lenha? No fogão à gás vai mais devagar?

Osni: Também.

Pesquisadora: Também? O leite, ele ferve mais rápido no fogão à lenha ou no fogão à gás?

Osni: Fogão à lenha.

Pesquisadora: No fogão à lenha? Uhum. E qual é a sua comida preferida?

Osni: Arroz.

Pesquisadora: O arroz? O que precisa para cozinhar arroz?

Osni: Banha.

Pesquisadora: Banha. O que mais?

Osni: ...

Pesquisadora: Sal?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: O que mais?

Osni: Água quente.

Pesquisadora: Água quente. Aham, e o arroz!

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Então você falou que você brinca na sua casa, né? Quando você vai para a escola, você brinca antes de fazer a tarefa ou depois?

Osni: Depois.

Pesquisadora: Depois. Primeiro você faz a tarefa, uhum. E a sua brincadeira preferida?

(Risos)

Osni: Joguinho.

(Risos)

Pesquisadora: Joguinho? Qual joguinho? No celular, no vídeo game?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: É? E na escola você brinca?

Osni: ...

Pesquisadora: Na sua escola você brinca?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: De que?

Osni: De pega-pega.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: De bola.

Pesquisadora: Uhum, de bola. Tem parquinho?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Aham. E na sala de aula, brinca?

Osni: Uhum

Pesquisadora: Não? Nunca vocês brincam, não tem joguinhos de matemática?

Osni: Tem joguinhos de matemática.

Pesquisadora: Tem. Que tipos de joguinhos que são?

Osni: ...

Pesquisadora: Tem algum joguinho que você lembra? Que a professora deu que você gostou?

Osni: ...

Pesquisadora: Já ouviu falar de uma história de um joguinho de carrinho, parece...

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Como é que funciona esse joguinho? Que a Nati estava falando em um joguinho, que tinha lá um dado, que jogava o dado.

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Que eles tinham um carrinho assim, que vocês tinha que andar... Como que funciona esse jogo?

Osni: Tinha números.

Pesquisadora: Sim.

Osni: Daí você jogava os dadinhos, daí se parasse no seis, ia para o quadrinho seis.

Pesquisadora: Aham. E daí, quem ganhava?

Osni: ...

Pesquisadora: No final do jogo tinha alguém que ganhava ou não?

Osni: Sim.

Pesquisadora: E esse era legal?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Legal? Você chegou ganhar alguma vez? Ganhou? então quem chegava primeiro no final era o vencedor? Uhum. Outro tipo de jogo? Você lembra que você gostou?

Osni: A fazendinha do PNAIC.

Pesquisadora: Uhum. Como é que funcionava essa fazendinha do PNAIC?

Osni: Dava os bichinhos.

Pesquisadora: Aham.

Osni: Só.

Pesquisadora: Só? Só de joguinhos? De histórias, tinha também de histórias que vocês trabalhavam matemática?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Lembra de alguma história?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não. Uhum. Lá na sua sala de aula, quem é o maior? Dos colegas.

Osni: Não sei.

Pesquisadora: Não sabe? Quem é o menor?

Osni: ...

Pesquisadora: Quem é o mais alto?

Osni: ...

Pesquisadora: Mais alto da sala, você lembra ou não?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não. E o mais baixo?

Osni: A Tati.

Pesquisadora: A Tati. Você é mais alto ou mais baixo que a professora?

Osni: Baixo.

Pesquisadora: Mais baixo. Aham. Você sabe o quanto você tem de altura?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não? E como que a gente pode saber que altura? Como que dá para saber qual é a sua altura? Como que a gente pode saber?

Osni: ...

Pesquisadora: A professora nunca pegou para saber a altura de vocês na sala?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Nunca? Nunca. Para saber quanto que uma pessoa pesa, como é que eu posso fazer?

Osni: ...

Pesquisadora: Quantos quilos você pesa? Você sabe?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não. E para saber quantos quilos você pesa o que que eu posso fazer?

Osni: ...

Pesquisadora: Para saber quanto que a mãe pesa, por exemplo, como que eu posso fazer? O que que a gente faz?

Osni: ...

Pesquisadora: Tem que...? Pesar, não?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Aham. E com que a gente pesa?

Osni: ...

Pesquisadora: Você sabe com o que a gente pode pesar uma pessoa?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não? Uhum. Um dia a Maria, a mãe da Maria e o pai, falaram para ela separar o nó de pinho, você conhece o nó de pinho, né? Não?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Aqui na aldeia não tem nó de pinho?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: É outro nome? Como que chama aqui assim?

(Pessoa falando ao fundo)

Osni: ...

Pesquisadora: Ah tá...

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Tem nó de pinho?

(Risos)

Osni: É, porque as vezes eu estou falando uma palavra e ele pensa em Caigang, né?

Outra pessoa: Aham. (Risos).

Pesquisadora: É, e balança para pesar pessoa, como é que... Daí balança, você conhece balança?

Outra pessoa: É o mesmo.

Pesquisadora: É o mesmo? Daí ele sabe o que é balança?

Outra pessoa: Acho que ele nem sabe, porque ele não vai no postinho.

Pesquisadora: Ah tá, porque no postinho eles pesam, né?

Outra pessoa: É, aham.

Pesquisadora: Ah, então tá. Então nó de pinho, chama nó de pinho em português. Daí a mãe falou na língua Caigang, que é tua língua que você conhece. Agora você lembrou do nó de pinho? Então o pai da Maria fazia ela também pegar do chão nó de pinho e separar, porque o pai queria vender o nó de pinho. Só que daí o pai fez o seguinte, falou para ela, Maria você junta um monte de nó de pinho e eu vou te dar um montão de bala. E aí a Maria e a irmã dela fizeram isso, depois o pai veio e trouxe um pacote de bala. E aí, você acha que criança pode chupar balas?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Pode chupar balas, não faz mal?

Osni: Não.

Pesquisadora: Não faz mal para a saúde? Aham. E aqui na aldeia, tem lugar onde vendem balas?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Sabe quanto custa?

Osni: ...

Pesquisadora: Quanto custa as balas? Dinheiro...

Outra pessoa: Cinco centavos. (Risos)

Osni: ...

Pesquisadora: É caro? É caro você acha? Uhum. E ai agora vamos pensar um pouquinho lá na tua escola, você conversa com os colegas na aula?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: A professora fica brava?

Osni: Não.

Pesquisadora: Não? Não chama a atenção do Osni, porque ele conversa?

Osni: Às vezes.

Pesquisadora: Às vezes? Aham. Sobre o que você conversa?

Osni: Sobre brincar.

Pesquisadora: Sobre brincar? E você conversa em Caigang ou você conversa em português?

Osni: Português.

Pesquisadora: Português. Aham. Você fala na língua Caigang com o pai e a mãe?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Sim. Aham. É, e ai lá a Maria, eles tinham galinhas, vocês tem galinhas aqui na aldeia ou não?

Osni: Tem.

Pesquisadora: Tem. E põe ovos?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Então a Maria, ela tinha que recolher os ovos, todo final de tarde ela ia nos ninhos para saber se as galinhas tinham posto ovos, você sabe quanto que tem uma dúzia de ovos?

Osni: ...

Pesquisadora: Quanto é uma dúzia?

Osni: ...

Pesquisadora: Eu vou te ajudar. Lembra um dia que a professora levou pra vocês um... Ovos...

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Em uma caixinha? Que ela me contou que tinha dado um ovo para vocês. Você lembra dessa história? Como é que foi isso? Me conta isso. Ela levou ovos para vocês, parece... Quanto de ovos ela levou?

Osni: Doze.

Pesquisadora: Doze? E era uma dúzia ou era uma dezena?

Osni: Dezena.

Pesquisadora: Era uma dezena? E aí ela fez o que com aqueles ovos? Ela quis ensinar vocês o que?

Osni: ...

Pesquisadora: Ensinar o que é uma dúzia? O que é uma dezena?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Você aprendeu que aquela quantidade de doze ovos era uma dezena? Ou uma dúzia?

Osni: Dúzia.

Pesquisadora: Dúzia? Uma dúzia é então quantos ovos?

Osni: Doze.

Pesquisadora: Doze. Muito bem! Tinha uma história que vocês comeram aqueles ovos, é verdade? Por que? Estava ruim?

Osni: Bom.

Pesquisadora: Estava bom? Era ovo cozido?

Osni: Aham.

Pesquisadora: (Risos) ela estava me contando sobre isso. Uhum. É, você tem computador?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não. Na escola vocês usam o computador?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Podem usar? O que vocês fazem no computador na escola?

Osni: ...

Pesquisadora: Brinca de joguinhos ou não?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Faz atividade?

Osni: Pesquisar.

Pesquisadora: Ah, pesquisar! Sobre assuntos da escola?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Hum. E a matemática que você aprende lá na escola, você usa aqui na aldeia? Em casa, no que você usa a matemática?

Osni: ...

Pesquisadora: Teu pai e a tua mãe fazem artesanato ou não?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Fazem. E no artesanato usa matemática?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Como que usa?

Osni: ...

Pesquisadora: Você acha que tem que fazer continha...

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Como?

Osni: ...

Pesquisadora: Para vender o artesanato?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Quem que faz as continhas?

Osni: ...

Pesquisadora: A mãe faz, o pai faz? Você faz?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Hum? Quem que faz a continha?

Osni: A mãe.

Pesquisadora: A mãe. Uhum. Você ajuda ela?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Sim. Uhum. Se eu... Oh, vamos fazer de conta que eu estou lá em Chopenzinho, você já foi um dia para Chopenzinho?

Osni: Sim.

Pesquisadora: E eu... Faz de conta que eu estou lá na casa da professora Ivana, como é que eu faço para chegar aqui? Você pode me explicar? Chegar aqui na tua casa?

Osni: ...

Pesquisadora: Você sabe explicar por que estrada que eu venho...

Osni: ...

Pesquisadora: Não? E para sair daqui da tua casa para ir na escola, como é que eu faço? Me explica? Vou sair daqui da tua casa para ir até ali na escola, como que eu faço? Como que eu faço, que estrada que eu pego?

Osni: ...

Pesquisadora: Hum?

Osni: Desce ali.

Pesquisadora: Desço ali, que mais? Vou pelo asfalto reto?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Vou embora?

Osni: Tem uma coisinha assim...

Pesquisadora: Sim.

Osni: Que vai até a escola...

Pesquisadora: Aham, eu vou reto, tem uma... Como você falou? Uma encruzilhada? E daí eu desço reto, viro a direita, esquerda?

Osni: ...

Pesquisadora: Como que eu faço? Vou reto, daí eu viro?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Direita ou esquerda?

Osni: Direita.

Pesquisadora: Direita. E daí? Paro?

Osni: Vai mais um pouquinho.

Pesquisadora: Uhum. E daí?

Osni: Daí chega.

Pesquisadora: Daí chega na escola. Certo. E aí lá na sua sala de aula, me conta, desse ano, o que você aprendeu, o que você mais gostou de matemática?

Osni: Continha de menos.

Pesquisadora: Sim.

Osni: Divisão.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Multiplicação.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: E de mais.

Pesquisadora: Certo. E a professora dava probleminhas?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Como que eram esses probleminhas?

Osni: ...

Pesquisadora: Você lembra? Você tem teu caderninho ou não? De matemática, você tem ele guardado? Você pode me mostrar ou não? Pode mostrar?

Osni: Na mochila...

Pesquisadora: Hã?

Osni: Não achei.

Pesquisadora: Você não achou? Ah, que pena! Eu queria ver o que você tinha aprendido de atividades, o que você tinha feito. A professora Ivana falou que vocês trouxeram para casa, que ela fez uma pastinha para vocês.

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Daí você não guardou ele?

Osni: Eu tinha guardado.

Pesquisadora: Ah... Ela falou que fez uma pastinha para vocês... E o que que tinha nesse caderno, que vocês fizeram? Que atividades tinham no caderno?

Osni: De matemática.

Pesquisadora: Uhum, de matemática. O que vocês escreveram nesse caderno?

Osni: Continhas.

Pesquisadora: Uhum. Além das continhas tinham outras coisas? O que que tinha de outras coisas?

Osni: Ciência.

Pesquisadora: Aham.

Osni: Caligrafia.

Pesquisadora: Uhum.

Osni: Português.

Pesquisadora: Uhum. O que que tinha escrito no caderno de português?

Osni: ...

Pesquisadora: O que vocês escreviam no caderninho de português?

Osni: ...

Pesquisadora: Não lembra?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: E no caderno de matemática? Além das continhas, tinha outra coisa escrita? Tinha desenho?

Osni: Aham.

Pesquisadora: O que vocês desenhavam?

Osni: ...

Pesquisadora: Uma vez você falou que vocês tinham desenhado figuras geométricas.

Osni: Uhum.

Pesquisadora: E outras coisas?

Osni: ...

Pesquisadora: Não lembra? Tinha números? Desenhados?

Osni: Aham.

Pesquisadora: Escritos? Os números que vocês usam na vida estavam escrito lá? Aonde que vocês usam na vida?

Osni: ...

Pesquisadora: Não lembra?

Osni: Aham.

Pesquisadora: Não lembrou? Lembrou? Então fala.

Osni: ...

Pesquisadora: Quando você chegava na escola a professora fazia a chamada, chamava o nome de vocês, daí vocês iam lá no calendário fazer o dia do mês? Como que era? Como é que era quando você chegava na escola?

Osni: ...

Pesquisadora: Você chegava na escola, entrava na sala, daí o que a professora fazia?

Osni: Chamada.

Pesquisadora: Uhum. E depois da chamada?

Osni: ...

Pesquisadora: Depois da chamada ela fazia o que?

Osni: ...

Pesquisadora: Contava história?

Osni: Uhum. Escrevia.

Pesquisadora: Aham. Escrevia, o que mais? Ai vocês escreviam também?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Aham. E depois? Era...

Osni: Desenhar.

Pesquisadora: Desenhavam... Desenhavam sobre o que?

Osni: ...

Pesquisadora: Era recreio?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Uhum. E depois? Já iam para casa? É?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Aham. E você gosta de estudar nessa escola?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Uhum. E daí de matemática você tem mais alguma coisa que você quer me falar?

Osni: ...

Pesquisadora: Que gostaria de me contar da tua história?

Osni: ...

Pesquisadora: Não?

Osni: Sim.

Pesquisadora: Hum? Quer me contar mais alguma coisa?

Osni: ...

Pesquisadora: Quer? Quer contar mais alguma coisa, Osni?

Osni: Uhum.

Pesquisadora: Não. Então eu quero agradecer você, muito obrigada, tá? Você conversar comigo mais um pouquinho, tá? Contar mais um pouquinho sobre a tua escola, sobre como você está aprendendo, hum, de repente se você lembrar de mais alguma coisa, como é que a professora ensinava com os jogos... Ai você fala, tá? Daí uma outra vez que eu vier aqui, daí de repente você conta mais um pouquinho para mim, pode ser? Então muito obrigada tá bom? Vou desligar aqui esse aparelhinho.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Angelina Alves,
portador (a) do RG 10.440.884-1, CPF _____,
declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações
prestadas pelo meu filho (a) Asni Alves
nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em suas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo sem restrições de prazos e citações, a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, RG 4339036-8 e CPF 57697620987, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna e, bem como em trabalhos e textos produzidos relacionados a essa pesquisa, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ver a entrevista e usar citações, ficando vinculado o controle à pesquisadora.

Esta cessão afasta os responsáveis pelo entrevistado (a) e seus herdeiros de receberem qualquer espécie de indenização ou compensação em virtude do uso e administração do material.

A pesquisadora, por sua vez, compromete-se a utilizar o material citado com objetivos educacionais.

Para efeitos, este termo vai assinado pelas partes.

Eu, Angelina Alves, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o

recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Autorização do uso da entrevista.

Curitiba, 01 de julho de 2014.

X Angellin

Assinatura do (a) responsável pelo entrevistado (a)

Sleine M. Sbartmann Martins

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA TEXTUALIZAÇÃO

Eu, Angelim Alves, portador (a) do RG 6140884-1, responsável legal por Dani Alves, conforme documento em anexo, afirmo que após ter lido o texto da textualização da entrevista por ele (a) concedida em 04.07.14, e após ter feito minhas considerações e solicitado modificações nas seguintes partes da textualização:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das informações por ele (a) oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em suas palavras.

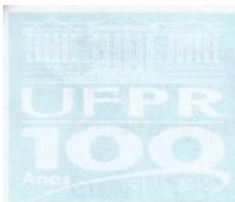
Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Angelim Alves, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos nossos direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 15 de Janeiro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Angelim

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Angelim Alves,
portador (a) do RG 10.340.889-1, CPF _____,
residente Aldeia Passo Liso no _____ endereço _____

declaro, por meio deste termo, que concordei em autorizar meu filho
(a) Osni Alves
nascido em Passo Liso (Chopinzinho) no dia 01/07/14,
ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente
momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ
SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO** desenvolvida pela pesquisadora
Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação
em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná
(UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do
Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer
momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email:
ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei autorizar a participação do meu filho(a) por minha própria
vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com
a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da
entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais
sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do
relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus
alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do
Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

A colaboração do meu filho (a) se dará de forma voluntária por meio de
entrevista com perguntas a partir de um jogo e de uma história, a ser gravada
em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente
transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes
que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição
e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que
considere inadequadas.

Posso ainda, retirar a participação do meu filho(a) desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Angelina Alves,
após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto
minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela
pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 04 de julho de 2014.

X Angelina

Assinatura do (a) responsável pelo /entrevistado (a)

Jaime M. Barthmann Martins

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora

[Assinatura]
Testemunhas

Isadora Barthmann Romarin
Testemunhas

ANEXO G – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Marta Jovinski Burkot e termos de autorização.

1ª entrevista**Entrevistada: Marta Jovinski Burkot****Data da Entrevista: 19/08/2014****Transcrição: Fabiane Prazeres****Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins**

Pesquisadora: Então vamos começar pela gravação, é, protocolo de pesquisa de Iloine Maria Hartman Martins. É, pesquisa de mestrado Alfabetização Matemática na Perspectiva do letramento, como foi, é e poderá ser. Vamos entrevistar a professora da escola do campo de Rio Branco do Sul, seu nome?

Marta: Marta Jovinski Burkot.

Pesquisadora: Marta?

Marta: Jovinski. J-o-v-i-n-s

Pesquisadora: Ki?

Marta: K-i. Burkot: b-u-r-k-o-t.

Pesquisadora: Tá. Data de nascimento?

Marta: 14/08/1972

Pesquisadora: Você tem um documento depois pra mim fotografar? Teu RG, alguma coisa aí junto com você ou não? Não?

Marta: Não.

Pesquisadora: Não liga não. Cidade que você nasceu?

Marta: Aqui mesmo em Rio Branco do Sul.

Pesquisadora: Professora, né?

Marta: Professora!

Pesquisadora: Tem telefone, Marta? Pra gente poder se comunicar.

Marta: 96.

Pesquisadora: 96.

Marta: 22.

Pesquisadora: Aham.

Marta: 9622... 9540.

Pesquisadora: 9540.

Marta: Aham.

Pesquisadora: Você lembra RG e CPF?

Marta: 57900871.

Pesquisadora: Ah tá. É, você fez seu ensino médio...

Marta: No colégio Cenecista Professor...

Pesquisadora: É Cenecista?

Marta: Colégio Cenecista Professor Fernando Moreira.

Pesquisadora: Moreira. Tá. Faculdade, fez faculdade?

Marta: Não, na época eu fiz o magistério e era o magistério profissionalizante.

Pesquisadora: Aham, magistério...

Marta: Então eu só comecei a pedagogia e não terminei

Pesquisadora: Professor... Tá. Aham. Séries que você já atuou?

Marta: É, primeiro ano, segundo e agora esse ano que é a primeira vez que tô trabalhando com terceiro ano.

Pesquisadora: Uhum, tá. Professora... Local de trabalho, como que é o nome da escola, Marta?

Marta: É Escola Municipal Professor José Ribeiro de Cristo.

Pesquisadora: Ribeiro de Cristo... Quantos anos faz que você tá trabalhando?

Marta: Que eu trabalho nessa profissão já faz 12 anos!

Pesquisadora: 12 anos. Você ano passado participou da formação do PNAIC ou não?

Marta: Sim.

Pesquisadora: Da formação, você participou? E esse ano você tá fazendo de matemática?

Marta: Tô.

Pesquisadora: Tá. Uhum. Tá, então aqui é um documento, é, que a gente fez, pra... É um termo de consentimento livre e esclarecido. Então, que que diz esse documento: fala o nome da minha pesquisa que é Alfabetização Matemática, como foi, é e poderá ser na percepção do letramento, desenvolvida então por mim. É, no programa de pós-graduação em Educação e Ciência em Matemática na Universidade Federal do Paraná e que você tá aceitando por livre vontade participar dessa pesquisa, né, sem receber qualquer incentivo financeiro, qualquer ônus, com finalidade exclusiva de colaborar na minha pesquisa que eu tô desenvolvendo.

Marta: Uhum.

Pesquisadora: Tá? É, então o objetivo da pesquisa é constituir fontes orais sobre alfabetização matemática na perspectiva do letramento através do relato de professores de alguns municípios do Paraná e seus alunos e daí depois formadores de matemática e língua portuguesa que também participam do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa. Então a minha pesquisa, a minha participação nessa pesquisa se dará de forma voluntária, por meio de entrevista né? Aberta, daí eu vou... Tem algumas fichinhas que eu fiz aqui, que eu elaborei, pra você lembrar as de algumas coisas da tua infância, então algumas palavrinhas assim pra você lembrar, daí no decorrer da nossa conversa eu vou fazer umas perguntas, mas de acordo com aquilo que você vai falando, né? Vou deixar você bem à vontade pra falar, tá? Você pode, é se retirar da pesquisa a qualquer tempo, você não é obrigada a falar, né? É, depois que nós sair daqui vamos fazer a transcrição, tudo que estiver gravado eu vou escrever, né, do jeitinho que você falou, do jeito que eu falei, você vai ter acesso a esse texto e que a gente chama de transcrição. E esse texto depois vai ser textualizado, que daí eu vou tirar as minhas perguntas e vai ser

como se fosse uma história sua, né, como se você estivesse contando uma história. Você vai ter acesso a esse texto e você vai dizer olha, eu quero que retire isso aqui, não gostei, eu quero que acrescentar mais coisas que no dia eu esqueci de falar, então você vai poder acrescentar coisas e tirar coisas, né, de informações, e depois você vai me autorizar de novo pra eu poder publicar na minha dissertação de mestrado. Tá, então...

Marta: Tá ótimo!

Pesquisadora: Eu vou voltar. Então você fica bem tranquila, de repente você pensa, aí eu falei uma coisa lá, mas eu não queria ter falado, né, não se preocupe que depois eu vou voltar com você, com o texto já escrito e você vai poder ler com calma e poder avaliar se você vai poder autorizar a publicação ou não.

Marta: Então você vai voltar um outro dia?

Pesquisadora: Vou voltar um outro dia pra daí passar esse texto pra você...

Marta: Uhum. Não, não tem problema, pode...

Pesquisadora: Tá bom? Então hoje é dia 19 de agosto... 14, então aqui.

Marta: Jonski Burkot.

Pesquisadora: Burkot... Uhum. Você só assina pra mim, Marta, fazendo favor? Aqui. Uhum. E daí aqui porque a participação foi na pesquisa e aqui então é um termo de autorização que é no caso, por exemplo, essa entrevista aqui vou tá transcrevendo a tua conversa, vou conversando com meu orientador na Federal, então vou usar a entrevista pra essas situações. Então é só no sentido de tá usando a tua conversa aqui pra gente tá conversando na federal. Então a mesma coisa, tá? Marta, é, Jo...

Marta: Esqueceu de novo?

Pesquisadora: É, é que é que é igual o meu pra não errar as letrinhas, né. Burkot... Deixa eu ver, RG. 57090871

Marta: Sandra, não tem uma xerox da minha identidade ali na documentação?

Sandra: Tem.

Marta: Se você puder fazer o favor de achar que daí ela já fotografa. Se a Neuza tivesse falado eu teria trazido.

Pesquisadora: Não, mas daí também depois, Marta. Não se preocupa não. Tem mais esse aqui. Bom, então Marta é assim: o que que eu quero ouvir de você: três momentos da sua vida, como foi quando você entrou na escola, como é que você aprendeu a ler e escrever, como é que você aprendeu matemática, esse é o primeiro momento que você vai falar. Eu separei uma palavrinhas aqui só no sentido de você ir lembrando de algumas coisas da tua infância, você não precisa falar sobre todas elas, mas você vai escolhendo, por exemplo: como é que era a leitura quando você entrou na escola, como é que era essa questão da conversa, da oralidade, tinha, é, histórias, não tinha, como é que era ensinado a matemática, vocês aprendiam diferentes tipos de textos, como é que era quando você criança entrou na escola pra aprender ler e escrever pra aprender matemática, pra aprender outras matérias. Que que dessas palavrinhas que tem aqui, que ajuda você a pensar na sua infância.

Marta: Quando eu fiz minha primeira série, que não era primeiro ano, era primeira série.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Foi no... Tem que falar o nome do colégio?

Pesquisadora: Fique a vontade, depois a gente pode acrescentar, não tem problema não, pode, se lembrar do colégio pode falar o nome.

Marta: Foi no colégio Maria da Luz Furquim. É, não tinha vários livros era só uma cartilha, né, Caminho Suave...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: O nome da cartilha e a gente aprendia a ler só na cartilha mesmo! E a professora era bem rígida, ela cobrava já no início, sem pré-escola sem nada, ela já cobrava letra de mão.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: A gente tinha que aprender a letra de mão, custe o que custasse...

Pesquisadora: Fazia a cursiva, você fala, a de forma já fazia ou não fazia...

Marta: Isso!

Pesquisadora: Já ia direto pra letra de mão?

Marta: Não, você tinha que ter no livro a de forma, a caixa alta, e você já tinha passar pra letra de mão, não tinha muitas opções assim.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E era só na cartilha e no caderno e o quadro que ela usava e não tinha folhas assim de sulfite igual a que faz agora que a gente dá tarefas avulsas pra criança ir melhorando a letra de forma, né, em caixa alta e faz outros tipos de tarefas. Não tinha jogos pra aprender a matemática.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Era só na cartilha e no caderno, você já tinha que ir direto pras continhas.

Pesquisadora: Você lembra assim da, do que você aprendeu primeiro de matemática, o que era mais forte da matemática, né, nesses primeiros anos?

Marta: Ah, ela já ia passando, é, direto os números, né, e daí os numerais você tinha que aprender a contar nos conjuntos, conjunto com bolinha, com florzinha, com... Assim, coisinhas bem simples ou se não ela colocava lá quantidade no conjunto, né, no conjunto e você tinha que desenhar aquela quantidade que tava representando o algarismo.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E daí já ia direto pras continhas, continha simples: uma mais um, dois mais dois.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E aí as de subtrair também, né. Três menos um, mas a gente não usava nada de jogos e nada de material concreto. O material concreto que a gente usava era os dedos.

Pesquisadora: Vocês usa... Ela...

Marta: Ela ensinava a você aprender a contar ali, diminuir ou, né, adição usando os dedos

Pesquisadora: Hum.

Marta: Outro tipo de material a gente não tinha. E era uma sala grande, com vários alunos, não era multiseriado, porque eu toda vida morei no interior, mas eu fui já estudar numa escola grande que não era multiseriado. Que era uma turma...

Pesquisadora: Que era do campo ou não?

Marta: Não...

Pesquisadora: Da cidade...

Marta: Não era do campo, era da cidade.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Eu morava no campo...

Pesquisadora: E ia pra cidade.

Marta: E ia pra cidade. Ia a pé também.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Porque na época não tinha transporte.

Pesquisadora: Sim.

Marta: E era muito difícil, porque a gente tinha que levantar bem de manhã, ajudar a mãe a tirar leite das vacas e engarrafava o leite naqueles litros de vidro mesmo que não tinha os descartáveis, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E cada uma, eu e a minha irmã, levava uma sacola com leite, às vezes cinco litros, seis litros, daí a gente já ia entregando os leite, até você chegar na escola.

Pesquisadora: Hum.

Marta: Daí, daí que você tinha que levar a sacola de leite, você levar a mala, que não era a mala de por as costas, era aquela pasta, né, que você levava embaixo do braço, escrita positivo.

Pesquisadora: Uhum. (risos).

Marta: Né?

Pesquisadora: Aham.

Marta: Então era uma dificuldade muito grande, e daí da minha casa até a escola, na Maria da Luz Furquim, dava sete quilômetros. Então a gente tinha que levantar bem cedinho. Eu acho que a gente levantava umas cinco e meia da manhã, até você tirar o leite e engarrafar que daí a gente já deixava os litros...

Pesquisadora: Uhum

Marta: Limpinhos, né. E ia a pé, às vezes a gente pegava carona e às vezes não.

Pesquisadora: Daí vocês entregavam o leite e já recebia ou era por mês?

Marta: Por mês.

Pesquisadora: Entregava todos os dias, mas...

Marta: E aquele dinheiro do leite ajudava a gente pra comprar outras coisas, né. Pra comprar o material escolar, pra comprar o conga, que não era tênis, era conga que a gente usava, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E o uniforme também na época não era doado pelo prefeito, né. A gente mesmo que tinha que comprar o uniforme. Era aquele uniforme azul com a listra branquinha. Camiseta branca. Daí a gente penava bastante, porque, é, o trajeto que nós fazíamos, é, era de estrada de chão, que é esse trajeto que você fez.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E, tinha dia que tinha bastante pó, tinha dia que era barro, daí a diretora não permitia a gente entrar no colégio sem a camiseta branca e tinha uma camiseta branca só. Então você chegava em casa e se sujasse você tinha que lavar pra no outro dia tá limpinho.

Pesquisadora: Pra no outro dia... E quando você começou a aprender matemática, você conseguia perceber que tinha a vê com as coisas que vocês faziam assim, vocês usavam matemática ou não, era uma coisa nova na escola?

Marta: Não, na época eu não tinha essa noção não.

Pesquisadora: Que era uma coisa diferente, não tinha noção, por exemplo...

Marta: Não. Não tinha noção que a matemática que eu aprendia lá na escola era...

Pesquisadora: Ia servir pra tua vida.

Marta: Era o que eu já fazia no meu dia a dia.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Que eu enteva o leite, que tinha que cobrar que tinha que receber, né, quantos litros tinha que levar. Não!

Pesquisadora: Isso você chegou... Teve um dia que você parou pra pensar, não, eu faço matemática no dia a dia e...

Marta: Na infância?

Pesquisadora: É, não, em que momento da tua vida, você parou pra pensar...

Marta: Não, eu acho que a gente foi notar isso já na adolescência.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Mas não na infância. Na infância a gente nem percebia.

Pesquisadora: Que a escola tava te ajudando de repente a fazer uma continha do leite lá, quanto que ia receber por mês, né, alguma coisa assim, você...

Marta: Não, na infância a gente não percebia, eu acho que a gente era muito assim imaturo pra perceber isso.

Pesquisadora: A professora nunca trouxe um exemplo, olha Marta tá trazendo tantos litros de leite...

Marta: Não, nunca trouxe esse exemplo.

Pesquisadora: Situações do dia, nunca fez parte?

Marta: Era tudo situações assim, abstratas, né, probleminhas tudo abstrato, não tinha nada no concreto e não no dia a dia. Nunca trouxe exemplos assim dos próprios alunos, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: O que que os alunos faziam, os pais, o que que os pais, né, comercializavam, né, o que que trabalhavam, isso ela nunca trouxe.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Era bem diferente do jeito que a gente trabalha agora, né.

Pesquisadora: Sim, com certeza, com certeza! Então pensando ainda na infância, é, diferentes tipos de textos na matemática, também você não observava?

Marta: Não, era mais assim só os probleminhas...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Não, não lembro, não me recordo, assim que tivesse.

Pesquisadora: Trabalhava calendário?

Marta: Não.

Pesquisadora: Não, nada, não trazia nem texto?

Marta: Não, o calendário que era assim trabalhado só mesmo a data no quadro.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Data, né, tal e ano tal.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Não me recordo assim da gente trabalhar.

Pesquisadora: Vocês chegavam na escola, qual que era a dinâmica? Chegava na escola a professora conversava com vocês, vocês conversavam com a professora?

Marta: Não.

Pesquisadora: Como é que era? Como é que funcionava o dia a dia?

Marta: Não, não tinha conversa. Era bem assim, rígido.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Você entrava na sala, você não podia nem fazer muito barulho, tinha que sentar, às vezes a gente tinha medo até de pedir pra ir no banheiro, né, ficava segurando o xixi lá e tinha medo, porque a gente tinha medo de ir até ela e pedir e ela dizer um *não*!

Pesquisadora: Uhum.

Marta: *Senta lá!* Então, não. E daí nós não podíamos nem levantar e se chegasse assim a diretora a inspetora de aluno, você tinha que se levantar e só ia sentar se ela mandasse você sentar. Era um, assim uma norma, né.

Pesquisadora: Sei, uhum.

Marta: E não tinha muita conversa não.

Pesquisadora: Respeito...

Marta: Era um respeito.

Pesquisadora: Brincar nem pensar então, na sala...

Marta: Brincar na sala não.

Pesquisadora: Lá fora...

Marta: Nós brincava na hora do recreio só.

Pesquisadora: Aí podia brincar?

Marta: Na hora do recreio a gente brincava, brincava da corrente.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Brincava de Cinco Marias, porque era um pátio grande e na época não tinha calçada, era tudo chão né, então a gente catava as pedrinhas e brincava de Cinco Marias, brincava de roda, atirei o pau no gato, essas coisas assim que a gente já brincava em casa.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E daí brincava na escola.

Pesquisadora: Mas na sala não tinha...

Marta: Na sala não! Na sala não lembro.

Pesquisadora: Tempo assim pra leitura, pra um deleite assim, ler por prazer...

Marta: Leitura a gente fazia só leitura do livro didático mesmo.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Não é leituras assim de histórias infantis, nada.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Eu fui conhecer mesmo as histórinhas infantis, depois, mais tarde, eu acho que eu tava lá com 15 anos, 16 anos.

Pesquisadora: E a professora nunca tinha parado pra contar, mesmo que não tivesse livrinho, ela nunca contou histórias?

Marta: Não, nunca parou pra contar histórias.

Pesquisadora: E esse livro didático que você falou que vocês tinham pra leitura, era a cartilha ou era outros...

Marta: A cartilha

Pesquisadora: Livros que tinha na sala.

Marta: Não, a cartilha.

Pesquisadora: Liam só mesmo a cartilha.

Marta: Só a cartilha.

Pesquisadora: Não tinha nenhum livro, igual nós hoje recebemos de editoras e aí tem lá na sala...

Marta: Não, não tinha.

Pesquisadora: Só tinha esse daí...

Marta: Só tinha esse livro.

Pesquisadora: Hum. Muito bem! A questão da escrita então de lembrança da matemática era mesmo a questão dos problemas e das continhas.

Marta: Só os problemas, as continhas, os conjuntos.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Né, num...

Pesquisadora: Daí quando você resolveu magistério? Como que foi, que que você, o que mudou quando você fez magistério, em relação ao ensino daí, da matemática? Que que você aprendeu, o que ajudou mudar o pensamento, que reflexões que você fez em relação ao jeito que você tinha aprendido com o que você tava aprendendo? Em que te ajudou?

Marta: Nossa, ajudou bastante, porque a gente começou a ver a notar que você tinha que levar materiais concretos pra sala de aula, que aquele material

concreto ele ia ajudar mais a criança a perceber na hora da escrita, na hora dele resolver um problema na oralidade.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E a gente, e o que nós quando fizemos lá a primeira série até a quarta série, penamos bastante.

Pesquisadora: Uhum. Você chegou a levar pra tua vida assim, é, os dificuldades na matemática, na questão da leitura e escrita pelo ensino que você teve ou não?

Marta: A com certeza!

Pesquisadora: Você se alfabetizou bem, teve um bom rendimento assim, como que você viu isso?

Marta: Não, reprovar assim de ano, nunca cheguei a reprovar.

Pesquisadora: Certo.

Marta: Mas a gente tinha sim bastante dificuldade.

Pesquisadora: Uhum. E você no magistério, você conseguiu superar algumas dessas dificuldades?

Marta: Não, consegui, porque tive vários professores e meus professores foram muitos bons.

Pesquisadora: Certo, aham.

Marta: Então, bem diferente do meu, da minha primeira série até a quarta série, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Então no magistério foi bem, bem melhor.

Pesquisadora: Aham. E quando você, é, fazia o magistério, então você percebeu que existiam outras formas de se ensinar do que aquela que você tinha aprendido.

Marta: É porque a gente tinha as didáticas né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Didática da matemática, didática do português, então com as didáticas você conseguiu, é superar.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Aquela falha lá do passado e ver que, é, você ia conseguir ensinar melhor os alunos, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Com mais cuidado.

Pesquisadora: E hoje você tá na sala de aula há quanto tempo?

Marta: 12 anos.

Pesquisadora: Esses 12 anos que você tá na sala de aula. Você se formou uns a 13, 14?

Marta: Não, eu me formei em 1990,

Pesquisadora: Hum, entendi.

Marta: Só que eu não atuei no magistério.

Pesquisadora: Não atuou. Uhum.

Marta: Eu trabalhava de auxiliar de escritório.

Pesquisadora: Entendi.

Marta: E eu só vim, né, trabalhar como professora foi em 2002.

Pesquisadora: Uhum. E aí quando você entrou na sala de aula o que que era mais forte, aquilo que você tinha aprendido no magistério ou o jeito que você tinha sido ensinada?

Marta: Não, o que eu aprendi no magistério!

Pesquisadora: Isso ficou forte pra você?

Marta: Toda vida!

Pesquisadora: Aí você conseguiu implantar ali na tua sala de aula o que você, a maneira que você tinha aprendido?

Marta: Toda vida, ficou bem melhor ensinar os meus alunos, né, com o que eu recebi, né, de ensino dos meus professores do magistério.

Pesquisadora: Uhum. E aí me conte agora como que é hoje, você como professora. Como que se da a tua aula, assim, como é que você ensina? Como é que funciona a tua sala de aula, como é que você ensina os teus alunos, como que é a dinâmica da sala de aula? Você pode contar, assim, se quiser me contar desde a hora que as crianças entram, como é que você faz rotina, como é que funciona o tempo da leitura, que material que você usa? Então você vai contar pra mim como é que é teu dia a dia com seus alunos.

Marta: Bom agora como a gente tem varias experiências, né, porque a gente utiliza de vários livros, de histórias infantis, agora tem também os livros do Pacto né.

Pesquisadora: Sim.

Marta: Então tudo isso a gente leva pra sala de aula e deixa a aula mais interessante, os alunos tem mais curiosidade.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E sempre nós começamos com uma leitura, né, falando sobre o dia, que dia que é hoje, né, é como que tá o dia.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Pras crianças perceber se tem diferença do dia anterior, como que foi e, é, sempre eles tem alguma coisa pra contar.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: É, eles sempre vem contando alguma coisa e eu deixo eles falar, tem alguns que não querem falar, né.

Pesquisadora: Sim.

Marta: Sempre tem ali uma meia dúzia que não quer falar nada, tem vergonha.

Pesquisadora: Sim.

Marta: Daí a gente sempre faz também a roda da historinha lá do saco de, saco do contador de história, né.

Pesquisadora: Uhum. Como que é isso, como que é... É o que vai pra casa? Esse...

Marta: Não.

Pesquisadora: Não, não? Como que é?

Marta: É... Quer que eu pegue?

Pesquisadora: Aham.

Marta: Tá ali...

Pesquisadora: Aham, pegue, pegue!

Marta: Hoje eu não levei...

Pesquisadora: Hã?

Marta: Pra sala, mas geralmente, eles trouxe...

Pesquisadora: Como é que funciona?

Marta: Eles trazem vários... (barulho de portas de armário abrindo e fechando). Daí vai passando né, daí a gente usa esses materiais alguns dias.

Pesquisadora: Certo.

Marta: Eles mesmos trouxeram e formaram um saco contador de historia.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Daí daqui mais...

Pesquisadora: Me conta, explica.

Marta: Daí a gente faz uma roda e eles vão colocando a mão dentro do saco e vão pegando alguma coisa, e daí eles vão falando, tinha que ser uma história, né, com sequência...

Pesquisadora: Sim.

Marta: Mas, como, é, às vezes eles não conseguem dar sequência, então eles contam alguma coisa sobre aquele objeto.

Pesquisadora: Sim, entendi, aham.

Marta: Eu fui no mercado e comprei uma pasta de dente e ela, né, tinha a marca Sorriso...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E assim né, ou você pegar o livro

Pesquisadora: E daí, você pega lá o livro e ele continua?

Marta: É, aí coloca lá, ah eu fui...

Pesquisadora: E lá no mercado mesmo...

Marta: Ou mudo, né, eu fui numa festa, na festa tinha o refrigerante de uva com a marca Sukita, assim então...

Pesquisadora: Ah, isso vocês fazem todos os dias? Ou não, é um dia...

Marta: Não, é um dia sim um dia não.

Pesquisadora: Entendi. Uhum.

Marta: Tá, aí fica esses objetos vários dias, daí a gente troca.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Daí eles trazem outros objetos pra nós mudar, assim que a gente vai fazendo.

Pesquisadora: Uhum, sim.

Marta: Aí tem a sacolinha da leitura, eles levam o livrinho pra casa, pra ler sozinhos. Agora eles estão lendo sozinhos, né, mas antes eles levavam o livrinho pra mãe ler ou o pai ou a irmã, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Alguém mais velho ler pra eles, daí eles chegavam na sala e tinha que contar sobre...

Pesquisadora: A história...

Marta: A história.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Então esse é um processo demorado...

Pesquisadora: Sim.

Marta: Até você começar a escrever no caderno as vezes vai quase até a hora do recreio.

Pesquisadora: Sim.

Marta: Até você conversar, contar...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Não... Não é rápido.

Pesquisadora: Você organiza, por exemplo, essa... Esse organização do dia, o que vocês vão fazer, eles tem isso registrado no caderno ou é só na oralidade?

Marta: Não, eles registram sempre no caderno...

Pesquisadora: A pauta do dia, o que vai ser feito no dia.

Marta: Tem, tem a rotina.

Pesquisadora: A rotina vocês escrevem no caderno?

Marta: Tem a rotina...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Não é geralmente escrita no caderno, mas eu chego e já falo, nós vamos fazer isso, isso, isso.

Pesquisadora: Uhum, entendi.

Marta: Ou senão eu coloco no cantinho do quadro.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Daí eles, eles já sabem qual momento que eles vão...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Vão fazer a tarefa.

Pesquisadora: E na tua dinâmica do dia, ou um dia da semana ou todo dia, tem um espaço, por exemplo, já vi que tem um espaço pra conversa, né, pra roda de conversa, tem um espaço aqui também que é pra trabalha a questão da oralidade, pra leitura, né, pra eles contarem à história que eles leram e pra brincar, tem um espaço no teu horário ou não?

Marta: Às vezes nós saímos lá fora fazer uma brincadeira.

Pesquisadora: Certo.

Marta: Como a gente tem a aula de educação física e educação artística, então a gente já divide com os professores de educação artística e educação física pra eles tomarem mais esse tempo pra levar os alunos lá fora.

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Marta: Mas às vezes a gente sai ainda contar uma historia embaixo da árvore...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Né, ver a horta.

Pesquisadora: Jogos você usa? Tem usado ou não os jogos?

Marta: Tenho, tenho os jogos que nós aprendemos esse ano.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Né...

Pesquisadora: Os sistemas de numeração decimal, os outros jogos lá da do caderno de jogos lá do Pacto?

Marta: Tamos fazendo aqueles jogos lá do ganha 100, é, perde, tem vários tipos de jogos...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Que a gente tá...

Pesquisadora: Já testou com as crianças ou não?

Marta: Já.

Pesquisadora: Esse... Já?

Marta: Aham. (Vozes ao fundo).

Pesquisadora: Esses jogos, eles conseguiram se desenvolver bem, você achou que...

Marta: Ah, principalmente esse ganha 100, eles, é melhoram bastante agora eles sabem o que é uma unidade 10, 10 unidades que forma uma dezena, quantas dezenas forma uma centena, então foi clareando na mente deles.

Pesquisadora: Uhum

Marta: É, através dos jogos.

Pesquisadora: Uhum. Você falou da horta, você fez algum trabalho, como é que... Já envolveu a horta no teu trabalho com eles, como você chegou?

Marta: Nós estamos fazendo um projeto de alimentos saudáveis.

Pesquisadora: Aham, que eu vi eles recortando lá. Aham, me explica um pouquinho sobre esse projeto que você tá fazendo com eles. Que que...

Marta: Esse projeto começou porque tem o livro do Agrimo.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Que envolve também, né, alimentação saudáveis e também a gente vai participar da feira de ciência, em setembro que também envolve alimentação saudáveis.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Então nós estamos trabalhando bastante em sala de aula com recortes...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Com conversas, né, o que que eles comem de fruta e verduras.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Eles estão conversando em casa, né...

Pesquisadora: O objetivo seria que eles modificassem o hábito alimentar, eles têm...

Marta: O que precisa... Eles não têm...

Pesquisadora: O hábito de comer...

Marta: O hábito de comer verdura.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: As merendeiras fazem a sopa, colocam bastante verdura e eles não querem comer, porque tem muito verde.

Pesquisadora: Uhum. E daí o objetivo da escola é que eles passem a gostar, e o que que, que estratégias que tem, vocês tem envolvida, assim pra que eles passem a gostar? Além de conscientizar, vocês vão fazer algumas receitas...

Marta: Conscientizar.

Pesquisadora: Alguma coisas, o que vocês estão pensando?

Marta: Nós vamos fazer algumas receitas, da salada de fruta...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Tem que ser coisas assim mais simples que a gente possa fazer na escola.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E também nós temos a merenda escolar, também. É só com alimentação saudável, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: A couve, o repolho, daí um dia na semana as meninas fazem o arroz, o feijão com a salada...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Daí tem alguns alunos que eles gostam de comer a salada e tem outros que...

Pesquisadora: Que não.

Marta: Nem pensar.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: É perder o inimigo se mostra a salada pra ele.

Pesquisadora: Aham. (risos). E na horta, como você pensou, você vai por eles na horta pra alguma coisa ou não? Você tem a horta aqui né?

Marta: Temos a horta. Por enquanto eles vão só visitar a horta, né.

Pesquisadora: Certo.

Marta: Ver o que que tem, pra eles saber, o que é...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Porque tem crianças que não sabiam nem que, o que era a cenoura. Eles viram as folhas ali e não sabiam nem que embaixo ali tinha a cenoura. (risos).

Pesquisadora: Aham. E desse projeto aí que você tá fazendo, é, tá conseguindo trabalhar essa questão do conhecimento nas diferentes áreas, na matemática, o que você poderia trabalhar da matemática?

Marta: Gráficos!

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Né, então o projeto dá pra gente trabalhar gráficos com eles.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Quantas crianças gostam de repolho, quantas crianças gostam de maçã, quantas...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Assim que a gente tá organizando. E em ciências, é, o paladar.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Pra eles, é, adivinharem através do paladar o que eles estão experimentando.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Se é limão, laranja, que tipo de verdura, através do tato.

Pesquisadora: Uhum. E na tua, assim, agora, quando a gente conversou, trabalhou diferentes textos lá você usa só a cartilha, hoje que tipos de textos teus alunos tem acesso?

Marta: Ui, vários textos.

Pesquisadora: Isso.

Marta: Nossa...

Pesquisadora: História...

Marta: História...

Pesquisadora: Narrativas...

Marta: Narrativas,

Pesquisadora: Receitas...

Marta: Receitas...

Pesquisadora: Gráficos você já falou, o que mais poderia dizer, textos informativos?

Marta: É, parlendas...

Pesquisadora: Parlendas.

Marta: Nossa... Tem... Agora até esqueci.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Mas no dia a dia a gente trabalha vários... Rimas, músicas, então...

Pesquisadora: Uma diversidade...

Marta: Uma diversidade de textos que eles têm acesso hoje que nós não tivemos, né.

Pesquisadora: Uhum. E, da leitura, e pra escrita, no terceiro ano, que tipo de texto seus alunos já sabem escrever, por exemplo: hoje nós vamos... Trabalhamos lá um conteúdo lá, eles estavam recortando frutas, acho que é...

Marta: Frutas e verduras.

Pesquisadora: Frutas e verduras. Você deve ter trabalhado na oralidade algumas coisas já e eles talvez consigam produzir. Que tipo de texto eles já conseguem escrever, o terceiro ano?

Marta: Eles fazem texto descritivo, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Contando o que eles recortaram, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E pra que que serve.

Pesquisadora: Eles saberiam, por exemplo, fazer, trazer essas informações em uma historia em quadrinhos, eles saberiam fazer uma história em quadrinhos?

Marta: Alguns, outros não.

Pesquisadora: Não?

Marta: Eles têm mais facilidade em fazer só o texto descritivo.

Pesquisadora: Entendi. Uhum.

Marta: Alguns têm facilidade de fazer um diálogo.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Outros já não têm, então...

Pesquisadora: Uhum. E na matemática, o que que eles... Como que você tá vendo, assim o aprendizado deles, o que eles têm... Eles conseguem fazer uma relação do que eles estão aprendendo com a vida deles...

Marta: Ah, conseguem.

Pesquisadora: Você traz situações da vida deles pra sala de aula para que eles possam observar que aquele conteúdo que tá sendo trabalhado tem uma relação com a vida dele, como é que você tem encaminhado?

Marta: Eles conseguem, porque, é, vários deles, às vezes a mãe tem uma banca daí a gente já coloca lá, a mãe de fulano de tal tem uma banca, é, tinha tantos doces, vendeu tanto, quanto ficou.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Então eles conseguem, é, observar que a matemática que eles estão aprendendo na escola é a matemática que eles usam no dia a dia.

Pesquisadora: Uhum. Tem a vê com a vida deles.

Marta: Tem a vê com a vida deles.

Pesquisadora: Aham.

Marta: Aqueles alunos que assim que o pai lá colhe né, milho, feijão, a gente sempre também consegue fazer os probleminhas lá, né. O pai do Nicholas colheu tantos sacos de feijão, já vendeu tanto, quantos ficou?

Pesquisadora: Aham.

Marta: Então eles tem noção...

Pesquisadora: Aham.

Marta: Dessa...

Pesquisadora: E se você colocar eles pra elaborar esses probleminhas eles também conseguem, você já teve uma experiência assim ou não?

Marta: Tem algumas das alunas que elas têm assim mais facilidade em elaborar, agora tem alguns alunos que não.

Pesquisadora: Aham.

Marta: Então, é, não dá assim pra gente generalizar todos.

Pesquisadora: Sim. Alguns estão em condições de fazer outros...

Marta: Outros não.

Pesquisadora: Estão pra alcançar isso ainda.

Marta: Não, outros tem mais facilidade em pegar o problema pronto e ler e daí só resolver.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E tem alguns que tem facilidade em formar ali o probleminha.

Pesquisadora: Uhum. Você percebe bastante crianças com dificuldades na matemática ou não? Na tua sala.

Marta: Tem alguns alunos meus que eles têm dificuldade no português e na matemática tem facilidade.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E tem outros que tem facilidade no português e na matemática tem dificuldade.

Pesquisadora: Uhum. E quem vai bem no português? Que nem você diz, vai bem no português e não vai bem na matemática, mas tem alguém que vai bem no português e vai bem na matemática?

Marta: Tem... Tem, também. Tem alunos que vai bem no português e vai bem na matemática.

Pesquisadora: Uhum. Você acha que a leitura ela ajuda um pouco essa questão, da criança compreender...

Marta: Ajuda bastante.

Pesquisadora: Como assim? Em que sentido você acha que ajuda? A criança que vai bem no português...

Marta: Ajuda porque ela aprende a interpretar, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Então se ela lê e começar a pensar ela vai conseguir interpretar o que que tá acontecendo, o que quer dizer aquele texto, aquela pergunta e vai procurar, né, é... Saber o que tem que fazer naquele momento.

Pesquisadora: Uhum, sim.

Marta: Então, melhorou bastante do que, né, na época eu fui alfabetizada.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E a criança tem chance de fazer varias interpretações, né. Não é só aquela interpretação assim que a gente...

Pesquisadora: Do dicionário. Que a gente diz, é essa interpretação e só.

Marta: É, não, eles tem chance de interpretar de vários jeitos, ali, é bem...

Pesquisadora: Uhum. Dá varias possibilidades, né. É, vamos ver aqui outras palavrinhas que daria pra nós conversar. Então histórias tem presente na sua sala de aula, questão da leitura, os jogos, é eu acho que... Quando a gente pensa, por exemplo, nessa questão da matemática, né, com um trabalho interligado com o português, com outras áreas, é, você consegue fazer isso com...

Marta: Sim.

Pesquisadora: De não trabalhar, não, agora é só matemática, não vou dialogar com ninguém, agora só português, também só... Você consegue fazer um diálogo, português-matemática, matemática com português, com história, geografia?

Marta: Sim. Dá, tranquilo.

Pesquisadora: Você consegue deixar isso claro na sua sala de aula? Buscar informações de outras áreas do conhecimento, trabalhar...

Marta: Sim, porque através dos jogos, a gente tem feito, é, um relato, né. Colocar o nome do jogo, com quem jogou, né, daí na hora de você relatar isso, coloca lá, é, no caderno de português.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: E daí na hora... Em outro momento que você vai usar a matemática, né, pra contar ali quantas dezenas, quantas unidades, você faz no caderno de quadrinho.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Então eles conseguem perceber que uma coisa tá ligada com a outra.

Pesquisadora: Sim, sim. Uhum. Eu acho que nós falamos um pouquinho de cada coisa, Marta. Vou deixar aberto se você quiser me contar mais alguma coisa da sua sala de aula, que você acha que pode contribuir. O que que mudou, por exemplo, agora com essas formações do Pacto, o que você tá fazendo, o que que tá te ajudando, o que você tá aplicando que tá dando certo? Você já falou dos jogos, né que tem lá...

Marta: Os jogos, as histórias infantis, né.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Então tudo isso tá ajudando bastante.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Nós aprendemos melhor a elaborar nossas aulas...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Né.

Pesquisadora: De planejamento. Como é que você faz o teu planejamento? Como é que você se organiza? Vocês fazem planejamento em conjunto, você faz daí por semana...

Marta: Por semana.

Pesquisadora: Por semana?

Marta: Por que a gente tem aí a hora atividade.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Aí na semana a gente já se organiza pra semana toda.

Pesquisadora: Daí vocês fazem uma sequencia didática, projetos, como é que você organiza?

Marta: Projetos.

Pesquisadora: Projetos?

Marta: Uhum.

Pesquisadora: Geralmente dura quanto tempo? Que nem agora vocês estão fazendo da alimentação saudável.

Marta: Esse da alimentação saudável é sete dias.

Pesquisadora: Sete dias?

Marta: Sete dias que vai...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Às vezes pode ir até mais.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Depende da...

Pesquisadora: Sim, dependendo de como você... Uhum. E não tem um dia certo assim, começam daí tem alguns que terminam em sete dias, outros dá mais, dependendo de como vai o andamento com os alunos...

Marta: Com os alunos. Com os alunos. Ou se a gente vê assim que surge alguma coisa interessante, aí a gente, né, altera ali os dias.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Então fica bem assim...

Pesquisadora: Esse da alimentação saudável, vocês já fizeram previsão do que vocês vão trabalhar em cada uma das áreas?

Marta: Já.

Pesquisadora: Português, matemática...

Marta: Uhum.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Já porque aí tem que participar da feira, né.

Pesquisadora: Sim.

Marta: E já tem que tá...

Pesquisadora: Que vai ser agora em setembro?

Marta: Setembro!

Pesquisadora: Setembro.

Marta: Então aí...

Pesquisadora: É a escola toda que tá participando desse tema?

Marta: A escola toda.

Pesquisadora: Uhum

Marta: A escola toda que tá participando.

Pesquisadora: Uhum. Se a gente for pensar na questão do eixo, oralidade, leitura, escrita, análise de linguística, qual deles tem mais espaço na tua sala de aula? Que você dá... Prioriza, mais tempo pra escrita dos alunos, mais tempo pra oralidade, mais tempo pra leitura, ou mais tempo pra fazer essa análise do que eles escreveram, que a gente fala, da análise linguística, qual tema você acha que você... Ou cada um tem um tempo...

Marta: Ai, pensando nessa... Sabe que eu nunca parei pra pensar?

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Mas eu acho que a gente escreve mais.

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Né?

Pesquisadora: Dá mais tempo pra escrita?

Marta: Pra escrita.

Pesquisadora: Pra escrita. Uhum.

Marta: Porque até as crianças na hora que você começa a falar na roda de conversa, eles logo em seguida já querem escrever.

Pesquisadora: Professora a gente não vai começar a aula? (risos).

Marta: É...

Pesquisadora: Aham.

Marta: Então é natural deles não...

Pesquisadora: Uhum.

Marta: Agora a pouco a gente tava fazendo os recortes lá, o Nicholas falou assim, é professora, nós só vamos recortar isso? (risos).

Pesquisadora: Aham, mas tá jóia, Marta. Eu deixo aberto se você quiser me acrescentar mais alguma coisa, mas quero te agradecer daí a tua participação...

Marta: Ah, mas eu que agradeço...

Pesquisadora: Por participar...

Marta: Por você vir visitar nós

Pesquisadora: Aham. Obrigada pela abertura também da escola, né. Daí vou encerrar aqui a gravação, tá? Agradecendo a professora Marta aqui de Rio Branco do Sul pra entrevista da dissertação de mestrado, pesquisa da dissertação de mestrado Alfabetização Matemática, como foi, é e poderá ser na perspectiva do letramento. Obrigada.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Marta Javinski Burkot portador (a) do RG 5.709.0871,
declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim
oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em
minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes
do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado
**ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA
DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de
Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da
Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização
Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Marta Javinski Burkot, após ter recebido todos os
esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o
recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de
Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 19 de agosto de 2014.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Marta Javinski Burkot
Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine Maria Hartmann Martins

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA
TEXTUALIZAÇÃO**

Eu, Marta Juvinski Burkot, portador (a) do RG 5.709.087-1,
afirmo que após ter lido o texto da textualização da entrevista por mim
concedida em 19/08/2014, e após ter feito minhas considerações e solicitado
modificações nas seguintes partes da textualização:

Onde se lê:

Lê-se:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das
informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do
texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da
entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou
digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM
ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa
de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da
Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização
Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Marta Juvinski Burkot, após ter recebido todos os
esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o
recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo
de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 13 de novembro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Marta Juvinski Burkot
Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine Maria Hartmann Martins

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Marta Jovinski Burkot, portador (a) do RG 5 709.0879, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO** desenvolvida pela pesquisadora Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email: ninacontadores@gmail.com,

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária por meio de entrevista aberta com o uso de fichas, a ser gravada em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que considere inadequadas.

Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Marta Jovinski Burkot após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 19 de agosto de 2014.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Marta Jovinski Burkot

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine Maria Hartmann Martins

ANEXO H – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Joelize da Siqueira Silva e termos de autorização.

1ª entrevista**Entrevistada: Joelize da Silva****Data da Entrevista: 19/08/2014****Transcrição: Fabiane Prazeres****Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins**

(Conversas e barulhos ao fundo).

Pesquisadora:

Então nós vamos conversar agora, para entrevista da pesquisa de mestrado, Alfabetização Matemática, como foi, é e poderá ser na perspectiva de letramento. Então como é teu nome?

Joelize: Joelize.**Pesquisadora:** Joeli?**Joelize:** Se!**Pesquisadora:** Joelize do que?**Joelize:** Joelize da Siqueira Silva.**Pesquisadora:** ... Silva... Quantos anos você tem, Joelize?**Joelize:** Oito.**Pesquisadora:** Oito... você sabe o dia do seu aniversário? Qual é o dia do seu aniversário?**Joelize:** Dia 20 de abril.**Pesquisadora:** O nome do seu pai?**Joelize:** Joel.**Pesquisadora:** Joel... Da Silva?**Joelize:** Uhum.**Pesquisadora:** E da mamãe?**Joelize:** Eliane.**Pesquisadora:** E o nome da sua professora?**Joelize:** Marta.**Pesquisadora:** E o nome da sua escola?**Joelize:** Escola Municipal Professor José Ribeiro de Cristo.**Pesquisadora:** José Ribeiro...**Joelize:** de Cristo.**Pesquisadora:** Que série que você estuda?**Joelize:** Terceiro ano.**Pesquisadora:** Terceiro ano... Quantos cadernos você usa na escola?**Joelize:** Humm, quatro!**Pesquisadora:** Quatro? Você desenha nesses cadernos?**Joelize:** Não! Só no de...quando é para desenhar**Pesquisadora:** Só no de desenhos?

Joelize:Uhum.

Pesquisadora: Você tem um caderno que tem muitos quadradinhos?

Joelize: de quadradinhos...sim.

Pesquisadora: O que você escreve nesse caderno?

Joelize:É, as tabuadas...

Pesquisadora:O que mais?

Joelize:Continha, nome da escola, data... Um monte de coisas! (risos) A gente se esquece para falar! (risos).

Pesquisadora:Você desenha nesse caderno de quadradinhos?

Joelize: Só quando a professora manda!

Pesquisadora: O que você desenha? O que a professora manda você desenhar?

Joelize: Depende do jeito da tarefa

Pesquisadora: Depende da tarefa? O que você já desenhou nesse caderno?

Joelize:A professora já mandou fazer a mãe, o pai, os irmãos.

Pesquisadora: Hum, ok. Eu vou contar a história de uma menina que chama Maria. Tá? Ai tenho umas perguntinhas, tá? Vou contar a história dela e ai vou querer saber da tua história. Então é uma menina chamada Maria, ela gosta muito de fazer amigos, você quer ser amigo dela? Então aqui ela tá perguntando: qual é o seu nome? Então, você já me contou que seu nome é...

Joelize:Joelize.

Pesquisadora:Joelize. Você já me contou que o nome do seu pai é Joel e da sua mãe Eliane. Você tem amigos? Como é que eles chamam?

Joelize: A minha melhor amiga Cauani.

Pesquisadora:Tem mais algum?

Joelize:Tem.

Pesquisadora:Quem é?

Joelize:Roberta, Laura, Alana e Janini.

Pesquisadora:Hum e eles estudam na sua sala de aula?

Joelize:Uhum.

Pesquisadora: Sim?! Terceiro ano?

Joelize:Aham.

Pesquisadora:É... Na sua sala de aula tem ajudante do dia?

Joelize: Não!

Pesquisadora: Não?! Ninguém ajuda a professora?

Joelize: Não.

Pesquisadora: Não?!

Joelize:Só a outra professora que vem ajudar.

Pesquisadora:Só a outra professora. Então, tá. Então vou continuar com a Maria. A casa onde Maria mora é bem pequena, fica no meio do campo rodeada de flores e muitas árvores de frutas. Como é que é a casa que você mora?

Joelize:É, tem cachorro, tem flor também, menos frutas...

Pesquisadora:Não tem...

Joelize: Só pra trás que tem pêssego.

Pesquisadora: É? Atrás da casa?

Joelize: Uhum.

Pesquisadora: Em que lugar ela fica?

Joelize: No meio.

Pesquisadora: No meio do que?

Joelize: De uma casa e de uma igreja.

Pesquisadora: E aonde que é?

Joelize: Lá em cima.

Pesquisadora: Lá aonde? Explica para mim.

Joelize: Lá em cima, lá vindo para estrada.

Pesquisadora: Hum. Sua casa é feita de madeira, de barro ou de tijolos?

Joelize: De madeira.

Pesquisadora: Madeira? Tem vários quartos ou apenas um cômodo?

Joelize: Três... Não, dois.

Pesquisadora: Dois quartos? Todas as pessoas que você conhece moram de forma parecida?

Joelize: Não.

Pesquisadora: Não? As casas são diferentes?

Joelize: São.

Pesquisadora: São? Será que seus avós ou bisavós quando eram crianças tinham uma casa semelhante a sua?

Joelize: Não, não sei.

Pesquisadora: Não sabe? Você sabe representar pelo desenho o lugar que você mora?

Joelize: Também não.

Pesquisadora: Não sabe desenhar?

Joelize: Desenhar eu sei, mas é difícil desenhar.

Pesquisadora: É difícil? Você mora longe ou perto da escola?

Joelize: Perto.

Pesquisadora: Perto? A rua que você anda de casa para escola, ela é larga ou ela é estreita?

Joelize: Larga.

Pesquisadora: tem árvores no caminho?

Joelize: uma só.

Pesquisadora: Uma árvore?

Joelize: Tem bastantinho, mas não... da nem pra contar, ta tudo misturado.

Pesquisadora: Tem muitas ou poucas arvores?

Joelize: Pelo caminho é pouca.

Pesquisadora: Pouca? Elas... As árvores estão próximas ou longe da escola?

Joelize: Longe, bem longe. (riso).

Pesquisadora: Elas são altas ou baixas?

Joelize: Alta, pro meu tamanho é alta.

Pesquisadora: Pro teu tamanho elas são altas? E o tronco é grosso ou fino?

Joelize:Grosso.

Pesquisadora:Grosso... Na rua que você anda de casa para escola tem prédios?

Joelize:Só casas. (risos)

Pesquisadora:Só casas? Tem mercado na rua ou não?

Joelize:Não.

Pesquisadora:Tem farmácia? Não? Tem igreja?

Joelize:Tem. (risos).

Pesquisadora:Tem?

Joelize:É do ladinho da casa.

Pesquisadora:Tem rua atrás da tua escola?

Joelize:Hum, tem.

Pesquisadora:Tem? Tem atrás e tem na frente?

Joelize:Na frente também tem.

Pesquisadora:Na frente também tem. A sua escola fica em que lugar? Como é o nome desse lugar da escola?

Joelize:Santa Cruz.

Pesquisadora:Santa Cruz. Bom, na casa de Maria, dessa amiguinha que estou te contando, tinha dois quartos, sala cozinha, banheiro, área de serviço, tanque ficava do lado de fora. Como que sua casa é dividida?

Joelize:É, tem por dentro dois quartos, banheiro e tem a área dividida com a garagem. Daí tem os móveis da coisa, tem o tanque... Tanquinho aqueles de lavar roupa, e a máquina que faz tudo.

Pesquisadora:Ela é grande ou pequena?

Joelize:A máquina?

Pesquisadora:A casa, a sua casa?

Joelize:Média. (risos)

Pesquisadora:Média? Oh, a Maria morava com a família dela, seu pai, sete irmãos, seis eram mais velhos que Maria, uma mais nova, dos mais velhos tinha duas irmãs e quatro irmãos. Com quem que você mora?

Joelize:Com meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs.

Pesquisadora:Você tem então duas irmãs? Tem irmãos?

Joelize:Não.

Pesquisadora:Quantos são mais velhos que você?

Joelize:Nenhum.

Pesquisadora:Você é a mais velha?

Joelize:Uhum.

Pesquisadora:É? Quem é a mais nova?

Joelize:Uma que tem três aninhos.

Pesquisadora:E ela chama como?

Joelize:Naisi Vitória.

Pesquisadora:Naisi Vitória? Olha os nomes dos irmãos de Maria começam com a sétima letra do alfabeto. Sabe qual é? Ai ela pergunta: será que meus amigos adivinham o nome dos meus irmãos? Ela quer que adivinhe.(barulho ao

fundo) E das minhas irmãs? O nome delas começa com a nona letra do alfabeto. E os teus irmãos chamam então, como?

Joelize: Naisi Vitória, Anelise...

Pesquisadora: Você sabe escrever o nome delas?

Joelize- Sim

Pesquisadora- Ai a Maria ficava pensando, quantas mulheres tem na minha família? Quantos somos ao todo? (barulho ao fundo) E ai eu quero perguntar pra você: quantas mulheres tem na sua família?

Joelize: Nem imagino.

Pesquisadora: Não imagina? Na sua família, na sua, quantas mulheres tem?

Joelize: Não da pra contar, eu conheço um monte, eu conhecendo minha família não da nem pra contar. (risos).

Pesquisadora: É? E na sua família, pai, mãe e vocês, as crianças?

Joelize: Eu, a minha irmã... Cinco.

Pesquisadora: Cinco? E você, é... Quantas pessoas moram na sua casa?

Joelize: Cinco.

Pesquisadora: Cinco? Tem mais mulheres na sua família ou mais pessoas?

Joelize: Mais pessoas.

Pesquisadora: Mais pessoas? Uhum. Na casa de Maria tinha duas camas em cada quarto. Em cada cama duas mantas de retalhos coloridos que tinham sido costurados pela mãe da Maria, sabe ela fez uma cobertura de retalhinhos, costurou e colocou em cima das camas. Na cozinha tinha uma mesa bem grande que tinha lugar para dez pessoas, né? Daí a Maria ficava pensando, quantos pratos sobram no armário quando eu coloco dez pratos na mesa, se no armário a minha mãe tem ao todo 25 pratos? Mas ai quero saber de você, como é que vocês realizam as refeições, como é que vocês almoçam, jantam lá na sua casa?

Joelize: Na minha casa cada um usa um prato. Só quando minha irmã não quer comer aquela comida, aí minha mãe troca. Da nem pra imaginar quantos pratos sobram. Daí tá acabando, ela tá perdendo tudo, que ela prato, da nem pra contar.

Pesquisadora: Daí vocês colocam na mesa? Comem na mesa? Ou cada um... Comem na mesa? Quantos pratos tem que colocar pra família?

Joelize: Cinco.

Pesquisadora: Cinco?

Joelize: Às vezes é uns sete, porque daí tem minha vó e meu avó lá na atrás da minha casa.

Pesquisadora: Sandra,* por acaso tem um calendário que você possa me emprestar. Pode ser daqueles simplesinho.

*Sandra, pedagoga da escola, permaneceu durante a entrevista na sala fazendo atividades no computador

Sandra: Deixa eu pegar um aqui.

Pesquisadora: Olha, a mãe de Maria todo ano ela comprava um calendário. Tem calendário na sua sala de aula?

Joelize: Tem.

Pesquisadora: Tem... Uhum. Aí nesse calendário vinha um bloquinho que tinha várias curiosidades sobre a lua, sobre os dias de feriado que ia ter durante o ano, tá? E aí Maria gostava de ficar olhando no calendário para ver quantos dias faltava pro natal, quantos dias ainda faltava pro coelhinho da páscoa vir, quantos dias faltava pro aniversário dela, pro aniversário dos irmãos, né? E ela ficava lendo, fica super curiosa. Aí então a gente vai pensar, você faz aniversário em que mês mesmo?

Joelize: Abril.

Pesquisadora: Mês de abril. Vamos buscar lá no mês de abril. Vamos pensar (silêncio). O abril vem depois de que mês mesmo?

Joelize: Abril vem... Acho que de março.

Pesquisadora: Março... Então aqui mês de abril, tá?! Em que dia da semana é seu aniversário? Qual que é o dia do seu aniversário?

Joelize: Domingo.

Pesquisadora: Domingo? Qual dia?

Joelize: Dia 20.

Pesquisadora: Foi num domingo o dia da semana. Qual que é o primeiro dia do mês do seu aniversário?

Joelize: Uma terça.

Pesquisadora: Uma terça-feira, dia?

Joelize: Primeiro.

Pesquisadora: Primeiro... Aham. E o último dia? Qual dia da semana que cai?

Joelize: Quinta.

Pesquisadora: Quinta... Quantos dias tem o mês do seu aniversário?

Joelize: 30 dias.

Pesquisadora: Uhum. Quantos dias tem cada semana?

Joelize: Cinco.

Pesquisadora: Cinco dias? Vamos contar? Vamos contar.

Joelize: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Ah sete.

Pesquisadora: Tem sete... aham. Quantas semanas têm em um mês?

Joelize: Cinco.

Pesquisadora: Cinco? Como é que você contou? Aonde que você contou?

Joelize: Um, dois, três, quatro, cinco.

Pesquisadora: Cinco? Uhum. É, qual dia de hoje, qual que é o dia de hoje?

Joelize: dia 19 de agosto.

Pesquisadora: 19 de agosto. E que dia foi ontem?

Joelize: 18 de agosto.

Pesquisadora: E amanhã, qual dia será?

Joelize: 20 de agosto.

Pesquisadora: No dia... No mês do seu aniversário, tem mais é... dias indicados por números pares ou por números ímpares? No mês do seu aniversário, tem mais números pares ou mais números ímpares?

Joelize: Par.

Pesquisadora:Par... Vamos ver? Como que você contou?

Joelize:um, dois...(riso)

Pesquisadora:Só número par, vamos contar quantos pares tem.

Joelize:Um, dois, três, quatro, cinco, não, par é assim né?

Pesquisadora:Par é assim, né? Vamos ver, mostra lá, pode mostrar.

Joelize:Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze...

Pesquisadora:Mostra pra mim quais são os números pares. Você sabe qual o número par e qual o numero impar?

Joelize:Não.

Pesquisadora: Não? Contar de dois em dois... Dois, quatro, seis, oito, dez, doze... São que números?

Joelize:Ímpar?

Pesquisadora:Ímpar? São pares. Números pares. Quanto tempo ainda falta pro natal?

Joelize: Bastante.

Pesquisadora:Falta muito tempo ou pouco tempo?

Joelize:Bastante.

Pesquisadora: Bastante... Tá. E daí o que a Maria fazia. Ela escrevia os meses do ano e colocava o nome dos irmãos no mês em que faziam aniversário, né? E ai ela então se organizava para que quando chegasse o tempo do aniversário dos irmãos ela cantava os parabéns, né, ela dava uma lembrancinha, tá? É, você já me contou que faz aniversário em abril e as suas irmãs fazem aniversário em que mês?

Joelize:A minha irmã bebê faz junho dia 10 de junho e minha outra que estuda ali no primeiro ano faz dia 17 de abril, não de, como é que é? Outubro.

Pesquisadora:De outubro? Aham. E os seus pais, fazem aniversario em que mês?

Joelize:Meu pai faz em 25 de janeiro, minha mãe faz dia 7 de janeiro também.

Pesquisadora:Quem nasceu primeiro, você ou seus irmãos?

Joelize:Eu.

Pesquisadora:Certo. Quantos anos tem a sua irmã do meio?

Joelize:Cinco.

Pesquisadora:Cinco... então, a Maria morava no campo e ela tinha que levantar cedo todos os dias para ir tirar leite da Mansinha que era uma vaquinha que eles tinham, ela não era mansinha não, era só o nome, porque ela dava coice, daí a mãe dela ensinou ela a amarrar com uma cordinha as patinhas de trás da vaquinha pra ela poder sentar no banquinho e tirar o leite. Todo dia ela acordava sete horas e ia lá tirava o leite da vaquinha, tá? Você levanta mais cedo ou mais tarde que Maria?

Joelize:Mais tarde.

Pesquisadora:Mais tarde? Que horas você levanta?

Joelize:Hum, tem que levantar junto com minha mãe.

Pesquisadora:Que horas é isso?

Joelize:Dez horas. (risos).

Pesquisadora:Dez horas? Hum. Quais atividades que você realiza em casa?

Joelize:Eu lavo a louça, limpo a casa, arrumo as camas, dobro as cobertas, limpo a garagem, varro a cozinha, só!

Pesquisadora:Você realiza essas atividades antes de vir para escola ou depois?

Joelize:Antes, ou antes, mas o que tiver depois eu faço depois também.

Pesquisadora:Depois... Uhum. E quanto tempo você brinca na sua casa?

Joelize:Quanto eu termino minhas tarefas de casa eu faço meu dever de casa e vou brincar com minhas irmãs.

Pesquisadora:É, quanto tempo você estuda na escola?

Joelize:Da nem para contar, é bem pouquinho.

Pesquisadora:É pouquinho? Que hora que você entra e que hora você sai?

Joelize:Às vezes eu entro uma hora, as vezes chego atrasada.

Pesquisadora:Uhum.

Joelize:Saio acho que umas cinco horas.

Pesquisadora:Isso é muito tempo ou pouco tempo?

Joelize:Para mim é pouco.

Pesquisadora:É pouco? Você queria ficar mais?

Joelize:Queria.

Pesquisadora:Por quê?

Joelize:Porque é bom estudar!

Pesquisadora:É bom, é bom ficar aqui na escola?

Joelize:Em casa não tem nada para fazer, só limpar a casa.

Pesquisadora:E você brinca mais tempo ou estuda mais tempo?

Joelize:Eu acho que eu estudo mais tempo.

Pesquisadora:Estuda mais tempo. Uhum. Daí lá a Maria tirava o leite e todo mundo na hora do café da manhã, no final da tarde, eles tomavam o leite. Cada um podia tomar lá uma xícara de leite e um pouco eles guardavam para fazer a nata, a coalhada, a manteiga, a ricota e ainda sobrava então um litro para que eles tomassem no a tarde. É, a mesma quantidade que eles tomavam de manhã, tomavam a tarde. E aí a Maria ficava pensando, quantos litros de leite que a Mansinha dá por dia? E aí eu quero saber de você: você sabe de onde vem o leite?

Joelize: Sim.

Pesquisadora: De onde?

Joelize: Da vaca.

Pesquisadora:Da vaca. E lá na sua casa, entra leite de caixinha ou leite que vocês tiram da vaquinha?

Joelize: Entra leite de caixinha e de pacote que vem da escola.

Pesquisadora: Que vem da escola. Certo. E você acha que esse leiteinho é o mesmo que vem da vaquinha?

Joelize:É.

Pesquisadora:É. Uhum. O que vem de caixinha, vocês compram e o que vem de saquinho. É como é que a gente compra por litro ou por quilo, por quilograma?

Joelize:Por quilo.

Pesquisadora:Por quilo? O leite a gente compra por quilo, você acha? Ta. Ai então lá na casa da Maria cada um tinha sua responsabilidade, o pai ia trabalhar na roça, a mãe ia junto, Maria ficava com responsabilidades igual a você fica em casa, que tem trabalhinho para fazer e ai quero saber de você: seus pais trabalham em que?

Joelize:O meu pai tá trabalhando... a mãe vem trabalhar na escola também, e o pai agora acabou o serviço dele e ele tá em casa.

Pesquisadora:Em casa? Uhum.

Joelize:Aí quando a gente chega tá limpinha a casa.

Pesquisadora:Tá limpinha e arrumadinha a casa pelo papai. E ai a Maria então, ela tinha as responsabilidades na casa dela e a mãe ia pra roça, daí o que a Maria fazia, ela tinha que lavar a louça, ela tinha que arrumar a cama e ela queria brincar e o que ela fazia, ela perguntava pra irmã mais velha dela: que horas são? E dai ela ficava pensando, eu tenho, quanto tempo eu ainda tenho pra brincar até que minha mãe chegue, porque antes da mãe chegar ela tinha que fazer o que?

Joelize- Trabalhar.

Pesquisadora: Deixar a casa arrumada, lavar a louça, né. E daí ela ficava perguntando que horas são? Que horas que minha mãe vai chegar? Quanto tempo eu ainda posso brincar até que minha mãe chegue e encontre a louça lavada? Aí ela ficava fazendo essas continhas pra ela não ficar sem lavar a louça até que a mãe chegasse, né? E ai ela ficava pensando, bom, minha mãe vai chegar e vai fazer comida, quanto tempo demora para cozinhar o feijão no fogão a lenha? Quanto tempo demora para cozinhar o feijão no fogão a gás? Quanto tempo demora para cozinhar o feijão no micro-ondas? E ela ficava fazendo essas continhas. E ai eu quero saber de você, vocês cozinham os alimentos no fogão a lenha, no a gás ou no micro-ondas?

Joelize:Só no fogão a lenha e no micro-ondas, porque no mircro... Não no fogão a lenha e no fogão a gás, porque o micro-ondas só minha vó que tem.

Pesquisadora:Certo. E você sabe quanto tempo leva para ferver o leite no fogão a lenha? No fogão a gás? Aonde ele ferve mais rápido?

Joelize:Mais rápido ele ferve no fogão a gás.

Pesquisadora:No fogão a gás. Você sabe quanto tempo leva para cozinhar arroz? Demora mais no fogão a lenha ou no fogão a gás?

Joelize:Eu acho que demora mais no fogão a lenha.

Pesquisadora:No fogão a lenha. Na sua opinião, a comida esquentar mais rápido no fogão a lenha, no fogão a gás ou no micro-ondas?

Joelize:No micro-ondas, porque dai tem os números que dá para usar.

Pesquisadora:Para usar. E qual que é sua comida preferida?

Joelize:Feijão e arroz.

Pesquisadora: Feijão e arroz. E como que faz sua comida preferida? Como que faz o feijão e arroz?

Joelize: Não sei. (risos).

Pesquisadora: Não? Olha, acontecia lá na casa da Maria que depois que a mãe chegava e fazia o almoço e eles almoçavam que a mãe gostava de tirar uma sonequinha. Sabe dormir um pouquinho depois do almoço? Mas a Maria não gostava dessa hora não, porque a mãe queria que ela deitasse com ela, para também cochilar, só que era hora que a Maria queria brincar, né? E aí ela ficava lá deitada não querendo dormir, pensando nas brincadeiras né? E aí eu pergunto para você: você disse que depois que faz as tarefas você brinca, acontece de você brincar algumas vezes sem fazer a tarefa?

Joelize: É, às vezes. Quando a mãe tá apurada eu peço, quer que eu lave a louça, aí ela diz não.

Pesquisadora: Daí você brinca?

Joelize: Aham.

Pesquisadora: E qual é sua brincadeira preferida?

Joelize: Brincar de bicicleta.

Pesquisadora: É? E na escola você brinca?

Joelize: Brinco.

Pesquisadora: De que?

Joelize: Na hora do recreio, brinco de mãe pega, nó se esconde, de um monte de coisa, brinco de bola.

Pesquisadora: E na sala de aula, você brinca?

Joelize: Não, só quando não é para o dever.

Pesquisadora: Só quando o que?

Joelize: Não é para fazer o dever.

Pesquisadora: Daí a professora deixa você brincar? Uhum. Nas responsabilidades que a Maria tem todos os dias, a principal delas é a escola também, né? Só que na escola que Maria estudava era proibido falar, não podia falar. Você conversa na sua sala de aula?

Joelize: Só quando eu termino minha tarefa e minhas amigas também.

Pesquisadora: Certo. E vocês conversam sobre o que?

Joelize: Que ela terminou a tarefa, que ela... aiai... (silêncio)

Pesquisadora: E vocês conversam com a professora?

Joelize: Só quando ela terminou o dever dela também. (risos).

Pesquisadora: É? E a professora conversa com vocês?

Joelize: Conversa.

Pesquisadora: Sobre o que vocês conversam na sala?

Joelize: Ela conversa quando ela vai, ela vai... corrigir os cadernos, ela pergunta para mim ler a tarefa, aí eu leio para ela.

Pesquisadora: Na sua sala de aula, olha veja só, Maria quando entrava na escola, ela sempre era bem alta, aí ela ficava pensando, quem será que é mais alto que eu, quem é mais baixo? Então quando ela chegava na sala de aula, ela já olhava. E na sua sala de aula, quem que é o maior?

Joelize: Maior ou maior?

Pesquisadora: Maior!

Joelize: Os piás!

Pesquisadora: Ou a maior dos amigos. Meninos e meninas, quem é a maior ou maior?

Joelize: É, uma... Pelo nome?

Pesquisadora: Pode ser. Uhum.

Joelize: A Andriele que é a menina mais velha, tinha uma de 12 anos na minha sala que reprovou e já foi embora e outro piá, é Bruno que tem 11 anos.

Pesquisadora: Ele é o maior da sala?

Joelize: Diz que é o maior, mas pelo jeito não é.

Pesquisadora: Não é?

Joelize: Ele fica lá por último, mas dá pra perceber que ele é pequeno só que ele quer fica por último.

Pesquisadora: Hum, entendi. Quem é o menor?

Joelize: Menor dos piás é o Cauã e eu sou a segunda da sala.

Pesquisadora: Das meninas?

Joelize: Aham e a...

Pesquisadora: Você é a mais alta ou mais baixa que a professora?

Joelize: Mais baixa.

Pesquisadora: Quanto você acha que tem de altura?

Joelize: Não sei.

Pesquisadora: Não sabe? Como que é possível a gente saber quanto você tem de altura?

Joelize: [inaudível] ...quele fio que eles colocam para medir.

Pesquisadora: Um fio? Como é esse fio?

Joelize: Cheio de número.

Pesquisadora: Um fio cheio de números? Você sabe o nome daquele fio?

Joelize: Não.

Pesquisadora: Não? Você acha que é possível desenhar sua altura no caderno?

Joelize: Acho que não.

Pesquisadora: Não dá? Por quê?

Joelize: Porque daí tem que medir os metros.

Pesquisadora: Daí não dá para desenhar você em uma folha de caderno?

Joelize: Acho que não.

Pesquisadora: Uhum. Quem é o menor na sua família?

Joelize: Menor... Na minha família toda?

Pesquisadora: É, do teu pai, da tua mãe e das suas irmãs e você.

Joelize: É, a Naisi

Pesquisadora: Como é o nome dela mesmo?

Joelize: Naisi Vitoria.

Pesquisadora: Naisi Vitoria. Certo. Daí te contei que lá na casa da Maria tinha várias árvores frutíferas né? É, de quais frutas você gosta mais?

Joelize:Eu gosto mais... A única que é fácil de comer é maçã.

Pesquisadora:Maçã? Uhum. Você acha que existem mais frutas ou mais laranjas no supermercado?

Joelize:Mais laranjas.

Pesquisadora:Mais laranjas. É, Maria então gostava bastante de comprar no supermercado doces, balas, suspiros, bolachas. Você acha que crianças devem ou não chupar balas?

Joelize:É, deve um pouco, mas depois que escovar os dentes, as vezes não.

Pesquisadora:Certo. Uhum. E sabe que uma das responsabilidades da Maria era recolher ovos no galinheiro. Na sua casa tem galinhas?

Joelize:Tem.

Pesquisadora:Tem? E aí ela recolhia e fica esperando que a mãe dela guardava os ovos para fazer bolachinhas pro natal e pro ano novo, e daí eles iam guardando, olhavam e liam a receita quantos ovos tinham e eram necessários para aquela receita e iam guardando os ovos, guardavam as vezes várias duvidas. Você sabe quanto que tem em uma dúzia de ovos? Quantos ovos tem em uma dúzia de ovos?

Joelize:Dez.

Pesquisadora:Dez? E uma dezena?

Joelize:Uma dezena, dez também.

Pesquisadora:Tem dez numa dezena e na dúzia?

Joelize:Acho que tem dez também.

Pesquisadora:Tem dez? Uhum E meia dúzia?

Joelize:Dois.

Pesquisadora:Dois. Uhum. E aí um dia lá no sítio chegou uma menina da cidade e falou, sabe que vai ter algumas máquinas que vão substituir os homens. E a Maria ficava pensando, nossa vai ter máquina no lugar dos homens. Aí ela ficava imaginando as máquinas sentadas nas mesas, máquinas deitadas na cama e ficava imaginando. Só que na verdade sabe o que eram essas máquinas? Eram os computadores. Você tem computador?

Joelize:Não.

Pesquisadora:Já mexeu em algum computador?

Joelize:Já.

Pesquisadora:Gosta?

Joelize:Gosto.

Pesquisadora:O que você mais gosta de fazer no computador?

Joelize:Jogar joguinho.

Pesquisadora:Jogar joguinho? E aonde você joga?

Joelize:Hum...

Pesquisadora:Qual computador?

Joelize:Computador...

Pesquisadora:Aonde que tem? Tem na sua casa?

Joelize:Não, só na minha prima.

Pesquisadora:Na sua prima. Você joga lá na sua prima?

Joelize: E na minha tia.

Pesquisadora: Na sua tia? Certo. E uma das coisas que Maria gostava muito na escola era quando sua professora lia histórias para ela, quando ela podia pegar os livrinhos de história, ela podia levar livros para casa. Você gosta de histórias?

Joelize: Gosto.

Pesquisadora: É, sua professora conta histórias?

Joelize: Conta.

Pesquisadora: Você lê histórias?

Joelize: Leio

Pesquisadora: Você leva livrinhos para casa?

Joelize: Levo.

Pesquisadora: Você sabe me dizer qual história você leu e que você gostou muito?

Joelize: Dos três porquinhos.

Pesquisadora: Dos três porquinhos. Aham. E aí então Maria gostava também de ir a casa da amiga dela para copiar as receitas de comidas gostosas, porque ela gostava que a mãe dela fizesse comidas gostosas. Você sabe alguma receita bem gostosa que sua mãe faz?

Joelize: É, tem, mas não sei decor.

Pesquisadora: Certo, mas é o que? Que comida gostosa é essa?

Joelize: Bolo de chocolate!

Pesquisadora: Hum, o que será que vai nesse bolo de chocolate?

Joelize: Não sei.

Pesquisadora: Você não sabe? Aham. Não sabe o que vai, como que mamãe prepara, nem nada, só acha ele gostoso?

Joelize: Uhum.

Pesquisadora: Demora para ficar pronto?

Joelize: Não, só para assar daí.

Pesquisadora: Para assar demora? Certo. E ela gostava muito de fazer a listinha de compras. Sabe fazer a lista para ir no supermercado?

Joelize: Aham.

Pesquisadora: Tem comércio perto da sua casa?

Joelize: Não, só em Rio Branco.

Pesquisadora: Lá vocês fazem compras. Aham. É, você vai junto fazer as compras?

Joelize: É, tem um dia de cada. No dia do mês do aniversário a mãe leva uma de cada uma.

Pesquisadora: Hum.

Joelize: Porque daí lá, uma quer outra, uma quer uma coisa.

Pesquisadora: Aí fazem birra...

Joelize: Aham.

Pesquisadora:(risos) Aí é um dia de cada uma fazer birra: eu quero isso!!! (risos). É se um dia eu quiser ir na sua casa, como é que eu faço para chegar lá?

Joelize:Não sei.

Pesquisadora:Você não sabe me explicar? Eu to aqui e falo, ah eu quero ir na sua casa, me explica.

Joelize:É, abre o portão...

Pesquisadora:Certo, abre o portão...

Joelize:E segue reto, naquela tem duas entradinhas,a que vai para Rio Branco essa para subir, a de subir a gente vai direto para entrar.

Pesquisadora:Certo.

Joelize:Daí lá tem duas entradas, uma para casa da minha tia e outra para entrar para Itaperuçu a casa que tem do lado é a minha.

Pesquisadora:Certo. Então desse jeito eu chego lá na sua casa. Aham. E daí uma das coisas que Maria gostava muito é que ela tinha vindo de um lugar, e tinha se mudado e daí sua tia gostava escrever cartas. E daí um dia sua tia escreveu uma carta e perguntou, ah você mudou daqui, eu não sei onde você mora, me explica direitinho que eu quero ir até sua casa, né? E aí então Maria escreveu uma cartinha, fez um mapa de como ela poderia chegar na sua casa. E você costuma escrever cartas?

Joelize:Não.

Pesquisadora:Não?

Joelize:Meus parentes são muitos chegados.

Pesquisadora:São, mas moram perto?

Joelize:Aham.

Pesquisadora:Você recebe carta de alguém ou não?

Joelize: Não.

Pesquisadora:Não? É, se um dia eu quiser falar com você e eu não puder vir aqui na sua escola e não puder ir na sua casa, como é que faço para falar com você?

Joelize:Pelo telefone.

Pesquisadora:Tem telefone na sua casa?

Joelize:Tem.

Pesquisadora:E você tem número?

Joelize:Não!

Pesquisadora:Não. Eu tenho que perguntar para sua mãe?

Joelize:Uhum.

Pesquisadora:Tá.Então ta bom. Então agora eu trouxe esse joguinho aqui olha. É o joguinho do desafio. Então é assim, oh... São seis desafios, aqui. Então você vai andar, vou por isso aqui para você andar, pode andar com esse daqui, oh. Vamos pegar esse verdinho aqui, tá? Aqui. Então aqui é a saída. Cada lugar que você parar em um desafio a gente vai abrir, vai tirar o desafio e vai ver o que é para você fazer. Cada vez que você acertar um desafio, você vai ganhar uma lembrancinha, tá? Ou é um bonequinho, olha o que eu trouxe,

que é bem legal. Oh, são alguns bonequinhos aqui, tá? Que você vai ganhando. Então a gente começa assim: você vai jogar o dado, deixa eu achar aqui o dado... Aqui, pode jogar! (barulho do dado caindo). Joga o dado e o número que der aí você vai andar as casinhas, aqui... tá? Pode jogar! Seis! Isso. Vai andar. Isso, aí tá pedindo para você...?

Joelize:Volte um boneco.

Pesquisadora:Isso, então volte um boneco. Esses bonequinhos aqui, então você vai voltar um. Então aqui tá indicando o primeiro desafio. Que que está escrito aqui: que esses bonequinhos aqui chamam Ana e Sevi. Que está escrito?

Joelize:Desenhe o que você mais gosta de fazer na escola e conte para Ana e Sevi.

Pesquisadora:Sevi. Isso, então é para você desenhar o que você mais gosta de fazer na escola e contar depois para esses bonequinhos. Então você pode desenhar aqui, oh. Vou deixar aqui, vou te dar aqui lápis de cor, você pode escolher, aqui. E pode desenhar o que você mais gosta de fazer na escola? Olha o lápis.

Joelize:Posso começar?

Pesquisadora:Pode, pode começar! Daí se você quiser ir me contando o que mais gosta de fazer na escola.

Joelize:Ah é, fazer uma mesa para caderno é difícil.

Pesquisadora:É, fazer o quê?

Joelize:Uma mesa para escrever.

Pesquisadora:Que é o que você mais gosta, de escrever?

Joelize:É.

Pesquisadora:Então pode desenhar do jeito que você sabe.

(Barulhos ao fundo).

(silêncio enquanto desenha)

Joelize:Vai ser difícil eu desenhar um caderno.

Pesquisadora:Desenhar um caderno? Pode fazer do jeitinho que você sabe. Não tem problema!

Joelize:Desenhar uma mesa para deixar o caderno em cima, se não vai sair voando.

Pesquisadora:Certo, uhum...(longo silêncio) Uhum, isso é o quê? Uma menininha? É você? Que lindo! Han? Então, o que você mais gosta de fazer na escola?

Joelize:Escrever.

Pesquisadora:Escrever? E o que,que que você escreve, você gosta muito?

Joelize:De tabuada, continha, texto, um monte de coisa.

Pesquisadora:Uhum. Muito bem, é isso que você queria desenhar? Então tá bom, pode colocar o caderno aqui. Isso! Então vamos seguir. Pode jogar o dado. (barulho do dado caindo). Um. Pode seguir. Isso, não, você tá aqui, pode seguir para cá, pode seguir aqui, isso! Então aqui tem uma perguntinha:

(conversas ao fundo da diretora com a pedagoga) o que você não gosta de fazer no caderno de matemática? O que você não gosta.

Joelize: O que eu não gosto de fazer... O nome da escola, é porque é difícil a professora mandar.

Pesquisadora: você não gosta de escrever o nome da escola no caderno de matemática? Por quê?

Joelize: É, não é bastante coisa, mas as vezes a professora não manda fazer a gente fazer, aí a gente acostuma não fazer.

Pesquisadora: Hum, entendi. Tá, então vamos seguindo. Pode jogar o dado. (barulho de do dado caindo). Três!

Joelize: Três.

Pesquisadora: Uhum. Anda aqui. Isso!

Joelize: Aqui?

Pesquisadora: Aham! Então agora já vai fazer esse desafio aqui. Vamos ver o que está escrito aqui para você fazer.

Joelize: Desenhe o que você mais gosta de estudar e conte para Ana e Seven.

Pesquisadora: Seven. Então, aqui você desenhou o que você mais gosta de fazer na escola, você disse que era escrever. E aqui o que você mais gosta de estudar na escola?

Joelize: Estudar... É que é difícil fazer a tabuada e texto.

Pesquisadora: É? A tabuada e o texto que você mais gosta de estudar? Hum, que legal! O que você vai desenhar para representar isso?

Joelize: Não imagino.

Pesquisadora: Não? Quer escrever?

Joelize: Quero.

Pesquisadora: Quer? Pode escrever. Você acha mais fácil escrever do que desenhar?

Joelize: É.

Pesquisadora: É mais fácil? Hum, então pode escrever.

Joelize: Errei, tem borracha?

Pesquisadora: Não tenho borracha! Deixa eu ver... não tenho. Como que dá para fazer? Não tenho borracha. O que você queria ter escrito?

Joelize: Eu gosto de estudar.

Pesquisadora: Ah, então coloca um ezinho ali, do ladinho, eu vou entender. Aham. (pessoas conversando ao fundo). Aham. Uhum.

Joelize: ... é um r né?

(conversas e barulho ao fundo)

Pesquisadora: Uhum. Muito bem, muito bem você já cumpriu dois, né? Então você, oh, já pode escolher esse aqui, você já tem um boneco aqui que você ganhou, que você cumpriu o primeiro desafio e agora você já cumpriu o segundo desafio, você pode pegar um bonequinho para esse primeiro e pode pegar um bonequinho para o segundo desafio. Qual que você quer pegar? Esses dois?

Joelize: Uhum.

Pesquisadora:Muito bem. Esse. Então agora pode jogar o dado. (barulho do dado caindo).

Joelize:Seis

Pesquisadora:E pode caminhar.

Joelize:Eu vou para...

Pesquisadora:Isso!

Joelize:Agora aqui?

Pesquisadora:Cinco. Aham, mais um... Seis. Aqui oh, seis. Aqui tá dizendo o quê?

Joelize:Avance dois bonequinhos.

Pesquisadora:Isso avance dois bonecos. Pode vir por aqui. E aqui tem uma perguntinha. Vamos ver que perguntinha é essa?

Joelize:O que você ainda não sabe na Matemática?

Pesquisadora:O que você ainda não sabe na Matemática?

Joelize:Hum, tem muitas coisas que eu sei e não sei, a professora não passa as coisas que a gente... A única tabuada que eu não sei é a do nove.

Pesquisadora:Você ainda não sabe? O resto você já sabe?

Joelize:Hã?

Pesquisadora:O resto...

Joelize:Não, mais ou menos.

Pesquisadora:Uhum, e como é que você faz para estudar a tabuada?

Joelize: Decoro em casa.

Pesquisadora:Em casa? Como você faz para decorar?

Joelize:Vou contando que a do dois eu conto de dois em dois, daí a do três, três em três .

Pesquisadora:Como assim? Explica para mim. Me ensina, eu não sei contar assim. Se eu quero decorar a do dois, como é que eu faço?

Joelize: eu vou contando dois, dois números em cada dois números.

Pesquisadora:Como que é? Conta para mim.

Joelize:Que duas vezes dois é quatro. A gente pega dois mais dois que dá quatro.

Pesquisadora:Uhum.

Joelize:Que...

Pesquisadora:Mais dois dá?

Joelize:Quatro também.

Pesquisadora:Se eu tenho quatro eu conto mais dois. Não, não é assim.

Joelize:Eu não sei.

Pesquisadora:Se a professora fala: você aí, fala a tabuada do dois. É assim que a pro faz?

Joelize:É.

Pesquisadora:Daí você sabe, você lembra como que é?

Joelize:É, as vezes eu lembro, as vezes eu não lembro.

Pesquisadora:Daí você fica preocupada? Então você decora a tabuada?

Joelize:É, as vezes eu decoro.

Pesquisadora:Uhum.

Joelize:Quando eu tenho tempo.

Pesquisadora:Certo, entendi. Então ainda você não sabe a tabuada do nove? Certo, então tá bom, pode seguir o joguinho. Joga o teu dado.

Joelize:Um.

Pesquisadora:Isso. Aí, chegou no quarto desafio. Vamos ver aqui o que é. Aqui... aqui oh... então aqui, qual dessas coisas acontece na sua sala de aula? Isso aqui é o que?* Conta pra mim.

*A entrevistada explica as figuras do quarto desafio

Joelize:A professora contando a história e os alunos atrás.

Pesquisadora:Certo e aqui?

Joelize:Os alunos lendo a história.

Pesquisadora:Certo, aqui é a professora que lê a história para os alunos e aqui os alunos lendo sozinhos. Isso aqui acontece na sua sala de aula?

Joelize:É, mas os alunos não a atrás.

Pesquisadora:Como que acontece? Então a professora lê os livros e os alunos ficam aonde?

Joelize:Sentados na carteira.

Pesquisadora:Certo, e aqui?

Joelize:Aqui só quando alguém tá, uma criança tá lendo o livro interessante e os alunos vão ler também.

Pesquisadora:Isso acontece, às vezes alguém tá lendo um livro interessante e os amigos querem ver?

Joelize:Aham.

Pesquisadora:Hum, e aqui é o que?

(barulho ao fundo)

Joelize:Duas crianças lendo um livro maior.

Pesquisadora:Isso acontece? Duas crianças lerem juntas?

Joelize:É, acontece.

Pesquisadora:Vocês leem juntos as vezes?

Joelize:Uhum.

Pesquisadora:E aqui?

Joelize:É uma criança lendo sozinha.

Pesquisadora:Isso acontece?

Joelize:Acontece bastante

Pesquisadora:Bastante. Aham. E aqui?

Joelize:É um joguinho.

Pesquisadora:Um joguinho. Criança fazendo um jogo. Você, isso acontece na sua sala?

Joelize:Às vezes.

Pesquisadora:Às vezes? Em que aula? Vocês estão aprendendo sobre o que? Em joguinho.

Joelize:É um jogo lá de elástiquinho, esqueci o nome. É tem solto, amarradinho e amarradão. Quem fizer amarradão faz 100 pontos e ganha.

Pesquisadora: Hum, ganha 100 primeiro?

Joelize: Aham.

Pesquisadora: E você gostou desse jogo?

Joelize: Gostei.

Pesquisadora: Gostou. E aqui? Que que é isso aqui?

Joelize: Tabuada e os alunos.

Pesquisadora: Isso acontece na sua sala?

Joelize: Acontece.

Pesquisadora: E aqui?

Joelize: Nem imagino.

Pesquisadora: Não?

Joelize: O que será?

Pesquisadora: O que será que é isso aqui, essa menininha aqui? Parece estar chorando...

Joelize: Chorando.

Pesquisadora: É? Tem criança que chora na sua sala ou não?

Joelize: Só birrenta mesmo

Pesquisadora: Só de birra? (risos). Muito bem, falou bem. Então agora pode escolher mais um bonequinho, mais um desafio cumprido. Isto. Então vamos lá, joga mais ai, mais dados.

Joelize: Um.

Pesquisadora: Um, aham, isso.

Joelize: Volte um boneco.

Pesquisadora: Como você já fez o desafio, então vai mais um na frente. Isso. O que é difícil na matemática?

Joelize: O que é difícil... é só as continhas bastante difícil mesmo. Mas eu acho que não tem nada difícil na Matemática.

Pesquisadora: Não tem nada difícil na Matemática?

Joelize: Para mim não.

Pesquisadora: É? Você consegue fazer? Professora passou continha e você já tá fazendo?

Joelize: É, depende do jeito da continha.

Pesquisadora: Como assim, depende do jeito da continha?

Joelize: Às vezes ela passa de mais e de menos. A de mais é mais fácil e de menos também são fácil. Só que é mais difícil mesmo, quando vamos aprende as tabuadas, assim que nem eu falei a do nove gente já não imagina... Nove. Aí a do dez já é fácil

Pesquisadora: E quando a professora passa probleminhas lá?

Joelize: É facinho.

Pesquisadora: Facinho?

Joelize: Aham.

Pesquisadora: você consegue fazer quando a professora passa?

Joelize: Consigo.

Pesquisadora: Certo, então pode jogar o dadinho.

Joelize: Três.

(conversas ao fundo)

Pesquisadora: Três, pode andar. Isso, agora é um outro desafio aqui. Uhum. Olha aqui tenho algumas coleções. Você tem coleção de alguma coisa em casa?

Joelize: Não.

Pesquisadora: Olha, aqui tem vários brinquedinhos diferentes, como é que você acha que daria para gente organizar essas coleções?

Joelize: Não sei.

Pesquisadora: Tem ideia de como é que a gente pode organizar, por que tá uma bagunça né?

Joelize: É.

Pesquisadora: Como você acha que a gente pode organizar?

Joelize: Não sei.

Pesquisadora: Não faz ideia?

Joelize: Não.

Pesquisadora: A gente poderia organizar por cores? Opa!* Pode deixar que depois eu pego. A gente poderia organizar por cores?

* cai um objeto

Joelize: Não sei.

Pesquisadora: A gente poderia organizar por objetos? Por exemplo, tem uns animais aqui.

Joelize: É, eu acho que sim.

Pesquisadora: Temos pentes, temos panelinhas, temos anéis, como você acha que daria para organizar?

Joelize: É, cada um no seu lugar, panela junto com panela, pente junto com pente, bichinho junto com bichinho.

Pesquisadora: Muito bem. Daí fora isso, teria um outro jeito de organizar?

Joelize: Acho que não.

Pesquisadora: Não daria de outro jeito?

Joelize: Não.

Pesquisadora: Certo. Então esse é o jeito que a gente poderia organizar, mas boa ideia. Vou chegar em casa e vou organizar, tá? Porque tá uma bagunça esse saquinho de coleções aqui, então vou seguir a sua ideia, vou tentar organizar em casa. Muito bem, você ganhou mais um desafio, já me ensinou como é que eu posso organizar minha coleção aqui e a gente vai seguir o jogo então. E aí você ganhou mais um bonequinho, né do desafio de ensinar a organizar a coleção. Então vamos seguir em frente agora. Pode jogar. O dado...

Joelize: Quatro... Um, dois, três, quatro.

Pesquisadora: Isso volte um boneco. Isso. Ai a pergunta é: você sabe é, o que é que você já sabe na Matemática? Conte para mim.

Joelize: É, as tabuadas, continha, problemas, um monte de coisa.

Pesquisadora: É?

Joelize:Uhum.

Pesquisadora:E da Matemática, Ciências, História, Geografia, o que é que você acha mais fácil?

Joelize:Matemá... Geografia... História!

Pesquisadora:História? O que é que você gosta de estudar em História?

Joelize:Um monte de coisas.

Pesquisadora:Um monte de coisas. O que seria isso? O que você estuda em História? O que você escreve no seu caderno de história?

Joelize:Eu nem sei por que daí, porque eu acho que nem tenho caderno de História.

Pesquisadora:Ah, você não tem o caderno de História?

Joelize:É porque eu já ouvi falar em História e essas coisas, só que a gente nunca escreve, acho que no meio dessas tarefas que tem História essas coisas.

(conversas ao fundo)

Pesquisadora:Hum, entendi. E você, a Matemática que você estuda na escola, você usa lá na sua casa? No mercado, quando você vai?

Joelize:Aham.

Pesquisadora:Aonde você usa? Explica pra mim.

Joelize:Quando eu vou no mercado que, eu faço conta na escola no mercado compras que eu faço contas também.

Pesquisadora:Para saber quanto que vai gastar, é assim ou que outra conta você faz?

Joelize:Não, para ver quanto que vai gastar.

Pesquisadora:É. se tem duas barras de chocolate você olha para ver qual é mais cara, mais barata.

Joelize:Aham.

Pesquisadora:Teu pai olha isso ou não?

Joelize:Olha.

Pesquisadora:Você sabe quanto que teu pai pode gastar no mercado?

Joelize:Nem imagino.

Pesquisadora:Não? Você não sabe quanto vocês gastam no mercado?

Joelize:Não.

Pesquisadora:Se o pai tem dinheiro para pagar tudo...

Joelize:Não.

Pesquisadora:Você nunca se preocupou com isso? E que outro momento você usa a Matemática na sua escola... Na sua casa?

Joelize:Em casa... Não sei.

Pesquisadora:Não? E o que nós conversamos aqui hoje, você acha que a gente usou a Matemática?

Joelize:Acho que sim.

Pesquisadora:É? Que momento você acha?

Joelize:Momento...(silêncio) Tem um monte de momento.

Pesquisadora:Em vários momentos você percebeu que a gente estava falando de Matemática?

Joelize:É.

Pesquisadora:Muito bem. E quando você crescer, você vai ser o quê?

Joelize:Dentista.

Pesquisadora:Dentista? Muito bem. Então eu quero te agradecer, você ganhou mais um bonequinho, quantos você ganhou ao todo já?

Joelize:Um, dois, três, quatro.

(barulho)

Pesquisadora:Isso, então você tem direito a mais um boneco e aí tem mais uma tarefinha aqui pra você fazer. Quero te agradecer por você ter participado. Tem mais uma perguntinha, para você ganhar mais um bonequinho. É, você sabe o que é isso?*

** Nesse momento aponto para os desenhos do terceiro desafio*

Joelize:Um calendário.

Pesquisadora:Um calendário? Como é que a professora trabalha o calendário?

Joelize:É, quando ela trabalha, eu acho que ela trabalha, quando um dia vai sendo o outro e ela vai marcando.

Pesquisadora:Hum. Muito bem. E esse aqui?

Joelize:É, a hora do relógio.

Pesquisadora:Você aprende a ver as horas?

Joelize:Mais ou menos.

Pesquisadora:Mais ou menos? E isso aqui? Quando você disse que para medir altura, para medir sua altura, lembra quando a gente conversou, como é que a gente faz pra medir a altura, você falou que era um fio com vários números?

Joelize:É, esse aqui.

Pesquisadora:Esse aqui, a fita métrica?

Joelize:Acho que é a fita métrica.

Pesquisadora:Isso, fita métrica. E aqui?

Joelize:É uma...

Pesquisadora:Então, essas figuras aqui tem na sua sala de aula?

Joelize:Relógio, não, só no braço mesmo.

Pesquisadora:Só no braço? Na sala não tem. Tem calendário?

Joelize:Tem.

Pesquisadora:Aham. E tem brinquedos?

Joelize:Não, brinquedos, brinquedo eu acho que meu brinquedo é livro só.

Pesquisadora:Seus brinquedos na escola são os seus livros?

Joelize:Aham.

Pesquisadora:Que legal! Aham. E no seu caderno, você escreve a rotina do dia?

Joelize:É.

Pesquisadora: O que você escreve? A primeira coisa que você escreve todos os dias no seu caderno?

Joelize: É a data.

Pesquisadora: É a data. E depois? Conta para mim.

Joelize: A data, o nome da escola, o nome...

Pesquisadora: O que é?

Joelize: O nome da professora, o meu nome...

Pesquisadora: Uhum. O que você vai fazer no dia... Hoje você escreveu o que no caderno?

Joelize: Eu fiz um texto, fiz uma... das frutas.. que mais que eu fiz? Ah eu fiz um monte de coisa, a gente nem imagina.

Pesquisadora: Que hoje você trabalhou a alimentação saudável?

Joelize: Aham.

Pesquisadora: E quais frutas você escreveu?

Joelize: Eu escrevi maçã, laranja, melância, pêra, um monte de coisa.

Pesquisadora: Então eu quero dizer que eu *adorei* conversar com você, muito legal, espero que você tenha gostado também. Daí vou encerrar agora nossa entrevista, só vou ver se você ganhou seis bonecos. Um, dois, três, quatro, cinco. Pode escolher mais um. Quero te agradecer, muito obrigada, tá? Então eu conversei aqui em Rio Branco do Sul, né, com a minha entrevistada para pesquisa de mestrado Alfabetização Matemática como foi, é e poderá ser na perspectiva do letramento. Muito obrigada! Obrigada, tá. Vamos ver se... Deixa eu só vou ver se gravou aqui.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Eliane de Fatima de Siqueira Silva,
portador (a) do RG 89 383773, CPF 046.333.17962,
declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações
prestadas pelo meu filho (a) Joelice Siqueira Silva
nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em suas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo sem restrições de prazos e citações, a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, RG 4339036-8 e CPF 57697620987, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna e, bem como em trabalhos e textos produzidos relacionados a essa pesquisa, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ver a entrevista e usar citações, ficando vinculado o controle à pesquisadora.

Esta cessão afasta os responsáveis pelo entrevistado (a) e seus herdeiros de receberem qualquer espécie de indenização ou compensação em virtude do uso e administração do material.

A pesquisadora, por sua vez, compromete-se a utilizar o material citado com objetivos educacionais.

Para efeitos, este termo vai assinado pelas partes.

Eu, Eliane de F. de Siqueira Silva, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o

recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Autorização do uso da entrevista.

Curitiba, 19 de agosto de 2014.

Elaine F.S. Silva.

Assinatura do (a) responsável pelo entrevistado (a)

Elaine M. Bartmann Martins

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA TEXTUALIZAÇÃO

Eu, Eliane de Fatima de Siqueira Silva portador (a) do RG
89383773, responsável legal por Felipe Siqueira Silva
conforme documento em anexo, afirmo que após ter lido o texto da
textualização da entrevista por ele (a) concedida em 19/08/14, e após ter
feito minhas considerações e solicitado modificações nas seguintes partes da
textualização:

Onde se lê:

Lê-se:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das informações por ele (a) oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em suas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Eliane de Fatima Siqueira Silva após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos nossos direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 13 de novembro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Eliane F. Siqueira

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Elivane de Látina de Siqueira Silva,
portador (a) do RG 89383773, CPF 04633317962
residente _____ no _____ endereço
Santa Cruz - Rio Branco do Sul,
declaro, por meio deste termo, que concordei em autorizar meu filho
(a) Joelize Siqueira Silva,
nascido em Santa Cruz no dia 20/04/2006
ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente
momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ
SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO** desenvolvida pela pesquisadora
Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação
em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná
(UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do
Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer
momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email:
ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei autorizar a participação do meu filho(a) por minha própria
vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com
a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da
entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais
sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do
relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus
alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do
Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

A colaboração do meu filho (a) se dará de forma voluntária, por meio de
entrevista com perguntas a partir de um jogo e de uma história, a ser gravada
em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente
transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes
que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição
e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que
considere inadequadas.

Posso ainda, retirar a participação do meu filho(a) desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Eliane de F. S. Silva,
após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto
minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela
pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 19 de agosto de 2014.

Eliane de F. S. Silva.

Assinatura do (a) responsável pelo /entrevistado (a)

Leine M. Hartmann Martins

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora

Claudia Giselli Kusteritz

Testemunhas

Chamila Mariana R. Kusteritz

Testemunhas

ANEXO I – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Suzan Carneiro Cipriano e termos de autorização.

1ª entrevista**Entrevistada: Suzan Carneiro Cipriano****Data da Entrevista: 15/01/2015****Transcrição: Fabiane Prazeres****Conferência da Transcrição: Iloine M. Hartmann Martins****Pesquisadora:** Depois eu ouço no fone...**Suzan:** É, quando eu fiz a entrevista lá com o pessoal da UEM, o rapaz ficou muito perto, só que o dele era...**Pesquisadora:** Daqueles pequeninhos?**Suzan:** É.**Pesquisadora:** Então eu vou fazer meu protocolo de pesquisa, é, pesquisa de mestrado, pesquisadora Iloine Maria Hartmann Martins, para dissertação de mestrado Como foi, é e será na perspectiva do letramento. Com a colaboradora Suzan Carneiro Cipriano. Suzan Carneiro é o teu nome completo?**Suzan:** Não.**Pesquisadora:** Não?**Suzan:** Cipliano.**Pesquisadora:** Cipliano com 'c'?**Suzan:** Com 'c', com 'c'.**Pesquisadora:** Cipliano. Data de nascimento?**Suzan:** Trinta do sete de oitenta e três.**Pesquisadora:** Você nasceu em que cidade?**Suzan:** Corenel Vivida.**Pesquisadora:** Vilida, e vive aqui, como que é o nome do lugar aqui?**Suzan:** Aqui é linha Arroio Bonito.**Pesquisadora:** Bonito... Profissão pedagoga, né?**Suzan:** Uhum.**Pesquisadora:** Teu telefone celular você lembra de cabeça?**Suzan:** 91246866**Pesquisadora:** Você tem e-mail?**Suzan:** Tenho.**Pesquisadora:** Tem?**Suzan:** Susanvanfegf... F-e-j.**Pesquisadora:** Sim. arroba?**Suzan:** Gmail.com.**Pesquisadora:** É, tem RG, CPF que saiba o número?**Suzan:** Tenho.**Pesquisadora:** Tem.**Suzan:** 89651442.**Pesquisadora:** CPF lembra também?**Suzan:** 044.866.999-47

Pesquisadora: Depois você me empresta para mim tirar foto?

Suzan: Foto não?

Pesquisadora: Aqui você não fez nada?

Suzan: É.

Pesquisadora: Depois você me empresta?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: No final da entrevista, daí eu preciso ter foto para anexar daí.

Tá, ensino médio você fez qual?

Suzan: No regular.

Pesquisadora: Regular ensino médio normal.

Suzan: Aquele de Educação Geral.

Pesquisadora: Fez onde?

Suzan: Fiz em Mangueirinha. O nome do colégio? Ou não?

Pesquisadora: É, se você lembrar.

Suzan: Percilha França.

Pesquisadora: Estadual?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Ercilha?

Suzan: Isso.

Pesquisadora: Graduação Pedagogia na UEM, né?

Suzan: Isso.

Pesquisadora: Fez alguma especialização já ou não?

Suzan: Não.

Pesquisadora: Não.

Suzan: Vou começar.

Pesquisadora: Vai começar. Aham. É, séries que você já atuou? O que você já trabalhou?

Suzan: Todas.

Pesquisadora: Todas do primeiro ao quinto, primeiro ciclo?

Suzan: Ao quinto ano.

Pesquisadora: Primeiro...

Suzan: Sim.

Pesquisadora: Primeiro e segundo ciclo. Função atual, vamos pensar assim que você fez, né. A Ivana estava falando que esse ano você vai assumir como pedagoga, né?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Ano passado?

Suzan: Eu era professora.

Pesquisadora: Professora de que turma?

Suzan: Primeiro ano.

Pesquisadora: Uhum. Local de trabalho. Como que chama, é... Aldeia Passo Liso? Esse que é o nome de lá?

Suzan: É... Aldeia Passo Liso.

Pesquisadora: É, ano de atuação no magistério?

Suzan: Se...se for contar os anos que eu trabalhei antes de ir para a faculdade, eu comecei a faculdade daí já me...

Pesquisadora: Já começou a atuar?

Suzan: Comecei a trabalhar como estagiária, né

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Que é aquele estágio remunerado. Então eu trabalhei cinco anos.

Pesquisadora: Cinco anos?

Suzan: Cinco anos antes, daí eu voltei em 2013.

Pesquisadora: Então cinco são...

Suzan: Sete anos.

Pesquisadora: Sete anos. Função atual, série e ano. Primeiro ano 2014 e pedagoga 2015. Participou do PNAIC de Língua Portuguesa em 2013? Participou?

Suzan: Uhum. Sim.

Pesquisadora: E em 2014 de matemática?

Suzan: Sim.

Pesquisadora: Tá. Então daí aqui é um termo livre e esclarecido, que você vai consentir, então eu falei para você, então eu vou colocar aqui, é Susan Carneiro Cipliano... Portador do RG, depois eu vou colocar aqui, declara por meio desse termo que concordei ser entrevistado para a pesquisa de mestrado, intitulada até o presente momento de Alfabetização Matemática: como foi, é e poderá ser na perspectiva do letramento, desenvolvido pela pesquisadora Iloine Maria Hartmann Martins do programa de pós-graduação e Educação em Ciências em Matemática da Universidade Federal do Paraná, na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob orientação do professor Dr. Carlos Roberto Vianna a quem poderei consultar a qualquer momento que eu julgar necessário, através do telefone, daí tem o telefone aqui e o e-mail certinho que eu vou deixar uma cópia com você desse documento, tá? Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade...⁶² deixa aqui, esse já é teu. É, aqui no segundo parágrafo, minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou de qualquer ônus. E com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informada do objetivo da pesquisa, que é: constituir fontes orais sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento através do relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus alunos e formadores de Matemática e Língua Portuguesa que participa do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa, escolhi os professores que participam desse curso e que atuam no primeiro ciclo.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Minha colaboração nessa pesquisa será de forma voluntária por meio de entrevista aberta, com um uso de fichas a ser gravadas em arquivos de áudio a partir da assinatura dessa autorização e posteriormente

62 Nesse momento entreguei a cópia dela para ir acompanhando a leitura

transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada a dissertação, terei acesso a transcrição e textualização da entrevista, momento que poderei vetar o que considerar inadequado.⁶³ Porque às vezes na hora da conversa, você citou um nome, você entendeu?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Ou falou alguma coisa. Ai na hora da leitura, você vai falar, a não, acho que vai ficar meio comprometedor deixar esse nome aqui, né, falou de uma professora, de um diretor, tal, tal.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Então ai a gente tira. Se você vai ter acesso daí você vai vetar as partes e depois vai ficar a versão final. Então,⁶⁴ eu, Susan Carneiro após ter recebido todos os esclarecimentos e estou ciente dos meus direitos, até a minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora. Ai depois você vai receber daí a cópia da tua fala e do termo de autorização. Daí na próxima folha é o termo de autorização do uso da entrevista, porque a minha metodologia é história oral, e a história oral ela na verdade, ah essa aqui é o que eu vou te perguntar daqui a pouquinho. A história oral na verdade, o que a gente vai gravar vai ser fonte de pesquisa, não de repente só para a minha dissertação.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Ela vai ficar em arquivos da Federal, então um dia ah foi entrevistada a professora Susan do primeiro ano lá da Aldeia Passo Liso, então quero saber, quero olhar para essa entrevista de uma outra forma, então daí eu também preciso da autorização, então é uma autorização que você, é, permite o uso da tua fala, do que você vai dizer né, dessas suas informações, então também tem... E daí depois esse outro atrás é um termo de autorização para publicar o texto que você vai ver depois, que a gente vai transcrever essa fala, né...

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Então esse você não assina hoje, esse documento. É, ele está pronto, mas ele só vai ser assinado quando eu voltar aqui para te mostrar o texto que vai ser a entrevista, tá?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Então daí a gente assina. Então é assim, eu preparei umas perguntas, porque é...é achei relevante a gente ter assim, um roteiro e preparei umas fichas com algumas palavras, deixa eu ver aqui. Só que essas fichinhas aqui é só no sentido assim de você ter como orientação para falar sobre os assuntos, então é um norteador mesmo assim da tua fala, porque eu quero que você fale de três momentos da tua vida, um sobre como você foi alfabetizada, do teu processo de infância, um do teu momento de formação e um do teu

63 Pára a leitura para fazer uma explicação

64 Nesse momento continua a leitura do documento

momento atual, sobre alfabetização Matemática. Como que você, que lembranças você tem da tua infância sobre a Matemática, que lembranças que você tem da tua formação, o que você aprendeu, como que você aprendeu, o que podia ser diferente e hoje como que você ensina, né? Em relação à infância, por exemplo, tinha contato com a Matemática fora da escola, você aprendia, o que você fazia? Depois, na escola, como que isso era trabalhado, se não era trabalhado, né? E a palavra é no sentido assim, para você ver, tinha por exemplo, gêneros textos, você estudou gêneros textuais, ouviu falar, nunca ouviu falar, na tua infância, na tua formação, hoje você trabalha gêneros textuais, ou você ouviu falar de situações problemas quando você era criança, quando você fez metodologia do ensino da Matemática, alguém falou sobre você, falou sobre situações problemas, hoje você trabalha situações problemas, ou não, nunca ouvi isso aqui, nunca ouvi falar disso aqui, descarta, né?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Então é só mesmo assim para orientar a tua fala. Fica bem a vontade para me contar a tua história da infância, como é que foi esse processo de alfabetização e aí depois a gente vai para a formação. Pode... Por exemplo, na, quando você foi alfabetizada tinha conversas, por exemplo, a oralidade era algo que era permitido na tua sala de aula? Leituras, histórias, ouviu falar da palavra letramento? No tempo da tua infância?

Suzan: Olha, isso aqui não.

Pesquisadora: Não ouviu falar na infância gêneros textuais?

Suzan: Não. Quando eu estudava não.

Pesquisadora: Sim. Aham. Sim. Então, isso é importante. Tinha dificuldade na Matemática quando você era criança?

Suzan: Tinha, bastante.

Pesquisadora: Tinha. Então, é bom de repente à gente deixar, você fala sobre as dificuldades. Escrita na Matemática, era só continhas? Vocês escreviam textos? Tinha leitura de histórias na matemática quando você foi alfabetizada? É, tinha jogos?*

*Nesse momento a conversa tem como base as palavras que organizei e que estavam em duas caixinhas

Suzan: Não.

Pesquisadora: Aham. Ouvia, falar, por exemplo, alfabetização e letramento na ... onde você foi alfabetizada?

Suzan: Alfabetização sim, é... junto assim não.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Que na verdade era só aquela, era alfabetização...

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: Usava outro, ela vai entrar na escola agora daí a professora de alfabetização é a fulana.

Pesquisadora: Sim, aham.

Suzan: Ela que ia ensinar nós a ler, escrever.

Pesquisadora: Aham. Então eu vou por só alfabetização. Ah a gente deixa as palavrinhas aqui.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Daí conforme você vai me contando, daí antes de você me contar, eu queria saber certinho. Então o nome completo da aldeia que você trabalha é?

Suzan: Aldeia Passo Liso.

Pesquisadora: Aldeia Passo Liso. Certo. É, eu coloquei que povos vivem aqui, então na verdade é Kaingangs?

Suzan: É.

Pesquisadora: Kaingangs, então só...

Suzan: Se é só na minha aldeia sim.

Pesquisadora: Sim. É onde... E ali que você foi alfabetizada?

Suzan: Não.

Pesquisadora: Não.

Suzan: Eu fui... Na verdade eu morava lá na Sede.

Pesquisadora: Certo.

Suzan: Até os meus 18 anos eu morava na Sede.

Pesquisadora: A Sede não é ali onde que é a escola?

Suzan: Não.

Pesquisadora: Não.

Suzan: Aqui onde eu trabalho é a Aldeia Passo Liso, daí a Sede é lá embaixo.

Pesquisadora: Ah tá.

Suzan: Lá onde o cacique mora.

Pesquisadora: Lá onde eu vou hoje conhecer. Entendi. E também chama Passo Liso?

Suzan: Não, não.

Pesquisadora: Lá chama como?

Suzan: Lá chama na Sede.

Pesquisadora: Ah chama só Sede?

Suzan: É, na verdade é Terra Indígena Mangueirinha.

Pesquisadora: Ah tá.

Suzan: Que pega tudo, até lá a Palmeirinha.

Pesquisadora: Certo.

Suzan: Que é a etnia Guarani.

Pesquisadora: Então a Sede ela inclui o Kaingang e a Aldeia Guarani também ou não?

Suzan: Não.

Pesquisadora: Não.

Suzan: É assim ó, a Terra Indígena Mangueirinha tem sete aldeias dentro que é a Sede, a Openaida, Abacenta, a nossa aqui a Passo Liso...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: A Linha Luís e daí a Palmeirinha.

Pesquisadora: Certo, a Palmeirinha que índio... É Guarani?

Suzan: É Guarani.

Pesquisadora: Que é...

Suzan: Aquela lá antes do rio.

Pesquisadora: Sim. Sei. Aham. Então são Guaranis e Kaingangs?

Suzan: É.

Pesquisadora: Não tem Xetá.

Suzan: Não.

Pesquisadora: Eu estava pesquisando sobre o...

Suzan: Só Guarani e Kaingang.

Pesquisadora: Só Guarani. Aham.

Suzan: Só que daí, a 75, 75 não, 80 por cento digamos são Kaingangs, porque lá na aldeia Guarani também tem Kaingang.

Pesquisadora: Ah tá...

Suzan: Que mora lá e é Kaingang.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Então, é poucos os...

Pesquisadora: Guarani.

Suzan: O pessoal Guarani que tem.

Pesquisadora: Aham. E aí você cresceu nessa Sede?

Suzan: Eu cresci lá na Sede.

Pesquisadora: E lá na Sede tem escola?

Suzan: Tem.

Pesquisadora: Tem escola também.

Suzan: Tem também. Agora tem até o ensino médio.

Pesquisadora: Aham. Que lá onde o cacique...

Suzan: Que na minha época não tinha, né. Quando passa para a quinta, antiga quinta série tinha que ir para a comunidade vizinha que fica lá na Cunhada Funda.

Pesquisadora: Que não é uma área indígena?

Suzan: Não é, não é mais área indígena. Daí lá a gente estudava junto com os não-indígenas.

Pesquisadora: Entendi.

Suzan: Então daí da... da quinta série em diante já era tudo fora da aldeia.

Pesquisadora: Uhum. Agora não.

Suzan: De quinta a oitava e ensino médio era na cidade.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Já tinha que se deslocar para lá para poder estudar.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas agora... Esse ano vai se formar a primeira turma, parece que é a primeira turma do ensino médio.

Pesquisadora: Na aldeia?

Suzan: Na aldeia.

Pesquisadora: Daí é só indígena?

Suzan: Só indígena.

Pesquisadora: Não tem os não-indígenas que vem de fora?

Suzan: Não, só professores que estão vindo, né.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Porque não tem professores indígenas formados nas disciplinas específicas.

Pesquisadora: Suficientes... Sim. Uhum.

Suzan: Então ainda, esse é uma coisa que tem que ser conquistada também ainda.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Né, que só tem professores não-indígenas trabalhando.

Pesquisadora: Mas existe assim, um projeto que a gente percebe assim de enviar os indígenas para a formação, né?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Tem você, a Carla, que eu não conheço, né. Conheço você e a Carla só assim, que saíram né.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Mas aí tem uma outra professora que eu conversei outra vez que eu vim, que é indígena, que é pedagoga. Existe um projeto de formação mesmo para que a aldeia tenha professores indígenas para as disciplinas específicas?

(barulho das crianças brincando na varanda)

Suzan: É, na verdade foi criado, né, esse vestibular específico, vestibular indígena, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Vestibular dos Povos Indígenas do Paraná, para... eles oferecendo vagas, umas vagas para os indígenas estarem estudando.

(barulho de vaca mugindo)

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Disciplinas específicas para trabalhar em escola ou para trabalhar como enfermeiro.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Médico, dentista, várias formações, né?

Pesquisadora: Sim, aham.

Suzan: Vai de cada indígena que entrar lá e se conseguir se formar.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Que não é fácil.(riso)

Pesquisadora: Fácil. Exatamente. Existe o vestibular especial, mas a formação ela é, ela não tem uma direção assim do ensino superior, né?

Suzan: Não, não.

Pesquisadora: Não tem um programa específico, né?

Suzan: Tipo, você consegue a vaga...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Mas você chega lá você vai... vai a nível dos outros,

Pesquisadora: Dos outros!

Suzan: Dos que entraram sem ser por vagas.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Que nem, antes não tinha vagas para indígenas, nem para... Para negros!

Pesquisadora: Para negros... Não.

(conversa das crianças)

Suzan: Agora tem vaga até para... para quem tem baixa renda também.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Que eu descobri, não sabia e...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Até tinha uma menina que estudava comigo, que ela entrou por essa, não sei se é projeto, não sei como é que funciona, não... não perguntei bem para ela, mas também tem essa...

Pesquisadora: Essa maneira de entrar. Uhum.

Suzan: Para baixa renda.

Pesquisadora: Daí então, é, você falou que 80 por cento são Kaingangs tal...

Suzan: É, mais ou menos, eu não...

Pesquisadora: Você tem ideia da população no geral.

(conversa com a filha)

Outra pessoa: Mãe?

Suzan: Hã? Vai, vai brincar então, que agora a mãe não pode... Vai Joaquim* junto com ela.

* Joaquim é o outro filho da Suzan

Pesquisadora: É, você tem ideia quantas pessoas vivem na região, na... na área indígena?

Suzan: Oh, nessa parte é difícil de eu dizer quantas exatas tem.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Porque indígena é assim: uma hora ele está aqui, uma hora ele levanta acampamento e vai para outra aldeia.

Pesquisadora: Ah, e vai para outra...

Suzan: Então...

Pesquisadora: Ah entendi.

Suzan: Então daí não tem como eu dizer, não, porque uma época, teve uma época que todo mundo sabia que tinha aquelas, é, aquelas, é, 400 famílias.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Em torno de umas 700 pessoas.

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: Né. Então nós sabia, agora não tem como eu dizer assim, tem tanto.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Porque tanto sai como entra indígena.

Pesquisadora: Entra... Entendi, aham.

Suzan: Então agora eu não um dado exato para mim poder te passar.

Pesquisadora: Uhum. Mas ultrapassa 500 e menos de 1000, vamos dizer?

Suzan: É.

Pesquisadora: Para a gente ter uma ideia como que é.

Suzan: 500 pessoas...

Pesquisadora: Você disse que mora na Linha Arroio do Meio...

Suzan: Bonito.

Pesquisadora: Arroio Bonito e a, e trabalha na Aldeia Passo Liso.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Aham. Aqui onde você mora também é área indígena?

Suzan: Não.

Pesquisadora: Não. Você então está fora da área indígena. Tá. O líder então é o...

Suzan: Aqui é uma história bem complicada, porque essa terra na verdade era indígena.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Só que como meus, é... meus ancestrais, não sei se é essa palavra.

Pesquisadora: Uhum. Sim.

(barulho de carro)

Suzan: Muito antes de eu nascer, venderam essa terra, então essa terra já documentada, então ela já não faz mais parte da área indígena, por ter o documento já um documento, é, como é que eu digo? Um documento que não dá... Que não, mostra que não é uma terra indígena.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Que nem lá a aldeia, lá está documentado que é uma terra indígena, terra da União e tal e tal.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Agora aqui não, aqui cada, cada família que mora aqui tem um documento...

Pesquisadora: A sua escritura.

Suzan: É, na verdade nem escritura não, porque como é muito... O pessoal que mora aqui tem um pedaço de terra, digamos de 400 m².

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Não tem como, não tinha na época como fazer uma escritura só para esse pedaço, então foi feito, tipo, duas escrituras, uma escritura para quem mora aqui para baixo e uma escritura para quem mora para cima.

Pesquisadora: Ah entendi.

Suzan: Então os pedacinhos têm os contratos.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas o documento de escritura existe no nome de uma pessoa só.

Pesquisadora: Ah tá. E essa pessoa é um indígena?

Suzan: Não.

Pesquisadora: Não.

Suzan: É não-indígena.

Pesquisadora: Não-indígena. Entendi. Aham. É, eu estava lendo algumas dissertações de mestrado, quem fez, né, nas aldeias Kaingangs no Brasil, né, tem duas no Rio Grande do Sul, daí estava falando dessa questão do momento

histórico do aldeamento, né, dos indígenas, né, que o governo foi reduzindo, né?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: A sua extensão territorial, né, então mais ou menos isso que você está dizendo, né?

Suzan: É.

Pesquisadora: Eram terras indígenas e que depois as pessoas foram...

Suzan: É, os próprios indígenas.

Pesquisadora: É.

Suzan: Que nem o caso dessa terra aqui, é, indígena veio, vendia os pouquinhos, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que nem diz, a terra é de todos os indígenas.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Se eu voltar para a aldeia, aonde eu quiser fazer uma casa, eu chego e faço a minha casa lá.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Não é que nem lá na cidade, você não pode chegar e você ver um terreno vazio, você...

Pesquisadora: Gostei daqui e vou, não.

Suzan: Vou fazer a casa ali, não. Então, é, só que daí os indígenas mais velhos começaram a perceber que dava para fazer algum negócio, não sei também, que nem diz, né, é História.

Pesquisadora: Sim, é História.

Suzan: Eles contam para a gente, mas não, não sei a real intensão desses que venderam essas terras.

Pesquisadora: Uhum. Sim, sim.

Suzan: Então e é bastante, é bem grande a extensão, tanto daqui como lá de... para Mangueirinha. Pertencente ao município de Mangueirinha também tem.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Já entraram bastante para dentro da aldeia, que está essa briga já tem um tempo, para recuperar essas terras, recuperar essa aqui também.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então, quem mora aqui fica apreensivo, porque uma hora outra...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: O governo pode vir e fazer a redemarcação da terra e essas pessoas terem que sair daqui.

Pesquisadora: Sim. Entendi. É, porque sendo indígena elas também não podem permanecer, né? É, quantos anos tem essa aldeia Passo Liso?

Suzan: Passo Liso tem bastante, que na verdade meu pai nasceu ali.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E ele está com 50, vai fazer 54 anos esse ano.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então...

Pesquisadora: Ele é um dos fundadores da aldeia? Teu pai ou já existia a aldeia?

Suzan: Na verdade antes dele nascer já...

Pesquisadora: Já tinha essa comunidade.

Suzan: Já tinha. Quando ele nasceu, quando ele nasceu, eram poucas pessoas que moravam aqui nessa aldeia.

Pesquisadora: Certo. Uhum.

Suzan: Então, é, minha vó e meu vô vieram morar para cá.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que tinha uma terra boa de fazer plantio né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então eles vieram morar para cá, mas ele, pelo jeito que ele me conta, parecia ser assim um lugar isolado, que só tinha a família dele, mas não, tinha mais algumas famílias por aqui, na distância que digamos não é assim, ó a vizinha está logo ali.

Pesquisadora: Pertinho, aham.

Suzan: É.

Pesquisadora: Mais distante.

Suzan: Entendeu? E, quando ele estava para nascer veio à época dos escravos.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então não era terra... O compraram, não é tomaram, né?

Pesquisadora: Sim

Suzan: Na verdade alguém vendeu a terra. Então ficou aquela de que a terra foi vendida, então eles tiveram que sair dali, o pai nasceu daí foram morar lá na Sede, voltaram morar para lá. Eles já moravam lá, né? Então daí voltaram para lá. Mas eu acredito que tenha uns, mais de 60 anos.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Que eu digo de existência da aldeia, né?
(cachorro latindo e crianças conversando)

Pesquisadora: Da aldeia. Sim.

Suzan: Dessa aldeia aqui.

Pesquisadora: Aham, sim.

Suzan: Porque na verdade era tudo mato.

Pesquisadora: Sim, aham.

Suzan: Aonde a mais concentração era lá na Sede.

Pesquisadora: Na Sede. Uhum.

Suzan: A concentração das pessoas, de famílias, né?

Pesquisadora: Uhum.

(vaca mugindo)

Suzan: Eu acredito que seja mais...mais de 70 anos

Pesquisadora: Mais de 60.

Suzan: 60 anos.

Pesquisadora: Aham. É, o que a aldeia cultivava assim? Economia, no que as

peessoas trabalham assim? As famílias, por exemplo, dos teus alunos?

Suzan: A maioria das, dos meus alunos, alguns trabalham fora.

Pesquisadora: Sim. Fora da aldeia?

Suzan: Fora da aldeia. E algumas famílias fazem artesanato, ainda fazem artesanato.

Pesquisadora: Aham. E esse fora da aldeia é em que eles atuam? Na cidade?

Suzan: É na...

Pesquisadora: Ou em outra, em lavoura?

Suzan: Não, na cidade.

Pesquisadora: Na cidade, uhum.

Suzan: Na, como é que é, na?

Pesquisadora: Comércio?

Suzan: Nos frigoríferos.

Pesquisadora: Nos frigoríferos.

Suzan: Nos frigoríferos.

Pesquisadora: Uhum, eles moram...

Suzan: A maioria do pessoal que mora na aldeia sai para trabalhar fora é em frigorífero.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Tem, é, em São João.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Em Pato Branco e em Abelardo Luz que também tem uma, lá é da Aurora.

Pesquisadora: Daí o ônibus passa, pega?

Suzan: O ônibus leva e devolve.

Pesquisadora: Leva e traz. E devolve. Aham. É, e tem roça, pomar? Criam porcos, galinhas?

Suzan: Alguns sim.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Deixa eu fechar aqui se não essa cadelinha vai...*

* fecha a porta para a cachorra não entrar

Pesquisadora: Esse artesanato então que eles produzem é vendido?

Suzan: É vendido.

Pesquisadora: Vendido, aham. É, eu queria que você me explicasse a localização da aldeia, como é que a gente faz para chegar, um exemplo, para a gente ter uma ideia assim de como é que chega, por exemplo, lá de Curitiba então, a gente vem pela BR...

Suzan: 277.

Pesquisadora: 277.

Suzan: Daí você, quando você chegar ali em Três Pinheiros...

Pesquisadora: Certo.

Suzan: Tem o trevo, né?

Pesquisadora: Sim, uhum.

Suzan: Ai você pega, eu não sei...

Pesquisadora: À direita?

Suzan: É...

Pesquisadora: Vindo de Curitiba pega a direita.

Suzan: Não, chegando em Três Pinheiros você pega a esquerda na verdade. Você vai fazer o trevo, vai subir...

Pesquisadora: Sim, aham, isso.

Suzan: Daí vai, vira para cá.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: A esquerda.

Pesquisadora: Aham. Não é direita, Suzan!

Suzan: Daí pega a 373. Não, você está vindo de lá.

Pesquisadora: Eu estou vindo de Curitiba.

Suzan: É...

Pesquisadora: Três Pinheiros fica do lado esquerdo...

Suzan: Três Pinheiros fica aqui. Digamos que você está indo assim.

Pesquisadora: Tá.

Suzan: Três Pinheiros é aqui, daí tem o trevo, você pega a direita, certo?

Pesquisadora: Aham, certo

Suzan: Daí que você...

Pesquisadora: Daí pega a esquerda.

Suzan: Daí vira para esquerda que...

Pesquisadora: Sim. Vem para cá.

Suzan: Vem para cá.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu não sei se essa BR aqui é a 373, eu não sei até onde ela vai, não sei se ela chega até Palmas.

Pesquisadora: Palmas é ali atrás?

(Crianças conversando ao fundo).

Suzan: Não, eu digo para lá. Eu não sei se ela...

Pesquisadora: Se ela muda, né?

Suzan: Se ela começa...

Pesquisadora: Eu também não sei. Aham.

Suzan: Porque a 277 é a que corta, no caso vai para...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Para Laranjeiras, né?

Pesquisadora: Aham, é.

Suzan: Daí essa aqui é a 373.

Pesquisadora: Uhum. Então desde a hora quando eu, quando que começa a área indígena é onde tem aquele monumento, não tem uma demarcação assim?

Suzan: O portal?

Pesquisadora: É, o portal?

Suzan: É...

Pesquisadora: É lá que começa...

Suzan: Depois do Rio Iguaçu.

Pesquisadora: É, então, aham.

Suzan: É, no final da ponte vindo de lá para cá já tem o portal.

Pesquisadora: Sim. É, logo depois do Rio Iguaçu que inicia a área...

Suzan: Isso.

Pesquisadora: Terra indígena.

Suzan: Terra Indígena Manguueirinha.

Pesquisadora: Aham. É, então a economia da comunidade é o artesanato e o trabalho no frigorífero?

Suzan: É.

Pesquisadora: Que é o dinheiro que entra na comunidade indígena.

Suzan: É o do que tem dentro da aldeia, tem o postinho, o posto de saúde, tem as escolas.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: E, tem o posto da, da FUNAI também, mas por enquanto não tem nenhum indígena trabalhando.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: São só pessoas de fora.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu não sei se é por que... Eu não sei o que, porque eles não colocaram ainda uma pessoa que, digamos que é de dentro da aldeia.
(crianças rindo)

Pesquisadora: Representante da comunidade. Aham.

Suzan: Entendeu? Porque tem o homem lá, que é o representante da FUNAI, já faz anos que ele trabalha.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Quando eu nasci ele já estava ali.

Pesquisadora: Na aldeia, na Sede?

Suzan: Na Sede.

Pesquisadora: Que é um representante da FUNAI.

Suzan: Que é um representante da FUNAI. Ai eles falaram, não que tem que ter um indígena formado, que não sei o que, não sei o que...

Pesquisadora: Para atuar?

Suzan: Que conhece e tal. Foi um rapaz, começou a fazer a faculdade de Administração, se formou, só que daí ele não, tipo, incentivaram ele tanto, tanto, tanto que acabou em nada.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ele mora ali, tem a formação, conhece a Legislação, conhece tudo de índio e... e não está trabalhando dentro desse posto da FUNAI.

Pesquisadora: Entendi. E ai continua o que estava anteriormente?

Suzan: Continua o mesmo.

Pesquisadora: Que estava... Aham.

Suzan: Continua esse mesmo.

Pesquisadora: Aham. Qual que é a... Então tá, aqui eu tinha colocado, assim,

além das casas, da escola, o que mais que tem? Então você está dizendo, tem a FUNAI...

Suzan: É, tem o posto da FUNAI, tem o posto de saúde...

Pesquisadora: Aham. Tem comércio?

Suzan: Na verdade comércio legalizado não. Tem as, como eles dizem, as bodeguinhas, né?

Pesquisadora: As bodeguinhas.

Suzan: Que vendem mantimentos, é, carne, essas coisas.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: É tipo uma mercearia. Só que é...

Pesquisadora: Sim, entendi. Aham. Tem posto de saúde...

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Igreja?

Suzan: Igrejas.

Pesquisadora: Igrejas. Aham. Tá. E a rotina da aldeia? Das crianças, por exemplo. Dos teus alunos assim, na aldeia...

Suzan: Quando eles não estão na escola?

Pesquisadora: É. Aham.

Suzan: Ou eles estão com a família fazendo artesanato.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que tem algumas famílias lá que ainda ensinam os seus filhos.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Já tem outras que não fazem esse processo.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ou estão brincando, estão na casa do vizinho brincando com os coleguinhas.

Pesquisadora: Uhum. É, de que forma que os valores, a língua, as crenças, elas são transmitidas para os mais novos? Assim, que nem você disse, alguns pais ainda ensinam o artesanato.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Mas assim, existe um programa dentro da aldeia que, por exemplo, em relação à língua, em relação às crenças, é, para passar para os mais novos?

Suzan: Não tem... Não tem um programa específico assim, o que tem é uma disciplina específica dentro da escola.

Pesquisadora: Sim. Que é a da língua.

Suzan: Que é a língua materna.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que é ensinada por professores que falam a língua, sabem falar, sabem escrever, né?

Pesquisadora: Certo.

Suzan: E entendem, então é feito esse processo na escola.

Pesquisadora: Certo.

Suzan: Mas, é quando...

Pesquisadora: Tanto na oralidade, quanto na escrita?

Suzan: Quanto na escrita.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Na minha época de criança, que eu, que eu, e depois que eu comecei entender como é que funcionavam as coisas dentro da aldeia e tal, os pais ainda ensinavam seus filhos a falar a língua materna.

Pesquisadora: Certo. Uhum.

Suzan: Então... E depois foi, foram deixando!

Pesquisadora: Uhum. Daí é só língua portuguesa agora?

Suzan: Uma... Começaram a só, a criança nascia a primeira língua era língua portuguesa, foram deixando meio que...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Segundo plano, né? Então, é uma coisa complicada também, porque nós por morar em uma terra indígena e não saber falar...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Se torna bem complicado. Outra coisa que, que afetou bastante é a mestiçagem.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que os indígenas vão, principalmente os homens. Casam com as mulheres não-indígenas.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Daí como eles tem o direito de trazer a mulher não-indígena para dentro da aldeia...

Pesquisadora: Sim, daí...

Suzan: A língua indígena já ficou...

Pesquisadora: Sim, já vai modificando, né?

Suzan: Já vai modificando...

Pesquisadora: O histórico...

Suzan: No caso, que nem, a nossa aldeia não obriga, digamos é, a pessoa que for morar lá a ter que aprender a língua indígena.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Se ela é não-indígena.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Ou se ela é uma indígena que não sabe falar.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ninguém obriga, mas já tem outras aldeias que eu sei, aqui do Paraná, que se a indígena não sabe, ou a indígena não sabe falar, ele não pode ficar na aldeia.

Pesquisadora: Ah...

Suzan: Ou ele aprende a falar ou ele tem que sair da aldeia.

Pesquisadora: Uhum. É uma forma...

Suzan: É uma coisa que, que eu achei que deu certo, pelo menos lá na aldeia dessas pessoas, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Porque eu conheço professores de várias aldeias, então a gente está sempre em contato.

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Suzan: Até esse ano que passou, eu conversei com uma diretora de uma escola lá de Apucarânia.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Era indígena. E ela é diretora. Ai eu estava pensando, meu Deus, como é que pode, nós não temos diretora indígena ainda aqui.

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Suzan: Desde que eu comecei a trabalhar é uma professora não-indígena.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Entendeu? Então... Daí eu falei, nossa, é uma conquista, uma vitória para vocês, né, eu falei. Com uma diretora indígena, uma pedagoga indígena, tudo indígena!

Pesquisadora: Exatamente.

Suzan: Professoras indígenas, a única coisas que eles ainda não tem é professores indígenas nessas disciplinas específicas.

Pesquisadora: Sim. Aham.

(filha conversa baixinho com a entrevistada)

Outra pessoa: Posso vestir o vestido de festa junina?

Suzan: E, Natália, não vai dar certo esse negócio ai, em! Vai, vai lá vestir então! (Risos).

Pesquisadora: Ai, essas meninhas! É uma conquista, né? De fato, né. Poder ter só profissionais indígenas, né?

(nesse momento chega visita que permanece na varanda com minha irmã)

Suzan: Chegue! É!

Pesquisadora: Aham. É, o nome da escola que você trabalha é Escola Estadual Indígena...

Suzan: Indígena Gykretag.

Pesquisadora: Como que é?

Suzan: Gykre tag

Pesquisadora: Gykretag. G-u-i...

Suzan: G-y-k-r-e

Pesquisadora: Tá, aham, para depois poder escrever.

Suzan: T-a-g

Pesquisadora: Aham. Tá. Qual é o grau de instrução, por exemplo, dos pais dos teus alunos? A maioria tem já ensino médio ou ensino superior ou não?

Suzan: A maioria tem o fundamental completo.

Pesquisadora: Certo.

Suzan: Quero dizer a maioria, né. São, tem alguns já que já tem o ensino médio e ainda estão estudando, esse também é uma coisa que assim, a gente percebeu que os pais é, pensaram né, não sei, quem sabe para melhorar o... a vida da pessoa, a situação financeira, porque quanto mais estudo...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Mais você arruma emprego, ganha mais e tal.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Mas alguns pais estão estudando.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Procuraram é o...

Pesquisadora: Supletivo?

Suzan: Supletivo. Então o supletivo não tem aqui na aldeia.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Nem ensino médio. Tem, mas é de alfabetização.

Pesquisadora: Entendi. Uhum.

Suzan: Então, tem bastante pais também...

Pesquisadora: De adultos?

Suzan: Que estão voltando a estudar...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Estudar, então estão naquele processo do Paraná Alfabetizado.

Pesquisadora: Sei.

Suzan: Entendeu? É uma coisa assim que está mudando, devagarinho, mas está mudando.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Daí foi implantado também aquele projeto Saberes Indígenas na Escola?

Pesquisadora: Sei, uhum.

Suzan: Também que é para trabalhar na língua indígena, é, o Português e a Matemática.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: É tipo um PNAIC indígena.

Pesquisadora: Sim. Aham. Sim.

Suzan: Né. Então é uma coisa assim que também está ajudando bastante, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Nesse processo, porque nós temos professores que não sabem falar a língua. É, o, que nem eu, eu parei de falar.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Uma coisa que eu acho assim que foi uma coisa minha, que fui eu que errei, eu sei que...

Pesquisadora: Você sabia a língua?

Suzan: Sabia falar e de repente eu fui deixando, deixando. Eu trabalhei seis meses com a disciplina de bilíngue.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Tipo, dando aula na língua materna.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então, eu falei assim pensando comigo, porque eu parei, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Podia ter aperfeiçoado mais.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Mas não, eu parei, então agora para conversar assim eu não tenho aquela...

Pesquisadora: Aquele vocabulário suficiente.

Suzan: É... Não, eu digo assim, parece que a minha língua travou.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: É que nem...

Pesquisadora: Eu sei como é.

Suzan: Que nem eu digo, quem fala inglês, quem fala...

Pesquisadora: Sim, eu falo alemão e fico longe da família e quando eu volto, esqueço as palavras, não vem rápido, né?

Suzan: Outra língua...

Pesquisadora: Aham. É, e como que você foi alfabetizada?

Suzan: Eu fui alfabetizada na língua portuguesa.

Pesquisadora: Na língua portuguesa, ali na aldeia Passo Liso.

Suzan: Na aldeia Sede.

(Risos).

Pesquisadora: Oi! Que charmosa! Depois eu vou tirar uma foto sua, posso? (a filha da Suzan e minha sobrinha Gabrieli)

Outra pessoa: Tia? Sabia que era meu vestido?

Pesquisadora: Era seu? Olha que lindo! Ficou linda!

Suzan: Pensei que vocês vinham de tarde, ai eu ia ligar para a mãe vir buscar eles.

Pesquisadora: Ah não, deixa eles, eles não incomodam.

Suzan: Se não eles ficam entrando, entrando, entrando.

Pesquisadora: Não tem problema! Não tem problema isso, aham, eu na hora de explicar, eu explico o que a gente...

Suzan: Quando eu entrei na escola, eu entrei com três anos e meio.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Não. Três anos e oito meses na verdade, porque eu queria ir muito, queria ir igual minha filha, ela está com três anos e meio, ela quer ir na escola.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Abriu uma turma agora para a idade dela na aldeia.

Pesquisadora: Sim, aham.

Suzan: Então eu vou matricular ela, ela vai para a escola nessa idade. Também não vou forçar ela a ficar.

Pesquisadora: Sim, aham.

Suzan: Que não é o pré já, é...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: É um grau para trás.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Então ela vai começar agora. Quando eu entrei também era assim, estudei seis meses, foi o que eu aguentei. (Risos).

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Seis meses. Eu queria tanto ir na escola que a mãe acabou me

mandando, mas quando eu entrei na turma mesmo que era para mim começar de verdade a escola...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que foi o pré, que é, é antigo, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Agora é Educação Infantil, na pré-escola o professor era indígena, falante.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Da língua indígena. Hoje ele não mora mais aqui, eu não sei se ele ainda é vivo, então também não sei. Ele morou um tempo ali até quando eu estava com uns 10 anos ele ainda morava ali, depois ele foi embora. Mas ele era indígena falante, então, tipo, eu comecei...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Quando eu comecei a pegar o negócio aí eu passei para o primeiro ano, a professora não era indígena, no caso, era indígena, mas não falava assim, ela falava em casa, mas ali na escola ela não falava a língua indígena, que ela era de família indígena...

Pesquisadora: Indígena, mas não...

Suzan: Falante!

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas ela na escola, ela trabalhava em língua portuguesa, tipo, alfabetizar em língua portuguesa.

Pesquisadora: Uhum. E isso para você foi um... O que que significou para você? Você tinha o histórico de um professor que era falante na língua materna e daí mudou, isso dificultou um pouco?

Suzan: É, afetou um pouco, afetou um pouco, porque em casa meu pai era falante, mas ele conversava pouco com a gente.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu não sei por que também, então...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E não culpo ele também.

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: Porque minha vó era falante da língua indígena, então o pai falava, mas ele não falava assim com a gente lá em casa, era poucas coisas e outro erro: ele falava na língua materna e a gente respondia em português, que não é o correto.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Você fala comigo em Kaingang eu tenho que responder em Kaingang.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Então daí eu... foi se perdendo.

Pesquisadora: Uhum. O costume de falar a língua.

Suzan: O costume de falar a língua entendeu? Daí a minha vó também, ela falava com nós, mas nós respondia em português.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Esse, esse sim eu acho um erro muito grave.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que nem para nós que a língua indígena está se indo, está se perdendo.

Pesquisadora: Sim. É, pelo que a gente lê nas pesquisas é isso mesmo, né. Perde né? E daí nessa mudança de professora na sua alfabetização, daí como que foi esse momento de, que você recebeu esse professor que não falava a língua? O que que você lembra assim que você aprendeu de Matemática, como é que ensinavam, ou você...?

Suzan: Ah a professora, eu acho assim que essa professora, que ela já é falecida, né. Eu tive a oportunidade de trabalhar com ela também na escola.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ser auxiliar da turma dela. E para mim acho que ela foi a melhor alfabetizadora que eu já tive.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: De tantas outras pessoas que eu conheço que trabalham com alfabetização, nem eu chego, chego aos pés dela, mas é que ela já tinha anos de magistério quando eu comecei a estudar com ela.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Tipo, ela me ensinou assim bastante coisa. Na Matemática não que nem, na minha época não era igual agora que a gente trabalha muito o lúdico, trabalha com jogos.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Trabalha bastante o concreto.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Com ela não, era aquele tradicional mesmo.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Esse é um número, número ali, o número ali, entendeu?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Não era...

Pesquisadora: Você lembra o que? De continhas, de tabuada...

Suzan: É, continha, situações problema já tinha na primeira série.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Antiga primeira série, né. Tinha já.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Né. Tinha aqueles, a escola recebia os livros didáticos já também que eu me lembro, daqueles livros didáticos. Eles chamavam de cartilha, mas que agora eu fico pensando e na verdade eram livros didáticos, grandão!

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Né, então. Tinha continha para fazer, tinha probleminha para resolver e tudo.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas não era assim que nem agora que as crianças, algumas pegam o gosto pela Matemática.

(barulho de porta abrindo)

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Porque Matemática é uma coisa complicada, nem eu gostava de Matemática, depois eu acabei ficando assim.

Pesquisadora: Uhum. Que é...

Suzan: Até hoje eu não gosto de Matemática.

(Risos).

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Mas como dizem né. Eu não sei se foi porque depois eu tive outros professores que quem sabe não fizeram direito, não trabalharam direito a Matemática comigo.

Pesquisadora: Uhum

Suzan: Para eu ter essa, essa ... como é que eu digo? Uma palavra...

Pesquisadora: Rejeição?

Suzan: Não seria rejeição, mas assim essa dificuldade mesmo.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Dificuldade em gostar de Matemática.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu trabalho Matemática, eu ensino do jeito que eu aprendi na faculdade, os métodos, como que trabalha os lúdicos, os jogos e tudo, né.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Então tudo que eu, que nem eu estudei três anos e meio aqui, na Palas Atena em Chopinzinho acabei desistindo.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Fiquei dois anos parada, aí voltei pelo vestibular indígena e fiz na... Pedagogia pela UEM.

Pesquisadora: Na UEM você fez quatro anos?

Suzan: Então... Fiz.

Pesquisadora: Ou você aproveitou o Palas Atena?

Suzan: Não, aproveitei, mas do mesmo jeito eu fiz quatro anos lá.

Pesquisadora: Aproveitou os... Sim, aham.

Suzan: É, então tudo o que eu aprendi, eu acho que vai do professor.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que nem eu faço um esforço danado para os meus alunos gostarem de Matemática, porque eu acredito assim que se o professor não trabalha bem a Matemática ou as outras disciplinas também, o aluno não vai ter aquela...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Aquela vontade de aprender, vontade de fazer as coisas, sabe? Ele, a gente como professor, como professora, digo assim tem que se empenhar o máximo para que eles vejam que a gente está ensinando, está com gosto, porque eles sentem as coisas.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que nem eu, eu sentia as coisas nas professoras.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu tive professor que não trabalhou bem a Matemática comigo ou, é, principalmente a tabuada.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu...

Pesquisadora: Você lembra como que era trabalhada?

Suzan: A tabuada era decorar.

Pesquisadora: Decorar.

Suzan: É pegar aquele papel lá e decorar.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Tipo, não tinha aquele trabalho feito assim, não, vamos fazer aqui, duas vezes dois é quanto?

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Tá, trabalhava com o concreto, não tinha isso. Era pegar e...

Pesquisadora: Decorar.

Suzan: Decorar.

Pesquisadora: Pegar os números ali...

Suzan: Por isso que eu acho que tive essa dificuldade na Matemática, né? Por conta da tabuada.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então era uma coisa assim que não era ensinada que nem agora.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: A Matemática teve uma evolução e tanto, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Da minha época para cá.

Pesquisadora: Sim. Então na verdade, você quando você foi aprender Matemática na escola você aprendeu na língua portuguesa?

Suzan: Na língua portuguesa.

Pesquisadora: Então não aprendeu, por exemplo, não ouviu explicações da... da Matemática na língua materna.

Suzan: Não.

Pesquisadora: Ai você desenvolveu, porque daí tem essa questão dos conceitos, né? Hoje se fosse para você explicar, por exemplo, a Matemática para os seus alunos na língua materna, você teria palavras para explicar isso? Explicaria na língua portuguesa?

Suzan: Explicaria, explico né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Na língua portuguesa.

Pesquisadora: Uhum. E nesse curso específico que eles têm, teus alunos tem a Língua Materna, tem o curso da Língua Materna, tem aulas?

Suzan: Sim.

Pesquisadora: E daí é só da língua?

Suzan: É só da língua.

Pesquisadora: Não é de uma disciplina específica, né, por exemplo...

Suzan: Não.

Pesquisadora: Não vai ensinar ciências, história...

Suzan: Na verdade, é, a gente tenta fazer um...

Pesquisadora: Uma relação?

Suzan: Uma relação, tipo trabalhar meio que, é, uma intercalada na outra.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Tipo, eu vou trabalhar um texto lá de português, aí o professor indígena vem na hora, na minha hora atividade e olha ali, oh eu vou trabalhar esse texto aqui, eu vou fazer assim, tipo, eu vou mostrando o que eu vou trabalhar com aquele texto.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então o professor, se ele quiser, porque nem todos aceitam trabalhar isso, né?

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Vamos pegar esse texto mesmo e vamos fazer aqui então.

Pesquisadora: Fazer Interdisciplinar.

Suzan: Então eu vou pegar lá um textinho que vai falar bastante dos animais, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então vamos trabalhar também, vamos trabalhar junto, aí ele vai, trabalha o nome dos animais em Kaingang.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Quantos animais, a quantidade e tudo. Então já tem números na língua indígena, né?

Pesquisadora: Ai que eu ia...

Suzan: Todos os nomes dos animais, é...

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Cada um tem o seu nome indígena, então se o professor Kaingang ele quer trabalhar em conjunto com o professor de regente, é uma coisa que dá certo.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Mas muitas vezes não tem esse...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Essa liga.

Pesquisadora: Por exemplo, poderia trabalhar meses do ano, né? O calendário, igual você falou, os números, né?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: A possibilidade de trabalhar é grande.

Suzan: Que nem, ó, eu não sei se eu vou estar ... fazendo o correto, quem sabe eu vou fazer agora uma fala que não era para fazer.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas nesse processo aí do PNAIC, meu pai é professor de língua, ele trabalha a Língua Materna.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ele foi inscrito, na verdade veio né à lista já de quem ia participar do

PNAIC.

Pesquisadora: Dos professores alfabetizadores?

Suzan: Dos professores alfabetizadores, indígenas.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que não... As escolas indígenas foram na verdade, eu não sei como que é a professora falou lá, convidados ou foram, que na verdade nossa escola é estadual.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: E esse é só para o município.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Nós fomos incluídos.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Não sei que processo foi esse.

Pesquisadora: Não sei como que foi o processo usado assim.

Suzan: Também não sei, mas aí meu pai não tinha a turma do... No caso não era na minha turma que ele trabalhava.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ele trabalhava em outras turmas, então nós tivemos uma conversa com a diretora, falei então para ela poder o meu pai na minha turma.

Pesquisadora: Entendi.

Suzan: Para nós trabalhar junto.

Pesquisadora: Sim, aham.

Suzan: Fazer os trabalhos tudo junto, porque como a escola é indígena, a professora explicou para nós lá que o professor bilíngue, o professor indígena da Língua Materna tinha que fazer os trabalhos dele na Língua Materna.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então as atividades quando nós trazíamos, nós tínhamos que, que nem diz é, desmontar ela ali e montar de novo, que nem digamos e fazer na língua materna.

Pesquisadora: Eu entendi. Aham. As informações do PNAIC no curso...

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Vocês tinham que vir e montar na Língua Materna, certo.

Suzan: Então.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Aí o meu pai trabalhou comigo.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Nesses dois anos ele trabalhou comigo para nós poder fazer isso em conjunto, porque uma que não precisava ele, eu fazer um e ele fazer outro.

Pesquisadora: Certo.

Suzan: Nós trabalhávamos junto.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Entendeu?

Pesquisadora: Como que vocês traziam... Vocês faziam curso com a lone, é isso?

Suzan: Esse ano passado sim, no outro ano era outra professora. Ai como era o nome dela?

Pesquisadora: Que também era de Pato Branco?

Suzan: Era de Pato branco. Ela trabalhou Língua Portuguesa.

Pesquisadora: Aham. Daí vocês traziam as informações para a aldeia, faziam essa, essa mudança para a Língua Materna e daí vocês passavam para quem?

Suzan: Para os alunos você fala?

Pesquisadora: É daí vocês passavam para os alunos...

Suzan: Para os alunos.

Pesquisadora: Porque o teu pai também atuava na... Você se preocupou com os teus brinquedos?

(choro de criança)

Suzan: Não, é porque eu escutei um choro.

Pesquisadora: Ah, quer ir olhar pode olhar, Suzan.

Suzan: Mas acho que não é.

Pesquisadora: Quer ir junto... Não se preocupe. Pode olhar.

Suzan: Eles estão ali conversando. Natália? Estão correndo, mas acho que não foi ela.

Pesquisadora: É ela?

Suzan: Cadê a Natália?

(sai no quintal procurar a filha)

Pesquisadora: Não é ela que está chorando?

Suzan: Não.

Outra pessoa: Já terminaram?

Pesquisadora: Não.

Suzan: Ixi, filha. Diga para a tua mãe vir começar o almoço.

(falando para

Pesquisadora: É, verdade! Aham.

(Risos).

Suzan: Ai, ai.

Pesquisadora: Ah, então para passar para os alunos tinha que fazer essa...

Suzan: É, que na verdade esse, esse projeto do PNAIC é assim, né. Tem que trabalhar no primeiro, segundo e no terceiro ano do...

Pesquisadora: Do primeiro ciclo.

Suzan: Do primeiro ciclo.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Então todos os professores das três turmas tinha que estar lá.

Pesquisadora: Sim. Certo.

Suzan: Ano passado, ano passado não, 2013 eu trabalhava no segundo ano.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Daí ano passado eu trabalhei no primeiro ano. Então, e os outros professores também, né.

Pesquisadora: Uhum. E teu pai era professor de...

Suzan: Da língua materna.

Pesquisadora: Da língua materna. Entendi. Uhum.

Suzan: Então, nós procuramos trabalhar junto para, que nem diz... É, economizar tempo e as crianças aprender...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Sem ficar, tipo...

Pesquisadora: Com certeza.

Suzan: Muito, como é que eu digo muito... Fugiu a palavra agora. Mas digamos, eu trabalhar com eles, aí de repente meu pai entrar como professor e trabalhar de novo.

Pesquisadora: Entendi.

Suzan: A mesma coisa. Então nós trabalhávamos juntos...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Na língua portuguesa e também na língua indígena.

Pesquisadora: Língua indígena. E ele foi professor agora em 2014 também?

Suzan: Foi.

Pesquisadora: Foi. Aham.

Suzan: Ele dava na minha turma.

Pesquisadora: Daí você sempre... Entendi.

Suzan: É, eu levava comigo. (Risos).

Pesquisadora: Aham. Ai vocês conseguem fazer esse trabalho interdisciplinar?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Você está trabalhando texto, aí conversa com ele...

Suzan: É, então agora esse ano, esse ano já como eu vou trabalhar como pedagoga...

Pesquisadora: Pedagoga dá para você orientar os outros professores para ele.

Suzan: Isso, e também e não vou trabalhar com os professores alfabetizadores.

Pesquisadora: Ah não vai?

Suzan: Eu vou trabalhar com o do quarto ano ao oitavo.

Pesquisadora: Ah, entendi.

Suzan: Então no caso eu fiquei fora.

Pesquisadora: Entendi.

Suzan: Do PNAIC.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Então, o meu pai também, porque ele acabou assumindo as aulas específicas.

Pesquisadora: Ah!

Suzan: Ele faz faculdade de história.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Agora então ele passou para o quarto ano.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então ele fez o PSS já...

Pesquisadora: Conseguiu pegar...

Suzan: Pegou as aulas específicas de história.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E como o curso dele também tem, como é que aquele... Como é que a gente diz? Ele pode assumir outras disciplinas, ele vai assumir as aulas de religião também.

Pesquisadora: Ah, aham.

Suzan: Entendeu? Então, eu falei assim, ah ele ficou com uma turma só de, da língua materna.

Pesquisadora: Uhum. Tem quantas? Tem bastante?

Suzan: E não é da alfabetização.

Pesquisadora: Ah não é da alfabetização.

Suzan: Dá de ser também. Eu ele ficamos fora, bem dizer.

Pesquisadora: Aham. Entendi.

Suzan: Do PNAIC.

Pesquisadora: Entendi. Então vamos lá. Você estudou na UEM, né? Participou das formações do PNAIC. Tá, então em relação a tua alfabetização as lembranças que você tem são essas de... de contas, situações problemas, é...

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Dificuldades mais no sentido assim de decorar.

Suzan: É.

Pesquisadora: E da tua formação na UEM, como é que foi assim? O que você aprendeu de matemática? O que que marcou, o que não marcou?

Suzan: Bom, eu tive a disciplina de didática da matemática.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Foi no terceiro e quarto ano. Eu lembro que eu fiz aqui com uma professora aqui, é...

Pesquisadora: Aqui na Palas Atena?

Suzan: Também era. Também era, era sim, didática da matemática. É, aqui eu lembro que ela deu jogos, é, a gente trabalhou, ela ensinou bastante a gente trabalhar no concreto e lá também. Lá eu tive um professor na verdade, ele é um, diz, diz não, eu acho que ele é um... dos melhores professores que eu conheci. Ele pegava um, um...uma situação problema, e daquela situação problema nós ficava a aula inteira, ele ensinando como que a gente... É, ele ensinava a gente a como ensinar a criança.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então foi um processo bem, tipo, bem...

Pesquisadora: Esmiuçado assim.

Suzan: É.

Pesquisadora: Detalhado.

Suzan: Foi bem detalhado. Então, eu até lembro quando fui fazer a prova que ele dava, era assim, ele dava uma situação problema e para mim descrever como que eu ia ensinar a criança, digamos que a criança vai pegar o lápis, vai

pegar isso, isso, isso. Tipo, bem...

Pesquisadora: Uhum

Suzan: Nos mínimos detalhes, entendeu?

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Então, foi bastante importante, eu aprendi bastante, entendeu? Então não... Mas mesmo assim, eu até falava para ele, oh professor, eu nunca gostei de matemática, daí já falaram para mim, não diz que quando a gente não gosta de alguma coisa, daí que a gente vai lá e faz.

Pesquisadora: Uhum... Uhum.

Suzan: Para acabar com esse...

Pesquisadora: Negócio de que não gosta.

Suzan: De que não gosta. Daí eu falei assim, mas não existe isso.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: O que que eu posso fazer então, fazer um curso de matemática? Para mim poder gostar de verdade da matemática, não é assim aquela coisa que dizemos, não gosto, não quero.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu sou professora, tem a disciplina, eu tenho que dar essa disciplina, eu dou o meu máximo.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Né. Mas para mim, quando eu estava lá estudando, para mim eu acho assim que eu não me dei bem.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Né. Tanto que, em casa meu pai cobrava é... meu pai ainda cobra.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mesmo eu morando longe dele, volta e meia ele vem aqui ver se estou lendo alguma coisa, se eu estou escrevendo alguma coisa.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Daí então, ele foi uma pessoa assim que ele cobrava bastante.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: De todos nós. Ele dizia, não, eu quero que os meus filhos tenham uma profissão, não importa se é de professor, se é de... Alguma coisa vocês tem que ser. Então, ele tem na casa duas professoras e um técnico em agropecuária, que é o meu irmão.

Pesquisadora: Sim... Que é o teu irmão. Aham.

Suzan: Então...

Pesquisadora: Eu ia te perguntar antes no teu processo da infância, se você tem lembrança do uso da matemática na aldeia, antes da escola, por exemplo, em relação é, o artesanato, não sei se a tua família fazia o artesanato.

Suzan: Sim, minha vó...

Pesquisadora: Se vocês usavam a matemática...

Suzan: Minha vó. Ela fazia aquela trança para chapéu.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então ela ia ensinando os netos lá tudo em roda dela, ensinando, uma

coisa que não se faz hoje.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: É, pouco, é raro as famílias que fazem isso, ela ia contando, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Contando e explicando ali...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Como era o processo do, do, do trançado.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Né, então, de uma forma ou de outra a gente sempre tem esse contato com a matemática, mas a gente nem se... Tipo, quando criança, a gente nem imagina que isso ali é matemática.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Eu não imaginava.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Pensando agora, depois né, que a gente vai estudando essas coisas assim, daí que a gente: ah então era isso.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que a vó fazia lá com nós.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: O trançado do balaio, aquele balaio grande a tua.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Ela ia fazendo e ia contando, né. O desenho tudo ali, as cores.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então...

Pesquisadora: Que é tudo perfeito, né?

Suzan: É, era matemática.

Pesquisadora: Tem que ter uma lógica ali assim, por que...

Suzan: Assim como eu digo, eu quando criança não li.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Eu não ficava dizendo: ah isso aí é matemática, vó.

Pesquisadora: Sim. Se eu errar aqui, se eu colocar um a mais aqui vai ficar feio, vai dar errado, que é tudo uma simetria.

Suzan: Que nem, a criança, a criança de hoje também, eu acredito que ela não saiba o que ela está fazendo um processo de matemática.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Mas está molhado, você deixou lá na vó o outro. Veja se está lá na cama. Olha tem um ursinho lá na tua cama, lá... Vá lá ver. Aquele que está com o travesseirinho, pega lá.

Pesquisadora: Pode ficar aqui com a mamãe, não tem problema.

Suzan: Então a criança, acho que não tem essa noção. A não ser que a gente fale.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Que nem eu trabalhei ano passado, em 2013 com o segundo ano, ano passado com o primeiro ano, né, a gente falando, comentando do cesto e tal,

né, como é que a gente, como é que a mãe faz lá, ela vai lá e aponta, tudo isso é matemática.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Né, entendeu? Quando a gente fala, a criança sabe né.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Vai lá para casa e fala para a mãe: oh, aqui tem que contar, nós estamos fazendo uso da matemática, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas assim, eu acho que nem todos tem essa noção assim de que está fazendo o balaio, mas também ela está tendo a noção de matemática.

Pesquisadora: Aham. Sim. E quando você trabalha, então, você traz elementos da comunidade que é da vida da criança? Pode falar, meu amor! Você quer que a mamãe pare um pouquinho?

Suzan: O que você quer? Você quer o urso? Então vai lá pegar, você sabe onde que tá.

Pesquisadora: Você quer pegar para ela, pode pegar.

Suzan: Quando nós vamos lá para a mãe, ela leva tudo e depois não traz, aí fica sem.

Pesquisadora: E aí agora ficou sem ursinho?

Suzan: Aonde que tá?

Outra pessoa: Não!

Suzan: O que você quer?

Pesquisadora: Acho que é o que está pendurado, será?

Suzan: Não, mas aquele lá está molhado. Ela quer pegar, mas está molhado. E o outro está lá. Está sim, eu nem coloquei eles no sol. Oh, deixa a mãe conversar, tá? Tá? Quer comer?

Pesquisadora: Ela quer o ursinho que está molhado?

Suzan: É, eu lavei ontem, antes da chuva. Tá, vai lá comer com a menina, vai! Oh, o Joaquim foi passear e você ficou aí de bué, né? Nós conversou já. Põe o teu chinelo. É...

Pesquisadora: Você traz elementos da comunidade assim, como você falou do artesanato...

Suzan: Uhum. Porque na verdade já está no PPP.

Pesquisadora: Planejamento. Uhum.

Suzan: A gente tem que, como é escola indígena a gente tem que trabalhar.

Pesquisadora: Uhum. E como que você faz isso assim. Você falou do artesanato, o que mais você faz assim que relaciona com a matemática?

Suzan: Então, como nós trabalhamos, como trabalha em conjunto com o professor bilíngue...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: O que a gente, a gente traz? Traz o, usa tudo que a gente tem. Que nem tem o, todos os animais tem nome indígena, é raro, é alguns que não tem nome indígena específico, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Para trabalhar. Mas quando a gente faz situações problema a gente.

Pesquisadora: Põe, coloca eles.

Suzan: Coloca os nomes indígenas de animais, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Os números a gente faz eles escreverem em Caingangue, né. Falar em Caingangue, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então a gente tenta fazer esse processo.

Pesquisadora: A própria situação problema você coloca como se fosse da comunidade, da aldeia, você faz uma historinha contando da aldeia.

Suzan: Uhum. Uhum. Uhum. Uhum. Sim.

Pesquisadora: Aham. Ai você percebe...

Suzan: É uma coisa assim, que a gente vê que eles estão, estão apertando a...

Pesquisadora: Uhum. E daí, exemplo, o livro didático, o livro didático ele é adotado, mas ele não tem situações problema da aldeia Passo Liso.

Suzan: Não.

Pesquisadora: Ai você faz adaptação ou...

Suzan: Tem que fazer adaptação.

Pesquisadora: Tem que fazer adaptação. Aham.

Suzan: Nesse último, teve o último, o curso, quero dizer, o último do ano, foi em novembro.

Pesquisadora: Uhum. Sim.

Suzan: Foi lá na UEM. Dos saberes indígenas. Então nós fizemos jogos, tudo com o alfabeto Caingangue, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: É, com figuras.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E escrita em Caingangue. Daí, nós estávamos, é, fazendo tudo na língua indígena, no curso lá.

Pesquisadora: Uhum. Que era um curso...

Suzan: Daí nós tínhamos que vir trazer... É tipo o PNAIC, só que daí não tem todo mês.

Pesquisadora: Entendi. Mas é um outro programa?

Suzan: É.

Pesquisadora: Que é dos saberes indígenas, né?

Suzan: É, um outro programa. Aham. Outro programa. Então eles falaram assim para nós, que nós temos que pegar, digamos, fazer o nosso plano de aula na língua indígena, percorrer tudo ele na língua indígena e como que nós vamos aplicar para as crianças também tem que ser na língua indígena.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então, assim, deu para perceber que eles estão, é, a eles querem que nós tente mudar a forma de trabalhar na escola, porque nós somos uma escola indígena, uma escola que tem uma especificidade diferente das outras escolas e nós temos que trabalhar, né...

Pesquisadora: Na língua indígena.

Suzan: Na língua indígena. Uhum.

Pesquisadora: Aham. E aí, mas aí a, hoje a escola trabalha na língua portuguesa com a disciplina na língua materna e o projeto é que essa escola se torne...

Suzan: Tudo...

Pesquisadora: Tudo indígena...

Suzan: Trabalhar língua portuguesa na língua indígena, matemática na língua indígena, ciência na língua indígena, história, geografia na língua indígena, arte, tudo.

Pesquisadora: Uhum. Sim.

Suzan: Só que até nós termos os professores nessas disciplinas específicas para trabalhar do sexto ao nono ano, daí do sexto ao nono ano já fica...

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: No caso, não tem condições de trabalhar isso.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ou teria ou não teria.

Pesquisadora: Uhum. Eu, deixa eu...

Suzan: Quer dizer, tem que fazer um, é uma coisa que tem que ser estudada se for para fazer um projeto, é, como não tem esses professores específicos, ter o professor bilíngue ali direto, e ele trabalhar essas disciplinas e tal. Que na verdade o professor bilíngue ele já trabalha isso.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Por que para trabalhar história, ele tem que trabalhar arte, a matemática, a língua portuguesa.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ele tem que trabalhar tudo junto, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então é, ele, esse professor indígena bilíngue ele já trabalha todas as disciplinas.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Mas ele tem poucas horas.

Pesquisadora: Poucas horas.

Suzan: Para ele poder aplicar.

Pesquisadora: Uhum. Então deixa eu entender, no PNAIC de português vocês vinham e faziam todo a tradução para a língua materna e aí aplicavam isso as crianças. Além da língua materna, você também como professora fazia na língua portuguesa?

Suzan: É, porque daí eu tinha que levar o resultado da língua portuguesa da minha parte e o meu pai que era da língua indígena levar...

Pesquisadora: Levar os trabalhos que ele havia desenvolvido na língua...

Suzan: Na língua.

Pesquisadora: Uhum, é, em relação ainda da tua formação, então daí você viu que esse professor, né, te ensinou assim de uma forma muito detalhada como

que ensina matemática, e isso você trouxe então para a tua profissão, no teu trabalho como professora, é, e aí você me disse que relaciona sempre os saberes, né, fora da escola para a criança traz né, e traz para dentro. É, isso também você consegue ver que acontece com os professores não-indígenas? Por exemplo, você consegue ver que esse olhar também ocorre com professores não-indígenas, de pegar, por exemplo, elementos da comunidade.

Suzan: Os professores não-indígenas que trabalham ali?

Pesquisadora: Que trabalham ali.

Suzan: Não, claro que a gente percebe...

Pesquisadora: E você...

Suzan: E ali nós temos professores que não são indígenas que trabalham ali, que gostam de trabalhar ali.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Assim como a gente percebe também que tem professores que gostam de trabalhar ali, assim como a gente percebe que tem professores que vem de fora, mas que eles fazem o necessário e...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas não assim...

Pesquisadora: Eu pergunto, porque assim, você viveu e cresceu ali, a cultura está enraizada, quando vem um não-indígena, de fora, uma pessoa não-indígena, não tem isso, então por exemplo, existe um trabalho dentro da escola, de aculturar esse professor, né, para que ele tenha esse conhecimento, né. O que existe para esse professor conhecer um pouco mais da cultura?

Suzan: É, na verdade, quando um professor não-indígena vem trabalhar numa escola indígena, ele sabe que a escola é diferenciada.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Né, então, é, qual a orientação, digamos assim que é passada para esse professor? É que ele tem que trabalhar, vai ter que conhecer o nível da criança, porque as crianças são de um nível diferente também, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Digamos que a escola indígena é um nível, uma escola não-indígena é outro nível.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Tem uma criança que... Ou tem aquelas especificidades, tem a criança que consegue aprender rápido, aquela que mais ou menos e aquela que não consegue mesmo.

Pesquisadora: Uhum. Igual na escola não-indígena.

Suzan: Mas... É, são crianças que ficam na aldeia, que pisam na terra, às vezes vem, vem com a roupinha suja na escola.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então cada professor que entra ali tem que tentar se habituar com a realidade.

Pesquisadora: Com a realidade.

Suzan: Com a cultura indígena.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Por ser uma escola indígena.

Pesquisadora: Então, isso tem, essa conversa ela acontece?

Suzan: Acontece.

Pesquisadora: Acontece. Aham.

Suzan: Só que o que eu me lembro, desde eu quando eu comecei trabalhar, os professores que vem ali já, já, já tinham um estudo assim.

Pesquisadora: Uma... Uhum.

Suzan: Sobre os indígenas...

Pesquisadora: Sobre a história. Uhum.

Suzan: Sobre a escola, né. Então quem vem trabalhar ali, não está vindo muito cru.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que eu digo assim, sem nenhuma informação.

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Suzan: Não, não. A maioria tem se não fez curso específico ou estudou na faculdade, alguma coisa ele tem.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Por morar próximo, que nem aqui, nossos professores são todos ali, ou é de Chopinzinho ou é de Coronel, nós temos uma professora de Coronel. Então, por morar próximo, é, eles tem que saber.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Que nem diz, o município de Chopinzinho tem que saber que aqui é indígena, que aqui tem Caingangue, que tem Guarani.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Entendeu?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu acredito que esse processo já vem de lá.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Tipo, do professor que está vindo...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Trabalhar.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ele sabe que tem indígena, então...

Pesquisadora: Ele já tem um estudo.

Suzan: Se ele já, se ele é da área da educação, ele já tem que fazer esse estudo.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Digamos que nem eu, se eu for trabalhar em uma outra escola que não é indígena eu tenho que procurar saber...

Pesquisadora: Como que funciona.

Suzan: Se eu estou com a intenção de ir para lá.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então...

Pesquisadora: Eu estou perguntando por que em uma ocasião eu vim, já há alguns anos atrás, quando a Ivana era da Pastoral, eu vim uma vez junto com ela nas férias para contar histórias para as crianças nos Guaranis ali, e era uma história que eu contava em várias escolas e sempre era um sucesso a história e tal, e daí eu contei a história para as crianças, elas ficaram quietinhas, ouviram, mas sabe quando você percebe que não tinha receptividade nenhuma? Daí eu fui fazer reflexão e fiquei anos pensando nisso, que ali o que eu estava dizendo não tinha sentido nenhum para eles, não era da realidade deles, era uma história que eu contava lá na escola em Maringá, entendeu? Então, daí ali me fez refletir, né, que eu tinha que me aculturar, que eu tinha... Que elementos eram importantes para as crianças ali da aldeia.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Não eram os meus valores, as minhas palavras, as minhas histórias, foi muito importante. Só o fato é, do... daquele silêncio, eles ficaram em um silêncio profundo!

Suzan: (Risos).

Pesquisadora: Você percebe que não ouve a compreensão em relação do que eu estava dizendo, porque não era daquilo que eles viviam, né. Então, por isso é importante a gente pensar assim, quanto professora igual você estava falando, né, daquilo que você traz, que é aquilo que tem sentido para eles, né?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: E em relação ao livro didático, pode até ser um livro pensado para pessoas do campo, pensado para indígenas...

Suzan: É.

Pesquisadora: Mas não é daquela aldeia, que também se diferencia.

Suzan: É, e esse, tem poucos, é, poucas coisas escritas na língua indígena, histórias. Mesmo que seja na língua portuguesa, mas é complicado assim, eu digo, é, de histórias da comunidade ali.

Pesquisadora: Eu perguntei para você se vocês têm da história da aldeia, coisas escritas, registradas?

Suzan: É, registrada não tem.

Pesquisadora: Publicadas, nada?

Suzan: Tipo, tem história, mas que é, que meu pai contava, que minha vó contava, daí quando ele começou fazer, que ele fez o curso de língua indígena lá no Rio Grande.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então...

Pesquisadora: O curso?

Suzan: É, algumas coisas que ele, que ele contou, que ele viveu, né então, já foram escritas, mas história mesmo dali, da nossa, dessa nossa aldeia aqui, não tem nada.

Pesquisadora: Não tem?

Suzan: Escrito assim.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então para trabalhar fica complicado.

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Suzan: Tipo, tem, mas ó, nós não temos aqui um, alguém que venha e diga, não eu fiz um projeto, vamos fazer, vamos escrever e tal.

Pesquisadora: Não tem?

Suzan: Aqui próximo de nós, aqui da nossa terra indígena não tem.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas eu tenho o conhecimento que lá para cima, lá para a Universidade de Maringá, tem um monte, eles fazem... Oh, já saiu, quantos, que eu me lembro, quatro livros com histórias indígenas.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Escrito em português e em Caingangue.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas lá.

Pesquisadora: Que não é das aldeias daqui?

Suzan: Das aldeias de lá.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Livros deles lá tem na nossa escola, para poder ser trabalhado.

Pesquisadora: Mas que são... Ah entendi. Mas que são histórias daquelas aldeias

Suzan: É, daquelas aldeias de lá.

Pesquisadora: Mas não das aldeias daqui.

Suzan: Mas não das aldeias daqui

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Manuel Ribas, Cândido de Abreu...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que tem a, é, Ivaí Faxinal, aquelas lá do norte, lá Laranjinha, Posto Velho, que tem Xetá lá também.

Pesquisadora: Uhum

Suzan: Xetá, Caingangue e Guarani.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: O, laundé. Então tudo daqueles lados lá eles sempre estão fazendo os projetos que é aldeias próximas e tal.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Até tentei, mas por causa da distância, para vir aqui, fazer uma oficina grande...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Então, daí eu... Estou tentando ainda.

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: Uma hora eu consigo, né.

Pesquisadora: Aham. Sim. Um projeto que vale a pena.

Suzan: Para fazer essas apostilas, né, na língua indígena sobre nossa aldeia, tudo relacionado a nós aqui.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Sem que nós tenha que estudar o indígena lá.

Pesquisadora: Aham. Claro, certeza.

Suzan: É claro que a gente tem que estudar, né.

Pesquisadora: Sim, sim

Suzan: Tem que saber que tem índio aqui, lá e lá e lá.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Tem que estudar, mas eu digo assim, especifica para nós aqui, da nossa terra indígena não tem.

Pesquisadora: Uhum. É um projeto a ser... pensado mesmo.

Suzan: É.

Pesquisadora: É um projeto muito bacana.

Suzan: Agora tem um professor lá, que está fazendo mestrado.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Indígena, ele era de Nova Laranjeiras, ele acabou vindo morar aqui na nossa terra indígena, trabalhou um tempo aqui também como professor e acabou fazendo, entrando para fazer um mestrado e está lá.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas eu, é, projeto assim para esse tipo de coisa, para nós aqui não veio.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Quem sabe agora para a terra indígena onde ele nasceu e tal.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas eu não tenho esse conhecimento.

Pesquisadora: Uhum

Suzan: Quem sabe se eu entrar em um mestrado lá eu não dou um jeito. (Risos).

Pesquisadora: Então, é uma ideia para o teu mestrado, né?

Suzan: É.

Pesquisadora: É uma ideia para o teu mestrado. Organizar a história da aldeia, né. Dos moradores, da fundação, né.

Suzan: É, eu acho assim...

Pesquisadora: Dos projetos futuro.

Suzan: Isso, que nem o meu pai fala, nós estamos perdendo muita coisa, porque os mais velhos estão indo, estão se indo...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: E nós não estamos registrando nada, não está gravando nada.

Pesquisadora: É.

Suzan: A única coisa que tem é foto, entendeu?

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Então uma coisa assim que está indo.

Pesquisadora: Exatamente.

Suzan: E nós vamos ficar sem nada.

Pesquisadora: É, as pessoas mais velhas é que tem as histórias, se não aproveitar isso, né, esse tempo de fato mesmo.

Suzan: Uma coisa, que nem eu podia pegar e fazer eu mesmo, digamos assim, um... um trabalho e deixar guardado lá com a minha tia, a minha tia é parteira, ela ainda é viva, ela não, quando ela era nova ela fazia parto e tal e tal. Mas não, tipo ninguém fez nada, ninguém chegou a ter uma conversa com ela assim.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Para ela contar como é que era, como é que fazia, o processo que ela fazia.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Tinha ali na hora do parto, se tinha é, se... se benzia ou se fazia uma alguma coisa, eu não sei.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ninguém fez isso.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Entendeu? Tanto que quando eu engravidei da minha menina, nós, eu fui lá na casa dela.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Por que...

Pesquisadora: Ela está com que idade?

Suzan: Ah agora... Ela deve estar com uns 100... No máximo uns 102 no máximo, por aí, se não for mais. (Risos).

Pesquisadora: Que bacana, é verdade, tem histórias para contar.

Suzan: Então ela, eu fui lá na casa dela, daí eu contei, é, na verdade quando eu estava grávida do meu menino.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Está com nove anos agora. Ela viu ele com os, fez o ritual dela lá, né.

Pesquisadora: Que é o dos búzios?

Suzan: Não.

Pesquisadora: Não, não é outro.

Suzan: Não, é outro jeito que ela...

Pesquisadora: Outra história.

Suzan: Faz.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: É, passou a mão na minha barriga, na minha perna, nas minhas costas. Então esse é o processo que eu vi, né?

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Não sei como é depois, né.

Pesquisadora: Como é que funciona.

Suzan: Que o parto ela não faz mais, então eu acabei dando o nome do irmão dela para o meu piá.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Ih, nossa ela gosta do Joaquim que Deus o livre, por causa do nome, que era o nome do irmão dela.

Pesquisadora: Aham, sim.

Suzan: Quando foi da menina também, ela fez a mesma coisa e ela viu, que eu estava, não estava com três meses de gravidez e ela falou que...

Pesquisadora: Ia ser menina?

Suzan: Era uma menina, pelo jeito, ela falou assim: oh, ela está colocada bem, falou, mostrou, disse aqui ó, está colocada aí. E pela posição que está é uma menina. O meu marido na época ele não... Deu risada né.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Daí eu falei assim, ó não abuse!

Pesquisadora: E era mesmo.

Suzan: E era mesmo.

Pesquisadora: A sabedoria, né.

Suzan: É, com...

Pesquisadora: A gente fala dos passados, das pessoas mais antigas, a gente tem que valorizar, né.

Suzan: Com quatro meses eu fiz o segundo ultrassom, daí estava lá.

Pesquisadora: Deu que era menina. (Risos). Tá, então vamos ver aqui, ó. É, as crianças no dia a dia, fora da escola utiliza matemática, a gente já conversou que é na questão da...

Suzan: É, elas utilizam, mas elas não, na verdade não tem a noção...

Pesquisadora: Noção. Sim, aham.

Suzan: Que estão fazendo uso.

Pesquisadora: É, que tipo de conteúdo, quais, você tem a lembrança de quais conteúdos você ensinou de matemática para os seus alunos agora nesse ano?

Suzan: Que conteúdos?

Pesquisadora: É. O que você ensinou?

Suzan: Nós trabalhamos jogos, bastante.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Jogos, é...

Pesquisadora: Os jogos são os que você aprendeu no PNAIC ou tem outros jogos que você sabia?

Suzan: Não, nós trabalhamos mais o que nós aprendemos no PNAIC.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E os que a gente tinha no livro didático também, né, que a gente não pode, que nem diz lá, nós tinha o PNAIC lá e vinha para aplicar.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Mas tinha que usar o livro didático.

Pesquisadora: O material didático. Aham.

Suzan: Que também a gente olhando lá na hora da hora atividade, na hora de preparar as aulas...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Sempre tem uma coisinha ali que dá para usar...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Intercalado, digamos o que a gente aprendeu lá no PNAIC com o...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que tem no livro didático.

Pesquisadora: Uhum. O que mais?

Suzan: Mas foi trabalhado bastante jogos, né. Situações problemas, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Foi trabalhado com cartazes, é, tudo no, no concreto.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu não, eu tive que emprestar carrinho do meu piá, para nós poder fazer uma corrida que a professora ensinou lá nós, então foi feita a corrida.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: É, histórias também. Foi dado uma história para percorrer e tudo no plano de aula. Então, mas era mais o concreto, trabalhamos com dados, né. Bastante dados para eles aprender os números, as quantidades.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Bastante escrita, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Para eles está registrando para ver se eles é...pegaram... conseguiram, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: É, aprender, ou pelo menos um pouco, começaram a aprender um pouco, porque de oito crianças que eu tinha, dois, três não tinha aquele nível assim.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Bom.

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: Estavam sempre atrasadinhos, lentos.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Entendeu? Então já é assim uma coisa que a gente tem que meio que dar uma balançada ali, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Já modifica o ritmo, que eu tenho é, sete que trabalha, sete não, é, cinco, que trabalha bem, eu consigo com eles fazer, eles consegue escrever, consegue fazer as atividades.

Pesquisadora: As atividades de matemática.

Suzan: As de matemática sozinhos ou...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas tinha esses três que...

Pesquisadora: E eles foram todos para o segundo ano?

Suzan: Foram todos para o segundo ano.

Pesquisadora: Foram todos para o segundo ano. Aham.

Suzan: Mas é que nem diz, a gente faz de tudo para a criança aprender.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas daí tem aquele que falta, tem aquele que não fez a educação infantil, então já... já afeta bastante.

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: Que nem agora, o que a gente está tentando mudar? Os pais, ah não, vai muito novinho para a escola, vão judiar, vão sorrar, vão não sei o que, não sei o que.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Não, vamos fazer, vamos tentar mudar essa ideia deles, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Vim para a escola com a idade certa.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Que nem agora, pelas matrículas para esse ano de 2015 que a gente viu, tem bastante criança que vai entrar no primeiro ano.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Não fez a educação infantil, porque na verdade a educação infantil é o começo.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: E a criança precisa fazer a educação infantil.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Para quando ela chegar lá no primeiro ano ela já ter uma base.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ela já vai sair da educação infantil sabendo o alfabeto e sabendo os números, sabendo pelo menos as duas operações, que é adição e subtração.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Né.

Pesquisadora: E também já facilita no primeiro ano, né?

Suzan: Já, ajuda bastante.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então daí tem essas crianças que além de não fazer a educação infantil elas já ficam muito... Que nem eu tinha dois ali que não fizeram a educação infantil, desses dois, um não tinha aquela...aquela... Não fazia mesmo.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Foi difícil de fazer ele aprender... Meu deus do céu!

Pesquisadora: O que que foi?

Outra pessoa: Brinquedo!

Suzan: (Risos).

Pesquisadora: Você quer um brinquedo? Ai, ela não está... Pede para a Gabi te dar um pouquinho a bonequinha dela. Você viu ela brincando com a bone... Gabi?

Suzan: Você viu a boneca dela?

Pesquisadora: Deixa eu pegar lá. Gabi? Gabi, deixa ela brincar um pouquinho com a boneca...

Suzan: (Risos).

Pesquisadora: Empresta um pouquinho para ela, Gabi? Natalia.

Suzan: Tó, leva lá no...

Pesquisadora: Meu deus, o que que é isso?! Esse brinquedo. Daí aqui agora

eu queria perguntar assim, é, como que é, para você descrever como que acontece a sua aula. Você chega, você faz chamada, você faz calendário, como é que você organiza o teu dia de aula com eles, para você contar.

Suzan: O primeiro dia de aula, você fala?

Pesquisadora: Não, assim o dia a dia. O dia de aula.

Suzan: Durante o ano.

Pesquisadora: É, durante o ano todos os dias o que você costuma fazer? Você chega, você recebe eles, você faz o calendário, você vê quem que é o aniversariante, ou não? Como que você faz assim, o processo da sua aula?

Suzan: O processo do meu dia a dia de aula?

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Eu chego, bate o sinal, a gente vai lá, levo eles no banheiro, lava a mão, toma água, aí a gente entra para a sala, o que que eu faço primeiro? Eu conto uma história.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Conto uma história, que tem dias que alguns chegam meio... assim meio...

Pesquisadora: Agitados?

Suzan: Agitado ou muito quieto.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ou aconteceu alguma coisa lá na casa, né?

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Nem todos os dias eles chegam lá alegre.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Vamos estudar, vamos estudar? Com aquela... Então eu leio uma história, leio não, na verdade a gente não lê, né?

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: Não pode ler, eu aprendi essa na faculdade, que a gente não pode ler a história.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que a gente tem que contar a história.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mesmo que seja de um livro, a gente tem que contar a história. Então eu conto a história, né. A gente conversa, sobre a história e sobre aquela história nós vamos começar a aula.

Pesquisadora: Certo.

Suzan: Mas daí acaba a história, daí todo mundo se acalma daquela, eles ficam todos agitados ali na hora de entrar na sala de aula.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Conta a história e acalma todo mundo. Ai eu faço a chamada, que eu tenho que esperar, porque tem alguns alunos que vem de ônibus.

Pesquisadora: Certo.

Suzan: Então eles nunca chegam no horário.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então eu tenho que esperar. Ai eu faço a chamada, ai nós vamos ver que dia que é hoje, né, vou escrever no quadro.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E eles mesmo assim já tem aquela noção de não, que mês nós... Já olham lá no painel quem está de aniversário, marcado o mês, que mês nós estamos, se tem alguém de aniversário, ver se é hoje ou não, e eles gostam de ler o alfabeto que está sempre...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Sempre na sala de aula, né.

Pesquisadora: Na sala.

Suzan: Os números.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então, têm os números Caingangues, os números em português.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Caso não... Português.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E eles ficam ali, assim nessa.

Pesquisadora: Uhum

Suzan: Depois que eles já fizeram todo esse processo ai, que eles querem estar olhando vendo se eu não coloquei nada a mais lá na parede ali para eles estarem olhando. Que eles ficam muito naquela, né, ficam olhando, olhando, ver se tem alguma coisa diferente. Então, se, quando eu não faço atividade em cima da história, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Daí nós já passa para o outro processo, se nós vamos trabalhar matemática ou português, ou ciências.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que vai entrando na conversa, mas sempre é assim, uma historinha que é ligada com o que eu vou trabalhar.

Pesquisadora: Entendi. Uhum.

Suzan: Seja ela na matemática, na historia, geografia...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: É sempre ligada a história que eu vou contar.

Pesquisadora: Uhum. E quando você inicia, por exemplo, um conteúdo de matemática, normalmente você, como que você faz? Você falou dos jogos e agora você falou da história, geralmente você começa por um jogo, por uma história, como é que você apresenta esse conteúdo para eles?

Suzan: Esse ano por conta do PNAIC que nós aprendemos bastante sobre jogos, sobre situações problemas, é, então as historinhas que eu usava mais era ou com jogos ou com situações problemas.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que nem, foi as duas coisas que a gente trabalhou bastante, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Envolvendo a disciplina.

Pesquisadora: Você lembra de algum conteúdo que você trabalhou com jogos? Que você guardou, geometria, sistema de numeração decimal, alguma coisa assim que você lembra de um jogo específico?

Suzan: Tem, teve corrida.

Pesquisadora: Ah tá. Esse do carrinho que você falou.

Suzan: Do carrinho.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Que era da corrida de carrinhos, né? Então eu coloquei, coloquei lá a situação problema no quadro.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Primeiro eu li uma historinha, essa eu tive que ler, porque eu não sabia bem.

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: Eu falei, eu vou ler, eu não vou contar, eu vou ler.

Pesquisadora: Vocês tinham, tem a caixa das histórias?

Suzan: Tem, tenho, todos nós temos.

Pesquisadora: Então essa história que você leu é da caixa?

Suzan: É.

Pesquisadora: Você lembra o nome ou não?

Suzan: Eu não lembro o nome agora, mas era uma historinha que falava de corrida.

Pesquisadora: Certo.

Suzan: Então eu li para eles, daí eu falei assim, agora nós vamos fazer a nossa corrida.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Vamos trabalhar, quem vai ficar em primeiro lugar, segundo lugar, né? Então para eles terem essa noção, porque eles dizem ah eu fiquei em segundo, mas como que é o segundo lugar? Aonde que é? Então tem que...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eles tinham que ter essa noção, né. Se era, vamos fazer uma fila, quem que está em primeiro, quem está em terceiro, quinto, né? Então para eles ter essa noção.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: então trabalhando essa corrida, ai eles começaram assim, ah então é assim, assim e tal, vamos fazer uma corrida, jogava o dado.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Cada criança jogava o dado, o dado tinha de, do um ao três.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E eles iam jogando e iam somando também, teve outros jogos que também era de somar e tal, então...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eles aprenderam, acho que eles aprenderam mais assim, fazendo esses jogos, usando os dados, usando palitinhos, né, usando os carrinhos para eles ficarem todos contentes lá, até as meninas ganharam carrinho para poder

fazer, jogar também na corrida.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então eles ficavam mais entusiasmados, eu digo.

Pesquisadora: Uhum. E depois você ia para registro no caderno?

Suzan: Registro no caderno.

Pesquisadora: Então sempre quando você utilizava o conteúdo, apresentava um conteúdo, você ia para o lúdico, para o concreto.

Suzan: Uhum. Primeiro para o lúdico e concreto, para depois fazer o registro no caderno.

Pesquisadora: Fazer registro no caderno. Uhum. E você, em algum momento você apresentou sem ser no material concreto, sem ser no lúdico, foi direto para a explicação no quadro e para caderno? Teve...

Suzan: Já, já teve, teve umas algumas vezes que já, eu, que nem diz o outro...

Pesquisadora: Entrou...

Suzan: Trabalhando no livro didático. Tinha ali as figuras, mas não trabalhei o concreto.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu fiz por experiência para mim ver se eles iam entender, aprender, sem usar o concreto, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então fiz esse processo.

Pesquisadora: E o que você percebeu?

Suzan: Com o livro ali... É, mesmo tendo as figuras?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Demoraram assim, para associar as coisas.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que nem, tinha uma figura lá, tinha um colar, o colar tinha as perolazinhas.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Digamos, é, estava escrito lá, no, no, no colar da Sara, Sara tinha dois colares, no primeiro tinha tantas pérolas, no segundo tinha mais tantas, quantas pérolas tinha juntando os dois colares?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Entendeu? Então daí eles ficavam naquela, eles parece que com preguiça até de contar.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: De contar as pérolas do primeiro e as pérolas do segundo.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E mesmo estando lá o desenho.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ou se não, desenhe mais três pérolas lá no colar e quantas que tinha? Quantas que ficou? Quantas que você desenhou? Quantas que ficou?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Entendeu? Ainda ficava... Eu percebi que eles não estavam pegando

assim.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Então daí já deu para perceber que a gente tem que usar mais o lúdico, mais concreto.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Para eles... Eles têm, eles têm mais facilidade em aprender.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Usando o lúdico e concreto.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eles têm que estar vendo, estar pegando, né? Então...

Pesquisadora: Uhum. Muito bem. É, a organização da tua sala com eles, como é que você faz? Você deixa as carteiras em fila, faz círculo, como é que você organiza normalmente a tua sala de aula?

Suzan: Não, todo dia eu estou mudando.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Em um dia nós estamos todos enfileirados, outro dia nós estamos, que nem diz, em semicírculo.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Que a nossa sala é pequena.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: A sala que eu estava trabalhando esse ano que passou, 2014, era pequena.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então não tinha muito espaço, o espaço que nem eu queria.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Digamos.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Bastante espaço. Então nós estávamos enfileirados, outro dia nós virava.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E daí a... Ou no outro dia nós estava no chão em cima do tapete, né?

Pesquisadora: Uhum. Um dia conforme a atividade vocês...

Suzan: Então cada dia nós ia mudando um pouco.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Porque que nem dizia a professora lá do PNAIC, que nós não podemos ficar todo dia enfileirado.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Uma hora ou outra lá, de vez enquanto, né. Mas tentar trabalhar com eles, é, o máximo possível, não muito na carteira. A não ser para o registro, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas para trabalhar com eles assim, que eles têm que ir mudando, sentados no chão e tal.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então a gente... Eu procuro fazer assim.

Pesquisadora: Uhum. Sim.

Suzan: Ai na minha sala, por ser pequena já tomava conta do espaço o armário, daí as carteiras, a mesa, que agora tem que ter o cantinho da leitura e agora o cantinho da matemática.

Pesquisadora: Matemática, você conseguiu montar na tua sala?

Suzan: A sala é pequena.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Mas...

Pesquisadora: Colocou algumas coisas lá?

Suzan: Coloquei algumas coisas.

Pesquisadora: Ah.

Suzan: Que nem diz, eles chegam eles, eles ficam olhando lá a parede, eles chegavam e vinha olhar os livrinhos, né, para tentar ler os que já sabem ler, já começar ler.

Pesquisadora: Uhum. O que você fazia assim, por exemplo, em relação aos livrinhos? Eles podiam pegar? Levar um para casa? Empréstimo?

Suzan: Não.

Outra pessoa: Mãe?

Suzan: Na verdade eu nunca mandei para casa.

Pesquisadora: Certo, mas no dia a dia...

Suzan: Que nem... No dia a dia ali na sala de aula...

Pesquisadora: Eles pegavam?

Suzan: Pegavam para ler.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ou para folhear, né, porque a maioria ali não ainda não, não estava no processo de leitura assim estava ainda...

Pesquisadora: Eles tinham o horário certo para pegar ou eles podiam pegar quando termina a atividade, como que era? Como é que eles chegavam no livrinho?

Suzan: Dois dias por semana nós ficava, eu deixava eles meia hora com o livrinho.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Tipo no final da aula.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas quando nós estávamos fazendo atividade, terminou a atividade ele podia ir lá pegar o livro e fazer a leitura.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Vou pegar o joguinho lá, do cantinho da matemática.

Pesquisadora: Vocês trabalham com sequência didática, fazem projeto? Ou seguem apenas o livro e daí propõe, por exemplo, no planejamento da semana atividades que vocês aprenderam no decorrer do curso? Como é que você organiza esse trabalho didático assim? Faz uma sequência, por exemplo, pega um tema e trabalha a semana aquele tema ou não? Não tem isso.

Suzan: Não, na verdade eu trabalhava assim: a gente conseguiu o plano de

trabalho né.

Pesquisadora: Plano docente. Uhum.

Suzan: Então eu fazia com o plano de trabalho docente e o livro didático e mais as atividades do PNAIC, geralmente eram as mesmas coisas, né?

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Ou estava intercalada uma na outra e tinha no livro didático.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então eu fazia a sequência.

Pesquisadora: Você vê, você vê assim, por exemplo, a atividade do PNAIC separado do projeto da educação escolar indígena? Você acha que, ou você que a concepção de educação que o PNAIC trouxe para nós, ela, ela pode ser uma educação escolar indígena?

Suzan: Pode.

Pesquisadora: Porque é um trabalho...

Suzan: Adaptando né.

Pesquisadora: É. Sim, porque é uma proposta lúdica de aprendizagem lúdica, é uma proposta de aprendizagem via resolução de situações problemas, né?

Eles trouxeram uma proposta, né? E você consegue ver isso, né, claro que adaptado sim, para uma educação escolar indígena? De ser uma proposta, de a educação escolar indígena ser uma proposta de ludicidade, ter que trabalhar no concreto, de...

Suzan: Uhum, pode.

Pesquisadora: De trabalhar por situações problemas, mas da aldeia.

Suzan: É que nem eu falei para você, ó, nós sempre trabalhamos junto com o professor bilíngue.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Com o professor da língua indígena. Então sempre procurando adaptar...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Essas atividades que a gente aprende lá...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Para a língua indígena.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ou mesmo trabalhando na língua portuguesa, mas situações problema, digamos, envolvendo a comunidade.

Pesquisadora: A comunidade, a história deles.

Suzan: A realidade da criança, utilizando o que, os artesanatos, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Os professores indígenas bilíngues, eles fizeram alguns trabalhos, é alguns jogos, tudo no, no material...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que é utilizado para o artesanato, a taquara, né, o trançado, as sementes para fazer a contagem das quantidades, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Para poder trabalhar a matemática, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então de uma forma ou de outra a gente está adaptando.

Pesquisadora: Sim. Aham. Sim.

Suzan: Tudo o que vem para nós que não está na língua indígena ou adaptado, nós temos que adaptar, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que é uma coisa assim que nós temos que fazer.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Por ser uma escola indígena.

Pesquisadora: Sim. Uhum. É, você lembra assim, em relação ao sistema de numeração decimal que você trabalhou, que tinha lá na proposta do PNAIC, é na aldeia também vocês trabalham na base dez? Porque houve uma pergunta em relação a, a uma formação, em relação aos índios Caingangues, que eles trabalham na aldeia na base cinco.

Suzan: Hum. Mas era...

Pesquisadora: E a proposta...

Suzan: Era aqui ou não?

Pesquisadora: Não era daqui.

Suzan: Não era daqui.

Pesquisadora: Era uma aldeia de índios Caingangues que tinha daí a formação e aí foi perguntado, não sei se na de vocês também é base cinco a contagem.

Suzan: Não.

Pesquisadora: Não, mais na base dez. Então não tem, não tiveram dificuldade?

Suzan: Não, não tiveram dificuldade quanto a isso.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que aldeia será que é essa?

Pesquisadora: Sabe que eu não sei. É, não sei.

Suzan: Bom, eu conheço algumas, mas eu não tive esse contato com os professores sobre o PNAIC.

Pesquisadora: E tem um material do PNAIC, tem um material no PNAIC, que no nordeste, mas não são indígenas, que eles fazem, na educação do campo, que eles fazem contagem cinco, na base cinco. E daí na oportunidade teve uma professora lá da Federal que perguntou e na aldeia tal, até vou perguntar uma outra hora que a gente conversar, dá para saber que aldeia que é. E se, a pergunta era, então eles ensinam na escola na base cinco ou eles ensinam na escola na base dez, daí o meu orientar que é o coordenador do PACTO, daí ele disse que não, a proposta é que se ensine na base dez, que é o que o MEC está propondo, né?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Uhum. É, você produz, por exemplo, textos na matemática? Por exemplo, com dados na matemática nas suas aulas ou não?

Suzan: Sim.

Pesquisadora: Você produz que tipo de texto? Você lembra o que você tentou produzir assim?

Suzan: Nós tivemos uma tarefa.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que nós tínhamos que adaptar um livro para a escola indígena, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então ali na nossa escola nós escolhemos o mesmo livro.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Os dez sacizinhos.

Pesquisadora: Ah tá. Aham.

Suzan: Então foi adaptado. Eu fiz, no caso, fiz uma outra história, em cima daquele lá.

Pesquisadora: Uhum. Você fez que história?

Suzan: Tinha que ter a matemática, né.

Pesquisadora: Certo. Uhum.

Suzan: Então, e saci, o saci é uma história folclórica.

Pesquisadora: Folclórica, certo.

Suzan: Então já era outro processo.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então tinha que juntar esses dois processos ali, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então, o que que aconteceu. Nós fizemos, eu fiz a história, eu não tenho aqui comigo, ficou lá na mãe, eu acho.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Minhas coisas estão tudo lá na mãe.

Pesquisadora: Tá. Aham, não se preocupa.

Suzan: É, foi poucas as coisas que eu trouxe para cá, mas eu, nós fez o livrinhos com eles, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eu escrevi a história, tentei adaptar um pouquinho, porque não dá para fugir muito também.

Pesquisadora: Você não falou do saci? Ou o personagem continua sendo...

Suzan: Não, o personagem continuou sendo, porque, primeiro porque nós escolheu o livro, então.

Pesquisadora: Certo.

Suzan: Então tinha que ser sobre os dez sacizinhos.

Pesquisadora: Sim, que é da Fátima Belink

Suzan: É, adaptado, tentei adaptar e fazer uma outra história, porque lá dizia que o sacizinho ia ficando para trás, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Conforme a história ia diminuindo os sacizinhos.

Pesquisadora: É. Aham, sim.

Suzan: Entendeu? Então eu fiz ao contrario, eu comecei com um sacizinho e ia

aumentando, porque daí eu, quando eu li o verdadeiro.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: O verdadeiro, a história dos dez sacizinhos e daí quando eu... Ficou que nem diz, não ficou um livro, mas ficou uma folha no máximo da historinha que eu fiz.

Pesquisadora: Entendi.

Suzan: Tipo, aumentando os sacizinhos.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Começou com um e daí até chegar no dez.

Pesquisadora: Na história original começa ao contrário?

Suzan: Começa ao contrário.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Começa com dez e vai...

Pesquisadora: E você trabalhou a história original com eles e a adaptação?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Trabalhou as duas versões.

Suzan: Então, porque daí eles falaram assim, mas porque o sacizinho, porque eles vão diminuindo? Porque que ele ficou lá para trás? Né, não sei o que, não sei o que.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Daí eu falei, não, daí eu tenho aqui outra historinha que eu vou contar para vocês, que daí essa nós não vamos deixar nenhum sacizinho para trás.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Porque daí tem criança que não pergunta, né, porque o sacizinho foi diminuindo os sacizinhos. Daí eu falo, ué o sacizinho que comeu o bolinho e passou mal, ele vai ficar lá? Deitado?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que nem lá falava que passou mal, então daí a gente nunca conta direito à história ali, aquela só aquela história.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: É que nem eles perguntaram, daí ele melhorou e tal, né? O sacizinho que comeu a bolacha estragada?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então, sempre aumentando...

Pesquisadora: O sacizinho que comeu a bolacha estragada acabou ficando para trás?

Suzan: Ficou para trás.

Pesquisadora: E na tua história...

Suzan: Na minha história...

Pesquisadora: Você trouxe ele junto.

Suzan: Trouxe ele junto.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Entendeu? Então, procurei adaptar.

Pesquisadora: Isso está relacionada à cultura?

Suzan: A cultura.

Pesquisadora: A questão por exemplo de vocês não deixarem ninguém para trás? Seria mais ou menos nesse sentido que você quis passar esses valores para as crianças?

Suzan: Uhum. Porque para você ter uma noção, quando uma família indígena sai para vender balaio na cidade, não fica ninguém na casa, vão todos juntos.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Tanto que teve uma época de venda de balaio que as crianças faltavam demais, mas a gente sabia que eles estavam com a família lá na cidade vendendo e eles, geralmente eles vão para cidades distantes que não dá para eles irem e voltar no mesmo dia.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Eles vão e ficam acampados lá.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Na cidade vendendo os balaio e só voltam quando termina.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então...

Pesquisadora: E aí quando...

Suzan: É uma coisa que a gente tem que adaptar conforme a realidade.

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: Né? É os livros, esses livros que nós recebeu é importante, claro, é importante sim, mas que nem nós como professores indígenas, né, desses... de alfabetização, nós temos que adaptar, sempre uma coisa ou outra.

Pesquisadora: Uhum. Não é só uma questão...

Suzan: Sempre puxando para a realidade.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Para a escola indígena, para a língua materna.

Pesquisadora: Os valores, né, que você está falando, são tão importantes, né que a gente tem, observa isso, de os sacizinhos, passou mal e ficou para trás. Quer dizer, você já com esse olhar de que isso não acontece na aldeia, né, que nem você está contando que eles vão vender balaio e vai todo mundo junto, não importa se está perdendo aula.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: É, depois tem um programa para essas crianças quando elas voltam?

Suzan: Na verdade não tem.

Pesquisadora: Elas vão ter que acompanhar no momento que está.

Suzan: A mesma coisa quando uma família está morando ali e de repente eles resolvem mudar para outra lá.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E daí, ou vem um, vem uma de outra aldeia para nós aqui.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então daí é feita aquele processo, sondagem, tudo para ver que nível está essa criança.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Né, e é assim uma coisa assim que é da cultura.

Pesquisadora: Sim, aham.

Suzan: Mas o que que a gente pode fazer? Tem que já fazer ou tentar fazer, porque eu não tenho conhecimento que tem assim um programa específico para... para não deixar essas crianças tão atrasadas.

Pesquisadora: Uhum. Certo.

Outra pessoa: Mãe?

Suzan: Porque o que eles fazem? Fazem contra turno, fazem...

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Hum? Aonde? Vá! Vai então.

Pesquisadora: Ela fala baixinho.

Suzan: Daí que não tem...

Pesquisadora: Tem contra turno? Sala de apoio?

Suzan: É, tem contra turno, sala de apoio.

Pesquisadora: Tem sala de apoio?

Suzan: Mas sala de apoio é mais para sexto ano.

Pesquisadora: Português e matemática. Ah é, sim, é verdade, é.

Suzan: Português e matemática. Mas o contra turno também é português e matemática.

Pesquisadora: Sim, aham.

Suzan: Só que, é difícil, é trabalhar assim, agora não temos tanta criança que está faltando por conta da venda do artesanato.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Porque daí surgiram essas oportunidades nos frigoríficos.

Pesquisadora: De trabalho.

Suzan: Tem lá na Atlas em Pato Branco que também tem bastante gente trabalhando.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então as crianças estão ficando mais em casa, né?

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Suzan: Só que daí já... gera outro problema que deu para perceber, porque o pai e a mãe trabalham fora e a criança fica sozinha.

Pesquisadora: Fica sozinha, não tem alimentação.

Suzan: Fica assistindo demais, dorme tarde.

Pesquisadora: A alimentação também prejudica.

Suzan: É outra coisa que está prejudicando na aprendizagem dela na escola.

Pesquisadora: Uhum. É verdade. Aham. É, então você falou dos jogos que são utilizados, né?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: É, perguntei aqui das histórias, você trabalha as histórias da caixa, né do PNAIC, é, e aí a gente pensando assim nessas palavrinhas, você me falou das histórias, né?

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Você falou das dificuldades, né. Hoje você percebe assim em relação ao teu tempo de infância, em relação às crianças de hoje, a dificuldade ela continua sendo a mesma ou você percebe que eles...

Suzan: É menos...

Pesquisadora: Cobra bem mais...

Suzan: Agora a dificuldade é menos.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Mas que nem eu falo para você, a criança fica muito tempo sozinha, as tarefas quando é mandado da escola para casa, às vezes não vem pronta.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ou vem pela metade, é uma coisa assim que afetou bastante, não digo assim que, claro que a família, os pais querem trabalhar, tudo bem.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas, é uma, eu senti assim, até comigo eu senti, porque, sabe por quê? Esse ano de 2014, eu trabalhei dois períodos.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Meu menino estuda integral.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas a minha pequena fica com a babá, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então eu senti que eu estava já dando aquele, sabe, aquela diferença, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Que nós estava se vendo só a tarde, final de semana, né? Bem dizer nós só dormia junto, né.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Com as crianças.

Pesquisadora: E daí o atendimento a tarefa, tudo isso...

Suzan: A tarefa era corrido.

Pesquisadora: Aham. Tudo isso...

Suzan: O Joaquim sempre trouxe tarefa para casa, então, chegava não jantava, se não nem, chega toma banho, vão fazendo a tarefa bem rapidinho ali. Então mais tempo nós tinha no final de semana.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Só que daí como ele vai continuar estudo no período integral, né.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Mas eu vou ficar só meio período, então esse outro período que ele tiver em casa, que são dois dias por semana ele pode vir para casa, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então vou aproveitar o máximo que eu puder com ele.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Como eu vou trabalhar de manhã e a folga dele desse dois dias é de tarde, então eu tenho mais tempo com ele.

Pesquisadora: Sim. Língua materna nós falamos, é, leitura e escrita na

matemática, você acha que agora, hoje, se escreve mais, por exemplo, antes era mais continhas, que você fazia.

Suzan: É.

Pesquisadora: Ai hoje você acha que tem, por exemplo, que nem nós falamos do texto em matemática.

Suzan: É.

Pesquisadora: Da história na matemática.

Suzan: Então, antes não tinha, nós não tinha história.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Historinha, digamos que a professora contava uma historinha, daí da historinha nós fazia atividade.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Não tinha isso.

Pesquisadora: É, hoje...

Suzan: Hoje já não, hoje já, que nem da minha época de alfabetização para hoje mudou bastante coisa.

Pesquisadora: Sim. Uhum. Oralidade, por exemplo, em relação à oportunizava que a criança se expresse, né, que ela argumente, que ela defenda o seu ponto de vista, isso você promove na tua sala de aula?

Suzan: Sempre.

Pesquisadora: Não sei no teu tempo, né, na aldeia.

Suzan: Sim.

Pesquisadora: Se vocês tinham um espaço para falar, para...

Suzan: Na verdade na, hoje, hoje a criança já é mais espontânea, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E na minha época não era assim, tipo a maioria, eu pelo menos, eu não gostava de ficar: o professor? Levantar a mão para falar, não, hoje já não, hoje a criança ela mesma já, o professor, deixa eu falar, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ou respondia quando a professora perguntava ou se não ficava lá sentadinha aprendendo o que ela estava ensinado.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: E hoje já não, né, hoje a criança já é esperta demais, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ela já tem mais, parece, é, ela é mais solta, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Ela pergunta mais, né?

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Questiona, ela quer mais, ela quer saber mais, mais e mais da gente. Então se a gente não, não estar preparada mesmo, que nem diz, a gente resbala e cai.

Pesquisadora: É, mas então tá, eu acho que, por exemplo, a alfabetização e letramento hoje, hoje no trabalho que você desenvolve a gente vê que tem letramento, né, que tem produção de texto.

Suzan: Tem.

Pesquisadora: É, por exemplo, você disse na aldeia não tem nenhum registro da história da aldeia, né? Como, exemplo, que tipo de texto que circula na aldeia? São as histórias que tem na escola, por exemplo, circula jornal, que eles têm acesso? Vem lá de Chopinzinho, de Coronel?

Suzan: Não.

Pesquisadora: Eles sabem, por exemplo, o que é um jornal? Encarte. Você tem esse tipo de material na escola, né?

Suzan: Não, eles sabem, a gente trabalha, a gente trabalha.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Jornal, revista.

Pesquisadora: Mas não é um veículo de comunicação que circula na aldeia?

Suzan: Não.

Pesquisadora: Na aldeia circula o que, por exemplo? Cartazes?

Suzan: É, cartazes.

Pesquisadora: Cartazes ou não sei que igreja, se tem panfletos, se é católica, se é evangélico, se tem panfletos...

Suzan: Não, não tem panfletos, na verdade só, digamos que vai ter uma reunião na comunidade, aí é usado cartazes, né?

Pesquisadora: Uhum. Cartazes. Aham. Bilhetes?

Suzan: Convidando, é...

Pesquisadora: Circula bilhetes?

Suzan: Não, só da escola para as famílias.

Pesquisadora: Famílias. Uhum. Sim.

Suzan: Digamos que vai ter reunião na escola, vamos mandar bilhete.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas a gente não deixa de trabalhar também.

Pesquisadora: Sim, eu sei, vocês tem na escola. Sim.

Suzan: Eles não vou ficar só aqui na aldeia.

Pesquisadora: Não, exato.

Suzan: Que é meio...

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Quando eu sai estudar, na quinta série, né. Então eu senti assim que eu fui meio despreparada, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Porque sai da quarta série para a quinta série, tinha que pegar ônibus, tinha que saber o horário, né, tinha que ler tudo o que tivesse ali de, de informação, né numa escola que é nova, que não tem só indígenas, que os professores não são indígenas.

Outra pessoa: Mãe? Mãe? A menina quer lavar a mão.

Suzan: Tem água ali, na máquina, pode lavar ali. Então é uma coisa assim que...

Pesquisadora: Era uma leitura de sobrevivência, né?

Suzan: É.

Pesquisadora: De ver horário...

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Quer dizer, você teve dificuldade nessas questões?

Suzan: Um pouco no começo, né?

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Porque que nem diz, eu saí da aldeia onde eu estudava ali e tudo, tudo era ali, eu não pegava ônibus e tal. Então quando comecei, primeiro dia de aula, acordar cedo, uma que eu já acordava cedo, né. A quarta série era de manhã, terceira e quarta série era de manhã que eu fiz. Ai, acordar cedo, ter que vir uns minutos antes do horário que o ônibus passava ali.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Daí descer lá, saber que horas que ele voltava e tal, e os horários das aulas.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: É, o primeiro dia foi terrível.

Pesquisadora: Isso foi importante...

Suzan: Mas a gente vai se adaptando.

Pesquisadora: Sim. Isso foi importante, que você está dizendo em relação aos textos, aos gêneros textuais, é que mesmo que não circule na aldeia você tem que pensar em trazer esses textos para a escola...

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Porque se os alunos, que nem você está dizendo, eles vão sair um dia da aldeia, porque eles vão estudar em outros lugares, né? E eles precisam dessa...

Suzan: E eles mesmo quando vão, que nem quando a gente vai para a cidade, tem alguém entregando alguma coisa lá, né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: É, algum panfleto de alguma coisa, ou de loja ou de dentista, ou de curso de informática, ou de alguma coisa, né, então ele acabam, tendo contato.

Pesquisadora: Sim. Aham.

Suzan: Se não tem na aldeia, eles acabam tendo contato lá fora.

Pesquisadora: Sim. Uhum.

Suzan: Na cidade, né. E a gente não pode deixar de trabalhar, porque é uma coisa assim que, a mesma coisa é, internet, agora na aldeia é febre.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Mas na minha época era um telefone só, né. (Risos).

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então, e hoje em dia já não, hoje em dia eles têm internet, tem celular...

Pesquisadora: Estão nas redes socais, né?

Suzan: Tudo, né?

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Então é uma coisa assim que já...

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Tipo a aldeia já...

Pesquisadora: Está no mundo, né?

Suzan: Está quase adaptada, a maioria já está adaptada a essas tecnologias, né?

Pesquisadora: Uhum. Sim.

Suzan: É, então é complicado. Para você ter uma ideia quando nós, eu ia, lá na casa nós fomos ter televisão, eu já tinha doze anos, eu acho.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Doze anos.

Pesquisadora: Hoje a criança nasce e já tem tudo, toda a tecnologia presente, né, na família, na escola.

Suzan: É, estou sem internet desde quando eu vim de Maringá, porque lá na mãe tem, quando eu preciso eu vou lá. (Risos).

Pesquisadora: Aham. Sim.

Suzan: Eu vou lá. Mas aqui, aqui em casa mesmo não, aqui eu estou como diz, estou no meio do mato.

Pesquisadora: Uhum. (Risos).

Suzan: Estou sem celular.

Pesquisadora: Aham.

Suzan: Estou sem internet, o celular quando eu quero falar, eu tenho que subir lá na estrada, né. Eu tenho a televisão, a única coisa que eu fico sabendo das coisas, mas também não fico sabendo das coisas aqui da região.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Só pelo rádio.

Pesquisadora: Sim.

Suzan: Então é complicado de se adaptar a tecnologia também, né.

Pesquisadora: É.

Suzan: As novas tecnologias.

Pesquisadora: Aham. Suzan, eu acho que você falou um pouquinho de cada uma dessas palavrinhas, eu vou levar daí a tua gravação, vou fazer a transcrição, provavelmente, é, conforme eu vou fazendo a transcrição, às vezes isso aqui, às vezes fica bom que ela falasse um pouquinho mais, ou de repente, é na conversa a gente não concluiu a ideia, né. Provavelmente eu volto num segundo momento daí para terminar com você.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Daí já vou trazer o texto, tá?

Suzan: Tudo bem.

Pesquisadora: Daí então eu vou pedir para você assinar, quero te agradecer pelas suas palavras, tá, por esse tempo que você dedicou também para mim, para a minha pesquisa, né. Te agradecer muito e me colocar a disposição também para o que precisar, você precisar, né? Alguma coisa que eu possa te ajudar, te auxiliar, no teu trabalho.

Suzan: Uhum.

Pesquisadora: Tá, então eu vou pedir para você, deixa eu ver aqui, aqui vai ser o meu, o teu eu te dei, né?

Suzan: Aqui.

Pesquisadora: Tá. Aham, é só para você ter a assinatura do participante entrevistado, daí você assina, por favor. Eu tenho aqui, Suzan! Aqui ó.

Suzan: É, falar de índio é complicado, viu? (Risos).

Pesquisadora: Hã? O que é?

Suzan: Falar de índio é complicado.

Pesquisadora: Ah eu não acho não. Eu acho melhor, meu professor, eu faço Psicologia, né. Fazendo uma outra faculdade, na verdade eu estou fazendo duas coisas ao mesmo tempo. Aqui também, isso aqui é da entrevista. E ele faz um trabalho, mas é lá em Manuel Ribas. Nossa, é, sei lá, acho que assim, a gente fica muito fechado na cultura, né. Então quando você começa, por exemplo, eu fiquei emocionada com isso que você me falou .

Suzan: Isso daqui?

Pesquisadora: Isso vai ser depois, aham. Esse daqui, porque daí eu tenho que fazer a transcrição ainda, é...

Suzan: Uma coisa que eu...

Pesquisadora: Dos sacizinhos, eu achei, nossa muito lindo, demais! Meu deus!

Suzan: É, a colega ali também fez, aí eu fique pensando, mas se...

Pesquisadora: A Ivana fez o do si também...

Suzan: Ela trabalhou ano passado com nós...

Pesquisadora: Aham.

Suzan: É uma das professora não-indígenas que eu gosto muito.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: A gente não teve contato mais de perto antes né.

Pesquisadora: Uhum.

Suzan: Só foi feito isso ano passado, eu conhecia ela...

Pesquisadora: Da Pastoral acho que vocês se conheciam.

Suzan: Da Pastoral da Criança, então não tinha aquele contato, mas foi bom o ano que eu trabalhei com ela. (Risos).

Pesquisadora: Uhum. A Ivana é bem dedicada, né, assim com as coisa que eu tenho visto assim de material que ela confecciona, eu vi o planejamento dela. Eu vou tirar esse aqui, eu vou deixar já, tá Suzan, esse documento final aqui ó. Que é o que eu vou pedir para você assinar depois.

Suzan: Uhum, tá.

Pesquisadora: Agora falando do teu projeto de registro da aldeia, vai fazendo entrevista, entrevista essa tua tia, vai fazendo um acervo de... Deixa eu encerrar aqui a gravação.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Suzan Carneiro Cipriano, portador (a) do RG 89661442, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Suzan Carneiro Cipriano, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 15 de janeiro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Suzan F. Cipriano

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA TEXTUALIZAÇÃO

Eu, Suzan Carneiro Cipriano portador (a) do RG 83561442,
afirmo que após ter lido o texto da textualização da entrevista por mim
concedida em __/__/__, e após ter feito minhas considerações e solicitado
modificações nas seguintes partes da textualização:

Onde se lê:

Lê-se:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das
informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do
texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da
entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou
digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM
ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa
de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da
Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização
Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Suzan Carneiro Cipriano, após ter recebido todos os
esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o
recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo
de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 22 de outubro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): x Suzan f. cipriano

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Suzan Carneiro Cipriano, portador (a) do RG 89561442, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: COMO FOI, É E PODERÁ SER NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO** desenvolvida pela pesquisadora Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email: ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária por meio de entrevista aberta com o uso de fichas, a ser gravada em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que considere inadequadas.

Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Suzan Carneiro Cipriano após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 15 de Janeiro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): X Suzan C. Cipriano

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins

ANEXO J – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com as formadoras Nelem Orlovski, Magaly Quintana Pouzo Minatel, Salete Pereira de Andrade, Edicléia Xavier da Costa e seus respectivos termos de autorização.

Nome do entrevistado:

Nelem Orlovski

Magaly Quintana Pouzo Minatel

Salete Pereira de Andrade

Edicléia Xavier da Costa

Local da Entrevista: Residência da pesquisadora

Nome do entrevistador: Iloine Maria Hartmann Martins

Transcritor: Iloine Maria Hartmann Martins Fabiane Prazeres

Data da entrevista: 15 de julho

Data da transcrição: mês de agosto

Iloine: Bom, então eu vou colocar para gravar, tá? É. Não, eu vou transcrever, faço... É, eu achei assim interessante, é, lembrar desses dedoches e do teatro, porque eu estou organizando a minha dissertação em forma de uma peça de teatro. Por isso vocês receberam um convite. E o convite na verdade é a introdução do meu trabalho. Porque a ideia é assim: vocês sempre estiveram dentro da dissertação no público... Enquanto as histórias iam acontecendo, que são as histórias dos alfabetizadores das crianças, e vocês estão observando, porque vocês organizaram, vamos dizer assim, vocês, nós organizamos as formações, os alfabetizadores foram para as escolas, trabalharam, as crianças participaram das atividades e vocês estiveram né, nessa retaguarda, aguardando como que ia se desenrolar esse contexto da formação. E agora vocês estão entrando em cena, seria mais ou menos nessa ideia, por isso vocês receberam. Daí eu pensei hoje, poxa, que bacana você pensar em uma lembrancinha...

Magaly: Toda vida...

Iloine: Que é um teatro, né?

Edicléia: Hum.

Iloine: Que é uma oportunidade de vocês contarem histórias e tal. Daí eu organizei alguns momentos para que vocês participassem. Então o primeiro momento que eu organizei são listas, são duas listas de palavras, vou pedir para vocês pegarem uma canetinha aqui para colocar o nome. Não vou colocar o nome de vocês na dissertação, tá?

Magaly: Não tem problema.

Iloine: Vou colocar como expectador, ainda não sei certo. Oh...

Magaly: Até codificar, pode ser né?

Iloine: É vou...

Nelem: Eu quero ser celebridade!

(Risos)

Iloine: Eu vou pegar um livrinho ali dentro, agora que estou lembrando.

Edicléia: Mas tem que aparecer o nome!

(Risos)

Iloine: Espera aí.

: Já pegou o caderno aberto.

: Hum?

: Ela pegou...

Iloine: Não, nome pode por né.

Iloine: É só o nome para saber depois para... Oh...

: Obrigada.

Iloine: Então tá, então vamos lá.

Edicléia: A minha caneta não está funcionando.

Iloine: Então vocês vão escolher duas palavrinhas dessas que estão aí. Pode ser de qualquer uma das listas. Veja se você tem... Aqui. Escolheram?

Nelem: Não.

Magaly: Calma, nós estamos lendo ainda!

Edicléia: Tem que ler...

: Tem que passar, não pode tirar nota baixa.

: Eu não sabia que tinha que ler daí.

(Risos)

Iloine: Escreveu, Edicléia?

Edicléia: Aham.

Iloine: Tá! Então vocês vão falar sobre alfabetização matemática. Então escolha a palavrinha e a partir dela vocês vão falar sobre alfabetização matemática.

Magaly: Tá.

Iloine: Tá.

(silêncio)

Nelem: Copiona!

Magaly: Não, eu não vi!

Nelem: Eu sabia que você ia copiar!

(Risos)

Magaly: Sua chata!

Iloine: Copiou?

Nelem: Copiou? Claro que copiou!

magaly: Eu vou pegar a segunda

Iloine: Tá.

Nelem: Vê se não copia de novo.

Iloine: Magali, você escolheu qual?

Magali: É, letramento.

Iloine: É da primeira lista?

Magali: Isso!

Iloine: Tá. E qual outra?

Magali: Gêneros textuais.

Iloine: Também da primeira ou da segunda?

Magali: Isso, da primeira lista também.

Iloine: Nelem?

Nelem: Peguei letramento da primeira lista e língua materna em matemática da segunda.

Iloine: Uhum. Edicléia?

Edicléia: Jogos da primeira lista.

Iloine: Aham.

Edicléia: Gêneros textuais na matemática na segunda lista.

Iloine: Uhum. E a Salete?

Salete: Na segunda as duas, resolução das situações problema e dificuldades na matemática.

Iloine: Dificuldades?

Salete: Uhum, a última.

Salete: Você não está com o livro?

Iloine: Aham, tá. Quem gostaria de falar primeiro? Por que escolheu e que relação tem essa palavra com a proposta do PNAIC de alfabetização matemática.

Magaly: Posso? Posso ser eu.

Iloine: Tá.

Magaly: Eu escolhi a palavra letramento, porque assim, é, como o nosso objetivo principal em relação ao PNAIC é alfabetizar as crianças até aos oito anos de idade, é, não basta simplesmente que a criança esteja alfabetizada, mas ela tem que estar alfabetizada, mas também estar letrada.

Iloine: Uhum.

Magaly: E também embora seja... Você disse especificamente matemática, como a gente vem no programa, matemática, língua portuguesa e esse ano a gente vem na perspectiva da interdisciplinaridade, em qualquer que seja a área em que a criança vá atuar, necessita que o professor desenvolva com ela as questões relacionadas ao letramento.

Iloine: Uhum. Quer falar já da outra?

Magaly: Não, deixa as meninas falarem também.

Iloine: Tá, então vai! Quem?

Edicléia: Eu escolhi jogos. Os jogos tem tudo a vê assim com a questão da infância e se nós estamos trabalhando com crianças, nada melhor que trazer algo que seja lúdico, prazeroso, que possa proporcionar aprendizagem, mas de uma maneira assim, não maçante, mecânica para desmistificar essa questão que matemática difícil, é ruim, pode ser prazerosa, pode trazer bastante significado e eu compreendo assim, que os jogos possibilitam muito essa alfabetização matemática, visto que as crianças vão conversar, vão se expressar através da oralidade e vão fazer leitura de regras de jogos, então a leitura e a escrita se fazendo presente em um contexto que a criança gosta, é,

porque muitas vezes nós queremos letrar às crianças, mas usando um contexto social muito longe daquele da criança.

Salete: É verdade.

Nelem: E os jogos são próximos...

Nelem: Situação adulta também né?

Magaly: Artificializada.

Edicléia: Algo que eles vão gostar e que isso vai trazer o prazer de aprender e aprender de maneira mais significativa também né.

Iloine: Uhum. Vocês podem interferir. Nós nos organizamos para isso, tiramos...

Magaly: É uma conversa.

Iloine: Uma conversa, tá?

Salete: Tá.

Iloine: Aham.

Nelem: É... Pode ir?

Iloine: Pode.

Nelem: É, eu escolhi pela questão de leitura de mundo, o letramento pensando na leitura de mundo, em trazer para a matemática que não, que comumente não se entende desse jeito, né? Que a matemática sirva para ler o mundo...

Iloine: Uhum.

Nelem: É, e o letramento vem para emprestar não, vem para abrir esse caminho para a matemática, eu acho. Que uma coisa muito grande foi o PNAIC ter conseguido abrir pelo menos uma brecha nesse sentido. É, embora a gente saiba que está bem distante né de entender a matemática para ler o mundo, educar pela matemática, mas acho que é uma abertura importante e aí que o letramento entra fortemente junto com a alfabetização matemática, eu não consigo ver as duas coisas desvinculadas, né. Então por isso que só depois que terminou o PNAIC que foi fazer sentido para mim o porquê que a gente falou tanto em alfabetização matemática na perspectiva do letramento, né. Mas isso eu só fui entender agora (Risos). E é legal isso, porque depois que você viu tudo que aconteceu e o quanto que ficou faltando, né... O quanto nossas pernas não alcançaram, o quanto que a gente alcançou, mas não foi do jeito que a gente quis, o quanto saiu melhor do que a gente quis, mas e acho que é bem nesse sentido mesmo de... Na perspectiva do letramento, eu alfabetizo pensando no letrar, no como essa criança vai conseguir ler o mundo em que ela vive.

Magaly: Em qualquer situação, eu acho que, isso foi uns dos pontos muito positivos do PNAIC, em qualquer situação que a criança vá coexistir com outras pessoas, o letramento vai dar possibilidade dela, de asserção social, em qualquer que seja a situação, tanto seja uma situação de um trabalho de linguagem oral, seja em um gênero escrito, né, em qualquer um desses momentos, ela vai estar usando o letramento para poder interagir com as outras pessoas.

Edicléia: E na questão assim, de ter autonomia, né, porque se eu quero que aquele conteúdo escolar tenha sentido no mundo, né, então qualquer situação que esse conteúdo esteja presente, se a criança tem essa autonomia de resolver as situações no dia a dia, a escola cumpriu com o seu papel, né. Porque assim, um exemplo, até que quando nós trabalhamos com as orientadoras, foi nesse sentido, será que nós somos sempre letrados? Ou ainda temos muito o que melhorar nessa parte, por exemplo, um cartaz em uma loja, 50% de desconto em todo os produtos, se eu não sei o que significa aquele símbolo da porcentagem...

Iloine: Já não sabe o significado.

Edicléia-: Eu não entendo aquela movimentação dentro da loja, todo mundo saindo e comprando um monte de coisas e eu ali, né?!

Magaly: E até muitas vezes quando a gente percebe assim, a diferença entre o que é a vista, né...

Edicléia: Aham!

Magaly-: O desconto que eu tenho a vista, e o preço que eu tenho se for parcelado.

Edicléia: Isso!

Magaly: Muitas vezes as pessoas tem muita dificuldade em perceber que se eu não estou tendo o desconto, quer dizer que os juros estão embutidos ali, né.

Edicléia: Uhum!

Magaly: Na situação de compra.

Edicléia: Ou uma outra situação também, em relação, será que sempre né, quando a gente vai comprar algo mais caro, um carro, uma casa, né. Você está vendo, muitas vezes torna-se refém do vendedor ali com aquela calculadora científica, fazendo todos os tipos de cálculos e a gente não compreendendo, então a gente sempre busca esse letramento, então é algo que a escola pode ir proporcionando, mas é ao longo da vida que a gente vai adquirindo isso.

Nelem: E até para a leitura política mesmo né?

Edicléia: Uhum.

Nelem: É, quanto que a gente é enganado pelas notícias, porque a gente não sabe interpretar matematicamente o que elas estão dizendo, né?

edicléia: Uhum.

Nelem: Quantas pessoas cabem em uma passeata, né.

Edicléia: É...

Salete: Aham!

Nelem: É, quantas pessoas estão curtindo, é, não só de quantidade né, mas de espaço, de tudo.

Magaly: É, até o próprio uso de estatística, né?

Edicléia: Isso!

Magaly: Porque, por exemplo, eu posso fazer a leitura das informações e usar essa leitura da informação, dependendo do meu letramento para a forma que me convier!

Nelem: Uhum. Para o meu interesse! Para o meu interesse né. Daí que tem muito a ver a questão da alfabetização matemática, ela ter um cunho de poder muito grande, né.

Edicléia: Uhum.

Nelem: Talvez agora a gente esteja entendendo como Paulo Freire falou anos atrás da questão da transformação social que a leitura ia promover naquela época, talvez a gente esteja procurando isso na matemática, né?

Edicléia: Com certeza.

Nelem: A gente se viu analfabeto.

Edicléia: Uhum.

Nelem: E eu acho que não foram só, é, eu me senti analfabeta.

Edicléia: Com certeza!

Magaluy Nós somos.

Nelem: Quando me dei conta que na formação, de quanto eu tive que ir atrás...

Salete: Correr, de estudar né, nossa!

Nelem: Correr e estudar tanto, né.

Salete: E não era um estudar de procurar no livro, era fazer sentido para você.

Nelem: Não... Não. Isso!

Salete: Aham!

Nelem: E a medida que faz sentido para você, criar um modo de fazer aquilo acontecer com as orientadoras lá, né? Por isso que eu digo, às vezes a gente teve perna, às vezes faltou muita perna, né?

Edicléia: Faltou braço.

Nelem: É, e hoje eu vejo que algumas coisas, só hoje estão fazendo sentido.

Magaly: E assim, Nelem, eu acho que até para nós que somos formadores, a gente também foi sendo formado ao longo da nossa caminhada...

Iloine: Sim, é.

Nelem: É.

Magaly: Porque a gente também não recebeu na nossa formação inicial o papel do letramento. (varias falas ao mesmo tempo) Estava muito distante da gente, da nossa formação inicial e ao longo do nosso processo de constituição como formadora, a gente também teve que correr atrás dos diversos letramentos para dar conta de trabalhar com esse professor essa construção da identidade profissional dele.

Nelem: É, a Valéria falava uma frase que eu guardei muito para mim e eu acho que vou levar para o resto da vida, a gente tem uma dívida social, né, com a matemática.

Edicléia: Aham!

Nelem: Aham, é, eu acho que é a dívida que Paulo Freire falava na época em relação à leitura mesmo, né.

Edicléia: Com certeza.

Iloine: Mas alguém?

Salete: Minhas palavras.

Iloine: Aham.

Salete: Mas acho que agora já fecha...

Iloine: Pode falar pessoal!

Salete: Que é a resolução das situações problemas que acho que a gente conseguiu avançar no sentido de pensar que tipo de problema é o problema que realmente faz sentido né, para se trabalhar na sala de aula e a questão das dificuldades da matemática que acho que foi um ponto que apareceu bastante (não entendi). O que é a dificuldade daquela criança, né, porque às vezes é a falta da comunicação, a falta do professor sentar e... Que a gente estava conversando esses dias de novo com a Nelemi sobre isso, que é o professor se colocar ao lado...

Nelem: Ouvir, né. Uhum.

Salete: Ouvir a criança. Acho que isso ficou bem forte, principalmente quando a gente trabalhou aquele caderno, primeiro caderno...

Nelem-: O primeiro caderno.

Salete: Acho que o caderno de apresentação...

Nelem-: Marcou muito, né.

Salete: Para nós é marcante e para elas também. Que a gente discutiu qual a aprendizagem que elas tinham tido nas aulas de matemática.

Magaly: Nossa, esse caderno, eu assim, é, como a gente já tinha trabalho no PNAIC anterior, é muito legal, porque assim, foi a mesma coisa que aconteceu com o nosso primeiro caderno do PNAIC de língua portuguesa.

Iloine: De língua portuguesa.

Magaly: Porque no PNAIC de língua portuguesa, o primeiro caderno ele discutia a concepção que o professor tinha. E quando elas se depararam que dependendo da concepção que elas estavam usando com a criança, elas não estavam dando conta daquilo que elas estavam colocando de boca para fora como um discurso já assumido “não, eu trabalho alfabetização na perspectiva do letramento!”. Mas a partir do momento que eu olho a minha pratica, eu vejo que eu não estou trabalhando alfabetização na perspectiva do letramento, eu estou trabalhando muito o tradicional lá atrás, e eu tenho que correr atrás de muitas coisas da minha própria pratica, e eu acho que foi a mesma coisa que vocês perceberam com a matemática.

Edicléia: E essa questão das dificuldades na matemática, assim, ficou muito claro, a dificuldade do professor, é...

Magaly: Sim!

Edicléia: Assim, elas falavam muitas vezes “o aluno não compreende”, mas quando a gente fazia a atividade...

Nelem: Mas é a dívida né, é uma dívida...

Edicléia: A gente percebia que a professora não tinha conteúdo matemático para entender. Então foi um ganho que o PNAIC trouxe, essa questão de trazer conteúdos matemáticos para que o professor tivesse contato com esse conteúdo e entendesse para aí sim conseguir passar. É, porque muitos professores falavam para nós, assim no sentido “olha, eu não sei matemática, eu aprendi matemática na minha escolarização inicial, bem inicial mesmo,

depois nunca mais vi matemática. Na universidade vi alguma metodologia assim muito pouco, então nunca ninguém me ensinou como trabalhar divisão". Então o que acontece...

Magaly: Reproduzia...

Edicléia: Reproduzia aquilo que eu imaginava, que me ensinaram a não sei quantos anos atrás, então essa dívida eu vejo que não é nenhum pouco culpa do professor e que bom que ele está buscando e tendo essa oportunidade, de trabalhar com o conteúdo para desmistificar aquilo que ele entende como matemática, ter um entendimento melhor para repassar com mais segurança, né? E criando, né! Isso que eu acho que a criatividade do professor foi muito grande no PNAIC, né? Porque quando elas entendiam o conteúdo, elas criavam e faziam coisas maravilhosas, mas a gente sentia a falta do conteúdo matemático, né. Então essa dificuldade não é só do aluno, é muito mais do professor.

Iloine: Eu vou passar para vocês agora o segundo momento, eu fiz um quadrinho aqui, queria que vocês dessem uma olhadinha nesse quadrinho. A pergunta para esse quadrinho é: qual a relação desse primeiro quadro com a proposta de alfabetização que vocês estão falando?

Edicléia: É, assim, o que me leva assim, lendo essas palavras aqui que os alunos falaram, é, detectar alguma situação muito forte que está acontecendo com a matemática, à matemática sendo reduzida só a números e operações. Não aparece ali geometria, não aparece tratamento da informação, não aparece grandezas e medidas, então está muito forte para o aluno a parte de números e operações. E isso assim, é uma grande falha, muitas vezes no ensino, porque os professores acham que ensinar matemática é trabalhar número, unidade, dezena, centena, é encher o caderno de números, é encher o caderno de contas, colocar algumas contas disfarçadas em situações problemas só para dizer, oh, eu uso problema, mas, na verdade, aquilo é uma conta, é, são situações realmente...

Magaly: Que levem o aluno...

Edicléia: Que levem o aluno a pensar, tomar decisões, isso apareceu totalmente na resposta dos alunos aqui. Só número e operação.

Magaly: Até no quadro ali aonde tem a Susan, não sei se as meninas vão concordar comigo, mas quando ela coloca lá "probleminhas e situações problemas". Será que o professor está diferenciando o que é probleminha de situações problema?

Edicléia: Acredito que não.

Magaly: Ele mesmo já usa uma...

Saete: Acho que essa mentalidade da Noeli ali "cópia das respostas dadas pelos colegas" é o mais grave assim, que eu acho para mim. Porque a criança está ali na sala, mas não está, né? Ela está reproduzindo, está fazendo o que provavelmente viu outras gerações fizeram e normal assim...

Magaly: E o outro ali, da Ivana, "cópia das respostas dadas pelo professor"!

Saete: Sim, também.

Magaly: Que nem levou o aluno a pensar, é o professor que está pensando.

Edicléia: Isso é uma prática de alguns professores.

Nelem: É matemática dada e pronto.

Edicléia: Porque é uma prática no sentido assim, o professor passa, dá um tempo para fazer...

Magaly: Todo mundo faz.

Edicléia: Ai ou não faz, porque tem aqueles que começam a esperar mesmo a resposta e ele mesmo pega e responde no sentido de amenizar para os pais, né, no caderno está tudo corrigido, está tudo certo, mas o que o aluno internalizou, né? E eles percebem que a resposta o professor vai dar, né. Está aqui no discurso da criança.

Nelem: É o conteúdo pelo conteúdo, a matemática pela matemática, tudo dado pronto e só, é só para ser operado com isso mesmo né, é uma operação que se faz com isso, não tem preocupação de construir nada.

Edicléia: É... E essas professoras...

Salete: É como se fosse um ritual, né? Tem que passar por ali né. Coisa maluca.

Nelem: Coisa maluca. E...

Edicléia: E essas professoras tinham passado pelo PNAIC?

Magaly: Não e aqui ó, e até voltando, “qual a relação desse primeiro quadro com a proposta de alfabetização matemática trabalhada nas formações do PNAIC”? Se a gente for pensar, a proposta trabalhada pelo PNAIC era uma proposta que vinha contrariamente a tudo isso que vem sendo posto aqui.

Nelem: É, mas a gente não sabe onde que está...

Magaly: Isso! É, se a gente for responder ao pé da letra a questão que está aqui posta, a gente vai ver que a proposta do PNAIC era contrária a isso que está sendo posto, mas não contrária de uma forma que fizesse com que o professor jogasse fora tudo aquilo que ele tem de aprendizado, né? Mas que ele pudesse compreender que ele precisava daquela criança, questionar aquela criança, que aquela criança tivesse oportunidade de ser uma criança pesquisadora, uma criança que você problematiza situações e que a partir dessas situações problematizadas a criança vai ser também autor da construção do conhecimento dela, não vai estar fora, né? Só o professor vai vir e despejar um conhecimento pronto, a criança vai ajudar o professor naquelas situações a construir um conhecimento que vai ser dela e vai ser significativo por isso, porque ela ajudou a construir o conhecimento.

Iloine: E aí eu organizei um terceiro com um segundo quadro, um terceiro momento com um segundo quadro. A mesma pergunta: qual a relação desse quadro com a proposta?

(Silêncio)

Nelem: Abriu um pouquinho né?

Edicléia: Uhum. É, ampliou um pouquinho.

Iloine: Abriu? Ampliou?

Salete: É, um pouquinho já.

Edicléia: É, aparecer palavras como joguinhos, desafios, desenho de retângulos, quadrado...

Magaly: A questão da geometria já apareceu quase em todas, né?

Edicléia: A geometria já apareceu! Que beleza!

Iloine: Uhum.

Nelem: É, a disciplinaridade ali com família!

Edicléia: O desenho...

Magaly: O desenho dos conjuntos, lembrei agora da infância, conjunto vazio, conjunto (fala e risos ao fundo das formadoras- inaudível).

Edicléia: Então o desenho da família aqui e o desenho com possibilidade de registro, né? Então dá para perceber aqui que já está tendo um outro olhar em relação...

Salete: Mas olha, todos eles tem continhas...

Edicléia: Está muito forte ainda, né?

Salete: Continhas! Aham.

Nelem: É, mas se for olhar ali ó, “como foi e como é”, é pouca coisa que mudou, né. E talvez ela tenha mudado um pouquinho é... Oh uma palavra dolorida aqui, mas é o que está parecendo, meio... Meio mascarando, né?

Magaly: Para responder uma demanda, né?

Nelem: É, meio mascarando, mas que ali por baixo quando fala o probleminha incomoda, né? É, não e ó, você pode ver uma coisa, o probleminha... E não é só uma questão do pejorativo, mas é questão de que não é matemática, né? Que a matemática tem que ser tabuada.

Magaly: É, exatamente.

Edicléia: Mas será que o probleminha não é por causa da criança falando?

Magaly: E posso perguntar uma coisa, por exemplo, isso aqui foi tirado...

Edicléia-: Talvez...

Nelem: A gente não sabe se foi criança.

Magaly: É, a gente não sabe se foi a criança que disse isso.

Salete-: Aham.

Edicléia: Ah tá.

Magaly: Não sei se você tirou das situações da criança.

Edicléia: Ah, eu entendi que era a criança.

Iloine: No quarto momento daí eu vou passar, eu vou informar.

Magaly: Tá, então assim, eu também...O que me chama atenção também é assim, a sequencia do que vem sendo colocado das palavras. Porque quando aparece desafios ou problemas, sempre está por último.

(falas ao mesmo tempo)

Nelem: É que tem a sequência, né? Número operação...

Magaly: É, sempre o importante é trabalhar com numeração.

Salate: Isso, aham.

Nelem: E o importante...

Magaly: E as operações...

Nelem: Isso.

Magaly: Então se depois ficar...

Salete: Ai o probleminha...

Magaly: Sobrando, a gente pega e coloca, encaixa probleminha, encaixa o que, os conteúdos.

Nelem: É mais ou menos quase que a produção de texto, né?

Magaly: É.

Nelem: Você vai lendo, lendo, lendo, lendo, sílaba, sílaba, sílaba, palavra, palavra, palavra, agora faz uma frase.

Magaly: É, é muito parecido, eu vou trabalhar bastante com a... Isso, agora faz uma frase, se sobrar tempo eu vou fazer uma reescrita disso tudo que está aqui. Se sobrar tempo, né?

Nelem: Isso. Como foram as minhas férias.

Magaly: Mas como não sobra então eu tenho muito conteúdo a vencer eu acabo passando por cima.

Iloine: É, só pelo fato de ter continhas, continhas, continhas em todos, desafios em um só, né?

Magaly: Isso! É, bem isso mesmo.

Iloine: No quarto momento então daí tem os dois quadros, daí informa: o primeiro quadro é dos professores...

Edicléia: Professores?

Iloine: Década de 70 e 80.

Edicléia: Ah bom!

Iloine: Quando eles foram alfabetizados.

Nelem: Ah tá.

Edicléia: Que susto que me deu!

Iloine: E o segundo quadro é das crianças.

Salete: Atual?

Iloine: 2014.

Edicléia: Nossa!

Nelem: Não mudou muito não.

Salete: Mas desenho de conjuntos.

Iloine: Daí queria saber de vocês...

Nelem: É que esse desenho de conjunto, eu estava pensando, os livros didáticos ainda estão trazendo.

Magaly: É, ainda trazem.

Nelem: Disfarçado de querer reconhecer a quantidade, né? É, cinco laranjinha ai coloca o número cinco ali do lado.

Edicléia: Bastante ainda no primeiro ano. Tem bastante. Tem bastante nos livros didáticos.

Iloine: Daí eu queria saber de vocês, que palavras que vocês esperavam na lista das crianças que é do segundo quadro. Que palavras que vocês esperavam como formadoras? Que tivesse aparecido na fala das crianças.

Edicléia: Pesquisa...

Magaly: Pesquisa, desafios...

Edicléia: Das crianças tabelas, porque a criança faz lá a tabela na hora que está fazendo um jogo.

Magaly: Por exemplo, ela fazer que fez um gráfico, né?

Edicléia: O que mais? Deixa eu ver.

Magaly: Que ela fez, resolveu uma situação problema, alguma coisa assim.

Edicléia: Que ela usou metro, balança...

Magaly: Isso.

Saete: É, medida não tem praticamente...

Edicléia: Nada, nada, isso está me preocupando não aparecer medida.

Saete: Ábaco, calculadora acho que não aparece.

Magaly: É...

Edicléia: Ah eu usei material dourado, tinha palitos, sabe eu queria assim, que ela até que confundisse um pouco que fosse até. Na questão de conteúdo...

Magaly: Que ela trouxesse palavras...

Edicléia: Com instrumentos, com material.

Magaly: É, que ela trouxesse da pratica mesmo, da questão oral delas mesmo ali, né?

Edicléia: Isso!

Magaly: Do vocabulário oral delas, assim de uso.

Edicléia: Porque a criança em si, ela não vai perceber tanto o conteúdo, ela vai perceber, vai dar elementos de como foi trabalhado e o que foi trabalhado.

Magaly: Isso.

Edicléia: Falando dos materiais. Ah, a professora levou jogos, ah, a professora contou uma história, a professora usou o livrinho tal.

Saete: Fez um mercadinho, levou folheto de mercado...

Edicléia: Então o livro, né? Isso!

Saete: Essas coisas que a gente tá...

Edicléia: Porque o livro...

Nelem: Eu não sei o que eu esperava.

(Risos).

Nelem: Eu esperava tanta coisa. Está doendo demais, calma eu estou pensando o que eu esperava. Eu gostaria de ver, pensar aqui.

Iloine: Uhum. Eu penso ai, a palavra pensar.

Nelem: Pensar, alguma coisa nesse sentido, porque o material é, o material não era o nosso objetivo.

Edicléia: Aham, não era.

Nelem: Embora ele fosse um caminho, né?

Edicléia: Isso.

Nelem: A gente objetiva sei lá, eu pensando agora, o que eu queria? Se fosse o pote de ouro lá no fim do arco-íris...

Mahgaly: Mas é que assim, Nelem...

Nelem: Que eles aprendesse a pensar sobre matemática. É sobre assim, que eu posso perguntar pelas coisas. Que eu posso ir atrás, que eu posso

descobrir que eu posso fazer, que não é a conta, mas é como que eu organizo esses dados codificados, né e...

Edicléia: Processo né.

Nelem: E eu consigo criar uma maneira de resolver, eu sei que eles não iriam se expressar desse jeito. Mas possivelmente eles iriam colocar assim, porque aqui foi feito para ele o que, o que você faz na aula de matemática? Como se fosse isso?

Iloine: Sim, várias perguntas para conseguir essa informação... Sim.

Nelem: Tá, aham. Eu esperava que ele colocasse assim, é...

Iloine: Sim, aham, sim.

Nelem: A gente...

Iloine: O que você gosta, o que você escreve no teu caderno de matemática?

Nelem: É, a gente investiga, mas não investiga, ele não iria falar isso também. Mas assim, muitas perguntas, pensamento, alguma coisa nesse sentido.

Magaly: Mas é, eu concordo com a Edicléia, quando ela diz assim, que ela tinha expectativa que aparecesse a palavra, por exemplo, metro, jogo, palito...

Edicléia: Porque é mais próximo da criança.

Magaly: Porque se aparecesse essas palavras, mesmo que as palavras fossem assim mais do vocabulário oral das crianças, a gente já podia ter a percepção...

Edicléia: Da pratica.

Magaly: Que o professor ousou tentar usar aquela metodologia que você falou, sabe? Ele usou, ele saiu daquilo...

Salete: Os indícios...

Magaly: Indícios de que ele ousou se aproximar um pouco mais daquela metodologia que você sugeriu.

Nelem: É, só que assim, a única coisa que me preocupa é, por exemplo, se alguém falasse material dourado.

Edicléia: É.

Nelem: Ai eu iria ficar muito preocupada.

Magaly: Quer dizer que a criança...

Nelem: Porque ai o material dourado piorou a coisa, porque ele virou conteúdo. E pode ver que o que está aqui é basicamente o conteúdo, né, então assim...

Edicléia: O conteúdo...

Nelem: Conteúdo...

Nelem: Não sei, eu me apavoraria se uma criança falasse isso, ai eu ia sei lá...

Edicléia: Eu até não, sabe por quê?

Nelem: Porque tinha que ficar a ideia da troca para eles.

Edicléia: Porque eu penso que é do primeiro ao terceiro ano, a criança lá do cinco aos oito anos... Então eu ainda acho que para a criança é muito mais fácil aquilo que ela está vendo, ela não vai ver conteúdo, o conteúdo é o professor, nós queremos que ele aprenda adição, subtração no sentido né, de retirar, de comparar de tudo, isso está na cabeça do professor, agora da criança, ela está assim "ah o professor levou um encarte, ah nós fizemos

compras com esse encarte”, ele não fala que aquilo é sistema monetário, usando cédulas e moedas, então eu acho assim que no vocabulário da criança, ela vai ver muito mais, as vezes, os instrumentos. Mas aí se questionar, o que a professora fez com esse material, é capaz dela explicar com os palitos, nós juntamos dez, nós amarramos, nós... Ela não vai muitas vezes falar o vocabulário que a gente quer ou a palavra que a gente quer ouvir, não sei, mas ainda acho muito tímido o que aparece nesse quadro em relação ao PNAIC.

Magaly: Eu fiquei curiosa se você esse quadro também com os professores.

Iloine: Tem.

Magaly: Tem?

Iloine: Aham. Vou apresentar para vocês, aham.

Magaly: A gente é...

(Risos).

Iloine: Está aqui o quadro dos professores.

(silêncio)

Edicléia: E esses professores são professores dos alunos aqui?

Iloine: É, não necessariamente, tem uma professora, uma professora.

Edicléia: Ah tá

Iloine: Duas na verdade, duas professoras que são, que tem os alunos. Bom, esse número que está à frente é porque eu entrevistei cinco professores.

Edicléia: Uhum.

Iloine: Então todos eles falaram de jogos, né.

Edicléia: Foi o que ficou né?

Iloine: Todos eles falaram de histórias.

Nelem: Foi o que ficou...

Iloine: Todos eles citaram o PNAIC, né, que depois do PNAIC mudou muito, a prática, que não faria mais assim, que faria assado, né, é, leitura, leitura de histórias da matemática ficou bem forte, situações problema, dificuldades, gêneros textuais e aí foi diminuindo.

Salete: Uma da oralidade.

Magaly: Mas olha ali, a relação entre a língua materna e a matemática.

Nelem: Nossa e a materna nenhum.

Magaly: Não tem nenhuma relação, você viu, letramento não existe. A perspectiva do letramento não existiu para eles.

Nelem: É, e assim, isso a gente conversou durante o ano inteiro, né Salete? A preocupação que a gente tinha com esses jogos, né? É que eles virassem uma, né?

Edicléia: Uma brincadeira, ou um passa tempo, né, a gente cuidou (não entendi).

Nelem: Ele virou conteúdo, né? Foi pior que isso.

Edicléia: É, foi pior.

Nelem: O conteúdo é pior. Ele virou lista de continha.

Magaly: E assim, veja as histórias também...

Nelem: As histórias também.

Magaly: Isso aqui era uma coisa que a gente teme bastante, porque em língua portuguesa a gente sempre diz, é tem que ter um momento que a história não é compromissada com a questão de sistematização e veja que aqui a história parece que ela virou um compromisso, né? Ele falou dos jogos e aí ele falou das histórias, então ele está falando dos métodos que ele vai usar para...

Salete: Para alfabetizar.

Magaly: Para alfabetizar. E ele não está preocupado como que ele está usando isso, né? Com que frequência, nem de que forma ele vai organizar isso no planejamento dele.

Iloine: Tá, eu coloquei uma questão, mas eu queria que vocês falassem um pouquinho sobre cada uma dessas palavras nessa perspectiva do PNAIC. Entendeu? Que proposta é essa dos jogos, né?

Edicléia: Eu penso que a maior palavra aqui que tinha que aparecer assim, nos cinco seria aqui alfabetização matemática, porque é o ciclo de alfabetização no primeiro ao terceiro ano, estou ensinando, estou alfabetizando matematicamente nesse momento e aí sim eles podiam usar isso como carro chefe. Aí eu uso jogos para trabalhar com alfabetização matemática. Ah eu uso histórias que vai proporcionar alfabetização, então me dá impressão assim que isso não teve uma importância, então os jogos tiveram importância, mas o jogo pelo jogo assim...

Magaly: E assim... E a questão ali da língua materna e da matemática, não teve nenhum, nada...

Edicléia: Parece que foi dolorido.

Magaly: Essa parece que foi uma coisa que mais dói.

Nelem: Eu até coloquei ela até na primeira...

Salete: Não é aquela terceira ali?

Magaly: É.

Salete: Vamos tentar acreditar que ela (inaudível) o teu sobrenome.

Magaly: Sabe por quê? Porque assim olha...

Nelem: Matemática não faz sentido.

Magaly: Se já era o segundo do PNAIC, né? E foi uma coisa que se falou muito, que não era desvinculada uma coisa da outra né, que era um ano e no outro ano trabalhava-se com componente curricular, no outro ano outro. Nada estava desvinculado, que o importante era a questão do letramento, a perspectiva do letramento, por quê? Porque estava reunindo, né? Tanto a linguagem quanto a matemática. Isso a gente iniciou no primeiro caderno falando, né. Dessa articulação, da necessidade do professor articular...

Edicléia: Transformadores juntos ali na sala, né?

Magaly: Sem trabalho... Com a linguagem a criança não podia, não iria dar conta da matemática sem usar a linguagem. As duas estavam juntas!

Nelem: E até porque... É, até porque é o que reúne, né? E não aparece e lugar nenhum. É.

Nelem: Veja, porque que os jogos eram importantes? Porque eles traziam uma reunião da língua com a matemática. Histórias? Mesma coisa.

Magaly: Mesma coisa. Uhum.

Nelem: Leitura? Meu Deus, né?! Situações problema. Qual que é a grande vantagem de você ter uma situação e você apresentar uma situação problema para a criança? Você está trazendo uma base de sustentação da língua para que ele entenda as ideias matemáticas que estão ali, né? É, e aí quando fala, é, o Nilson Machado, né, que fala isso da impregnação múltipla, é a impregnação da língua materna com a matemática. E ele fala que isso é condição de conhecimento, né?

Magaly: Com certeza.

Nelem: E sem isso a alfabetização não se completa e no entanto a gente não conseguiu deixar isso visível, né, a gente foi...

Edicléia: Não.

Nelem: É, de certa forma...

Magaly: Mas assim...

Nelem-: A gente deixou que os jogos aparecessem mais, né.

Magaly: Mas assim, Néli, também eu acho que se a gente for notar, comparar né, o que o professor citou aqui com a perspectiva que ele tinha lá no primeiro quadro que mostrou lá na década de 80, eu acho que houve um avanço.

Edicléia: Muito grande.

Magaly: Sabe por quê? Se ainda ele não colocou isso no cotidiano dele, pelo menos ele já abriu os olhos da necessidade de ver novas perspectivas, porque assim, é, não vai acontecer na formação da pessoa uma transformação é, de uma hora para outra, ela vai ter que no momento ousar usar, ver se dá certo se não dá certo, é, ela tem que deixar de lado muitas das coisas que ela acredita, que ela já faz a muitos anos que estão arraigadas, cristalizadas no trabalho dela, quando ela está ousando. Muitas vezes, se é a primeira vez que ela ousa e não dá certo, ela já não tenta mais. Então aqueles que tentaram e viram resultado talvez vão ser aqueles que vão ter transformação. Então não é nada assim que vá, a gente fica triste, porque a gente não viu nas palavras que a gente gostaria, mas alguma coisa já ouve de mudança! E a mudança é lenta, né?

Edicléia: E eu acredito que é aquilo que mais marcou o próprio professor, porque o jogo eles se divertiam também no momento dos jogos, a contação de história também, né, uma forma de você, você está com um conteúdo de matemático, mas muito bem contado em uma história, aquilo prende a atenção de aluno, prende a atenção de adulto. Então eu acho que na verdade foi aquilo que foi encantando os professores...

Nelem: É.

Edicléia: Eles foram gostando mais e colocando mais em prática, então dá impressão que talvez a gente não conseguiu mostrar muito bem o que é alfabetização matemática, talvez para o professor.

Magaly: E até eu gostaria de entender porque você colocou aqui leitura de histórias na matemática e histórias, qual que é a diferença ali?

Iloine: Vai culminar, é o cume ainda, nós vamos chegar nisso, aham. Nós vamos voltar na lista inicial daí tem a justificativa para esse.

Magaly: Hum, está bom.

Iloine: Mais alguém queria comentar? Então vamos lá no sexto...

Magaly: Olha o letramento...

Edicléia: Só um pouquinho a oralidade né, nós falamos tanto dessa questão assim, de que em matemática seria tão importante o aluno falar como que ele pensa, explicar como ele pensa, aí seria o uso da oralidade ali, né. Então, ainda dá impressão que a matemática é algo só registrada e que não tem oralidade, não pode ser expressa, né, para que a outra pessoa entenda o que a gente está pensando, então...

Iloine: É, que apareceu lá por ultimo né, a palavra letramento, a palavra oralidade né. Na verdade...

Edicléia: Uhum. Dá impressão assim que aqueles termos mais importantes eles ainda estão sendo deixados de lado.

Nelem: Eu concordo com a abertura, mas é... É pequena né? É pequena se você contar pelo tempo, né?

Salete: Outras palavras...

Nelem: E assim, não há muita novidade nisso, né gente?

Magaly: Não, não, não.

Magaly: Se você fizer uma releitura do... Infelizmente, documentos de 20, 30 anos atrás já faziam.

Salete: Os próprios PCNs já faziam.

Nelem: Só que assim Nelem, para eles era novo gente!

Nelem: Eu sei, eu sei.

Magaly: Era novo, era novo.

Magaly: Quando a gente falou da concepção de, da diferença entre estar, ser alfabético e estar alfabetizado, foi um momento, a Iloine deve lembrar, foi um momento assim, o professor entrou em choque, mas como assim, não é a mesma coisa? E é, são conceitos próximos, mas não é a mesma coisa. Então foram várias coisas que foram desconstruindo o professor e essa desconstrução para você colocar outras coisas no lugar demanda tempo, né? Ele tem que ter segurança para ele colocar outras coisas no lugar, a gente sabe disso na própria academia, quando a gente lê alguma coisa que desconstrói muito um conceito que você tinha como alguma coisa que era, você aceitava como verdade, você fica assim, muito tempo sem chão, né?

Edicléia: Sem chão.

Magaly: Você tem que ler muito sobre aquilo, é, conseguir entender como é que se constrói para você falar assim, não agora eu tenho condição de assumir isso como uma fala minha. Então eu acho que para eles também acontece da mesma forma.

Iloine: Se a gente fosse pensar nesse quinto momento aí, na reorganização desse quadro, né, a partir dele para uma formação né, por quais palavras que a gente poderia influenciar?

Edicléia: Alfabetização matemática.

Iloine: Aham.

Salete: Acho que invertendo tudo.

Magaly: Eu também acho que tinha que inverter.

Salete: Probabilidade... Começar...

Edicléia: Língua materna e matemática.

Iloine: Começar alfabetização, oralidade, letramento?

Edicléia: Acho que letramento já o primeiro.

Magaly: Acho que começar por letramento, para mim o letramento era o um.

Nelem: É, eu não sei se eu colocaria a língua materna e matemática, letramento ou letramento, língua materna e matemática.

Edicléia: Acho que letramento primeiro.

Salete: Letramento primeiro.

Nelem: É, que eu estou pensando muito na condição de conhecer, quando você une língua materna e matemática, você tem uma condição para conhecimento. E aí adiciona letramento, né? Mas sem esse primeiro passo, onde você não reúne as coisas, a matemática ela fica sem sentido, né? Ela precisa da língua materna de suporte, assim como muita coisa na língua materna precisa de algumas ideias matemáticas, sei lá, eu acho que começaria pelos dois.

Salete: Se for pensar nisso que você está falando, se você falar língua materna e matemática, você já está de fato considerando que a criança tem uma história, né?

Nelem: Isso.

Salete: Que ela não está chegando, quer dizer...

Nelem: Ela não chega zerada.

Salete: Não fica só no discurso de dizer que é uma folha em branco, de fato ela perceber que ela já está usando a matemática, que ela...

Edicléia: O letramento ali por primeiro no sentido de visão de mundo, o mundo está aí, as coisas estão postas, mas o entendimento dessas coisas é que quer fazer com que o aluno tenha, eu penso, dá impressão aqui que o letramento é o número um, né, aí língua materna e matemática, alfabetização matemática, o que está embaixo aqui, que foi menos citado pelos professores.

Magaly: Assim, eu até concordo com a Nelem, que talvez até a questão da língua materna e da matemática tivesse que ser o primeiro item, por que...

Nelem: Porque é condição de conhecer... Uhum.

Magaly: É, porque é, se é condição, né, para que eu possa dominar qualquer que seja a área...

Nelem: Qualquer coisa, qualquer coisa...

Magaly: Eu preciso da linguagem, eu preciso ter a língua materna, se não tiver a língua materna eu não tenho nada.

Edicléia: Ah entendi, entendi.

Iloine: Sim.

Nelem: É, e não é só a língua materna nela mesma e muito menos a matemática nela mesma, mas essa reunião, né?

Magaly: Sim, não!

Edicléia: É, eu entendi, porque imagine nós em um país diferente...

Magaly: Isso!

Edicléia: Você vai lá, todo mundo fala inglês...

Magaly: Por mais que você conheça muitas coisas...

Edicléia: Você perde a sua condição de letramento. Com certeza!

Nelem: Por mais a tua visão de mundo, você não ia conseguir ler aquele mundo ali não.

Magaly: Não dá conta.

Nelem: É, você não vai ter autonomia nenhuma ali.

Edicléia: E realmente, você tem razão, linguagem ali é o mais importante.

Magaly: E até a gente consegue pensar assim, que se...

Nelem: É, eu acho que não é nem mais importante, mas talvez assim...

Magaly: Está imbricado na aprendizagem.

Edicléia: É uma condição...

Nelem: É, está tudo muito junto, mas...

Iloine: É, vocês falando isso dá para pensar na questão das crianças indígenas.

Edicléia: Uhum.

Magaly: Sim.

Iloine: Que elas estão no contexto, na língua Kaingang...

Magaly: E até...

Nelem: Por isso que é língua materna, na língua portuguesa, né?

Iloine: Exato. Na língua Kaingang e elas são...

Edicléia-: E aprendendo.

Magaly: Dá para pensar nas crianças que são mudas, né? Que precisam, delas é uma outra língua, elas vão ter que...

Nelem: Língua materna delas.

Iloine: Exatamente.

Salete: Que daí é acolhedor, né?

Iloine: Então aí você tem que entender...

Salete: É, vai fazer na tua condição, não...

Nelem: É, eu acho que isso que você falou, também, é o que sustenta isso aqui, porque é muito fácil no discurso “ai, eu parto do universo da criança”, mentira gente. A gente não parte, porque a gente nem ouve o que ela fala, né?

Magaly: Não parte.

Salete: Exatamente.

Nelem: A gente nem sabe o que ela pensa.

Nelem: É dolorido dizer, mas a gente não faz ideia do que ela pensa, a gente não tem esse tempo para, a gente não consegue trazer a voz dessa criança para daí construir com ela, né?

Magaly: A gente não consegue, porque a gente está preocupado com a questão conteúdista.

Nelem: Está tão preocupado com conteúdo, é conteúdisto, é conteúdisto!

Magaly: Que a gente não tem nem espaço para ouvir o coitadinho.

Nelem: Isso. E quando esse seria o primeiro passo, né?

Salete: Sim.

Nelem: Esse sim, com certeza seria.

Magaly-: É que também, Nelem, eu acho que nem nós na nossa educação, nem os professores, a gente está aprendendo ao longo do nosso processo, é também, a valorizar a história de cada um. Porque a nossa aprendizagem não valorizava a história de cada um. Eu tinha algo pronto, né, que era o conhecimento científico que eu tinha que ir ali, que ia ser depositado em mim.

Nelem: Depositado em mim.

Magaly: Ninguém tinha que se preocupar se aquilo no momento que eu estava vendo fazia sentido ou não fazia sentido, eu tinha que aprender aquilo e acabou.

Nelem-: Fazia sentido

Salete: Se cabia ou não no meu balde.

Magaly: Só que... Isso, cabia ou não no meu balde. Como dizia o outro, enfiava a criança dentro daquele vidro, e se aquele vidro fosse G, PP ou M, não interessa, tinha que caber ali dentro.

(Várias pessoas conversando ao mesmo tempo).

Salete: Não interessa!

Iloine: Não interessa, era o vidro que tinha...

Magaly: Era o vidro que tinha para o momento!

Salete: Exatamente.

Magaly: E para o professor também é difícil, porque quando a gente instiga o outro a falar, muitas vezes a fala do outro também vai mexer com a gente, né.

Nelem: E mexe! Porque conhece inter, né?

Magaly: Tira a gente da nossa condição de superior ao outro, eu também, o que eu vou fazer com essa fala da criança, né? Se ela traz uma fala e eu sei que é significativo para ela, o que eu vou fazer? Será que eu consigo fazer o meu planejamento da mesma forma que eu faria sem ter escutado e depois que eu já escutei?

Nelem: Será que eu consigo fechar o olho?

Salete: Então também... Isso!

Nelem: É.

Magaly: É um movimento que é um movimento é...

Nelem: É inter, é entre pessoas, né?

Magaly: É, é interpessoal, é uma coisa...

Nelem: É ali que acontece o negocio.

Magaly: É.

Salete: Daí tira toda a certeza do professor.

Magaly: Sim.

Salete: Daí o caminho vai sendo construído, né?

Magaly: E outra, esse caminho, ele não tem um começo, meio e fim já, de pronto. Ele tem um começo, mas o meio dele pode ser em qualquer lugar e talvez não tenha fim.

Edicléia: Com certeza.

Iloine: É o ir que faz o caminho.

Magaly: É, é o ir que faz o caminho, então é uma coisa bem, que deixa a gente bastante temerosa.

Salete: Verdade!

Iloine: Acrescentariam outras palavras então? Aqui a gente só fez a inversão, né? Na opinião de vocês, faltaria? Na fala dos professores aí.

Edicléia: Eu acrescentaria materiais concretos, porque se nós queremos alfabetização matemática, jogos aqui, remete a isso.

Iloine: Aham.

Edicléia: Mas o PNAIC trouxe muito essa questão do uso de materiais para proporcionar alfabetização matemática.

Magaly: Eu retiraria a palavra jogos e colocaria a palavra ludicidade.

Edicléia: É.

Magaly: Porque quando o professor compreende o conceito de ludicidade, ele vai ver que não finaliza só na questão do uso do jogo, é muito mais amplo.

Edicléia: É.

Magaly: Do que só o trabalho com jogos. E assim, uma coisa que me inquieta também é o professor achar que sempre vai ter que ser lúdico para a criança, para a criança é lúdico, mas ele tem que ter uma intencionalidade a partir daquele material, né? E também o jogo pelo jogo não leva a nada.

Nelem: Por isso que eu estou falando do material, qualquer coisa que você colocar ele por ele mesmo...

Magaly: É.

Nelem: Não leva a nada.

Magaly: Não leva.

Nelem: Não tem como e corre-se o risco de virar conteúdo!

Magaly: De virar conteúdo.

Nelem: Que é o pior, porque cobrar na prova o desenho do material dourado e pedir para que a criança diga quanto que é aquilo.

Magaly: É.

Nelem: O que você está cobrando ali?

Edicléia: Pois é.

Nelem: Não está cobrando sistema de numeração, não está cobrando coisa nenhuma, né.

Edicléia: De jeito nenhum.

Nelem: Você está cobrando se a criança conhece o material, ele virou conteúdo, o jogo pode virar conteúdo. Eu estou vendo as situações problemas virarem conteúdo.

Magaly: Sim. Aham.

Nelem: Porque está agora que elas estão sendo abraçadas, né está virando lista, lista de... Conteúdo no sentido conteúdista né, não que ele seja ruim, mas no mecânico, repetitivo.

Magaly: Isso, conteúdista mesmo.

Magaly: Até pensando assim...

Nelem: Mecanizou, repetiu, agora vamos, né.

Magaly: Isso, por exemplo...

Nelem: A ideia permanece a mesma, embora eu mude as... Os cachorros (risos).

Magaly: Eu mudo os conceitos, mas a ideia é a mesma.

Edicléia: É, verdade! Só mascara né?

Magaly: A palavra jogo ali me inquieta por isso.

Nelem: É, você dá uma maquiadinha...

Edicléia: Um nome mais bonito, atual

Magaly: Isso.

Salete: Daí o problema não é mais problema, é situação problema, mas o encaminhamento é o mesmo, né?

Nelem: É.

Magaly: Isso.

Nelem: Daí assim, não, daí continua andando no mesmo lugar que era da coisa pronta.

Magaly: Sim, do mesmo jeito.

Nelem: E o que talvez ficou ocultado aí que era relação.

Magaly: Porque, por exemplo, outra coisa que me deixa inquieta também é assim...

Nelem: Relação entre pessoas.

Magaly: Que a aprendizagem nem sempre vai ser lúdica para a criança, a gente sabe muito bem disso, que na maioria das vezes a nossa aprendizagem não é lúdica, né?

Nelem: Não, e a questão do desafio às vezes né?

Magaly: Do desafio!

Nelem: Talvez seja bom ou não seja, mas que você desperta o gosto em conhecer, em investigar, em perguntar.

Magaly: Mas é importante!

Iloine: Não também, nem sempre prazeroso.

Magaly: Que ele entenda... É!

Salete: Isso!

Iloine: Porque também não traz prazer o tempo todo.

Magaly: Nem tudo é prazeroso!

Nelem: Por isso que eu falei que eu gostaria que uma criança falasse o que pensou na aula de matemática.

Magaly: Isso. Porque vincular aprendizagem.

Nelem: É, pensando no sentido de que ela se compreende como pensante daquilo, porque aquilo extrapolou um conteúdo, ela consegue entender o

funcionamento, as relações entre as ideias matemáticas ali e não só ao algoritmo, no caso.

Magaly: E vincular...

Nelem: Que daí você pode trocar o algoritmo por jogo e continuar a mesma coisa, por história e continua a mesma coisa, entende? A casca ela...

Magaly: Os conceitos são diferentes, mas o trabalho é o mesmo. Até essa questão de vincular o conceito de aprendizagem a algo que seja prazeroso me deixa inquieta, porque a criança, ela tem muito mais situações que vão ser frustrantes do que prazerosas e até parece que para aprender ela tem que ficar sempre naquela troca, eu aprendo se é prazeroso, se não for prazeroso eu não aprendo. Então parece que a gente está sempre usando subterfúgio, e não ensinando a criança, desafiando a criança a ela mesma encontrar o prazer dela no sentido de aprender, o aprender é o meu prazer primeiro, e não eu ter que ter a ludicidade ou o jogo para sentir prazer em aprender.

Nelem: É, eu não sei, isso é uma coisa assim que me marcou muito em relação a jogos, foi que do Muniz do espaço legítimo para resolver problemas. Então para mim, eu fui nessa ideia assim, eu sei que o que ficou foi o lúdico, foi à feira do E.V.A.

Edicléia: A feira do E.V.A.

Nelem: É, foi, né, foi, nossa, foi...

Magaly: Foi à joaninha!

Nelem: Foi tudo, né? Aquela forma que veio junto, né, mas o que eu tentei falar o tempo todo com elas era da exploração desse jogo como um espaço que para a criança é legítimo de resolver problema, né, porque ali tem sentido ela somar uma quantidade...Ela multiplicar uma quantidade, ela comparar uma quantidade. Por isso...

Edicléia: E nós pensamos assim como um recurso didático mesmo, pedagógico, né, o que ele vai aprender com aquilo, né? Aham.

Magaly: Como que ela vai usar um livro didático, como ela vai usar uma história, como que ela vai usar tantas outras coisas.

Edicléia: É. Certeza.

Iloine: Vocês pegaram a ultima folha?

Edicléia: Quinto momento.

Magaly: É.

Iloine: Quinto momento, deixa-me ver... Voltem na primeira, no primeiro momento. Na lista lá, né. Vocês estão com o sétimo momento ou não?

Magaly: Não.

Edicléia: Não.

Magaly: Não, só o quinto.

Salete: Paramos no quinto.

Iloine: Sétimo momento... Ah tá, eu repeti, aqui Salete. Acho que é a mesma listinha que eu passei para vocês. Não, na verdade é diferente. Na verdade assim, a primeira lista que vocês pegaram, no primeiro momento, é a lista de palavras que eu disponibilizei para as alfabetizadoras, para a partir da

metodologia da história oral, elas tivessem algo a partir daquela palavra a ser dito a respeito da alfabetização matemática.

Magaly: Tá.

Iloine: Essa lista do sétimo momento é a lista das palavras que eu retirei das narrativas, porque o que aconteceu, o professor pegou aquela primeira lista que vocês têm aí do primeiro momento e ele retirou as palavras das quais ele iria falar, só que na verdade, no decorrer da entrevista, ele não falou das palavras escolhidas.

Edicléia: Uhum.

Iloine: Ele acabou falando de outras, não falou daquelas que ele escolheu, né. Daí eu retirei agora das narrativas, então nesse sétimo momento, são de fato as palavras que foram citadas por ele nas narrativas. E aí, eu queria que vocês agora comparassem, por exemplo, oh, vocês estão vendo lá, que eu disponibilizei duas listas, coloquei sobre a mesa lá as duas listas de palavras e falei a mesma coisa que falei para vocês, escolham palavras tanto da primeira quanto da segunda lista para falar sobre alfabetização matemática, o mesmo processo que eu fiz com vocês. Então eles escolheram mais palavras da primeira lista.

Edicléia: Uhum.

Iloine: E da segunda lista eles escolheram menos. Vocês, aqui, vocês também escolheram palavras das duas, só que de vocês aumentou palavras da segunda lista. Porque vocês acham que tem mais palavras da segunda lista? Dita por vocês e mais palavras da primeira lista dito pelos alfabetizadores.

Edicléia: Tem mais a vê com matemática.

Salete: Mais diretamente a vê, né.

Edicléia: É, porque alfabetização matemática.

Magaly: Eu acho que porque a gente se focou também na questão da pergunta, porque sua pergunta já diz: alfabetização matemática.

Iloine: Sim, aham. A que foi também o tema deles. Aham.

Magaly: Sim, mas a gente pensando na pergunta, dentro da perspectiva matemática estando na pergunta já, a gente se focou...

Iloine: Que seriam mais palavras da segunda lista.

Salete: Segunda lista.

Magaly: Ou então no caso da palavra letramento e gêneros textuais, eu escolhi, porque é uma palavra que independe de a gente estar trabalhando no PNAIC de língua ou matemática, ela vai estar imbricada no processo de formação. Da mesma forma que acho que a Claudinéia usou a palavra jogos, que também está imbricado, né

Edicléia: Uhum, tanto faz.

Magaly: Tanto faz em um ou outro. São palavras que tinham possibilidade de estar na segunda coluna também, mas a gente pensou e falou em relação ao processo da alfabetização matemática.

Iloine: Aham. É, se a gente for agora comparar essas listas, a do primeiro momento, fiquem com ela na mão, a do primeiro momento.

Edicléia: Tá.

Magaly: Com a do sétimo momento?

Iloine: Do primeiro.

Magaly: Do primeiro e do sétimo?

Iloine: Isso, aham. Então a pergunta é em cima da lista do primeiro momento, é, se nós fossemos pensar, qual dessas listas expressa da melhor maneira, assim a proposta do PNAIC? (silêncio) Do que foi discutido nas formações.

Edicléia: Mas assim, essa do sétimo momento...

Iloine: A do sétimo momento na verdade é a lista de palavras que os professores...

Edicléia: Ou a do... Que eles escolheram.

Iloine: É, isso.

Edicléia: Ah tá.

Iloine: Ai na primeira são as palavras disponibilizadas. Daí eu queria saber qual dessas duas listas, primeira ou segunda do primeiro momento, tá?

Edicléia: Ah, do primeiro momento.

Iloine: Isso, aham.

Edicléia: Entendi.

Iloine: Qual dessas listas expressa melhor a proposta? De repente acrescentando algumas palavras, mas assim, no geral, se você olhasse e dissesse acho que essa lista ela...

Edicléia: É que assim, essa primeira traz mais elementos, porém essa segunda dá impressão que está sendo feita a ligação, já a relação entre língua portuguesa e matemática. Então quando eu falo alfabetização matemática, na primeira aqui tem a palavra matemática e tem a palavra alfabetização, aí tem leitura e escrita.

Iloine: Uhum.

Edicléia: Essas palavras estão separadas na primeira lista, gêneros textuais na matemática, aparece aqui gêneros textuais e aparece a palavra matemática. Então dá impressão que essa segunda ela está fazendo já a relação entre língua portuguesa e matemática e era essa a proposta do PNAIC, ligar mesmo qualquer disciplina, qualquer área com a matemática presente ali também né, trazendo mais...

Salete: Mas só que a primeira lista está um pouco mais informal assim.

Nelem: Mais solta.

Salete: Mais solta, mais assim...

Magaly: Uhum.

Salete: Teve coisas que foram brotando e ali já não, já...

Magaly: Mais estruturada né?

Salete: Mais estruturada, exatamente.

Edicléia: Só que daí a gente olha na primeira lista e tem palavras que faltam nessa segunda. Falta PNAIC aqui, falta jogos aqui.

Magaly: E até se a gente não tivesse a palavra PNAIC ali na primeira lista, caberia à primeira lista em qualquer tipo de formação que você vai dar, agora

na segunda você já especifica, você traz a especificidade do que a formação do PNAIC trouxe como proposta.

Iloine: A segunda poderia, a segunda ela expressa melhor o que se trouxe como proposta nas formações?

Magaly: Sim. Sim.

Iloine: Nelem quer falar alguma coisa disso?

Nelem: Não.

Iloine: Não?

Nelem: Não sei. Estou pensando assim, porque quando você fala qual que expressa melhor, pensando agora que acabou essa etapa... O que ficou, talvez seja a primeira.

Salete: Mas o que a gente queria que tivesse...

Nelem: Mas a relação, né, talvez dê para fazer esse ano né?
(Risos).

Iloine: Mas o que se pretendeu?

Nelem: Talvez é, que se pretendia era a segunda, né.

Iloine: É, então foi mais ou menos nisso que eu pensei na organização das palavras. Fiz o levantamento bibliográfico da década de 70, 80 né, estudando um pouquinho sobre isso, tinha que aparecer nessa primeira lista letramento, porque como eu ia entrevistar alfabetizadores falando a respeito da infância e eram professores que estudaram mais ou menos na década de 70, 80 então a Magda Soares iria entrar, entendeu? Então eu tinha que aparecer, mas ela não aparecia muito com a alfabetização e letramento. Então tinha que aparecer separado.

Magaly: Porque o conceito nessa época era diferente.

Nelem: Era outra ideia, né?

Magaly: Eu ia alfabetizar para depois letrar.

:- Uhum.

Iloine: Exatamente. E daí assim, porque o PNAIC aparece?

Nelem: E o letramento tinha a questão do ser culto, né, também.

Magaly: É, também.

Nelem: Em um determinado momento histórico ser letrado era quem era culto.

Magaly: Culto. Era só (inaudível) erudita, né?

Nelem: Isso, muito diferente do que se entende hoje, né.

Magaly: Sim.

Iloine: Daí o PNAIC ele aparece, porque daí eu fiz mais ou menos uma linha histórica de...

Magaly: Formações.

Iloine: De formações para chegar no PNAIC, daí na segunda lista, eu tentei fazer essa relação que a Edicléia falou, né, de trazer. Então na hipótese inicial, os professores escolheriam para falar de infância, da primeira lista, palavras da primeira lista, e para falar do momento de atuação como professores alfabetizadores, escolheriam mais palavras da segunda.

Magaly: Segunda lista.

Iloine: Mas na primeira entrevista já não foi isso que aconteceu.

Magaly: O que...

Iloine: O professor escolhe das duas.

Nelem: Das duas.

Iloine: Escolheu das duas e daí na...

Magaly: A sua hipótese é que ele escolheria...

Iloine: Infância a primeira e na atuação como professor alfabetizador da segunda. E do momento de formação inicial que ele iria, ele tem uma questão para falar da formação inicial, ele escolheria palavras de ambas as listas. Eu pensei, bom ele vai escolher, ele vai falar. Não foi o que aconteceu na primeira, daí enfraqueceu a lista, a ideia da lista enfraqueceu nas entrevistas seguintes, mas agora nesse processo de análise que eu estou vendo, então assim, as palavras voltaram e aí eu fui percebendo que de fato a primeira lista ela aparece mais, né.

Magaly: Com certeza.

Iloine: Ela apareceu mais do que as palavrinhas da segunda lista.

Magaly: Até se você buscar como referencial os quadros que você fez, o professor ainda ele vai buscar a primeira lista, porque vai dar conta da formação que ele se encontra.

Iloine: Sim. Daí eu achei interessante assim, nós temos mais um momento, na verdade assim, foi no sentido assim, eu imprimi, eu peguei das narrativas partes dos momentos que eles falam específico da matemática, mas não necessariamente a gente tem isso como parte do nosso programa. Eu trouxe, porque eu achei que vocês iriam ficar de repente curiosas de ler alguma coisinha deles, né, mas do que vocês falaram, parece que vocês estavam, e que vocês estão conhecedoras das narrativas, porque de fato muitas coisas que vocês disseram está muito claro. Então eu imprimi...

Magaly: É o mesmo?

Salete-: Acho que é o mesmo né...

Magaly: Não, dá para trocar, dá para ler...

(Risos).

Iloine: É, exatamente, aham.

Nelem: Bom para ler para todo mundo, né

Iloine: Tá, ele não...

Magaly: É né...

Iloine: O texto ainda não está pronto, tá? Eu só fiz a textualização, não tem revisão, não tem nada ainda.

Nelem: São os professores?

Iloine: São os professores, aham.

(Risos).

(silêncio para o momento da leitura)

Iloine: É muito pequenininho?

-: Não, está bom.

Iloine: Agora que eu estou olhando aqui (não entendi).

Nelem: Não, eu estou cega, pode deixar. (Risos).

Iloine: Meus olhos também não ajuda. Deixa eu ver se tá ligado aqui.

Nelem: Desculpa, vou ter que por olhos.

(Risos).

Iloine: Eu vou ter que colocar os meus olhos. Ah eu comprei chicletes para nós, ó, eu vi ontem a Magali com o chicletinho, eu fui na padaria agora.

Magaly: Eu sei que é ali do ladinho (não entendi) as duas já?

Iloine: Aham. Eu fui na padaria, falei ah eu vou compra um chicletinho para nós.

Magaly: Eu gosto desse chicletinho, às vezes quando eu estou ansiosa coloco na boca. Nelem, mas fico feliz, ó, eles estão usando os palitinhos.

Nelem: Nossa, é gostoso ouvir isso aqui.

(Risos).

Magaly: Edicléia você vai ficar feliz.

Edicléia: Gastamos tanto comprando um monte de palitos, não é possível!

Iloine: Não, mas aparece palitinhos, aham.

(Risos).

Magaly: Gente, deixa eu ler isso aqui ó “eu confeccionei a tabuada com eles, com sementes de lentilha, demorou até eles entenderem que a do dois tinha que ir de dois em dois”. Eu fico pensando, como que deve ter ficado a sala de lentilha.

(Risos).

(silêncio para leitura)

Nelem: Mas a relação língua matemática vai aparecendo, né? Eu vejo que quem tem dificuldade em português fatidicamente vai ter dificuldade em matemática, infelizmente, por causa da interpretação. É condição mesmo.

Magaly: É, se ele não dominar a linguagem, ele não, vai ter dificuldade em várias áreas.

Nelem: É, não...

Magaly: Uma graça. Enquanto vocês estão lendo, posso usar o seu banheiro?

Iloine: Sim. Aqui na primeira porta a direita.

Magaly: Com licença. Primeira...

Edicléia: É algo assim que eu imaginava que fosse aparecer nas narrativas, à questão da sequencia didática, que foi muito falado, que não era para trabalhar conteúdos soltos ou aqui aparece muito à questão do que foi falado no PNAIC assim “ah, eu peguei os amarradinhos e fiz o amarradão, e o tapetinho e não sei o que”, puxa né, cadê aquele contexto que a gente falava que tinha que trazer alguma coisa que tinha significado? Então na própria narrativa do professor tinha que ter uma sequencia de como foi essa aula, é, eu comecei assim, ai em seguida fiz isso, depois isso e aqui, não sei, até a questão de quando ela fala de situações problemas “em um vaso há cinco rosas amarelas e três vermelhas”, por favor, né? A gente falou tanto, né, a gente falou tanto de pega o jogo, no jogo acontece essas situações, eu joguei lá o dado três, caiu lá do outro cinco, quanto que é três mais cinco? Naquele contexto tem

significado. E aí de repente assim, ainda está muito distante, aquele discurso, com a formação recebida. Mas que bom...

Nelem: Talvez porque a formação tenha sido recebida mesmo.

Salete: Eu também acho que é.

(Risos).

Edicléia: Recebida! Recebida.

Magaly: Não foi refletida.

Nelem: Não, ela foi recebida literalmente.

Edicléia: É.

Magaly: Mas assim, pelo que eu li no meu aqui, eu acho assim...

Nelem: Não é teu.

Magaly: Nesse que ela me deu para eu ler, né!

(Risos).

Magaly: Nesse paper aqui, pelo que eu li, eu acho que assim, que talvez elas ainda não deram conta da questão do conceito, mas na prática parece que elas já, né?

Salete: Começa a dar os primeiros...

Magaly: Começa a dar os primeiros passos.

Salete: Eu fiquei feliz com o...

Magaly: Eu também, porque a professora partiu, olha só aquilo que a gente falou, aqui no meu ela parte das crianças, do que questionamento “no que seu pai usa matemática?”, e vai trazendo com eles, então...

Salete: Oh, isso é legal.

Iloine: Aqui, Edicléia, uma professora do campo, ela coloca que eles trabalham a partir da horta, um projeto... Sobre a horta e daí culmina na feira de ciências do município, onde vão participar, daí ela traz a questão do gráfico, quantas crianças gostam de repolho, quantas crianças não gostam, daí ela vai organizando esse gráfico com elas, né.

Magaly: Outra coisa que também dá para ver aqui ó, é que assim, aquilo que vocês disseram do ambiente alfabetizador...

Salete: Aham aqui também ó.

Magaly: Nessa sala de aula já aparece, porque ela se preocupou em colocar um varal, ter o quadro numérico...

Iloine: Você viu de quem?

Magaly: É, Ivana Lucia.

Iloine: Ivana, uhum, da aldeia.

Magaly: Então, já está se preocupando com o ambiente alfabetizador.

Salete: Tem, essa aqui também apareceu, calendário, data dos aniversários, painel do aniversariante, relógio...

Magaly: Isso, é? Aqui também.

Edicléia: É, o que eu percebi assim, eu também estou com esse da Ivana. Assim, uma reprodução do PNAIC sem reflexão.

Magaly: Tipo assim, ela faz as coisas que foram trabalhadas.

Nelem: A centopeia.

Edicléia: Mas assim, porque aqui cada paragrafo ela está falando de uma coisa.

Magaly: Sim.

Edicléia: Então ela está falando aqui do material dourado, “eu trabalho unidade, dezena e centena, daí os blocos lógicos, o ábaco, o jogo do amarradão”. Então o que me faltou, o que eu acho que está faltando...

Magaly: Não, mas o meu não fala, acho que é outra parte então.

Iloine: Deixa eu ver qual que você está.

Edicléia: É Ivana Lucia Balansim.

Iloine: Balansim.

Magaly: Mas o meu não fala do jogo do amarradão.

Edicléia: Ela coloca aqui... Sabe o que eu percebi?

Magaly: Qual que é o paragrafo teu do amarradão.

Edicléia: Olha aqui ó “também jogamos o jogo do amarradão amarradinho que tem o tapetinho, confeccionei o jogo, eles sempre jogavam e depois anotavam a quantidade...”.

Iloine: Não é o outra fala dela.

Magaly-: É outra fala acho que dela.

Nelem: “Nossa eu gostava muito de trabalhar a atividade”.

Magaly: “Trabalhei com eles dúzia, dezena, meia, trabalhei com eles frutas preferidas...”

Edicléia: Sabe o que eu acho que faltou?

Magaly: “Eu confeccionei a tabuada, trabalhei com eles números e trabalhei operações” não falada do amarradão aqui.

Edicléia-: É, eu acho...

Iloine: Ah sim, é continuação. Agora que eu lembrei, fiz em duas.

Edicléia: É, o que assim eu senti falta e que foi muito falado na língua... a questão da sequencia didática, um objetivo, ah eu vou começar de um jeito, em seguida eu vou trabalhar isso, depois isso. Não que os conteúdos vão surgindo sem noção, mas assim uma questão de dar sentido.

Nelem: Mas eu acho que ela só estava pontuando o que ela fez na...

Edicléia: É, também.

Magaly: É, talvez

Salete: O que ela...

Nelem: O que ela viveu, né? Ela na verdade, ela não relatou o trabalho dela do jeito que ela fez...

Edicléia: Sequencial.

Nelem: Ela foi falando coisas que...

Magaly: Como que era a pergunta? Porque assim ó, dependendo da pergunta ela podia ter feito só fragmentos de como ela estava trabalhando...

Edicléia: É, entendi.

Magaly: Porque, por exemplo, se você perguntar assim: como que você organizou o trabalho de matemática no ano? Ela vai dar fleches.

Iloine: Uhum.

Salete: Certo.

Nelem: É, como que é uma coisa que é para aparecer essa sequencia que você falou, você ia ter que pedir um relato.

Nelem: Se você não pedisse um relato não ia aparecer.

Magaly: Especifico.

Iloine: Na verdade é assim, a Ivana ela participou de dois momentos de entrevista, Bruno? É Bruno?

Magaly: Brunho, uhum

Iloine: É, uma entrevista.

Salete-: Noeli.

Iloine: Noeli, uma entrevista. Daí tem a Susan aqui que é a indígena e a Marte que é do campo.

Magaly: Você entrevistou só do campo e indígena?

Iloine: E da cidade, Noeli é da cidade, a Ivana é professora na aldeia.

Magaly: Ah tá, são vários...

Iloine: E a... Isso, aham. Ela na verdade, na primeira entrevista, ela falou muito pouco, daí eu tive que voltar, porque nenhuma palavra da lista fez sentido para ela.

Iloine: Ela não teve lembranças da infância, ela foi à professora que disse que o professor passava as respostas, depois da pergunta passava as respostas, daí ela coloca na narrativa dela que ela não aprendeu a pensar. E daí como a entrevista dela precisava um retorno, eu retornei em um período que ela estava em casa com o caderno de planejamento.

Magaly: Ah, então...

Iloine: E a partir do caderno de planejamento...

Magaly: Ela foi lembrando e foi...

Magaly: Ah tá.

Iloine: Daí a gente trabalha isso, daí a gente trabalha isso, ela tinha o livro didático do campo.

Nelem: Do campo.

Iloine: Então a gente trabalha isso, então por isso que talvez apareça dessa maneira.

Magaly: É.

Iloine: Porque ela foi, na verdade ela se referindo o que ela trabalha de matemática.

Salete: Ela está fazendo um flashback.

Magaly: Ela foi fazendo flashback daquilo que ela (inaudível).

Iloine: Exatamente, por isso que aparece dessa maneira aí, jogada.

Edicléia: Porque daí assim não sei, a impressão que dá, é assim, o que foi falado no PNAIC eu reproduzo na sala de aula e eu penso que não poderia ser assim.

Iloine: Na fala dela aparece bem forte isso.

Magaly: Mas é, sabe Edicléia, uma coisa que a gente tem, uma perspectiva que a gente ia trabalhar no PNAIC e que seria a mudança muito rapidamente é

isso, sair de uma pratica para outra. E a primeira vez que eles vão fazer, eles não vão fazer uma pratica refletida. É, inicialmente eles vão fazer uma prática modelo.

Edicléia: É.

Iloine: É o que ela fala.

Magaly: Porque a partir do modelo é que depois que ela vai começar a criar novas situações.

Nelem: Agora que a criar.

Magaly: Tá, eu faço isso, ah mas lembra, eu podia fazer aquele outra coisa, juntar aqui, ai elas começam a trazer reflexões.

Salete: Principalmente é o modelo.

Iloine: Ela diz tudo que a professora leva de modelo ela faz.

Magaly: Ah lá ó.

Edicléia: Porque eu senti que quando ela colocou assim.

Iloine: É isso, meu Deus! Como eu não sabia? Então é isso que eu vou fazer na minha sala de aula, ainda bem que eu posso fazer isso. Então ela faz, isso acontece na narrativa dela.

Magaly: Isso é o primeiro passo.

Magaly: Mas esse é o primeiro passo.

Edicléia: Só que ó, é tão complicado, é que nem ela fala assim “a professora do PNAIC, tudo que a professora do PNAIC fala...” está escrito em algum lugar aqui.

Iloine: Aparece aí?

Nelem: É quando ela fala “eu não aprendi a pensar” esse é a grande coisa, né?

Salete: É, essa aqui colocou é “essa é a diferença de trabalhar a matemática hoje, na nossa vida, antes a matemática era uma situação muito distante e não estava relacionada como nosso dia a dia”.

Nelem: É, e nunca foi para pensar, né? Foi para fazer.

Magaly: Nunca foi.

Magaly: Sim, acabou!

Salete: Mecânico mesmo.

Nelem: Mecânico.

Edicléia: Olha só assim ó, o que está escrito aqui, ela fala de uma situação, a professora do PNAIC falou não, que não pode, daí ó “a professora do PNAIC pediu para eu contar uma história”. Eentão a professora do PNAIC dela está sendo a referencia e isso é muito bom.

Nelem: Modelo!

Edicléia: Isso é bom, mas eu acho assim, às vezes quanto professora é melhor você não fazer tudo que estão te mandando e fazer menos refletido do que essa reprodução.

Magaly: Tem um autor que não sei se você já leu, se Chama.

Edicléia:- Nós somos professores que ter (não entendi). Uhum, Chuma.

Magaly: Ele fala sobre formação. E aí ele fala sobre os sete conhecimentos que o professor tem que ter, se você ler lá, você vai ver que eles estão passando bem naquilo que ele precisa, ela não tem o conhecimento prático ainda. Da própria prática cotidiana dela, então ela está no inicial, adquirindo conhecimento que é o conhecimento científico sobre a matemática que ela também não tinha.

Salete: Isso, também não tinha, exatamente.

Magaly: Ela vai aplicar o modelo que a professora deu para ela primeiro.

Salete: Ela vai testar, né.

Magaly: Testar o modelo, para depois ela avançar, é bem um passo a passo.

Salete: No caso da matemática, tem as defasagens de conteúdo.

Magaly: Sim. Do conteúdo!

Edicléia: Tem as duas coisas.

Salete: As questões do professor não saber fazer diferente e as lembranças que ele tem né?

Magaly: Sim.

Salete: É, isso interfere.

Nelem: É os mitos né?

Salete: Exatamente, daí.

Nelem: As crenças inabaláveis.

Salete: As crenças, a gente estava conversando muito forte sobre isso ontem, né.

Nelem: Parece que elas nunca vão se elas não...

Salete: Das crenças que, tem um outro autor que eu não vou lembrar o nome, que fala que crença é tão forte que ele te move, né, essa crença que a matemática não tinha nada a ver com a vida do professor, vida dele.

Nelem: Não, eu acho assim que das crianças aqui a gente não conseguiu nem tocar nem de longe é essa de que eu posso questionar as coisas.

Salete: Sim.

Nelem: Assim, a gente atacou de todos os lados, fez milhões de coisas, mas se você for bem ali no fundo, ainda está com a coroa. A matemática nunca estava lá perto.

Magaly: Mesmo, porque é ela mostra ali...

Salete: Ela está com a coroa e ela é perfeita e ela é, e eu não posso questionar, e não adianta.

Magaly: A professora do PNAIC falou está falado.

Nelem: É igual à professora, é a matemática.

Magaly: Principalmente por fora.

Nelem: Porque se fosse em relação a outra coisa talvez não gritasse tanto.

Salete: Está muito forte isso

Magaly: Mas pensa a professora de matemática falou é lei.

Nelem: Mas ela é... É rainha, é lei.

Iloine: Talvez a Edicléia esteja querendo dizer né, quer dizer, recebeu isso, desse jeito e não vou questionar.

Edicléia: É... E já vai testar. Não tem reflexão. Ai isso é um perigo, porque assim, você passou por um processo de formação e você vai continuar reproduzindo sem reflexão. Então nesse sentido que eu pensava assim, podia fazer menos, teve lá a formação do PNAIC, calma, primeiro eu tenho que internalizar, eu tenho que entender, ai depois que eu entender eu começo, devagar.

Magaly: Assim, olha, agora, nessa situação...

Edicléia: Porque o colocar em prática já no outro dia me é sem reflexão.

Magaly: Nessa situação...

Nelem: É um bolo.

Edicléia: É um bolo.

Magaly: Não, é um bolo.

Magaly: Nessa situação...

Edicléia: Vai ficando sem reflexão...

Nelem: Porque é um rio.

Magaly: É um rio, ela não consegue saber o momento que ela está refletindo e o momento que ela está reproduzindo.

Nelem: É um curso...

Edicléia -: É, mas daí é complicado...

Salete: Então, as pessoas estão em estágios diferentes também, né.

Nelem: Sim.

Magaly: E até, Edicléia, eu acho assim que o professor Carlos nisso, na maluquez dele, né?

Edicléia: Ele quer tirar...

Magaly: Na maluquez dele, ele é sábio.

Edicléia: É sábio!

Magaly: Porque pensa, gente, ele disse para a gente agora “eu não quero um PNAIC aonde vocês vão ser dadoras de aula”.

Edicléia: Ele está certo.

Magaly: Porque ele está percebendo que a gente está fazendo isso.

Nelem: Não, é dois anos de modelo, né. Acho que está bom já.

Magaly: Dois anos de modelo, então o que ele está fazendo, ele está colocando o professor no protagonismo mesmo. Se a gente não colocá-las para passar a situação real, que é o que a gente passa durante quando a gente está lendo o material e pensando como é que eu vou fazer com esse conteúdo, nunca elas vão refletir. Elas vão estar sempre precisando do nosso modelo. Então assim, é...

Iloine: É um passo longo, que até a própria fala da formação era anotada...

Magaly: Sim. Sim.

Salete: Pois as meninas gravavam...

Iloine: Gravava.

Magaly: Sim!

Iloine: Sério?

Nelem: Era gravado...

Magaly: Por exemplo, no slide tal elas anotavam o que tinha sido dito no slide tal.

Edicléia: Ah gente, ah não!

Magaly: Sabe? Então, é por mais que a gente questione essa forma como ele usa, o professor Carlos ali, né.

Edicléia: Ele é muito inteligente! Sabe...

Magaly: Ele está tendo essa sacada de olhar, porque é verdade.

Magaly: É verdade. E os dados aqui estão mostrando isso.

Iloine: Sim.

Nelem: Na verdade ele está dando o passo à frente que teoricamente já se fala há muitos anos na formação dos professores.

Magaly: O passo a frente. Muitos anos. E gente...

Nelem: Mas aí ter peito para por valer o negócio é que são os quinhentos, né.

Magaly: E a gente é, Iloine, eu não sei você, eu vou falar por mim, a gente como formador, a gente se sente muito sem chão também.

Salete: É a mesma coisa que acontece com o professor, né, ouvir o outro né.

Magaly: A mesma coisa.

Nelem: Ele não ouve.

Salete: É.

Nelem: Ele não ouve a criança e a gente não ouve o orientador.

Magaly: É verdade! É, sabe a gente fica, é a mesma situação.

Salete: Se vai ouvir, você não sabe como vai terminar o seu dia.

Nelem: É você não sabe o que ele vai escolher para perguntar.

Magaly: E outra coisa, por exemplo, se eu vou com algo preparado, eu sei o começo, o meio e o fim.

Nelem: Eu sei até o que ele vai perguntar, graças a Deus. Isso aqui eu já vou anotar que ele vai perguntar.

(Risos)

Magaly: Até o que ele vai perguntar, graças a Deus. Isso aqui eu já vou anotar que ele vai perguntar.

Nelem: Isso aqui vai sair, isso aqui eu nem deixo perguntar eu já (não entendi) para ninguém mexer nas suas coisas.

Magaly: Isso né.

Iloine: Isso aqui eu nem vou tocar no assunto, porque vai dar discussão.

Magaly: Isso aqui dá discussão.

Nelem: Vou passar mais rápido.

Salete: Isso, isso né.

Magaly: Agora se eu vou e faço com que ele leia...

:- Ai (inaudível).

Magaly: Realmente eu vou ter que ser mediador.

Iloine: Ele vai perguntar mais.

Salete: Porque ele pode perguntar de uma palavra que eu não sei, pode vir com uma ideia diferente do que minha concepção.

Nelem: Ele pode ampliar coisas que eu não pensei.

Magaly: Só que ele também pode ter oportunidade de realmente refletir, porque toda vez que eu pego o material pronto, eu não estou refletindo, eu estou usando aquele material pronto e eu tenho... É o que acontece realmente, elas pegam a fala e colocam o que você falou, porque você pensou naquela organização, mas talvez na minha organização aquilo não caberia e aí eu preciso catar a fala do outro para dar conta daquela ordem.

Salete: Que era poucas as que mexiam nos slides, na ordem dos slides.

Magaly: Muito poucas, muito poucas.

Salete: E com autonomia de dizer assim, eu sei o que eu estou fazendo, né. Para chegar e contar para a gente que faziam.

Magaly: Sim.

Edicléia: E nessas narrativas aparecem assim, bem a questão, a falta de reflexão sobre um conteúdo, é isso eu digo assim, porque nós tínhamos, nós recebíamos nossos relatórios e no relatório estava lindo, maravilhoso, eu trabalhei com jogo tal, a música tal e não sei o que, e cadê o conteúdo? Sabe assim, aquela caça de conteúdo matemático, aquela, foi muito difícil ano passado.

Magaly: Foi, foi.

Edicléia: As metodologias se sobressaíram tanto que os conteúdos não tinham.

Nelem: É, mas assim, eu sei, mas assim, agora vou te provocar. É, e não era bom que o conteúdo saísse um pouco do foco?

Magaly: Era.

Edicléia: Era, porque também o conteúdo, eu penso que não tem tanto sentido também.

Nelem: Porque o problema... Aham. O conteúdo, quando você fala o conteúdo...

Edicléia: Eu penso assim, se a gente está buscando uma alfabetização com a perspectiva do letramento...

Nelem: Isso. Pensando na alfabetização, quem está no centro?

Edicléia: No sentido assim, a leitura, a escrita, o entendimento de mundo, né.

Nelem: Não é o conteúdo, né.

Edicléia: Não mesmo o conteúdo.

Nelem: Não é o conteúdo por ele mesmo, né.

Edicléia: É.

Nelem: Não tinha números no centro, em momento algum.

Edicléia: Isso. De jeito nenhum.

Nelem: Não tinha sei lá.

Edicléia: Não, mas assim, quando eu digo, quando aparecia lá “fizemos à girafinha”, eu pensei agora vem alguma coisa de medida, não é possível. E não vinha.

Nelem: Mas na, é, só que assim, eu não sei se...

Magaly: Mas de qualquer jeito não era reprodução do que você deu?

Edicléia-: Mas...

Magaly: Era reprodução!

Edicléia: Na verdade.

Nelem: Reprodução! E sabe outra coisa, Edicléia...

Magaly: Você ia ficar feliz como formador? Porque você ia falar assim, puxa vida, ela aprendeu, está fazendo igualzinho o que eu ensinei.

Edicléia: E pior que não, cada relatório eu me frustrava mais, eu buscava uma reflexão sobre o conteúdo. Uhum.

Nelem: Não, mas é, só que assim, em meio a tudo isso, a gente conversou bastante com a Salete, porque a gente sempre planejava junto, a girafa foi uma que a gente ficou feliz. E assim, aí só que da girafa eu fiz uma experiência diferente com a minha turma, eu falei gente, quem vai relatar dessa vez sou eu, tá.

Salete: Nós fizemos, nossa a gente...

Nelem: Eu gravei a aula e falei agora eu vou relatar. Vocês não tem noção de que eu não conseguia relatar.

Edicléia: Eu imagino.

Nelem: Então assim, para que esse conteúdo apareça desse jeito que você está falando...

Edicléia: Aham.

Nelem: É, eu acho que é um passo muito grande, é porque assim, além dele estar sendo compreendido por quem está falando, ele está mudando em que a pessoa está falando.

Edicléia: É.

Nelem: Então assim, daí quando vinha delas, por exemplo, como que eu sabia que ela não dominava? Porque ela não usava o termo. É, ou trocava grandezas de medidas, unidades de medidas, instrumentos de medidas, só que em meio ao texto, entende? Então era assim, no texto que eu percebia que a matemática ficava, mas só foi perceptível no texto, no texto do relato, no texto do relatório que elas mandavam.

Magaly: Mas oh, veja bem, você tinha essa percepção, porque você já tinha o olhar aguçado até para como ela delimitava na linguagem, se ela só estava tentando, achou que aprendeu o conteúdo, né, estava reproduzindo, ela usou a terminologia, porque ela ouviu você falar a terminologia.

Nelem: Aham. Isso.

Magaly: Mas ela não sabe o conceito da terminologia, ela punha no meio do discurso.

Nelem: Aí que você pega, aí que você pega, sabe por quê? Porque é fácil eu colocar o conteúdo.

Edicléia: Pesquisa...

Nelem: Eu tinha várias orientadoras muito boas nisso. Elas pegavam só as palavras- chave faziam e daí faziam e ficava maravilhoso. E tinha conteúdo, tinha isso, tinha aquilo. Mas quando era um relato da coisa é que você vê se fez sentido ou se não fez. Porque daí ela não usa aquilo...

Edicléia: Eu buscava assim quando eu queria ver sempre o porquê daquelas coisas, e eu sentia que faltava esse porque, eu fiz isso, eu trabalhei isso, eu expliquei isso e cadê o porquê, sabe, às vezes não tinha um porque, estava lá fazendo tapetinho, porque no PNAIC me falaram do tapetinho.

Nelem: Ah sim é, o PNAIC mandando.

Edicléia: Estava jogando, porque no PNAIC me falaram que tinha, então assim, era muito, elas adoravam falar.

Salete: É, e tem o eu, eu fiz, eu refleti com as meninas (inaudível).

Nelem-: É, não era, eu chamava muito atenção na questão do jeito que elas relatavam nesse sentido também, se era eu ou nós.

Edicléia: Faltava reflexão. Porque eu fiz, ah eu usei aquela música, ah é, você usou? Mas o que você fez? Ah eu lá, coloquei a música, os alunos dançaram. Mas o objetivo ali era lateralidade, era mostrar o que era direita, esquerda, o que é localização espacial, então faltava isso, faltava parece um fechamento. Então eu sentia muito forte e aqui está aparecendo muito forte. Eu fiz, porque no PNAIC me mandaram, no PNAIC, então o PNAIC está sendo o carro chefe, mas teria que ser com reflexão. Pois sem reflexão leva assim, a continuar reproduzindo coisas que não tem que não vão gerar mudança no professor, porque era mais fácil ele falar, eu vi no PNAIC, eu ainda estou entendendo, eu ainda não quero tirar a minha carta aquilo que eu entendo de matemática ainda, eu vou substituir o PNAIC pelo que eu entendo, devagar, agora no outro dia, na aula isso me preocupa, ou no mesmo ano às vezes, eu preferia muitas vezes pegar professor um pouquinho mais ainda acreditando no tradicional e compreendendo o PNAIC, do que já em questão de segundos reproduzindo o PNAIC sem reflexão. Não sei, aqui, não sei, essa narrativa está me levando isso, estou fazendo isso por causa que o PNAIC...

Iloine: Aham. Sim. Sim. Aham. É, talvez, é diante do que você está dizendo, assim é, apareceu na sala de aula.

Edicléia: Apareceu, isso sem duvida...

Iloine: Isso apareceu, quer dizer, talvez chegou na sala de aula.

Magaly: Chegou na sala de aula

Edicléia: Isso é maravilhoso.

Iloine: E agora o que você está dizendo é o próximo passo, quer dizer, ainda bem que já está na sala de aula, porque na infância deles não aparece nada disso né.

Edicléia: Isso.

Iloine: Então é...

Magaly: Só que uma coisa também...

Edicléia: É positiva, positiva.

Magaly: Que os relatos mostram que acho que também deixa a gente muito angustiado é pensar, se eu estou reproduzindo, eu reproduzo, no ano passado o de língua portuguesa. Nesse ano eu reproduzo o de matemática, esse ano agora que vem eu vou reproduzir aquilo que vai trabalhar em relação à

interdisciplinaridade, o que será de todas essas reproduções eu realmente vai ficar na minha prática.

Iloine: Que vai ficar.

Magaly: Ou será que a partir do termino do PNAIC se existir, em 2016 se a gente não tiver mais PNAIC, será que o professor realmente ele vai já estar em um momento onde ele introduziu a prática dentro da sala de aula e essa pratica ele vai dar continuidade nisso como um uso permanente ou ele só pôs isso naquele momento, porque ele tinha que responder a um trabalho que ele estava fazendo dessa formação?

Iloine: Haja dissertações.

Magaly: Haja!

Iloine: Porque imagine que isso vai dar daqui uns quatro, cinco anos? O que vai aparecer na sala dos professores?

Magaly: Haja! Haja questionamentos.

Iloine: É. Então para finalizar eu queria que vocês, uma frase, duas, três, falassem sobre alfabetização matemática na perspectiva do letramento. A gente começou falando de alfabetização matemática e eu queria que vocês fechassem falando sobre alfabetização matemática, já falamos né, mas eu queria que vocês fizessem um fechamento.

Nelem: Começa lá.

Magaly: Eu não, eu vou deixar você agora.

Nelem: Começa lá...

Iloine: O que ficou forte da Nelem foi à questão do pensar, né, dessa questão do...

Nelem: É, e eu tenho pensado muito nessa condição de conhecer né, que você não tem como desvincular uma coisa da outra e talvez o sentido da alfabetização esteja nisso, não no código, né. Tanto do ponto de vista de letra ou de número ou de espaço de forma, seja do que for na matemática, ou seja o símbolo que for na língua, alfabeto, ou, enfim, é você trazer daí o que a Salete falou, que é a vida dessa criança para dentro né, para dentro da escola, junto com tudo e junto você dar uma condição para que ela passe a se interessar por conhecer e aí ela, é quase que uma inauguração dessa criança, é, não é cultura letrada, mas nesse sentido de que a nossa sociedade é (inaudível), fala aquela palavra lá.

Magaly: Cíclica?

Nelem: Não.

Nelem: Não é grafo...

Magaly: Sistêmica?

Nelem: Grafocêntrica.

Magaly: Ah, grafocêntrica.

Nelem: Então assim, é uma inauguração, porque não é que ela, ela nasceu vendo números, vendo letras, vendo tudo, mas o entender isso.

Salete: Consciência, né, daquilo.

Nelem: É. Vai acontecer não só na escola, mas grande parte na escola. É, e aí a alfabetização, eu não sei aonde que eu li, acho que foi no próprio documento de 2012 que ele fala dessa inauguração, nessa cultura, mas não é uma inauguração como se não existisse antes. Mas é uma inauguração de que agora tudo o que eu tenho vai fazer sentido de outro ponto de vista, porque agora eu vou passar a ler isso...

Magaly: De outra forma.

Nelem: De outra forma

Salete: E daí isso é para sempre né? Porque daí não é ali até os oito anos.

Nelem: É. Não. Isso é para sempre. Aí se você, daí que a gente fala de vez enquanto que essa alfabetização é para o resto da vida, na perspectiva do letramento, né, que quando você pensa, é, sei lá, igual à gente que fez o curso lá de licenciatura, quando você se deparou com calculo era um símbolos que você nunca tinha visto na vida e que você precisou ser alfabetizada de alguma maneira, embora a gente não tenha conseguido.

Edicléia: E que aquilo não ficou para a vida.

Nelem: Né! E talvez tenha sido só pelo código. Não ficou para a vida. E aí a gente ficou pelo código e o letramento não aconteceu.

Edicléia: Daí não marcou, daí você saiu dali e se esqueceu.

Nelem: É né, então acho que é mais ou menos isso, quando que a gente vai conseguir trazer todas essas experiências juntas e inaugurar essa leitura de mundo, sei lá.

Salete: E daí não é uma, preparar o cidadão, que daí ele já vai fazendo parte dali e vai ampliando essa participação da sociedade né, e daí ele vai se inteirando cada vez mais em tudo né.

Nelem: Não.

Nelem: E ele consegue ler né esse mundo.

Magaly: Eu acho que cabe muito uma frase que a gente uma vez fez um curso e inaugurou o curso com isso, a gente dizia, era do Paulo Freire, ele dizia assim que a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Nelem: Isso.

Magaly: Nesse sentido aqui, eu acho que a leitura desse mundo que a gente escancara para a criança a partir do letramento, ele precede qualquer outra leitura, porque a criança vai conseguir fazer uma relação daquilo que ela já traz de história dela enquanto pessoa, enquanto vivências que ela teve na sociedade com aquele local que ela está que é a escola e a escola, eu acho que é instigada no momento que a gente está a se vê enquanto uma instituição não desvinculada da sociedade, mas muito pelo contrário, ela tem que estar no centro daquela sociedade e atender as perspectivas da sociedade daquele momento.

Nelem: E ela tem que entender que não é mais só ela quem educa, quem ensina, né?

Magaly: Sim, não é só ela que educa, que ensina e que educa, né, ao mesmo tempo a discussão entre o cuidar e o ensinar, acho que talvez não caiba mais

essa discussão, porque enquanto educadores a gente tanto ensina quanto cuida.

Nelem: Se cuida do ser humano.

Magaly-: Cuida do ser humano. Porque o ser humano não tem como a gente falar que o nosso objeto de trabalho é a questão cognitiva, mas você não desvincula a questão cognitiva da criança se você não pensar nela enquanto um sujeito que tem corpo né, que esse corpo precisa ter movimento, que ele tem sentimentos, que esses sentimentos precisam ser trabalhados dentro da integração, então eu acho que a gente também é desafiado a ter uma outra percepção de ensino, né, e continuar correndo atrás.

Nelem: Correr atrás. Correndo atrás.

Edicléia: Eu acho assim que a alfabetização matemática com a perspectiva do letramento ela pode levar ao cidadão, ela tem o objetivo de formar cidadão crítico, político, que saiba atuar, que saiba é defender os seus próprios direitos em diferentes situações do cotidiano, dando essa autonomia para que ele compreenda a matemática naquele momento, mas sem saber que aquilo é matemática, mas ele saiba ter o sentido daquela situação e conseguir resolver os seus próprios problemas, não sempre os problemas matemáticos, vamos dizer assim que a matemática tenta sempre puxar para si, mas os problemas da vida mesmo, que muitas vezes a matemática e qualquer disciplina se faz presente. Então ela precinde muito mais essa questão de uso da linguagem matemática, o uso da resolução de problemas, o uso dos números e operações, ou de grandezas e medidas, e sim a matemática da vida, com significado que isso ele vai levar realmente para sua vida, mas a formação de um sujeito crítico, eu acho que essa matemática, essa alfabetização matemática tem que dar conta disso. Então me preocupa quando eu começo...

Magaly: Acho que a formação do sujeito integral né?

Edicléia: É, porque quando, me preocupa tipo assim, quando eu começo ver, o PNAIC falou isso então eu vou aplicar, mas isso vai me levar formar um sujeito crítico isso vai interessar na vida daquela criança do campo, na vida daquela criança indígena, afinal, qual a matemática que ele tem ali ou qual sentido que ele vê na vida né? Como que ele precisa resolver os seus problemas?

Magaly: Mas Edicléia nisso, eu acho que a gente participando da pesquisa, a gente tem um passo além. Porque quando você começa a participar da pesquisa, você tem a condição de perceber que você enquanto sujeito talvez você também esteja alimentando aquela mesma, mesma, né, aquela mesma roldana que vai rodando sempre da mesma forma.

Edicléia: É, verdade. A mesma crença.

Magaly: Foi o que a gente viu aqui hoje. A gente está vendo a reprodução, embora eu tenho certeza que nós todos como formadores não intencionávamos isso e gostaria de ver aquele sujeito crítico também como você está dizendo.

Edicléia: É, verdade

Nelem: Se não fosse a nossa intenção inicial. A gente conseguiu outra coisa.

Magaly: Mas perceba o professor não está dando conta de mudar a pratica dele, mas não também não conseguimos mudar a nossa, porque se ele está reproduzindo, a gente também está auxiliando nessa reprodução. Então quer dizer...

Edicléia: Nós também temos culpa, porque nós estávamos lá no começo...

Salete: Está resistente a uma nova ideia de fazer diferente né.

Magaly: Isso!

Nelem: Então continuamos resistentes ao novo, né.

(Risos).

Nelem: Sempre!

Magaly: Então eu acho assim que a gente tem uma vantagem muito grande por a gente participar da pesquisa

Nelem: É uma hereditariedade do ser.

Magaly: Verdade.

Magaly: Participar da pesquisa, porque a gente tem como ver que não está dando certo, né?

Iloine: Cadê o modelo?

Nelem: Não tem modelo.

Edicléia: É.

Magaly: É escancarado que não está dando certo.

Edicléia: É verdade.

Salete: Acho que daí é o grande, assim do PNAIC mesmo, que a gente dá informação.

Magaly: Isso! A gente tem oportunidade de ainda fazer diferente.

Nelem: Formas, mudando a forma, agilizando a ação.

Salete: As professoras depois de três anos, elas não vão sair do mesmo jeito que entraram.

Nelem: Não, nem que elas queiram.

Magaly: Não.

Nelem: Nem que elas queiram. Nem que elas tentem.

Salete: Exatamente, mas uma pessoa para fazer três anos de formação seguida, quase o mesmo que uma licenciatura.

Magaly: É verdade.

Nelem: É uma licenciatura ao mesmo tempo é uma licenciatura aplicada, né.

Magaly: Sim.

Nelem: Ele teve oportunidade de...

Salete: Ela é dinâmica, porque ela é com os outros, né.

Nelem: É diferente.

Salete: É diferente. Então se a pessoa fez esses três anos, ela não vai...

Nelem: Ela vai ter que...

Salete: Alguma coisa mudou.

Magaly: É, alguma coisa mudou, nem que seja para trazer os joguinhos e passar o dia...

(Risos).

Salete: Verdade.

Edicléia: Não, porque eu imagino assim, eu vendo as narrativas e eu pensando aqui, eu vou ter que entrevistar seis professores que fizeram o PNAIC, eu tenho certeza que vai aparecer isso aqui, sabe, eu tenho certeza absoluta.

Iloine: É que depende também do instrumento que você vai usar, né.

Edicléia: Eu tenho quase certeza.

Iloine: Eu pensei a princípio em colocar continhas, tabuada e pensei, não, não, essas palavrinhas eu não vou usar, porque essas vão aparecer...

Nelem: Essas vão aparecer de qualquer jeito.

Edicléia: Vão aparecer!

Iloine: Aham. Então eu quero partir com outras palavras.

Magaly: Para não fazer indução né?

Iloine: É, porque de repente não apareceria em nenhuma fala letramento, jogos, histórias, não sei né.

Magaly: Mas ó, veja só...

Iloine: Isso daria outra pesquisa, por isso que de repente o jeito como você vai fazer, vai dar outra...

Edicléia: Daria.

Magaly: Nós fomos no ano passado para aquele COMBALF, né, que era lá em Minas Gerais, né, que era o Primeiro Seminário de Alfabetização, e eu assisti em uma das salas uma comunicação que uma pessoa estava fazendo uma pesquisa e ela estava falando sobre a palavra letramento na educação infantil e no ensino fundamental, ela fez um comparativo assim, sobre o que as professoras diziam no discurso sobre o letramento e a observação na prática delas e em alguns momentos ela depois, ela fez um questionário perguntando aonde na sua prática está sendo utilizado o letramento. Então quer dizer, ela demonstrou né, para final de conversa, que assim, o professor assume conceitos na fala dele. Mas ele não sabe do que aquele conceito é feito de forma diferente na prática dele, porque na prática dele é a mesma coisa, não mudou nada.

Iloine: Foi o que aconteceu, na hora que iniciou a entrevista, ele escolheu.

Magaly: Sim, porque ele sabe que uma palavra que apareceu.

Iloine: No decorrer da entrevista ele nem lembrou, eu não fiz questão de, ah você escolheu essa, não, ele falou daquilo que realmente é.

Nelem: É, ele reproduz o discurso.

Magaly: Ele reproduz o discurso.

Iloine: Ah, tem essas palavras, então eu vou escolher, porque eu sei que foi falada aqui, mas na hora da fala ele falou dele, do que ele faz.

Magaly: Que daí é espontâneo.

Iloine: Sim, foi espontâneo.

-: Sim.

Iloine: E isso eu só fui perceber depois que estava textualizado, né.

Nelem: Foi transcrevendo...

Iloine: Que eu comecei a olhar, a procurar então essas palavras e aí eu descobri que as palavras escolhidas não foram citadas e as não foram escolhidas foram citadas. Então é interessante. Meninas eu quero agradecer, eu vou desligar o gravador, foi maravilhoso, vocês não tem ideia, é só eu que sei do que eu estou acompanhando, muito bom, muito bom, muito obrigada, de cada fala, de cada palavra, assim nossa, vai ser fantástico!

Edicléia: Fazer assim, desculpa da forma que eu agi, eu até quero dizer.

Iloine: Por quê? Ué!

Iloine: O Edicléia. Ah eu vou gravar isso, Edicléia.

Edicléia: Porque assim é que...



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Mary Quintana Pazo Minatel, portador (a) do RG 9.454.104-2, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Mary Quintana Pazo Minatel, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 9 de novembro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a):

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine Maria Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA TEXTUALIZAÇÃO

Eu, Mary Quintan Rezo Minatel, portador (a) do RG 9.454.104-2, afirmo que após ter lido o texto da textualização da entrevista por mim concedida em 09/11/2015, e após ter feito minhas considerações e solicitado modificações nas seguintes partes da textualização:

Onde se lê:

Lê-se: _____

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

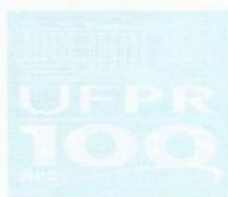
Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Mary Quintan Rezo Minatel, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 09 de Novembro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): M. Minatel

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine Maria Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Mary Quintana Pazo Minatel, portador (a) do RG 9.454.1641-2, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO**, desenvolvida pela pesquisadora Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email: ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária, por meio de entrevista aberta com o uso de narrativas organizadas a partir de entrevistas com professores alfabetizadores, a ser gravada em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que considere inadequadas.

Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Mary Quintana Pazo Minatel, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 9 de novembro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Minatel

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine Maria Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA TEXTUALIZAÇÃO

Eu, NGUEM OKŁOWSKI, portador (a) do
RG 6576.114-9, afirmo que após ter lido o texto da textualização
da entrevista por mim concedida em 09/11/2015, e após ter feito minhas
considerações e solicitado modificações nas seguintes partes da textualização:

Onde se lê:

Lê-se: _____

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das
informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do
texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da
entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou
digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM
ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa
de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da
Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização
Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, NGUEM OKŁOWSKI, após ter recebido todos os
esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o
recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo
de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 09 de NOVEMBRO de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): NGUEM OKŁOWSKI

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, NELEM ORLOWSKI, portador (a) do RG 8.576.114-9, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, NELEM ORLOWSKI, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 09 de NOVEMBRO de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Nelem Orlofski

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, NELEM ORLOWSKI, portador (a) do RG 6.576.114-9, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO**, desenvolvida pela pesquisadora Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email: ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma VOLUNTÁRIA, por meio de entrevista aberta com o uso de narrativas organizadas a partir de entrevistas com professores alfabetizadores, a ser gravada em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que considere inadequadas.

Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, NELEM ORLOWSKI, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 09 de NOVEMBRO de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Nelem Orlofski

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Edicleia Xavier da Costa, portador (a) do RG 1273370-3, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

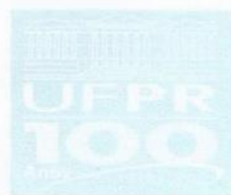
Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Edicleia Xavier da Costa, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 12 de novembro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Edicleia Xavier da Costa.

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA TEXTUALIZAÇÃO

Eu, Edicleia Xavier da Costa, portador (a) do
RG 7273370-3, afirmo que após ter lido o texto da textualização
da entrevista por mim concedida em 15/07/15, e após ter feito minhas
considerações e solicitado modificações nas seguintes partes da textualização:

Onde se lê:

Lê-se:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das
informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do
texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da
entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou
digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM
ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa
de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da
Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização
Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Edicleia Xavier da Costa, após ter recebido todos os
esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o
recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo
de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 12 de novembro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Edicleia Xavier da Costa

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, Salete Pereira de Andrade, portador (a) do RG 5.520.795-0, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Salete Pereira de Andrade, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 12 de novembro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Salete Pereira de Andrade

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO E DA TEXTUALIZAÇÃO

Eu, Salete Pereira de Andrade, portador (a) do
RG 5.520795-0, afirmo que após ter lido o texto da textualização
da entrevista por mim concedida em 15/07/15, e após ter feito minhas
considerações e solicitado modificações nas seguintes partes da textualização:

Onde se lê:

Lê-se:

Declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso e publicação das
informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do
texto redigido com base em minhas palavras.

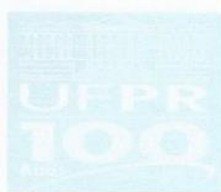
Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da
entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou
digital na dissertação de mestrado **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM
ATO LÚDICO**, desenvolvida por Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa
de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da
Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização
Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, Salete Pereira de Andrade, após ter recebido todos os
esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o
recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo
de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 12 de novembro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Salete Pereira de Andrade

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine Maria Hartmann Martins



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Salete Pereira de Andrade, portador (a) do RG 5.520.795-0, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado, intitulada até o presente momento de **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: UM ATO LÚDICO**, desenvolvida pela pesquisadora Iloine Maria Hartmann Martins, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Alfabetização Matemática sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone (41)35015498 ou do email: ninacontadores@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: constituir fontes orais sobre a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, através do relato de professores alfabetizadores de alguns municípios do Paraná e seus alunos, e formadores de matemática e Língua Portuguesa que participam do Pacto Nacional de Alfabetização Na Idade Certa- PNAIC.

Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária por meio de entrevista aberta com o uso de narrativas organizadas a partir de entrevistas com professores alfabetizadores, a ser gravada em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada à dissertação, terei acesso à transcrição e textualização da entrevista, momento em que poderei vetar partes que considere inadequadas.

Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, Salete Pereira de Andrade, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 12 de novembro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Salete Pereira de Andrade

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Iloine M. Hartmann Martins